

PATRÍSTICA

SANTO AGOSTINHO

Comentário ao Gênesis



SANTO AGOSTINHO

COMENTÁRIO AO GÊNESIS



Índice

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

COMENTÁRIO LITERAL AO GÊNESIS

LIVRO I

I. O que se deve considerar na Escritura

II. De que modo Deus disse: “Faça-se a luz”: por meio de uma criatura ou do Verbo eterno?

III. O que é aquela luz? — Por que não foi dito: Faça-se um céu etc. — Primeira resposta

IV. Outra resposta à questão anterior

V. A criatura intelectual é informe se não se aperfeiçoar convertida para o Verbo divino — Por que o Espírito Santo pairava sobre as águas antes de se dizer: Deus disse?

VI. Insinuação da Trindade tanto no começo como na perfeição da criatura

VII. Por que o Espírito de Deus pairava sobre as águas

VIII. O amor de Deus dá o ser e estabilidade às criaturas

IX. Quando foi dito: “Faça-se a luz”? No tempo ou antes do tempo?

X. Como se completou um dia, seja na criação, seja depois da criação da luz — Duas explicações

XI. A função do sol — Nova dificuldade no modo anterior de falar

XII. Outra dificuldade sobre a sucessão dos dias e das noites antes da criação do sol — A reunião das águas

XIII. A criação da água e da terra

XIV. Explicação sobre a matéria informe

XV. A matéria precede a forma não pela origem, mas pelo tempo

XVI. Outro modo de explicar a criação do dia e da noite

XVII. Dificuldade sobre a luz espiritual: como acontecem nela a tarde e a manhã e a separação das trevas

XVIII. Como Deus executa suas obras

XIX. Prudência na interpretação das Escrituras

XX. Não se façam afirmações temerárias em assuntos obscuros das Escrituras

XXI. O fruto da interpretação não temerária, sem qualquer afirmação

LIVRO II

I. O que era o firmamento no meio das águas — Alguns negam a existência de um céu sobre o céu dos astros

II. O ar está acima da terra

III. O fogo ocupa lugar mais alto que o ar

IV. Opinião de alguém sobre o céu aéreo

V. Encontra-se água também sobre o céu dos astros

- VI. Nas palavras: “Deus fez” etc. está insinuada a pessoa do Filho de Deus?
- VII. Sobre o mesmo assunto
- VIII. Razão por não ter acrescentado: “Deus fez”, após a criação da luz
- IX. A figura do céu
- X. O movimento do céu
- XI. Explicação sobre a informidade da terra
- XII. A criação das ervas e das árvores — Por que se disse em separado: “E assim se fez?”
- XIII. Por que os luzeiros foram criados no quarto dia?
- XIV. Os luzeiros servem de sinais para os tempos, dias e anos
- XV. A criação da lua
- XVI. Os astros brilham com a mesma intensidade?
- XVII. Os astrólogos
- XVIII. Dificuldades a respeito dos astros
- LIVRO III
- I. A criação dos animais provindos da água, antes da criação dos animais provindos da terra
- II. Os céus desapareceram com um dilúvio e o ar se transformou em natureza de água
- III. Opiniões sobre a transformação dos elementos — O ar foi mencionado no Gênesis
- IV. Relação entre os cinco sentidos e os quatro elementos
- V. Os sentidos reagem de modo diferente com respeito aos quatro elementos
- VI. A Escritura não omitiu o elemento ar
- VII. As aves foram criadas das águas
- VIII. Os peixes são denominados répteis de almas vivas
- IX. Alguns filósofos atribuíram a cada elemento seus animais
- X. Não somente os voláteis, mas outros elementos procederam das águas
- XI. Os vários gêneros de animais criados da terra
- XII. Razão pela qual não foi dito “segundo sua espécie” ao falar do homem
- XIII. Razão pela qual a bênção é dada apenas aos animais aquáticos e ao homem
- XIV. A criação dos insetos
- XV. A criação dos animais nocivos
- XVI. O motivo da criação de animais que se danam mutuamente
- XVII. Cuidados com os corpos dos mortos que foram devorados
- XVIII. O motivo da criação dos espinhos, dos cardos e das árvores não frutíferas
- XIX. A razão do “façamos” apenas na criação do homem
- XX. Ainda a criação do homem à imagem de Deus — A omissão do “E assim se fez” na criação do homem
- XXI. O alimento proporcionado ao homem e a imortalidade humana
- XXII. Opiniões sobre as palavras para a criação da alma e do corpo
- XXIII. Comentário sobre as palavras: “E assim se fez”
- XXIV. Razão pela qual a Escritura não diz, depois da criação do homem: “Deus viu que

era bom”

LIVRO IV

I. O sentido dos seis dias

II. A perfeição do número seis

III. Explicação do capítulo 11,20 do livro da Sabedoria

IV. Em Deus há medida sem medida, número sem número e peso sem peso

V. Em Deus está a razão da medida, do número e do peso

VI. Como Deus ordenava todas as coisas

VII. Nossa visão sobre a perfeição do número seis

VIII. O sentido do descanso de Deus no sétimo dia

IX. Em que sentido Deus descansou — Tristeza louvável

X. Questão sobre se Deus poderia descansar

XI. Concordância entre o descanso de Deus no sétimo dia e a afirmação evangélica de que Deus ainda trabalha

XII. Outra explicação sobre o descanso e o trabalho contínuo de Deus

XIII. A observância do sábado — O sábado cristão

XIV. A causa da santificação do sábado

XV. Solução da questão anterior

XVI. O descanso de Deus no sétimo dia após suas obras

XVII. Nosso descanso em Deus

XVIII. Razão da falta de uma tarde no sétimo dia

XIX. Outra razão para o assunto anterior

XX. O sétimo dia foi criado?

XXI. A luz criada antes dos luzeiros foi destinada para as variações entre dia e noite

XXII. Explicação das alternâncias do dia e da noite pela luz espiritual

XXIII. Conhecimento das realidades no Verbo de Deus e em si mesmas

XXIV. A ciência dos anjos

XXV. Não se acrescentou a noite nos seis dias

XXVI. Interpretação do número de dias

XXVII. Os dias atuais da semana são muito diferentes dos sete dias do Gênesis

XXVIII. Interpretação da luz e do dia

XXIX. O dia, a tarde e a manhã no conhecimento dos anjos

XXX. A existência da tarde e da manhã no conhecimento dos anjos

XXXI. O conhecimento simultâneo dos anjos com respeito ao dia, à tarde e à manhã no princípio da criação

XXXII. O conhecimento dos anjos foi simultâneo, mas dentro de uma certa ordem

XXXIII. As obras de Deus foram criadas simultaneamente ou foram criadas uma a uma?

XXXIV. Todas as coisas foram criadas juntas e também em seis dias

XXXV. Conclusão sobre os dias do Gênesis

LIVRO V

- I. Os seis dias do Gênesis são repetição de um só dia
 - II. A razão do acréscimo de “o verde do campo”
 - III. Todas as coisas foram criadas ao mesmo tempo
 - IV. As ervas foram criadas antes de nascerem
 - V. A ordem da criação em seis dias não apresenta intervalos de tempos, mas conexão de causas
 - VI. As palavras: “Não tinha feito chover” etc. dão a entender a criação simultânea
 - VII. A fonte que irrigava toda a terra
 - VIII. Valor de conjecturas sobre o que não está registrado na Escritura
 - IX. Dificuldades a respeito do manancial que irrigava toda a terra
 - X. Interpretação do manancial
 - XI. A criação foi efetuada sem intervalos de tempo, mas a administração não o é
 - XII. Uma tríplice reflexão sobre as obras de Deus
 - XIII. Antes de serem criadas, todas as coisas existiam na Sabedoria de Deus
 - XIV. Interpretação da sentença: “Tudo o que existe” etc.
 - XV. A vida em Deus por parte de todas as realidades
 - XVI. Nossa percepção de Deus pela mente e das criaturas
 - XVII. Significado de “antes dos séculos” e “desde os séculos”
 - XVIII. O conhecimento das criaturas por nós, por Deus e pelos anjos — Conhecimento matinal e vespertino
 - XIX. Os santos anjos conheceram desde o começo do tempo os mistérios do Reino dos Céus
 - XX. Deus trabalha até agora
 - XXI. Todas as coisas são governadas pela divina Providência
 - XXII. Argumentos a favor da divina Providência
 - XXIII. Como Deus criou todas as coisas ao mesmo tempo e como trabalha até agora
- LIVRO VI

- I. As palavras: “E então Deus modelou o homem” etc. referem-se à sua criação no sexto dia ou a uma criação posterior
- II. Investigação sobre o mesmo assunto com base no contexto da Escritura
- III. Reflexão sobre o mesmo assunto com fundamento em outras passagens da Escritura
- IV. Continuação da explicação do Gênesis 2,8.9
- V. O mesmo assunto anterior
- VI. Explicação de seu parecer
- VII. As almas não foram criadas antes dos corpos
- VIII. Dificuldade sobre a voz de Deus dirigida ao homem no sexto dia
- IX. Jeremias era conhecido de Deus antes de ser formado — Os merecimentos dos ainda não nascidos
- X. Os vários modos de existência dos seres
- XI. As obras da criação concluídas no sexto dia e ainda começadas

- XII. O corpo humano foi formado por Deus de um modo especial
- XIII. A idade e a estatura do homem na sua criação
- XIV. Como eram as razões causais inseridas no mundo no princípio
- XV. O primeiro homem foi criado de acordo com as causas primeiras
- XVI. Da natureza das coisas depende o que podem ser, mas da vontade de Deus depende sua existência
- XVII. As coisas futuras deveras verdadeiras entre as futuras
- XVIII. A criação de Adão conforme as causas primordiais
- XIX. O corpo de Adão não era espiritual, mas animal
- XX. Dificuldade contra a opinião anterior — Opinião: “O corpo de Adão foi primeiramente animal, depois espiritual”
- XXI. Refutação da opinião anterior
- XXII. Opinião errônea: Adão mereceu a morte do corpo, mas não da alma
- XXIII. Refutação de uma opinião: o corpo de Adão passou de animal a espiritual, no paraíso
- XXIV. Na renovação, como recuperaremos o que Adão perdeu
- XXV. Adão: mortal no corpo, porém imortal pela graça de Deus
- XXVI. O corpo de Adão e os nossos são diferentes
- XXVII. A renovação da mente e do corpo
- XXVIII. Adão, no paraíso, era espiritual na mente, mas animal quanto ao corpo
- XXIX. No Livro seguinte, o assunto será sobre a alma

LIVRO VII

- I. O comentário sobre a alma
- II. A alma não é da mesma natureza com Deus
- III. Continuação sobre o mesmo assunto
- IV. Deus não criou a alma de si mesmo nem dos elementos
- V. A alma foi criada do nada
- VI. Alguma matéria precedeu também à alma?
- VII. Não há explicação possível sobre a matéria da alma
- VIII. A primeira matéria da alma não podia ser bem-aventurada
- IX. A matéria não é uma alma irracional e não é corpo
- X. A semelhança de hábitos não justifica a transmigração da alma, do homem para o animal
- XI. A opinião dos maniqueus sobre a transmigração
- XII. A alma não foi formada de um elemento corpóreo
- XIII. Opinião dos médicos sobre o corpo humano
- XIV. A alma não procede dos elementos
- XV. A alma é incorpórea
- XVI. Razão das palavras: “E o homem se tornou uma alma viva”
- XVII. A razão do sopro nas narinas do homem

- [XVIII. Os três ventrículos do cérebro](#)
- [XIX. A preeminência da alma sobre as coisas corpóreas](#)
- [XX. Uma coisa é a alma, outra, os órgãos corporais](#)
- [XXI. A alma não procede de corpo algum e nem é corpo](#)
- [XXII. A razão causal da alma foi criada nos dias do Gênesis?](#)
- [XXIII. A razão causal da alma foi inserida na natureza do anjo?](#)
- [XXIV. A alma foi criada antes de ser inserida no corpo?](#)
- [XXV. A alma existia fora do corpo ou veio ao corpo por sua vontade?](#)
- [XXVI. Se a alma se inseriu no corpo por sua vontade, não previu o futuro — O livre-arbítrio](#)
- [XXVII. A alma é levada ao corpo por inclinação natural](#)
- [XXVIII. Dificuldades a respeito da alma de Adão](#)

[LIVRO VIII](#)

- [I. Sentido próprio e figurado do paraíso](#)
- [II. O porquê da explicação em sentido figurado ao escrever contra os maniqueus](#)
- [III. Os versículos 8 e 9, nos quais fala novamente da criação das árvores](#)
- [IV. A criação da árvore da vida como figura da sabedoria](#)
- [V. A árvore da vida foi também uma figura](#)
- [VI. A árvore do bem e do mal era uma árvore verdadeira e não era nociva — A obediência e a desobediência](#)
- [VII. Os rios citados são rios verdadeiros](#)
- [VIII. O trabalho do homem no paraíso](#)
- [IX. O sentido alegórico do trabalho agrícola](#)
- [X. Significado das palavras: “Para o cultivar e o guardar”](#)
- [XI. Razão do acréscimo da palavra “Senhor”](#)
- [XII. Sem Deus, o homem não é capaz de praticar qualquer bem](#)
- [XIII. A proibição de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal](#)
- [XIV. A experiência do mal e o desprezo do preceito divino](#)
- [XV. A árvore do reconhecimento do bem e do mal: razão do nome](#)
- [XVI. Antes do pecado, o homem poderia entender o que era o mal](#)
- [XVII. O preceito foi dado aos dois, Adão e Eva?](#)
- [XVIII. Como Deus falou ao homem](#)
- [XIX. Compreensão das operações de Deus](#)
- [XX. A mutabilidade da criatura, a espiritual e a corporal, e a imutabilidade de Deus](#)
- [XXI. O movimento das crianças por meio de Deus e o movimento da alma](#)
- [XXII. O movimento por Deus e pela alma](#)
- [XXIII. Deus, imóvel, move todas as coisas](#)
- [XXIV. As criaturas sujeitas aos santos anjos](#)
- [XXV. O governo de Deus sobre o universo e suas partes](#)
- [XXVI. Deus, sempre o mesmo e imóvel, administra todas as coisas](#)

XXVII. Como Deus falou a Adão

LIVRO IX

I. A razão das palavras: “O Senhor Deus modelou então da terra” etc. — O termo “terra”

II. As palavras de Deus: “Não é bom” etc.

III. A mulher foi criada para a geração

IV. Razão do não casamento de Adão e Eva no paraíso

V. Razão da criação da mulher: a procriação da espécie

VI. A sucessão dos filhos, se Adão não tivesse pecado

VII. A causa de a mulher dar à luz — Origem da virgindade e do casamento — O tríplice bem do matrimônio

VIII. A fuga dos vícios conduz aos vícios contrários

IX. A procriação foi independente da existência do pecado

X. A fraqueza da sensualidade procede do pecado

XI. O sexo feminino foi formado para a procriação, mas, antes do pecado, sem concupiscência — A obediência

XII. A imposição de nomes aos animais e sua figura

XIII. Explicação alegórica da criação da mulher

XIV. O modo como os animais foram levados a Adão

XV. A formação da mulher foi feita apenas por Deus

XVI. A inteligência humana, na sua lentidão, não compreende as obras de Deus

XVII. A formação da mulher e a razão causal da criação do homem, e a criação do homem no sexto dia

XVIII. A razão da formação da mulher preexistia como conveniente a um mistério

XIX. O torpor de Adão

LIVRO X

I. Opinião de alguns: a alma da mulher foi criada da alma do homem

II. A investigação sobre a alma nos Livros anteriores

III. Os três modos de origem das almas

IV. O grau de certeza sobre a origem e a natureza da alma

V. A alma não procede dos anjos nem da substância de Deus

VI. As duas opiniões sobre a origem da alma à luz das Escrituras

VII. A qual das opiniões favorecem as palavras: “Coubra-me por sorte uma boa alma” etc.

VIII. As duas opiniões não contradizem palavras do salmo

IX. Palavras do Eclesiastes ficam entre as duas opiniões

X. Dificuldade em resolver a origem da alma pela Escritura

XI. Possibilidade de aplicar às duas opiniões palavras da Carta aos Romanos — O batismo das crianças

XII. A concupiscência carnal reside no corpo e na alma

XIII. A compreensão da sentença sobre a concupiscência da carne — Os pecados das

[crianças](#)

[XIV. Consideração do argumento traducionista baseado no reato e no batismo das crianças](#)

[XV. Consideração mais profunda do mesmo argumento](#)

[XVI. Sobre o mesmo argumento](#)

[XVII. Um testemunho do livro da Sabedoria e as duas opiniões](#)

[XVIII. Possibilidade de aplicar à alma de Cristo as referidas palavras do livro da Sabedoria](#)

[XIX. A alma de Cristo não esteve nos rins de Abraão](#)

[XX. Refutação do argumento anterior alegado pelos traducionistas](#)

[XXI. Se Cristo estivesse em Adão quanto à alma seria submetido ao dízimo](#)

[XXII. Palavras de João favorecem as duas opiniões](#)

[XXIII. Avaliação da preponderância de uma das opiniões — Costume da Igreja no batismo das crianças](#)

[XXIV. Precaução a ser tomada pelos defensores da transmissão das almas](#)

[XXXV. Erro de Tertuliano sobre a alma](#)

[XXXVI. Opinião de Tertuliano sobre o crescimento das almas](#)

[LIVRO XI](#)

[I. Citação do Gênesis 2,25 a 3,1-24](#)

[II. A sabedoria da serpente](#)

[III. A tentação permitida somente à serpente](#)

[IV. A razão de ser permitida a tentação](#)

[V. O homem foi vencido pelo tentador devido à soberba](#)

[VI. A razão pela qual Deus permitiu que o homem fosse tentado](#)

[VII. Razão pela qual o homem não foi criado sem a possibilidade de pecar](#)

[VIII. Razão da criação dos previstos como maus](#)

[IX. A mesma dificuldade](#)

[X. Deus e a vontade dos maus](#)

[XI. Deus não necessita do castigo aos maus, mas com ele favorece os bons](#)

[XII. Razão da permissão à serpente para tentar](#)

[XIII. Recusa dos maniqueus em colocar o diabo entre as criaturas de Deus](#)

[XIV. O motivo da queda dos anjos foi a soberba e a inveja](#)

[XV. As fontes dos males são a soberba e o amor próprio — Os dois amores — As duas cidades — Promessa de escrever “Cidade de Deus”](#)

[XVI. A queda do diabo](#)

[XVII. A bem-aventurança do diabo antes do pecado](#)

[XVIII. A felicidade do homem antes do pecado](#)

[XIX. O estado dos anjos](#)

[XX. Opinião de alguns: o diabo foi criado na maldade](#)

[XXI. Refutação da opinião anterior](#)

- [XXII. Refutação do fundamento da mesma opinião](#)
- [XXIII. O sentido da afirmação do Senhor: “\(O diabo\) não permaneceu na verdade”](#)
- [XXIV. Significado do corpo místico do diabo](#)
- [XXV. O corpo do diabo simbolizado em Ezequiel](#)
- [XXVI. Conclusão do assunto sobre a criação e a queda do diabo](#)
- [XXVII. A tentação do diabo por meio da serpente](#)
- [XXVIII. A serpente não entendia suas próprias palavras](#)
- [XXIX. Razão da denominação “o mais sábio”, dada à serpente](#)
- [XXX. O diálogo da serpente com a mulher](#)
- [XXXI. Depois da queda abriram-se os olhos dos dois](#)
- [XXXII. A origem da mortalidade e da lascívia](#)
- [XXXIII. A voz de Deus que passeava no jardim](#)
- [XXXIV. Adão é interrogado por Deus](#)
- [XXXV. As desculpas de Adão e de Eva](#)
- [XXXVI. A maldição da serpente](#)
- [XXXVII. O castigo da mulher](#)
- [XXXVIII. O castigo do homem e o nome dado à mulher](#)
- [XXXIX. As túnicas de pele — Censura à soberba](#)
- [XL. A expulsão do paraíso — A excomunhão](#)
- [XLI. Opiniões sobre o pecado do homem](#)
- [XLII. Adão acreditou na serpente? Por que foi induzido ao pecado?](#)
- [LIVRO XII](#)
- [I. A passagem do Apóstolo sobre o paraíso](#)
- [II. O Apóstolo em êxtase não podia saber se foi arrebatado no corpo ou fora do corpo](#)
- [III. A certeza e a incerteza de Paulo na visão do terceiro céu](#)
- [IV. O Apóstolo está incerto sobre como contemplou o terceiro céu](#)
- [V. Esclarecimento sobre mesma dificuldade](#)
- [VI. As três classes de visões](#)
- [VII. Classes de visões: corporal, espiritual, intelectual](#)
- [VIII. Razão de se denominar “espiritual” à sagrada classe de visões](#)
- [IX. A profecia diz respeito à mente](#)
- [X. A classe de visão denominada intelectual](#)
- [XI. A visão corporal relaciona-se com a espiritual, e esta com a intelectual](#)
- [XII. As visões corporal e a espiritual](#)
- [XIII. A alma tem o poder divinatório?](#)
- [XIV. A visão intelectual não engana — Enganar-se nas outras nem sempre é prejudicial](#)
- [XV. Os sonhos venéreos não são pecados](#)
- [XVI. As imagens do corpóreo são formadas pelo espírito em si mesmo](#)
- [XVII. Conhecimento das imagens impressas na alma por parte do demônio — Algumas visões admiráveis — Os delirantes](#)

- XVIII. As causas das visões
- XIX. A origem das visões
- XX. As visões pelo corpo não são apresentadas no corpo
- XXI. As visões semelhantes às coisas corporais, em que a alma é arrebatada, não são de natureza diferente
- XXII. As visões por adivinhação ou por acaso
- XXIII. Nossa natureza espiritual e as imagens do corpóreo
- XXIV. Graus de excelência entre as três classes de visões
- XXV. Apenas a visão intelectual não engana
- XXVI. Duas classes de arrebatamento: pela visão espiritual e pela visão intelectual
- XXVII. A visão de Moisés
- XXVIII. O terceiro céu e o paraíso contemplados por São Paulo
- XXIX. Haverá muitos céus, como há vários graus nas visões espiritual e intelectual?
- XXX. Na visão espiritual, umas visões são divinas e outras humanas
- XXXI. A visão intelectual e a luz que ilumina a alma para ver as realidades — A luz da alma é Deus
- XXXII. Aonde é levada a alma após deixar o corpo
- XXXIII. O inferno — A alma é incorpórea — O seio de Abraão
- XXXIV. O paraíso e o terceiro céu de que fala o Apóstolo
- XXXV. A necessidade da ressurreição dos mortos para a perfeita felicidade das almas
- XXXVI. As três classes de visões nos bem-aventurados
- XXXVII. Opiniões sobre o terceiro céu
- SOBRE O GÊNESIS, CONTRA OS MANIQUEUS

LIVRO I

- I. A defesa contra os maniqueus é feita em estilo popular
- II. (Gn 1,1) — Defesa contra os opositores que perguntam: “O que fazia Deus antes da criação do mundo, e por que de repente lhe aprouve criar o mundo?”
- III. Defesa do versículo 2
- IV. Defesa do versículo 3: as trevas nada são
- V. Como se há de entender que o espírito de Deus pairava sobre as águas, conforme o versículo 2
- VI. A matéria informe procede do nada, e dela foram criadas todas as coisas
- VII. A matéria informe teve várias designações
- VIII. Refutação da crítica dos maniqueus sobre o versículo 4
- IX. A segunda parte do mesmo versículo e a primeira do seguinte
- X. A compreensão exata de como começou e passou o primeiro dia, de acordo com versículo 5
- XI. Divisão das águas para formar o firmamento: versículos 6-8
- XII. A reunião das águas, de que falam os versículos 9 e 10, é a sua formação
- XIII. Refuta-se a afirmação sobre os versículos 11-13, ou seja, explica-se por que a terra

produz plantas infrutíferas e nocivas

XIV. Explicação dos versículos 14-19

XV. O ar nebuloso sob o nome de água (versículos 20ss.)

XVI. A criação de animais nocivos

XVII. Explicação da criação do homem à imagem de Deus

XVIII. O domínio do homem sobre os animais

XIX. Sentido espiritual do versículo 28

XX. O domínio sobre os animais poder ter sentido alegórico

XXI. Explicação das palavras: “Muito bom”

XXII. Interpretação alegórica do descanso do sétimo dia

XXIII. Os sete dias e as sete idades do mundo

XXIV. As idades do mundo apresentam desigualdade

XXV. Alegoria mais sublime dos sete dias

LIVRO II

I. Transcrição do segundo e do terceiro capítulos do Gênesis

II. Impossibilidade de uma interpretação literal do Gênesis em todos os seus capítulos

III. O significado das palavras “erva dos campos”

IV. O que significa: “Não tinha feito chover sobre a terra”

V. Alegoria da fonte que irrigava a terra — O que é a soberba

VI. Os termos designativos das coisas invisíveis

VII. O mistério do limo

VIII. O que significa insuflação da alma — O significado do espírito do homem nas Escrituras

IX. O significado alegórico do paraíso

X. O que designam os quatro rios

XI. O trabalho do homem no paraíso — A mulher, auxiliar do homem

XII. O significado do sono de Adão e sua união com Eva

XIII. O matrimônio espiritual no homem

XIV. A serpente representa o diabo; Eva simboliza o afeto

XV. Como acontece a tentação

XVI. Significado das palavras: “Adão e Eva se esconderam” — O passeio e as perguntas de Deus

XVII. Rejeição da culpa e castigo da serpente

XVIII. Inimizade entre a serpente e Eva

XIX. Os castigos infligidos à mulher

XX. O castigo infligido ao varão

XXI. O nome “Vida” imposto por Adão à sua mulher — O significado das túnicas de peles

XXII. Alegoria sobre a expulsão de Adão

XXIII. O significado do querubim e da espada de fogo

XXIV. Adão é figura de Cristo e Eva, da Igreja

XXV. A serpente significa, principalmente, os hereges e os maniqueus

XXVI. A serpente simboliza a heresia maniqueia

XXVII. Alegoria da queda e do castigo de Adão

XXVIII. Refutação sucinta de cada uma das críticas dos maniqueus

XXIX. Oposição dos dogmas da Igreja aos erros dos maniqueus

COMENTÁRIO LITERAL AO GÊNESIS, INACABADO

I. A fé católica

II. Os modos de expor a lei

III. No princípio, Deus fez o céu e a terra

IV. A terra estava vazia e vaga

V. Faça-se a luz

VI. Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”

VII. O primeiro dia

VIII. O firmamento no meio das águas

IX. As águas que estavam abaixo e acima e o céu

X. Reúnam-se as águas e apareça a árida

XI. A erva e as árvores do terceiro dia

XII. Os luzeiros do quarto dia

XIII. Sinais, tempos, dias e anos

XIV. Répteis e aves

XV. As feras, os animais domésticos, as serpentes e o homem

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com mais de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher esse vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infindas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa edição despojada, porém, séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é colocar o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos, devem-se ao fato que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e padres ou pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga, incluindo também obras de escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere a escritor leigo, sacerdote ou bispo, da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunho particularmente autorizado da fé. Na tentativa de eliminar as ambiguidades em torno desta expressão,

os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas, os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais até a morte de S. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes, e os dogmas cristãos, decidindo, assim, os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussões, de inspirações, de referências obrigatórias ao longo de toda tradição posterior. O valor dessas obras que agora Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da Antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim, arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner; A. Stuiber, *Patrologia*, S. Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

Um dos pontos nodais da civilização ocidental é a cosmogonia resultante das interpretações clássicas de Gênesis 1-3. As imagens que brotam destes capítulos tiveram papel chave na história cultural do Ocidente, de modo que é difícil, para não dizer impossível, tentar compreender esta sem aquelas.

É verdade que a exegese histórico-crítica demonstrou que as duas narrativas registradas em Gn 1-3 (1,1-2,4a e 2,4b-3,24), por serem literariamente independentes entre si, são melhor compreendidas em seus respectivos (e distintos, vale ressaltar) contextos sócio-históricos e culturais, o que pode levar o hermeneuta moderno a descobrir sentidos bastante diferentes daqueles encontrados no imaginário cristão tradicional, cujas imagens povoam a mente dos leitores não-especializados. A discrepância entre as interpretações modernas e tradicionais é evidente. Sendo assim, a compreensão moderna deste imaginário terá que levar em consideração a concorrência não apenas dos próprios textos bíblicos, mas também — quiçá principalmente — das interpretações clássicas, por parte de eruditos judeus, como Fílon, cristãos orientais, como Orígenes, e cristãos latinos, como Santo Agostinho.

É ponto pacífico entre teólogos e historiadores o reconhecimento da importância da interpretação agostiniana para a formação do imaginário cristão ocidental, notadamente no que concerne às origens e fins do ser humano, do mito do pecado original à redenção em Cristo. Tanto a Teologia como seus derivados pastorais e culturais têm uma dívida notável para com a antropologia bíblica de Santo Agostinho, como que fazendo jus ao esforço de toda uma vida dedicada ao ministério pastoral e à homilética. De fato, a interpretação dos primeiros capítulos do Gênesis foi meta constante no ofício magisterial de Agostinho; entregou-se a ela desde os primeiros anos de converso até a última fase de sua vida, quando trabalhou sistematicamente na revisão de toda sua obra.

Agostinho nos legou três obras nas quais dedicou-se a desbravar o sentido literal e, por extensão, o sentido profundo dos textos de Gn 1-3. Escritas em momentos diferentes de sua carreira eclesiástica, testemunham o desenvolvimento de uma habilidade hermenêutica amplamente reconhecida por seus contemporâneos — ainda que, vale a pena ressaltar, não corresponda às exigências da ciência bíblica moderna e, portanto, não deva ser julgada conforme suas regras. Seus critérios foram sempre e em primeiro lugar de ordem pastoral. Mesmo o que denominava *busca do sentido literal* obedecia à necessidade de defender a coerência teológica das Sagradas Escrituras, com o fim de confirmar sua autoridade e convidar a sua obediência.

O primeiro comentário, *Sobre o Gênesis, contra os maniqueus*, veio à luz no curto período entre o batismo e a convocação ao sacerdócio (386-391). Foi composto na mesma época e sob espírito idêntico ao que inspirou outros escritos de natureza apologética, como *A verdadeira religião* (Patrística 19), coroamento literário do período.

Nos primeiros anos após o batismo, Agostinho retira-se com seus amigos e realiza uma profunda revisão de vida e de pensamento, tendo agora como referencial a tradição latina recebida de Ambrósio, conforme a Igreja romana, e as Escrituras sagradas. Uma de suas principais preocupações é dar resposta às acusações dos maniqueus contra o caráter revelado das Escrituras judaicas. Com efeito, para o maniqueísmo e outras vertentes cristãs não-ortodoxas da época a manutenção da Bíblia Hebraica junto ao cânon cristão era sentida mais como fonte de embaraço que de revelação. Seu esforço era direcionado a apontar possíveis contradições entre a fé judaica e a cristã, e para isso tornava-se necessário demonstrar as aporias dos relatos de Gênesis 1-3.

A resposta de Agostinho consiste precisamente em rebater a argumentação maniqueísta, não apenas

demonstrando suas falhas, mas também advogando uma profunda coerência interna na cosmogonia bíblica. Nasce assim seu primeiro comentário ao Gênesis. Nele a preocupação do autor está em fazer-se compreender pelo maior público possível, sem reservas de erudição — o que demonstra o grau de penetração das tendências maniqueístas no meio popular. Não há lugar ainda para a busca de uma interpretação bíblica literal. Para a finalidade apologética convém melhor, quase tanto quanto a contra-argumentação, a interpretação alegórica.

Agostinho elenca os principais argumentos maniqueus contra os relatos bíblicos e se esforça por rebatê-los um a um, baseando-se na lógica interna dos próprios textos, em dados escriturísticos externos e em dados teológicos oriundos da filosofia grega. Papel importante é ocupado pela negação da existência ontológica do mal e pela afirmação da divina Providência. Mais decisivo, contudo, é a preferência pelo sentido alegórico, com o qual Agostinho questiona a pertinência das dúvidas de seus adversários, que remetem ao sentido literal do texto. No fundo trata-se de uma retirada estratégica, e o próprio Agostinho se sente insatisfeito com isso. Parece-lhe pouco defender uma verdade meramente ideal, que não se baseie numa verdade material. Por isso retorna, mais adiante e com o maior afinho, ao exercício da interpretação literal.

O grande homiliasta não tarda a pôr em prática seu projeto. Tendo que se preparar para o ofício de bispo (395-397), mergulha com ardor no estudo das Escrituras e faz a primeira tentativa de um comentário *literal* ao Gênesis. Neste as narrativas de Gênesis 1-3 são tomadas como *história*, ou seja, como narrativas objetivas de fatos materiais, sem com isso desmerecer-se a possibilidade da alegorização. Partindo dessa perspectiva, Agostinho elenca uma série de possíveis perguntas aos textos em consonância com a fé católica; faz um levantamento das lacunas de informação deixadas pelo autor sacro, apontando possibilidades primárias de compreensão; retoma a crítica às objeções maniqueias, tentando respondê-las conforme o sentido literal que acredita encontrar nos textos. O texto acaba abruptamente com a discussão do que significaria a afirmação de que o homem foi criado *literalmente* à semelhança de Deus.

O esforço intelectual de Agostinho redundará num esboço preliminar de comentário. As dificuldades são tantas que o trabalho acaba sendo abandonado. Urgido por necessidades pastorais, Agostinho não retomará sua redação: preferirá utilizar estas anotações para a composição de uma nova obra, a ser escrita bem adiante, no auge de sua carreira episcopal. Para os leitores modernos, conhecer o primeiro trabalho é fundamental para perscrutar o itinerário de seus argumentos principais, a perceber em germe as ideias que serão retomadas com maior profundidade na obra posterior, bem como identificar as soluções abandonadas no decorrer de sua trajetória como pregador e bispo.

O *Comentário literal ao Gênesis* completo, em doze livros, vem à luz como obra da maturidade intelectual e espiritual de Agostinho, ao lado dos clássicos *Confissões* (Patrística 10), *Tratado sobre a Trindade* (Patrística 7) e *Cidade de Deus*. É a fonte mais desenvolvida para a interpretação agostiniana de Gênesis 1-3.

Uma das principais preocupações da obra é defender o *método da ação divina*, particularmente no que concerne aos atos da criação, do aperfeiçoamento e da manutenção das criaturas, sem deixar de abordar questões relativas à comunicação do ato criador por meio da revelação, da inspiração profética e da encarnação do Verbo. A ação de Deus em Gênesis 1-3 torna-se o principal objeto de análise, talvez, por ter sido um dos mais criticados aspectos das cosmogonias bíblicas pelos pensadores de tendência maniqueísta.

Além de já apresentar tal preocupação, que perpassa a obra, o Livro I toma como tema a criação do tempo, da luz, da terra e da água. O problema fundamental aqui é o tempo: sua inexistência antes do ato criador e sua existência antes da criação dos astros. O Livro II trata dos problemas relativos à

criação do firmamento, dos astros e da flora. O Livro III ocupa-se da criação da fauna e do homem. O sentido em que se deve entender os seis dias da criação, bem como o descanso de Deus no sétimo dia, narrados em Gn 1,1-2,4a, são o assunto do Livro IV. Tudo leva Agostinho a afirmar a criação como ato simultâneo, da qual a narração se faz no esquema de dias em função das limitações do ser humano em compreender o método da ação divina. Mais adiante o desejo de conciliar a doutrina da criação simultânea com o relato de Gn 1 cria uma brecha importante no esforço para uma interpretação integralmente literal do texto, de modo que Agostinho se vê obrigado a reconhecer os limites de sua proposta metodológica e acaba por adotar uma interpretação alegórica dos seis dias da criação, bem como a explicar a estrutura desses dias — manhã e tarde — como figura da imperfeição do conhecimento humano com relação ao perfeito conhecimento angélico.

A partir do Livro V Agostinho volta-se à narrativa iniciada em Gn 2,4b. O que a ciência bíblica moderna entende como evidência de autonomia literária entre este relato e o anterior, Agostinho interpreta como diferença de foco: o segundo relato seria tão-somente detalhamento do que fora sobriamente anunciado em Gn 1,27. Assim, o esforço interpretativo é direcionado a conciliar as contradições entre as duas narrativas. Assim, no Livro VI trata-se da antropologia adâmica — o estado do homem no paraíso terrestre —, pondo-se em concordância os dois relatos. Os Livros VII e X estão focados nas questões relativas ao surgimento das almas. No Livro VIII a questão fundamental é o paraíso terrestre e em que sentido sua existência deve ser crida como fato material, assunto retomado e largamente desenvolvido no Livro XII.

Entretanto, o conteúdo talvez mais significativo para a compreensão da cultura cristã ocidental está no Livro XI, em que Agostinho apresenta a questão do pecado. Originado na soberba dos anjos caídos, o pecado é posto ao alcance do homem sob a forma da desobediência à voz divina que clama em sua alma. O pecado original é, pois, o pecado de desobediência. Agostinho rechaça a opinião, segundo ele corrente em sua época, de que o pecado dos primeiros pais teria sido o exercício sexual — embora afirme, platonicamente, que a paixão seja característica do homem decaído.

Quanto à mulher, Agostinho interpreta-a sistematicamente sob a doutrina paulina da subordinação ao homem (cf. 1Cor 11,7). São abundantes e polivalentes as referências a essa doutrina, a ponto de Agostinho, ora explicar a criação da mulher exclusivamente em função da procriação, ora entendê-la como necessária para expor o homem ao pecado, já que este, criatura espiritual dotada de inteligência, por si só não pecaria. Por isso o conhecimento destes escritos tem sido considerado tão importante para o desenvolvimento da teologia crítica feminista, assim como para outras vertentes teológicas da atualidade que se preocupem com o resgate da dignidade da mulher no âmbito da tradição cristã.

COMENTÁRIO LITERAL AO GÊNESIS

LIVRO I

CAPÍTULO I

O que se deve considerar na Escritura

1. Toda a divina Escritura está dividida em duas partes de acordo com o que o Senhor indicou ao dizer que o escriba instruído no reino de Deus é semelhante ao pai de família que tira de seu tesouro coisas novas e velhas¹. Estas duas partes se denominam também os dois Testamentos. Em todos os livros sagrados é preciso que se tenham em conta as coisas eternas que aí são comunicadas, os fatos que são narrados, as coisas futuras que aí são preanunciadas, o que se ordena ou se exorta fazer. Na narrativa dos fatos, investiga-se se tudo há de ser considerado apenas no sentido figurado, ou se também deve ser afirmado e defendido de acordo com o testemunho dos fatos acontecidos. Que se possa entender no sentido figurado, nenhum cristão ousará negar, atendendo ao que o Apóstolo diz: Todas estas coisas lhes aconteciam em figura², e ao que está escrito no Gênesis: E eles serão dois em uma só carne³, o que Apóstolo invoca como o grande mistério em Cristo e na Igreja⁴.

2. Se a Escritura deve ser investigada em ambos os sentidos, em que sentido, além do alegórico, foi dito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*⁵? Se no princípio do tempo, a saber, no princípio de todas as coisas, ou no princípio que é o Verbo de Deus, o Filho Unigênito? E também como se pode demonstrar que Deus opera coisas mutáveis e temporais sem qualquer mudança de si mesmo. E o que querem dizer os nomes “céu e terra”? Se a criatura espiritual e a corporal receberam as denominações de “céu e terra”, ou somente a corporal, de modo que se entenda que neste livro se calou a respeito da criatura espiritual, e assim se disse “céu e terra” querendo significar toda criatura corpórea, a superior e a inferior. Ou se denominou “céu e terra” à matéria informe das duas criaturas? A saber, a vida espiritual tal como pode existir em si mesma, não convertida para o Criador; pois com essa conversão ela se forma e se aperfeiçoa; e se não se converte, permanece informe. E a corporal, se é possível compreendê-la privada de toda propriedade corpórea, que aparece na matéria formada, quando já possui formas corporais perceptíveis pela vista ou por qualquer sentido do corpo.

3. Deve-se entender o céu como criatura espiritual, perfeita e sempre bem-aventurada desde que foi criada, e a terra, pelo contrário, como matéria corporal ainda imperfeita, porque *a terra*, diz, *era invisível e vaga e as trevas cobriam o abismo*⁶, parecendo significar por essas palavras a enfermidade da substância corporal? Ou a enfermidade de ambas está indicada também nestas últimas palavras: da corporal, pelo que foi dito: *A terra era invisível e vaga*? E da espiritual, pelo fato de dizer: *E as trevas cobriam o abismo*? Assim, traduzidas alegoricamente essas palavras, entendamos o abismo como a natureza tenebrosa e informe da vida, enquanto não se converte para o Criador, sendo este o único modo pelo qual se possa formar, para deixar de ser abismo e ser iluminada, e assim não ser tenebrosa. Em que sentido foi dito: *As trevas cobriam o abismo*? Acaso porque não havia luz? Pois, se existisse, estaria acima e como que difundida sobre a superfície, o que acontece na criatura espiritual, quando se converte para a luz imutável e incorpórea, que é Deus.

CAPÍTULO II

De que modo Deus disse: “Faça-se a luz”: por meio de uma criatura ou do Verbo eterno?

4. De que modo Deus disse: “Faça-se a luz”?⁷ No tempo ou na eternidade do Verbo? E se no tempo,

certamente, de modo mutável; pois como é possível entender-se que Deus tenha dito isso a não ser por meio de uma criatura, visto que ele é imutável? E se Deus disse por uma criatura: “Faça-se a luz”, como a luz seria a primeira criatura se já existia uma criatura por meio da qual Deus disse: “Faça-se a luz”? Ou a luz não seria a primeira criatura, visto que já fora dito: No princípio, Deus fez o céu e a terra⁸, e assim teria sido possível produzir-se a voz, por meio de uma criatura celeste de modo mutável e no tempo, pela qual Deus disse: “Faça-se a luz”? Se assim é, o que foi feito foi esta luz corporal que vemos com nossos olhos corpóreos, ao dizer Deus: “Faça-se a luz” por meio de uma criatura espiritual que ele já fizera, quando no princípio fez o céu e a terra. Desse modo pôde dizer à maneira divina: “Faça-se a luz”, por meio de um movimento interior e oculto de tal criatura.

5. Acaso soou mediante um corpo a voz de Deus que dizia: “Faça-se a luz”, como soou mediante um corpo a voz de Deus que dizia: Tu és meu Filho amado⁹; e isso mediante uma criatura corporal, que Deus fizera quando no princípio fez o céu e a terra, antes de fazer a luz, a qual foi feita pelo som dessa voz? E se assim é, em que língua soou esta voz, quando Deus dizia: “Faça-se a luz”, pois ainda não havia diversidade de línguas, a qual se deu posteriormente na construção da torre depois do dilúvio?¹⁰. Qual era essa única língua pela qual Deus falou: “Faça-se a luz”? Havia alguém que a pudesse ouvir e entender? A quem se dirigia essa voz? Ou este pensamento ou conjetura é absurdo e carnal?

6. O que diremos? Ao se dizer: “Faça-se a luz”, por acaso o que se entende no som da voz, não é a voz de Deus que se percebe e não o som corporal? E essa voz pertenceria à natureza do Verbo do qual se diz: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus?* ¹¹ Uma vez que dele se diz: *Tudo foi feito por ele*¹², é manifesto que também a luz foi feita por ele, quando Deus disse: “Faça-se a luz”. Se assim é, embora tenha sido feita uma criatura temporal pela palavra divina emitida no Verbo eterno, é eterno o que Deus disse: “Faça-se a luz”, porque o Verbo de Deus é Deus com Deus, o Filho único de Deus, coeterno com o Pai. Quando dizemos: “quando” e “algumas vezes”, as palavras são pronunciadas no tempo; no Verbo de Deus, porém, a palavra é eterna quando se deve fazer algo; e se faz quando está determinado no Verbo que devia ser feito; nele não há “quando” ou “algumas vezes”, porque todo ele é Verbo eterno.

CAPÍTULO III

O que é aquela luz? — Por que não foi dito: Faça-se um céu etc. — Primeira resposta

7. E o que é aquela luz que foi feita? É algo espiritual ou corporal? Se espiritual, ela pode ser a primeira criatura, já perfeita em virtude dessa palavra, que primeiramente denominou “céu”, quando foi dito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*¹³, de modo que Deus ao dizer: “Faça-se a luz”, e foi feita a luz¹⁴, chamando-a a si como Criador, entenda-se que sua conversão foi feita e iluminada?

8. E por que foi dito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*, e não foi dito: No princípio, Deus disse: “Faça-se o céu e a terra, e foram feitos o céu e a terra”, do mesmo modo como está narrado: *Deus disse: “Faça-se a luz”, e foi feita a luz?* Acaso pelos nomes “céu e terra” dever-se-ia, por primeiro e em geral, entender e declarar o que Deus fez, e, depois, por partes, acompanhar como fez, quando se diz a respeito de cada obra: *Deus disse*, ou seja, porque fez pelo Verbo tudo o que fez?

CAPÍTULO IV

Outra resposta à questão anterior

9. Quando primeiramente era feita a informidade da matéria, seja espiritual, seja corporal, não se

deveria dizer: *Deus disse: Faça-se?* Com efeito, a imperfeição, sendo dessemelhante daquele que é o mais sublime e o primeiro, pois, por sua informidade tende para o nada, não imita a forma do Verbo, sempre unido ao Pai, pelo qual Deus diz tudo eternamente, não pelo som da voz, nem por pensamentos que envolvem o tempo, mas pela luz coeterna da sabedoria que ele gerou. Mas imita a forma do Verbo, sempre e de modo imutável unido ao Pai, quando de acordo com a conversão ao que sempre e verdadeiramente existe, ou seja, ao criador de sua substância, ela toma sua forma e se torna criatura perfeita segundo a sua espécie. De modo que no que a Escritura narra: *Deus disse: “Faça-se”*, entendamos a palavra incorpórea de Deus na natureza de seu Verbo coeterno que chama a si a imperfeição da criatura para que não seja informe, mas receba sua forma de acordo com que cada uma é feita seguindo uma ordem. Nesta conversão e formação, a seu modo imita o Deus Verbo, ou seja, o Filho de Deus, sempre igual ao Pai com total semelhança e igual essência, pela qual ele e o Pai são um¹⁵. Não imita, entretanto, esta forma do Verbo se, afastada do Criador, mantém-se informe e imperfeita; por isso, não se faz menção do Filho, porque é Verbo, mas somente porque é princípio, quando se diz: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*¹⁶. O começo da criatura se insinua ainda na informidade da imperfeição; mas se faz menção do Filho, que é também o Verbo, pelo fato de estar escrito: *Deus disse: “Faça-se”*, e, assim, pelo fato de ser o princípio, insinua o começo da criatura por ele existente ainda imperfeita. Mas pelo fato de ser Verbo, insinua a perfeição da criatura, que chamou a si, para se revestir de forma aderindo ao Criador, e, imitando, segundo a sua espécie, a forma inerente eternamente e de modo imutável ao Pai, por quem de modo permanente o Verbo é o que é o Pai.

CAPÍTULO V

A criatura intelectual é informe se não se aperfeiçoar convertida para o Verbo divino — Por que o Espírito Santo pairava sobre as águas antes de se dizer: Deus disse?

10. O Verbo Filho não tem uma vida informe. Para ele o ser é viver, mas também viver é o mesmo que viver sábia e bem-aventuradamente. Mas a criatura, ainda que espiritual e intelectual ou racional, a qual parece ser a mais próxima do Verbo, pode ter uma vida informe, pois se para ela ser é o mesmo que viver, não é o mesmo viver que viver sábia e bem-aventuradamente. Pois, afastada da Sabedoria incomutável, vive néscia e miseravelmente, o que representa sua informidade. Reveste-se de forma, porém, quando se converte para a incomutável luz da Sabedoria, o Verbo de Deus. Por ele, pois, subsiste de qualquer modo que exista e viva, converte-se para ele para viver sábia e bem-aventuradamente. O princípio, pois, da criatura intelectual é a eterna Sabedoria; este princípio, permanecendo em si de modo incomutável, de forma alguma, por uma oculta inspiração da vocação, cessa de falar à criatura de quem é princípio, para que se converta àquele do qual procede, porque não pode se formar e aperfeiçoar de outro modo. Por isso, interrogado sobre quem era, respondeu: “*O princípio, eu que vos falo*”¹⁷.

11. O que o Filho fala, o Pai fala, porque o que o Pai fala denomina-se Verbo, e este é o Filho; o que Deus fala de maneira eterna, se é lícito empregar essa maneira, é o Verbo coeterno. Pois é inerente a Deus a maior benignidade, também santa e justa; é na verdade um amor que se volta para suas obras, não por necessidade, mas por munificência. Por isso, antes que se escrevesse: *Deus disse: “Faça-se a luz”*¹⁸, a Escritura fez preceder: *E o Espírito de Deus pairava sobre as águas*¹⁹, ou porque quis denominar pelo nome “água” toda a matéria corporal, para assim insinuar de onde foram feitas e formadas todas as coisas, as quais já podemos reconhecer cada uma em sua espécie, ou ainda denominou água porque vemos que todas as coisas na terra são formadas e crescem em variadas

espécies a partir de uma natureza úmida; ou porque quis designar a vida espiritual como flutuante antes da forma da conversão. O Espírito de Deus pairava certamente, pois o que quer que fosse que ele começara a formar e a acabar estava sujeito à boa vontade do Criador, de modo que, falando Deus em seu Verbo: “*Faça-se a luz*”, em sua bondade, ou seja, em seu beneplácito permanecesse o que foi feito segundo a sua espécie. Portanto, é justo que agradasse a Deus, conforme diz a Escritura: *E foi feita a luz; e Deus viu a luz porque era boa*²⁰.

CAPÍTULO VI

Insinuação da Trindade tanto no começo como na perfeição da criatura

12. No princípio da criatura apenas iniciada, mencionada pelos nomes “céu e terra” em razão daquelas coisas que dela se fariam, a Trindade do Criador é insinuada, (pois, dizendo a Escritura: No princípio, Deus fez o céu e a terra²¹, entendemos o Pai no nome de Deus e o Filho no nome de “princípio”, o qual é princípio não para o Pai, mas primeira e principalmente para a criatura espiritual criada por ele, e consequentemente para toda criatura e dizendo a Escritura: E o Espírito de Deus pairava sobre as águas²², reconhecemos a menção completa da Trindade). Assim também, na conversão e aperfeiçoamento da criatura, quando se ordenaram as espécies das coisas, também é insinuada a mesma Trindade, ou seja: o Verbo de Deus e o gerador do Verbo, nas palavras: Deus disse, e a santa bondade, na qual tudo o que é perfeito segundo a sua natureza agrada a Deus, quando se diz: Deus viu que era bom.²³

CAPÍTULO VII

Por que o Espírito de Deus pairava sobre as águas

13. Por que, mencionando antes a criatura embora imperfeita, depois se menciona o Espírito de Deus, dizendo antes a Escritura: Mas a terra era invisível e vaga, e as trevas cobriam o abismo²⁴, e em seguida como que concluindo: E o Espírito de Deus pairava sobre as águas?²⁵ Acaso porque um amor pobre e necessitado ama de tal modo que se sujeita às coisas que ama, por isso, ao se fazer menção do Espírito de Deus, no qual estão compreendidas sua benevolência e amor, está escrito que pairava, para não se pensar que Deus ama suas obras por um amor pobre e necessitado e não por sua grande benevolência? Lembrando-se disso o Apóstolo, ao falar da caridade, afirma que vai indicar o caminho que ultrapassa a todos²⁶, e em outra passagem diz: O amor de Cristo que excede ao conhecimento²⁷. Portanto, como era conveniente insinuar o Espírito Santo quando se disse que pairava, considerou-se mais cômodo insinuar algo iniciado, sobre o qual se diria que pairava, não em um lugar, mas excedendo e sobrepujando todas as coisas pelo poder.

CAPÍTULO VIII

O amor de Deus dá o ser e estabilidade às criaturas

14. Assim, aperfeiçoadas e formadas as coisas a partir daquele início, *Deus viu que era bom*²⁸. Agradou, pois, o que foi feito com benignidade, como com benignidade agradara que fosse feito. Na verdade são dois os motivos pelos quais Deus ama sua criatura: para que exista e para que permaneça. Portanto, para que existisse o que permaneceria, *o Espírito de Deus pairava sobre as águas*²⁹; e para que permanecesse, *Deus viu que era bom*. E o que foi dito sobre a luz, também foi dito sobre todas as criaturas, pois permanecem algumas, superando toda volubilidade do tempo, com a maior santidade, sujeitas a Deus; outras permanecem segundo a medida de seu tempo, enquanto se tece a beleza dos

CAPÍTULO IX

Quando foi dito: “Faça-se a luz”? No tempo ou antes do tempo?

15. O que Deus disse: “Faça-se a luz” e foi feita a luz³⁰, disse-o em algum dia ou antes de qualquer dia? Se o disse pelo Verbo, que é com ele coeterno, disse-o certamente não no tempo; mas se o disse no tempo, disse-o, não pelo Verbo, que lhe é coeterno, mas por alguma criatura temporal; e por isso a luz não é a primeira criatura, pois já existia outra pela qual se diria no tempo: “Faça-se a luz.” E entende-se que aquilo foi feito antes de qualquer dia pelo que foi dito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*³¹, de modo a se entender pelo nome “céu” a criatura espiritual já criada e formada, como um céu deste céu, que é o mais elevado entre os corpos. Pois, no segundo dia foi feito o firmamento, o qual de novo denominou “céu”. Mas pelo nome “terra” invisível e vaga e tenebrosa pelo abismo, foi significada a imperfeição da substância corporal, da qual seriam feitas as realidades temporais, das quais a primeira seria a luz.

16. É difícil explicar como se pôde dizer: “Faça-se a luz”³², no tempo, por meio de uma criatura, que fez antes do tempo. Não entendemos o que foi dito pelo som da voz, pois o que é assim é corpóreo. Acaso daquela imperfeição da substância corporal fez uma voz corpórea por meio da qual soasse: “Faça-se a luz”? Nesse caso foi criado e formado antes da luz algum corpo dotado de voz. Mas se é assim, já existia o tempo, por meio do qual a voz poderia fazer seu percurso e passariam os espaços de sons que se sucederiam. Porque, se já existia o tempo antes de a luz ser feita, em que tempo seria feita a voz que soaria: “Faça-se a luz”, e a que dia pertenceria esse tempo? Pois um só é o dia em que foi feita a luz e este mesmo começa a ser enumerado como primeiro. Ou diz respeito a esse dia todo o espaço de tempo, em que foi feito aquele corpo dotado de voz, pelo qual soaria: “Faça-se a luz”, e pelo qual foi feita a luz? Mas, toda essa voz é proferida pelo que fala por causa do sentido corporal do que ouve, pois o sentido de tal modo foi feito que, ferido o ar, ouvisse. Acaso tinha tal ouvido aquilo que era invisível e vago, ao qual Deus soaria e diria: “Faça-se a luz”? Este absurdo esteja longe da mente de quem pensa.

17. Foi, portanto, um movimento espiritual, mas que era temporal, pelo qual entendemos ter sido dito: “Faça-se a luz”, expresso por Deus eterno por meio do Verbo coeterno numa criatura espiritual, que já teria sido feita, quando foi dito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*³³, ou seja, naquele céu do céu? Ou esta locução sem qualquer som e também sem qualquer movimento temporal da criatura espiritual, entende-se gravada em sua mente e razão, impressa de certo modo pelo Verbo coeterno ao Pai, de acordo com a qual se moveria e se converteria aquela imperfeição inferior e tenebrosa da natureza corpórea para a espécie e assim fosse feita a luz? É sumamente difícil compreender como se pode falar que aconteçam movimentos temporais nas coisas temporais que hão de ser formadas ou governadas, se Deus não ordenou no tempo, nem o ouviu no tempo a criatura que na contemplação da verdade sobrepuja todos os tempos, e que transmite aos que são inferiores as razões que tem em si intelectualmente impressas pela incomutável Sabedoria de Deus, como locuções inteligíveis. Mas se a luz, que é a primeira à qual se disse que fosse feita e foi feita, há de se entender como possuindo a primazia entre as criaturas, ela é a vida intelectual, a qual, se não se convertesse para o Criador para ser iluminada, flutuaria informe. Mas ao se converter, também foi iluminada e aconteceu o que foi dito no Verbo de Deus: “Faça-se a luz”.

CAPÍTULO X

18. Ainda mais, assim como foi dito sem o tempo, pois o tempo não tem lugar no Verbo coeterno ao Pai, alguém talvez pode perguntar se também foi criada sem o tempo. Como se pode entender isso, tendo sido criada a luz e separada das trevas, e tendo-se aplicado os nomes ao dia e à noite, que a Escritura diga: Aconteceu uma tarde e uma manhã: o primeiro dia³⁴. Parece, portanto, que a obra de Deus foi feita no decorrer do dia, terminado o qual, chegou-se à tarde, que é o início da noite. Da mesma forma, terminado o período da noite, completou-se um dia inteiro de tal modo que a manhã se tornasse um outro dia. Nesse dia Deus operaria outra obra em sequência.

19. Ademais, é digno da maior admiração que se Deus disse: “Faça-se a luz”³⁵ sem articulação de sílabas com a razão eterna de seu Verbo, tenha demorado tanto para que a luz fosse feita, até que passasse o período do dia e se fizesse tarde. Ou, talvez, a luz foi feita num instante, mas a demora do tempo de um dia pôde ser consumida na separação das trevas e uma vez separadas as duas na designação de seus nomes? É admirável também se isso pôde ser feito por Deus com tanta demora quanto empregamos para dizê-lo. Pois a separação da luz e das trevas teve lugar certamente na mesma obra, quando a luz foi feita, visto que não podia haver luz se não se separasse das trevas.

20. Mas quanto tempo podia ter demorado em dizer: Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”³⁶, mesmo que o fizesse sílaba por sílaba pelo som da voz, senão o tempo que levamos em dizer: “A luz denomine-se dia e as trevas denominem-se noite?” A não ser que alguém tenha tão fraco o juízo que, estando Deus sobre todas as coisas, pense que as palavras pronunciadas pela boca de Deus, embora constando de muitas poucas sílabas, puderam se prolongar por todo o período do dia. Acontece que, pelo Verbo, que lhe é coeterno, ou seja, nas razões internas e eternas da Sabedoria inmutável, Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”, não pelo som corporal da voz. De novo pode-se perguntar: se chamou com palavras de que fazemos uso, em que língua teria chamado, e por que lhe seriam necessários sons transitórios, quando não existia ouvido corporal de ninguém? Não se encontra resposta.

21. Ou se há de dizer que, logo após estar concluída esta obra de Deus, não sobrevivendo a noite, a luz ficou presente até que transcorresse o período diurno, e permaneceu enquanto a noite sucedia à luz, até passar o período do tempo noturno, e se fizesse a manhã do dia seguinte, tendo transcorrido o primeiro e único dia? Se eu disser isso, temo que se ririam de mim tanto aqueles que estão bem informados, como aqueles que podem perceber com toda facilidade que no tempo em que é noite para nós, a presença da luz ilumina as partes do mundo pelas quais volta do ocaso para o nascimento; e por isso, em todas as vinte e quatro horas não falta em todo giro da terra, onde, num lugar, não seja dia, e em outro, noite. Acaso vamos situar Deus em alguma parte onde teria feito uma tarde para ele, quando a luz se afastasse daquela parte para outra? No livro chamado Eclesiastes, assim está escrito: O sol nasce, o sol cai e volta ao seu lugar³⁷; ou seja, ao lugar de onde nasceu: e prossegue dizendo: Levantando-se vai para o sul e gira para o norte³⁸. Portanto, quando o sul é iluminado pelo sol, temos dia; mas quando chega ao norte, ao dar a volta, temos noite. Onde há a presença do sol, ali é dia, a não ser que talvez o coração se incline para as fantasias poéticas, e assim acreditemos que o sol mergulha no mar, e daí se levanta de manhã, já lavado, para uma outra parte. Ainda que seja assim, o próprio abismo se iluminaria com a presença do sol, e ali seria dia. Ele poderia iluminar as águas, enquanto não pudesse ser extinto por elas. Mas é monstruoso conjecturar isso. E o que se dirá se o sol ainda não existia?

22. Por isso, se a luz espiritual foi criada no primeiro dia, por ventura, ela desapareceu para vir em

seguida a noite? Mas se era corporal, que luz é essa, que não podemos ver depois do ocaso do sol, pois ainda não havia lua, nem algumas estrelas? Ou se está sempre na parte do céu em que está o sol, de modo que não seja a luz do sol, mas como uma sua companheira, de tal maneira unida que não se possa diferenciar e reconhecer, retorna-se à mesma dificuldade para resolver a questão; pois também essa luz, do mesmo modo que o sol, como sua companheira, volta do ocaso para um nascimento depois de ter dado a volta; e está em outra parte do mundo, ocasião em que esta parte em que estamos começa a escurecer para se tornar noite. Isso obriga — mas longe de nós pensarmos assim — a acreditar que Deus esteve numa parte que essa luz deixara, para que lhe pudesse fazer-se tarde. Ou, talvez, criara a luz na parte em que criaria o homem; e, por isso, como a luz se tivesse afastado dessa parte, diz-se que se fez tarde, mesmo quando havia na outra parte aquela luz, que de lá se havia afastado, para surgir a manhã após ter feito a volta?

CAPÍTULO XI

A função do sol — Nova dificuldade no modo anterior de falar

23. Com que finalidade foi criado o sol, senhor do dia³⁹, que iluminaria sobre a terra, se aquela luz era suficiente para constituir o dia e foi denominada também dia? Acaso aquela anterior iluminava as regiões superiores distantes da terra para que não pudesse ser percebida na terra, e convinha assim que fosse criado o sol por meio do qual surgisse o dia nas partes inferiores do mundo? Pode-se também dizer isso: que o fulgor do dia aumentou ao ser acrescentado o sol, o que nos leva a acreditar que o dia era menos iluminado por aquela luz do que o é agora. Também sei que alguém disse que primeiramente foi criada a natureza da luz na obra do Criador, quando foi dito: “Faça-se a luz”, e foi feita a luz⁴⁰, e depois, quando se fala dos luzeiros, mencionou-se o que havia sido feito daquela luz na ordem dos dias, na qual o Criador viu todas as coisas que haviam de ser feitas. Para onde passou a natureza da luz, após fazer-se tarde, para se fazer a noite, com alternância dos dias, nem ele o diz, e julgo que não se possa descobrir facilmente. Pois não se há de pensar que foi extinta para virem em seguida as trevas noturnas, e de novo acesa, para se fazer manhã, antes que o sol cumprisse essa função. Essa função, conforme testemunho da Escritura, começou a ter lugar no quarto dia

CAPÍTULO XII

Outra dificuldade sobre a sucessão dos dias e das noites antes da criação do sol — A reunião das águas

24. É difícil tanto descobrir como explicar, por qual circuito puderam suceder-se os três dias e noites antes da criação do sol, permanecendo a natureza da luz, a qual foi a primeira a ser feita, se se entende como corporal a luz então criada. A não ser que alguém diga que a massa terrena e aquosa, antes de se diferenciarem entre si, o que está escrito que foi feito no terceiro dia, Deus a tenha denominado “trevas” devido à sua maior estrutura que a luz não alcançava penetrar, ou devido à sombra totalmente escura de tamanha massa, a qual necessariamente teria volume por uma parte, se houvesse luz na outra parte. Quando a massa de qualquer corpo não permite que chegue a luz a esse lugar, ali há sombra; pois um lugar sem esta luz, com a qual seria iluminado se não o impedisse um corpo que serve de obstáculo, todo ele fica naquilo que se chama sombra. Esta sombra denomina-se noite, se for tão grande em razão da massa do corpo, a ponto de ocupar a superfície da terra, quanto o dia ocupa a outra parte. Nem todas as trevas são noite. Pois, também nas cavernas profundas, em cujos antros a luz não tem possibilidade de irromper devido à massa oposta, há também trevas, visto que ali não há luz e todo o espaço é um lugar privado de luz. Essas trevas não receberam o nome de noite, mas aquelas que

sucedem à luz naquela parte da terra de onde o dia se afastou. Também não se denomina dia a toda luz, pois também é luz a da lua, das estrelas, dos luzeiros e dos relâmpagos e de quaisquer coisas que brilham, mas aquela é denominada dia, à qual, vindo antes e se afastando, sucede a noite.

25. Mas se aquela primeira luz, espalhada por todas as partes, envolvia a massa da terra, seja parada, seja girando em redor de si mesma, não havia por onde admitir que a noite a sucedesse, pois ela jamais se apartaria para lhe dar lugar. Ou foi feita numa parte, de modo que, dando voltas, também permitia à noite dar voltas na outra parte do mesmo modo? Pois, como a água cobria ainda toda a terra, nada impedia que a massa aquosa e esférica, contasse com o dia numa parte pela presença da luz, e na outra, com a noite pela ausência da luz, a qual viria em seguida a partir da tarde para aquela parte da qual a luz se afastaria para a outra.

26. Para onde se reuniram as águas, se ocupavam antes toda a terra? Ou seja, as águas que foram evacuadas para descobrir a terra, em que parte se reuniram? Pois, se havia algo descoberto na terra, para onde se reunissem, então já aparecia a árida e o abismo não ocupava tudo. Mas, se envolviam tudo, qual seria o lugar para onde poderiam se reunir para aparecer a aridez da terra? Acaso se reuniram no alto, como acontece quando se levanta a messe trilhada na eira para receber ventilação, e, reunida em montes deixa limpo o lugar que cobria, quando estava espalhada? Quem há de dizer isso ao ver a superfície do mar igualmente estendida em todas as partes, o qual, ainda que se levantem como que montes de água flutuantes, aplaina-se novamente, acalmadas as tempestades. E se alguma praia se descobre com mais extensão, não se pode dizer que não existem outros espaços de terra, aonde se dirige o que se afastou do outro lugar, do qual volte novamente para o lugar do qual se afastara. Mas se a natureza aquosa cobria totalmente a terra, para onde se retiraria para descobrir algumas partes? Acaso, talvez, uma água menos densa, parecida com a névoa, cobria a terra, a qual se condensou pela reunião, de tal modo que a descobrisse em muitas partes, nas quais poderia aparecer árida? Ainda que a terra estendida em todos os sentidos pôde apresentar umas partes côncavas, nas quais fossem recebidas as águas que confluíam e corriam, e assim aparecesse árida em algumas partes, de onde o líquido se afastara.

CAPÍTULO XIII

A criação da água e da terra

27. Não é totalmente informe a matéria na qual a forma aparece ainda que nebulosa.

Por conseguinte, pode-se perguntar ainda: quando Deus criou estas formas e propriedades visíveis das águas e das terras? Pois não se encontra isso em nenhum dos seis dias. Assim, se os fez antes de qualquer dia, tal como está escrito antes de mencionar estes primeiros dias: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*⁴¹, de modo que pelo termo “terra” entendamos já constituída a forma terrena e sobre ela estendidas as águas mencionadas com a forma já visível de sua espécie. E no que a Escritura diz em seguida: *Ora, a terra estava vazia e vaga, e as trevas cobriam o abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas*⁴², não pensemos em alguma informidade da matéria, mas em terra e água sem luz, que ainda não fora feita, formadas com suas bem conhecidas qualidades. Por isso, entenda-se a terra denominada invisível, porque não se podia ver por estar coberta de águas, embora houvesse alguém que pudesse vê-la; e denominada vaga, porque ainda não estava separada do mar e cercada de praias e ornada com seus frutos e animais. Portanto, se assim é, por que essas formas, que sem dúvida são corporais, foram feitas antes de qualquer dos dias? Por que não está escrito: “Deus disse: ‘Faça-se a terra’, e foi feita a terra”, “ ‘Faça-se a água’, e foi feita a água”, ou as duas juntas: “ ‘Faça-se a terra e a água’, e foram feitas a terra e a água”, se ambas estão incluídas numa mesma quase lei de ínfima

classe? Por que não foi dito, quando isto foi feito: Deus viu que era bom?

CAPÍTULO XIV

Explicação sobre a matéria informe

28. Esta consideração persuade (pois é evidente que tudo o que é mutável é formado de alguma infirmitade), e ao mesmo tempo a fé católica o prescreve e a razão bem equilibrada ensina que não pode haver matéria de qualquer natureza, senão mediante Deus que começou e criou todas as coisas, não só as formadas, mas também as que podiam receber formas. Sobre elas também diz uma passagem da Escritura: Que fizeste o mundo de matéria informe⁴³. Persuade que esta matéria também foi mencionada naquelas palavras, as quais, por uma prudência espiritual, seriam convenientes aos leitores ou aos ouvintes mais rudes de espírito, aos quais foi dito antes da enumeração dos dias: No princípio, Deus fez o céu e a terra, até que fosse dito: E Deus disse, e assim prosseguisse a ordem das coisas formadas.

CAPÍTULO XV

A matéria precede a forma não pela origem, mas pelo tempo

29. A matéria informe não é anterior às coisas formadas no tempo. Ambas foram criadas ao mesmo tempo: a matéria de onde tudo foi criado e também o que foi criado. Pois, assim como a voz é matéria das palavras e as palavras indicam a voz formada, aquele que fala não emite primeiramente a voz informe, a qual possa depois reunir e formar em palavras, assim Deus Criador não fez a matéria informe num primeiro tempo e a formou segundo a ordem de cada natureza, como que numa segunda determinação. Criou, pois, a matéria já formada. Mas porque aquilo do qual se faz algo, com relação àquilo que se faz em seguida, embora não seja anterior no tempo, o é numa certa ordem de origem, a Escritura pôde separar por tempos de falar o que Deus não separou por tempos de fazer. Pois, se se pergunta se fazemos a voz das palavras ou as palavras da voz, dificilmente se encontra alguém tão tardo de inteligência que não responda que as palavras são frutos da voz. Assim, embora faça as duas coisas ao mesmo tempo aquele que fala, aparece suficientemente à consideração natural o que se faz e de onde se faz. Por isso, como Deus fez ambas coisas ao mesmo tempo, tanto a matéria que formou como as coisas que com ela formou, era conveniente que a Escritura dissesse ambas as coisas, mas não podia dizê-las ao mesmo tempo. Quem há que duvide que deveria dizer antes aquilo do qual algo foi feito que aquilo que dele foi feito? Quando dizemos matéria e forma, entendemos que ambas existem ao mesmo tempo, mas não podemos enunciá-las ambas ao mesmo tempo. Assim como acontece num tempo muito breve, quando proferirmos estas duas palavras, de tal modo que pronunciamos uma após a outra, assim na extensão da narrativa uma coisa devia ser narrada antes da outra, embora ambas, como foi dito, foram criadas por Deus ao mesmo tempo, de modo que aquilo que, unicamente pela origem, é anterior ao ser feito, também na narrativa é anterior no tempo. Isso porque as duas coisas, uma das quais não é anterior à outra, não podiam ser mencionadas ao mesmo tempo; quanto menos serem narradas ao mesmo tempo. Assim, não se há de duvidar que esta matéria informe era de qualquer modo próxima do nada, de modo a não ser feita senão por Deus, e foi criada junto com as coisas que dela foram formadas.

30. Mas, se com razão, diz-se que a matéria informe é significada por aquelas palavras: *E a terra era invisível e vaga, e as trevas cobriam o abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas*⁴⁴; excetuando o que aí foi afirmado sobre o Espírito de Deus, os demais termos próprios de coisas

visíveis devemos entendê-los como referentes à informidade, para que pudessem entendê-los os mais rudes de espírito. Pois esses dois elementos, ou seja, a terra e o céu, são mais maleáveis que os demais para serem operados pelas mãos dos artífices; pelo que, a informidade era insinuada de modo mais adequado por esses termos.

CAPÍTULO XVI

Outro modo de explicar a criação do dia e da noite

Se, portanto, esta sentença é provável, então não havia nenhuma outra massa formada, além da luz, que iluminasse uma parte e a outra deixasse em trevas, donde pudesse a noite suceder ao dia ao se retirar.

31. Mas se quisermos entender o dia e a noite como emissão e contração daquela luz, não percebemos o motivo pelo qual assim se faria. Pois ainda não existiam animais aos quais esta mudança pudesse favorecer, os quais, uma vez criados depois, percebemos que serão favorecidos pelo curso do sol. E nem se apresenta um exemplo pelo qual possamos provar essa emissão e contração da luz como vicissitudes do dia e da noite. Pois o jato de raios provenientes de nossos olhos é certamente o jato de alguma luz; e pode se contrair, quando olhamos para o ar, que está próximo aos nossos olhos; e também pode avançar, quando dirigimos o olhar na mesma direção para as coisas colocadas distantes. Mas não há dúvida de que quando contraem, nem por isso se deixam de ver totalmente as coisas que estão distantes, embora certamente menos claras do que quando a vista se dirige para elas. Esta luz, contudo, que está no sentido do que vê, aparece tão pequena que, se não somos auxiliados por uma outra luz, nada podemos enxergar. E porque não se pode prescindir dela, é difícil, como disse, descobrir com que exemplo se poderia demonstrar a emissão da luz que faz o dia e a contração da luz que faz a noite.

CAPÍTULO XVII

Dificuldade sobre a luz espiritual: como acontecem nela a tarde e a manhã e a separação das trevas

32. Se a luz espiritual foi feita quando Deus disse: “Faça-se a luz”⁴⁵, não se há de considerá-la como aquela luz coeterna ao Pai, pelo qual tudo foi feito, e que ilumina todo homem; mas como aquela da qual se pôde dizer: Antes de todas as coisas foi criada a Sabedoria⁴⁶. Pois, quando aquela eterna e inmutável Sabedoria, que não foi criada, mas gerada, difunde-se⁴⁷ nas criaturas racionais e espirituais, assim como nas almas santas, para que iluminadas possam brilhar, faz-se nelas certo estado de razão lúcida, que pode ser entendido como a luz que foi feita, dizendo Deus: “Faça-se a luz”; se é que já existia a criatura espiritual, que foi significada pelo nome “céu” no que está escrito: No princípio, Deus fez o céu e a terra⁴⁸; não o céu corpóreo, mas um céu incorpóreo do céu corpóreo, isto é, acima de todo corpo, não por graus de lugares, mas tendo a primazia pela sublimidade de sua natureza. Um pouco antes dissemos, quando tratamos do assunto, de que modo puderam serem criados ao mesmo tempo tanto o que era iluminado, como a própria iluminação e como foram narrados em tempos diferentes.

33. Mas como havemos de entender a noite que sucede a esta luz para se fazer tarde? De que trevas esta luz pôde ser separada, ao dizer a Escritura: *Deus separou a luz e as trevas?*⁴⁹ Porventura, já havia pecadores e insensatos afastados da luz da verdade, e que seriam separados por Deus dos que permaneciam na mesma luz, como entre a luz e as trevas? E denominando à luz “dia”, e às trevas “noite”, mostraria que ele não era autor de pecados, mas o ordenador na distribuição dos

merecimentos? Ou este dia é nome de todo o tempo, e inclui neste termo todo o conjunto dos séculos, e, por isso, não foi dito “primeiro”, mas “um dia”? *Fez-se uma tarde e fez-se uma manhã: um dia*⁵⁰. Assim, o fato de se fazer a tarde parece significar o pecado da criatura racional, e o fato de se fazer manhã, a sua renovação.

34. Esta discussão refere-se ao sentido alegórico-profético, o que não assumimos neste discurso. Determinamos falar agora sobre as Escrituras de acordo com o sentido próprio dos fatos, não de acordo com os enigmas das figuras. Portanto, retornando ao argumento das naturezas feitas e ordenadas, como podemos descobrir a tarde e a manhã na luz espiritual? Acaso a separação da luz e das trevas já é a separação da coisa formada da informe, e a designação do dia e da noite, a insinuação da distribuição pela qual se queira significar que Deus não deixa nada desordenado, e a própria informidade, não era confusa pela qual as realidades sofrem mudança passando, de certo modo, de forma para forma, e que as deficiências e o progresso da criatura, pelos quais se sucedem a si mesmas as coisas temporais, não existiriam sem o auxílio do ornamento do universo? Pois a noite são as trevas ordenadas.

35. Por isso, depois que foi feita a luz, foi dito: *Deus viu que a luz era boa*⁵¹. Isso poderia ser dito depois de todas as obras do mesmo dia, ou seja, depois que tivesse explicado: *Deus disse: “Faça-se a luz”, e fez-se a luz; Deus separou a luz das trevas; Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”*⁵²; então diria: *Deus viu que a luz era boa*⁵³; e anexaria em seguida: *Fez-se uma tarde e uma manhã*⁵⁴, tal como faz nas outras obras às quais impõe os nomes. Portanto, aqui não fez assim, porque aquela informidade é nisso diferente da coisa formada: nela não estaria o fim, uma vez que restavam para ser formadas muitas coisas por meio das demais criaturas corporais. Assim, se depois de se diferenciarem por aquela separação e termos, então se diria: *Deus viu que era bom*⁵⁵, e compreenderíamos que estavam indicadas essas obras, às quais nada mais havia a acrescentar em sua espécie. Porque terminara apenas a luz, disse: *Deus viu que a luz era boa*, e pela separação e pelos termos diferenciou-a das trevas. Então disse: *Deus viu que era bom*, pois aquela informidade tinha sido separada para isso, ou seja, para que dela se formassem outras realidades. Esta noite, contudo, que nos é muito conhecida (cuja causa é o giro do sol sobre a terra), quando é separada do dia pela distribuição dos luzeiros, depois da mesma separação do dia e da noite se diz: *Deus viu que era bom*. Com efeito, esta noite não era uma substância informe, da qual ainda se formariam outras substâncias, mas um espaço cheio de ar, privado da luz diurna. A esta noite certamente nada deveria ser acrescentado em sua espécie, pela qual fosse mais bela e mais discernível. Mas a tarde em todo o tríduo, antes de serem criados os luzeiros, interpreta-se talvez, sem qualquer absurdo, como o término da obra realizada, e a manhã, como a significação de uma futura operação.

CAPÍTULO XVIII

Como Deus executa suas obras

36. Lembremo-nos antes de tudo, pois já dissemos muitas coisas, que Deus não executa suas obras mediante movimentos temporais de seu espírito ou de seu corpo, como as executa o homem ou o anjo, mas pela eterna e inmutável e permanente razão de seu Verbo coeterno com ele, e por um certo calor, se assim posso falar, de seu santo Espírito igualmente coeterno. Pois o que foi dito na língua grega e latina sobre o Espírito de Deus, ou seja, que pairava sobre as águas (*Superferebatur super aquas*), de acordo com a tradução da língua síria, que é afim da hebraica (pois se conta que isso foi explicado por um douto cristão sírio), em vez de pairava (*superferebatur*), devia se entender incubava

(fovebat). Mas não como se aquecem os tumores ou ferimentos no corpo com água fria ou aquecida adequadamente, mas como são incubados os ovos pelas aves, quando o calor do corpo materno de certo modo favorece os filhotes na sua formação por um certo afeto de amor, em seu gênero. Não pensemos, segundo a carne, em vozes como que temporais de Deus em cada um dos dias das obras divinas. Pois a Sabedoria de Deus, tendo assumido nossa fraqueza, não veio para reunir sob suas asas os filhos de Jerusalém, como a galinha reúne seus pintinhos⁵⁶, para que sejamos sempre crianças, mas, sendo crianças quanto à malícia, deixemos de ser crianças quanto à razão⁵⁷.

CAPÍTULO XIX

Prudência na interpretação das Escrituras

37. E se lermos alguns escritos sobre assuntos obscuros e muito ocultos aos nossos olhos, mesmo divinos, que possam, salvando a fé na qual estamos imbuídos, apresentar várias opiniões, não nos lancemos com precipitada firmeza a nenhuma delas, para não cairmos em erro. Talvez uma verdade discutida com mais cuidado venha destruir aquela opinião. Desse modo, não estamos lutando em favor da opinião das divinas Escrituras, mas pela nossa de tal modo que queremos que seja das Escrituras a que é nossa, quando devemos querer que seja nossa aquela que é opinião das Escrituras.

CAPÍTULO XX

Não se façam afirmações temerárias em assuntos obscuros das Escrituras

38. Afirmemos, pois, que naquilo que está escrito: Deus disse: “Faça-se a luz” e fez-se a luz⁵⁸, alguém perceba que foi feita a luz corporal e outro, a luz espiritual. Nossa fé não duvida que exista uma luz espiritual na criatura espi-ritual. Mas que exista uma luz corporal celeste, ou sobre o céu, ou antes do céu, à qual poderia suceder a noite, não é contra a fé, até que seja refutado por uma verdade certíssima. Se isso acontecesse, não o teria a divina Escritura, mas isso percebera a ignorância humana. Se um argumento verdadeiro demonstrasse que isso é verdade, ainda seria incerto se o escritor quis que isso fosse interpretado assim nas palavras dos Livros sagrados, ou se quis dizer outra coisa não menos verdadeira. Por isso, se o contexto do discurso provar que não quis dizer isso, nem por isso é falso um outro sentido que ele quis dar a entender; mas que se conheça tanto o verdadeiro como o mais útil. Mas se ao contexto da Escritura não repugna que o escritor quis dar a entender isso, ainda restará indagar se não quis dar também outro sentido. Pois, se descobrirmos que poderia dar também um outro, será incerto qual deles ele quis dar; e não se há acreditar sem razão que ele quis que se percebesse a ambos, se um fundamento sólido apoiasse ambas as opiniões.

39. Acontece muitas vezes que um não-cristão de tal modo conhece algo sobre a terra, o céu, os demais elementos deste mundo, o movimento e a conversão ou também a grandeza e a distância dos astros, os eclipses do sol e da lua, os círculos dos anos e dos tempos, as naturezas dos animais, das frutas, das pedras e as demais realidades semelhantes, que o defende por argumentos verdadeiros e pela experiência. Mas é muito vergonhoso, pernicioso e digno de se evitar ao máximo que um cristão fale destes assuntos como estando de acordo com Escrituras cristãs, pois ao ouvi-lo deliberar de tal modo que, como se diz, cometa erros tão absurdos, um infiel mal consegue segurar o riso. E o mal não está em que se zombe de um homem que comete erros, mas que os de fora acreditem que nossos autores afirmem tais coisas. E assim são criticados e rechaçados como ignorantes. Quando em assuntos que conhecem perfeitamente apreenderem em erro a alguém do número dos cristãos afirmando sua falsa opinião a partir de nos nossos Livros, de que modo vão acreditar naqueles Livros

a respeito da ressurreição dos mortos, da esperança da vida eterna e do reino dos céus? Pensarão que foram escritos com falsidades, uma vez que eles mesmos puderam conhecer tais coisas por experiência e compreender com razões que excluem qualquer dúvida? As palavras não bastam para dizer quanto mal e quanta tristeza trarão para os irmãos sensatos os que presumem temerariamente, quando passarem a ser criticados e convencidos de sua insensata e falsa opinião por aqueles que não aceitam a autoridade de nossos Livros. Para defender o que disseram com a mais leviana temeridade e com falsidade deveras manifesta, eles se esforçam por citar os mesmos Livros sagrados ou também proferem muitas palavras, de memória, as quais julgam ter valor como testemunho, não entendendo o que dizem, nem sobre o que trata o que afirmam⁵⁹.

40. Considerando e examinando, expliquei de muitas maneiras o livro do Gênesis, quanto pude, e apresentei opiniões sobre as palavras registradas nele de modo obscuro para nosso uso, nada afirmando temerariamente a respeito de uma explicação com prejuízo de uma outra talvez melhor, a fim de que cada um escolha, de acordo com sua capacidade, o que puder compreender. Quando algo não possa entender, dê honra à Escritura de Deus e se tome de temor. Mas como as palavras da Escritura, de que tratamos, podem ser explicadas com muitas interpretações, reprimam-se os que, inchados pela literatura mundana, discutem as palavras ali consignadas para alimentar todos os corações piedosos, como algo escrito sem perícia e grosseiramente. Rastejam sobre a terra, desprovidos que estão de asas e escarnecem dos ninhos das aves com seu vôo de rãs. Mas, com mais perigo erram alguns irmãos fracos na fé, que, quando escutam esses ímpios dissertarem com sutileza e com loquacidade sobre os números dos corpos celestes ou sobre quaisquer questões sobre os elementos do mundo, se sentem aniquilados. Antepõe-nos a si mesmos suspirando e considerando-os importantes, e retomam com repugnância os Livros da mais salutar piedade. E estes livros que deveriam beber como delícias, mal e mal os abordam com paciência, aborrecendo-se com a aspereza da sementeira e desejando avidamente as flores dos espinheiros. Pois não se aplicam em ver como o Senhor é bom⁶⁰, nem sentem fome em dia de sábado, e, por isso, mesmo tendo recebido licença do Senhor do sábado, são preguiçosos para colher as espigas e esfregá-las com as mãos e limpar as colhidas até se tornarem alimento⁶¹.

CAPÍTULO XXI

O fruto da interpretação não temerária, sem qualquer afirmação

41. Alguém dirá: “Com tanto debulhar desta dissertação, quantos grãos colheste? O que joeiraste? Por que todas as coisas ainda permanecem mais ou menos ocultas nas questões? Afirma algo sobre elas, tu que disseste que podem ser entendidas de muitas maneiras.” Respondo-lhe que me acheguei suavemente ao mesmo alimento, pelo qual aprendi que não se deve hesitar em responder segundo a fé o que se deve responder aos homens que desejam criticar os Livros de nossa salvação; e assim, tudo o que puderem demonstrar com documentos verazes sobre a natureza das coisas, mostremos que não contradizem nossos Livros. Mas tudo o que apresentarem em quaisquer de seus escritos contrário aos nossos Livros, ou seja, à fé católica, ou lhes mostremos com outros argumentos ou, sem qualquer dúvida, tenhamos por certo que é falsíssimo. Assim, de tal modo apeguemo-nos ao nosso Mediador, no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência⁶², que não sejamos seduzidos pela loquacidade da falsa filosofia, nem sejamos atemorizados pela superstição de uma falsa religião. E quando lemos os Livros com tanta abundância de conhecimentos verdadeiros, que brotam de poucas palavras, e são apoiados pela intensidade da fé católica, amemos acima de tudo o que aparecer afirmado como certo por aquele a quem lemos. Mas se isso está oculto, amemos o que não se opõe ao

contexto da Escritura e está de acordo com a fé íntegra; mas se também o contexto da Escritura não pode ser tratado e discutido, amemos pelo menos o que a fé íntegra prescreve. Pois uma coisa é não discernir o que o escritor afirmou, e outra desviar-se da regra da piedade. Se se evitarem ambas coisas, é garantido o bom fruto para o leitor; mas se não se podem evitar as duas coisas, mesmo que seja incerta a intenção do escritor, não é inútil ter descoberto uma opinião de acordo com a fé autêntica.

[1](#) Mt 13,52.

[2](#) 1Cor 10,11.

[3](#) Gn 2,24.

[4](#) Cf. Ef 5,32.

[5](#) Gn 1,1.

[6](#) Gn 1,2.

[7](#) Gn 1,3.

[8](#) Gn 1,1.

[9](#) Mt 3,17.

[10](#) Cf. Gn 11,7.

[11](#) Jo 1,1.

[12](#) Jo 1,3.

[13](#) Gn 1,1.

[14](#) Gn 1,4.

[15](#) Cf. Jo 10,30.

[16](#) Gn 1,1.

[17](#) Jo 8,25.

[18](#) Gn 1,3.

[19](#) Gn 1,2.

[20](#) Gn 1,3.4.

[21](#) Gn 1,1.

[22](#) Gn 1,2.

[23](#) Gn 1,3.

[24](#) Gn 1,2.

[25](#) Gn 1,2.

[26](#) Cf. 1Cor 12,31.

[27](#) Ef 3,19.

[28](#) Gn 1,10.

[29](#) Gn 1,2.

[30](#) Gn 1,3.

[31](#) Gn 1,1.

[32](#) Gn 1,3.

[33](#) Gn 1,1.

[34](#) Gn 1,5.

[35](#) Gn 1,3.

[36](#) Gn 1,5.
[37](#) Ecl 1,5.
[38](#) Ecl 1,6.
[39](#) Cf. Sl 136,8.
[40](#) Gn 1,3.
[41](#) Gn 1,1.
[42](#) Gn 1,2.
[43](#) Sb 11,18.
[44](#)Gn 1,2.
[45](#) Gn 1,3.
[46](#) Eclo 1,4.
[47](#) Sb 7,27.
[48](#) Gn 1,1.
[49](#) Gn 1,4.
[50](#) Gn 1,5.
[51](#) Gn 1,4.
[52](#) Gn 1,3-4.
[53](#) Gn 1,4.
[54](#) Gn 1,5.
[55](#) Gn 1,18.
[56](#) Mt 23,37.
[57](#) 1Cor 14,20.
[58](#) Gn 1,3.
[59](#) 1Tm 1,7.
[60](#) Sl 34,9.
[61](#) Mt 12,1.
[62](#) Cl 2,3.

O que era o firmamento no meio das águas — Alguns negam a existência de um céu sobre o céu dos astros

1. Deus disse: “Faça-se um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez. Deus fez o firmamento, e separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento. Deus chamou ao firmamento “céu”. E viu Deus que era bom. Houve uma tarde e uma manhã: segundo dia¹. Sobre a palavra, com a qual disse: “Faça-se um firmamento etc., e sobre seu agrado, pelo qual viu que era bom, e sobre a tarde e a manhã, não é preciso dissertar aqui novamente e do mesmo modo. Advertimos que daqui em diante tudo o que se repetir, deve ser considerado, por enquanto, conforme a anterior investigação. Mas, pode-se perguntar com razão se o próprio ar se denomina firmamento se agora foi feito o céu, que excede todos os espaços aéreos e toda sua altitude, onde no quarto dia serão também constituídos os luzeiros e as estrelas.

2. Muitos afirmam que essas águas não podem estar naturalmente sobre o céu dos astros, porque assim teriam seu peso ordenado para correr sobre a terra, ou para se elevar na forma de vapor no ar próximo das terras. Ninguém deve rechaçar os que assim opinam, para dizer que, de acordo com a onipotência de Deus, para quem tudo é possível, é necessário que acreditemos que águas mesmo tão pesadas, como as que conhecemos e experimentamos, estão estendidas sobre o corpo celeste no qual estão os astros. Agora, nos convém investigar, de acordo com sua Escritura, como Deus estabeleceu a natureza das coisas, e não o que quis fazer nelas ou por elas como um milagre de seu poder. Pois se Deus quisesse que de algum modo o óleo permanecesse debaixo da água, isso aconteceria; contudo, nem por isso nos seria desconhecida a natureza do óleo que, de tal modo foi feita, que buscando seu lugar, mesmo se for derramado na parte de baixo, rompe pelas águas e se põe acima delas. Agora perguntamos: o criador de todas as coisas, que dispôs tudo com medida, número e peso², não destinou um só lugar apropriado ao peso das águas perto da terra? Ou destinou também outro sobre o céu que está estendido e consolidado para além do limite do ar?

3. Os que negam que se deve crer isto argumentam a partir do peso dos elementos, negando que de modo algum pode existir um céu acima, como que consolidado numa plataforma para poder sustentar o peso das águas; pois, esta solidez não pode existir a não ser na terra, e seja o que for isso, não é céu, mas terra. Com efeito, os elementos se diferenciam não somente pelos lugares, mas também pelas qualidades, de modo que a qualidades próprias correspondem lugares próprios, ou seja, a água está sobre a terra, e se está ou escorre sob a terra, como acontece nas grutas e cavernas subterrâneas, ela é contida não pela parte que está em cima, mas por aquela que está embaixo. Pois, se algo de terra cai da parte superior, não permanece sobre a água, mas passando pela água, afunda e se dirige para a terra. Aí chegando, descansa como que em seu lugar, de modo que a água fique em cima e a terra, embaixo. De onde se deduz que também quando estava sobre a água, não era sustentada pela água, mas era contida pela consistência da terra, tal como acontece com os tetos das cavernas.

4. É preciso fazer aqui uma advertência sobre a necessidade de se evitar um erro, sobre o qual já adverti no Livro I, para que algum dos nossos não pense que, porque está escrito nos Salmos: *Ele firmou a terra sobre as águas*³, pode-se apoiar neste testemunho das Escrituras contra esses que dissertam com sutileza sobre o peso dos elementos. Como eles não reconhecem a autoridade de nossos livros e ignoram em que sentido foi dito, zombarão mais facilmente dos livros sagrados do que

repudiarão aquilo que perceberam com raciocínios certos ou comprovaram com experiências bem ilustrativas. Com efeito, o dito nos salmos pode-se entender diretamente ou em sentido figurado, porque os nomes “céu e terra” muitas vezes significam na Igreja os espirituais e os carnaís. Nesse sentido, mostra-se que os céus dizem respeito ao conhecimento sereno da verdade, ao dizer: *Ele fez os céus na inteligência*⁴, e que a terra diz respeito à fé simples das crianças, não à fé insegura e falaz alimentada por opiniões fabulosas, mas deveras firme pela pregação profética e evangélica que se consolidou pelo batismo. Por isso acrescentou: *Ele firmou a terra sobre as águas*. Ou se alguém é obrigado a interpretar em sentido literal, não sem razão se pode interpretar como as partes altas das terras seja dos continentes, seja das ilhas, as quais são mais elevadas que as águas, ou os tetos das cavernas que estão firmes sobre as águas, solidamente suspensos. Por isso, não se pode entender assim o que foi dito no sentido literal: *Ele firmou a terra sobre as águas*, de modo que se pense que o peso das águas está sujeito a suportar, pela ordem natural, o peso da terra.

CAPÍTULO II

O ar está acima da terra

5. Embora o ar cubra a terra por espaços mais amplos é certo que está acima das águas. Desse fato se entende porque nenhum recipiente, estando de boca para baixo pode-se encher de água. Isso indica muito bem que a natureza do ar exige um lugar mais elevado. Assim, um recipiente parece estar vazio, mas se prova que está cheio de ar, quando é afundado de boca para baixo na água, porque não encontra um lugar para sair pela parte superior, nem lhe é permitido por sua natureza escapar pela parte inferior estando presente a água; assim estando cheio o recipiente, repele a água e não deixa que ela nele penetre. Mas quando se coloca o recipiente, não estando com a boca para baixo, mas inclinada para o lado, a água penetra pela parte inferior saindo o ar pela parte de cima. Da mesma forma, se a boca do recipiente ereto está aberto para o céu, quando nele se derrama água, o ar sai por cima, pelas outras partes em que não é derramada, e se abre um lugar para a água entrar para baixo. Se o recipiente é afundado com maior força, de tal modo que, ou pelo lado ou por cima as águas de repente penetram e cobrem a boca do recipiente por todas as partes, o ar buscando subir, as rompe para lhes dar lugar no fundo; este rompimento é a borbulhação dos recipientes, enquanto o ar foge por algumas partes, porque não pode sair totalmente e tão depressa devido à estreiteza da boca. Assim, se o ar é obrigado a sair por cima das águas, separa-as mesmo estando juntas, e saltando para fora, impelidas pelo seu ímpeto borbulham e ao se apressar o ar, lançam borbulhas ruidosas contra ele, que lhes dá passagem para ir ao fundo. Mas, se se obriga ao ar a sair de um recipiente que está sob as águas, de tal modo que, retirando-se o ar, queiras enchê-lo pela boca voltada para o fundo, mais facilmente o cobrirás de água por todas as partes do que uma pequena gota encontrará a entrada pela boca da parte inferior.

CAPÍTULO III

O fogo ocupa lugar mais alto que o ar

6. Quem não percebe que o fogo, cintilando em direção ao alto, quer sobrepujar a natureza do próprio ar? Pois, se alguém, por acaso, segurar um facho aceso com a parte de cima voltada para baixo, não obstante a cabeleira da chama se dirigirá para cima. Mas porque o fogo se apaga em seguida à pressão mais forte do ar que está acima e ao redor, e imediatamente se muda e se volta para a sua natureza vencido pela abundância do mesmo ar, por isso não tem força para perdurar e ultrapassar toda a sua altura. Por isso se diz que o fogo puro sobre o ar puro é o céu, de onde os astros assim como os luzeiros criados lançam-se nas formas de luz ígnea, que agora vemos no céu, com sua natureza

ordenada e em forma de globos. E por isso assim como o ar e a água cedem aos pesos das terras, para que cheguem à terra, assim o próprio ar cede ao peso das águas para chegar à terra ou à água. Disso eles querem deduzir que desse modo seria necessário que o ar também caísse por seu peso, se alguém pudesse lançar alguma partícula dele para os espaços mais altos do céu, até chegar aos espaços aéreos de baixo. Por isso inferem que muito menos pode haver lugar para as águas sobre aquele céu ígneo, se o ar, muito mais leve que a água, não pode ali permanecer.

CAPÍTULO IV

Opinião de alguém sobre o céu aéreo

7. Deixando de lado essas discussões, alguém com todo louvor procurou demonstrar a existência de águas sobre os céus com a finalidade de sustentar a veracidade da Escritura por meio destas naturezas visíveis e perceptíveis. E a primeira afirmação, a qual foi fácilmo expressar, mostra que também este ar se denomina céu, não só na linguagem comum, de acordo com a qual dizemos que o céu está sereno ou nublado, mas também pelo costume das nossas próprias Escrituras, nas quais se diz: as aves do céu⁵, sendo claro que as aves voam neste ar. E o Senhor, quando falava das nuvens, disse: O aspecto do céu sabeis interpretar⁶. No entanto, muitas vezes observamos que as nuvens se formam no ar que está próximo da terra, quando de tal modo se inclinam para as encostas dos montes que frequentemente são superadas pelos cumes dos montes. Depois de provar que este ar se denomina céu, ele quis opinar que não há nenhum motivo para denominá-lo também firmamento, senão porque divide seu espaço entre alguns vapores de água e estas águas que flutuam na terra com mais volume. Pois as nuvens, como o comprovaram pela experiência aqueles que andaram entre elas nos montes, adquirem tal forma mediante a reunião e ajuntamento de pequeninas gotas, as quais, se se condensam a ponto de muitas pequenas gotas se reunirem em uma grande, de modo que o ar não as sustente, caem para o solo por seu peso, constituindo assim, a chuva. Portanto, da observação sobre o ar, que está entre os vapores úmidos, dos quais em cima se formam as nuvens e os mares em baixo, ele quis mostrar que há um céu entre água e água. Considero este estudo e observação muito dignos de louvor. Pois o que ele disse não está contra a fé e pode-se acreditar sem dificuldade, uma vez confirmada a prova.

8. Embora possa parecer que os próprios pesos dos elementos não impedem que as águas possam estar sobre aquele céu superior por meio de pequenas quantidades, pelas quais puderam estar também sobre este espaço de ar, esse, apesar de mais pesado e inferior, está situado sob o céu mais alto e é sem dúvida mais leve que a água, e no entanto, peso algum impede que haja aqueles vapores sobre ele. Portanto, assim também sobre aquele céu pode se estender um vapor de água mais leve que as mais pequenas gotas, o qual não é forçado a cair pelo peso. Pois os mesmos estudiosos comprovam mediante argumentos sublimíssimos que não há nenhum pequeno corpúsculo no qual haja limites para a divisão, mas que tudo pode ser dividido infinitamente, visto que toda parte de um corpo é corpo, e é necessário que todo corpo tenha a metade de sua quantidade. Por isso, se, como vemos, a água pode chegar a tão pequenas gotas que é levada em forma de vapor sobre este ar, o qual é, por natureza, mais leve que a água, por que não pode permanecer sobre aquele céu mais leve em gotas pequeninas e vapores mais leves?

CAPÍTULO V

Encontra-se água também sobre o céu dos astros

9. Alguns dos nossos, fundamentados nas qualidades e movimentos dos astros, esforçam-se por convencer os que negam que as águas podem estar sobre o céu dos astros devido ao peso dos elementos. Com efeito, os mesmos afirmam que a estrela denominada Saturno tem uma temperatura excessivamente fria, e que ela perfaz sua órbita em trinta anos, porque avança na parte superior e, por isso, numa órbita mais ampla. O sol perfaz o mesmo círculo em um ano, e a lua em um mês; perfazem um círculo tanto mais breve, quanto mais baixo, igualando o espaço local com o espaço de tempo. Assim, eles perguntam: o que torna fria aquela estrela que deveria ser tanto mais quente, quanto é levada para um céu mais alto. Sem dúvida, quando uma massa arredondada se movimenta com movimento circular, seu interior anda com mais lentidão, e o exterior, com mais rapidez, a fim de que os espaços maiores coincidam com os menores em suas voltas, que realizam com mais rapidez e, nesse caso, com mais calor. Por isso, a referida estrela deve ser mais quente que fria, porque embora com seu movimento, visto ser grande o espaço, percorra o total de sua órbita em trinta anos faz seu giro mais rapidamente com movimento contrário ao do sol. Este giro é preciso fazer todos os dias (pois, conforme dizem, cada uma das rotações do céu marca cada um dos dias), e assim deve receber maior calor num céu mais movimentado. Sem dúvida, portanto, aquela proximidade das águas localizadas sobre o céu esfria a estrela. Nessa proximidade se recusam a crer aqueles que discutem sobre estas coisas, que mencionei brevemente, a respeito do movimento do céu e dos astros. Alguns dos nossos fazem estas conjeturas contra aqueles que se recusam a crer em águas sobre o céu e afirmam ser fria aquela estrela que circula perto do céu mais alto, a fim de assim obrigá-los a aceitar que a natureza das águas se mantém ali não já pela tenuidade do vapor, mas pela solidez glacial. De qualquer modo e sejam quais forem as águas que ali estejam, não duvidemos de forma alguma que ali estejam. É maior, sem dúvida, a autoridade da Escritura que toda a capacidade da inteligência humana.

CAPÍTULO VI

Nas palavras: “Deus fez” etc. está insinuada a pessoa do Filho de Deus?

10. Alguns consideram, e eu julgo que não se deve deixar de comentar, que, após Deus ter dito, não em vão: “Faça-se um firmamento no meio das águas e haja uma divisão entre as águas das águas”⁷, pareceria pouco acrescentar: E assim se fez, se não se acrescentasse: Deus fez o firmamento, e separou as águas que estão acima do firmamento das águas que estão sob o firmamento⁸. Eles interpretam essas palavras de modo a dizer que está declarada a pessoa do Pai no que está escrito: Deus disse: “Faça-se um firmamento no meio das águas e haja uma divisão entre as águas”: e assim se fez. E depois, para se entender que o Filho fez o que foi dito pelo Pai para se fazer, julgam que foi acrescentado: Deus fez o firmamento, e separou etc.

11. Mas como se lê antes: *E assim se fez*, por quem entendemos ter sido feito? Se pelo Filho, que necessidade havia de dizer: *Deus fez*, e o que vem em seguida? Mas se o que está escrito: *E assim se fez*, entendemos como feito pelo Pai, nesse caso já não é o Pai que diz e o Filho faz, e, portanto, o Pai pode fazer algo sem o Filho para que depois o Filho faça, não isto, mas outra coisa semelhante; o que é contrário à fé católica. Mas se aquilo do qual se diz: *E assim se fez*, isso é feito do mesmo modo que quando se diz: *Deus fez*, o que impede que se entenda que faz o que disse, aquele que disse que se fizesse? Acaso, não considerando o que está escrito: *E assim se fez*, querem que se entenda a pessoa do Pai e do Filho somente nas palavras pelas quais se diz: *Deus disse: “Faça-se”*, e depois se diz: *Deus fez*?

12. Pode-se perguntar ainda se devemos aceitar como se o Pai tivesse mandado o Filho no que está escrito: *Deus disse: “Faça-se”*? Porque a Escritura não cuidou de mostrar também a pessoa do

Espírito Santo? Acaso, se entende a Trindade nas palavras: *Deus disse: “Faça-se”*, *Deus fez*, *Deus viu que era bom?*⁹ Mas não fica bem para a unidade da Trindade que se entenda que o Filho fez como que ordenado, e que o Espírito Santo tenha visto que era bom o que foi feito sem receber ordem alguma. Com que palavras o Pai ordenaria ao Filho que fizesse, sendo ele o Verbo único do Pai, pelo qual tudo foi feito?¹⁰ Acaso pelo fato de estar escrito: *“Faça-se um firmamento”*¹¹, a própria expressão é o Verbo do Pai, o Filho Unigênito, no qual estão todas as coisas que são criadas, mesmo antes de serem criadas, e tudo o que está nele é vida, porque tudo que foi feito por ele, em si mesmo, tem vida, a vida, sem dúvida, criadora, e debaixo dele está a criatura? De um modo, está nele o que por ele foi feito, porque ele o governa e mantém; de outro modo, está nele o que é ele. Pois ele é a vida, a qual está nele de tal modo, que é ele próprio, porque ele é a vida, luz dos homens¹². Portanto, porque nada podia ser criado, seja antes dos tempos, o que não é certamente coeterno ao Criador, seja no princípio dos tempos, seja em algum tempo, cuja razão de criar, se se pode dizer razão, a vida coeterna não viveria no Verbo de Deus coeterno ao Pai. Por isso, a Escritura, antes de insinuar cada uma das criaturas, pela ordem em que diz que foi criada, considera o Verbo de Deus, afirmando primeiramente: *Disse Deus: “Faça-se”* tal coisa. Pois não encontra uma causa para que uma coisa deva ser criada, senão porque se encontra no Verbo de Deus como devendo ser criada.

13. Portanto, Deus não disse tantas vezes: “Faça-se esta criatura, faça-se aquela”, quantas se repete neste Livro: *Deus disse*. Com efeito, ele gerou um único Verbo, no qual disse todas as coisas, antes de fazer cada uma delas. Mas a linguagem da Escritura descendo à capacidade dos pequenos, ao insinuar uma por uma as espécies das criaturas, olha a razão eterna de cada espécie no Verbo de Deus, criatura por criatura; pelo fato de repetir, não quer dizer que ele torna a dizer: *Deus disse*. Se, antes, tivesse desejado dizer: “Foi feito o firmamento no meio das águas para haver separação entre água e água”¹³, se alguém lhe perguntasse, como foi feito, responderia retamente: *Deus disse: “Faça-se”*, ou seja, estava no Verbo eterno de Deus para ser feito. Logo depois começa a narrar cada uma das coisas feitas. A mesma resposta, depois da narrativa de cada uma das coisas feitas, dever-se-ia dar, apresentando a razão, ao que perguntasse como foi feito.

14. Portanto, quando ouvimos: *Deus disse: “Faça-se”*, entendemos que estava no Verbo de Deus que se fizesse. Mas quando ouvimos: *E assim se fez*, entendemos que a criatura feita não excedeu os limites prescritos de sua espécie no Verbo de Deus. Mas quando ouvimos: *Deus viu que era bom*, entendemos que lhe agradou a obra na bondade de seu Espírito, não como conhecida e depois realizada, mas agradou na mesma bondade para que permanecesse o que foi feito, tal como fora de seu agrado que fosse criada.

CAPÍTULO VII

Sobre o mesmo assunto

15. E, por isso, ainda permanece o motivo para se indagar, por que depois de ter dito: *E assim se fez*, palavras em que aparece indicada a realização da obra, acrescentou: *Deus fez*, se, pelo fato de ter dito: *Deus disse: “Faça-se isto”*, *E assim se fez*, já se entende que Deus o disse em seu Verbo e foi feito pelo seu Verbo, e aí pode aparecer não apenas a pessoa do Pai, mas do Filho. Pois se há repetição para mostrar a pessoa do Filho e se diz: *Deus fez*, acaso não reuniu a água pelo Filho no terceiro dia para aparecer a terra, porque ali não se diz: “Deus fez reunir a água, ou Deus reuniu a água”? Contudo, também ali, depois de ter dito: *E assim se fez*, repetiu, dizendo: *E reuniu a água que está sob o céu*¹⁴. Acaso a luz não foi feita pelo Filho, uma vez que de forma alguma repetiu? Pôde, sem dúvida, dizer

assim na ocasião: “Deus disse, ‘Faça-se a luz’, e assim se fez: Deus fez a luz, e viu que era boa”, ou certamente do mesmo modo que na reunião das águas, de maneira que não dissesse: “Deus fez”, mas somente repetisse: “Deus disse: “Faça-se a luz” e assim se fez¹⁵; e foi criada a luz; e Deus viu a luz, que era boa.” Mas de forma alguma repetindo, depois que escreveu: Deus disse: “Faça-se a luz”, nada mais introduziu a não ser: E foi feita a luz; e em seguida narrou sem repetição sobre a bondade da luz e sua separação das trevas e a denominação de ambas.

CAPÍTULO VIII

Razão por não ter acrescentado: “Deus fez”, após a criação da luz

16. O que quer dizer aquela repetição nas demais obras? Acaso se demonstra por aquele modo de falar no primeiro dia, em que a luz foi criada, que se declarava pela denominação da luz a criação da criatura espiritual e intelectual, entre as quais estão compreendidos todos os santos anjos e as virtudes, e, por isso, não repetiu o que foi feito depois que disse: Foi feita a luz, visto que a criatura racional não conheceu em primeiro lugar sua constituição e depois foi formada, mas a conheceu em sua própria conformação, ou seja, na iluminação da verdade, para a qual, uma vez convertida, foi formada? Mas as demais coisas, que são inferiores, de tal modo são criadas, que primeiramente sejam criadas no conhecimento da criatura racional e, em seguida, em sua espécie? Por isso, a natureza da luz está primeiramente no Verbo de Deus segundo a razão pela qual foi criada, ou seja, na Sabedoria coeterna ao Pai; e, em seguida, na própria condição da luz segundo sua natureza, a qual foi criada. Lá não foi feita, mas gerada; aqui foi feita, porque foi formada da informidade. Por isso, Deus disse: “Faça-se a luz” e foi feita a luz¹⁶, para que o que estava lá no Verbo, aqui estivesse na obra. A natureza do céu estava primeiramente no Verbo de Deus segundo a Sabedoria gerada; depois, foi feita na criatura espiritual, ou seja, no conhecimento dos anjos segundo a sabedoria criada neles; em seguida, foi feito o céu, para que existisse a própria criatura do céu em sua espécie própria. Assim também foi feita a separação das águas e das terras, assim a natureza das árvores e das ervas, assim os luzeiros do céu, assim os animais nascidos das águas e da terra.

17. Os anjos não veem estas coisas sensíveis apenas com o sentido do corpo, como os animais. Mas se se utilizam de algum sentido, reconhecem antes as coisas que conheceram melhor interiormente no próprio Verbo de Deus, pelo qual são iluminados para viverem sabiamente, visto estar neles a luz que foi feita em primeiro lugar. Isso, no caso de entendermos que a luz espiritual foi criada nesse dia. Assim como a razão pela qual se cria uma criatura está primeiro no Verbo de Deus que na própria criatura que é criada, assim também o conhecimento da mesma razão acontece antes na criatura intelectual, que não está coberta de trevas pelo pecado, e depois acontece a criação própria da criatura. Não é como nós que os anjos progridem na percepção da sabedoria, de modo a perceberem e entenderem a realidade invisível de Deus mediante as coisas criadas¹⁷. Desde o momento em que foram criados, gozam da eternidade santa e da piedosa contemplação do Verbo; e, por isso, desprezando as coisas criadas, de acordo com o que veem no interior, aprovam as coisas bem feitas ou reprovam os pecados.

18. Nem deve causar admiração que, a seus santos anjos formados na primeira criação da luz, Deus mostrasse antes o que haveria de criar depois. Também não conheceriam o pensamento de Deus, a não ser na proporção em que ele o mostrasse. Pois, quem conheceu o pensamento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem por primeiro lhe fez o dom de maneira a ser retribuído? Porque é dele, por ele e nele que estão todas as coisas¹⁸. Os anjos, portanto, aprendem dele quando neles se efetua o

conhecimento da criatura a ser feita, a qual depois se fará em sua espécie.

19. Por conseguinte, criada já a luz, na qual entendemos ter sido formada a criatura racional mediante a luz eterna; quando ouvimos a respeito das demais coisas a serem criadas: *Deus disse: “Faça-se”*, devemos entender que a intenção da Escritura se volta para a eternidade do Verbo de Deus. Mas quando ouvimos: *E assim se fez*, devemos entender que na criatura racional se dá o conhecimento da razão, a que está no Verbo de Deus, da criatura a ser feita, de modo que seja feita antes, de certo modo, naquela natureza, a que por um certo movimento anterior conheceu no próprio Verbo de Deus, que devia ser criada. Por último, quando ouvimos que se repete e se diz que *Deus fez*, já entendamos que a criatura foi criada em sua espécie. Além disso, quando ouvimos: *Deus viu que era bom*, entendamos que agradou à bondade de Deus o que foi feito, para que, de acordo com a sua espécie, permanecesse o que agradou que se fizesse, quando o *Espírito de Deus pairava sobre as águas*¹⁹.

CAPÍTULO IX

A figura do céu

20. Costuma-se perguntar também o que se deve crer sobre a forma e a figura do céu de acordo com nossas Escrituras. Muitos discutem muito sobre este assunto que nossos autores omitiram levados por grande prudência, visto não serem de proveito em ordem à vida bem-aventurada para os que as aprendem. E, empregam, o que é pior, tempos preciosos nesta tarefa, que deveriam ser ocupados em coisas salutares. O que me importa, se o céu, como uma esfera, encerra a terra equilibrada no meio da massa do mundo, ou se ele a cobre por uma parte superior como um disco? Mas porque se trata da autoridade das Escrituras, por aquele motivo que mencionei não uma vez, ou seja, para que alguém que não entende as palavras divinas, quando a respeito destas coisas encontrar algo semelhante nos nossos Livros ou deles ouvir que pareça estar contra as razões percebidas por ele, de forma alguma acredite naqueles que avisam ou contam ou afirmam que se trata de coisas úteis. É preciso dizer-lhes em poucas palavras o que nossos autores conheceram sobre a figura do céu e que está de acordo com a verdade, e que o Espírito de Deus, que falava por eles, não quis ensinar aos homens estas coisas de nenhum proveito para a salvação.

21. “Mas, diz alguém, como não é contrário àqueles que atribuem ao céu a figura de uma esfera, o que está escrito em nossos Livros: *Estendendo o céu como uma pele?*”²⁰. Certamente será contrário, se é falso o que eles dizem, pois é verdadeiro o que diz a autoridade divina, mais do que aquilo que a fragilidade humana conjectura. Mas, se eles puderem provar o que dizem com tais documentos que não deixem dúvidas, devemos nós demonstrar-lhes que o que está escrito a respeito da pele não é contrário às suas verdadeiras razões; pelo contrário, seria oposta a outra passagem de nossas Escrituras, na qual, diz-se que o céu está suspenso como uma abóbada²¹. Pois o que há de mais contrário e diferente que a extensão plana da pele e a convexidade de uma abóbada? Se é necessário, como de fato o é, que se encontre como entender essas duas coisas de tal modo que concordem entre si e não sejam contrárias uma a outra, também é necessário que uma e outra não se oponham àquelas discussões, se talvez certa razão as declarar verdadeiras, em virtude das quais se ensine que o céu é convexo por todas as partes pela figura da esfera. Isso se alguém puder provar.

22. Certamente, a semelhança de uma abóbada, defendida pelos nossos, mesmo considerada literalmente, não se opõe àqueles que dizem ser esfera. Pois, pode-se muito bem acreditar que a Escritura quis falar da figura do céu, considerando a parte que está sobre nós. Portanto, se não é esfera, é abóbada de uma parte, da parte em que o céu cobre a terra. Mas se é esfera, é abóbada por todas as

partes. Mas o que foi dito sobre a pele é assunto grave, visto ser contrário à nossa abóbada, não à esfera, o que talvez seja uma ficção humana. O livro décimo terceiro de nossas *Confissões* registra o que pensei sobre o sentido alegórico desta passagem²². Portanto, seja do modo como ali expliquei, seja que se há de entender o céu de um outro modo, como uma pele estendida, devido aos impertinentes e detalhistas examinadores da exposição literal, digo isto que julgo ser claro a todos os sentidos. Talvez se possa interpretar figurativamente tanto como pele ou como abóbada; mas é preciso ver se se pode interpretar um e outro em sentido literal. Com efeito, pode-se dizer retamente que a abóbada não é somente curva, mas também plana, também a pele se pode dizer que não somente se estende plana, mas também em bojo redondo, pois tanto o odre como a bexiga são peles.

CAPÍTULO X

O movimento do céu

23. Também sobre o movimento do céu, alguns irmãos perguntam: se está parado ou se se move. “Pois, se está em movimento, dizem, como pode ser firmamento? Mas, se está parado, como os astros, que se consideram fixos nele, giram do oriente ao ocidente, realizando os setentrionais giros mais curtos junto ao pólo? Assim, se há um outro pólo do outro vértice que nos é oculto, parece como uma esfera? Mas se não há um outro pólo, parece girar como um disco?” Responder-lhes-ei que este assunto deve ser investigado com raciocínios mais sutis e exaustivos para se chegar a conhecer se é ou não é assim. Para iniciá-los e tratá-los, já não disponho de tempo, nem devem tê-lo aqueles que desejamos instruir para a sua salvação e a imprescindível utilidade da Santa Igreja. Tenham eles em conta que não pensemos que o nome de firmamento obriga a considerar parado o céu (pois é lícito entender que o firmamento foi assim chamado não devido à posição estática, mas considerando sua firmeza, ou o término intransponível das águas superiores e inferiores), e se a verdade convencer que o céu está parado, os giros dos astros não podem nos impedir de entender isso. E foi descoberto por aqueles que investigaram sobre isso com curiosidade e ociosidade, que, se o céu não se move, ao girar somente os astros, foi possível se fazer todas as coisas que foram percebidas e compreendidas nas evoluções dos astros.

CAPÍTULO XI

Explicação sobre a informidade da terra

24. Deus disse: “Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e que apareça a árida”, e assim se fez; e reuniram-se as águas que estavam sob o céu em uma só massa e apareceu a árida. Deus chamou à árida “terra” e à massa das águas “mares”, e Deus viu que era bom²³. Já tratamos sobejamente desta obra de Deus em nosso primeiro volume, pela necessidade de investigar outro assunto²⁴. Aqui, advertiremos em poucas palavras que aquele que talvez não tenha a preocupação de indagar quando foi criada a forma das águas e das terras aceite que não foi criada neste dia; apenas foi feita a separação destes dois elementos inferiores. Mas aquele que se preocupa em indagar por que a luz e o céu foram criados em determinados dias, a água e a terra foram criados fora dos dias ou antes de todos os dias; e por que foram criadas pela palavra de Deus, quando Deus disse: “Faça-se”, e por que Deus disse que houvesse a separação, não porém que fossem criadas, dispõe de como entender, salva a fé. Isto é, o que foi dito antes da enumeração dos dias que A terra estava vazia e vaga²⁵, depois de a Escritura mencionar que Deus fizera a terra de alguma maneira, pois dissera anteriormente: No princípio, Deus fez o céu e a terra²⁶, nada mais quis insinuar do que a informidade da matéria corporal, escolhendo para denominá-la palavras mais usuais que obscuras. Contudo, se um

entendimento tardio não percebe porque a Escritura separa com palavras a matéria e a forma, procure separar estas duas coisas no tempo, como se primeiro estivesse a matéria, para depois, decorrido um intervalo de tempo, fosse-lhe acrescentada a forma, embora Deus tenha criado as duas coisas ao mesmo tempo e determinado a matéria e a forma, sobre cuja informidade, como eu disse, a Escritura falara antes com os termos usuais de terra ou de água. Ainda que a terra e a água tenham sua existência com as qualidades que vemos, eles estão mais próximas da informidade devido à sua fácil corrupção que os demais corpos celestes. Porque na enumeração dos dias já é mencionada cada coisa formada da matéria informe, porque já narrara que o céu foi feito desta matéria corporal, cuja forma dista muito da terrena, e porque restava ainda o que deveria ser formado daquela matéria ínfima, não quis inserir a ordem das coisas criadas nestas palavras, de modo que se dissesse: “Faça-se”. Assim, o que restava não haveria de receber, por ser informe, a forma que o céu recebera, mas uma inferior e mais fraca e próxima da informidade. De modo que essas palavras: “Que as águas se reúnam, e apareça a árida”²⁷, indicariam que estas duas receberiam estas formas próprias conhecidíssimas e maleáveis para nós, a água móvel e a terra imóvel. Por isso, foi dito a respeito daquela: “Reúnam-se”, mas a respeito desta foi dito: “Apareça”; pois a água é fluida e corre, enquanto a terra é permanentemente fixa.

CAPÍTULO XII

A criação das ervas e das árvores — Por que se disse em separado: “E assim se fez?”

25. Deus disse: “Que a terra germine ervas de alimento, que deem sementes segundo sua espécie e semelhança, e árvores frutíferas que deem frutos sobre a terra, contendo sementes segundo sua semelhança”. E assim se fez. A terra produziu ervas de alimento: contendo sementes segundo sua espécie e semelhança, e árvores frutíferas sobre a terra contendo sementes segundo sua espécie. E Deus viu que era bom. Houve uma tarde e uma manhã: terceiro dia²⁸. É preciso observar aqui o procedimento do Ordenador, porque estas criaturas, ervas e árvores, sendo diferentes da forma das terras e das águas, de modo a não se poder mencioná-las entre aqueles elementos, foi dito separadamente a respeito delas que saíssem da terra e separadamente se dirige a elas para dizer-lhes as palavras de sempre: E assim se fez, e em seguida repetindo que se fez, também separadamente se indica que Deus viu que era bom. No entanto, porque permaneceriam fixas a suas raízes e se uniriam à terra, quis que estas coisas pertencessem ao mesmo dia.

CAPÍTULO XIII

Por que os luzeiros foram criados no quarto dia?

26. Deus disse: “Façam-se luzeiros no firmamento do céu que iluminem a terra no início do dia e da noite, para separar o dia e a noite: que eles sejam sinais tanto para os tempos quanto para os dias e os anos; que sirvam de esplendor no firmamento do céu e iluminem a terra”. E assim se fez. Deus fez dois grandes luzeiros: o luzeiro maior para iniciar o dia e o luzeiro menor para iniciar a noite, e as estrelas. Deus os pôs no firmamento do céu para iluminarem a terra, para iniciarem o dia e a noite, para separarem a luz e as trevas, e Deus viu que isso era bom. E houve uma tarde e um manhã: quarto dia²⁹. Neste quarto dia se há de perguntar o que significa essa ordenação, visto que primeiramente ou se fazem ou se separam a água e a terra, e que a terra germine antes que se criassem os astros no céu. Não podemos dizer que foram escolhidas as coisas melhores, pelas quais de tal modo se distinguiria a série dos dias que o fim e o meio se destacassem como mais belos. Com efeito, entre sete dias o quarto é o do meio. Ademais, acontece o fato de não ter sido feita criatura alguma no sétimo dia.

Acaso a luz do primeiro dia corresponde mais ao descanso do sétimo dia, de modo que essa ordem se entrelaça unindo os extremos, destacando-se no meio os luzeiros do céu? Mas se o primeiro dia se une ao sétimo, o segundo deve ser unido ao sexto. Mas em que se assemelha o firmamento do céu com o homem feito à imagem de Deus? Acaso porque o céu ocupa toda a parte superior do mundo, e ao homem foi atribuído o domínio sobre toda a parte inferior? Mas o que dizemos sobre os animais e feras que a terra produziu no mesmo sexto dia segundo sua espécie? Que comparação pode haver entre eles e o céu?

27. Ou, antes, porque a formação da criatura espiritual se entende como feita em primeiro lugar com o nome de luz, seria consequente que também se fizesse a criatura corporal, ou seja, este mundo visível que foi feito em dois dias devido às suas duas principais partes de que consta o universo, isto é, do céu e da terra, conforme a comparação da razão, pela qual toda criatura espiritual e corporal é denominada muitas vezes céu e terra? E assim seja atribuído à parte terrena, este globo de ar mais turbulento, uma vez que se avoluma com os vapores úmidos? E, pelo contrário, pertença à parte celeste, se há algo de ar sereno, onde os movimentos dos ventos e das tempestades não existem? Depois de ser fabricado este universo de massa corpórea, que está todo em um só lugar, em que o mundo foi posto, seria consequente que se enchesse o universo interiormente com partes que fossem levadas de um lugar para outro mediante movimentos adequados? As ervas e as árvores não são desta espécie. Com efeito, elas são fixas à terra pelas raízes, e, embora tenham os movimentos de seu crescimento, no entanto, não se movem de seus lugares próprios por seus próprios esforços. Mas onde foram fixadas, ali se alimentam e crescem. Por isso, pertencem mais à terra do que à espécie de coisas que se movem nas águas e nas terras. Portanto, já que para a constituição do mundo visível, ou seja, do céu e da terra, foram atribuídos dois dias, resta que a estas partes móveis e visíveis, que são criadas dentro dele, destinem-se os demais três dias. E porque, assim como o céu foi feito antes, assim devia ser adornado em suas partes em primeiro lugar; no quarto dia são feitos os astros, os quais, brilhando sobre a terra, iluminavam também a habitação inferior, para que seus moradores não fossem alojados numa habitação tenebrosa. E por isso, porque os débeis corpos dos habitantes inferiores se renovam com o descanso que vem depois dos movimentos, fez-se com que, girando o sol, pela alternativa do dia e da noite, pudessem fruir da alternativa do sono e da vigília, mas para que a noite não permanecesse sem adorno, foi criada a luz da lua e das estrelas, a fim de que aliviasse os homens, para os quais existe muitas vezes a necessidade também noturna de trabalhar, e amenizasse suficientemente alguns animais que não podem suportar a luz solar.

CAPÍTULO XIV

Os luzeiros servem de sinais para os tempos, dias e anos

28. O que foi dito: “Que eles sejam sinais, tanto para os tempos quanto para os dias e os anos”³⁰, quem não percebe quão obscuramente foi afirmado que no quarto dia começaram os tempos, como se pudesse passar sem o tempo os três dias anteriores? Quem é capaz de compreender como aqueles três dias passaram, antes que comessem os tempos que, conforme foi dito, começam no quarto dia, ou se aqueles dias passaram com certeza? Acaso se chamou dia à forma das coisas criadas, e noite, à privação, de modo que, não estando ainda formada a espécie, a matéria foi denominada noite, da qual deviam ser formadas as demais coisas? Igualmente, como se pode entender a infirmitude da matéria nas coisas formadas pela própria mutabilidade, uma vez que não se pode discernir pelos espaços de lugares, como se fosse mais distante, ou de tempos, como se fosse anterior? Ou, antes, denominou-se noite à própria mutabilidade na mesma coisa feita e formada, isto é, à possibilidade, por assim dizer,

de vir a perecer, pois é inerente às coisas feitas essa possibilidade de poder sofrer mudança, embora não a sofram? Mas, a tarde e a manhã não se devem interpretar como se fossem passagem e chegada do tempo, mas um certo término, pelo qual se entende até onde chega o modo próprio de uma natureza, e de onde começa, em seguida, uma outra natureza? Ou há alguma outra razão para estas palavras que se deva investigar com mais cuidado?

29. Quem penetrará facilmente em tão grande segredo, e a que sinais se refere quando diz a respeito dos astros: “*Que eles sejam sinais?*”³¹ Pois não se refere àqueles que são sinais de vaidade observá-los, mas sinais certamente úteis e necessários para uso da vida, os quais ou são observados pelos marinheiros para conduzir as naves, ou por todos os homens para prever a qualidade do ar no verão e no inverno, no outono e na primavera. E chama tempos a estes que os astros perfazem, não os espaços de tempos, mas as alternativas das variações deste céu. Pois, se algum movimento corporal ou espiritual precedeu à criação destes luzeiros, de modo que algo passasse de uma futura expectativa por meio do presente para o passado, não podia ter lugar sem o tempo. E quem demonstrará que isso teve lugar sendo a partir do nascimento dos astros? Mas horas, dias e anos determinados como nós os conhecemos não seriam feitos senão pelo movimento dos astros. Assim, se entendermos deste modo os tempos, os dias e os anos, como divisões que marcamos pelos relógios, ou bem conhecidas no céu, quando o sol se levanta do oriente para a altura do meridiano e, em seguida, movimenta-se de novo para o ocidente, para depois se poder observar que surge ou a lua ou algum astro procedente do oriente imediatamente depois do ocaso do sol, o qual quando chegar à altura média do céu, indique a meia noite, para então decair com a volta do sol e se fazer manhã. Se assim entendermos os tempos, dias e anos, ninguém duvidará que isso acontece devido aos astros e aos luzeiros. É também por causa dos astros e dos luzeiros que computamos os dias íntegros pelos giros do sol a partir do oriente para o ocidente; mas os anos ou os giros costumeiros do sol os computamos não quando os faz todos os dias a partir do oriente, mas quando volta às mesmas posições dos astros, o que não acontece senão transcorridos trezentos e sessenta e cinco dias e seis horas, ou seja, uma quarta parte de um dia, para em seguida voltar ao mesmo circuito. Esta quarta parte multiplicada por quatro obriga a que se interponha um dia, o qual os romanos denominam bissexto; e também computamos assim os chamados anos maiores e mais ocultos, pois, após os astros terem percorrido suas órbitas, diz-se que acontecem anos maiores. Tudo isso está de tal modo afirmado que se fica na incerteza se diz respeito a todos os astros as palavras: *Que eles sejam sinais, tanto para os tempos, quanto para os dias e anos*; ou se os sinais e tempos são atribuídos aos astros, mas os dias e os anos, somente ao sol.

CAPÍTULO XV

A criação da lua

30. Muitos investigam com loquacidade em que estado a lua foi criada. Oxalá falem buscando, e não pretendendo ensinar! Pois dizem que foi criada na fase de cheia, visto que não era honroso para Deus criar algo imperfeito com respeito aos astros naquele dia no qual está escrito que foram feitos os astros. Mas, os que não aceitam esta opinião dizem: “Dever-se-ia dizer a primeira lua, não a décima quarta; quem começa a enumerar desse modo?” Eu, porém, fico no meio entre esses, de modo a não afirmar nenhuma das duas coisas; mas direi simplesmente que Deus fez perfeita a lua, seja a primeira, seja a cheia. Pois Deus é o autor e criador das naturezas. Todas as coisas que de qualquer modo se desenvolvem e melhoram mediante um processo natural no decorrer dos tempos adequados, também continham antes algo oculto, se não pela forma ou massa de seu corpo, mas pela potência e razão da natureza. A não ser que, talvez, se diga que uma árvore que está despojada de seus frutos e folhas no

inverno há de chamar-se imperfeita; ou que no seu começo, quando ainda não tinha produzido frutos, aquela natureza era imperfeita. Isso se poderia dizer não somente a respeito da árvore, mas também e com razão a respeito da própria semente, onde estão ocultas todas as coisas que de certo modo se desenvolvem com procedimentos invisíveis. Ainda que se dissesse que Deus fez algo imperfeito, o que depois aperfeiçoaria, o que seria digno de crítica nesta opinião? Com efeito, causaria desagrado com razão, se o que foi começado por ele, se dissesse que foi aperfeiçoado por um outro.

31. Aqueles que não questionam a respeito da terra, que Deus criou, quando no princípio Deus fez o céu e a terra, porque era invisível e informe e depois, no terceiro dia, ficou iluminada e formada; por que levantam uma questão cheia de trevas a respeito da lua? Ou se o que foi falado a respeito da terra, entendem como dito não em intervalos de tempo, visto que Deus criou ao mesmo tempo a matéria com as coisas, mas em ordem à distribuição da narrativa, porque nisto, que podem enxergar mesmo com os olhos, não percebem que a lua tem um corpo inteiro e que brilha perfeita em toda sua rotundidade, mesmo com sua luz em forma de chifre, seja começando a brilhar nas terras, seja deixando de o fazer? Portanto, se a luz nela cresce ou se aperfeiçoa ou diminui, o que se modifica não é o próprio luzeiro, mas o que a ilumina; mas, se sempre brilha numa parte de sua esfera, parece crescer quando volta para a terra essa parte, até que se volte totalmente, o que acontece da primeira até à décima quarta. Ela está sempre cheia, mas nem sempre aparece assim aos habitantes da terra. A explicação é a mesma, ou seja, se é iluminada pelos raios do sol. Pois não pode acontecer assim, quando está próxima do sol, a não ser que apareça com os chifres brilhantes, porque a outra parte, que é iluminada integralmente para o mundo, não está voltada para as terras para poder ser vista, a não ser quando está do lado oposto ao sol e possa assim aparecer totalmente nas terras porque é iluminada por ele.

32. Não faltam também os que dizem não pensarem que a lua foi primeiramente feita na sua décima quarta fase porque assim se deve crer; mas porque nas Escrituras as palavras de Deus estão assim: *lua feita para iniciar a noite*³². Quando ela está cheia, então é vista no começo da noite, mas em outras horas e durante o dia começa a ser vista antes de estar cheia, e conforme avança a noite, tanto mais diminui quanto maior é este avanço. Mas aquele que não entende por início da noite senão o seu princípio, (pois a palavra grega *archen* o indica claramente, e nos salmos foi escrito mais claramente: *O sol para governar o dia; a lua e as estrelas para governarem a noite*³³, não é obrigado a contar da décima quarta e a acreditar que a lua que foi criada não é a primeira lua.

CAPÍTULO XVI

Os astros brilham com a mesma intensidade?

33. Costuma-se perguntar também se estes brilhantes luzeiros do céu, ou seja, o sol, a lua e as estrelas brilham com a mesma intensidade. Mas, porque estão longe da terra com distâncias diferentes, por isso aparecem a nossos olhos com mais ou menos claridade. Os que dizem estas coisas não duvidam que a lua certamente brilha menos que o sol, pelo qual é também iluminada. Mas, ousam dizer que há muitas estrelas ou iguais ao sol ou mesmo maiores, que são vistas como pequenas, visto estarem colocadas mais longe. E para nós pode talvez ser suficiente que os astros tenham sido criados pelo artífice Deus, de qualquer modo que sejam estas coisas. Entretanto, tenhamos em conta o que foi dito pela autoridade apostólica: Um é o brilho do sol, outro o brilho da lua, e outro o brilho das estrelas. E uma estrela difere da outra em brilho³⁴. Mas porque podem dizer ainda, mesmo sem contradizer o Apóstolo: “Diferem realmente no brilho, mas aos olhos dos terrenos; ou porque o Apóstolo dizia isso

pela semelhança com os que vão ressuscitar, os quais não aparecerão aos olhos de uma maneira e serão em si de outra. Os astros diferem certamente em si mesmos em brilho, contudo nenhum deles é maior que o sol”. Tenham eles em conta quão grande primazia atribuem ao sol, que chegam a dizer que o sol retém com seus raios a algumas estrelas e até as que são principais, levando-as a se desviarem de sua órbita. Com efeito não é provável que as maiores, ou mesmo as iguais, possam ser superadas pelo poder de seus raios. Se, por outro lado, afirmam que as estrelas superiores das constelações ou as do setentrião são maiores, as quais nada disso sofrem da parte do sol, por que veneram sobremaneira a estas que giram ao redor das constelações? Por que as apresentam como senhoras das constelações? Pois, se algum deles sustenta que aqueles retrocessos das estrelas, ou talvez demoras, não são causadas pelo sol, mas por outras forças mais ocultas, bem claro está que esses, em seus delírios, pelos quais se suspeita que a força do destino os desvie da verdade, atribuem ao sol um poder especial baseados em seus livros.

34. Digam o que quiserem sobre o céu os que estão afastados do Pai que está nos céus. Mas a nós, nem é vantajoso nem convém investigar com sutilezas distâncias e grandezas dos astros, e sim empregar o tempo necessário a esta investigação em coisas mais sérias e melhores. E preferimos acreditar que são maiores que os outros os luzeiros que a sagrada Escritura menciona assim: *Deus fez os dois luzeiros grandes*³⁵, os quais, no entanto, não são iguais, porque em seguida diz ao antepô-los aos demais, que diferem entre si: *Disse, pois: O luzeiro maior para iniciar o dia e o luzeiro menor para iniciar a noite*³⁶. Certamente eles concederão isso a nossos olhos, ou seja, que é manifesto que estes astros brilham sobre a terra mais que os outros, e que o dia não amanhece senão pela luz do sol, e que, mesmo aparecendo tantas estrelas, se falta a lua, a noite não é tão clara como quando é iluminada pela sua presença.

CAPÍTULO XVII

Os astrólogos

35. Rejeitamos totalmente da pureza de nossa fé quaisquer sutilezas a respeito dos destinos das estrelas e as experiências baseadas em ensinamentos da matemática, que eles denominam apotelesmata. Pretendem afastar-nos com tais discursos da oração, e com ímpia perversidade em suas más obras, que com toda razão são censuradas, incitam a acusar a Deus, autor dos astros, em vez de acusar o homem criminoso. Mas, que nossas almas não são uma natureza submetida aos corpos, nem mesmo aos celestes, ouçam seus próprios filósofos. Que aqueles corpos superiores não são mais poderosos que os corpos terrenos para aquelas coisas de que eles falam, saibam de uma vez que, quando muitos corpos de diversas espécies, ou de animais, ou de ervas e arbustos são semeados ao mesmo tempo, nascem ao mesmo tempo inumeráveis coisas, não só em diferentes, mas também, nos mesmos lugares das terras. São tantas as diferenças no seu desenvolvimento, em suas ações e em seus percalços que verdadeiramente esses, como se diz, perderiam sua estrela, se isso observarem.

36. O que há de mais imbecil e mais insensato do que, quando são convencidos por estas coisas, dizer que a fatalidade das estrelas somente atinge os homens para os submeter? Mas, com respeito aos homens, também são confundidos pelo que diz respeito aos gêmeos, os quais têm, na maior parte das vezes, as mesmas constelações, diferentes modos de vida, diferentes graus de felicidade ou infelicidade, diferentes tempos de morrer. Pois, embora houvesse alguma diferença de tempo em que foram dados à luz, em alguns, contudo, o tempo intermediário é tal que não possa ser computado por eles. Ao nascerem, percebeu-se que a mão de Jacó, que vinha depois, segurava o pé do irmão que

precedia de tal modo que ao nascerem parecia estar nascendo uma criança mais comprida duplicada³⁷. Certamente as constelações de ambos, às quais eles apelam, não podiam ser de forma alguma desiguais. Que coisa mais frívola que, observando aquelas constelações que indicam o mesmo horóscopo, a mesma lua, o astrólogo dissesse que um deles seria amado pelo mãe e o outro não amado? Pois, se dissesse outra coisa, proferiria sem dúvida uma falsidade; mas se dissesse isso, diria certamente a verdade, mas não de acordo com as absurdas historinhas de seus livros. Por que, se não querem crer nesta história porque é narrada pelos nossos Livros, podem destruir a natureza das coisas? Como dizem que não se enganam absolutamente, se descobrirem o momento da concepção, pelo menos, como homens, não desdenhem considerar a concepção dos gêmeos.

37. E por isso é preciso confessar que, quando eles dizem a verdade, dizem-no por um certo instinto muito oculto que as mentes humanas conservam sem o saberem. E quando isso se faz para enganar os homens, é obra dos espíritos sedutores, aos quais é permitido conhecer algumas coisas verdadeiras a respeito das coisas temporais, em parte pela agudeza do sentido mais sutil, porque são dotados de corpos mais sutis; em parte, pela experiência mais sagaz devido à sua longevidade, em parte, devido aos santos Anjos, que aprendem do Deus onipotente e revelam a eles por ordem daquele que distribui os méritos humanos com a retidão da mais oculta justiça. Mas algumas vezes os mesmos nefandos espíritos anunciam, como que adivinhando, o que eles hão de fazer. Por isso, o bom cristão deve se prevenir dos astrólogos e de qualquer ímpio adivinho, principalmente quando dizem coisas verdadeiras, a fim de que não enredem a alma enganada pela comunicação com os demônios em algum pacto societário.

CAPÍTULO XVIII

Dificuldades a respeito dos astros

38. Costuma-se também perguntar se os luzeiros do céu são apenas esses corpos brilhantes, ou se contam com alguns espíritos como seus governadores, e no caso de contarem com eles, se são animados por eles quanto à vida, como a carne o é pelas almas dos animais, ou unicamente contam com sua presença sem qualquer mistura. Ainda que não se possa compreender facilmente este ponto, julgo que no decurso da exposição das Escrituras possa ocorrer lugares mais oportunos para deles tratar, de acordo com as santas regras da autoridade, e assim, embora não se apresente algo certo, seja lícito acreditar. Agora, pois, observada sempre a prudência da piedosa circunspeção, nada que seja obscuro devemos crer temerariamente, evitando que, depois, odiemos por amor a nosso erro o que for manifestado pela verdade, embora não possa ser de forma alguma contrário aos Livros sagrados tanto do Antigo como do Novo Testamento.

Passemos agora para o livro terceiro de nossa obra.

¹ Gn 1,6-8.

² Cf. Sb 11,21.

³ Sl 136,6.

⁴ Sl 136,5.

⁵ Mt 6,26; Sl 8,9.

⁶ Mt 16,3.

⁷ Gn 1,6.

⁸ Gn 1,7.

⁹ Gn 1,6.9.

[10](#) Jo 1,3.

[11](#) Gn 1,6.

[12](#) Cf. Jo 1,3.4.

[13](#) Gn 1,6.

[14](#) Gn 1,9.

[15](#) Gn 1,3.

[16](#) Gn 1,3.

[17](#) Cf. Rm 1,21.

[18](#) Cf. Rm 11,34-36.

[19](#) Gn 1,2.

[20](#) Sl 104,2.

[21](#) Cf. Is 40,22 – Vulgata.

[22](#) Cf. *Conf.* 13,15.

[23](#) Gn 1,9-10.

[24](#) Liv. I, 26,28.

[25](#) Gn 1,2.

[26](#) Gn 1,1.

[27](#) Gn 1,9.

[28](#) Gn 1,11-13.

[29](#) Gn 1,14-19.

[30](#) Gn 1,14.

[31](#) Gn 1,14.

[32](#) Gn 1,14.

[33](#) Sl 136,8-9.

[34](#) 1Cor 15,41.

[35](#) Gn 1,16.

[36](#) Gn 1,16.

[37](#) Cf. Gn 25,25.

LIVRO III

CAPÍTULO I

A criação dos animais provindos da água, antes da criação dos animais provindos da terra

1. Deus disse: “Produzam as águas répteis de almas vivas e aves sobre terra, sob o firmamento do céu” e assim se fez. Deus criou os grandes cetáceos e todo animal réptil os quais as águas produziram segundo sua espécie, e todas as aves aladas segundo sua espécie, e Deus viu que era bom. Deus os abençoou e disse: “Crescei e multiplicai-vos, enchei as águas dos mares, e que as aves se multipliquem sobre a terra. Houve uma tarde e uma manhã: quinto dia¹. Assim, os seres que se movem pelo espírito de vida são criados na parte inferior do mundo; e primeiramente os das águas, porque é o elemento mais chegado à qualidade do ar. Pois, o ar é tão vizinho deste céu, no qual estão os luzeiros, que recebeu o nome de céu, mas ignoro se se pode denominar também firmamento. A mesma e única realidade que se chama céu é denominada céus no plural. Com efeito, quando este livro do Gênesis diz céu no singular, o qual separa as águas que estão acima das que estão em baixo, no salmo está escrito: E águas que estão acima dos céus louvem o nome do Senhor². E se entendemos bem que “céus dos céus” são os céus dos astros distintos dos céus aéreos, enquanto superiores e inferiores, também estes podemos ler no mesmo salmo: Louvai-o, céus dos céus³. Aparece sobejamente que este ar é denominado não somente céu, mas também céus, assim como se denominam também terras, sem que signifique outra coisa senão aquela que é chamada terra no singular, quando dizemos orbe das terras e orbe da terra.

CAPÍTULO II

Os céus desapareceram com um dilúvio e o ar se transformou em natureza de água

2. Lemos numa das epístolas, denominadas canônicas, que também estes céus desapareceram outrora pelo dilúvio⁴. Pois aquela natureza úmida, que de tal modo aumentara a ponto de ultrapassar em quinze côvados os cumes mais altos dos montes⁵, não pôde chegar até os astros. Mas está escrito nessa epístola que os céus desapareceram porque a água havia preenchido todos ou quase todos os espaços deste ar mais úmido, no qual voam as aves. Ignoro como isso se possa entender, a não ser que se tenha transformado na natureza das águas a qualidade deste ar mais denso; de outra forma, esses céus não pereceram então, mas foram elevados mais para cima, ocupando a água o lugar dele. Desse modo, acreditamos mais facilmente de acordo com a autoridade da epístola, que eles pereceram e, como ali está escrito, depois de esgotados os vapores foram substituídos por outros⁶, do que a natureza do céu superior lhes tenha cedido seu lugar, a eles assim elevados.

3. Convinha, pois, que ao serem criados os habitantes desta parte inferior do mundo, a qual, toda ela, é lembrada muitas vezes pelo nome de terra, primeiramente fossem criados os animais procedentes da água, e depois os da terra, porque a água é de tal modo semelhante ao ar que se prova seu adensamento por seus vapores, e assim forma o espírito da tempestade, ou seja, o vento, e reúne as nuvens para poderem sustentar o vôo das aves. Por isso, ainda que tenha dito a verdade um poeta profano: *O Olimpo ultrapassa as nuvens, e seus cumes gozam da maior paz*⁷, porque o ar no cume do Olimpo se apresenta tão rarefeito que as nuvens não lhe fazem sombra, nem é perturbado pelo vento, nem pode sustentar as aves, nem alimentar com uma brisa mais densa os próprios homens que talvez o tenham escalado, tendo se acostumado com este ar. E ele mesmo é ar e se mescla com as águas por sua qualidade semelhante e por isso acredita-se que o ar se transformou numa natureza úmida no tempo do

dilúvio. E não se há de pensar que usurpou algo dos espaços siderais do céu, visto que a água ultrapassara os montes mesmo mais altos.

CAPÍTULO III

Opiniões sobre a transformação dos elementos — O ar foi mencionado no Gênesis

4. Acerca da transformação dos elementos, existe um questão não pequena, mesmo entre aqueles que perscrutaram esses assuntos com o mais diligente empenho. Com efeito, uns dizem que todas as coisas podem sofrer mudanças e se transformar, mas outros dizem que há algo tão próprio em cada um dos elementos, que de forma alguma se podem mudar nas qualidades de outro elemento. Sobre isso, se Deus quiser, trataremos com mais diligência em seu lugar. Agora, porém, pelo que diz respeito ao presente discurso, considere que deveria lembrar estas coisas para entendermos que foi observada a ordem das coisas, pela qual foi conveniente que a narrativa abordasse primeiramente os animais das águas, antes que os da terra.

5. E não se há de julgar de forma alguma que foi omitido na Escritura algum elemento deste mundo, visto que estamos persuadidos de que o mundo consta de quatro conhecidíssimos elementos, e parece que são mencionados aqui o céu, a água e a terra, e nada se falou do ar. Com efeito, é costume de nossas Escrituras denominar o mundo pelos nomes de céu e terra, ou algumas vezes acrescentar também o mar. E o ar ou se entende como pertencente ao céu, se nas suas partes superiores há espaços com tranquilidade e sossego, ou à terra devido a este lugar turbulento e tenebroso, que se torna pingue com os vapores úmidos, embora também ele se denomine muitas vezes céu. Por isso não está escrito: “Produzam as águas répteis de almas vivas e produza o ar aves que voam sobre a terra”. Mas, conforme a narrativa, as duas espécies de animais foram produzidos das águas. Portanto, tudo o que pertence às águas, seja líquido ou corrente em forma de ondas, ou pouco denso e suspenso em forma de vapores, aparece distribuído, o primeiro para os répteis de almas vivas, e o segundo para as aves, mas ambos são considerados natureza úmida.

CAPÍTULO IV

Relação entre os cinco sentidos e os quatro elementos

6. Há também aqueles que com sutilíssima consideração distinguem os conhecidíssimos sentidos do corpo pelos quatro elementos comuns, de tal modo que dizem que os olhos se relacionam com o fogo e os ouvidos com o ar. Os sentido do olfato e do paladar atribuem à natureza úmida; o olfato, a esses vapores úmidos, com os quais se avoluma este espaço no qual voam as aves; o paladar, a essas salivas fluidas e densas, porque qualquer coisa que se saboreia na boca, mistura-se com a saliva para ter sabor, mesmo que pareçam secos quando são postos na boca. O fogo, porém, penetra em tudo para produzir o movimento. Pois mesmo a água se congela com a falta de calor, e podendo aquecer os demais elementos, o fogo não pode esfriar-se; pois mais facilmente se apaga e deixa de ser fogo, que permanece frio, ou se faça mais tépido com o contato de algo frio. O tato, porém, que é o quinto entre os sentidos adequa-se mais ao elemento terreno; por isso, todas as coisas palpadas são sentidas por todo o corpo do ser vivente, o qual procede principalmente da terra. Dizem também que não se pode ver algo sem o fogo, nem tocá-lo sem a terra. E, por isso, todos os elementos estão presentes em todos os corpos, mas cada um recebeu a designação por aquilo que tem com mais abundância. E é por isso também que, pela falta de calor, quando um corpo se esfria demasiadamente, embota o sentido porque enfraquece o movimento que o calor introduz no corpo, enquanto que o fogo afeta o ar, e o ar a água, e a água os elementos terrenos, ou seja, as coisas mais sutis penetram nas mais densas.

7. Mas, quanto mais alguma coisa é sutil na natureza corporal, tanto mais próxima está da natureza espiritual; ainda que esteja muito distante pela espécie, visto que aquilo é corpo e isto não é.

CAPÍTULO V

Os sentidos reagem de modo diferente com respeito aos quatro elementos

E por isso, porque o sentir não é próprio do corpo, mas da alma pelo corpo, embora se disserte com agudeza que os sentidos do corpo estão distribuídos de acordo com a diversidade de elementos corpóreos, a alma, à qual é inerente a potência do sentir, não sendo corpórea, estimula a potência do sentir por um corpo mais sutil. Dá início ao movimento em todos os sentidos pela sutileza do fogo, mas não alcança o mesmo em todos. Na vista, reprimido o calor, chega até à sua luz. No ouvido, penetra até o ar mais puro pelo calor do fogo. E no olfato, passa o ar puro e chega à exalação úmida, de onde se forma este ar mais denso. No paladar, passa este ar e chega à umidade mais avolumada, a qual, penetrada e atravessada, estimula o último dos sentidos, o tato, ao chegar à gravidade da terra.

CAPÍTULO VI

A Escritura não omitiu o elemento ar

8. Não ignorava as naturezas dos elementos e sua ordem aquele que, ao apresentar as propriedades das coisas visíveis, que se movem pela natureza nos elementos dentro do mundo, fez a narrativa primeiramente dos luzeiros celestes, em seguida dos animais das águas e, por último, dos animais da terra; não porque tenha omitido o ar, mas porque se existem espaços de ar puríssimo e sereníssimo, onde dizem que as aves não podem voar, se juntam no céu superior, e nas Escrituras, com o nome de céu, são considerados como pertencentes à parte superior do mundo. Desse modo, o nome de terra significa todo este universo, do qual começa a enumeração para baixo: fogo, granizo, neve, gelo, vento tempestuoso e todos os abismos⁸, até chegar à parte árida que é denominada com o nome próprio de terra. Assim, aquele ar superior, tanto o que pertence à parte celeste do mundo, como aquele que não conta com nenhum morador visível, dos quais agora fala o narrador, não foi omitido ao se falar do céu, nem foi enumerado entre os animais a serem criados. Mas, este ar inferior que recebe as emanções úmidas do mar e da terra, e de algum modo se condensa para sustentar as aves, somente recebe animais procedentes das águas. E pelo que respeita à sua umidade, sustenta os corpos dos voláteis, que se esforçam com as penas para voar, do mesmo modo que os peixes com suas asas características para nadar.

CAPÍTULO VII

As aves foram criadas das águas

9. Portanto, com conhecimento, sendo que o Espírito de Deus assistia ao que escrevia, ele diz que as aves foram criados das águas. Sua natureza recebeu dois lugares: ou seja, um inferior na água escorregadia, e o superior nos ares que sopram; aquele foi destinado aos que nadam, este, aos que voam. Também percebemos que aos animais foram dados dois sentidos adequados a este elemento; o olfato para examinar os vapores, o paladar para examinar os líquidos. E porque também pelo tato percebemos as águas e os ventos, isto é devido ao fato de o sólido da terra se misturar com todos os elementos; mas sente-se mais nos elementos mais densos, de tal modo que podem ser apalpados pelo toque. E, por isso, esses elementos abarcam sob a denominação geral de terra as duas principais partes do mundo, como o mostra aquele salmo, ao enumerar todas as coisas superiores a partir daquele

princípio: Louvai o Senhor pelos céus⁹, e todas as coisas inferiores a partir do outro princípio: Louvai o Senhor pela terra¹⁰, onde também se mencionam o vento tempestuoso e todos os abismos, assim como este fogo que queima o que o toca, porque de tal modo provém dos movimentos terrenos e úmidos, que em seguida se converte em outro elemento. E ainda que mostre a tendência de sua natureza dirigindo-se para cima, contudo, não pode alcançar a tranquilidade superior celeste, porque se extingue, vencido pelo ar demasiado e nele convertido; e por isso se agita nessa parte mais corruptível e preguiçosa em movimentos turbulentos, para abrandar seu rigor e para utilidade e terror dos mortais.

10. Porque, mesmo pelo tato que diz respeito propriamente à terra, podem ser sentidos tanto o vaivém das águas como o sopro dos ventos, e os corpos dos animais aquáticos se alimentam de coisas terrenas, principalmente as aves. Na terra também descansam e propagam sua espécie, visto que parte das águas que se transformam em vapor, estendem-se também sobre as terras. Por isso, depois de a Escritura ter dito: “*Produzam as águas répteis de almas vivas e aves*”, diz, “*sobre a terra*”, acrescentou: “*sob o firmamento do céu*”¹¹. Nisto pode aparecer um tanto mais claro o que antes parecia obscuro porque não disse: “No firmamento do céu”, como dizia a respeito dos luzeiros; mas disse: “*as aves sobre a terra, sob o firmamento do céu*”, ou seja, junto ao firmamento do céu. Com efeito, este espaço tenebroso e úmido, no qual as aves voam, é contíguo àquele espaço, onde elas não podem voar, e em virtude da tranquilidade e do repouso pertence ao firmamento do céu. As aves, portanto, voam no céu, mas neste, no qual aquele salmo inclui também o nome de terra. Por isso, em muitos lugares as aves do céu são denominadas céu, não, porém, no firmamento, mas sob o firmamento.

CAPÍTULO VIII

Os peixes são denominados répteis de almas vivas

11. Alguns pensam que, devido à lentidão dos sentidos, os peixes são denominados “répteis de almas viventes”, e não almas vivas. Se por isso assim são chamados, dar-se-ia às aves o nome de almas vivas. Mas, como também as aves foram denominadas répteis, como os peixes, subentendendo-se “de almas vivas”, é preciso confessar, assim julgo, que assim foi dito, como se dissesse: os répteis ou aves que têm almas vivas; assim como se pode dizer: homens ignóbeis, e entendêssemos todos os ignóbeis entre os homens. Ainda que haja também animais terrenos que rastejam sobre a terra, em número maior são os que se movem pelos pés, e são tão poucos talvez os que rastejam na terra quanto são poucos os que andam nas águas.

12. Alguns pensaram que os peixes foram denominados “répteis de almas vivas”, e não almas vivas, porque não têm memória nem uma vida mais próxima da razão. Engana-os uma experiência mais recente. Pois alguns escreveram muitas coisas admiráveis que puderam observar nos viveiros de peixes. Embora, talvez, tenham escrito algumas coisas falsas, no entanto, com toda certeza os peixes são dotados de memória. Disso, eu mesmo fiz experiência, e façam-na os que puderem e quiserem. Existe em Bulla Regia uma grande piscina quase repleta de peixes. As pessoas, contemplando-os de cima, costumam arremessar-lhes algo, o que eles, chegando juntos, ou o abocanham, ou, lutando entre si, fazem-no em pedaços. Acostumados com essa ceva, quando as pessoas passeiam pela beira da fonte, os peixes vão e vêm com eles nadando, esperando que lhes arremessem algo, visto que percebem sua presença. Por isso, parece-me que não em vão os animais das águas foram denominados répteis, assim como as aves receberam o nome de voláteis; pois, se ou a falta de memória ou o sentido

mais lento tirassem dos peixes a denominação de almas vivas, poderiam certamente aplicá-lo às aves, cuja vida é marcada, e isso está diante de nossos olhos, pela memória e pela garrulice, e é deveras habilidosa na construção dos ninhos e na criação dos filhotes.

CAPÍTULO IX

Alguns filósofos atribuíram a cada elemento seus animais

13. Não ignoro que alguns filósofos de tal modo distribuíram animais para cada elemento que diziam serem terrenos não somente os que rastejam ou andam na terra, mas também as aves, porque elas descansam na terra, cansadas de estarem voando. Os animais do ar, porém, são os demônios, e os celestiais são os deuses; nós, pelo contrário, afirmamos que alguns destes são em parte luzeiros e em parte anjos. Eles mesmos atribuem às águas os peixes e animais de sua espécie, de modo que nenhum elemento fica privado de seus animais. Como se debaixo das águas não houvesse terra, ou pudessem provar que os peixes não descansam na terra e nela não renovam suas forças para nadar, assim como as aves para voar. E se, talvez, os peixes o fazem mais raramente, é porque a água tem mais força que o vento para sustentar seus corpos, de tal modo que animais terrenos também nadam, ou instruídos pelo costume, como os homens, ou pela natureza, como os quadrúpedes e as serpentes. Se assim pensam porque os peixes não possuem pés, nesse caso as focas não são animais aquáticos, nem as serpentes e os caracóis são animais terrenos; pois também elas têm pés e estas últimas espécies, não digo que descansam na terra sem pés, mas muito pouco ou nunca dela se afastam. E os dragões, que não têm pés, descansam nas cavernas e ficam suspensos no ar. Ainda que não sejam muito conhecidos, a literatura, não somente a nossa, mas também a dos pagãos, jamais se calou a respeito desta espécie de animais.

CAPÍTULO X

Não somente os voláteis, mas outros elementos procederam das águas

14. Portanto, ainda que os demônios sejam animais aéreos, pois são dotados de natureza de corpos aéreos, e por isso, não são destruídos pela morte, visto que prevalece neles o elemento que é mais apto para agir do que para padecer, eles têm dois elementos colocados abaixo dele, ou seja, a água e a terra, e um sobreposto, ou seja, o fogo sideral. Estes elementos estão assim distribuídos: dois para padecer, a água e a terra, outros dois para agir, isto é, o ar e o fogo. Se isso é assim, esta distinção não se opõe à nossa Escritura, que indica que as aves foram criadas não do ar, mas das águas, pois às aves foi dado o lugar de água mais sutil e evaporada e difundida; mas, de qualquer forma, um lugar de água. O ar abrange do limite do céu luminoso até as águas líquidas e a parte nua das terras. Contudo, suas evaporações úmidas não turvam todo o espaço, mas até o limite de onde começa a denominar-se também terra, conforme o salmo que diz: Louvai o Senhor pela terra¹². Mas a parte superior do ar, devido à sua tranquilidade, se une em paz comum com o céu, com o qual tem seus limites e se denomina com sua designação. Nessa parte, talvez, se antes de sua transgressão estiveram os anjos transgressores com seu príncipe, que é agora demônio, e então era arcanjo, (pois alguns dos nossos não consideram que tenham sido anjos celestes ou supercelestes), não é de se admirar se depois do pecado foram desalojados para esse nevoeiro espesso, onde existe ar e se mistura com o tênue vapor, o qual, uma vez movido, produz os ventos e, estimulado com mais força, produz os relâmpagos e os trovões, e, avolumado, faz as nuvens, e, condensado, provoca as chuvas, e, congeladas as nuvens, traz o granizo e, dividido, torna sereno o céu, por ocultas ordens e obra de Deus, que tudo administra, das coisas mais superiores até as mais inferiores que ele criou. Por isso, naquele salmo, depois de se

mencionarem: o fogo, o granizo, a neve, o gelo, o vento tempestuoso¹³, imediatamente acrescentou: Que cumprem a sua palavra¹⁴, evitando que se pensasse que essas coisas podiam ser feitas ou se movessem sem a divina Providência.

15. Se aqueles transgressores eram dotados de corpos celestiais antes da transgressão, isso também não deve causar admiração, se, devido ao castigo, seus corpos adquiriram uma qualidade aérea a fim de que pudessem sofrer algo pelo fogo, ou seja, pelo elemento de natureza superior. E não lhes foi permitido ocupar nem sequer os espaços superiores e mais puros do ar, mas esses lugares tomados pelo nevoeiro, que representam para eles dada a sua natureza, como que um cárcere até o tempo do juízo. E se há algo a investigar com mais diligência sobre esses transgressores, haverá um lugar mais apropriado na Escritura. Por agora, é o suficiente, se estes espaços turbulentos e tempestuosos, considerada a natureza do ar que se estende até as águas e as terras, podem sustentar corpos aéreos, podem também sustentar, devido à fraca exalação das águas, os corpos das aves que foram criadas das águas. Esta exalação se insere na forma de vapor no mesmo ar que se espalha junto às águas e às terras, e por isso é destinado à parte ínfima e terrena, e se introduz nas brisas que sobrecarregadas pelos rigores noturnos destilam o orvalho sereno; mas se sobrevém um frio mais intenso, torna-se excessivamente branca devido ao gelo.

CAPÍTULO XI

Os vários gêneros de animais criados da terra

16. Deus disse: “Que a terra produza a alma viva segundo sua espécie: quadrúpedes, répteis, feras da terra segundo sua espécie e animais domésticos segundo sua espécie”. E assim se fez. Deus fez as feras da terra segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis da terra segundo sua espécie. E Deus viu que era bom¹⁵. Era consequente que agora adornasse com animais a outra parte, que é propriamente denominada terra, a parte deste lugar ínfimo, que, pelo termo “terra” abrange tudo com todos os abismos e o ar universal e nebuloso. E se apresentam claramente as espécies de animais que a terra produziu pela palavra de Deus. E porque muitas vezes pelo termo “animais domésticos” e “feras”, costuma-se entender todos os animais carentes de razão, com motivo se pergunta a que animais domésticos e a que feras se refere agora. E não há dúvida de que quis dar a entender todas as serpentes quando fala em animais que rastejam ou répteis terrenos, ainda que possam ser denominados feras, mas o nome de animais domésticos por costume não se acomoda às serpentes. Além disso, o termo “feras” convém aos leões, aos leopardos, aos tigres, aos lobos e raposas, e também aos cães e aos símios, e a todo animal desta espécie. Costuma-se, no entanto, aplicar com mais precisão o nome de animais domésticos àqueles que são para uso do homem, seja para ajudar nos trabalhos, como são os bois, os cavalos e outros, seja para o aproveitamento da lã, seja para alimento, como são as ovelhas e os suínos.

17. Quais são os quadrúpedes? Ainda que todos estes, com exceção de algumas serpentes, andem com quatro pés, a não ser que quisesse dar a entender por este nome alguns animais especiais, não teria mencionado aqui também os quadrúpedes, embora se tenha calado a respeito deles na repetição. Acaso denominou propriamente quadrúpedes os cervos, os gamos, os jumentos e javalis (pois não se pode juntá-los àquelas feras onde estão os leões; pois são semelhantes aos animais domésticos, mas não estão entregues aos cuidados dos homens), como se fossem estes animais os restantes, aos quais se aplicaria esta denominação geral de quadrúpedes, visto que convém a muitos devido ao número de pés, contudo com significado especial. Ou porque disse três vezes: *segundo sua espécie*¹⁶, convida-nos

a ter em conta três espécies de animais? Primeiramente, quadrúpedes e répteis *segundo sua espécie*, entre os quais, segundo penso, estão significados os que denominou quadrúpedes, ou seja, os que pertencem à espécie dos répteis, tais como os lagartos, as salamandras e outros semelhantes. Por isso, não reiterou o nome de quadrúpedes na repetição para que o termo “répteis” abrangesse toda espécie. Por isso, não diz simplesmente répteis, mas acrescentou: *todos os répteis da terra*¹⁷. “Da terra”, porque são também das águas, e “todos” para que sejam compreendidos os que se apoiam em quatro pés, os quais foram indicados acima com o nome mais próprio de quadrúpedes. Entre as feras, sobre as quais diz novamente *segundo sua espécie*, estão incluídos todos os animais que se servem da boca ou dos cascos para causar dano, excetuando as serpentes. Os animais domésticos, dos quais fala em terceiro lugar *segundo sua espécie*, não dilaceram servindo-se de alguma força, mas dos chifres ou de nada. Eu disse antes quão claramente aparece que o nome de quadrúpedes é reconhecido com facilidade pelo número de pés, e também que pelo nome de animais domésticos ou de feras é designado algumas vezes todo animal irracional. E na língua latina, o termo “feras” costuma ter o mesmo sentido. Por isso, não foi uma reflexão inútil sobre como estes nomes, que não foram registrados em vão nesta passagem da Escritura, podem ser discernidos por uma diferenciação especial, o que se pode perceber facilmente no modo de falar do dia a dia.

CAPÍTULO XII

Razão pela qual não foi dito “segundo sua espécie” ao falar do homem

18. Não em vão o leitor pergunta se de passagem ou ocasionalmente ou por alguma razão, está dito: segundo sua espécie como se as coisas tivessem sido criadas antes, e, no entanto, narre-se como se fossem agora? Ou se deve entender que a espécie delas estava nas razões superiores, a saber, nas espirituais, e segundo elas foram criadas as inferiores? Mas se fosse assim, dir-se-ia o mesmo a respeito da luz, do céu, das águas e da terra e dos luzeiros do céu. Pois, o que possuem elas, cuja razão eterna e inmutável não se encontra na Sabedoria de Deus que alcança com vigor de um extremo ao outro e governa o universo retamente?¹⁸ Começa, pois, a empregar aquela expressão a respeito das ervas e das árvores e prossegue até a estes animais terrenos. E também a respeito destes últimos, que foram criados das águas, embora não se tenha dito na primeira menção, foi dito na repetição: Deus fez os grandes cetáceos e toda alma dos répteis, que saíram das águas segundo sua espécie, e as aves aladas segundo sua espécie¹⁹.

19. Acaso, porque estes animais de tal modo nasceram que deles nasceriam outros e manteriam a forma de origem pela sucessão, se devia dizer: *segundo sua espécie*, devido à propagação da prole, a qual se acreditava que permaneceria? Mas por que se diz a respeito das ervas e das árvores não somente *segundo sua espécie*, mas também *segundo sua semelhança*, se também os animais, tanto das águas, como das terras, gerariam segundo sua semelhança? Ou não quis repeti-la sempre porque a semelhança acompanha a espécie? Também não repetiu sempre a semente e, no entanto, é tão inerente às ervas e às árvores quanto aos animais, embora não a todos. Com efeito, é reconhecido que alguns nascem das águas ou das terras de tal forma que não têm sexo e por isso não têm sementes, mas elas estão nos elementos dos quais nascem. *Segundo sua espécie*, portanto, tem este sentido: tanto a potência das sementes quanto a semelhança dizem respeito à sucessão dos que morrem, pois nenhuma dessas coisas foi criada para existir uma só vez ou para permanecer para sempre ou para morrer sem deixar sucessor.

20. Por que, então, não se disse o mesmo a respeito do homem: “Façamos o homem à nossa imagem e

semelhança segundo sua espécie”, visto ser evidente que o homem se reproduz? Será porque Deus criou o homem de tal modo que não morreria, se quisesse observar o preceito e, por isso, não era necessário um sucessor para o que morre, mas depois do pecado foi comparado aos animais insensatos e se tornou semelhante a eles²⁰, de tal modo que os filhos deste mundo gerariam e seriam gerados, com o que seria possível que a espécie dos mortais subsistisse mediante a sucessão? Mas o que quer dizer aquela bênção após a criação do homem: “*Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra*”? Isso somente poderia acontecer gerando? Não se deve dizer nada temerariamente a respeito disso, até que cheguemos àquela passagem da Escritura em que se há de investigar e tratar desse assunto com mais diligência? Com efeito, por agora, talvez, possa ser suficiente afirmar que não foi dito a respeito do homem: *Segundo sua espécie*, porque estava sendo criado apenas um, do qual foi criada a mulher. Pois não há muitas espécies de seres humanos, como os há de ervas, de árvores, de peixes, de aves, de serpentes, de animais domésticos, de feras. Entendamos que foi dito assim: *segundo sua espécie*, como se dissesse em geral, a fim de que distinguíssemos dos demais os semelhantes entre si e pertencentes a uma só origem de semente.

CAPÍTULO XIII

Razão pela qual a bênção é dada apenas aos animais aquáticos e ao homem

21. Pergunta-se também por que somente os animais aquáticos mereceram do Criador serem abençoados, como foram os homens. Com efeito, Deus os abençoou dizendo: “Crescei e multiplicai-vos, enchei as águas dos mares, e que as aves se multipliquem sobre a terra”²¹. Acaso se deveria dizer isso a uma só espécie, de tal modo que se entendesse como dirigido também aos demais que aumentam mediante gerações? Portanto, deveria ser dito a respeito do que foi criado em primeiro lugar, ou seja, das ervas e das árvores. Ou, talvez, aqueles que não sentem afeição alguma para propagar a prole, e geram sem qualquer sensação, considerou-os indignos daquelas palavras da bênção: “Crescei e multiplicai-vos”, mas aos que era inerente essa afeição, a eles disse primeiramente, de modo que, mesmo sem ter dito, se interpretasse também a respeito dos animais terrenos? Foi preciso repetir a bênção para o homem, a fim de que ninguém dissesse que há pecado na função de gerar filhos, como há na lascívia tanto na fornicção como no uso imoderado do matrimônio.

CAPÍTULO XIV

A criação dos insetos

22. Há também uma questão sobre alguns animais muito pequenos, ou seja: foram feitos nas primeiras criações das coisas ou procederam das corrupções subsequentes de coisas mortais? Pois, muitos deles são gerados ou de defeitos de corpos vivos ou de excrementos ou de exalações ou de putrefação de cadáveres. Alguns se originam da putrefação de árvores e de ervas, e alguns do apodrecimento de frutos, dos quais todos, na verdade, não podemos dizer que Deus não seja o Criador. Pois, é inerente a todos uma certa beleza na natureza de sua espécie, de modo que com respeito a esses animais é maior a admiração daquele que os observa com atenção, e o mais fervoroso louvor ao Artífice todo-poderoso que tudo fez com sabedoria²², a qual alcança de um extremo ao outro e governa o universo retamente²³. Ele não deixou informes os animais mais ínfimos que se destróem de acordo com a ordem de sua espécie, e de cuja destruição temos horror devido ao castigo de nossa mortalidade. Ele cria os menores animais com sentidos penetrantes, a fim de que atentos, fiquemos mais estupefatos perante a agilidade da mosca que voa do que perante o volume do corpo dos animais de carga, e admiremos mais o trabalho das formigas que o peso transportado pelos camelos.

23. Pergunta-se se devemos crer também que estes pequenos animais foram criados, como eu disse, nas primeiras criações das coisas que a narrativa diz terem sido realizadas na ordem dos seis dias, ou depois, pela decomposição subsequente de corpos corruptíveis. Pode-se dizer com segurança que esses animaizinhos, que nascem das águas e das terras, foram criados nos seis dias. Entre eles podemos entender, sem qualquer absurdo, aqueles que nasceram ao germinar a terra, e que precederam a criação não só dos animais, mas também dos luzeiros, e que continuam na terra unindo-se às raízes, de onde nasceram naquele dia em que a terra apareceu árida, e assim se entenda que pertencem mais à complementação da habitação que ao número dos habitantes. A respeito dos demais que são gerados dos corpos dos animais, principalmente dos mortos, é o maior absurdo afirmar que foram criados quando os próprios animais foram criados, a não ser que já era inerente a todos os corpos animados alguma potência natural, como que de germes iniciais e como que pré-semeados de futuros animais que haveriam de nascer da corrupção de tais corpos segundo as suas diferentes espécies, pela ação de uma inefável administração por parte do incomutável Criador que impulsiona todas as coisas.

CAPÍTULO XV

A criação dos animais nocivos

24. Costuma-se também perguntar sobre as espécies de animais venenosos e daninhos, se foram criados como castigo depois do pecado do homem ou, antes, tendo sido criados inofensivos, somente depois começaram a fazer dano aos pecadores. Isto não deve causar admiração, pois, nos tempos desta vida trabalhosa e cheia de fadigas, não há ninguém que se possa dizer perfeito, conforme o Apóstolo atesta com segurança, ao dizer: Não que eu já o tenha alcançado ou que já seja perfeito²⁴. Ainda são necessárias as tentações e incômodos corporais para exercitar e aperfeiçoar a virtude na fraqueza, conforme atesta novamente o Apóstolo, o qual afirma que lhe foi dado um agulhão na carne, um anjo de Satanás que o batesse, a fim de que não se desvanecesse com as revelações extraordinárias, e que rogando ao Senhor três vezes que afastasse dele, o Senhor lhe respondeu: Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a virtude se aperfeiçoa²⁵. Por outro lado, o santo Daniel viveu são e cheio de ânimo entre os leões²⁶; e não mentindo a Deus em sua oração, confessou os pecados não só de seu povo, mas também os próprios²⁷. E ainda uma víbora mortífera prendeu-se à mão do Apóstolo, e ele não sofreu mal nenhum²⁸. Esses animais criados podiam não causar dano algum, se não existisse o motivo ou para atemorizar e castigar os vícios ou para provar e aperfeiçoar a virtude, porque é preciso mostrar exemplos de paciência para proveito dos demais, e porque o homem se conhece com maior certeza nas tentações, e consequentemente recebe mais estavelmente por meio da dor a salvação eterna que justamente perdeu de modo indigno pela voluptuosidade.

CAPÍTULO XVI

O motivo da criação de animais que se danam mutuamente

25. Alguém dirá: “Por que se prejudicam mutuamente as feras que não têm pecado algum, de modo que se possa dizer que seja um castigo, e, depois, não adquirem nenhuma virtude por meio desse exercício?” Certamente porque se alimentam umas das outras. E não podemos dizer com razão: “Não existem feras que se alimentem umas das outras.” pois todas as coisas têm, enquanto são, suas medidas, seus números e suas ordens. Consideradas no seu conjunto, elas são dignas de louvor e não se transformam, passando de uma para a outra, sem uma oculta norma de beleza temporal de acordo com sua espécie. Se isto os néscios não percebem, manifesta-se, no entanto, aos que progridem, e é claro para os perfeitos. E com esses movimentos da criatura inferior dão aos homens salutareis avisos,

para que percebam quanto devem se esforçar em ordem à saúde espiritual e eterna, pela qual levam vantagem sobre todos os animais irracionais, ao ver que todos os animais, dos maiores elefantes aos menores vermes, de acordo com a ordenação inferior de sua espécie que lhes coube em sorte, lutam o mais que podem, resistindo e acautelando-se, pela sua conservação corporal e temporal. Isso não se manifesta a não ser quando alguns procuram alimento para seu corpo, buscando-o nos corpos dos outros; uns se protegem com suas forças para repelir, ou com a ajuda da fuga ou com a proteção dos esconderijos. Pois em qualquer ser animado a própria dor no corpo é uma força grande e admirável, a qual sustenta vitalmente sua constituição em união inefável e a reduz a uma certa unidade de acordo com sua medida, quando padece, não com indiferença, mas, por assim dizer, indignamente, a ameaça de se corromper ou destruir.

CAPÍTULO XVII

Cuidados com os corpos dos mortos que foram devorados

26. Talvez alguém levante esta questão: se os animais daninhos maltratam os homens vivos ou por castigo ou para salutamente os exercitarem ou para utilmente os provarem ou para lhes ensinarem o que não conhecem, por que eles dilaceram para seu alimento os corpos humanos mortos? Como se nos trouxesse alguma utilidade saber por que caminhos esta carne já exânime passa para os profundos segredos da natureza, de onde há de ser tirada novamente para ser restaurada pela admirável onipotência do Criador! Além do mais, desse fato se pode fazer uma admoestação aos prudentes: que confiem no Criador fiel, que com oculto desígnio administra todas as coisas, as maiores e as menores, e para quem até nossos cabelos estão contados²⁹. Desse modo evitarão que, devido aos inúteis cuidados para com seus corpos exânicos, atemorizem-se perante qualquer gênero de morte; e não duvidem em preparar os nervos de sua fortaleza piedosa para qualquer um deles.

CAPÍTULO XVIII

O motivo da criação dos espinhos, dos cardos e das árvores não frutíferas

27. Costuma haver também esta questão, a respeito dos espinhos e cardos e de algumas arvores infrutíferas, sobre o porquê e quando foram criadas, uma vez que Deus disse: “Que a terra produza ervas de alimento que deem semente e árvores frutíferas que frutifiquem”³⁰. Os que assim se preocupam não conhecem, pelo menos, os princípios usuais do direito humano, como é o que se chama usufruto. Pois, considera-se fruto qualquer utilidade de uma coisa para os que dela usufruem. Que eles procurem ver as utilidades manifestas ou ocultas, por parte de todas as coisas que a terra gera e alimenta pelas raízes, e que eles procurem ver algumas delas e se informem de outras pelos que conhecem.

28. Sobre os espinhos e cardos, a resposta pode ser mais radical, visto que, depois do pecado, foi dito ao homem a respeito da terra: “*Ela produzirá para ti espinhos e cardos*”³¹. Contudo, não se há de dizer, sem mais nem menos, que eles começaram a brotar então da terra. Talvez, pelo fato de se encontrarem muitas utilidades também nestas espécies de sementes, podiam ter seu lugar sem qualquer castigo para o homem. Mas como nos campos, onde o homem já trabalhava por castigo, brotavam também essas sementes, pode-se acreditar que isso valia para aumento do castigo, visto que podiam brotar em outros lugares, ou para alimento das aves e dos animais domésticos ou para alguns usos dos homens. Ainda que esse sentido, pelo qual se interpreta o que foi dito, não se afaste destas palavras: *Produzirá para ti espinhos e cardos*, ou seja, que a terra, ao produzir anteriormente estas

plantas, não as produzia para o trabalho, mas para o alimento adequado de qualquer tipo de animais, pois existem aqueles que se nutrem conveniente e agradavelmente dessas espécies mais tenras e mais secas. A terra começou, então, a fornecer ao homem essas plantas para sua ocupação cansativa quando se pôs a trabalhar na terra depois do pecado. Não que essas plantas brotassem antes em outros lugares, e depois nos campos que o homem cultivava para colher seus frutos. Brotavam tanto antes como depois no mesmos lugares. No entanto, primeiramente não para o homem, mas depois para o homem, para assim significar o que foi dito: *Para ti*, pois não foi dito: “Produzirá espinhos e cardos”, mas *produzirá para ti*, ou seja, que comecem a brotar para ti, para teu trabalho, essas plantas que brotavam antes apenas para os animais se alimentarem.

CAPÍTULO XIX

A razão do “façamos” apenas na criação do homem

29. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar e as aves do céu e sobre todos os animais domésticos e toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra.” E Deus fez o homem, à imagem de Deus o fez, homem e mulher ele os fez. Deus os abençoou, dizendo: “Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais domésticos, e toda a terra e sobre todos os répteis”. Deus disse: “Eu vos dou todas as ervas de alimento que dão semente, semeando sobre toda a terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso será para vosso alimento. A todas as feras da terra, e a todas as aves do céu, a todo réptil que rasteja sobre a terra e que tem em si o sopro da vida, eu dou como alimento todas as ervas verdes”. E assim se fez. Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: sexto dia³². Mais de uma vez haverá oportunidade de considerar mais longamente e dissertar com mais diligência a respeito da natureza do homem. Agora, para nossa investigação e nosso estudo concluírem as obras dos seis dias, dizemos em primeiro lugar, em poucas palavras, que não se há de considerar com indiferença o que está dito em outras obras: Deus disse: “Faça-se”; e aqui: Deus disse “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, ou seja, para insinuar, por assim dizer, a pluralidade das pessoas, considerando o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Logo depois há uma advertência para se entender a unidade da deidade, dizendo: Deus fez o homem à sua imagem: não como se o Pai o fizesse à imagem do Filho, ou o Filho, à imagem do Pai; de outro modo, se o homem foi criado à imagem do Pai somente, ou do Filho somente, não teria dito com verdade: à nossa imagem; mas foi dito: à imagem de Deus o fez, como se dissesse: Deus fez à sua imagem. Mas o que diz agora: à imagem de Deus, enquanto que antes havia dito: à nossa imagem, significa que a pluralidade de pessoas não age de tal modo que nos leve a dizer ou crer ou entender que há muitos deuses; mas foi dito: à nossa imagem: Pai e Filho e Espírito Santo, devido a esta Trindade e se disse: à imagem de Deus, para entendermos um só Deus.

CAPÍTULO XX

Ainda a criação do homem à imagem de Deus — A omissão do “E assim se fez” na criação do homem

30. Aqui também não se deve passar em claro o fato de ter dito: à nossa imagem, e ter acrescentado logo depois: “E que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu”³³, e os demais animais privados de razão. São palavras para entendermos que o homem foi feito à imagem de Deus e nisso ele sobrepuja os animais irracionais. E isso é a razão ou mente ou inteligência, ou se denomine com um outro termo mais adequado. Por isso, o Apóstolo diz: Renovai-vos no espírito de vossa mente, e revesti-vos do homem novo³⁴ que se renova no conhecimento de Deus, segundo à imagem daquele que

o criou³⁵, mostrando sobejamente que o homem foi criado à imagem de Deus, porque não foi nas linhas corporais, mas em certa forma inteligível da mente iluminada.

31. E por isso, assim como naquela primeira luz, se com este termo se entende que foi feita a luz intelectual participante da Sabedoria de Deus eterna e inmutável, não foi dito: *E assim se fez*, e não se repetiu em seguida: *Deus fez*, porque, conforme dissertamos de acordo com nossa possibilidade, não acontecia algum conhecimento do Verbo de Deus na primeira criatura para que depois deste conhecimento fosse criado, de modo inferior, o que no Verbo se ia criando. Primeiro se criava a luz, na qual se dava o conhecimento do Verbo de Deus pelo qual era criada, e este conhecimento era para ela o converter-se de sua informidade para Deus Formador, e ser criada e formada. Depois se diz nas demais criaturas: *E assim se fez*: isso manifesta que o conhecimento do Verbo se deu primeiramente naquela luz, ou seja, na criatura intelectual. E ao se dizer em seguida: *Deus fez*: mostra que se fez a espécie da mesma criatura, o que fora dito que se fizesse no Verbo de Deus; e isso se observa na criação do homem. Pois Deus disse: “*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*”³⁶ etc. E não diz em seguida: *E assim se fez*, mas acrescenta a continuação: *E Deus fez o homem à imagem de Deus*, ou seja, porque essa natureza é também intelectual, como aquela luz e, por isso, para ele ser feito é a mesma coisa que conhecer o Verbo de Deus, pelo qual foi feito.

32. Pois se dissesse: *E assim se fez*, e depois se acrescentasse: *Deus fez*, entender-se-ia como se primeiramente fosse feito no conhecimento da criatura racional, e, depois, em alguma criatura que não fosse racional; pois ele é também a verdadeira e própria criatura racional e é perfeita pelo conhecimento. Assim como depois do pecado o homem se renova no conhecimento de Deus segundo a imagem daquele que o criou, assim foi criado no conhecimento, antes de se envelhecer pelo pecado, do qual se renovaria no mesmo conhecimento. Mas das coisas que não foram criadas neste conhecimento, porque eram criadas ou como corpos ou como almas irracionais, primeiramente se fez na criatura racional o conhecimento delas pelo Verbo pelo qual se disse que fossem feitas. Devido a esse conhecimento, primeiramente se dizia: *E assim se fez*, para mostrar que foi feito o conhecimento naquela natureza que podia conhecer isso antes no Verbo de Deus; e em seguida eram feitas aquelas criaturas corporais e irracionais, razão pela qual se acrescentava a continuação: *Deus fez*.

CAPÍTULO XXI

O alimento proporcionado ao homem e a imortalidade humana

33. É difícil explicar como o homem foi criado imortal e recebeu alimento, como os outros animais, ou seja, a erva que contém sua semente e árvores frutíferas e erva verde. Pois, se ele se tornou mortal pelo pecado, sem dúvida não necessitava desses alimentos antes do pecado. Com efeito, aquele corpo não podia ser destruído pela fome. Pois, o que foi disso: “*Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra*”³⁷, ainda que pareça não ser possível levar-se a efeito a não ser pela união carnal do homem e da mulher, do que se deduz também um indício de corpos mortais, pode-se dizer que pôde efetuar-se de outro modo em se tratando de corpos imortais, de tal maneira que os filhos nascessem apenas por um sentimento de piedoso amor, sem alguma concupiscência corrompida. Eles não sucederiam os pais falecidos e eles mesmos não morreriam, até que a terra se enchesse de seres humanos imortais e, assim, estabelecido em povo justo e santo, o que, conforme cremos, acontecerá depois da ressurreição, existiria também um novo modo de nascer. Pode-se dizer isso, mas como se há de dizer, é uma outra consideração: ninguém, porém, atrever-se-á a dizer isso, ou seja, que a necessidade de alimentos, com os quais se restauram as forças, somente são necessários para os corpos mortais.

Opiniões sobre as palavras para a criação da alma e do corpo

34. Alguns fizeram esta conjectura: que por estas palavras foi feito o homem interior, mas o corpo o foi depois quando a Escritura disse: E formou Deus o homem com o limo da terra³⁸, de tal modo que o dito fez refere-se ao espírito, e a palavra formou diz respeito ao corpo. Não se dão conta de que o homem e a mulher só podiam ser feitos quanto ao corpo. Pois, ainda que se afirme engenhosamente que a mente do homem, pela qual foi feito à imagem de Deus, e que é uma certa vida racional, divide-se entre a verdade da contemplação eterna e o governo das coisas temporais, vindo a ser assim como o homem e a mulher, aquele aconselhando, esta obedecendo, entretanto, nessa divisão não se diz com propriedade imagem de Deus, senão o que adere à verdade inmutável para contemplá-la. Falando a este respeito em figura, o apóstolo Paulo diz que somente o homem é imagem e glória de Deus, e que a mulher, continua ele, é glória do homem³⁹. Por isso, ainda que isso se encontre figurado nos dois seres humanos de sexo diferente segundo o corpo, entende-se também na única mente do ser humano. A mulher, que é mulher só no corpo, renova-se também no espírito de sua mente no conhecimento de Deus conforme à imagem daquele que a criou, na qual não há homem ou mulher. Assim como as mulheres não estão excluídas desta graça de renovação e de restauração da imagem de Deus, ainda que no sexo do corpo delas esteja figurada outra coisa, pela qual se diz que apenas o homem é imagem e glória de Deus, assim também naquela primeira criação do homem, segundo a qual a mulher era também homem, ela também foi feita à imagem de Deus, pois tinha mente própria e do mesmo modo racional. Mas, devido à unidade da união foi dito: Deus fez o homem à imagem de Deus⁴⁰. E para que ninguém pense que foi feito somente o espírito do homem, embora ele fosse feito à imagem de Deus apenas segundo o espírito, foi dito: possibilitando a interpretação de que então o corpo foi também criado, Ele o fez homem e mulher⁴¹. Além disso, para que ninguém julgasse que foi criado de tal modo que num só homem estivessem incluídos os dois sexos, assim como algumas vezes nascem os que se denominam andróginos, mostra que afirmou o número singular devido à unidade da união, e porque a mulher foi criada do homem, como depois ficará claro, quando o que aqui foi dito em poucas palavras, começar a ser explicado com mais pormenores. Por isso, em seguida acrescentou o número plural, dizendo: Ele os fez e os abençoou⁴². Como já disse, investigaremos com mais diligência a respeito da criação do homem na continuação da reflexão sobre a Escritura.

CAPÍTULO XXIII

Comentário sobre as palavras: “E assim se fez”

35. Agora é preciso ter em conta o que acrescentou depois de ter dito: E assim se fez, ou seja: Deus viu tudo o que tinha feito: era muito bom⁴³. Por estas palavras se entendem o poder, a faculdade dados à natureza humana de colher para seu alimento as ervas e os frutos do campo. Pois para isso insere: E assim se fez, visto que começara em outro lugar, onde disse: Deus disse: “Eu vos dou as ervas que dão semente”⁴⁴ etc. Com efeito, se a todas as coisas que acima foram ditas relacionássemos o que disse: E assim se fez, seria consequente que confessássemos que elas já haviam crescido e, multiplicadas, haviam enchido a terra no mesmo sexto dia, o que, conforme atesta a Escritura, sabemos que aconteceu depois de muitos anos. Por isso, tendo-lhes sido dada autorização para comer, e isso o homem o soube pela palavra de Deus, pois está dito: E assim se fez, certamente porque Deus o disse, o homem tomou conhecimento. Se isso também tivesse feito, ou seja, tivesse colhido as que lhe foram dadas para seu alimento e as comesse, observar-se-ia aquele costume da Escritura, de modo que,

depois de ter dito: E assim se fez, o que diz respeito à manifestação do conhecimento anterior, em seguida se apresentaria a própria ação e dir-se-ia: “E colheram e comeram”. Com efeito, podia dizer-se assim, ainda que não se mencionasse a Deus de novo. Do mesmo modo, como naquela passagem, depois de ter dito: “Reúnam-se as águas que estão sob o céu numa só massa e apareça a árida,” acrescenta-se: E assim se fez, e em seguida não está dito: E Deus fez, mas, está repetido deste modo: E a água se reuniu em suas massas.

CAPÍTULO XXIV

Razão pela qual a Escritura não diz, depois da criação do homem: “Deus viu que era bom”

36. Pode-se perguntar com razão por que não disse também em particular a respeito da criação do homem, como foi dito nas demais obras: Deus viu que era bom. Mas depois de ter feito o homem e de lhe ter dado poder tanto para dominar como para comer, acrescentou a respeito de todas as obras: Deus viu tudo o que ele tinha feito: e era muito bom.⁴⁵ Com efeito, poderia ter dito primeiramente em particular ao homem isso que foi dito em particular às demais obras que foram criadas antes; e depois, ser dito sobre todas as obras que Deus fez: Era muito bom. Acaso, porque no sexto dia tornaram-se perfeitas todas as obras, por isso, deveria dizer a respeito de todas: Deus viu tudo o que ele tinha feito: e era muito bom, e não em particular sobre as que foram criadas no sexto dia? Por que, então, foi dito a respeito das animais domésticos, das feras e dos répteis que estão ligados ao mesmo dia? A não ser que estes mereceram ser denominados bons tanto em particular como em geral com os demais, e o homem, criado à imagem de Deus, apenas com os demais. Ou porque ainda não era perfeito, pois ainda não fora estabelecido no paraíso, como se, depois de estar estabelecido, dir-se-ia o que foi omitido?

37. Portanto, o que diremos? Ou porque Deus sabia antes que o homem haveria de pecar e não permaneceria na perfeição de sua imagem, e quis dizer que o homem era bom, não em particular, mas junto com os outros seres, como que declarando o que aconteceria? Porque, como as coisas feitas permanecem naquilo em que foram feitas, segundo o que receberam, como acontece com as coisas que não pecaram ou com as que não podem pecar, cada uma em particular e todas em conjunto são muito boas. Com efeito, não inutilmente foi acrescentado: *muito*, pois o mesmo acontece com os membros do corpo: se cada um em particular é belo, na estrutura de todo o corpo são todos muito mais belos. Isso porque o olho, por exemplo, que é de aspecto agradável e é apreciado, se o víssemos separado do homem, não diríamos que é tão belo como quando colocado junto aos outros membros, uma vez que seria observado ocupando seu lugar no corpo inteiro. Mas aqueles que perdem sua beleza ao pecar, de forma alguma demonstram que se desordenaram, pois são bons em relação ao todo e ao universo. Portanto, antes do pecado e em seu gênero era certamente bom; mas a Escritura omitiu dizer isso para dizer o que prenunciava como algo futuro. Desse modo, não se disse uma falsidade a respeito do homem. Pois o que era bom, considerado em particular, certamente é melhor junto com os outros. Mas, quando é bom com todos, conclui-se que é bom considerado em particular. A narrativa foi conduzida de modo a dizer o que era verdadeiro no presente e a insinuar a presciência do futuro. Deus é o Criador perfeitíssimo das naturezas, e é o Ordenador justíssimo dos que pecam, de tal modo que, se alguns se deformam em particular pecando, mesmo assim, com eles o universo é belo. Tratemos já, no volume seguinte, dos assuntos que vêm na continuação.

¹ Gn 1,20-23.

² Sl 148,4-5.

³ Sl 148,4.

[4](#) Cf. 2Pd 3,6.

[5](#) Cf. Gn 7,20.

[6](#) Cf. 2Pd 3,5-7.

[7](#) Lucano, *Pharsalia*, 2,271.273.

[8](#) Sl 148,8-9.

[9](#) Sl 148,1.

[10](#) Sl 148,7.

[11](#) Gn 1,20.

[12](#) tSl 148,7.

[13](#) Sl 148,8.

[14](#) Sl 148,8.

[15](#) Gn 1,24-25.

[16](#) Gn 1,24.

[17](#) Gn 1,25.

[18](#) Sb 8,1.

[19](#) Gn 1,21.

[20](#) Cf. Sl 49,13.

[21](#) Gn 1,22.

[22](#) Cf. Sl 104,24.

[23](#) Cf. Sb 8,1.

[24](#) Fl 3,12.

[25](#) 2Co 12,7-9.

[26](#) Cf. Dn 6,22 e 14,38.

[27](#) Cf. Dn 9,4-19.

[28](#) Cf. At 28,5.

[29](#) Cf. Lc 12,7.

[30](#) Gn 1,11.

[31](#) Gn 3,18.

[32](#) Gn 1,26-31.

[33](#) Gn 1,28.

[34](#) Ef 4,23.24.

[35](#) Cl 3,10.

[36](#) Gn 1,26.

[37](#) Gn 1,22.

[38](#) Gn 2,7.

[39](#) 1Cor 11,7.

[40](#) Gn 1,27.

[41](#) Gn 1,27.

[42](#) Gn 1,28.

[43](#) Gn 1,30-31.

[44](#) Gn 1,29.

[45](#) Gn 1,31.

O sentido dos seis dias

1. E assim foram concluídos o céu e a terra, com todo seu ornamento. Deus concluiu no sexto dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou de toda obra que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou, pois nele descansou depois de todas as suas obras que começara a fazer¹. É certamente uma árdua e difícil tarefa para as forças de nossa intenção penetrar, com a mente vivaz, na vontade do escritor a respeito destes seis dias e descobrir se transcorridos aqueles dias, e acrescentado o sétimo, agora no decorrer do tempo eles se repetem não realmente, mas apenas nominalmente. Em todos os tempos, muitos dias se sucedem semelhantes aos que passaram, mas nenhum retorna igual. Portanto, é difícil investigar se teriam transcorridos aqueles dias ou se os dias atuais, que são enumerados com os termos e número daqueles, transcorridos cotidianamente na ordem dos tempos, permanecem eles nas mesmas condições das coisas? De modo que, não somente naqueles três dias, antes da criação dos luzeiros, mas também nos restantes três, entendamos sob o nome de “dia” a forma da coisa que foi criada, e de “noite”, a privação ou a falta dela? Ou se se poderia denominar melhor por outro termo, quando a forma se perde por alguma mudança declinando e passando da forma para a infirmitude? Esta mudança é inerente a toda criatura como possibilidade, embora não se efetue, como acontece nos seres superiores celestiais, ou como realidade, nas coisas ínfimas produzindo a beleza temporal mediante variações ordenadas, e se realiza pela diminuição ou sucessão das coisas mutáveis, tal como se manifesta nas realidades terrenas e mortais. Nesse caso, a tarde seria, em todos como que um certo fim da criação realizada; e a manhã seria o início do que começa a se fazer, pois toda criatura é limitada por começos e fins determinados. Eis algo difícil de descobrir. Poder-se-ia encontrar que se afirme seja isso ou aquilo ou uma terceira explicação mais provável, que talvez aparecerá no decurso da dissertação a respeito de como se entendem noite, tarde e manhã naqueles dias. Contudo, não fica fora do assunto, se considerarmos a perfeição do número seis na natureza interior dos números. Contemplando essa perfeição com a mente, numeramos e ordenamos numericamente aquelas coisas que estão próximas também de nossos sentidos.

A perfeição do número seis

2. Descobrimos que o número seis é perfeito porque se completa com suas partes. Há também outros números perfeitos por outras causas e razões. Dissemos que o número seis é perfeito porque se completa com suas partes e somente com suas partes que, multiplicadas, podem perfazer o número do qual são partes. Com efeito, pode-se dizer que tal parte do número é a parte exata. Pode-se dizer, assim, que o número três é parte não somente do número seis, do qual é a metade, mas também de todos os números múltiplos de três. De fato, o número três é a parte maior do quatro e do cinco, visto que o quatro pode ser separado em três e um, e o cinco, em três e dois. E o número três é parte do sete, do oito e do nove, e de qualquer outro número, não parte maior ou média, mas menor. Com efeito, o número sete pode ser separado também em três e quatro, e o oito, em três e cinco, e o nove, em três e seis; mas de nenhum destes números se pode dizer que o três seja a parte exata a não ser do nove, do qual é o terço, assim como do seis é a metade. Assim, de todos estes que mencionei, nenhum se completa com números três, a não ser o seis e o nove, pois aquele se compõe de dois três, e este de três três.

3. O número seis, portanto, como começara a dizer, completa-se em si mesmo com suas partes numeradas uma a uma e levadas ao total. Há alguns números cujas partes somadas perfazem um total menor e outros, um maior. Encontram-se muito poucos, que por determinadas razões de intervalos, completam-se com suas partes, cuja soma nem fica em menos, nem para mais, mas chegam a tanto quanto o próprio número do qual são partes. Entre os números o primeiro é o seis. Na unidade não há partes. Com efeito, diz-se que na série dos números o um não é a metade nem qualquer parte. Mas, é de fato pura e absolutamente a unidade. Mas a unidade é parte do dois e é sua metade e nenhuma parte mais. O três, porém, tem duas partes: uma exata que é a unidade e é sua terceira parte, e uma outra maior que não se pode denominar exata, ou seja, o dois; portanto, as partes do dois não podem ser computadas como aquelas das quais tratamos, ou seja, que possam ser chamadas exatas. O quatro, certamente, tem tais partes, pois o um é a sua quarta parte, o dois é a metade, mas ambas somadas, ou seja, um e dois perfazem três e não quatro. Por isso, não se completam suas partes porque alcançam uma soma menor. O cinco não tem a não ser uma parte, ou seja, a unidade, que é sua quinta parte, pois também o dois, embora seja a parte menor e o três, a maior, nenhuma das duas, porém, se pode dizer que sejam sua parte exata. Mas o seis tem as tais três partes: o sexto, o terço e a unidade; sua sexta parte é o um, o terço é o dois, e o três é a metade. Mas estas partes somadas, ou seja, o um e o dois e o três juntas constituem e completam o número seis.

4. Já o número sete não possui essas partes a não ser a sétima, que é o um. O oito tem três partes: a oitava, a quarta e a metade, ou seja, o um, o dois e o quatro; mas somadas essas partes, perfazem sete, abaixo de oito e, portanto, não completam o número oito. O número nove tem duas: a nona, que é o um, a terceira, que é o três; mas juntas perfazem quatro, bem inferior a nove. O dez tem três partes: o um que é a décima parte, o dois, a quinta, o cinco, a metade, e esses números somados chegam a oito, não ao dez. O onze tem apenas a undécima, assim como o sete, que tem somente a sétima, o cinco, somente a quinta, o três somente a terceira, e o dois somente a metade; todos esses números e o um são divisíveis apenas pela unidade. Mas, o doze, somadas todas suas partes, não o completam, mas ultrapassam; pois perfazem um número maior que é o doze, visto que suas partes alcançam o número dezesseis. Pois ele tem cinco partes: a duodécima, a sexta, a quarta, a terceira e a metade, já que sua duodécima parte é o um, a sexta, o dois, a quarta, o três, a terceira, o quatro, a metade, o seis; e um e dois e três e quatro e seis, somados, alcançam o número dezesseis.

5. E para não me alongar, na infinita série de números se encontram muitos que ou não têm tais partes ou só têm o um, como acontece com o três, o cinco e os demais semelhantes; ou muitos têm tais partes que reunidas num todo e somadas, ou não alcançam o número, como acontece com o oito, o nove e outros muitos, ou ultrapassam, como o doze e o dezoito e muitos outros. Encontram-se muitos outros desta classe, mais do que aqueles que são denominados perfeitos, os quais, somadas todas as suas partes, completam-se com elas. Com efeito, depois do seis, encontra-se o vinte e oito, que também consta de tais partes semelhantes, pois tem cinco partes: a vigésima oitava parte, a décima quarta, a sétima, a quarta e a metade, ou seja, o um, o dois, o quatro, o sete e quatorze; somadas estas partes, perfazem a parte vigésima oitava, pois formam o número vinte e oito. E quanto mais se avança na ordem dos números, tanto mais se encontram em proporção, com intervalos mais extensos, estes números que, somadas suas partes, vão de encontro a si mesmos e se denominam perfeitos. Os números, cujas partes não perfazem os mesmos números, dos quais são partes, são chamados imperfeitos e os números que os excedem são denominados mais que perfeitos.

6. Portanto, no número perfeito de dias, ou seja, seis, Deus concluiu as obras que fez. Pois assim está escrito: *Deus concluiu no sexto dia as obras que fizera*². Mais me fixo neste número, quando

considero também a ordem das próprias obras. Com efeito, assim como o referido número surge gradativamente de suas três partes, pois de tal modo há uma sequência entre o um, o dois e o três, que não permite a interposição de qualquer outro número, sendo essas partes únicas, das quais ele consta: um a sexta parte, o dois a terceira parte, o três a metade, assim no dia um foi criada a luz, nos dois seguintes, a fábrica deste mundo; no dia um, a parte superior, ou seja, o firmamento, no outro, a inferior, ou seja, o mar e a terra. Mas não encheu a parte superior com nenhuma espécie de alimento corporal, pois não colocaria ali corpos necessitados desse alimento; mas a inferior, que enriqueceria com animais que lhe eram apropriados, enriqueceu antes com alimentos necessários à necessidade dos mesmos. Nos três dias restantes foram criadas as coisas que se fariam visíveis pelos seus próprios movimentos dentro deste mundo, ou seja, dentro desta universalidade visível composta de todos os elementos: primeiramente, os luzeiros no firmamento, pois antes tinha sido criado o firmamento; em seguida, os animais no mundo inferior, como o exigia a própria ordem: num dia os das águas, no outro, os das terras. Ninguém é assim tão louco que se atreva a dizer que Deus não tinha poder de fazer todas as coisas num só dia, se quisesse; ou se quisesse, em dois: num dia, a criatura espiritual, e no outro, a corporal; ou num dia, o céu e tudo o que lhe pertence, no outro, a terra com tudo o que nela existe; e isso absolutamente falando, ou seja, quando quisesse, em quanto tempo quisesse e como quisesse. Quem há que diga que algo pode resistir à sua vontade?

CAPÍTULO III

Explicação do capítulo 11,20 do livro da Sabedoria

7. Por isso, quando lemos que Deus concluiu todas as obras em seis dias e considerando o número seis, percebemos que ele é perfeito e que a ordem das criaturas se desenvolve de tal modo que aparece como a divisão gradual das referidas partes, com as quais este número se completa. E vem à mente o que diz a Deus uma passagem da Escritura em outro lugar: Tudo dispuseste com medida, número e peso³. Após invocar a Deus em seu auxílio, a alma que puder pense, recebendo dele forças e inspiração, se estas três coisas: medida, número e peso, nas quais, conforme está escrito, Deus ordenou todas as coisas, se elas existiam em alguma parte antes que fossem criadas todas as criaturas, ou se também elas foram criadas; se existiam antes, onde estavam. Pois antes da criatura, nada havia a não ser o Criador. Portanto, existiam nele. Mas como? Lemos que estas coisas que foram criadas estavam nele⁴. Ou aquelas eram como ele, mas estas estavam como naquele por quem são guiadas e administradas? Mas, como aquelas eram como ele? Pois Deus não é medida, ou número, ou peso, ou tudo isso junto. Ou se interpretamos de acordo com o que conhecemos, ou seja, a medida está nas coisas que medimos, o número, nas que enumeramos, e o peso, nas que pesamos, Deus não é estas coisas. Mas se interpretamos que a medida determina o modo de todo ser, e o número proporciona a espécie para todo ser, e o peso leva todo ser para o repouso e a estabilidade, ele é tudo isso como o primeiro, de modo veraz e único, pois ele determina, forma e ordena todas as coisas. E o afirmado: Tudo dispuseste com medida, número e peso, nada mais significa, de acordo com o que foi possível à mente e à língua humanas, senão: “Dispuseste tudo em ti”.

8. É algo grande e a poucos concedido elevar-se sobre todas as coisas que podem ser medidas, para ver uma medida sem medida; elevar-se sobre todas as coisas que podem ser enumeradas, para ver um número sem número; elevar-se sobre todas as coisas que podem ser pesadas, para ver um peso sem peso.

CAPÍTULO IV

Em Deus há medida sem medida, número sem número e peso sem peso

Não se pode perceber e pensar em medida, número e peso apenas nas pedras e madeiras e semelhantes grandezas, por maiores que sejam os corpos terrestres ou celestes. Há medida também na ação; para que não seja interminável e imoderada a progressão; e há também o número com respeito aos sentimentos e virtudes do espírito, pelo qual ele passa da deformidade da ignorância para a forma e a beleza da sabedoria; e há peso na vontade e no amor, nos quais se manifesta o quanto cada um deve pensar a respeito de seu apetecer, do fugir, do preferir, do estimar menos. Mas a medida dos espíritos e das mentes é controlada por uma outra medida, e o número é formado por um outro número, e o peso é atraído por um outro peso. A medida sem medida é aquela com a qual se compara o que é dela, e ela não é medida por coisa alguma; o número sem medida é aquele com o qual se formam todas as coisas, mas ele não é formado; o peso sem peso é aquele pelo qual são atraídas todas as coisas para que repousem, e seu repouso é puro gozo, e ele para coisa alguma é atraído.

9. Aquele que conhece apenas pela vista os termos: medida, número e peso, conhece-os servilmente. Transcenda, por isso, tudo o que assim conhece, ou se ainda não consegue, não se prenda aos referidos termos, sobre os quais não pode pensar a não ser sordidamente. Pois, tanto mais estas realidades são queridas a cada um em coisas superiores, quanto menos ele é carne com respeito às inferiores. Porque, se alguém não quer que esses termos, que aprendeu nas coisas ínfimas e abjetas, não se transfiram para aquelas sublimes, com as quais procura serenar a mente ao contemplá-las, não deve ser forçado a fazê-lo. Pois, quando se compreende o que deve ser compreendido, não se há de preocupar muito sobre como se chama. Contudo, é preciso saber a semelhança que há entre as coisas inferiores com relação às superiores, pois de outro modo a razão não se inclina retamente de umas para outras e nem se esforçará para isso.

10. Se ainda alguém diz que foram criadas a medida, o número e o peso, com os quais, conforme atesta a Escritura, Deus ordenou todas as coisas; se com eles tudo ordenou, onde os ordenou? Se em outras coisas, como todas as coisas neles e quando eles nas outras coisas? Não se deve duvidar, certamente, que eles estão fora daquelas coisas que foram ordenadas, nos quais tudo foi ordenado.

CAPÍTULO V

Em Deus está a razão da medida, do número e do peso

11. Ou talvez julgaremos que foi dito: Tudo dispuseste com medida, número e peso⁵, como se estivesse dito: “Tudo dispuseste de tal forma que tudo tivesse medida, número e peso?” Porque, se estivesse dito também: “Dispuseste todos os corpos com cores”, não se seguiria daí que se deva entender que a Sabedoria de Deus, pela qual tudo foi feito, teve primeiramente em si mesma as cores, com as quais faria os corpos; mas se entenderia assim: “Dispuseste todos os corpos com cores”, como se dissesse: “Dispuseste todos os corpos de tal modo que tivessem cores”. Ou, pelo contrário, como se “os corpos dispostos com cores por Deus Criador” pudessem ser interpretados de outro modo, a saber: os corpos foram dispostos de tal forma que fossem coloridos; contanto que se entenda não ter faltado à Sabedoria de quem dispôs, alguma razão das cores que haviam de ser distribuídas a cada espécie de corpo, mesmo que aí não se denomine cor. Com efeito, eu já disse: quando se conhece uma coisa, não se há de preocupar a respeito de palavras.

12. Concluamos que foi dito assim: *tudo dispuseste com medida, número e peso*⁶, como se tivesse dito que as coisas fossem dispostas de modo a terem suas próprias medidas, seus próprios números e seus próprios pesos, os quais neles mudariam de acordo com a mutabilidade de cada espécie, com

crescimento e diminuição, com grande ou pequeno número, com leveza ou com peso, segundo a disposição de Deus. Acaso se pode dizer que seja mutável o desígnio de Deus, no qual os desejos como estes se mudam? Que ele afaste tão louco pensamento!

CAPÍTULO VI

Como Deus ordenava todas as coisas

Portanto, como essas coisas seriam dispostas de modo a terem medidas, números e pesos, onde as via quem as dispunha? Não podia ser fora de si mesmo, tal como enxergamos os corpos com os olhos, visto que certamente essas coisas ainda não existiam, quando se dispunham para serem criadas. Não as via também dentro de si mesmo, tal como vemos pelo espírito as imagens dos corpos, que não estão presente aos olhos, mas, imaginando, pensamos nas coisas que vemos ou em suas imagens. Portanto, como via essas coisas de modo a dispô-las? De que modo, a não ser naquele com que somente ele pode ver?

13. De fato, nós mortais e pecadores, cujas almas são oprimidas pelos corpos corruptíveis e cujos sentidos o corpo deprime pelo pensamento em muitas coisas terrenas⁷, não conheceríamos a substância divina como ela é para si mesma, ainda que tivéssemos corações puríssimos e mentes retíssimas e já fôssemos iguais aos santos Anjos.

CAPÍTULO VII

Nossa visão sobre a perfeição do número seis

Não enxergamos fora de nós a perfeição do número seis, tal como enxergamos os corpos com nossos olhos, nem como vemos dentro de nós pela imaginação os corpos e as imagens das coisas visíveis, mas de um outro modo muito diferente. Com efeito, ainda que venham ao encontro do olhar da mente certas figuras de corpúsculos, quando se pensa na composição ou ordem ou divisão do número seis, não as aprova a razão mais penetrante e vigorosa em seu plano superior, mas, em seu interior contempla a potência do número. Por este olhar, diz com toda confiança que o que se chama “um” nos números não se pode dividir em partes, e que todo corpo pode ser dividido em partes inumeráveis. É mais fácil passarem o céu e a terra, que foram criados de acordo com o número seis, do que conseguir fazer com que o número seis não se complete com suas partes. O espírito humano eleve sempre sua ação de graças ao Criador, pelo qual foi criado, de modo a ser capaz de ver o que não consegue nenhuma das aves, nenhum dos animais, os quais, no entanto, enxergam, como nós, o céu, a terra, os luzeiros, o mar, a árida e tudo o que neles existe.

14. Por conseguinte, não podemos dizer que, por ser perfeito o número seis, Deus criou em seis dias suas obras, mas porque Deus concluiu todas suas obras em seis dias, por isso o número seis é perfeito. Assim, mesmo que essas obras não existissem, ele seria perfeito; se ele não fosse perfeito, essas obras não seriam feitas perfeitas segundo ele.

CAPÍTULO VIII

O sentido do descanso de Deus no sétimo dia

15. Já é o momento de procurarmos interpretar com a inteligência, na medida de nossas possibilidades e na medida em que formos por Deus ajudados, o que está escrito, ou seja, que ele descansou no sétimo dia de todas as obras que fez, e também abençoou o referido dia e o santificou, pois nele descansou de todas as suas obras. Para isso desviemos primeiramente de nossas mentes as conjecturas

carnais próprias dos homens. Acaso é lícito dizer ou acreditar que Deus se cansou em suas obras quando ao criar aquelas que, conforme acima está escrito, dizia e eram feitas? Pois nem o próprio homem se cansa, se algo que deve ser feito se faz, apenas dizendo: “Faça-se”. Com efeito, embora palavras humanas se profiram, auxiliadas pelos sons, um discurso longo cansa, mas, sendo tão poucas as palavras, como eram poucas as que lemos no que foi escrito, quando Deus disse: “Faça-se a luz”, “Faça-se o firmamento”⁸, e as demais, até o fim das obras que concluiu no sexto dia, é um delírio absurdo pensar que isso era trabalho para o homem ou, muito menos, para Deus.

16. Ou, talvez, alguém dirá que Deus não se cansou ao dizer que se fizessem as coisas que foram feitas continuamente, mas pensando no que deveria ser feito, como que liberado desse cuidado, descansou da realização das coisas e, por isso, quis abençoar e santificar o dia em que primeiramente ficou livre dessa preocupação do espírito? Se alguém tem o prazer em dizer isso, é sinal de que está perdendo o juízo (pois tanto o poder como a facilidade em criar as coisas é em Deus incomparável e inefável).

CAPÍTULO IX

Em que sentido Deus descansou — Tristeza louvável

O que falta para entendermos senão que Deus ofereceu em si mesmo o descanso à criatura dotada de razão com a qual o homem foi criado, depois de a aperfeiçoar pelo dom do Espírito Santo, pelo qual a caridade se difunde em nossos corações⁹, a fim de sermos levados para lá, pelo ímpeto de desejo? Ali descansaremos quando chegarmos, ou seja, nada mais desejaremos? Pois, assim como se diz que Deus faz em nós tudo o que fizemos em nós com sua ajuda, assim, com razão, diz-se que Deus descansa, quando descansamos por uma dádiva sua.

17. Com efeito, isso entendemos bem, porque é verdade e não há necessidade de muito esforço para vermos que nós descansamos quando Deus descansa, assim como se diz que Deus conhece quando faz com que conheçamos. Deus não conhece no tempo o que antes não conhecia, e, no entanto, diz a Abraão: “Agora sei que temes a Deus”¹⁰; o que isso quer dizer senão: “Agora fiz com que fosse conhecido por ti”? Com esta maneira de falar, quando falamos das coisas que não acontecem em Deus, como se nele acontecessem, sabemos que ele faz com que nos aconteça, mas somente as que são dignas de louvor, e estas, na medida em que o permite o costume da Escritura. Pois não devemos dizer temerariamente a respeito de Deus algo que não lemos em sua Escritura.

18. Julgo que o Apóstolo disse estas palavras conforme esse modo de falar: *Não queirais entristecer o Espírito Santo de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção*¹¹. Com efeito, a substância do Espírito Santo, pela qual é o que é, não pode entristecer-se, visto que possui a eterna e inmutável bem-aventurança, melhor dito, que ela é a bem-aventurança eterna e inmutável. Mas porque ele habita nos santos de tal modo que os enche de caridade, pela qual é necessário que os homens se alegrem de imediato à vista do progresso e das boas obras dos fiéis, assim como é preciso que também se entristeçam à vista das faltas e dos pecados daqueles de quem se alegravam pela fé. É louvável esta tristeza porque procede do amor derramado pelo Espírito Santo. Por isso diz que o Espírito Santo se entristece por aqueles que assim procedem, para que os santos se entristeçam pelas obras deles, não por outra razão senão porque eles possuem o Espírito Santo. Por este dom são tão bons que os maus lhes causam tristeza, principalmente aqueles que, conforme sabem ou acreditam, foram bons. Esta tristeza, sem dúvida, não somente não é culpável, mas também, e principalmente, é digna de louvor e de ser exaltada.

19. O mesmo Apóstolo fez uso novamente, e de modo admirável, dessa maneira de falar, quando

disse: *Conhecendo a Deus agora, ou melhor, sendo conhecidos por Deus*¹². Com efeito, Deus não os conheceu antes, ou seja, já eram conhecidos desde a criação do mundo¹³. Mas porque eles o conheceram por sua graça e não por merecimentos ou capacidade, preferiu falar em metáfora para dizer que eles eram conhecidos por ele, quando ele se apresentou para ser por eles conhecido. E preferiu também corrigir a expressão, como se tivesse falado menos retamente o que dissera com propriedade, em vez de permitir que pudessem atribuir a si mesmos o que Deus lhes concedera poder.

CAPÍTULO X

Questão sobre se Deus poderia descansar

20. Talvez seja suficiente para alguns entender que naquilo que foi afirmado, que Deus descansou de todas suas obras, as quais fizera muito boas, ele nos faz descansar quando tivermos praticado boas obras. Mas, tendo assumido a reflexão sobre esta sentença das Escrituras, somos obrigados a investigar sobre como ele poderia descansar, embora, por nos ter insinuado seu descanso, ele nos tenha advertido a nele esperar nosso futuro descanso. Com efeito, assim como ele fez o céu e a terra e o que neles existe, e concluiu todas as obras no sexto dia, não se pode dizer que nesses dias nós tivéssemos criado alguma coisa com sua ajuda, e, por isso foi dito: Deus concluiu no sexto dia a obra que fizera¹⁴, porque nos prestou auxílio para que concluíssemos. Assim também no que se disse: Descansou no sétimo dia de todas as obras que fizera¹⁵, não devemos interpretar este descanso como o nosso, o que alcançaremos por sua mercê, mas o descanso dele mesmo em primeiro lugar, pelo qual descansou no sétimo dia, concluídas as obras. Assim sejam mostrados primeiramente todos os feitos que foram escritos e, em seguida, se for preciso, ensine-se também que eles significam alguma coisa. Por isso, diz-se retamente que, assim como Deus descansou depois de todas suas obras, que eram boas, também descansaremos depois de todas nossas boas obras. Mas, porque a dissertação exige com razão que, do mesmo modo como se discorreu sobre as obras de Deus que aparecem claramente como sendo dele, também se disserte bastante sobre o descanso de Deus para se demonstrar que esse descanso é próprio dele.

CAPÍTULO XI

Concordância entre o descanso de Deus no sétimo dia e a afirmação evangélica de que Deus ainda trabalha

21. Por isso, somos obrigados a investigar e a falar, se pudermos, como pode ser verdade tanto o que está escrito, ou seja, que Deus, no sétimo dia, descansou das obras que fizera, como o que ele próprio, por quem tudo foi feito, diz no Evangelho: “Meu Pai trabalha até agora e eu também trabalho”¹⁶. Estas palavras serviram de resposta para aqueles que perguntavam por que não observava o sábado prescrito desde antigamente pela autoridade desta Escritura. Pode-se dizer com probabilidade que foi ordenado aos judeus o dever de observar o Sábado como uma sombra do futuro, a qual figurasse o descanso espiritual que Deus prometia com significado misterioso aos fiéis que praticam boas obras, em memória deste seu descanso. Também o próprio Cristo Senhor, que não padeceu senão quando quis, confirmou o mistério desse descanso com sua sepultura. Com efeito, descansou no sepulcro no mesmo dia de sábado, e teve esse dia inteiro para um santo descanso, e depois no sexto dia, ou seja, “parasceve”, que denominam sexto antes do sábado, concluiu todas suas obras, ao se cumprir no patíbulo da cruz o que foi escrito a seu respeito. Pois assim se expressou: “Está consumado”. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito¹⁷. Por que admirar-se se Deus, querendo preanunciar deste modo este dia em que Cristo estaria no sepulcro para descansar, descansou de suas obras em um dia, e

depois levou a efeito a ordem dos séculos, de tal modo que se diria em verdade: “Meu Pai trabalha até agora”?

CAPÍTULO XII

Outra explicação sobre o descanso e o trabalho contínuo de Deus

22. Pode-se entender também que Deus descansou da criação das espécies das criaturas, porque não criou depois espécie alguma nova, mas dali em diante até agora e doravante administra as espécies que então foram instituídas. Por isso, seu poder não cessou, mesmo no sétimo dia, no governo do céu e da terra e de todas as coisas que criara, pois do contrário em seguida se desfariam. De fato, o poder do Criador e a virtude do Onipotente e do Mantenedor é causa da subsistência de toda a criatura. Esta virtude, se alguma vez cessar no governo das coisas que foram criadas, no mesmo instante desaparecerão suas espécies e toda a natureza ficará destruída. Pois ele não atua como o construtor de casas, que se ausenta depois de erguê-las e, cessando ele no trabalho e se ausentando, sua obra permanece. Por isso, o mundo não poderia continuar apenas num abrir e fechar de olhos, se Deus lhe retirasse o governo.

23. Portanto, o que o Senhor disse: “*Meu Pai trabalha até agora*”¹⁸, mostra certa continuidade de sua obra, pela qual mantém e administra toda criatura. Com efeito, poder-se-ia entender de outro modo, se dissesse: “E agora trabalha”, não haveria então necessidade de que entendêssemos a continuação da obra; mas somos obrigados a entender de outro modo as palavras: *Até agora*, ou seja, desde aquele dia em que realizou todas as obras ao criá-las. E o que está escrito sobre sua sabedoria: *Alcança com vigor de um extremo a outro e dispõe todas as coisas suavemente*¹⁹, sobre a qual também está escrito que seu movimento é mais ágil e mais rápido que todos os movimentos²⁰, deixa ver muito bem, aos que veem com retidão, que este incomparável e inefável, e se se pode dizer assim, estável movimento, outorga essa sabedoria para que as coisas possam se dispor suavemente. Retirado esse movimento, se ele cessar nesta operação, as coisas perecerão imediatamente. E o que disse o Apóstolo ao anunciar Deus aos atenienses: *Nele vivemos, nos movemos e existimos*²¹, refletido serenamente quanto pode a mente humana, ajuda este ensinamento, pelo qual cremos e dizemos que Deus age sem cessar nas coisas que criou. Mas não estamos nele como sua substância, conforme foi dito, pois ele tem vida em si mesmo²², mas certamente, mesmo sendo diferentes dele, estamos nele não por outra razão senão porque ele é que faz isso; e esta sua obra, pela qual contém todas as coisas e pela qual sua sabedoria *alcança com vigor de um extremo a outro e dispõe todas as coisas suavemente*, por esta administração *nele vivemos, nos movemos e existimos*. De onde se conclui que, se Deus retira esta sua obra das coisas, não viveremos, nem nos moveremos, nem existiremos. É evidente, portanto, que em nenhum só dia Deus cessou da obra de governar as coisas que ele criou para que não perdessem logo seus movimentos, pelos quais agem e crescem, para que sejam totalmente da sua natureza e permaneçam no que são de acordo com a espécie de cada uma; e deixariam imediatamente de existir, se lhes fosse retirado aquele movimento da Sabedoria de Deus pelo qual tudo dispõe com suavidade. Por isso, entendemos que Deus descansou de todas as obras que fez, de tal modo que não criaria dali em diante nenhuma natureza nova, e não como se cessasse de manter e governar aquelas que criara. Portanto, conclui-se que é verdade que *Deus descansou no sétimo dia*²³, e também que *trabalha até agora*²⁴.

CAPÍTULO XIII

A observância do sábado — O sábado cristão

24. Não há dúvida que vemos suas boas obras; mas veremos seu descanso depois de nossas boas obras. Para significar esse descanso, mandou o povo hebreu guardar um dia²⁵, o que eles cumpriram tão materialmente que nesse dia chegaram a recriminar o Senhor, nosso Salvador, ao verem-no trabalhar. Respondeu-lhes, com propriedade, falando da obra do Pai, com o qual ele também operava de igual modo, não somente a administração de toda a criatura, mas também nossa salvação. Agora, no tempo da graça revelada, aquela observância do sábado, que era simbolizada pelo descanso de um dia, foi abolida das obrigações dos fiéis. Com efeito, na lei da graça observa um sábado perpétuo aquele que pratica qualquer bem com a esperança do futuro descanso, e não se gloria desse bem, como que já possuindo um bem que não recebeu. Assim, pois, recebendo e entendendo o sacramento do batismo como um dia de sábado, ou seja, o dia do descanso do Senhor na sepultura, descansa de suas obras antigas, a fim de que, caminhando na vida nova²⁶, conheça que Deus age nele, o Deus que ao mesmo tempo tanto opera como descansa, tanto oferecendo à criatura um governo adequado, como tendo em si mesmo a tranquilidade eterna.

CAPÍTULO XIV

A causa da santificação do sábado

25. Numa palavra, Deus não se cansou ao criar, nem se refez quando cessou, mas, pela sua Escritura, quis-nos exortar ao desejo do descanso, intimando-nos a santificar o dia em que descansou de todas as suas boas obras. Pois jamais, em todos os seis dias em que criou todas as coisas, se lê que santificou algo, nem antes dos seis dias, quando se escreveu: No princípio, Deus fez o céu e a terra²⁷, foi acrescentado: “E santificou”; mas quis santificar este dia em que descansou de todas as obras que fizera, como se perante ele, que não se cansa absolutamente em seu trabalho, mais vale o descanso que a obra. O Evangelho, na verdade, insinua isso a nós “homens”, na passagem em que nosso Salvador diz ser melhor a parte de Maria, porque, sentada a seus pés, descansava em sua palavra; parte melhor que a de Marta, ocupada pelo excessivo trabalho com que o servia, ainda que entregue a uma obra boa²⁸. É difícil de se dizer como isso seja ou se entenda em Deus, ainda que se possa alcançar um pouco pelo pensamento, porque Deus santificou o dia de seu descanso, ele que não santificou nenhum dos dias de sua obra, nem mesmo o sexto dia em que também criou o homem e concluiu todas as obras. Antes de mais nada, que acuidade da mente humana é capaz de compreender o que seja o descansar de Deus? Contudo, se não existisse esse descanso, a Escritura com certeza não o afirmaria. Direi, pois, o que penso: estas duas coisas considerem-se fora de dúvida, ou seja, nem Deus se recreou com um certo descanso temporal por ter chegado depois do trabalho ao fim proposto de sua empresa, nem estas Escrituras, que se distinguem por sua grande autoridade, disseram inútil e falsamente que Deus descansou no sétimo dia de todas suas obras que fizera e, por isso, santificou o referido dia.

CAPÍTULO XV

Solução da questão anterior

26. Porque é um vício e uma fraqueza da alma de tal modo se comprazer em suas obras que descansa mais nelas do que em si mesma, quando, sem qualquer dúvida, é melhor que alguma coisa esteja nela por quem foi feita, do que as coisas que foram feitas. Deus nos insinua por esta Escritura, que nos diz que ele descansou de todas suas obras, que não se deleitou com nenhuma obra como se necessitasse de a criar, ou se diminuiria se não a criasse, ou se tornaria mais feliz se a criasse. Porque de tal modo é dele tudo o que é dele, que lhe é devedor aquilo que é, mas a nada que dele procede deve o fato de ser feliz; antepôs-se às coisas que fez amando, não santificando o dia em que começou a fazê-las, nem

aquele em que as concluiu, para não parecer que seu gozo aumentou pelas coisas que faria ou pelas feitas; mas santificou o dia em que em si mesmo delas descansou. E certamente ele não necessitou deste descanso, mas no-lo mostrou por meio do sétimo dia, significando com isso que seu descanso não é alcançado senão pelos perfeitos, ao não determinar o dia para no-lo tornar conhecido, a não ser aquele que vem em seguida à perfeição de todas as coisas. Com efeito, aquele que está sempre em descanso, descansou para nós quando nos mostrou que descansou.

CAPÍTULO XVI

O descanso de Deus no sétimo dia após suas obras

27. Deve-se levar em conta também que era preciso que nos fosse insinuado o descanso de Deus, pelo qual ele é bem-aventurado devido a si mesmo, para entendermos em que sentido se diz que ele descansa em nós; o que não se diz a não ser quando dá o descanso a si e a nós. Portanto, o descanso de Deus para os que entendem retamente é aquele pelo qual ele não necessita de bem algum de ninguém; e assim, nosso descanso é garantido nele mesmo e por ele nos tornamos bem-aventurados pelo bem que ele é, e não ele pelo bem que somos nós. Com efeito, nós também somos algum bem recebido dele que fez boas todas as coisas, entre as quais fez também a nós. Além disso, não há uma outra coisa boa fora dele que ele não fez; e, por isso, não necessita de bem algum além de si. Ele não necessita do bem que fez. Este é o seu descanso após todas as obras que fizera. Mas de que bens louváveis não necessitaria, se não tivesse criado nenhum? Pode-se dizer também que não necessitando de bem algum, não descansaria em si mesmo do que criou e, mais, mesmo nada criando. Mas se não pudesse fazer coisas boas, não teria poder algum; mas se pudesse e não fizesse, seria uma grande inveja. Porque é onipotente e bom, fez muito boas todas as coisas. Porque é perfeitamente feliz com seu verdadeiro bem, descansou em si mesmo das coisas boas que fizera, ou seja, com aquele descanso que nunca deixou de ter. Se se dissesse que descansou das obras que deveria fazer, não se entenderia outra coisa senão que nada fez. Mas, se não se dissesse que descansou de obras feitas, enfatizar-se-ia menos que não necessitava daquelas que fez.

28. Sendo assim, em que dia se consideraria melhor senão no sétimo? Isso entende claramente todo aquele que se recorda que a perfeição do número seis, da qual falamos anteriormente, foi aplicada adequadamente à perfeição da criatura. Pois, se a criação deveria ser concluída dentro do número seis, como de fato o foi, e nos deveria ser conhecido o descanso de Deus, pelo qual se demonstra que as criaturas mesmo as perfeitas não o tornavam feliz, sem dúvida, deveria ser santificado o dia que vem em seguida ao sexto, pelo qual nos despertáramos para desejar este descanso e, assim, descansaríamos nele.

CAPÍTULO XVII

Nosso descanso em Deus

29. Não é certamente uma comparação piedosa querermos ser semelhantes a Deus, de tal modo que também nós descansemos de nossas obras em nós, como ele descansou de suas obras em si mesmo. Pois devemos descansar num bem inmutável, e este é, para nós, ele que nos fez. Portanto, nosso descanso será o melhor descanso possível, de forma alguma soberbo, e deveras piedoso, de modo que, assim como ele descansou de todas suas obras, porque suas obras não são para ele um bem, mas ele é um bem para si mesmo e por ele é feliz, assim também nós esperemos descansar a não ser nele de todas nossas obras, não somente nossas, mas também dele. E desejemo-lo depois de nossas boas obras, as quais reconhecemos ser antes dele que nossas, para que também ele descanse de suas obras boas

quando, depois das boas obras que tivermos praticado, justificados por ele, outorgue-nos o descanso em si mesmo. Para nós é uma graça inestimável existir por ele, mas será maior nele descansar. Ele não é feliz por ter feito estas coisas, mas porque, não necessitando do que foi feito, descansou em si mesmo antes que nas obras, por isso, não santificou o dia da obra, mas o do descanso, porque mostrou ser feliz, não porque as fez, mas porque não necessitava das que fez.

30. Deus descansou de todas as obras que fez! O que há de mais simples e fácil de se dizer? E de mais sublime e difícil de se conceber? Onde haveria ele de descansar a não ser em si mesmo, uma vez que apenas em si mesmo é feliz? Quando, a não ser sempre? Na ocasião em que é narrada a consumação das obras que ele criou, determina-se a ordem do descanso de Deus. Quando? No sétimo dia que se seguiu ao acabamento perfeito delas. Descansou após tê-las realizado perfeitamente, ele que de nenhum modo delas necessita para que seja mais feliz.

CAPÍTULO XVIII

Razão da falta de uma tarde no sétimo dia

31. Em Deus, certamente, não há manhã nem tarde para seu descanso, pois não se abre com um princípio, nem se fecha com um fim. Para suas obras perfeitas há uma manhã e não há uma tarde, pois a criatura perfeita tem um ponto de partida em sua conversão para o descanso em seu Criador, mas não tem fim, como se fosse o término de sua perfeição, como as coisas que foram criadas. E por isso, o descanso de Deus não começa para Deus, mas para a perfeição das coisas criadas, para nele começar a descansar o que por ele é levado à perfeição e nele tenha a manhã. Considerada em sua espécie tem um término, como se fosse sua tarde; mas em Deus não pode haver a tarde, visto que nada haverá mais perfeito que essa perfeição.

32. Nos dias em que todas as coisas eram criadas, considerávamos a tarde como o término da criatura criada e a manhã, como o início de uma outra a ser criada. Assim, a tarde do quinto dia é a conclusão da criatura criada no quinto dia, mas a manhã, que se fez depois dessa tarde, é o início da criatura a ser criada no sexto dia; uma vez criada, fez-se a tarde como seu término. E como nada ficava para ser criado, depois dessa tarde se fez manhã, já que não havia o começo da criação de outra criatura; mas o início do descanso de todas as criaturas no repouso de Deus. Pois nem o céu nem a terra e tudo o que neles existe, ou seja, toda criatura espiritual e corporal, não permanece em si mesma, mas certamente naquele do qual foi dito: *É nele, com efeito, que vivemos, nos movemos e existimos*²⁹. De fato, toda parte pode estar no todo do qual é parte, mas o todo não está senão naquele pelo qual foi criado. E por isso, com razão se entende que, completado o sexto dia, fez-se a manhã depois desta tarde, mas não para significar o início da criação de outra criatura, como nas demais; mas para significar o início da permanência e do descanso de tudo que foi criado no descanso daquele que o criou. Este descanso para Deus não tem início nem término; mas o da criatura tem início, mas não tem um término. Portanto, o sétimo dia começa para a criatura pela manhã, mas não termina em tarde alguma.

33. Se nos demais dias a tarde e a manhã significam as alternâncias dos tais tempos, quais agora acontecem pelos intervalos de dias, não encontro o que me possa proibir de dizer de modo semelhante que o sétimo dia termina com uma tarde e que sua noite termina com a manhã, para se poder dizer de modo semelhante: “E houve uma tarde e uma manhã: sétimo dia”, pois ele também é um dos dias, os quais todos são sete, com cuja repetição se perfazem os meses, os anos e os séculos. Falar em manhã depois do sétimo dia, seria falar em início do oitavo dia, a respeito do qual se fez silêncio em seguida, visto que é o primeiro ao qual se volta e a partir do qual se forma novamente a série de semanas.

Donde se conclui ser muito provável que esses sete dias, com seus nomes e número, sucedendo-se uns aos outros, formem intervalos temporais no decorrer dos tempos. Mas naqueles primeiros seis dias, que se desenvolvem nas criações das coisas de um modo não conhecido e inusitado para nós, tanto a tarde como a manhã, assim como a luz e as trevas, ou seja, o dia e a noite, não apresentaram a alternância que os de hoje apresentam pelo circuito do sol. Isso certamente somos obrigados a confessar a respeito dos três primeiros dias que foram mencionados e enumerados antes da criação dos luzeiros.

34. Por isso, de qualquer modo que tenham acontecido neles a tarde e a manhã, de forma alguma se há de pensar que na manhã que foi feita depois da tarde do sexto dia, teve início o descanso de Deus, para que não suspeitemos, com uma vaidade temerária, ter acontecido um bem para aquela eterna imutabilidade, mas que o descanso de Deus, pelo qual descansa em si mesmo e é feliz com esse bem porque ele é para si mesmo, não teve nem início nem término, mas o mesmo descanso de Deus teve início para a criatura concluída. Por isso, a perfeição de qualquer coisa, não tanto no universo do qual é parte, quanto naquele de quem procede, no qual está também o próprio universo, estabiliza-se de acordo com sua espécie afim de descansar, ou seja, para conservar a ordem de seu modo de ser. Por isso, o conjunto das criaturas que foi concluído em seis dias tem uma coisa em sua natureza, e outra na ordem pela qual está em Deus, não como Deus, mas de tal modo que não tem em si o descanso da própria estabilidade, a não ser no descanso daquele que nada deseja além de si mesmo, no qual descansa uma vez alcançado. E por isso, enquanto ele permanece em si mesmo, tudo o que procede dele volta para ele, de modo que toda criatura tenha em si o término de sua natureza, pelo qual não é o que ele é, mas tenha nele o lugar de descanso, com o qual conserva o que ela é. Sei que empreguei o termo “lugar” inapropriamente. Falando propriamente, lugar se refere aos espaços ocupados pelos corpos, mas porque os corpos também não permanecem no seu lugar, a não ser que o alcancem pela tendência de seu peso, de modo a descansarem, uma vez que o ocupem, por isso não inadequadamente a palavra se transfere das coisas espirituais para as corporais e, assim, se possa dizer “lugar”, mesmo que a própria coisa esteja bem distante.

35. Julgo, portanto, que o início da criatura no descanso do Criador foi significado por aquela manhã, a qual aconteceu depois da tarde do sexto dia, pois não poderia descansar nele se não fosse perfeita. Por isso, concluídas todas as obras no sexto dia e passada a tarde, fez-se também manhã, na qual a criatura já perfeita começaria a descansar naquele pelo qual foi feita. Nesse início encontra a Deus que descansa em si mesmo, e nele a criatura encontra como poder descansar, tanto mais permanente e firme, quanto ela necessita dele para seu descanso e não ele, dela. Mas porque, seja o que for o conjunto das criaturas em qualquer de suas mutações, certamente não será nada; por isso, o conjunto das criaturas permanecerá para sempre em seu Criador e, assim, depois daquela manhã não haverá mais uma tarde.

CAPÍTULO XIX

Outra razão para o assunto anterior

36. Dissemos isso porque o sétimo dia, no qual Deus descansa de todas as suas obras, teve manhã depois da tarde do sexto, mas não teve tarde. Há uma outra razão, assim penso eu, pela qual se pode entender com mais propriedade e melhor este assunto, mas um pouco mais difícil de ser explicado; ou seja, que não somente o descanso da criatura, mas também o de Deus, no sétimo dia, teve uma manhã sem tarde, ou seja, um começo sem fim. Pois se se dissesse assim: “Deus descansou no sétimo dia”, e não se acrescentasse: “de todas as obras que fizera”, em vão procuraríamos o início deste descanso.

Com efeito, Deus, cujo descanso é eterno, sem princípio e sem fim, não começa a descansar. Mas, porque descansou de todas as obras boas que fizera, não necessitando delas, na verdade se entende o descanso de Deus como nem começado nem terminado, pois seu descanso de todas as boas obras que fizera, começou no momento em que as concluiu. Pois, não necessitando de suas obras, não teria descansado antes que existissem e delas tampouco necessitaria, mesmo estando terminadas. E porque nunca absolutamente delas necessitou, nem essa bem-aventurança, que delas não necessita, aperfeiçoa-se como que progredindo. Por isso, ao sétimo dia não se acrescentou uma tarde.

CAPÍTULO XX

O sétimo dia foi criado?

37. Pode-se perguntar, e a isso nos move uma digna reflexão, como se entende que Deus descansou em si mesmo de todas as obras boas que fizera, pois está escrito: No sétimo dia descansou³⁰. Não foi dito: “em si mesmo”, mas no sétimo dia. O que é, portanto, o sétimo dia? Alguma criatura, ou somente um intervalo de tempo? Mas, o intervalo de tempo foi criado junto com a criatura temporal e, por isso, ele é também, sem dúvida, uma criatura. Com efeito, tempo algum existe ou pôde existir ou poderá existir, do qual não seja Deus o Criador; e, por isso, este sétimo dia, se é tempo, quem o criou, senão o Criador de todos os tempos? Mas, a palavra já citada da sagrada Escritura mostra aqueles seis dias, com os quais ou nos quais as criaturas foram criadas. Por isso, no tocante a estes sete dias, cuja natureza nos é conhecida, os quais realmente passam, e dão de certo modo seus nomes aos outros que sucedem, de modo que os outros seis dias tenham seus nomes, sabemos quando foram criados os primeiros, mas não vemos quando Deus criou o sétimo dia, que é denominado pelo nome de sábado. De fato, nesse dia não fez nada, melhor, descansou no sétimo dia das obras que fizera nos seis dias. Com efeito, como descansou no dia em que nada criou? Ou, como o pôde ter criado imediatamente depois dos seis dias, se concluiu no sexto dia todas as coisas que criou, e nada criou no sétimo dia, mas, antes, nele descansou de todas as obras que criara? Ou Deus criou um só dia, de modo que, por sua repetição, passaram e transcorreram outros muitos que são chamados dias, e não seria necessário criar o sétimo dia, porque a sétima repetição daquele que criara o faria? Pois a luz, sobre a qual está escrito: Disse Deus: “Faça-se a luz” e fez-se a luz³¹, ele a separou das trevas e denominou-a dia e chamou às trevas noite. Com efeito, nessa ocasião, Deus fez o dia cuja repetição a Escritura denomina o segundo dia, em seguida, o terceiro, até o sexto em que Deus concluiu suas obras; e a partir daí, a sétima repetição daquele dia criado em primeiro lugar recebeu o nome de sétimo dia, no qual Deus descansou. E por isso, o sétimo dia não é nenhuma criatura, mas o mesmo dia transcorrido sete vezes, que foi criado quando Deus deu o nome de dia à luz e às trevas denominou-as noite.

CAPÍTULO XXI

A luz criada antes dos luzeiros foi destinada para as variações entre dia e noite

38. Voltemos de novo à questão que nos parecia ter saído no primeiro Livro; e assim, perguntemos do mesmo modo, como foi possível à luz dar as voltas necessárias para mostrar a alternância diurna e noturna, não somente antes dos luzeiros do céu, mas antes que fosse criado o próprio céu, que foi denominado firmamento, antes que, finalmente, fosse criada qualquer espécie da terra ou do mar, que permitisse o circuito da luz, seguindo-a a noite por onde ela tivesse passado. Impelidos pela dificuldade desta questão, atrevemo-nos como que a encerrar nossa exposição dizendo que aquela luz, que foi criada em primeiro lugar, era a formação da criatura espiritual, e que a noite era a matéria das coisas que se formariam nas demais obras. Essa matéria tinha sido criada quando no princípio Deus

fez o céu e a terra, antes de criar o dia por sua palavra. Mas, agora advertidos pela reflexão sobre o sétimo dia, é mais fácil confessarmos que ignoramos o que está distante de nossos sentidos, ou seja, de que modo aquela luz, que foi denominada dia, efetuou as alternâncias diurnas e noturnas: se foi por seu circuito ou por contração e emissão, se era corporal; ou se era espiritual, como se apresentava a todas as criaturas a serem criadas e como por sua presença fez o dia, e pela ausência fez a noite, como fez a tarde no início da noite, e a manhã no início de sua presença. É mais fácil, repito, confessarmos que ignoramos do que nos colocarmos contra as palavras da divina Escritura em assunto tão claro, dizendo que o sétimo dia é diferente da sétima repetição daquele dia que Deus criou. De outro modo, ou Deus não criou o sétimo dia ou criou algo depois dos seis dias, ou seja, o próprio sétimo dia; e seria falso o que está escrito, ou seja, que Deus concluiu todas suas obras no sexto dia e que descansou no sétimo de todas suas obras. Porque certamente isso não pode ser falso, resta que a presença daquela luz, a qual Deus fez como dia, repetiu-se em todas as suas obras todas as vezes em que se mencionou o dia e no próprio sétimo dia, no qual descansou de suas obras.

CAPÍTULO XXII

Explicação das alternâncias do dia e da noite pela luz espiritual

39. Pelo fato de não termos descoberto com que circuito, ou se com avanço ou retrocesso, a luz pôde efetuar as alternâncias do dia e da noite antes de ser criado o céu, o qual se denomina firmamento, e no qual foram criados os luzeiros, não devemos deixar de lado esta questão sem a menção do nosso pensamento. E esta é minha opinião: se aquela luz, que foi criada em primeiro lugar, não é corporal, mas espiritual, assim como foi criada depois das trevas, isso se entende que de sua informidade se voltou para o Criador e foi formada. Assim também depois da tarde se fez manhã, quando, após o conhecimento de sua natureza própria, pelo qual conhece que não é o que Deus é, volta-se para louvar a luz, que é o próprio Deus, por cuja contemplação é formada. E porque as demais criaturas, que são criadas inferiores a ela, não são criadas sem o conhecimento dele, por este motivo, sem dúvida, repete-se o mesmo dia para se criarem por sua repetição tantos dias, quantos são as diferentes espécies de coisas criadas e que tiveram seu término na perfeição do número seis. Desse modo, a tarde do primeiro dia é também o conhecimento de si mesma, a saber, que ela não é o que Deus é. Mas, a manhã, depois desta tarde pela qual se completa o primeiro dia e começa o segundo, é sua conversão, pela qual o que foi criado tributa o louvor ao Criador e recebe do Verbo de Deus o conhecimento da criatura que é criada depois dela, ou seja, do firmamento, o que se efetua antes no seu conhecimento, quando se diz: E assim se fez; e, em seguida, na natureza do próprio firmamento, que é criado, ao se acrescentar, mesmo depois, o que já foi dito: E assim se fez, Deus fez o firmamento³². Logo depois faz-se a tarde daquela luz, quando conhece o próprio firmamento, não no Verbo de Deus como antes, mas em sua própria natureza. Este conhecimento, porque é menor, é significado com razão pelo nome de tarde. Depois se faz manhã, com a qual termina o segundo dia e começa o terceiro, no qual a manhã é também a conversão desta luz, ou seja, deste dia, para louvar a Deus que tinha criado o firmamento, e para receber de seu Verbo o conhecimento da criatura que seria criada depois do firmamento. E por isso, quando Deus diz: Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e apareça a árida³³, aquela luz toma conhecimento disso no Verbo de Deus, pelo qual estas palavras são proferidas; e por isso prossegue: E assim se fez, ou seja, no seu conhecimento procedente do Verbo de Deus. Em seguida, quando se acrescenta: E as águas se reuniram etc.³⁴, como já se tinha dito: E assim se fez, é feita a criatura em sua espécie, a qual, da mesma forma, quando feita em sua espécie é conhecida por aquela luz, a qual já a havia conhecido no Verbo de Deus para ser feita, faz-se a tarde pela terceira

vez; e assim por diante até as demais obras, até a manhã depois da tarde do sexto dia.

CAPÍTULO XXIII

Conhecimento das realidades no Verbo de Deus e em si mesmas

40. Há uma grande diferença entre o conhecimento de uma coisa no Verbo de Deus e o conhecimento da coisa em sua natureza, de tal modo que aquele conhecimento diz respeito à manhã, e este à tarde. Em comparação com aquela luz, que se contempla no Verbo de Deus, todo conhecimento pelo qual conhecemos qualquer criatura em si mesma, com razão se pode denominar noite. Este conhecimento difere tanto do engano ou da ignorância daqueles que não conhecem a criatura, que em sua comparação com razão se denomina dia. Acontece o mesmo quando se compara a vida dos fiéis, que é vivida na carne e neste mundo, com a vida infiel e ímpia. Esta vida é denominada luz e dia no dizer do Apóstolo: Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor³⁵. Deixemos as obras das trevas e vistamos a armadura da luz, e como de dia andemos honestamente³⁶. Este dia, contudo, seria noite, se de novo o compararmos àquele dia em que veremos a Deus tal como é, iguais aos Anjos; então não necessitaremos da lâmpada da profecia. Daí dizer o apóstolo Pedro: Temos, também, por mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em recorrer como a uma lâmpada que brilha em lugar escuro, até que raie o dia e surja a estrela d'alva em nossos corações³⁷.

CAPÍTULO XXIV

A ciência dos anjos

41. Por isso, como os santos anjos, nos quais foi criada a sabedoria primeira de todas as coisas e aos quais nos igualaremos depois da ressurreição³⁸ se nos mantivermos até o fim no caminho (o qual para nós é Cristo), veem sempre a face de Deus e gozam do Verbo de Deus, seu Filho Unigênito igual ao Pai; sem dúvida, foram os primeiros a conhecer no Verbo de Deus o conjunto das criaturas, no qual, tendo a primazia, eles foram criados. No Verbo conheceram as razões eternas de todas as coisas, mesmo das que foram criadas no tempo, como estão naquele pelo qual todas as coisas foram criadas. Em seguida, na própria criatura, que conheceram como que olhando para baixo e referindo-a ao louvor daquele em cuja verdade inmutável veem, como que de um lugar elevado, as razões pelas quais a criatura foi criada. Lá (no Verbo), os anjos contemplam como se fora o dia, e por isso a harmoniosa unidade deles, pela participação na própria Verdade, cria o dia em primeiro lugar. Aqui (na criatura), contemplam como se fora a tarde; mas em seguida se faz a manhã (o que se pode perceber em todos os seis dias), porque a ciência angélica não permaneceu naquilo que foi criado, senão que o refere em seguida ao louvor e à caridade daquele no qual é conhecido não como criado, mas que seria criado; e permanecendo nesta Verdade é o dia. Se a natureza angélica se convertesse para si mesma e se comprizesse em si mesma, mais do que naquele por cuja participação é bem-aventurada, enchendo-se de soberba, cairia, como caiu o diabo. Sobre isso há de se falar no lugar devido, quando for exigida a reflexão oportuna a respeito da serpente sedutora do homem.

CAPÍTULO XXV

Não se acrescentou a noite nos seis dias

42. Porque os Anjos conhecem a criatura na própria criatura de tal modo que por eleição do conhecimento e por amor antepõem a este conhecimento o que dela sabem na Verdade, pela qual tudo foi feito, como participantes dela. Por isso, em todos os seis dias não se menciona a noite, mas o

primeiro dia depois de uma tarde e uma manhã; da mesma forma, depois de uma tarde e uma manhã, o segundo dia; em seguida, depois de uma tarde e uma manhã, o terceiro dia; e assim por diante até a manhã do sexto dia, quando começa o sétimo do descanso de Deus, embora a narrativa fale em dias, com suas noites, mas não em noites. Com efeito, a noite pertence ao dia, não o dia à noite, quando os sublimes e santos anjos, porque conheceram a criatura na própria criatura, referem-no à honra e amor daquele no qual contemplam as eternas razões pelas quais foi criada, e com esta harmoniosa contemplação eles representam o primeiro dia que o Senhor fez, ao qual se une a Igreja liberada desta peregrinação, para que também nós exultemos e nele nos alegremos³⁹.

CAPÍTULO XXVI

Interpretação do número de dias

43. O conjunto das criaturas ficou concluído na sexta repetição deste dia, do qual tanto a tarde como a manhã podem ser entendidas de acordo com o raciocínio anteriormente exposto. E se fez a manhã pela qual findava o sexto dia e começava o sétimo que não teria tarde, porque o descanso de Deus não é criatura. Como a criatura seria criada nos demais dias, uma vez criada era conhecida em si mesma de um modo distinto do que era vista naquele em cuja verdade haveria de ser criada; este conhecimento, igual a uma imagem desbotada, fazia a tarde. Assim, pelo termo “dia” não se há de entender, nesta narrativa das coisas criadas, como a formação de uma obra, e pelo termo “tarde”, o seu término, e pelo termo “manhã”, o início de uma outra obra, para não sermos obrigados a dizer contra a Escritura que além dos seis dias foi criada alguma criatura no sétimo dia, ou que o sétimo dia não é nenhuma criatura. O sentido é que aquele dia que Deus fez, ele mesmo se repete pelas obras de Deus, não por um circuito corporal, mas pelo conhecimento espiritual, quando aquela bem-aventurada reunião dos anjos primeiramente contempla no Verbo de Deus, pelo qual Deus diz: “Faça-se”; e por isso, primeiramente se faz no conhecimento dele, quando se diz: E assim se fez; e depois, conhece em si mesmo a própria coisa criada, o que significa a tarde; e em seguida, refere esse conhecimento da coisa criada ao louvor daquela Verdade, na qual vira a razão da coisa a ser feita, o que significa o fazer-se manhã. E assim, um só é o dia repetido por todos aqueles dias, o que não se há de entender pelo que estamos habituados nos dias de hoje, pois vemos que são determinados e numerados pelo circuito do sol; mas sim de um outro modo, ao qual não podem ficar alheios aqueles três dias, que foram mencionados antes da criação destes luzeiros. Pois este modo foi observado não até o quarto dia, para em seguida podermos pensar nesses dias como os de hoje, mas até o sexto e o sétimo, de modo que se há de entender de um modo muito diferente o dia e a noite, entre os quais Deus fez a divisão, e de outro modo, o dia e a noite entre os quais disse que se dividam os luzeiros que criou, quando disse: E separem o dia e a noite⁴⁰. Então, criou este dia ao criar o sol, cuja presença mostra o mesmo dia; mas aquele dia criado primeiramente já vira transcorrer três, quando foram criados estes luzeiros na quarta repetição daquele dia.

CAPÍTULO XXVII

Os dias atuais da semana são muito diferentes dos sete dias do Gênesis

44. Portanto, porque em nossa mortalidade terrena não podemos experimentar e perceber aquele dia ou aqueles dias que foram enumerados por sua repetição, e se podemos esforçar-nos para entendê-los, não devemos proferir temerariamente nenhuma opinião, como se a respeito deles não se possa pensar outra coisa mais adequada e mais prudente. E com respeito a estes sete dias, com cuja ida e vinda transcorrem os tempos e com os quais se compõe a semana, na qual um dia é o circuito do sol desde

seu nascimento até seu novo nascimento, acreditamos que uma certa alternância daqueles mostra que estes não são semelhantes àqueles, mas muito diferentes.

CAPÍTULO XXVIII

Interpretação da luz e do dia

45. Ninguém julgue que o que afirmei sobre a luz espiritual e sobre a criação do dia na criatura espiritual e angélica, e sobre a contemplação que esta criatura tem no Verbo de Deus, e sobre o conhecimento pelo qual ela conhece a própria criatura e sua relação ao louvor da Verdade incomutável, em que primeiramente via a razão da coisa a ser criada, a qual, uma vez conhecida, é criada; ninguém julgue, repito, que, para entender o dia e a tarde e a manhã, seja adequado não o sentido literal, mas o figurado e alegórico, de modo diferente do que estamos acostumados a respeito desta luz quotidiana e corporal que vemos; não, porém, este, no sentido próprio, e aquele, no figurado. Onde a luz é melhor e mais firme, o dia é também mais verdadeiro; por que não é mais verdadeira a tarde e mais verdadeira a manhã? Se nestes dias a luz está com sua inclinação para o ocaso, o que denominamos tarde, de novo volta para o nascimento, o que denominamos manhã, por que dizemos que ali é tarde, quando a criatura se afasta da contemplação do Deus Criador, e manhã, quando se ergue do conhecimento da criatura para o louvor ao Criador? Cristo não é denominado luz⁴¹, no mesmo sentido em que é denominado pedra⁴²; o primeiro se diz no sentido próprio e o segundo, no figurado. Portanto, o que não quiser ter em conta esta exposição na qual procuramos indagar ou entender segundo nosso modo de pensar, mas quer admitir outra a respeito da enumeração daqueles dias, que possa explicá-la melhor na criação das criaturas, não em sentido figurado, mas em sentido próprio, procure-a e que a encontre com a ajuda divina. Pode acontecer que também eu encontre outra explicação mais adequada para estas palavras da Escritura divina. Pois não confirmo esta explicação a ponto de não sustentar que se possa encontrar outra que seja melhor, como confirmo que a Escritura nos quis insinuar o descanso de Deus não como um descanso após o cansaço ou enfado por causa de preocupações.

CAPÍTULO XXIX

O dia, a tarde e a manhã no conhecimento dos anjos

46. Alguém, talvez, pode querer arguir, disputando comigo, e dizer que os anjos dos altos céus não contemplam alternativamente primeiro as razões das criaturas de modo incomutável na verdade do Verbo de Deus incomutável e, em seguida, as próprias criaturas e, em terceiro lugar, o conhecimento delas em si mesmos para referi-lo em louvor ao Criador, mas que a mente deles podia contemplar todas estas coisas ao mesmo tempo com uma facilidade admirável. Acaso esse alguém diria, ou se dissesse mereceria ser ouvido, que aquela cidade celeste com milhares de anjos não contempla a eternidade do Criador ou ignora a mutabilidade da criatura ou também não louva o Criador com um certo conhecimento inferior? Que possam fazer tudo isso ao mesmo tempo, façam tudo isso ao mesmo tempo; entretanto, podem e fazem. Portanto, têm ao mesmo tempo tanto o dia, como a tarde e a manhã.

CAPÍTULO XXX

A existência da tarde e da manhã no conhecimento dos anjos

47. Não há motivo para temer que aquele que é idôneo para perceber o que dissemos não pense que

isso não poderia acontecer porque não pode acontecer nos nossos dias que decorrem pelo circuito do sol. Realmente, isso não pode acontecer nas mesmas partes da terra; mas quem não vê, se quiser prestar atenção, que o universo pode apresentar ao mesmo tempo o dia onde está o sol, a noite, onde não está, a tarde de onde o sol se afasta, a manhã aonde se aproxima? Mas nós, na verdade, não podemos contemplar tudo isso ao mesmo tempo; e não devemos equiparar esta situação terrena e o circuito temporal e local da luz corpórea àquela pátria celestial, onde é sempre dia na contemplação da Verdade inmutável, sempre tarde, no conhecimento da criatura em si mesma, sempre manhã a partir deste conhecimento ao louvor ao Criador. Pois ali não se fez tarde pela ausência da luz superior, mas pela diversidade de conhecimento inferior; nem se faz manhã como o conhecimento matutino sucede à noite da ignorância; mas porque eleva para a glória do Criador o conhecimento vespertino. Finalmente, também o salmista, não mencionando a noite, diz: De tarde, pela manhã e ao meio dia cantarei e anunciarei e ouvirás a minha voz ⁴³; talvez significando com estas palavras o que acontece pelas alternâncias dos tempos, mas, conforme penso, significando o que aconteceria sem as alternâncias dos tempos na pátria para a qual suspirava sua peregrinação.

CAPÍTULO XXXI

O conhecimento simultâneo dos anjos com respeito ao dia, à tarde e à manhã no princípio da criação

48. Se agora aquele conjunto e unidade angélica do dia, que Deus criou em primeiro lugar, tem e executa todas as coisas ao mesmo tempo, teve também tudo isso ao mesmo tempo, quando eram criadas as criaturas? Acaso, durante todos os seis dias, quando eram criadas as coisas que Deus teve por bem criar em cada um dos dias, os anjos as recebiam no Verbo de Deus, para que fossem feitas primeiramente em seu conhecimento, quando se dizia: E assim se fez, e, em seguida, depois de terem sido criadas em sua natureza própria pela qual existem e tivessem agradado a Deus, porque são boas, acaso, repito, também as conhecia com um outro conhecimento inferior, que foi significado pelo nome de tarde, e, em seguida, tendo-se feito a tarde, fazia-se manhã, quando Deus era louvado por sua obra, recebiam eles o conhecimento vindo do Verbo de Deus de uma outra criatura, antes de ser feita? Portanto, então não aconteceram todas essas coisas ao mesmo tempo: o dia, a tarde e a manhã, mas uma por uma, na ordem indicada pela Escritura.

CAPÍTULO XXXII

O conhecimento dos anjos foi simultâneo, mas dentro de uma certa ordem

49. Acaso, todas as coisas foram feitas ao mesmo tempo, de modo que esses dias aconteceram, não de acordo com intervalos de tempos, como os dias atuais, quando o sol nasce e se põe e volta ao seu lugar para de novo nascer, mas de acordo com o poder espiritual da mente angélica que entende ao mesmo tempo todas as coisas que quer com conhecimento facílimo? Não, porém, sem ordem, pela qual se manifesta a conexão das causas precedentes com as seguintes. Não se pode dar o conhecimento sem que o precedam as coisas que se hão de conhecer, as quais estão certamente antes no Verbo, pelo qual tudo foi feito, do que em todas as coisas que foram feitas. A mente humana capta essas coisas que foram feitas primeiramente mediante os sentidos corporais, e toma conhecimento delas de acordo com o processo da limitação humana. Em seguida, a mente humana investiga suas causas para chegar de algum modo a essas coisas que permanecem no Verbo de Deus de maneira principal e inmutável, e assim possa contemplar as coisas invisíveis por meio das coisas que foram feitas⁴⁴. Quem ignora com quanta lentidão e dificuldade o faz, e também com quanta demora de tempo, devido ao corpo corruptível que pesa sobre a alma⁴⁵, embora seja arrastada a fazê-lo sem lentidão e com perseverança

por um ardoroso empenho? A mente angélica que se une ao Verbo de Deus com amor puro, depois que foi criada naquela ordem para estar à frente das demais obras, vê-las no Verbo de Deus como coisas a serem feitas, antes de serem feitas; e assim, faziam-se pelo conhecimento, quando Deus dizia que fossem feitas, antes que em sua natureza própria. E uma vez criadas, a mente angélica as conheceu nelas mesmas, sem dúvida com um conhecimento menor, que se denomina tarde. As coisas que se faziam precediam este conhecimento, visto que o conhecimento precede tudo o que pode ser conhecido. Se o que é preciso conhecer não existir anteriormente, não pode ser conhecido. Depois deste conhecimento, se de tal modo agradasse à mente angélica o que foi feito a ponto de se comprazer mais em si mesma do que em seu Criador, não se faria manhã, ou seja, não se ergueria de seu conhecimento o louvor a seu Criador. Mas como se fez manhã, devia-se fazer outra coisa e conhecer a Deus que diz: “Faça-se”, a fim de que primeiramente fosse feita no conhecimento da mente angélica e se pudesse dizer de novo: E assim se fez, e em seguida, em sua natureza própria, na qual seria conhecida na tarde seguinte.

50. E, por isso, ainda que não haja aqui intervalos de demoras temporais, no entanto, a razão da criatura a ser criada antecede no Verbo de Deus. Quando disse: “*Faça-se a luz*”, e se fez a luz com a qual foi formada a mente angélica e foi feita em sua natureza, não se seguia que fosse feita em outra criatura e, por isso, não foi dito antes: *E assim se fez*, e depois: *E Deus fez a luz*. Mas, a luz foi criada logo em seguida pelo Verbo de Deus e a luz criada aderiu à luz criadora, vendo-a e também a si mesma nela, ou seja, viu a razão pela qual foi criada. Também se viu em si mesma, isto é, viu a diferença do que foi feito e daquele por quem foi feito. E, por isso, como o que foi criado agradasse a Deus, ele viu que era bom, e tendo separado a luz das trevas e chamado à luz “dia” e às trevas “noite”, fez-se também a tarde, porque era necessário este conhecimento pelo qual a criatura se diferenciava do Criador, conhecendo-se em si mesma de modo diferente do que no Criador. Em seguida, vem a manhã e outra coisa a ser antes conhecida que havia de ser feita pelo Verbo de Deus, primeiramente no conhecimento da mente angélica, depois, na natureza do próprio firmamento. E, por isso, Deus disse: “*Faça-se o firmamento*”; e assim se fez⁴⁶, no conhecimento da criatura espiritual, conhecendo-o antes que fosse criado em sua natureza. Em seguida, *Deus fez o firmamento*, certamente a própria natureza do firmamento, cujo conhecimento seria menor, como se fosse vespertino. E assim até o fim de todas as obras e até o descanso de Deus que não tem tarde, pois não foi feito como a criatura, de modo que também pudesse desdobrar seu conhecimento com um primeiro e maior no Verbo de Deus, como no dia, e um posterior e menor na própria criatura, como na tarde.

CAPÍTULO XXXIII

As obras de Deus foram criadas simultaneamente ou foram criadas uma a uma?

51. Mas se a mente angélica pode entender simultaneamente todas as coisas, que a palavra da Escritura diferencia uma por uma pela ordem da conexão e das causas, acaso podem entender também as coisas que eram criadas simultaneamente, como o firmamento, a reunião das águas e a forma nua das terras, como a germinação dos arbustos e das árvores, a formação dos luzeiros e dos astros, e os animais aquáticos e terrestres? Ou, talvez as entendem como criadas em intervalos de tempos segundo determinados dias? Ou, talvez, devemos pensar que aquelas coisas não foram feitas primeiramente como as vemos agora com seus movimentos naturais, mas de acordo com o admirável e inefável poder da Sabedoria de Deus, que alcança com vigor de um extremo a outro e dispõe todas as coisas com suavidade⁴⁷? Ela não as alcança gradualmente ou a elas chega como que por passos. Por isso é tão fácil e deveras eficaz seu movimento, quanto facilmente Deus criou todas as coisas, pois foram

criadas pela Sabedoria, de modo que o que agora vemos, ou seja, que se movem com intervalos temporais para realizarem o que corresponde a cada espécie, venha a eles daquelas razões inatas, as quais Deus espalhou no ato de criar como se fossem sementes, quando ele diz e foram feitas, ordenou e foram criadas⁴⁸.

52. Certamente a tarde não foi criada para serem lentas as coisas que são lentas; e nem foram criados os séculos com a lentidão com que decorrem. Pois os tempos perfazem os números que não receberam no tempo quando foram criados. De outro modo, se pensamos que os movimentos naturais das coisas e os espaços usuais dos dias de hoje que conhecemos foram criados pelo Verbo de Deus no princípio, era necessário não um dia, mas muitos, para que as coisas que crescem com raízes e cobrem a terra germinassem primeiramente debaixo da terra; depois, após um número certo de dias, cada uma de acordo com sua espécie, irrompesse para o ar livre, como acontece até agora. A respeito da criação da natureza dessas coisas, a Escritura narrou ter sido feita num só dia, ou seja, no terceiro. Depois, quantos dias foram necessários para que as aves voassem, se, existindo desde os primórdios, chegaram a adquirir penas e asas de acordo com tempo exigido por sua natureza? Ou, talvez, tenham sido criados apenas os ovos quando foi dito no quinto dia que as águas produzissem todo volátil alado, segundo sua espécie? Ou, se isso se pôde dizer retamente, pois na substância dos ovos já estavam todas as coisas que se formam durante números certos de dias e de certo modo se desenvolvem, visto que já existiam unidas às coisas corporais de modo incorpóreo as numerosas razões, por que não se pôde dizer retamente o mesmo, antes de serem criados os ovos, visto que foram criadas no elemento líquido as mesmas razões pelas quais os alados podem nascer e se desenvolver durante os intervalos de tempo de sua espécie? A respeito do Criador, esta Escritura narrou que ele concluiu em seis dias todas as suas obras, e, a respeito dele, em outra passagem, não discordando do Gênesis, foi escrito que criou todas as coisas simultaneamente⁴⁹. E, por isso, aquele que fez todas as coisas ao mesmo tempo fez também ao mesmo tempo estes seis ou sete dias, ou antes, um dia repetido seis ou sete vezes. Portanto, que necessidade havia de se mencionar seis dias tão bem diferenciados e dispostos? Ou seja, porque aqueles que não podem compreender o que foi dito: *Criou todas as coisas ao mesmo tempo*⁵⁰, não podem chegar aonde a narrativa os quer conduzir a não ser quando a exposição caminha para eles mais lentamente.

CAPÍTULO XXXIV

Todas as coisas foram criadas juntas e também em seis dias

53. Como podemos dizer que a presença da luz foi repetida seis vezes, de tarde até a manhã, no conhecimento dos anjos, se lhes foi suficiente ter uma só vez os três juntos, ou seja, o dia, a tarde e a manhã? Se, como dia, contemplam o conjunto das criaturas, assim que foi criado nas primeiras e incomutáveis razões pela quais foi criado; se, como tarde, conheciam-no em sua própria natureza; e se, como manhã, louvavam o Criador a partir do próprio conhecimento inferior? Ou, de que modo antecedia a manhã para que conhecessem no Verbo o que Deus haveria de fazer depois, e isso mesmo também conhecessem consequentemente à tarde, se nada foi feito antes ou depois, visto que todas as coisas foram criadas juntas? Pelo contrário, todas as coisas que foram mencionadas foram criadas antes e depois durante os seis dias, e todas as coisas foram criadas juntas, porque tanto esta Escritura que narra as obras de Deus nos dias referidos, quanto aquela que diz que ele fez todas as coisas ao mesmo tempo, são verazes. Ambas são uma só, porque foram escritas por inspiração de um único Espírito de verdade.

54. Nas coisas nas quais os intervalos de tempo não mostram qual seja o primeiro e o último, embora se possa dizer as duas coisas, ou seja, ao mesmo tempo, e também primeiro e último, entende-se com mais facilidade o que se diz ao mesmo tempo do que primeiro e último. Como acontece quando vemos o sol no oriente, é claro que nosso olhar não poderia chegar até ele, se não ultrapassasse todo o espaço do ar e do céu que está entre nós e ele. Quem é capaz de avaliar qual seja a distância? E também o mesmo olhar ou a irradiação de nossos olhos não alcançaria atravessar o ar que está sobre o mar, se antes não atravessasse o ar que está sobre a terra, estejamos em qualquer lugar da região mediterrânea, ou seja, deste lugar onde estamos até o litoral do mar. Depois, se nossos olhos se dirigem na mesma direção para o outro lado do mar, nosso olhar não é capaz de atravessar o ar que está sobre aquelas terras do outro lado do mar, a não ser que se estenda, tendo antes percorrido o espaço daquele ar que se manifesta primeiramente sobre o mar. Façamos de conta que, depois daquelas terras de ultramar, não existe outra coisa senão o oceano; acaso nossa vista pode atravessar também o ar que se espalha sobre o oceano, se antes não atravessar o que há de ar sobre a terra aquém oceano? A vastidão do oceano se apresenta incomparável; mas, por maior que seja, é preciso que antes os raios de nossos olhos atravessem o ar que está sobre ele, e, depois, tudo o que está além e, então, finalmente nossos olhos chegarão ao sol que vemos. Acaso porque dissemos tantas vezes “antes e depois”, nosso olhar não vai conseguir atravessar esse espaço ao mesmo tempo com um golpe de vista? Pois, se com os olhos fechados orientamos o rosto contra o sol que vamos ver, acaso logo que os abrirmos, não pensaremos que encontraremos aí nosso olhar antes de os conduzirmos para lá, de tal modo que parece que nossos olhos não se abriram antes de eles chegarem aonde se dirigiram? E este é certamente um raio de luz corpórea, que se projeta de nossos olhos e que atinge com tamanha rapidez o que está colocado tão distante a ponto de não se poder avaliar ou comparar. Assim, é evidente que nossa vista atravessa aqui ao mesmo tempo com um só golpe todos aqueles dilatados e imensos espaços e não é menos certo que atravessa uns antes e outros depois.

55. O Apóstolo, ao querer expressar a rapidez da ressurreição, afirma que acontecerá *num abrir e fechar de olhos*⁵¹, visto que nada mais rápido se pode deparar nos movimentos e impulsos das coisas corpóreas. E se a visão dos olhos carnis pode se dar com tamanha rapidez, o que não poderá a acuidade da mente humana? Quanto mais ainda a dos anjos? O que dizer da rapidez da suma Sabedoria de Deus que abrange todas as coisas em virtude de sua pureza, e mancha alguma nela se encontra⁵²? Portanto, nas coisas que foram criadas ao mesmo tempo, ninguém percebe o que deveria ser feito antes ou depois, a não ser a própria Sabedoria pela qual tudo foi feito ao mesmo tempo segundo uma ordem.

CAPÍTULO XXXV

Conclusão sobre os dias do Gênesis

56. Portanto, aquele dia que Deus criou em primeiro lugar, se é uma criatura espiritual e racional, isto é, os anjos e as virtudes que vivem nos céus superiores, se apresentou a todas as obras de Deus com a mesma ordem de aparecimento e de conhecimento, pelo qual conhecera antes no Verbo de Deus as coisas que haveriam de ser criadas, e conheceria nas criatura já criadas, todas ao mesmo tempo, não por espaços de intervalos temporais, havendo antes e depois na conexão das criaturas, mas no poder de Deus. Com efeito, de tal modo criou tudo o que existiria, que fez as coisas temporais não temporalmente, mas que dele transcorressem os tempos já feitos. E, por isso, esses sete dias, que a luz do corpo celeste, indo e vindo, produz e reproduz, conforme uma certa sombra figurativa, advertem-nos a investigar aqueles dias, nos quais a luz espiritual criada pôde se apresentar a todas as obras de

Deus pela perfeição do número seis. E investigar também por que o sétimo, quando se deu o descanso de Deus, tem manhã, mas não tem tarde, a fim de que não se interprete que Deus descansou no sétimo dia, como se necessitasse de um sétimo dia para seu descanso. Mas, que descansou de todas as suas obras que criou na presença dos anjos, não em si mesmo que não foi feito, para que a criatura angélica que, tendo conhecido todas as obras de Deus nele e nelas, o que representa um dia com uma tarde, não conhecesse nada melhor depois das obras muito boas, do que aquele que descansa em si mesmo de todas as obras e que de nenhuma delas necessita para sua bem-aventurança.

[1](#) Gn 2,1-3.

[2](#) Gn 2,2.

[3](#) Sb 11,20.

[4](#) Cf. Rm 11,36.

[5](#) Gn 11,20.

[6](#) Sb 11,20.

[7](#) Cf. Sb 9,15.

[8](#) Gn 1,3.6.

[9](#) Cf. Rm 5,5.

[10](#) Gn 22,12.

[11](#) Ef 4,30.

[12](#) Gl 4,9.

[13](#) Cf. 1Pd 1,10.

[14](#) Gn 2,2.

[15](#) Gn 2,2.

[16](#) Jo 5,17.

[17](#) Jo 19,30.

[18](#) Jo 5,17.

[19](#) Sb 8,1.

[20](#) Cf. Sb 7,24.

[21](#) At 17,28.

[22](#) Cf. Jo 5,26.

[23](#) Gn 2,2.

[24](#) Jo 5,17.

[25](#) Cf. Ex 20,8.

[26](#) Cf. Rm 6,4.

[27](#) Gn 1,1.

[28](#) Cf. Lc 10,39-42.

[29](#) At 17,28.

[30](#) Gn 2,2.

[31](#) Gn 1,3.

[32](#) Gn 1,7.

[33](#) Gn 1,9.

[34](#) Gn 1,9.10.

[35](#) Ef 5,8.

[36](#) Rm 13,12.13.

[37](#) 2Pd 1,19.

[38](#) Cf. Mt 22,30.

[39](#) Cf. Sl 118,24.

[40](#) Gn 1,14.

[41](#) Cf. Jo 8,12.

[42](#) Cf. At 4,11.

[43](#) Sl 54,18.

[44](#) Cf. Rm 1,20.

[45](#) Cf. Sb 9,15.

[46](#) Gn 1,6.

[47](#) Cf. Sb 8,1.

[48](#) Sl 32,9.

[49](#) Cf. Eclo 18,1.

[50](#) Eclo 18,1.

[51](#) 1Cor 15,52.

[52](#) Cf. Sb 7,24.

Os seis dias do Gênesis são repetição de um só dia

1. Este é o livro da criação do céu e da terra; quando foi feito o dia, Deus fez a terra e o céu e toda a verdura do campo, antes de existir sobre a terra, e toda a erva do campo, antes de nascer. Pois Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para trabalhar a terra. Entretanto, uma fonte subia da terra e regava toda a superfície da terra¹. Com este testemunho consolida-se certamente a opinião pela qual se entende que Deus fez um dia, o que permite que se possa enumerar aqueles seis ou sete dias como a repetição deste único dia. Com efeito, a Escritura já o diz mais claramente, como que encerrando tudo o que dissera do princípio até a esta passagem, e conclui: Este é o livro da criação ou feitura do céu e da terra, quando foi feito o dia. Pois ninguém dirá que o céu e a terra estão aqui mencionados do mesmo modo como fora dito antes de insinuar o dia criado: No princípio, Deus fez o céu e a terra². Com efeito, se estas palavras dão a entender que Deus fez algo sem o dia, antes de fazer o dia, eu disse em outro lugar o que julguei deveria dizer: por que motivo isso se pode aceitar, a ninguém negando a concessão de uma melhor interpretação. Mas agora diz: Este é o livro da criação do céu e da terra, quando foi feito o dia, mostrando sobejamente, como julgo, que aqui não mencionou o céu e a terra como no princípio antes de fazer o dia, quando as trevas cobriam o abismo; mas mostra de que modo foram feitos o céu e a terra, quando foi feito o dia, ou seja, tendo sido formadas e diferenciadas as partes e espécies das coisas, com as quais todo o conjunto das criatura, já formado e determinado, tomou esta forma que se denomina mundo.

2. Portanto, aqui se faz menção daquele céu, que, quando Deus o criou, denominou firmamento com tudo o que nele existe, e daquela terra, com tudo o que nela existe, que com o abismo ocupa o lugar mais inferior. Prossegue e acrescenta: *Deus fez a terra e o céu*; de modo que pelos nomes de céu e terra antepostos, antes de criar o dia, e repetidos depois de o ter mencionado, não permite que se opine que agora denominou céu e terra como no princípio, antes que fosse criado o dia. Pois, assim compôs o texto: *Este é o livro da criação do céu e da terra; quando foi feito o dia, Deus fez o céu e a terra*³; de modo que se alguém quiser entender o que foi afirmado acima: *O livro do céu e da terra*, com o mesmo sentido do que foi dito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*, antes de criar o dia, pelo fato de que aqui primeiro foram mencionados o céu e a terra, e depois foi feito o dia, seja corrigido pelas palavras que vêm em seguida, visto que também depois de mencionar o dia que foi criado, foram acrescentados novamente os nomes céu e terra.

3. Também o termo que foi colocado: *quando*, e o que foi acrescentado: *foi feito o dia*, afastam de qualquer contencioso a possibilidade de entender de outra maneira. Pois, se estivesse intercalado assim, de modo a dizer: “Este é o livro da criação do céu e da terra, quando foi feito o dia, Deus fez a terra e o céu”, ainda que alguém julgasse que foi assim denominado o livro da criação do céu e da terra, como se denominou “no princípio, Deus fez o céu e a terra”, antes de criar o dia. Tendo acrescentado: *foi feito o dia*, como ali depois se narrou que Deus fez o dia, e, em seguida, se dissesse novamente: *Deus fez o céu e a terra*, entender-se-ia que o céu e a terra foram feitos depois de ter sido criado o dia. Mas, porque foi intercalado de tal modo que se dissesse: *Quando foi feito o dia*, unindo-se estas palavras ou às anteriores, para se tornar uma única sentença: *Este é o livro da criação do céu e da terra, quando foi feito o dia*, ou às posteriores, de modo a se tornar também uma única sentença: *Quando foi feito o dia, Deus fez a terra e o céu*, desse modo obriga, sem dúvida, a que se entenda que

mencionou o céu e a terra, como tendo sido criados quando foi feito o dia. Em seguida, depois de ter dito: *Deus fez a terra e o céu*, acrescentou-se: *e toda a verdura do campo*⁴, o que certamente ficou claro ter sido feito no terceiro dia. Daí se deduz com mais evidência que é o mesmo e único o dia que Deus fez, o qual repetido, tornou-se o segundo, e o terceiro, e os demais até o sétimo dia.

CAPÍTULO II

A razão do acréscimo de “o verde do campo”

4. Como pelos nomes de céu e terra, conforme o costume da Escritura, o escritor quis que se entendesse o conjunto das criaturas, pode-se perguntar por que acrescentou: E toda a verdura do campo. Pelo que me parece, ele afirmou estas palavras para declarar com mais clareza o dia que mencionou, porque disse: Quando foi feito o dia. Pois, logo alguém pensaria que se referiu a este dia de luz corpórea, pelo qual, percorrendo seu curso, é mostrada a nós a alternância do tempo diurno e noturno. Quando recordamos a ordem das criaturas criadas e deparamos com que toda a verdura do campo foi criada no terceiro dia, antes de ser criado o sol, o qual o foi no quarto dia, por cuja presença decorre este dia quotidiano e costumeiro e quando ouvimos: Quando foi feito o dia, e toda a verdura do campo, somos advertidos a pensar no referido dia, de modo que procuremos investigar, seja ele corporal, não sei com que luz a nós desconhecida, seja espiritual no conjunto da unidade angélica, não, porém, tal qual o conhecemos aqui.

CAPÍTULO III

Todas as coisas foram criadas ao mesmo tempo

5. Também não está fora de propósito que se possa dizer: “Este é o livro da criação do céu e da terra, quando Deus fez o céu e a terra”, de modo a entendermos no céu e na terra tudo o que neles existe, conforme o modo de falar da Escritura. Muitíssimas vezes pelos nomes de céu e terra, algumas vezes acrescentando também o do mar, insinua o conjunto das criaturas, algumas vezes juntando e dizendo: E o que neles existe⁵, a fim de que tudo o que se disser deles entendêssemos também quanto ao dia, seja o que criou em primeiro lugar, seja este feito pela presença do sol. Não disse assim, mas intercalou o dia, dizendo: Quando foi feito o dia. E não falou assim de modo a dizer: “Este é o livro da criação do dia, do céu e da terra”, como se tratasse da ordem em que os fatos são narrados; nem assim: “Este é o livro da criação do céu e da terra, quando foram feitos o dia, o céu e a terra, quando Deus fez o céu e a terra e toda a verdura do campo”; nem assim: “Este é o livro da criação do céu e da terra, quando Deus fez o dia e o céu e a terra, e toda a verdura do campo”; pois o costume pedia estes modos de falar. Mas diz: Este é o livro da criação do céu e da terra, quando foi feito o dia, Deus fez a terra e o céu, e toda a verdura do campo, insinuando que, quando foi feito o dia, Deus fez o céu e a terra e toda a verdura do campo.

6. Portanto, a narrativa anterior indica que o dia foi feito em primeiro lugar e o considera um único dia. Depois dele enumera o segundo, em que foi criado o firmamento; e o terceiro, em que foram criadas as espécies da terra e do mar e a terra produziu árvores e ervas. Acaso não é isso, talvez, o que nos empenhamos em mostrar no Livro anterior, ou seja, que Deus criou todas as coisas ao mesmo tempo, pois que o contexto da narrativa, ao mencionar que todas as coisas foram criadas e concluídas pela ordem dos seis dias, pede agora que todas as coisas sejam reunidas em um único dia com os nomes de céu e de terra, aos quais se acrescentou também a espécie das plantas? Sem dúvida, devido ao que eu disse acima que, se, talvez, se entendesse o dia de acordo com o nosso costume, o leitor

devia se corrigir, ao recordar que Deus disse que a terra produziria a verdura do campo antes deste dia solar. Assim, já não se apresenta o testemunho de um outro livro da Escritura para afirmar que Deus criou todas as coisas ao mesmo tempo⁶, pois a afirmação vizinha da página seguinte nos adverte, dizendo: *Quando foi feito o dia, Deus fez o céu e a terra e toda a verdura do campo*, a fim de entenderes este dia repetido sete vezes, perfazendo sete dias. E quando ouves que todas as coisas foram criadas, quando foi feito o dia, compreendas, se puderes, que a repetição se deu seis ou sete vezes sem intervalos de demoras e de espaços. Se ainda não és capaz, debes deixar este assunto para ser considerado pelos que podem; tu, porém, debes caminhar com a Escritura, que não despreza tua limitação e com passos maternos caminha contigo mais lentamente. Ela assim fala para se rir da alta postura dos soberbos, atemorizar os estudiosos pela profundidade, alimentar os grandes com a verdade, nutrir os pequenos pela afabilidade.

CAPÍTULO IV

As ervas foram criadas antes de nascerem

7. O que quer dizer o que vem em seguida, pois assim está ordenado o discurso: Quando foi feito o dia, Deus fez o céu e a terra, e toda a verdura do campo, antes de existir sobre a terra, e todas as ervas do campo, antes de nascerem⁷? O que é isso? Acaso não se há de investigar onde as fez, antes de existirem sobre a terra e antes de nascerem? Com efeito, quem não estaria propenso a crer que nasceram quando foram feitas, se a palavra divina não nos chamasse a atenção afirmando que Deus as fez antes de nascerem, de modo que, se não puder encontrar onde foram criadas, contudo, acredite que foram feitas antes de nascerem todo aquele que acredita com piedade na Escritura, pois o ímpio não acredita.

8. Portanto, o que diremos? Acaso o que alguns pensaram, ou seja, que Deus fez todas as coisas no Verbo, antes de nascerem na terra? Mas se foram feitas desse modo, não o foram quando foi feito o dia, mas antes de ser feito o dia. A Escritura diz claramente: *Quando foi feito o dia, Deus fez o céu e a terra, e toda a verdura do campo antes de existir sobre a terra, e todas as ervas do campo, antes de nascerem*. Portanto, se quando foi feito o dia, certamente não foram feitas antes de ser feito o dia; e, por isso, não no Verbo, que é coeterno com o Pai e que existe antes do dia e antes que qualquer coisa fosse feita; mas sim quando foi feito o dia. Com efeito, as coisas que estão no Verbo antes de toda criatura certamente não foram feitas; mas estas foram feitas quando foi feito o dia, como o declaram as palavras da Escritura. Mas, antes de existir sobre a terra, antes de nascerem, isso foi dito sobre a verdura e as ervas do campo.

9. Portanto, onde foram feitas? Acaso na própria terra, sendo ela a causa e a razão de ser, assim como todas as coisas já estão nas sementes, antes de evoluírem de certo modo e desenvolverem seu crescimento e espécie durante a sucessão dos tempos? Mas, estas sementes, que vemos sobre a terra, já nasceram; acaso não estavam sobre a terra, mas debaixo da terra, e, por isso, antes de nascerem foram feitas, e então nasceram quando as sementes germinaram e irromperam para o ar livre ao chegar o crescimento. Vemos que agora isso acontece durante os espaços de tempos, distribuídos a cada um de acordo com sua espécie? Acaso as sementes foram feitas quando foi feito o dia, e nelas residiam toda a verdura do campo e todas as ervas, ainda não na forma com a qual nasceram sobre a terra, mas na virtude pela qual existem nas razões seminais? Portanto, a terra produziu as sementes em primeiro lugar? A Escritura não fala assim, ao dizer: *A terra produziu erva de alimento, ou erva de feno que produz a semente segundo sua espécie e semelhança e árvores que produzem frutos contendo*

*sementes segundo sua espécie sobre a terra*⁸. Com estas palavras mais se mostra que as sementes nasceram das ervas e das árvores; mas estas não nasceram delas, mas da terra, principalmente porque as palavras de Deus o comprovam. Pois não diz: “Produzam a erva do feno e a árvore frutífera as sementes na terra;” mas diz: *“Produza a terra a erva do feno que produz a semente”*, de modo a insinuar que a semente vem da erva, e não a erva da semente. *E assim se fez, e a terra produziu*⁹; ou seja, primeiramente assim se fez no conhecimento daquele dia, e depois a terra produziu, a fim de que isso acontecesse também na própria criatura que foi criada.

10. Como, pois, foram feitas antes de existirem sobre a terra e antes de nascerem, como se uma coisa fosse terem elas sido feitas com o céu e a terra, quando foi feito aquele dia inusitado e desconhecido para nós que Deus fez em primeiro lugar, e outra coisa fosse nascer sobre a terra, o que não acontece senão em nossos dias, determinados pelo curso do sol por intervalos de tempos adequados a cada espécie? Se isso é assim e aquele dia é o conjunto e a unidade dos supracelestes anjos e virtudes, sem dúvida a criação de Deus foi conhecida de um modo pelos anjos, e de outro por nós, excetuando que eles conheceram no Verbo de Deus, pelo qual tudo foi feito. Mesmo em si mesma, afirmo que a conheceram de modo muito diferente de nós. Com efeito, eles a conhecem, por assim dizer, primordialmente ou em sua origem, como Deus a criou no princípio e, depois dessa criação, descansou de suas obras, nada mais criando; nós, porém, a conhecemos na sucessão dos tempos, pela administração das coisas anteriormente criadas, conforme à qual Deus trabalha até agora¹⁰, uma vez concluídas aquelas coisas de acordo com a perfeição do número seis.

11. Portanto, afirmou-se então que a terra produziu de modo causal as ervas e as árvores, ou seja, que recebeu a virtude de produzir. Pois nela, como que nas raízes dos tempos, por assim dizer, tinham sido feitas as coisas que existiriam durante os tempos futuros. Com efeito, Deus certamente plantou depois o paraíso na parte oriental e lá fez sair da terra toda árvore formosa para a vista e boa para alimento¹¹. Não se há de dizer, entretanto, que então acrescentou à criação alguma coisa que antes não fizera, o que seria acrescentado àquela perfeição com a qual concluiu no sexto dia todas as coisas muito boas. Mas, porque todas as naturezas das plantas frutíferas e das árvores já tinham sido feitas na primeira criação, da qual Deus descansou, movendo em seguida e administrando no decorrer dos tempos as mesmas coisas que criara, e das quais descansou uma vez criadas, não somente plantou o paraíso naquela ocasião, mas também plantou todas as coisas que nascem. Pois, qual outro cria agora essas coisas, senão aquele que trabalha sempre? Cria-as agora a partir das que já existem; mas então foram criadas por ele, visto que nada eram absolutamente quando foi feito aquele dia, o qual, isto é, a criatura espiritual e intelectual, também não existia absolutamente.

CAPÍTULO V

A ordem da criação em seis dias não apresenta intervalos de tempos, mas conexão de causas

12. Os tempos começaram a decorrer com os movimentos da criatura criada. Por isso, em vão se procuram os tempos antes da criação, como se fosse possível encontrar tempos antes dos tempos. Com efeito, se não houvesse movimento da criatura espiritual ou corporal, pelo qual o futuro sucederia ao passado passando pelo presente, não haveria o tempo absolutamente. A criatura certamente não poderia mover-se, se o tempo não existisse. Portanto, melhor se dirá que o tempo começa pela criatura antes que a criatura pelo tempo; mas ambos procedem de Deus. Porque tudo é dele, por ele e nele¹². Mas não se interprete o que foi dito: “O tempo começa pela criatura”, como se o tempo não fosse criatura, pois o tempo é o movimento da criatura de um lugar para outro com a sucessão das coisas

conforme a ordenação de Deus que administra tudo o que criou. Por isso, quando pensamos na primeira criação das criaturas, de cujas obras Deus descansou no sétimo dia, não devemos imaginar aqueles dias como estes dias solares, e nem a ação do mesmo modo como Deus efetua alguma coisa no tempo. Como realizou todas as coisas ao mesmo tempo, proporcionando-lhes a ordem não por intervalos de tempos, mas pela conexão das causas, de modo que as coisas criadas ao mesmo tempo recebessem seu acabamento no número daquele dia decorrido seis vezes.

13. Certamente a matéria informe e capaz de se formar, tanto a espiritual como a corporal, da qual se faria o que haveria de ser feito, foi criada antes, não pela ordem temporal, mas pela causal, visto que, antes de ser instituída, não teria existido. Sem dúvida, não foi instituída a não ser pelo supremo e verdadeiro Deus, pelo qual tudo existe, quer seja significada pelos nomes de céu e de terra, ela que foi feita no princípio anterior daquele único dia que Deus criou, e por isso foi chamada assim porque daí foram feitos o céu e a terra, quer pelo nome de terra invisível e vazia e de abismo tenebroso, como já se falou no primeiro Livro.

14. Entre as coisas que foram formadas da informidade e são denominadas com mais clareza criadas ou feitas ou efetuadas, o dia foi feito em primeiro lugar. Com efeito, era preciso que obtivesse a primazia da criação aquela natureza que fosse capaz de reconhecer a criatura por meio do Criador, não o Criador por meio da criatura. No segundo dia criou o firmamento, do qual começou o mundo corpóreo. No terceiro, as espécies do mar e da terra e, na terra, em potência, por assim dizer, a natureza das ervas e das árvores. Assim, a terra as produziu pela palavra de Deus antes de serem nascidas, recebendo todas elas suas medidas, as quais a terra desenvolveria no decorrer dos tempos segundo sua espécie. Em seguida, depois de ter sido criada esta, como que morada das coisas, no quarto dia foram criados os luzeiros e os astros e, a fim de que a parte superior do mundo fosse a primeira a ser adornada com as coisas visíveis que se movem dentro do universo. No quinto dia, a natureza das águas unida ao céu e à atmosfera produziu, à palavra de Deus, seus habitantes, ou seja, todos os que nadam e voam, e estes, potencialmente com suas medidas, desenvolver-se-iam mediante os movimentos adequados dos tempos. No sexto dia, de modo semelhante, criou os animais terrestres, como os últimos procedentes do último elemento do mundo, também potencialmente, e cujas medidas o tempo desenvolveria posteriormente de forma visível.

15. Aquele dia tomou conhecimento de toda esta ordem da criação ordenada e, mediante este conhecimento, apresentado como que seis vezes, perfez como que seis dias, embora fosse um único dia, conhecendo as coisas criadas primeiramente no Criador e, em seguida, nas mesmas coisas. Não se fixando nelas, mas referindo o conhecimento das obras à glória de Deus, mostrou a tarde, a manhã e o meio-dia em todas elas, não em intervalos de tempos, mas na ordem das coisas criadas. Finalmente, fazendo presente o conhecimento do descanso de seu Criador, pelo qual descansou em si mesmo de todas as suas obras e no qual não existe tarde, mereceu por isso ser abençoado e santificado. Por isso, a Escritura¹³ recomenda e a Igreja reconhece o referido número sete como que dedicado ao Espírito Santo.

16. Este é o livro da criação do céu e da terra, porque *no princípio Deus fez o céu e a terra*¹⁴ conforme uma certa, por assim dizer, “formabilidade” da matéria que depois, por sua palavra, deveria ser formada. Esta “formabilidade” precede sua formação não pelo tempo, mas pela origem. Certamente, ao ser formada, primeiramente foi feito o dia e, quando foi feito o dia, Deus fez o céu e a terra e toda a verdura do campo, antes de existirem sobre a terra, e todas as ervas do campo, antes de nascerem, como falamos antes; a não ser que algo pôde ou possa ser percebido e dito com mais clareza e

CAPÍTULO VI

As palavras: “Não tinha feito chover” etc. dão a entender a criação simultânea

17. O que vem em seguida: Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para trabalhar a terra¹⁵, apresenta dificuldade para se investigar no tocante ao que se refere e ao que nos insinua. Parece que insinua que, antes de nascerem, Deus criou as ervas do campo, porque ainda não chovera sobre a terra; pois, se tivesse criado as ervas do campo depois que tivesse chovido, pareceria que teriam nascido mais pela força da chuva do que por ele. O que dizer? O que nasce depois da chuva é feito por um outro e não por Deus? Mas, por que não havia homem para trabalhar a terra? Deus já não criara o homem no sexto dia e, no sétimo, descansara de todas suas obras? Ou menciona isso como que recapitulando que, quando Deus criou toda a verdura do campo e todas as ervas do campo, ainda não chovera sobre a terra e ainda não havia homem? Criou-as no terceiro dia, mas o homem, no sexto. Mas, quando criou toda a verdura e todas as ervas do campo antes de nascerem sobre a terra, não somente não havia quem trabalhasse a terra, mas nem as ervas existiam sobre a terra, o que certamente diz que foi feito antes de ter nascido. Ou, por isso, Deus as criou no terceiro dia, porque ainda não havia homem que as criasse trabalhando a terra? Como se numerosas árvores e tantas espécies de ervas não nascessem da terra sem qualquer trabalho do homem.

18. Ou ambas as coisas foram afirmadas, porque ainda não chovera sobre a terra, e porque ainda não havia homem para trabalhar a terra? Pois, onde não existe o trabalho humano, essas coisas nascem por meio da chuva. Mas, há também algumas que não nascem devido à chuva a não ser que intervenha o trabalho do homem. Por isso, agora, são necessários os dois fatores para que todas as plantas venham a nascer; mas naquela ocasião, faltaram os dois, por isso, Deus as criou pelo poder do Verbo sem a chuva, sem o trabalho do homem. Também agora ele o faz, mas por meio da chuva e pelas mãos dos homens, embora nem o que planta nem o que rega é algo, mas Deus dá o crescimento¹⁶.

19. O que significa o que acrescentou: *Entretanto, uma fonte subia da terra e regava toda a superfície da terra*¹⁷? Esta fonte, manando com tamanha prodigalidade, como o Nilo para o Egito, poderia substituir a chuva para toda a terra? Por que se insistiu tanto no fato de que Deus criou aquelas plantas antes de chover, se o quanto a chuva poderia ajudar, tanto o poderia a fonte que regava a terra? Se a fonte ajudasse menos, certamente nasceriam menos plantas, no entanto, algumas plantas nasceriam. Ou a Escritura, conforme seu costume, fala também a esse respeito com simplicidade para os simples e, no entanto, insinua algo que possa entender aquele que puder? Pois, assim como por esse dia mencionado acima indicou que foi feito por Deus um único dia e que então Deus fez o céu e a terra, quando foi feito o dia, para que, como pudéssemos, pensássemos que Deus fez todas as coisas ao mesmo tempo, embora a enumeração dos seis dias parecesse mostrar como que intervalos de tempos, assim, depois de ter dito que com o céu e a terra Deus criou toda a verdura do campo, antes de existir sobre a terra, e todas as ervas do campo, antes de nascerem, acrescentou: *Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para trabalhar a terra*¹⁸, como se dissesse: “Não as fez do mesmo modo como as faz agora, quando chove e os homens trabalham”. Pois estas são feitas em intervalos de tempos, que então não existiam, quando fez ao mesmo tempo todas as coisas, a partir das quais também comessem os tempos.

CAPÍTULO VII

20. O que diz em seguida: Entretanto, uma fonte subia da terra e regava toda a superfície da terra¹⁹, insinua, assim penso eu, as coisas que são feitas de acordo com os intervalos de tempos desde a primeira criação das criaturas, quando todas as coisas foram feitas ao mesmo tempo. E com razão começa pelo elemento do qual nascem todas as espécies de animais ou de ervas e árvores, para realizarem as suas medidas temporais atribuídas a suas naturezas próprias. Pois todos os primeiros germes, dos quais é gerada toda a carne ou são produzidas todas as plantas, são úmidos e crescem por força da água. Mas estão-lhes inseridas medidas extremamente eficazes que trazem consigo poderes derivados daquelas obras perfeitas de Deus, das quais descansou no sétimo dia.

21. Com razão se pergunta qual seja esta fonte com capacidade para regar a superfície de toda a terra. Pois, se existiu e foi contida ou se secou, é preciso indagar a causa. Com efeito, vemos agora que não existe fonte alguma capaz de regar toda a superfície da terra. Talvez o pecado dos homens mereceu também este castigo que, uma vez reprimido o caudal tão abundante daquela fonte, privou as terras de uma fecundidade tão favorável e, assim, aumentou o trabalho dos moradores. Os homens podem conjecturar essa explicação, embora a Escritura nada tenha dito a respeito, a não ser que se tenha em conta o fato de que o pecado dos homens, ao qual foi imposto o castigo do trabalho, passou a existir depois das delícias do paraíso. O paraíso tinha uma fonte imensa, da qual se há de falar depois com mais profundidade, da qual, embora fosse uma única nascente, manavam quatro grandes rios conhecidos por todos. Portanto, onde estava esta fonte ou estes rios, quando aquela única e maior fonte subia da terra e irrigava toda a superfície da terra? O Geon, que se denomina Nilo, um daqueles quatro rios, certamente não banhava o Egito naquela ocasião quando a fonte subia da terra e fecundava não somente o Egito, mas toda a superfície da terra.

22. Acaso se há de crer que Deus quis regar toda a terra com uma fonte imensa, para que as coisas, que ele criara primeiramente na terra, depois de receberem a ajuda da água, já fossem produzidas durante espaços temporais, de acordo com a diversidade de suas espécies e também com variados números de dias? Depois, tendo plantado o paraíso, estancou aquela fonte e encheu a terra com muitos mananciais, como agora vemos, e dividiu a única fonte do paraíso em quatro grandes rios, de tal modo que o restante da terra, cheia de espécies de suas criaturas, que se desenvolvem pelas adequadas medidas de seus tempos, também fosse enriquecido com suas fontes e rios, e o paraíso, plantado em lugar mais elevado, fizesse correr aqueles rios da nascente de sua única fonte? Ou da referida fonte do paraíso, que manava com abundância, primeiramente irrigou toda a terra e a fecundou para produzir na medida dos tempos as espécies que nela criara sem intervalos de tempos, e, depois, estancou neste lugar a caudalosa fonte, para que manassem por toda a terra diversas nascentes de rios e de fontes e, em seguida, na região daquela fonte, que não mais regava toda a terra, mas dela procediam aqueles quatro memoráveis rios, plantou o paraíso onde pudesse colocar o homem que havia criado?

CAPÍTULO VIII

Valor de conjecturas sobre o que não está registrado na Escritura

23. Nem tudo foi escrito. Por exemplo, como transcorreram os tempos depois da primeira criação das coisas, e como se deu a administração das criaturas que, feitas em primeiro lugar, foram concluídas no sexto dia. Ficou consignado o quanto julgou suficiente o Espírito Santo que inspirava ao escritor o que poderia ser útil não somente para o conhecimento das coisas criadas, mas também para a prefiguração das futuras. Ao ignorarmos o que não foi escrito, conjecturamos o que pôde acontecer a respeito do que

o escritor omitiu mesmo sabendo. Vamos procurar demonstrá-lo de acordo com nossa possibilidade e na medida em que somos ajudados, para evitar que se considere existir nas sagradas Escrituras algum absurdo ou contradição que possa ofender a opinião do leitor, o qual, ao julgar que não pôde acontecer o que a Escritura afirma que aconteceu, abandone sua fé ou não se aproxime dela.

CAPÍTULO IX

Dificuldades a respeito do manancial que irrigava toda a terra

24. Portanto, quando perguntamos a respeito desta fonte em que sentido foi dito: Uma fonte subia da terra e regava toda a superfície da terra²⁰, se o que dissemos pode parecer impossível para alguém, que ele investigue outra resposta pela qual se mostre veraz esta Escritura, que sem dúvida é veraz, embora nem sempre o mostre. Pois, se quiser argumentar com uma opinião que convença que a Escritura é falsa, ou ele não vai dizer nenhuma verdade sobre a criação e administração das criaturas, ou, se disser a verdade, julgará que é falsa a Escritura por não a entender. Por exemplo, sustenta-se que toda a superfície da terra não pôde ser irrigada por uma fonte por maior que seja, porque, se não irrigava os montes, não irrigava toda a terra. Mas, se regava também os montes, já não seria uma distribuição de água fertilizante, mas uma inundação diluvial e, se a terra fosse assim inundada, seria toda ela um mar e a terra ainda não teria sido separada.

CAPÍTULO X

Interpretação do manancial

25. Responde-se a esse alguém que isso poderia acontecer nas alternâncias dos tempos, tal como o Nilo que transborda em certa época pela planícies do Egito, e, em outra época, volta às suas margens; ou, se ele, conforme se crê, cresce anualmente com as águas e neves invernais não sei de que partes do mundo. O que dizer sobre os fluxos e refluxos alternados do oceano; o que se pode dizer sobre algumas praias que ficam inundadas em grande extensão pelas ondas e depois voltam ao seu natural? Isso, para não me referir ao que apresenta a maravilhosa alternância de algumas fontes, ou seja, a um certo intervalo de anos, de tal modo transbordam dos poços, que chegam a regar toda aquela região; e, em outras épocas, poços profundos apenas proporcionam água suficiente para beber. Por que não se há de acreditar que toda a terra foi então regada pelo alternado transbordamento da única nascente do abismo, a qual ora fluía, ora se retraía? Com efeito, se a grandeza do referido abismo, excetuada a parte que é denominada mar e rodeia as terras por sua amplitude evidente e suas ondas salgadas, na única parte em que a terra o contém com seus recônditos antros, de onde derivam todas as fontes e rios para seus diversos cursos e veios e cada um irrompe por seus lugares, se a grandeza do referido abismo, repito, a Escritura quis denominá-lo fonte, e não fontes devido à unidade da natureza, a qual, pelos inúmeros condutos e fendas, subia da terra e regava toda a superfície do solo em todas as partes por seus cursos, semelhantes a vasos capilares, não com a forma contínua do mar ou dos lagos, mas como as águas que vemos correrem pelos leitos dos rios e pela sinuosidade dos ribeiros, cujos excedentes inundam os lugares vizinhos; quem não concorda com essa explicação a não ser que seja dotado de espírito contencioso? O que foi dito: “que regava toda a superfície da terra”, pode-se interpretar no sentido em que se diz: “todo o exterior da roupa é colorido”, embora não seja toda ela, mas apenas com manchas coloridas, principalmente porque é de se crer que, então, a terra ainda nova fosse plana, não toda, mas em grande parte, por onde as águas correntes, que irrompiam, pudessem se espalhar e se estender.

26. Por isso, a respeito da grandeza ou abundância desta fonte que ou teve uma única erupção, ou,

devido à unidade nas concavidades ocultas da terra, de onde derivam todas as águas de todas as fontes, grandes e pequenas, foi tida como sendo uma única fonte que subia da terra e regava toda a superfície da terra por meio de todas as suas divisões, ou, o que é mais digno de crédito, porque não diz: “Uma única fonte subia”, mas diz: “Uma fonte subia da terra”²¹, no singular em lugar do plural, para que entendamos que havia muitos mananciais por toda a terra que regavam os lugares e regiões próprias, assim como se diz “soldado” e se entende que são muitos, e assim como foi dito “gafanhoto e rã”²² nas pragas que atormentaram os egípcios, e, no entanto, era inumerável o número de gafanhotos e de rãs. Enfim, não nos cansemos mais.

CAPÍTULO XI

A criação foi efetuada sem intervalos de tempo, mas a administração não o é

27. Vamos refletir ainda mais para ver se nos é possível sustentar a opinião pela qual dizíamos que Deus de um modo criou todas as criaturas na primeira criação, das quais descansou no sétimo dia, e de outro dirige a administração das mesmas, pela qual trabalha até agora. A saber, na criação, sem quaisquer intervalos temporais, mas agora em intervalos temporais, pelos quais vemos que os astros se movem do nascimento ao ocaso, que o céu se muda do verão ao inverno, que as sementes germinam, crescem, amadurecem e morrem com determinados ciclos de dias. Vemos também que os animais, com determinados limites e decursos, concebem, formam-se, nascem e progridem em idade até a velhice e a morte; o mesmo acontece com as demais coisas temporais. Quem o realiza, senão Deus, sem qualquer movimento de sua parte? Pois o tempo não o atinge. Portanto, entre as obras de Deus, das quais descansou no sétimo dia e estas que agora realiza, a Escritura, interpondo como que um inciso à sua narrativa, deu a entender que explicou aquelas obras e já começa a tratar destas. A explicação daquelas foi feita assim: Este é o livro da criação do céu e da terra, quando foi feito o dia, Deus fez o céu e a terra e toda a verdura do campo antes de existir sobre a terra e todas as ervas do campo antes de nascerem, porque Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para trabalhar a terra²³. O tratado sobre as obras de agora começa assim: Uma fonte subia da terra e regava toda a superfície da terra²⁴. A partir da citação desta fonte e as coisas que são narradas em seguida, as coisas foram criadas com intervalos de tempos, não todas ao mesmo tempo.

CAPÍTULO XII

Uma tríplice reflexão sobre as obras de Deus

28. Portanto, as razões imutáveis estão no Verbo de Deus de um modo, de outro estão as suas obras das quais descansou no sétimo dia, e de outro ainda, estas que realiza a partir daquelas até agora. Destes três modos, o de que falei por último, nós o conhecemos de qualquer maneira mediante os sentidos corporais e usos da vida. Mas, os outros dois, imperceptíveis aos sentidos e ao pensamento humano, devemos primeiro crer pela autoridade divina. Depois, mediante o que nos é conhecido, podem ser conhecidos de alguma maneira, mais ou menos, segundo cada um for capaz, conforme o grau de sua capacidade, e ajudado por Deus com as razões internas e eternas.

CAPÍTULO XIII

Antes de serem criadas, todas as coisas existiam na Sabedoria de Deus

29. Que a Sabedoria de Deus, pela qual todas as coisas foram feitas, conhecia as primeiras, divinas, incomutáveis e eternas razões das coisas, antes que fossem criadas, atesta-o a Escritura que diz: No

princípio era o Verbo e o Verbo estava em Deus e o Verbo era Deus. No princípio, ele estava com Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito de tudo o que existe²⁵. Portanto, quem é tão louco a ponto de chegar a dizer que Deus não fez as coisas que conhecia? Logo, se conhecia, onde conhecia, a não ser nele, junto do qual estava o Verbo pelo qual tudo foi feito? Com efeito, se as conhecia fora de si mesmo, quem lhe ensinara? Quem, com efeito, conheceu o pensamento do Senhor? Ou se tornou seu conselheiro? Quem primeiro lhe fez o dom para receber em troca? Porque tudo é dele, por ele e nele²⁶.

30. Também o que vem em seguida no Evangelho confirma sobejamente essa sentença, pois o evangelista acrescenta e diz: *O que foi feito, nele era a vida e a vida era a luz dos homens*²⁷. Ou seja, porque as mentes racionais, em cuja espécie o homem foi criado à imagem de Deus, não têm sua luz verdadeira a não ser o próprio Verbo de Deus pelo qual tudo foi feito, do qual puderam ser participantes os purificados de toda iniquidade e de todo erro.

CAPÍTULO XIV

Interpretação da sentença: “Tudo o que existe” etc.

31. Não se deve, portanto, recitar assim: O que foi feito nele é vida, de modo que subdistingamos: O que foi feito nele, e, em seguida concluamos: É a vida. Com efeito, o que não foi feito nele, se, depois de mencionar muitas criaturas também terrestres, o salmo diz: E todas fizeste com sabedoria²⁸, e também o Apóstolo: Porque nele foram feitas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis²⁹? Portanto, seria consequente, se distinguíssemos de tal modo, que também a terra e tudo o que nela existe é vida. Se é absurdo dizer que todas as coisas vivem, quanto maior absurdo seria afirmar que também são vida, principalmente porque distingue de qual vida se fala, ao acrescentar: E a vida era a luz dos homens. Portanto, é preciso distinguir, de modo que, quando dissermos: O que foi feito, em seguida concluamos: Nele é vida, ou seja, não em si mesmo, isto é, em sua natureza, pela qual aconteceu que existissem a criação e a criatura; mas, nele é vida porque conhecia todas as coisas que foram feitas por ele antes de serem feitas e, por isso, não como a criatura que ele fez, mas como vida e luz dos homens, porque ele é a própria Sabedoria e o próprio Verbo, Filho unigênito de Deus. Desse modo, pois, nele é vida o que foi feito, tal como foi dito: Assim como o Pai tem a vida em si mesmo, também concedeu ao Filho ter a vida em si mesmo³⁰.

32. Não se pode deixar de lado o que registram os manuscritos mais corretos: *O que foi feito, nele é vida*, de modo que se entenda assim: *Era vida*, como: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus*³¹. Portanto, o que foi feito, já era antes vida nele; e não qualquer vida, pois também se diz que vivem os animais, os quais não podem gozar da participação na sabedoria; mas *a vida era a luz dos homens*. De fato, as almas racionais purificadas por sua graça podem alcançar esta visão; comparado a ela nada há mais excelente, nem mais bem-aventurado.

CAPÍTULO XV

A vida em Deus por parte de todas as realidades

33. Mas se lemos e entendemos assim: O que foi feito, nele é vida, fica comprovada esta sentença no sentido de que o que foi feito por ele se entenda que era vida nele, na qual essa vida viu todas as coisas quando as fez; e como as viu, assim as fez. Não as viu fora de si mesmo, mas em si mesmo fixou todas as coisas que fez. Nem sua visão é distinta do Pai, mas uma única, assim como são uma única substância. Também no livro de Jó se menciona a mesma Sabedoria pela qual tudo foi feito: Mas a

Sabedoria, de onde vem ela? Onde está o lugar da ciência? O mortal não lhe conhece o caminho, nem se encontra entre os homens³². E um pouco depois: Ouvimos sua glória. O Senhor indicou o caminho para ela, e ele sabe o seu lugar, porque ele fez tudo o que existe sob o céu e conhece o que existe na terra, pois fez todas as coisas, quando assinalou seu peso ao vento e a medida das águas. Como viu, fixou³³. Com estes e outros testemunhos semelhantes se prova que todas estas coisas estavam no conhecimento de quem as fazia, antes de serem feitas. Certamente ali estavam melhores, onde estavam mais verdadeiras, eternas e inmutáveis. Ainda que o explicado deva ser suficiente para que cada um conheça ou acredite firmemente que Deus criou todas estas coisas, não creio que alguém seja tão insensato a ponto de pensar que Deus criou o que não conhecia. Portanto, se as conhecia, antes de as criar, consequentemente estavam nele conhecidas do modo pelo qual vivem eternamente e sem mudança, e são vida; mas foram criadas do modo pelo qual cada criatura existe em sua espécie.

CAPÍTULO XVI

Nossa percepção de Deus pela mente e das criaturas

34. Portanto, ainda que a eterna e inmutável natureza que é Deus, tendo em si o existir, como ele disse a Moisés: Eu sou aquele que sou³⁴, ou seja, de modo muito diferente do que são as coisas que foram feitas, porque ele é verdadeiro e único, e existe sempre do mesmo modo e não somente não se muda, mas não pode absolutamente mudar; e entre as coisas que fez, nada existe, como ele é, e desde o princípio tem todas as coisas como ele é; e não as faria, se não as conhecesse antes de fazer, e nem as conheceria se não as visse, e não as veria se não as tivesse, e nem teria as que ainda não foram feitas, a não ser como ele é, ou seja, não feito; ainda que, repito, essa substância seja inefável e não possa ser explicada de modo algum ao homem pelo homem, se não se valer de certas palavras de lugares e tempos, visto que existe antes de todos os tempos e antes de todos os lugares, contudo, está mais próximo de nós aquele que cria do que muito do que foi criado. Pois nele vivemos, nos movemos e existimos³⁵, e muitas coisas criadas estão distantes de nossa mente devido à dessemelhança de sua espécie, porque são corporais, e nossa mente não é idônea para vê-las em Deus nas próprias razões pelas quais foram criadas, para sabermos mediante este conhecimento quantas são, sua grandeza e qualidade, uma vez que não as vemos pelos sentidos do corpo. Com efeito, estão fora do alcance também dos sentidos de nosso corpo, porque estão distantes ou separadas de nosso olhar e tato pela interposição ou pela oposição de outras coisas. Consequentemente é maior o esforço para encontrá-las do que para encontrar aquele pelo qual foram criadas, visto ser muito mais excelente senti-lo com felicidade incomparável pela mente piedosa, ainda que seja muito pouco, do que compreender todo o universo. Pois com razão são inculcados no livro da Sabedoria os investigadores deste mundo, quando diz: Pois se foram capazes de conhecer tanto, a ponto de perscrutar o mundo, como não descobriram mais facilmente o seu Senhor?³⁶. São desconhecidos a nossos olhos os fundamentos da terra, e o que firmou a terra está próximo de nossas mentes.

CAPÍTULO XVII

Significado de “antes dos séculos” e “desde os séculos”

35. Consideremos agora as coisas que Deus criou ao mesmo tempo, das quais, uma vez concluídas no sexto dia, descansou no sétimo. Depois, vamos considerar suas obras nas quais trabalha até agora. Ele existe antes dos séculos. Dizemos existirem desde o século as que existem desde que começou o século, como o mesmo mundo, mas existem no século aquelas que nascem no mundo. Por isso, depois de a Escritura ter dito: Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito, afirma um pouco depois:

Ele estava no mundo e o mundo foi feito por ele³⁷. Sobre esta obra de Deus está escrito em outro lugar: Tu que fizeste o mundo da matéria informe³⁸. Este mundo, como já falamos, é denominado muitas vezes pelos nomes de céu e de terra, os quais a Escritura diz que Deus fez quando foi feito o dia. Já dissertamos, quando nos pareceu, sobre estas palavras e vimos como este dia se harmoniza com a criação deste mundo, e como este dia se concluiu em seis dias com todas as obras que nele existem, e como foi feito quando foi criado o dia, para que também esteja de acordo com o que diz a Escritura, ou seja, que criou todas as coisas ao mesmo tempo³⁹.

CAPÍTULO XVIII

O conhecimento das criaturas por nós, por Deus e pelos anjos — Conhecimento matinal e vespertino

36. Nós não conhecemos muitas coisas a respeito do conjunto das criaturas de Deus, seja as que estão nos céus em maior altura do que nossos sentidos podem alcançar, seja as que estão em regiões de terras talvez inabitáveis, seja as que estão escondidas embaixo ou em profundos abismos ou em cavernas ocultas da terra. Estas coisas certamente não existiam antes de serem feitas. Como eram conhecidas de Deus as coisas que não existiam? Além disso, como podia fazer o que não lhe era conhecido? Com efeito, nada fez sem conhecer. Portanto, ele as fez já conhecidas, conheceu-as ainda não feitas. Portanto, antes que fossem criadas, existiam, e não existiam: existiam no conhecimento de Deus, não existiam em sua natureza. E por isso foi feito aquele dia, para que se dessem a conhecer de ambos os modos, em Deus e em si mesmas. Em Deus, com um conhecimento matutino ou diurno; em si mesmas, com um conhecimento vespertino. Mas não me atrevo a dizer que se deram a conhecer para Deus de outro modo quando as fez, daquele pelo qual as conheceu para fazê-las, visto que nele não há mudança nem sombra de variação⁴⁰.

CAPÍTULO XIX

Os santos anjos conheceram desde o começo do tempo os mistérios do Reino dos Céus

37. Deus, certamente, não necessita de mensageiros com relação ao conhecimento das coisas inferiores, como se por meio deles se tornasse mais sábio. De modo simples e admirável Ele conhece todas as coisas, firme e inmutavelmente. Entretanto, conta com mensageiros devido a nós e a eles mesmos, pois é bom para eles que, em ordem à sua própria natureza e substância, obedeçam e assistam a Deus deste modo, a fim de que o consultem a respeito das coisas inferiores e obedeçam a seus supremos preceitos e ordens. Os mensageiros são denominados em grego anjoi. Por este nome comum se denomina toda aquela cidade celeste, que consideramos como o dia criado em primeiro lugar.

38. Com efeito, não lhes ficou oculto o mistério do reino dos céus, que foi revelado no tempo oportuno para nossa salvação, para que, uma vez libertados desta peregrinação, juntemo-nos à sua companhia. E eles não o ignoravam; pois que a própria semente, que chegou no tempo oportuno, foi por eles promulgada pela mão de um mediador⁴¹, isto é, pelo poder daquele que é o Senhor dos anjos, tanto na condição divina, como na de servo. O Apóstolo diz do mesmo modo: *A mim, o menor de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo e de iluminar a dispensação do mistério oculto desde séculos em Deus, criador de todas as coisas, para dar agora a conhecer aos principados e às potestades nas regiões celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus, segundo o desígnio dos séculos realizado em Cristo Jesus nosso Senhor*⁴². Portanto, se este mistério esteve oculto em Deus desde séculos, de modo que a multiforme sabedoria

de Deus se desse a conhecer aos principados e às potestades nas regiões celestes por meio da Igreja, é porque a Igreja foi estabelecida em primeiro lugar ali, onde esta Igreja há de se reunir depois da ressurreição, para sermos iguais aos anjos de Deus⁴³. Deu-se a conhecer aos anjos desde séculos, porque nenhuma criatura existe antes dos séculos, mas desde os séculos. A partir da criação começaram os séculos, e ela a partir dos séculos, porque o início dela é o início dos séculos. Mas o Unigênito, pelo qual foram feitos os séculos, existe antes dos séculos⁴⁴. E, por isso, diz a própria pessoa da Sabedoria: *Antes dos séculos fui estabelecida*⁴⁵, a fim de que nela fizesse todas as coisas aquele a quem foi dito: *Tudo fizeste com sabedoria*⁴⁶.

39. Que aos anjos se dá a conhecer o que está oculto não somente em Deus, mas que também a eles se manifesta aqui quando é realizado e divulgado, o Apóstolo assim o testifica: *Seguramente, grande é o mistério da piedade; que foi manifestado na carne, justificado no espírito, apareceu aos anjos, foi proclamado às nações, crido no mundo, exaltado na glória*⁴⁷. E, se não me engano, não deve causar-nos admiração se todas as coisas que, conforme se diz, Deus conhece como no tempo presente, assim se diz porque as faz conhecer ou pelos anjos ou pelos homens. Essa maneira de falar que afirma o que se faz pelo que faz, é frequente nas sagradas Escrituras, principalmente quando se diz respeito a Deus algo que a própria verdade, presente à nossa mente, brada que isso não lhe convém em sentido próprio.

CAPÍTULO XX

Deus trabalha até agora

40. Agora vamos mostrar a diferença entre as obras que Deus realiza até agora, das obras das quais descansou no sétimo dia. Há os que consideram que Deus somente fez o mundo e as demais coisas que existem são feitas pelo próprio mundo, conforme ele ordenou e mandou, e que Deus nada mais realiza. Contra eles aduz-se aquela sentença do Senhor: Meu Pai trabalha até agora. E para não se pensar que realiza algo em si mesmo e não neste mundo, disse: O Pai que permanece em mim faz as suas obras. Como o Pai ressuscita os mortos e os faz viver, também o Filho dá a vida a quem quer⁴⁸. Digo mais: porque realiza não somente as grandes e importantes obras, mas também estas terrenas e menores, o Apóstolo diz assim: Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é o corpo que há de ser, mas um simples grão de trigo ou de qualquer outra espécie. É Deus que lhe dá corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio⁴⁹. Portanto, acreditemos que assim é, ou, se pudermos, também compreendamos que Deus trabalha até agora de tal modo que, se sua ação faltar às coisas criadas por ele, perecerão.

41. Mas se pensarmos que ele cria agora alguma criatura de tal modo que não tenha incluído sua espécie na primeira criação, opomo-nos abertamente à Escritura que nos garante ter ele concluído todas as obras no sexto dia⁵⁰. Considerando aquelas espécies de coisas que criou primeiramente, é claro que fez muitas que então não fez. Mas não se pode crer retamente que ele crie uma nova espécie, visto que então concluiu todas. Com uma força oculta imprime movimento ao conjunto das criaturas e elas são dirigidas por este movimento, quando os anjos cumprem suas ordens, os astros percorrem suas órbitas, os ventos apresentam variações, o abismo das águas se agita pelos seus cursos e também pelos ajuntamentos variados provocados pelos ventos; quando as plantas germinam e desenvolvem suas sementes, quando os animais se reproduzem e passam a vida com instintos variados, quando aos iníquos é permitido provar os justos. É ele que desdobra os séculos os quais, ao serem criados no início, foram como que enrolados em si mesmos. Contudo, os séculos não estenderiam seus decursos, se Deus, que os criou, cessasse de administrá-los com sua providência.

Todas as coisas são governadas pela divina Providência

42. É preciso que as coisas que se formam e nascem no tempo nos advirtam sobre como as devemos considerar. Com efeito, está escrito, não em vão, sobre a Sabedoria que aos seus amantes ela se mostra jubilosa em seus caminhos e os acode com sua providência⁵¹. Não se deve dar ouvidos absolutamente àqueles que afirmam que as partes mais elevadas do mundo são governadas pela divina Providência, ou seja, as partes dos limites do ar mais denso para cima, mas que esta parte inferior terrena e úmida e deste ar mais próximo, que se umedece pelas exalações das terras e das águas, no qual se levantam os ventos e as nuvens, essa parte é agitada mais pelos movimentos casuais e fortuitos. Contra eles fala o salmo, o qual, depois de ter dado o louvor dos celestiais, volta-se também para estes inferiores, dizendo: Louvai o Senhor na terra, monstros marinhos e abismos todos, raio e granizo, neve e bruma, e os ventos das tempestades, vós que cumpris a sua palavra⁵². Sem dúvida, nada parece se movimentar mais por acaso que estas naturezas tempestuosas e turbulentas, com as quais a face deste céu inferior, que merecidamente também se chamou com o nome de terra, é alterada e batida. Mas como acrescentou: que cumpris a sua palavra, mostra claramente que também a ordem destas coisas, submetida ao império divino, se nos é oculta, não pensemos que ela falte à natureza do universo. O que, pois, quer dizer o Salvador, por sua própria boca, quando diz que um pássaro não cai na terra sem a vontade do Pai⁵³, e que a erva do campo, que não tarda em ser jogada ao fogo, ele a veste⁵⁴? Acaso não confirma que a divina Providência governa não somente toda esta parte do mundo destinada aos seres mortais e corruptíveis, mas também suas mais vis e abjetas partezinhas?

CAPÍTULO XXII

Argumentos a favor da divina Providência

43. Certamente, os que negam a ação da divina Providência e não confiam nas santas palavras de tamanha autoridade, se vissem nesta parte do mundo que consideram ser perturbada por movimentos fortuitos, em vez de concordarem que é governada pela sabedoria da divina sumidade, a ponto de pretenderem provar, abusando de um duplo argumento, ou o que mencionei acima sobre a inconstância das tempestades, ou sobre a felicidade e infelicidade dos homens que não acontecem pelos méritos da vida; se nela vissem, repito, a tão grande ordem, quanta aparece nos membros carnis de qualquer animal, não o digo aos médicos, os quais pela necessidade de sua arte, uma vez postos às claras, esquadrinharam-nos com profundidade, mas a qualquer pessoa de inteligência e reflexão medíocres, acaso não gritariam que Deus, de quem procede todas as regras de medidas, toda igualdade dos números, toda ordem dos pesos, não gritariam que ele não cessa nem um instante sequer no governo dos referidos membros? O que se pode imaginar de mais absurdo e mais sem sentido que toda a criação esteja livre da vontade e do governo da Providência, cujas realidades, as ínfimas e pequenas, tu as vês que se formam com tanta ordem que algumas vezes, pensadas com mais atenção, incutem um inefável espanto de admiração? E como a natureza da alma é mais excelente que a natureza do corpo, que insensatez maior pode haver que pensar que não há juízo algum da divina Providência sobre os costumes dos homens, se na carne humana são patentes e se demonstram tantos indícios desta preocupação? Mas porque estas mínimas coisas se apresentam num instante a nossos sentidos e as investigamos com facilidade, resplandece nelas a ordem das coisas, e aquelas cuja ordem não somos capazes de ver, consideram-nas desordenadas aqueles que pensam não existir o que não são capazes de ver, ou se pensam que existe, acreditam-no tal qual se acostumaram a ver.

Como Deus criou todas as coisas ao mesmo tempo e como trabalha até agora

44. Mas nós, cujos passos a divina Providência guia por meio da sagrada Escritura para não cairmos na referida perversidade, com a ajuda de Deus procuremos indagar em suas próprias obras de que modo criou estas coisas ao mesmo tempo e quando descansou de suas obras concluídas, cujas formas ele trabalha agora no decorrer dos tempos. Consideremos, portanto, a beleza de uma árvore no seu vigor, em seus ramos, em sua folhagem, em seus frutos; esta espécie certamente não nasceu de repente com seu tamanho e propriedades, mas obedecendo a uma ordem que conhecemos. Com efeito, surgiu da raiz que o primeiro germe fixou na terra; e, em seguida, cresceram todas suas partes formadas e diferenciadas. Portanto, aquele germe procedeu da semente; por isso, na semente estiveram primeiramente todas aquelas partes, não com o volume de grandeza corporal, mas com a força e a potência causal, pois a grandeza foi consequência da abundância de terra e de água. Mas no pequeno grão é mais admirável e eficaz essa força, pela qual, misturando água e terra como uma matéria, pôde se transformar em árvores de tal espécie, na produção dos ramos, no verde e figura das folhas, nas formas e riqueza dos frutos e na diversidade admirável de todas suas partes. O que brota ou pende dessa árvore que não tenha sido extraído e retirado do tesouro como que oculto daquela semente? E aquele germe procede de uma árvore, embora não daquela, mas de outra, e esta procede de outra semente. Às vezes também uma árvore procede de uma árvore, quando se retira e se planta um rebento. Portanto, a semente vem da árvore e a árvore, da semente, e a árvore, da árvore. Mas uma semente de forma alguma procede de uma semente, a não ser que se interponha uma árvore. Mas uma árvore procede de uma árvore, mesmo que não se interponha uma semente. Portanto, por sucessões alternadas um procede do outro, mas ambos procedem da terra, mas a terra não procede deles. Por isso, a primeira mãe deles é a terra. Assim também os animais: pode ser incerto se os germes procedem deles ou eles, dos germes; qualquer que seja o primeiro, com toda certeza este procede da terra.

45. Assim como no grão estavam de modo invisível todas as coisas juntas que surgiriam na árvore no tempo devido, assim também se deve pensar a respeito do mundo, quando Deus criou todas essas coisas juntas, que ele teve ao mesmo tempo todas as coisas que nele e com ele foram feitas, quando foi feito o dia; não somente o céu e a terra com o sol, a lua e as estrelas, cujas formas permanecem com o movimento circular; também a terra e os abismos que sofrem movimentos como que inconstantes, e que, unidos à parte inferior, formam a outra parte ao mundo; mas também as coisas que a água e a terra produziram potencial e causalmente, antes que nascessem em intervalos de tempos, como já nos são conhecidas nas obras que Deus trabalha até agora.

46. Sendo assim: *Este é o livro da criação do céu e da terra, quando foi feito o dia. Deus fez o céu e a terra, e todo arbusto do campo antes de existir sobre a terra, e toda erva do campo antes de existir sobre a terra*⁵⁵. Não como faz pelo trabalho pelo qual trabalha até agora, servindo-se da chuva e do cultivo do homem. Para dar a entender isso, foi acrescentado: *Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para trabalhar a terra*⁵⁶. Mas daquele modo pelo qual criou todas as coisas juntas e as concluiu no número sexto de dias, quando apresentou o dia que fez, às obras que fez seis vezes, não com espaços alternados temporais, mas causalmente com conhecimento ordenado. Destas obras descansou no sétimo dia, tendo-se dignado oferecer o descanso do mesmo dia para conhecimento e gozo; e, por isso, o abençoou e o santificou não em alguma de suas obras, mas em seu descanso. A partir daí, não criando mais criaturas, mas governando e movendo com sua ação

administrativa as que fez todas ao mesmo tempo, trabalha sem cessar, ao mesmo tempo descansando e operando, como já explicamos. A respeito destas obras, as quais até agora trabalha no decurso dos tempos, como que retomando o princípio da narrativa, diz a Escritura: *Uma fonte subia da terra e regava toda a superfície da terra*⁵⁷. Como já dissemos o que julgávamos dever dizer sobre esta fonte, vamos considerar, a partir de um outro começo, os assuntos que vêm em seguida.

[1](#) Gn 2,4-6.

[2](#) Gn 1,1.

[3](#) Gn 2,4.

[4](#) Gn 2,5.

[5](#) Sl 146,6.

[6](#) Eclo 18,1.

[7](#) Gn 2,4-5.

[8](#) Gn 1,11.

[9](#) Gn 1,11-12.

[10](#) Cf. Jo 5,17.

[11](#) Cf. Gn 2,8-9.

[12](#) Cf. Rm 11,36.

[13](#) Cf. Is 11,2-3.

[14](#) Gn 1,1.

[15](#) Gn 2,5.

[16](#) 1Cor 3,7.

[17](#) Gn 2,6.

[18](#) Gn 2,5.

[19](#) Gn 2,6.

[20](#) Gn 2,6.

[21](#) Gn 2,6.

[22](#) Cf Sl 105,30.34.

[23](#) Gn 2,4-5.

[24](#) Gn 2,6.

[25](#) Jo 1,1-3.

[26](#) Rm 11,34-36.

[27](#) Jo 1,4.

[28](#) Sl 104,24.

[29](#) Cl 1,16.

[30](#) Jo 5,26.

[31](#) Jo 1,1.

[32](#) Jó 28,12-13.

[33](#) Jó 23-25.

[34](#) Ex 3,14.

[35](#) Cf. At 17,28.

[36](#) Sb 13,9.

[37](#) Jo 1,3.10.

[38](#) Sb 11,17.

[39](#) Eclo 18,1.

[40](#) Cf. Tg 1,17.

[41](#) Cf. Gl 3,19.

[42](#) Ef 3,8-11.

[43](#) Cf. Mt 22,30.

[44](#) Cf. Hb 1,2.

[45](#) Pr 8,23.

[46](#) Sl 104,24.

[47](#) 1Tm 3,16.

[48](#) Jo 5,17.20-21.

[49](#) 1Cor 15,36-38.

[50](#) Cf. Gn 2,2.

[51](#) Sb 6,17.

[52](#) Sl 148,7.8.

[53](#) Cf. Mt 10,29.

[54](#) Cf. Mt 6,30.

[55](#) Gn 2,4-5.

[56](#) Gn 2,5.

[57](#) Gn 2,6.

LIVRO VI

CAPÍTULO I

As palavras: “E então Deus modelou o homem” etc. referem-se à sua criação no sexto dia ou a uma criação posterior

1. E então Deus modelou o homem com o pó da terra e insuflou em seu rosto um hálito de vida e o homem se tornou uma alma viva¹. A primeira coisa a considerar aqui é se isso é uma recapitulação, de modo que agora se diga como foi feito o homem que foi feito no sexto dia, conforme lemos. Ou, pelo contrário, se então quando fez todas as coisas simultaneamente, entre elas também fez o homem em estado latente, tal como criou as ervas do campo antes de existirem, de sorte que assim também ele, como já tivesse sido criado do outro modo, no segredo da natureza, como aquelas coisas que criou ao mesmo tempo quando foi feito o dia, fosse criado também deste modo no tempo devido, nesta forma visível na qual passa sua vida, bem ou mal, assim como as ervas que foram feitas antes de nascerem sobre a terra, e chegado o tempo e a irrigação por meio daquele manancial, nasceram para existirem sobre a terra.

2. Primeiramente procuremos concordar com o fato considerando-o uma recapitulação. Talvez, pois, o homem foi feito no sexto dia, tal como foi feito aquele dia em primeiro lugar, como o foram o firmamento, como o céu e a terra. Pois não se há de dizer que essas coisas já criadas no princípio ficaram ocultas e, depois, vieram à luz como que nascidas no tempo devido com esta forma em que seria edificado o mundo. Desde o princípio do tempo, quando foi feito o dia, o mundo foi criado, em cujos elementos foram criadas ao mesmo tempo as coisas que com a chegada do tempo nasceram, árvores, ou animais, cada um segundo sua espécie. Com efeito, não se há de crer que, entre os elementos do mundo, os astros, feitos e escondidos primeiramente, passaram a existir depois no tempo devido, e então resplandeceram nestas formas com que brilham nos céus; mas sim que foram criadas todas ao mesmo tempo na perfeição do número seis, quando foi feito o dia. Acaso o homem foi feito assim, já nesta forma na qual vive e faz o bem ou o mal em sua natureza? Ou também ele foi feito em estado latente como as ervas do campo antes de nascerem, de tal modo que, por ter sido feito do pó da terra, isso seria para ele o nascer no decorrer do tempo?

CAPÍTULO II

Investigação sobre o mesmo assunto com base no contexto da Escritura

3. Concordemos, portanto, que o homem foi modulado com o limo da terra no sexto dia com esta forma clara e visível, embora não tenha sido mencionado então o que está insinuado na recapitulação. Vejamos se a Escritura concorda com esta interpretação. Assim está escrito, quando se fazia a narrativa das obras do sexto dia: Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, e sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra.” Deus fez o homem à sua imagem, à imagem de Deus o fez, homem e mulher ele os fez. Deus os abençoou e lhes disse: “Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra². Portanto, já tinha sido formado o limo da terra e já tinha sido feita a mulher, formada de uma costela estando o homem entregue a um torpor; mas isso que no sexto dia não foi mencionado, agora o foi recapitulando. Com efeito, o homem não foi criado no sexto dia e, depois, foi feita a mulher no decorrer do tempo; mas: Ele o fez, diz o texto;

homem e mulher os fez, e abençoou. Portanto, como admitir que a mulher foi criada estando o homem já estabelecido no paraíso? Por acaso a Escritura recordou isso que foi omitido? O paraíso foi plantado no sexto dia e ali o homem foi posto, e foi-lhe infundido um torpor profundo para que Eva fosse formada e, uma vez formada, ele despertou e lhe deu o nome. Mas estas coisas não poderiam acontecer senão com intervalos de tempo. Sem dúvida, não foram feitos, como foram criadas todas as coisas ao mesmo tempo.

CAPÍTULO III

Reflexão sobre o mesmo assunto com fundamento em outras passagens da Escritura

4. Por mais que o homem pense na facilidade com que Deus criou estas coisas ao mesmo tempo com as demais, certamente percebemos que a linguagem humana não pode emití-las pela voz a não ser mediante pequenos intervalos de tempo. Portanto, quando ouvimos as palavras do homem ao dar nomes aos animais ou à mulher, ou quando disse à continuação: Por isso o homem deixe seu pai e sua mãe, se una à sua mulher, e eles serão dois em uma só carne³, com quaisquer que tenham sido as sílabas com que estas palavras soaram, não puderam soar ao mesmo tempo quaisquer duas sílabas nestas palavras; quanto menos puderam ser feitas todas estas coisas com aquelas que foram criadas ao mesmo tempo. E, por isso, se todas aquelas coisas foram feitas não simultaneamente desde o primeiro princípio dos tempos, mas por etapas ou intervalos de tempo, e aquele dia primeiramente criado, não o foi com substância espiritual, mas corporal; não sei como se fazia manhã e tarde, se pelo circuito da luz ou por emissão ou contração da mesma luz. Ou se, consideradas todas as coisas que foram tratadas com as exposições anteriores, uma razão provável nos persuadiu que aquele dia espiritual criado de modo sublime e em primeiro lugar como uma luz de sabedoria, foi denominado dia, cuja presença se manifestaria seis vezes na criação das coisas por um conhecimento ordenado. Com esta opinião concordam as palavras da Escritura, pois dizem depois: Quando foi feito o dia, Deus fez o céu e a terra e toda a verdura do campo, antes de existir sobre a terra, e todas as ervas do campo, antes de nascerem⁴. Isso também é confirmado pelo que está escrito em outro lugar: O que vive eternamente criou tudo ao mesmo tempo⁵. Estas palavras não deixam dúvida de que o fato de o homem ter sido modelado com o limo da terra e lhe ter sido formada a esposa de uma costela já não pertence à criação pela qual todas as coisas foram criadas juntas, das quais, uma vez concluídas, Deus descansou no sétimo dia. Pertence à ação que acontece agora no decorrer do tempo, pela qual ele trabalha até agora.

5. Acrescenta-se a isso o fato de que as palavras empregadas pela narrativa sobre como Deus plantou o paraíso e nele pôs o homem que criara e a ele levou os animais para lhes dar nomes, segundo as quais, como não tivesse encontrado a auxiliar que lhe correspondesse, formou-lhe por isso a mulher, tomando-lhe uma das costelas, tais palavras, repito, previnem-nos de que esta obra de Deus não pertence àquela obra da qual descansou no sétimo dia, mas a esta pela qual trabalha agora no decurso do tempo. Pois, quando se plantava o paraíso, a narrativa diz: *Deus plantou um paraíso em Éden, no oriente, e aí pôs o homem que modelara. Deus ainda fez crescer da terra toda a espécie de árvores formosas de ver e boas de comer*⁶.

CAPÍTULO IV

Continuação da explicação do Gênesis 2,8.9

Portanto, quando diz: *Fez ainda crescer da terra toda a espécie de árvores formosas de ver e boas de comer*⁷, revela, sem dúvida, que agora faz crescer as árvores de um modo, e de outro modo, quando

no terceiro dia a terra produziu verdura, ervas que dão semente segundo sua espécie e árvores frutíferas segundo sua espécie. Este é o sentido de: *Fez ainda crescer*, ou seja, sobre o que já fizera crescer na primeira criação, de um modo potencial e causal, nas obras que diziam respeito à criação simultânea de todas as coisas, das quais, uma vez concluídas, descansou no sétimo dia. Mas, agora de modo visível nas obras que dizem respeito ao decurso do tempo, como até agora continua trabalhando.

6. A não ser, talvez, que alguém diga que no terceiro dia não foram criadas todas as espécies de árvores, mas se deixou algo para ser criado no sexto dia, quando foi feito o homem e colocado no paraíso. Mas, a Escritura especifica claramente o que foi criado no sexto dia, ou seja, seres vivos segundo sua espécie, quadrúpedes tanto rastejantes como feras, e o homem, varão e mulher, à imagem de Deus. Portanto, poderia omitir como foi feito o homem, sobre o que, contudo, narrou que foi criado no sexto dia, para que, recapitulando depois, insinuasse como foi feito, isto é, do pó da terra, assim como a mulher, de uma costela do homem. Mas não se omitiu nenhuma espécie de criatura ou no que Deus disse: “*Faça-se*”, ou “*Façamos*”, ou no que está escrito: *Assim se fez* ou *Deus fez*. Do contrário, em vão teriam sido diferenciadas com tanto cuidado todas as coisas em cada um dos dias, se pudesse ficar alguma suspeita de mistura de dias, de modo que, tendo-se atribuído as ervas e as árvores ao terceiro dia, possamos acreditar que também algumas árvores foram criadas no sexto dia, das quais a Escritura fez silêncio no sexto dia.

CAPÍTULO V

O mesmo assunto anterior

7. Finalmente, o que responderemos sobre os animais do campo e as aves do céu que Deus levou a Adão, para ver como os iria chamar? Pois está escrito: O Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Façamos uma auxiliar que lhe corresponda.” Deus modelou, então, da terra, todas as feras do campo e as aves do céu e as conduziu a Adão para ver como ele as chamaria: e todo nome que Adão deu à alma viva, este é o seu nome. O homem deu nomes a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras do campo, mas, para o homem, não se encontrou a auxiliar que lhe correspondesse. Então Deus fez cair um torpor sobre o homem, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara de Adão, Deus a edificou em uma mulher⁸. Se, conseqüentemente, ao não encontrar a auxiliar semelhante ao homem entre os animais e feras do campo e as aves do céu, Deus fez a auxiliar de uma costela do costado de Adão, isso foi feito depois de ter modelado da terra os referidos animais do campo e as aves do céu e de os ter conduzido a ele, como se pode interpretar que isso foi feito no sexto dia, visto que nesse dia a terra, pela palavra de Deus, produziu seres vivos, mas as aves, as águas as produziram no quinto também pela palavra de Deus? Certamente, não teria dito assim: Deus modelou, então, da terra, todas as feras do campo e as aves do céu, se a terra já não tivesse produzido todas as feras do campo no sexto dia e a água, todas as aves do céu no quinto dia. Portanto, de um modo criou então, ou seja, em potência e em causa, como convinha àquela obra pela qual criou todas as coisas ao mesmo tempo, das quais descansou no sétimo dia, e de outro, agora, como vemos as coisas que cria no decurso do tempo com o trabalho que faz até agora. E por isso, Eva foi feita do costado de seu marido nestes dias bem conhecidos de luz corporal que acontecem pelo curso do sol. Com efeito, Deus modelou então, servindo-se da terra os animais e as aves. Como não tivesse encontrado entre eles uma auxiliar que correspondesse a Adão, ela foi formada. Portanto, em tais dias Deus também o modelou do limo da terra.

8. Também não se deve dizer que o homem foi feito de fato no sexto dia, mas a mulher o foi em dias posteriores; pois, no sexto dia, foi dito claramente: *Homem e mulher ele os fez e os abençoou*⁹, e tudo

mais que se diz de ambos e para ambos. Portanto, de um modo foram então criados os dois, e de outro modo o são agora; ou seja, então o foram, pela palavra de Deus, por uma potência inserida no mundo como germe, quando criou ao mesmo tempo todas as coisas que seriam criadas em seus respectivos tempos pela ordem dos séculos. Agora, porém, pela ação que se atribuiria aos tempos, pela qual trabalha até agora, era preciso que Adão fosse criado do limo da terra, e sua mulher, do costado do varão.

CAPÍTULO VI

Explicação de seu parecer

9. Na distribuição das obras de Deus, das quais parte diz respeito àqueles dias invisíveis nos quais criou todas as coisas ao mesmo tempo, parte, a estes dias posteriores nos quais trabalha todos os dias, fazendo com que se desenvolva no tempo tudo o que procede daqueles como que invólucros primeiros. Se seguimos as palavras da Escritura, não de modo impróprio nem irracionalmente, as quais nos conduziram a fazer diferença entre estas coisas, é preciso precaver-se para evitar que, devido à percepção um tanto difícil das coisas, as quais os mais tardos não conseguem atingir, julguemos sentir ou dizer alguma coisa que sabemos que não sentimos nem dizemos. No entanto, nas exposições precedentes, enquanto me foi possível, procurei fundamentar o leitor. Julgo contudo, que muitos andam como às cegas nesses lugares, e pensam que o homem existiu primeiramente naquela obra de Deus, pela qual tudo foi criado ao mesmo tempo, de modo a ter alguma vida, a poder discernir, crer e entender a palavra de Deus a ele dirigida, quando Deus disse: Eu vos dou como alimento todo alimento de semente¹⁰. Saiba, porém, aquele que assim pensa, que eu não senti assim e nem o disse.

10. Digo mais: se eu disser que o homem não existiu naquela primeira criação das coisas, na qual Deus criou todas as coisas ao mesmo tempo, como é o homem não somente em idade adulta, mas nem sequer existiu como criança, não somente como criança, mas nem sequer como feto no ventre da mãe, não somente isso, mas nem sequer como sêmen visível do homem, pensará que o homem não existiu em absoluto. Volte, pois, à Escritura e encontrará que¹¹ o homem foi feito no sexto dia à imagem de Deus, feitos também homem e mulher. Investigue também como a mulher foi feita; encontrará que o fora daqueles seis dias; foi feita quando Deus modelou com terra também as feras do campo e as aves do céu; não quando as águas produziram os voláteis e a terra produziu a alma viva, entre os quais estão os animais. Então, foi feito o homem, homem e mulher; portanto, não só então, mas também depois. Logo, nem então, nem depois. Ou, pelo contrário, depois sim e não então. Nem outros depois, mas os mesmos, de um modo então, de outro, depois. Perguntar-me-á: como? Responderei: depois, de modo visível, como nos é conhecida a espécie de constituição humana; não, porém, mediante pais que geram, mas ele do limo, ela do costado do varão. Perguntar-me-á: como, então? Responderei: de modo invisível, potencialmente, causalmente, como acontecem as coisas futuras ainda não criadas.

11. Talvez não entenderá ainda. Retirem-se do homem todas as coisas que ele conhece, mesmo a noção de sêmen. Pois nem isso era o homem quando foi feito na primeira criação em seis dias. Contudo, não existe alguma semelhança entre as sementes e as sementes, devido às coisas que futuramente se reuniram nelas. Entretanto, antes de todas as sementes visíveis estão aquelas causas; mas ele não está entendendo ainda. O que devo fazer, então, senão aconselhá-lo, procurando seu bem, a crer na Escritura de Deus, e então acredite que o homem foi feito quando Deus, feito o dia, fez o céu e a terra? Sobre isso a Escritura fala em outro lugar: *Aquele que vive eternamente criou todas as coisas ao mesmo tempo*¹²; e então, quando já não cria todas as coisas ao mesmo tempo, mas cada coisa

no tempo devido, modelou o homem do limo da terra e a mulher, do costado do homem. A Escritura permite interpretar que foram criados deste modo no sexto dia e também que não foram criados no sexto dia.

CAPÍTULO VII

As almas não foram criadas antes dos corpos

12. Porventura as almas dos homens foram criadas no sexto dia, visto que se entende que a imagem de Deus se encontra no espírito da mente deles, para que depois fossem formados os corpos? A própria Escritura não permite que se acredite nessa opinião. Primeiramente, considerando a conclusão das obras, a qual não percebo como se possa entendê-la, se faltou algo não criado causalmente, que depois fosse criado visivelmente. Depois, porque o sexo do homem e da mulher não pode existir a não ser nos corpos. Com efeito, se alguém julgar que, de acordo com o entendimento e a ação, poder-se-ia concordar que ambos os sexos se encontrassem numa só alma, o que ele fará daquilo que Deus lhes deu no mesmo dia para servir de alimento, procedente dos frutos das árvores, o que não é certamente adequado a não ser para um homem que tenha corpo? Se alguém quiser considerar este alimento em sentido figurado, desviar-se-á do sentido próprio das obras realizadas, o que, conforme afirmamos, deve fundamentar todas as observações nestas narrativas.

CAPÍTULO VIII

Dificuldade sobre a voz de Deus dirigida ao homem no sexto dia

13. “De que modo, diz alguém, falava a eles que ainda não tinham capacidade de ouvir nem de entender, pois não existiam de modo a poderem perceber as palavras?” Poderia responder que Deus lhes falou do mesmo modo como Cristo falou a nós, ainda não nascidos; e, ainda mais, que existiríamos muito tempo depois; mas não somente a nós, mas também a todos aqueles que existirão depois de nós. Com efeito, ele dizia a todos os que viam seriam seus: E eis que estou convosco todos os dias até a consumação dos séculos^{[13](#)}; do mesmo modo como era conhecido de Deus o profeta ao qual disse: Antes que saíesses do seio, eu te conheci^{[14](#)}; como Levi pagou o dízimo, quando ainda estava no seio de Abraão^{[15](#)}. Por que, pois, Abraão não podia estar em Adão, e Adão, nas primeiras obras do mundo que Deus criou ao mesmo tempo? As palavras do Senhor são proferidas pela boca de sua carne e as palavras de Deus, pelos lábios dos profetas com voz temporal e corporal, e despendem e empregam em todas suas sílabas intervalos adequados de tempo; mas quando Deus dizia: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais domésticos e sobre toda terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra”, e: “Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais domésticos e sobre toda terra e sobre todos os répteis que rastejam sobre a terra”; e: Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão sementes: isto será vosso alimento”^{[16](#)}, estas palavras, antes de todo ruído do ar, antes de toda voz da carne e da nuvem, naquela suprema Sabedoria, pela qual tudo foi feito, soavam não como a ouvidos humanos, mas inseriam nas coisas feitas as causas das que iriam ser feitas, e faziam as coisas futuras pela potência todo-poderosa e criavam o homem, que seria formado no tempo devido, como uma semente ou como uma raiz dos tempos, e então criavam o ponto de partida dos séculos, criados por ele que existe antes de todos os séculos. Com efeito, umas criaturas procedem de outras criaturas, algumas pelo tempo, outras pelas causas; mas ele, que fez todas as coisas, precede-as, não somente por sua excelência, pela qual é criador também das causas, mas

também pela eternidade. A respeito disso se há de dissertar depois mais amplamente em passagens mais oportunas das Escrituras.

CAPÍTULO IX

Jeremias era conhecido de Deus antes de ser formado — Os merecimentos dos ainda não nascidos

14. Terminemos agora o que começamos a dizer a respeito do homem, guardando a devida moderação, a fim de que com respeito ao sentido profundo da Escritura manifestemos mais cuidado em buscar do que temeridade em afirmar. Que Deus conhecia Jeremias antes de formá-lo no ventre materno não é lícito duvidar, pois diz claramente: Antes mesmo de te formar no ventre materno eu te conheci¹⁷. Embora para a nossa fraqueza seja difícil ou impossível saber, perguntamos: onde o tinha conhecido antes de o ter formado? Talvez em algumas causas mais próximas, como conheceu Levi pagando no seio de Abraão; talvez no próprio Adão, no qual foi criado o gênero humano como que em raiz; ou também no mesmo Adão, depois de o ter formado, ou terá sido quando foi criado causalmente entre as obras, todas elas realizadas ao mesmo tempo, ou, antes, precedendo a toda a criatura, assim como escolheu e predestinou os santos antes da fundação do mundo¹⁸; ou, antes, em todas as causas precedentes, tanto as que mencionei, como as que não mencionei, antes de ser formado no ventre materno? Julgo que não convém indagar com mais pormenores se consta que Jeremias, desde que viu esta luz gerado por seus pais, desde esse momento levou vida própria, na qual, crescendo com a idade, podia viver mal ou bem; mas antes, de forma alguma, não somente antes de ser formado no ventre, como nem depois de aí ser formado, antes de nascer. Não apresenta nenhuma dúvida aquela doutrina a respeito dos gêmeos no ventre de Rebeca, os quais nada tinham feito de bem ou de mal¹⁹.

15. Não está escrito em vão que nem a criança com um dia de vida na terra está isenta de pecado²⁰, e também no salmo: *Eis que nasci na iniquidade, minha mãe concebeu-me no pecado*²¹. E em Adão, no qual todos pecaram, todos morrerão. Mas tenhamos por certo agora que quaisquer méritos dos pais que passem para a prole, que qualquer graça de Deus que santifique alguém antes de nascer, não é iniquidade perante Deus, nem alguém é capaz de praticar o bem ou mal quando se trata da própria pessoa antes de nascer. Aquela opinião que leva alguns a pensarem que as almas pecaram mais ou menos em outro lugar, e que, de acordo com os méritos dos pecados, as almas são destinadas para outros corpos, tudo isso não é conforme a doutrina apostólica, pois foi dito claramente que nada fazem de bem ou mal os ainda não nascidos.

16. Por isso, há uma questão a ser retomada no lugar devido ao que dizer do pecado dos primeiros pais, que eram apenas dois, e, no entanto, todo o gênero humano o contraiu. Não se questiona se o homem nada pôde ter de tais méritos antes de ser modelado do pó da terra, antes de viver sua própria vida. Pois, assim como de Esaú e Jacó, a respeito dos quais diz o Apóstolo²² que antes de nascer, nada praticaram de bem ou de mal, não poderíamos dizer que herdaram de seus pais algum mérito, se nem os pais praticaram algum bem ou algum mal, nem que o gênero humano pecaria em Adão, se Adão não tivesse pecado; mas Adão não teria pecado, se não vivesse sua vida, na qual podia viver bem ou mal. Assim inutilmente se procura nele o pecado ou a boa ação, quando, ainda criado entre as coisas criadas ao mesmo tempo causalmente, nem ainda vivia com sua vida própria, nem tinha pais que assim vivessem. Com efeito, na primeira criação do mundo, quando Deus criou todas as coisas ao mesmo tempo, foi feito o homem; que haveria de existir. Então se deu a razão para ser criado, não o ato de ser criado.

CAPÍTULO X

17. As coisas existem de um modo no Verbo de Deus: ainda não foram feitas, mas são eternas, e de outro modo nos elementos do mundo: todas elas foram feitas ao mesmo tempo, e são futuras. De outro modo, nas coisas que criadas ao mesmo tempo segundo as causas, já não são criadas ao mesmo tempo, mas cada uma no seu devido tempo, entre as quais estava Adão já formado do limo e animado pelo hálito de Deus e como a erva que nasceu da terra. De outro modo, nas sementes, nas quais de novo se repetem as causas primordiais, originadas das coisas que existiram segundo as causas que ele criou primeiramente, como a erva procedeu da terra e a semente da erva. Em todas essas coisas as já feitas receberam as leis e as ações de seu tempo, e apareceram em formas e naturezas visíveis por razões ocultas e invisíveis que estão latentes na criatura causalmente. Assim apareceram a erva nascida sobre a terra, o homem feito alma viva e as demais coisas, plantas e animais, que se referem àquela ação de Deus que trabalha até agora. Também estas conservam consigo essas razões, de modo invisível, por força de um certo poder oculto para novamente gerar que retiraram daquelas causas primordiais, nas quais, ao ser criado o mundo quando foi feito o dia, foram essas razões inseridas antes de nascerem numa forma visível segundo sua espécie.

CAPÍTULO XI

As obras da criação concluídas no sexto dia e ainda começadas

18. Se as primeiras obras de Deus, quando criou todas as coisas juntas, não fossem perfeitas de acordo com seu modo de ser, sem dúvida lhes seria acrescentado depois o que lhes faltou para se tornarem perfeitas, de tal modo que uma certa perfeição do universo constasse de duas metades, como se fossem partes de um todo, e com a união dessas duas partes se completasse o todo do qual são partes. Pelo contrário, se elas fossem de tal forma perfeitas, como são perfeitas, quando são geradas cada uma no seu tempo em formas e estados visíveis, sem dúvida ou nada se faria delas depois no decorrer dos tempos, ou se faria o que Deus não cessa de fazer com as que nascem cada uma no seu tempo. Agora tanto estão concluídas como estão iniciadas as obras que Deus, ao criar o mundo, criou no princípio ao mesmo tempo para se desenvolverem nos tempos posteriores. Estão certamente concluídas, porque não possuem em suas naturezas próprias, pelas quais agem no decorrer dos tempos, nada do que nelas não foi feito causalmente. Pelo contrário, estão iniciadas, porque havia como que sementes de coisas futuras que haveriam de brotar de seu estado latente para o visível em lugares adequados no decorrer dos tempos. As palavras da Escritura têm significativa importância ao chamar a atenção para isso, se alguém nelas prestar atenção. Com efeito, a Escritura diz que estão tanto concluídas como iniciadas: pois se não estivessem concluídas, não estaria escrito: Assim foram concluídos o céu e a terra, e todos os seus elementos. Deus concluiu no sexto dia a obra que fizera e no sétimo dia descansou de todas as obras que fizera. Deus abençoou o sétimo dia e o santificou²³; e se não estivessem começadas, não diria assim a continuação: Pois nele descansou depois de toda a sua obra de criação²⁴.

19. Mas nesta altura, se alguém perguntar como concluiu e como começou, responderei: não concluiu uma e começou outras, mas certamente as mesmas das quais descansou no sétimo dia, ou seja, é claro que daquelas de que falamos acima. Com efeito, entendemos que Deus concluiu estas coisas, quando criou todas elas ao mesmo tempo e tão perfeitamente que nada seria preciso criar na ordem dos tempos que já não tivesse sido criado por ele na ordem das causas. Entendemos que começou porque o que aqui prefixara em causas, depois o executaria ao fazê-lo. Por isso, *Deus modelou o homem com o pó da terra* ou o limo da terra, ou seja, o pó ou o limo da terra; *insuflou* ou soprou *em sua face um*

*hálito de vida e o homem se tornou uma alma viva*²⁵. Não foi então predestinado; isso aconteceu antes dos séculos na presciência do Criador, nem foi então causal ou terminantemente incoado ou incoadadamente terminado, pois o foi desde séculos nas razões primordiais, quando seriam criadas todas as coisas ao mesmo tempo. Mas foi criado no tempo devido, de modo visível no corpo e de modo invisível na alma, constando de alma e corpo.

CAPÍTULO XII

O corpo humano foi formado por Deus de um modo especial

20. Vejamos agora como Deus fez o homem. Primeiramente, seu corpo criado da terra. Depois, veremos também sobre a alma, se de algum modo pudermos. É um pensamento deveras pueril julgar que Deus modelou o homem do limo com mãos corporais, de tal modo que, se a Escritura o tivesse dito, deveríamos crer que o escritor escreveu empregando o sentido metafórico, antes de acreditar que Deus é dotado de membros quais os que vemos em nossos corpos. Pois foi dito: Tuas mãos destruiu povos²⁶, e: E fizeste sair o teu povo com mão forte e braço estendido²⁷; mas quem é tão louco que não chegue a entender que o nome destes membros foi posto em lugar de poder e virtude de Deus?

21. E nem merece ser ouvido o que alguns pensam, ou seja, que a obra principal de Deus é o homem porque nas demais ele disse e foram feitas e a este ele próprio fez. Entretanto, essa obra foi a principal porque o fez à sua imagem. As obras que ele mandou e foram feitas estão descritas desse modo porque foram feitas por seu Verbo, assim como se pode falar aos homens por meio de um homem com palavras que se pensam no tempo e se proferem com a voz. Mas, Deus não fala desse modo a não ser quando fala por intermédio de uma criatura corporal, como quando falou a Abraão, a Moisés, como falou de seu Filho mediante a nuvem. Mas, antes de toda criatura, para que existisse como criatura, foi dito por aquele Verbo que era no princípio Deus junto de Deus; e porque tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito²⁸, sem dúvida também o homem foi feito por ele. Com efeito, certamente fez o céu pela sua palavra, porque disse e foi feito; contudo está escrito: *O céu é obra de tuas mãos*²⁹. E sobre este como que profundo abismo está escrito: *É dele o mar, pois foi ele quem o fez, e a terra firme, suas mãos a modelaram*³⁰. Portanto, não se atribua isso à glória do homem, como se Deus tivesse dito e as coisas foram feitas, mas ao homem ele mesmo fez, ou, se as demais coisas as fez por sua palavra, mas ao homem o fez com suas mãos. Nisso o homem sobressai, em que Deus o fez à sua imagem, e por isso o dotou de alma intelectual, pela qual se avantajava aos animais. Já dissertamos sobre isso anteriormente. Honrado desse modo, se não usar da inteligência para bem agir, será comparado aos mesmos animais aos quais se avantajava. Pois assim está escrito: *O homem posto em honra não entendeu, é comparado aos animais sem razão e se fez semelhante a eles*³¹. Com efeito, Deus fez também os animais, mas não à sua imagem.

22. E não se deve dizer: “Ele fez o homem, mas aos animais mandou e foram feitos”. Tanto o homem como os animais ele os fez por seu Verbo, pelo qual tudo foi feito. Mas, porque o mesmo Verbo é a Sabedoria e a Virtude de Deus, também se diz “sua mão”, não o membro visível, mas o poder de criar. Com efeito, este mesmo texto que diz que Deus modelou o homem do limo da terra, diz também que modelou da terra os animais do campo, quando, com as aves do céu, conduziu-os a Adão para ver como os chamaria. Assim está escrito: *Deus modelou, então, da terra todas as feras*³². Portanto, se ele formou com a terra o homem e com a terra os animais, o que o homem tem mais excelente neste ponto, senão que foi criado à imagem de Deus? Não é imagem pelo corpo, mas pela inteligência da mente; sobre isso falaremos depois. Entretanto, quanto ao corpo, o homem tem uma faculdade que

mostra esta excelência, pois foi feito com a estatura ereta, a fim de que com isso fosse advertido a não procurar para si o que é terreno, como os animais, cujos prazeres procedem da terra, razão pela qual todos estão inclinados e voltados para o ventre. Portanto, o corpo do homem é também adequado à sua alma racional, não quanto aos traços e figuras dos membros, mas, antes, quanto ao fato de ter uma posição erguida para o céu para poder contemplar o que é superior no corpo do próprio mundo; assim como sua alma racional deve dirigir-se para o que é mais excelente entre as realidades espirituais, para poder saborear as coisas do alto, não as da terra³³.

CAPÍTULO XIII

A idade e a estatura do homem na sua criação

23. Como Deus fez o homem do limo da terra? Subitamente, na idade perfeita, isto é, adulta e juvenil, ou como até agora o forma, no ventre materno? Pois nem isso um outro faz senão aquele que disse: Antes mesmo de te formar no ventre materno, eu te conheci³⁴, de modo que Adão teve apenas como especial o não ter nascido de pais, mas ter sido feito de terra. Contudo, de um modo tal que, aperfeiçoando-se nele e crescendo pela idade, se completassem as medidas dos tempos que vemos serem destinadas para a perfeição da natureza da espécie humana. Ou, antes, isto não deve ser objeto de indagação? Com efeito, de qualquer modo que o tenha criado, fez o que convinha a Deus onipotente e sábio poder fazer. Assim, pois, determinou leis certas de tempos às espécies e às propriedades das coisas que viriam à luz depois de estarem ocultas, para que sua vontade esteja acima de tudo. Com efeito, pelo seu poder deu à criatura suas medidas, mas não encerrou seu poder nessas medidas. Pois seu Espírito pairava de tal modo sobre o mundo ao obrar que também uma vez feito, pairava não por lugares corporais, mas pela excelência de seu poder.

24. Quem não sabe que a água misturada com a terra, quando atinge as raízes da videira, é conduzida para ser alimento desta árvore e, uma vez nela, adquire a propriedade pela qual se converte em uva que vai se formando pouco a pouco, e dela crescida se faz o vinho; e o adoa já pronto, e este, depois de espremido vem a se fermentar e, depois de adquirir corpo, chega a ser usado como bebida proveitosa e agradável? Acaso o Senhor procurou uma árvore ou terra, ou observou estes espaços de tempo, quando converteu a água em vinho num tempo tão curto de causar admiração, e um tal vinho que mesmo o convidado embriagado o louvasse?³⁵ Acaso o criador do tempo necessitou da ajuda do tempo? Acaso a natureza das serpentes não se desenvolve, forma-se, nasce e se fortalece em números de determinados dias adequados à sua espécie? Acaso esperou passar estes dias para que a vara se transformasse em serpentes nas mãos de Moisés e de Aarão?³⁶ E quando estas coisas acontecem, não acontecem contra a natureza, mas assim pensamos nós a quem o curso da natureza se manifesta de modo diferente, mas não a Deus para quem a natureza é o que ele criou.

CAPÍTULO XIV

Como eram as razões causais inseridas no mundo no princípio

25. Pode-se perguntar com razão como foram instituídas as razões causais que Deus inseriu no mundo, quando no princípio criou todas as coisas ao mesmo tempo. Acaso de modo a perfazerem os diversos espaços de tempos, de acordo com a diversidade de espécies, como vemos todas as coisas que nascem, animais ou plantas, em suas formações e crescimentos? Ou de modo a se formarem imediatamente, tal como se acredita que Adão foi criado na idade viril sem qualquer progresso de crescimento? Por que não crermos que pode ter sido pelas duas formas, de modo que se produzisse com elas o que fosse do

agrado do Criador? Se dissermos que foram instituídas na primeira forma, começará a parecer que foram feitos, contrariando-as, não somente aquele vinho procedente da água, mas também todos os milagres que se dão contra o curso normal da natureza. Mas se dissermos que foram feitas na segunda forma, seria absurdo muito maior que estas formas e espécies cotidianas da natureza cumprissem os espaços de seus tempos, contrariando as primeiras razões causais de todas as coisas que nascem. Resta, portanto, dizer que são aptas para serem criadas por ambas as formas, seja pela primeira, pela qual transcorrem os tempos normais, seja pela segunda, pela qual acontecem as obras raras e maravilhosas, conforme for do agrado de Deus fazer no tempo oportuno.

CAPÍTULO XV

O primeiro homem foi criado de acordo com as causas primeiras

26. Portanto, o homem foi feito conforme o que as primeiras causas continham para que fosse feito o primeiro homem, o qual não devia nascer de pais, visto que não os houve, mas ser formado do limo de acordo com a razão causal na qual fora feito no princípio. Pois, se foi feito de outro modo, Deus não o teria feito entre as obras do sexto dia, nas quais, ao se dizer que foi feito, Deus certamente fez a causa pela qual o homem seria feito no tempo devido e de acordo com a qual deveria ser feito por Deus, o qual ao mesmo tempo tanto terminara as coisas começadas, tendo em conta a perfeição das razões causais, como começara as que deviam ser concluídas, tendo em conta a ordem dos tempos. Portanto, se nas primeiras causas das coisas, que o Criador inseriu no mundo no princípio, não somente determinou que formaria o homem do limo, mas também como o formaria, se no ventre de uma mãe, ou na estrutura juvenil, sem dúvida o fez como antes predeterminara, pois não o faria contra sua disposição. Mas se nelas pôs somente a força da possibilidade, de modo que o homem seria feito por qualquer uma das formas, de tal modo que poderia ser feito por uma forma ou por outra, ou seja, se pôs nas primeiras causas que poderia ser por uma forma ou por outra, reservou em sua vontade o único modo pelo qual havia de fazê-lo e não o ligou à criação do mundo. É claro também que o homem não foi feito contra a causa que estava na primeira criação das causas, pois lá estava também que podia ser feito desse modo, embora não estivesse lá que fosse necessário que assim fosse feito. Com efeito, isto não estava na criação da criatura, mas na vontade do Criador, cuja vontade significa necessidade para as coisas.

CAPÍTULO XVI

Da natureza das coisas depende o que podem ser, mas da vontade de Deus depende sua existência

27. Nós também podemos conhecer agora, nas coisas nascidas no tempo, de acordo com a capacidade de nossa limitação, o que há de natureza em cada uma que tenhamos percebido pela experiência. Mas ignoramos se vai existir mais tarde. Com efeito, está na natureza deste jovem, por exemplo, que ele virá a envelhecer; mas não sabemos se isso está na vontade de Deus. Mas não estaria em sua natureza, se não tivesse estado antes na vontade de Deus, que tudo criou. E certamente há uma razão oculta de velhice no corpo de um jovem, ou de juventude no corpo de um menino; mas não se vê com os olhos, como se vê a puerícia no menino, como se percebe a juventude no jovem. Por um outro conhecimento se deduz que está inserido na natureza algo latente, pelo qual são produzidas para o exterior medidas ocultas ou de juventude na puerícia, ou de velhice na juventude. Portanto, essa razão, que faz com que isso possa ser, está oculta aos olhos; mas não está oculta à mente. Entretanto, ignoramos totalmente se isso necessariamente acontecerá. Sabemos que está na natureza do corpo a razão que faz com que possa ser, mas é claro que não está na natureza do mesmo corpo a razão que faz com que exista

necessariamente.

CAPÍTULO XVII

As coisas futuras deveras verdadeiras entre as futuras

28. Talvez esteja nas razões causais do mundo que este homem envelhecerá. Se não estiver no mundo, está em Deus. Pois, necessariamente é futuro o que ele quer e verdadeiramente futuro o que ele sabe em sua presciência. Muitas coisas são futuras segundo as causas inferiores, mas, se assim estão também na presciência de Deus, são verdadeiramente futuras; mas se estão na sua presciência de outro modo, são futuras como nela estão, e dela aquele que é presciente não pode enganar-se. Com efeito, diz-se que a velhice é futura no jovem, mas não é futura se morrer antes; isso assim acontecerá dependendo de outras causas, tanto das relacionadas com o mundo, como das reservadas na presciência de Deus. Conforme certas causas referentes ao futuro, Ezequias devia morrer, mas Deus lhe acrescentou quinze anos de vida³⁷. Deus assim fez porque sabia antecipadamente que o faria mesmo antes da fundação do mundo e o conservava em sua vontade. Portanto, não fez o que não era futuro, pois tanto mais era futuro porque ele sabia antes o que aconteceria. Contudo, não se diria corretamente que aqueles anos foram acrescentados, a não ser que se acrescentasse algo que tivera de outro modo em outras causas. Portanto, de acordo com algumas causas inferiores, sua vida estava por terminar; mas de acordo com as causas que estão na vontade e na presciência de Deus, o qual sabia desde a eternidade o que faria naquele tempo (e isso era verdadeiramente futuro), Ezequias terminaria sua vida quando terminou a vida. Porque, embora tenha sido concedido ao que orava, ele certamente sabia antecipadamente que ele haveria de orar de tal modo que seria conveniente atender a tal oração; e assim, o que sabia de antemão, aconteceria necessariamente.

CAPÍTULO XVIII

A criação de Adão conforme as causas primordiais

29. Portanto, se as causas de todas as coisas futuras foram inseridas no mundo, ao se fazer o dia, quando Deus criou todas as coisas ao mesmo tempo, Adão, quando foi formado do limo, já na virilidade perfeita como é mais provável, não foi feito de modo diferente do que estava naquelas causas, quando Deus fez o homem entre as obras do sexto dia. Lá estava não somente para que assim pudesse ser feito, mas também para que fosse necessário que assim fosse feito. Assim, pois, Deus não o fez contrariando a causa que ele sem dúvida determinara querendo, visto que nada faz contra sua vontade. Se não predeterminou todas as causas na criatura primeiramente criada, mas reservou algumas em sua vontade, aquelas que reservou em sua vontade não são necessariamente dependentes das que criou, mas as que reservou em sua vontade não podem ser contrárias àquelas que instituiu por sua vontade, uma vez que a vontade de Deus não pode ser contrária a si mesma. Portanto, criou estas de modo que daquelas pudesse existir aquilo do qual são causas; mas não necessariamente, ocultou-as de tal modo que delas fosse necessário existir o que fez das primeiras para poder existir.

CAPÍTULO XIX

O corpo de Adão não era espiritual, mas animal

30. Costuma-se perguntar se no homem foi formado primeiramente um corpo animal, igual ao que temos, ou espiritual como teremos na ressurreição. Embora aquele se mudará neste, pois semeia-se o corpo animal e surgirá um corpo espiritual, pergunta-se qual foi o primeiro que se fez, porque se foi o

animal, não receberemos o que nele perdemos, mas um outro tanto melhor quanto o espiritual se avanta ao animal, quando seremos iguais aos anjos de Deus³⁸. Os anjos podem sobressair uns sobre os outros em justiça; podem-no também com respeito ao Senhor? Contudo, a respeito dele foi dito: O fizeste pouco menor do que os anjos³⁹. Qual a razão, senão devido à fraqueza que assumiu nascendo da Virgem, recebendo a forma de servo⁴⁰, na qual, morrendo, resgatar-nos-ia da escravidão? Mas por que dissertarmos sobre isto mais tempo? Com efeito, não se apresenta de modo obscuro a sentença do Apóstolo sobre este assunto. Como ele quisesse oferecer um testemunho, com o qual pudesse provar que o corpo do homem é animal, não tanto a respeito de seu corpo ou de qualquer homem que se podia ver naquela ocasião, quanto do corpo de que fala esta passagem da Escritura, recordou e apresentou o seguinte, dizendo: Se há um corpo animal, há também um corpo espiritual. Assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente: o último Adão, espírito que dá a vida. Primeiro foi feito o que não é espiritual, mas o que é animal; o que é espiritual, vem depois. O primeiro homem, tirado da terra, é terrestre. O segundo homem vem do céu, é celeste. Qual foi o homem terrestre, tais são também os terrestres. Qual foi o homem celeste, tais serão os celestes. E, assim como vestimos a imagem do homem terrestre, assim também vestiremos a imagem do homem celeste⁴¹. O que se pode dizer a respeito? Levamos agora pela fé a imagem do homem celeste para possuir na ressurreição o que acreditamos; mas vestimos a imagem do homem terreno desde o começo da geração humana.

CAPÍTULO XX

Dificuldade contra a opinião anterior — Opinião: “O corpo de Adão foi primeiramente animal, depois espiritual”

31. Surge aqui uma outra questão: como nos devemos renovar, se não somos chamados a esta renovação por Cristo porque estávamos anteriormente em Adão? Ainda que muitas coisas se renovem não para o primeiro estado, mas para um melhor, renovam-se de um estado inferior com relação ao que estavam antes. Portanto, como aquele filho morreu e tornou a viver, perdera-se e foi encontrado⁴², como lhe é entregue a primeira túnica, se não recebe a imortalidade que perdeu em Adão? Mas, como perdeu a imortalidade, se tinha um corpo animal? Pois não será um corpo animal, mas espiritual, quando este ser corruptível revestir a incorruptibilidade e este ser mortal revestir a imortalidade⁴³. Alguns, apertados por estas dificuldades, desejando que permaneça aquela sentença na qual se deu o exemplo do corpo animal e se dizia: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente; o último Adão, espírito que dá a vida, e desejando mostrar que não é um absurdo dizer que a futura renovação e recepção da imortalidade há de consistir em voltar ao anterior, ou seja, ao que Adão perdeu, alguns, repito, pensaram que primeiramente o homem teve corpo animal, mas, ao ser posto no paraíso, foi mudado, assim como nós seremos mudados na ressurreição. O livro do Gênesis certamente não menciona isso; mas para que ambos os testemunhos da Escritura possam concordar entre si, seja o que foi dito sobre o corpo animal, seja aqueles muitos que se encontram nas sagradas Escrituras sobre nossa renovação, eles acreditaram conseguir isso como algo necessário.

CAPÍTULO XXI

Refutação da opinião anterior

32. Mas se assim é, em vão nos esforçamos por interpretar em sentido próprio o paraíso, as árvores e seus frutos, deixando de lado o sentido figurado. Pois, quem há que acredite que os alimentos provenientes dos frutos das árvores já feitos daquele modo pudessem ser necessários a corpos imortais

e espirituais? Se não se pode encontrar outro testemunho, é escolha melhor interpretar o paraíso no sentido espiritual do que pensar que o homem não se renova, apesar de a Escritura se referir a isso tantas vezes, ou considerar que ele recebeu um estado que não se demonstra tê-lo perdido. Acrescente-se ainda o fato de que a própria morte do homem, que muitos testemunhos divinos afirmam que ele mereceu pelo pecado, indica que não sofreria a morte, se não tivesse pecado. Portanto, como seria mortal, sem passar pela morte? Ou como seria não mortal, se tinha um corpo animal?

CAPÍTULO XXII

Opinião errônea: Adão mereceu a morte do corpo, mas não da alma

33. Alguns julgam que Adão não mereceu pelo pecado a morte do corpo, mas a morte da alma, causada pela iniquidade. Acreditam que ele, devido ao corpo animal, haveria de sair desse corpo para o descanso, de que agora gozam os santos que já dormiram, e no fim dos tempos receberiam os mesmos membros revestidos de imortalidade, de tal modo que a morte do corpo não aconteceu devido ao pecado, mas devido à natureza, como a dos demais animais. O Apóstolo vem-lhes ao encontro e diz: O corpo está morto pelo pecado, e o Espírito, é vida pela justiça. E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais por seu Espírito que habita em vós⁴⁴. E, por isso, a morte do corpo provém do pecado. Portanto, se Adão não tivesse pecado, não morreria pelo corpo; e, assim, teria sido imortal também o corpo. Mas como seria imortal, se era animal?

CAPÍTULO XXIII

Refutação de uma opinião: o corpo de Adão passou de animal a espiritual, no paraíso

34. Aqueles que pensam que o corpo do homem se transformou no paraíso, não percebem também que nada impedia que de animal se tornasse espiritual, se não tivesse pecado, de modo que, depois da vida no paraíso, que teria vivido na justiça e na obediência, recebesse a mesma transformação do corpo na vida eterna, onde não necessitaria mais de alimentos corporais. Que necessidade há de, por este motivo, entender o paraíso em sentido figurado, e não no próprio, visto que o corpo não poderia morrer a não ser pelo pecado? Certamente é verdade que não morreria também quanto ao corpo, se não tivesse pecado. Com efeito, o Apóstolo diz claramente: O corpo está morto pelo pecado⁴⁵: contudo, poderia ser animal antes do pecado e tornar-se espiritual depois de uma vida na justiça, quando Deus quisesse.

CAPÍTULO XXIV

Na renovação, como recuperaremos o que Adão perdeu

35. “Como podemos dizer que nos renovamos”, perguntam alguns, “se não recebemos o que perdeu o primeiro homem, no qual todos morrem?”. Recebemos certamente de um certo modo, e não recebemos de outro. De fato, não recebemos a imortalidade do corpo espiritual, que o homem ainda não teve; mas recebemos a justiça, da qual o homem caiu pelo pecado. Portanto, renovar-nos-emos da velhice do pecado, não para o primitivo corpo animal que Adão teve, mas para melhor, ou seja, para um corpo espiritual, quando formos iguais aos anjos de Deus⁴⁶, idôneos para vivermos na habitação celeste, onde não necessitaremos de alimento que se corrompe. Renovar-nos-emos, pois, pela transformação espiritual de nossa mente⁴⁷ conforme à imagem daquele que nos criou, que Adão perdeu pecando. Renovar-nos-emos também quanto à carne, quando este corpo corruptível revestir a

incorrupibilidade, para ser corpo espiritual, no qual Adão, ainda não transformado, transformar-se-ia, se não tivesse merecido a morte também do corpo animal.

36. Finalmente, o Apóstolo não diz: O corpo certamente é mortal devido ao pecado, mas: *O corpo está morto pelo pecado*⁴⁸.

CAPÍTULO XXV

Adão: mortal no corpo, porém imortal pela graça de Deus

Podia dizer-se antes daquele primeiro pecado que era mortal segundo uma causa e imortal segundo outra, a saber, mortal porque podia morrer, imortal porque podia não morrer. Uma coisa é não poder morrer, como algumas naturezas criadas imortais por Deus. Outra coisa é poder não morrer, deste modo o primeiro homem foi criado imortal. Isso lhe era dado pela árvore da vida e não pela constituição da natureza. Dessa árvore foi separado quando pecou e assim pôde morrer. Se não tivesse pecado poderia não morrer. Era, portanto, mortal pela condição do corpo animal e imortal por benefício do Criador. Se o corpo era animal, era certamente mortal porque podia morrer, embora fosse também imortal porque também podia não morrer. Mas não era imortal porque não podia morrer de modo algum, senão seria espiritual, o que nos é prometido como futuro na ressurreição. Assim, aquele corpo que era animal, e por isso mortal pela justiça tornar-se-ia espiritual e por ela totalmente imortal. Pelo pecado não se tornou mortal, pois já o era antes, mas morto, o que poderia não ter acontecido se o homem não pecasse.

CAPÍTULO XXVI

O corpo de Adão e os nossos são diferentes

37. Por que o Apóstolo diz que nosso corpo está morto, quando ainda falava a viventes, a não ser porque a condição de morrer devido ao pecado dos pais passou para a prole? Pois este corpo é animal, como o foi o do primeiro homem; mas este, na mesma espécie de animal, é muito pior, visto que lhe é necessário morrer, o que para aquele não era. Embora ainda lhe restasse ser transformado e, feito espiritual, receber a plena imortalidade, na qual não necessitaria de alimento corruptível, entretanto, se o homem vivesse na justiça e se seu corpo se transformasse para a natureza espiritual, não cairia na morte. Mas em nós, mesmo vivendo na justiça, nosso corpo morrerá. Devido a essa necessidade proveniente do pecado do primeiro homem, o Apóstolo classifica nosso corpo não como mortal, mas como morto, porque todos morremos em Adão⁴⁹. E diz também: Como é a verdade em Jesus, despojai-vos do vosso modo de vida anterior do homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas⁵⁰; isto é, nisso se tornou Adão pelo pecado. Observa o que vem em seguida: Renovai-vos no espírito da vossa mente, e revesti-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade⁵¹; eis o que Adão perdeu pelo pecado.

CAPÍTULO XXVII

A renovação da mente e do corpo

Portanto, renovamo-nos no que Adão perdeu, ou seja, segundo o espírito de nossa mente; mas quanto ao corpo, que é semeado animal e ressurgirá espiritual, renovar-nos-emos para melhor, o que não aconteceu com Adão.

38. O Apóstolo diz também: Pois vos despojastes do homem velho, com as suas práticas e vos revestistes do novo, que se renova no conhecimento de Deus segundo a imagem daquele que o criou⁵².

Adão perdeu pelo pecado esta imagem impressa no espírito da mente; nós a recebemos pela graça da justiça; ele não perdeu o corpo espiritual e imortal, que ele ainda não teve, e no qual estarão todos os santos ao ressuscitarem dos mortos; esta é a recompensa do mérito que Adão perdeu. Consequentemente, perdeu aquela primeira túnica⁵³ ou a própria justiça da qual ele caiu; ou se significa a vestidura da imortalidade corporal, também esta ele perdeu do mesmo modo, quando não pôde chegar a ela devido ao pecado. É comum dizer-se também que perdeu a esposa, e perdeu também a honra, aquele que não recebeu o que esperava de quem esperava, devido a tê-lo ofendido.

CAPÍTULO XXVIII

Adão, no paraíso, era espiritual na mente, mas animal quanto ao corpo

39. Portanto, de acordo com esta sentença, Adão foi dotado de corpo animal, não somente antes do paraíso, mas também quando estabelecido no paraíso, ainda que fosse espiritual no homem interior pela imagem daquele que o criou; perdeu-o pecando e mereceu também a morte do corpo aquele que, não pecando, mereceria a transformação para um corpo espiritual. Mas, se viveu à maneira animal mesmo interiormente, não podemos dizer que se renovará para corpo espiritual. Àqueles aos quais se diz: Renovai-vos no espírito da vossa mente⁵⁴, isso lhes é dito para se tornarem espirituais. Se Adão não se renovou quanto à mente, como é possível renovar-nos para o que o homem nunca se renovou? Os apóstolos e todos os justos tinham ainda um corpo certamente animal; no entanto, viviam no seu interior espiritualmente, ou seja, renovados para o conhecimento de Deus, conforme a imagem daquele que os criou; mas não podiam não pecar se consentissem na iniquidade. Com efeito, o Apóstolo mostra que mesmo os espirituais podem cair na tentação do pecado, quando diz: Irmãos, caso alguém seja apanhado em falta, vós, os espirituais, corrigi-o com espírito de mansidão, cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado⁵⁵. Disse isto para não parecer impossível a ninguém que Adão tenha pecado, se era espiritual quanto à mente, embora fosse animal quanto ao corpo. Se assim é, afirmamos que nada se deve adiantar, mas esperamos que também as demais passagens da Escritura não se oponham a esta interpretação.

CAPÍTULO XXIX

No Livro seguinte, o assunto será sobre a alma

40. Vem em seguida a questão deveras difícil sobre a alma, na qual muitos trabalharam e nos deixaram em que trabalhar. Porque não me foi possível ler todos os escritos de todos os que, sobre este assunto, conseguiram chegar a algo claro e livre de dúvidas de acordo com a verdade de nossa Escrituras, ou porque a questão é tão vasta que também aqueles que a resolvem dentro da verdade, não são facilmente compreendidos pelos que investigam, entre os quais estou eu, confesso que ninguém ainda me convenceu de que tratei sobre a alma de tal modo que nada mais é preciso investigar. Ignoro se agora hei de encontrar e defender algo que seja certo. O que puder encontrar, cuidarei de explicar no Livro seguinte, se o Senhor vier em auxílio de meu empenho.

¹ Gn 2,7.

² Gn 1,26-28.

³ Gn 2,24.

⁴ Gn 2,4-5.

⁵ Eclo 18,1.

⁶ Gn 2,8-9.

[7](#) Gn 2,9.

[8](#) Gn 2,18-22.

[9](#) Gn 1,27-28.

[10](#) Gn 1,29.

[11](#) Cf. Gn 1,27.

[12](#) Eclo 18,1.

[13](#) Mt 28,20.

[14](#) Jr 1,5.

[15](#) Cf. Hb 7,9.10.

[16](#) Gn 1,26.28-29.

[17](#) Jr 1,5.

[18](#) Cf. Ef 1,4.

[19](#) Cf. Rm 9,11.

[20](#) Cf. Jó 14,4.

[21](#) Cf. Rm 5,12.

[22](#) Cf. Rm 9,11.

[23](#) Gn 2,1-3.

[24](#) Gn 2,3.

[25](#) Gn 2,7.

[26](#) Sl 44,3.

[27](#) Sl 136,11.12.

[28](#) Cf. Jo 1,1-3.

[29](#) Sl 102,26.

[30](#) Sl 94,5.

[31](#) Sl 49,13.

[32](#) Gn 1,25.

[33](#) Cf. Cl 3,2.

[34](#) Jr 1,5.

[35](#) Cf. Jo 2,10.

[36](#) Cf. Ex 7,10.

[37](#) Cf. 2Rs 20,6.

[38](#) Cf. Mt 22,30.

[39](#) Sl 8,16.

[40](#) Cf. Fl 2,7.

[41](#) 1Cor 15,44-49.

[42](#) Cf. Lc 15,32.

[43](#) Cf. 1Cor 15,53.

[44](#) Rm 8,10.11.

[45](#) Rm 8,10.

[46](#) Cf. Mt 22,30.

[47](#) Cf. Ef 4,23.

[48](#) Rm 8,10.

[49](#) Cf. Rm 5,12.

[50](#) Ef. 4,21-22.

[51](#) Ef 4,23-24.

[52](#) Cl 3,9-10.

[53](#) Cf. Lc 15,22.

[54](#) Ef 4,23.

[55](#) Gl 6,1.

LIVRO VII

CAPÍTULO I

O comentário sobre a alma

1. Então Deus modelou o homem com o pó da terra, insuflou em seu rosto um hálito de vida e o homem se tornou uma alma viva¹, Propusemo-nos no princípio do Livro anterior que estas palavras da Escritura seriam comentadas e dissertamos com a maior diligência sobre o homem já criado e, principalmente, sobre seu corpo o que nos pareceu conforme às Escrituras. Porque o assunto sobre a alma não é de pouca importância, pensamos deixá-lo para este Livro, ignorando quanto o Senhor nos vai ajudar, a nós desejosos de falar retamente; sabendo, no entanto, que não falaremos retamente, a não ser na medida em que ele nos ajudar. Retamente, isto é, com verdade e congruência, nada refutando ousadamente, nada afirmando temerariamente quando houver dúvida se algo é falso ou verdadeiro com respeito à fé ou à doutrina cristã; mas dizendo sem qualquer dúvida o que se pode ensinar pela razão claríssima dos assuntos ou pela autoridade incontestada das Escrituras.

2. Vejamos primeiramente o que está escrito: “Soprou” ou insuflou em seu rosto um hálito de vida². Alguns manuscritos registram também: “assoprou” ou “inspirou” em seu rosto. Mas como os gregos registram *enphysesen* não há dúvida de que se deve dizer: “soprou” ou insuflou. Perguntávamos no discurso anterior o que dizer sobre as mãos de Deus quando se refletia sobre o homem formado do limo; e agora o que se há de dizer sobre o que está escrito: Deus insuflou, senão que não o modelou com as mãos corporais, nem insuflou com a garganta e os lábios.

3. Não obstante, a Escritura ajuda-nos muitíssimo com esta palavra nesta questão extremamente difícil, assim o julgo.

CAPÍTULO II

A alma não é da mesma natureza com Deus

Alguns, por causa do termo *insuflou*, julgaram que a alma era algo da substância de Deus, isto é, da mesma natureza que ele, e assim pensaram porque, quando o homem sopra, lança algo de si mesmo no sopro. E a estes devemos advertir que esta opinião é reprovável como contrária à fé católica. Nós acreditamos que a natureza e substância, em que muitos acreditam ser a essência da Trindade, mas poucos entendem, é absolutamente incomutável. No entanto, quem duvida que a natureza da alma pode sofrer mudança para pior ou para melhor? Por isso, é uma opinião sacrílega crer que ela e Deus são dotados de uma única substância. Portanto, que outra coisa se crê desse modo senão que Deus seja mutável? Assim, deve-se crer e entender e de forma alguma duvidar, porque a fé ortodoxa o sustenta, que a alma procede de Deus como uma coisa que ele criou, não como proveniente da natureza que dele possui, ou a tenha gerado ou produzido de qualquer modo.

CAPÍTULO III

Continuação sobre o mesmo assunto

4. Como, dizem eles, está escrito: Insuflou em seu rosto um hálito de vida e o homem se tornou uma alma viva, se a alma não é uma parte de Deus ou de forma alguma substância de Deus? Pelo contrário, esta palavra deixa transparecer que não é assim. Com efeito, quando o homem sopra, a alma certamente movimenta a natureza do corpo que lhe é subjacente e, mediante esta natureza do corpo que lhe está subjacente, e não da alma, efetua o sopro. A não ser que esses sejam tão tardos a ponto de

não saberem que por este hálito recíproco, com o qual retiramos e repomos do ar que nos cerca, também se efetua o sopro, quando soprados voluntariamente. Porque, se expulsássemos algo soprando, não este ar, que nos está próximo do lado de fora, quando o retiramos e repomos, mas a natureza de nosso próprio corpo, do qual ela consta, nem por isso se poderia dizer que é a mesma a natureza do corpo e da alma, com o que eles certamente concordam. Por isso, também, uma coisa é a substância da alma que governa e movimenta o corpo, e outra, o sopro que a alma efetua do corpo a ela sujeito, governando-o e movimentando-o, não de si mesma, à qual o corpo está sujeito. Assim, embora seja de um modo incomparavelmente diferente, como a alma governa o corpo, que lhe é sujeito, e Deus governa a criatura que lhe está submetida, por que não interpretar que Deus criou a alma de uma criatura, que lhe está sujeita, no momento em que, conforme foi dito, insuflou, visto que a alma, embora não domine o corpo como Deus domina toda a criatura que criou, produz o sopro, com seu movimento, não, porém, de sua substância?

5. Na verdade, poderíamos dizer que o sopro de Deus não é a alma humana, mas que Deus, soprando, criou a alma no homem. Para não pensarmos que são melhores as coisas que fez com a palavra comparadas com o que fez pelo sopro, pois também a palavra é melhor que o sopro, nada há, entretanto, de acordo com a razão acima referida que nos possa fazer duvidar em dizer que o sopro de Deus é a alma, contanto que se entenda que não é a natureza ou substância de Deus; mas que é a mesma coisa soprar, o que significa efetuar um sopro, que efetuar um sopro é criar a alma. Concorda com esta opinião o que Deus diz por meio de Isaías: O Espírito procede de mim e eu fiz todo sopro³. E as palavras seguintes ensinam que não se referem a qualquer sopro. Com efeito, depois de ter dito: Eu fiz todo sopro, afirma: E devido ao pecado, contristei-o um pouco e o castiguei⁴. A que denomina sopro, senão a alma que, por causa do pecado, foi castigada e se entristeceu? O que significa, então: Eu fiz todo sopro, senão: Fiz toda alma?

CAPÍTULO IV

Deus não criou a alma de si mesmo nem dos elementos

6. Se disséssemos que Deus é como a alma deste mundo corpóreo, para o qual o mundo é como que o corpo de um vivente, não diríamos com razão que ele fez a alma do homem soprando, a não ser que a considerássemos corpórea, proveniente deste ar sujeito a Deus e emitido de seu corpo. Contudo, não deveríamos pensar que soprando a fez e a deu, de si mesmo, mas a deu; mas a deu do ar sujeito a si mesmo de seu corpo, assim como a alma de modo semelhante efetua o sopro não de si mesma, mas de uma coisa sujeita a ela, isto é do corpo. Agora, porque dizemos que não somente o mundo está sujeito a Deus, mas ele está sobre toda a criatura, tanto corporal, como espiritual, não se há de crer que criou a alma soprando, não de si mesmo nem de elementos do corpo.

CAPÍTULO V

A alma foi criada do nada

7. Pode-se perguntar com razão se a alma foi criada de algo que não existia absolutamente, ou seja, do nada, ou de algo que fora criado por ele espiritualmente, mas ainda não era alma. Se não cremos que Deus ainda cria alguma coisa do nada, depois que criou todas as coisas ao mesmo tempo e, por isso, descansou de todas as suas obras concluídas que começara a fazer, de modo que tudo o que faria depois, fá-lo-ia de coisas já criadas, não vejo razão para pensarmos que ainda cria almas do nada. Ou se há de dizer que ele fez aquele dia oculto entre as primeiras obras dos seis dias, e se há de acreditar

que este dia foi a natureza espiritual e intelectual, ou seja, da unidade angélica, e que criou também o mundo, ou seja, o céu e a terra, e que criou as razões das outras futuras coisas nas naturezas já existentes, não as naturezas delas. De outro modo, se ali já fossem criadas como haveriam de ser, já não seriam futuras? Se assim é, nenhuma natureza de alma humana estava entre as coisas criadas, e começou a existir quando Deus a fez insuflando, e inseriu-a no homem.

8. Mas nem por isso fica anulada a questão pela qual se pergunta se criou do nada esta natureza que se denomina alma e não existia antes, quando foi efetuado o sopro não de alguma substância subjacente, como falávamos do sopro que a alma efetua mediante o corpo, mas se o sopro foi então efetuado do nada, quando Deus quis insuflar, e este sopro veio a ser a alma do homem. Ou já existia algo espiritual, qualquer coisa que isso fosse, ainda não era a natureza da alma, e disso foi criado o sopro de Deus que seria a natureza da alma, assim como não existia a natureza do corpo humano antes que Deus o tivesse formado do limo da terra ou do pó. A carne humana não era pó nem limo; no entanto, havia algo de onde fosse tirada a carne humana que ainda não existia.

CAPÍTULO VI

Alguma matéria precedeu também à alma?

9. Acaso se deve acreditar que, entre as primeiras obras dos seis dias, Deus criou não somente a razão causal do futuro corpo humano, mas também a matéria da qual fosse feito, ou seja, a terra, de cujo limo ou pó fosse ele modelado? Mas da alma criou então somente a razão, conforme a qual fosse feita, e não alguma matéria de acordo com sua espécie, da qual fosse feita? Pois, se a alma fosse um ser inmutável, não deveríamos de forma alguma procurar sua matéria; mas agora sua mutabilidade mostra claramente que se tornou disforme pelos vícios e embustes, e que se forma pelas virtudes e pela doutrina da verdade, mas em sua natureza pela qual é alma, assim como acontece com a carne que em sua natureza pela qual é carne se aformoseia com a saúde e se desfigura tanto pelas doenças como pelas chagas. Mas assim como a carne, não considerando que já é carne, a cuja natureza é vantajoso ser bonita ou prejudicial ser disforme, teve também uma matéria, isso é, a terra, da qual foi feita para ser perfeitamente carne, assim, talvez, antes que fosse criada a natureza que é denominada alma, cuja beleza é a virtude e cuja deformidade é o vício, pôde contar com alguma matéria espiritual de acordo com sua espécie, matéria que ainda não seria a alma, assim como a terra, da qual foi criada a carne, já era alguma coisa, embora não fosse a carne.

10. A terra já enchia a parte ínfima do mundo, antes que dela fosse criado o corpo do homem, reunindo sua massa ao universo, de modo que, embora dela não se criasse a carne de qualquer animal, com sua forma, segundo a qual o mundo se denomina céu e terra, enchia a estrutura e a massa do mundo.

CAPÍTULO VII

Não há explicação possível sobre a matéria da alma

A matéria espiritual, se é que houve alguma da qual fosse criada a alma, ou se há alguma da qual são criadas as almas, o que é? Qual é seu nome, qual a sua espécie, qual sua utilidade nas coisas criadas? Vive, ou não? Se vive, o que faz? Qual sua contribuição para a finalidade de todo o universo? Leva uma vida feliz ou infeliz, ou nenhuma coisa nem outra? Dá vida a alguma coisa, ou está dispensada deste trabalho e descansa ociosa em algum lugar secreto do universo sem o sentido vigilante e não é dotada de movimento? Pois, se ainda não era vida, como podia ser matéria

incorpórea e viva de uma vida futura? Ou isso é falso ou demasiadamente oculto. Mas se já tinha vida nem feliz ou infeliz, como podia ser racional? Se então foi feita racional, quando dessa matéria foi feita a natureza da alma humana, ou, portanto, a vida irracional podia ser matéria da vida racional, ou seja, da humana? O que a diferenciava da alma do animal? Já era racional pela possibilidade, mas ainda não o era pela faculdade? Com efeito, se consideramos uma alma infantil, certamente já é alma humana que ainda não faz uso da razão, e, no entanto, dizemos que é racional. Por que não pensar do mesmo modo que, na natureza da qual foi feita a alma, o movimento de sensação estivesse inativo, assim como nesta alma infantil, que já é certamente alma de homem, o movimento para o raciocínio está ainda inativo?

CAPÍTULO VIII

A primeira matéria da alma não podia ser bem-aventurada

11. Se já era bem-aventurada a vida, da qual foi feita a alma do homem, ela foi feita pior. Por isso, a matéria não representa o declínio da alma, mas alma, o declínio da matéria. Com efeito, quando alguma matéria é formada principalmente por Deus, sem dúvida é formada em algo melhor. Mas se se pode entender a alma humana com um declínio de qualquer vida feita em alguma bem-aventurança, não se há de considerar que começa a sê-lo em virtude de algum de seus méritos, a não ser que, desde o momento em que começa a viver vida própria, anime a carne e use de seus sentidos como mensageiros, sentindo que vive em si mesma com sua vontade, entendimento e memória. Pois, se há algo do qual Deus poderia insuflar este declínio à carne formada, fazendo desse modo a alma insuflando, este algo é bem-aventurado, de modo algum se move ou se muda ou perde algo, quando dele procede isso do qual se faz a alma. Não é, pois, um corpo que exalando diminua.

CAPÍTULO IX

A matéria não é uma alma irracional e não é corpo

12. Mas se uma alma irracional é de algum modo a matéria da qual é feita a alma racional, ou seja humana, novamente se pergunta: de que é criada a irracional, pois não a pode fazer senão o criador de todas as naturezas. Procede de uma matéria corporal? Por que, então, também a racional não procede? A não ser que alguém há de negar que Deus possa criar num instante o que se diz que é criado gradualmente. Portanto, qualquer que seja o intermediário que se considere, se o corpo é a matéria da alma irracional, e a alma irracional é a matéria da alma racional, sem dúvida a matéria da alma racional é um corpo, o que, pelo que sei, ninguém se atreveu a pensar, a não ser aquele que classifica a alma como sendo algum corpo.

13. É preciso também ter cuidado para não se pensar ser possível a transmigração da alma do animal para o homem (o que é absolutamente contrário à verdade e à fé católica), se aceitarmos que a alma irracional subjaz como matéria da qual se forma a alma racional. Isso seria possível, se a matéria, mudada para melhor, se transformasse na do homem; mas a irracional, transformada para pior, seria a do animal. Desta opinião irrisória de alguns filósofos, mesmo os que vieram depois se envergonharam e disseram que não pensavam assim, e que foram mal entendidos. E acredito que o foi de fato, como acontece se alguém pensa o mesmo sobre nossas Escrituras, onde foi dito: O homem posto em honra não entende, comparado aos animais sem razão fez-se semelhante a eles⁵ ou onde também se lê: Não entregues à fera a alma que te reconhece⁶. Com efeito, todos os hereges leem as Escrituras católicas, e nem por isso são hereges, mas porque, não as entendendo corretamente, proferem obstinadamente

falsas opiniões contra a verdade das mesmas. Tenha ou não fundamento a opinião dos filósofos sobre as transformações das almas, não convém à fé católica acreditar que as almas dos animais transmigrem para os homens ou dos homens para os animais.

CAPÍTULO X

A semelhança de hábitos não justifica a transmigração da alma, do homem para o animal

14. Os próprios procedimentos humanos bradam e as Escrituras atestam que, sem dúvida, os homens se assemelham aos animais pelo teor de vida. Daí a sentença que citei: O homem posto em honra não entende, comparado aos jumentos sem razão fez-se semelhante a eles⁷; isso certamente nesta vida, não depois da morte. Por isso, não queria entregar sua alma aos animais aquele que dizia: Não entregues às feras a alma que te reconhece⁸: O Senhor mostra que é preciso precaver-se de tais animais, quando diz que se vestem com roupa de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes⁹, ou precaver-se do próprio diabo e de seus anjos, pois o diabo é denominado leão ou dragão.

15. Que argumentos apresentam os filósofos que julgam que as almas dos homens podem transmigrar depois da morte para os animais e dos animais para os homens? Alegam que a esta afirmação os arrasta a semelhança de comportamento, como, por exemplo, os avarentos com relação às formigas, os rapaces com relação aos milhafres, os cruéis e soberbos com relação aos leões, os dados aos prazeres lascivos com relação aos porcos, e assim por diante. Fazem estas afirmações, mas não percebem que por esta razão a alma do animal não pode transmigrar para o homem depois da morte. Pois o porco de modo algum é mais semelhante ao homem do que ao porco; e se os leões são amansados, assemelham-se mais aos cães ou também às ovelhas que aos homens. Portanto, como os animais não deixam os hábitos dos animais, embora alguns se fazem um tanto dessemelhantes dos demais, são mais semelhantes aos de sua espécie do que aos homens, e diferem muito mais dos homens do que dos animais. Essas almas nunca serão humanas, se o que provoca a transmigração é a semelhança. Mas, este argumento é falso; como poderá ser verdadeira a opinião nele baseada, pois alegam que, embora não seja verdade, no entanto, é verossímil? Por isso, estaria inclinado a crer no que mesmo seus adeptos posteriores dizem, ou seja, que aqueles homens, que primeiramente consignaram estas afirmações em seus livros, quiseram que se entendesse que os homens se tornam semelhantes aos animais por alguma perversidade ou lascívia em seus hábitos, como se se transformassem em animais. Disseram isto a fim de os afastar dos costumes dissolutos, abandonando sua vida devassa.

CAPÍTULO XI

A opinião dos maniqueus sobre a transmigração

16. Aquilo que aconteceu conforme dizem ou seja que alguns se lembraram em que corpos de animais viveram, ou são depoimentos falsos ou isso foi apresentado a suas almas mediante ilusões demoníacas. Com efeito, se acontece nos sonhos que, devido à memória que engana, o homem se recorde do que foi ou não foi, do que fez ou não fez, por que se admirar de que, por um justo e oculto desígnio de Deus, os demônios sejam autorizados a terem esse poder sobre os corações, mesmo dos que estão despertos?

17. Os maniqueus, que se consideram cristãos ou querem ser assim considerados, nesta opinião sobre a transmigração das almas são piores e mais detestáveis que aqueles filósofos pagãos ou outros homens fúteis que pensam o mesmo. Os filósofos fazem a diferença entre a natureza da alma e a natureza de Deus, mas os maniqueus, ao dizerem que a alma nada mais é que a própria substância de

Deus e é absolutamente o que Deus é, não hesitam em dizer de um modo vergonhoso que a natureza de Deus é mutável, que não há espécie alguma de erva ou de verme que não esteja mesclada com a natureza de Deus, ou em opinarem que dela não pode libertar-se senão por uma admirável loucura. Contudo, se eles, após terem retirado de suas mentes questões tão obscuras, que cultivam com um coração carnal, e por isso caem e se agitam em opiniões falsas, nocivas e monstruosas, se eles, repito, defenderem firmemente o que está inserido em toda alma racional sem quaisquer rodeios de discussões, ou seja, que Deus é absolutamente inmutável e incorruptível, todas essas fábulas, apresentada de mil maneiras, que inventaram em suas frívolas e sacrílegas mentes sobre a mutabilidade deveras ignóbil de Deus, dissipar-se-ão repentinamente.

18. Portanto, a matéria da alma humana não é a alma irracional.

CAPÍTULO XII

A alma não foi formada de um elemento corpóreo

O que é aquilo do qual foi formada a alma por um sopro de Deus? Era, talvez, um corpo terreno e certamente úmido? De forma alguma; a carne é que foi criada desse modo. De fato, o que é o limo senão a terra umedecida? Não se há de crer que a alma foi formada somente de água, como se a carne tivesse sido feita da terra, e a alma, da água. É um absurdo enorme pensar que a alma do homem foi feita de onde foi feita a carne dos peixes e das aves.

19. Portanto, seria formada do ar? A este elemento diz respeito também o sopro, mas o nosso, não o de Deus. Por isso, dissemos acima que isso seria possível se acreditássemos que Deus fosse a alma do mundo, como de um ser imenso animado, que soprou do ar de seu corpo, como nossa alma o efetua de si mesma. Mas como consta que Deus está a uma distância totalmente incomparável sobre todo o corpo do mundo e sobre todo espírito que criou, como se há de dizer isso com verdade? Ou, talvez, quanto mais Deus está presente a toda sua criatura pela onipotência singular, tanto mais pôde efetuar do ar um sopro que fosse a alma do homem? Como nossa alma não é corpórea, tudo o que se faz de elementos corpóreos do mundo é necessariamente corpóreo, e entre os elementos do mundo está incluído este ar. E não se há de crer, se se disser, que a alma foi feita do elemento do fogo puro e celeste. Pois não faltaram aqueles que afirmaram que todo corpo pode transformar-se em outro corpo. Mas não sei de ninguém que o dissesse, nem a fé ensina que algum corpo, ou terreno ou celeste, transforme-se em alma e torne-se natureza incorpórea.

CAPÍTULO XIII

Opinião dos médicos sobre o corpo humano

20. Além disso, não é uma opinião desprezível o que os médicos não somente dizem, mas afirmam que também provam. Ainda que toda carne manifeste possuir a solidez de um corpo terreno, no entanto, acumula em si algum ar contido nos pulmões que se difunde do coração por meio das veias, que denominam artérias; e tem também fogo, o qual possui não somente a qualidade de calor, cuja sede está no fígado, mas de luz, que, conforme mostram, destila-se e se ergue e se eleva para a parte mais alta do cérebro, como que para o céu de nosso corpo, de onde procedem os raios dos olhos e, em cujo meio, como que de um centro, fazem sair tênues condutos, não apenas para os olhos, mas também para os demais sentidos, ou seja, para os ouvidos, o nariz, o palato, para permitir a audição, a olfação, a gustação; e o próprio sentido do tato, que se difunde por todo o corpo, dizem eles que se dirige do cérebro pela medula cervical e ela é contida pelos ossos, com os quais se enlaça a espinha dorsal, para

daí se difundir por todos os membros com finíssimas ramificações que ativam o sentido do tato.

CAPÍTULO XIV

A alma não procede dos elementos

Portanto, ainda que a alma, por meio destes mensageiros, receba tudo o que por parte do que é corporal não lhe é oculto, no entanto, de tal modo é outra coisa que, quando quer entender as coisas divinas ou a Deus ou também a si mesma, e considerar suas qualidades a fim de apreender alguma verdade ou ter uma certeza, aparta-se da luz dos olhos e, levanta o olhar da mente para este assunto, sentindo que está não somente sem qualquer ajuda, mas também sem qualquer obstáculo. Como pode proceder desta espécie, se o ser mais sublime desta espécie é a luz, que se irradia dos olhos, da qual não recebe ajuda a não ser para perceber as formas corpóreas e as cores, e ela é dotada de inúmeros aspectos muito dessemelhantes de todas as espécies, e considera somente pelo entendimento e a razão o que nenhum sentido atinge?

CAPÍTULO XV

A alma é incorpórea

21. Portanto, com toda certeza, a alma humana não procede nem da terra, nem da água, nem do ar, nem de qualquer tipo de fogo. No entanto, ela governa a matéria de seu corpo mais denso, ou seja, esta terra úmida que se transformou na qualidade da carne, por meio da natureza de um corpo mais sutil, isto é, pela luz e pelo ar. Pois, sem estes dois elementos, não há nenhum sentido no corpo ou movimento espontâneo do corpo por meio da alma. Assim como deve existir o conhecer antes que o fazer, assim também há o sentir antes que o mover. Contudo, a alma, porque é uma realidade incorpórea, age primeiramente no corpo que é mais próximo ao incorpóreo, como é o fogo ou, antes, a luz e o ar, e por meio destes, agem os demais que são os mais densos do corpo, como são a água e a terra, pela qual se solidifica a estrutura da carne, os quais são mais adequados para receber a ação do que dotados de recursos para a ação.

CAPÍTULO XVI

Razão das palavras: “E o homem se tornou uma alma viva”

22. Parece-me que as palavras: E o homem se tornou uma alma viva^{[10](#)}, foram ditas porque ele começou então a ter sensações no corpo, o que é indício certíssimo de carne animada e viva. Com efeito, também os arbustos se movem não somente por um impulso provocado por uma força exterior, tal como quando são agitados pelos ventos, mas também pelo movimento pelo qual é ativado interiormente tudo o que diz respeito ao crescimento e à espécie da árvore. Por este movimento a seiva é levada à raiz e se converte no que é determinado pela natureza da erva ou da árvore; nada disto acontece sem o movimento interno. Mas este movimento não é espontâneo, como o que se une ao sentido para o governo do corpo, como acontece na espécie de todos os animais, governo este que a Escritura denomina alma viva^{[11](#)}. Com efeito, se este movimento não estivesse inserido em nós, nossos corpos não cresceriam, nem produziriam unhas e cabelos. Mas, se fôssemos dotados apenas disso, sem o sentido e o movimento espontâneo, não se diria que o homem se tornou uma alma viva.

CAPÍTULO XVII

A razão do sopro nas narinas do homem

23. Julgo que a razão de estar escrito: Deus insuflou no rosto do homem um hálito de vida, e o homem se tornou uma alma viva¹², reside em que a parte anterior do cérebro, de onde derivam todos os sentidos, foi colocada na fronte e estão no rosto os órgãos dos sentidos, exceto o sentido do tato, que se difunde por todo o corpo e, no entanto, demonstra-se que tem na mesma parte anterior do cérebro o seu caminho. O sentido do tato é levado por trás pelo alto da cabeça e pelo pescoço à medula da espinha dorsal, da qual falávamos um pouco antes, dela também o rosto recebe o sentido do tato, assim como todo o corpo, excetuados os sentidos da audição, do olfato e do paladar, os quais foram colocados somente no rosto. A parte anterior com razão tem primazia sobre a posterior porque aquela conduz e esta acompanha. Os sentidos procedem daquela e o movimento, desta, assim como a deliberação precede à ação.

CAPÍTULO XVIII

Os três ventrículos do cérebro

24. E porque o movimento corporal, que vem em seguida à sensação, não é possível sem que haja intervalos de tempo, e como não podemos observar intervalos de tempos no movimento espontâneo a não ser com a ajuda da memória, por isso no cérebro se apresentam como que três ventrículos: um anterior junto ao rosto, do qual procede todo sentido; o segundo, posterior junto ao pescoço, fonte de todo o movimento; o terceiro entre ambos, no qual se demonstra que está a memória, a fim de que, quando o movimento não acompanha o sentido, é porque o homem não encadeia o que deve fazer, e se esqueceu do que fez. Eles dizem que estas afirmações foram comprovadas por indícios, frutos de experiências, quando estas partes são afetadas por alguma doença ou algum defeito, ao falharem as funções de sentir ou de mover os membros ou de lembrar os movimentos do corpo, e assim comprovaram para o que servia cada uma das partes. E, uma vez curados, observou-se quanto melhorou a função restaurada. É a alma que atua nestes como que órgãos; nenhum deles é a alma, mas ela dá a vida a todas as coisas e as governa e, por meio delas, zela pelo bem do corpo e desta vida, na qual o homem se tornou uma alma viva.

CAPÍTULO XIX

A preeminência da alma sobre as coisas corpóreas

25. Quando se pergunta de onde procede a alma, ou seja, de que quase-matéria Deus efetuou o sopro, que se denomina alma, não se há de pensar em nada corpóreo. Assim como Deus sobressai em dignidade a toda criatura, assim a alma, em relação a toda matéria corpórea. No entanto, por meio da luz e do ar, que são os corpos mais excelentes neste mundo e têm mais capacidade para a ação do que estrutura para sofrer ação, como a água e a terra, a alma governa o corpo por meio do que é mais semelhante ao espírito. Com efeito, a luz corpórea anuncia algo; mas a quem anuncia não é o mesmo que ela; é a alma a quem anuncia, não é, pois a alma, a luz que anuncia. E quando sente com moléstia os sofrimentos do corpo, devido a seu estado alterado, incomoda-se ao ser impedida em sua ação pela qual está presente ao corpo governando-o; este incômodo denomina-se dor. E o ar, que está difundido nos nervos, obedece à vontade para movimentar os membros, mas não é a vontade. E aquela parte, que está entre a anterior e a posterior, comunica o movimento dos membros para ser retido na memória; mas ela não é a memória. Finalmente, quando estes, como servidores, falham totalmente por algum defeito ou perturbação, a alma se afasta quando os mensageiros deixam de sentir e os servidores, de se movimentar, não tendo por que estar presente. Mas se não falham totalmente, como acontece na morte, perturba-se sua tensão, como de quem se empenha em reintegrar o trabalho dos caídos, mas

não consegue. E nas coisas em que se perturba, percebe-se que setor dos servidores está alterado para então se valer da medicina, se puder.

CAPÍTULO XX

Uma coisa é a alma, outra, os órgãos corporais

26. Que a alma seja uma coisa, e outra distinta estes seus servidores corporais, vasos ou órgãos, os quais podem ser melhor denominados, isso se manifesta com evidência porque muitas vezes ela se isola de tudo por uma aplicação mais intensa do pensamento, de modo a não tomar conhecimento de muitas coisas que estão diante dos olhos abertos e normais. E se a aplicação é mais intensa ao caminhar, de repente pára, afastando-se o sinal de mando ao servidor do momento, por cuja influência os pés atuavam; mas se não é tão intensa a aplicação do pensamento a ponto fixar o caminhante no lugar, contudo é tão intensa a ponto de não se ocupar em avisar a parte média do cérebro que anuncia o movimento do corpo. A alma, então, esquece-se às vezes mesmo de onde está vindo e para onde vai e o imprudente deixa para trás a casa para onde se encaminhava, embora sua natureza não esteja doentia, mas sua alma está distraída. Por isso, se estas certas partículas corpóreas do céu corpóreo, ou seja, de luz e de ar, as quais são as primeiras a receberem os sinais da alma vivificante, porque estão mais próximas da natureza incorpórea do que a água e a terra, a fim de administrar por seu serviço imediato toda a massa do corpo, se estas certas partículas, repito, Deus as misturou ou juntou ao corpo vivente, procedentes deste céu que se estende em volta e por cima ou também a elas as fez do limo, como fez a carne, não é uma questão que diz respeito ao assunto. Com efeito, pode-se crer que todo corpo pode mudar-se em outro corpo, mas crer que qualquer corpo possa mudar-se em alma é absurdo.

CAPÍTULO XXI

A alma não procede de corpo algum e nem é corpo

27. Por isso, não se há de crer no que alguns pensaram, ou seja, que existe um certo quinto corpo de onde procede a alma, o qual não é a terra, nem a água, nem o ar, nem o fogo, seja este mais turbulento e terreno, seja o celeste, puro e brilhante; não sei de outro elemento que não tenha um nome conhecido, e entretanto seja corpo¹³. Com efeito, se aqueles que isso pensam definem o corpo como nós, ou seja, qualquer natureza que ocupa espaço local pelo comprimento, largura e altura, nem sequer isso é alma, e nem se há de crer que foi feita desse elemento. Pois, para não falar muitas coisas, seja o que for tal elemento, pode ser dividido ou circunscrito por linhas em qualquer de suas partes. Se a alma fosse suscetível disso, de forma alguma poderia conhecer estas linhas, que não se podem cortar no seu comprimento, as quais ela sabe que de modo algum se podem encontrar no corpo.

28. A alma não se apresenta a si mesma como corpo, visto que não pode ignorar-se, mesmo quando procura a si mesma para se conhecer. Pois, quando procura a si mesma, sabe que se procura, o que não poderia saber, se não se conhecesse. Não procura a si mesma de outro modo senão por si mesma. Portanto, quando conhece a si mesma procurando a si mesma, certamente se conhece; e tudo o que conhece é ela toda; pois não conhece alguma outra coisa, mas toda ela conhece a si mesma. Por que ainda se procura a si mesma, se sabe que se conhece procurando-se a si mesma? Pois, se desconhece a si mesma, não poderia saber que procura a si mesma; mas isso no tempo atual. O que procura é o que foi antes e o que será no futuro. Por isso, deixe já de suspeitar de que seja um corpo, porque, se fosse algum corpo, saberia ser um corpo aquela que se conhece mais que o céu e a terra, os quais ela conhece por meio dos olhos de seu corpo.

29. Deixo de falar da memória, da qual, conforme se sabe, mesmo os animais são dotados, ou as aves do céu quando voltam a suas casas ou ninhos. Por meio dela se captam as imagens de todas as coisas corporais, mas de forma alguma é semelhante a qualquer corpo e, certamente, deveria ser antes semelhante ao corpo, no qual estão contidas as semelhanças das coisas corpóreas. E se a memória não é um corpo, porque é certo que as semelhanças dos corpos não somente estão nela contidas, mas podem ser imaginadas inúmeras semelhanças, à vontade da pessoa, quanto menos pode a alma ser semelhante ao corpo considerando qualquer outra sua faculdade.

30. Mas se dizem que o corpo, de acordo com outra definição, é tudo o que existe, ou seja, toda natureza ou substância, não se há de admitir esta maneira de falar, para que não nos vejamos na impossibilidade de diferenciar dos corpos o que não é corpo. Não é preciso haver tanta preocupação a respeito de nomes. Também nós dizemos que tudo o que a alma é não é nenhum desses quatro elementos conhecidíssimos, os quais são evidentemente corpos, mas não é também o que é Deus. O que ela seja não se diz melhor que alma ou espírito de vida. Acrescenta-se “de vida”, porque muitas vezes também este ar é denominado espírito. Ainda que denominaram alma ao mesmo ar, não se pode encontrar um nome que distinga com propriedade esta natureza que não é corpo, não é Deus, não é vida sem sentido, como se pode dizer que a têm as árvores; nem vida sem a mente racional, como a têm os animais; mas vida que agora é menor que a dos anjos, e futuramente será igual à dos anjos se viver neste mundo conforme os preceitos de seu Criador.

31. Ainda que se duvide e se pergunte de onde procede, de que quase matéria foi criada ou de que natureza bem-aventurada e perfeita manou, não se há de duvidar que, se foi algo antes, foi feito por Deus o que foi, e que ela agora é feita por Deus para ser alma viva; ou nada foi, ou não foi o que é atualmente. Mas já falamos bastante daquela parte na qual investigávamos a quase matéria da qual tinha sido feita.

CAPÍTULO XXII

A razão causal da alma foi criada nos dias do Gênesis?

32. Se a alma não foi nada, devemos perguntar como se pode entender o que se dizia antes, ou seja, que sua razão causal foi criada nos seis dias entre as primeiras obras de Deus, quando Deus criou o homem à sua imagem, o que com verdade não se entende, se não foi segundo a alma. É de se temer que se pense que dizemos coisas sem sentido quando dizemos que Deus, quando criou todas as coisas juntas, não criou então as próprias naturezas e substâncias que existiriam, mas as razões causais das naturezas futuras. O que são, pois, estas razões causais, segundo as quais já se podia dizer que Deus criou o homem à sua imagem, cujo corpo ainda não modelara do limo, para o qual não criara a alma soprando? Embora tenha havido uma razão oculta do corpo humano, pela qual viria a ser formado, havia também a matéria da qual seria formado, ou seja, a terra, na qual se pode ver aquela razão que se ocultava como que em semente. Mas, para formar a alma, ou seja, o sopro, que seria a alma do homem, que razão causal foi criada primeiramente quando Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”¹⁴ (o que não se pode entender retamente a não ser segundo a alma), se não existia natureza alguma da qual fosse criada?

33. Se esta razão estava em Deus e não na criatura, ainda não fora criada; como, pois, foi dito: *Deus criou o homem à imagem de Deus*¹⁵? Mas se já existia na criação, ou seja, entre as coisas que Deus criara ao mesmo tempo, em qual criatura existia? Numa espiritual, numa corporal? Se existia numa espiritual, agia de algum modo nos corpos do mundo, celestes ou terrestres? Ou estava ociosa antes

que fosse criado o homem em sua natureza própria, assim como no mesmo homem que já vive a sua vida própria está inserida oculta e ociosa a razão de gerar, a qual não atua a não ser pela união carnal e pela concepção? Ou essa natureza espiritual, na qual estava latente esta razão, também nada fazia do que lhe era próprio? E para que foi criada? Acaso para conservar a razão da futura criatura espiritual ou das almas futuras, como se estas não pudessem estar em si mesmas, mas em alguma criatura que já vivia sua vida própria, assim como a razão de gerar não pode existir senão em algumas criaturas já existentes e desenvolvidas? Portanto, a mãe da alma foi criada em alguma criatura espiritual, na qual está a razão da futura alma; e esta não passa a existir a não ser quando Deus faz com que seja soprada no homem. Ninguém cria e forma o fruto que procede do homem seja de semente ou mesmo da prole, a não ser Deus, pela sua Sabedoria que abarca tudo com sua pureza, de modo que nada impuro nela se introduza¹⁶, e que alcança com vigor de um extremo a outro e dispõe todas as coisas com suavidade¹⁷. Ignoro como se pode entender que tenha sido criada só por esta não sei qual criatura espiritual que não é mencionada nas criações realizadas durante aqueles seis dias, se foi dito que Deus fez o homem no sexto dia, o qual não fora feito em sua natureza própria, mas na forma da razão causal naquela criatura que não foi mencionada. Devia, pois ser mencionada aquela que de tal modo foi concluída que já não devia ser feita conforme a razão precedente de sua causa.

CAPÍTULO XXIII

A razão causal da alma foi inserida na natureza do anjo?

34. Talvez Deus inseriu a razão causal da alma que seria criada na natureza daquele dia que criou primeiramente, se aquele dia é considerado retamente como um espírito intelectual, quando criou o homem à sua imagem no sexto dia, ou seja, prefixando a causa e a razão de acordo com a qual o criaria depois daqueles sete dias, de modo que se possa dizer que criou a razão causal do corpo na natureza da terra, mas a da alma, na natureza daquele dia? Mas que outra coisa se diz, quando se diz isso, senão que o espírito angélico é pai da alma humana, se está inserida nele a razão causal da criação da alma humana como está no homem a razão causal de sua futura prole; de modo que os pais dos corpos humanos são certamente os homens, mas das almas são os anjos? Entretanto, Deus é o criador das almas e dos corpos; dos corpos, fazendo-os proceder de homens, das almas, fazendo-as proceder dos anjos? Ou o primeiro corpo fez proceder da terra, e a primeira alma, da natureza angélica, onde prefixara as razões causais dos mesmos, quando no princípio criou o homem entre as coisas que criou ao mesmo tempo? Mas depois, fez proceder homens de homens, corpo de corpo, alma de alma? É esquisito dizer, ou seja, que a alma é filha de anjo ou de anjos; mas é muito mais esquisito dizer que é filha do céu corpóreo; e muito mais, portanto, filha do mar e da terra. Por isso, é muito menos aceitável dizer que a razão causal da alma ficou escondida em alguma criatura corporal, quando Deus criava o homem à sua imagem, antes de o animar com um sopro, estando já formado do limo no devido tempo, se se considera um absurdo que Deus criou a alma, como razão causal, na criatura angélica.

CAPÍTULO XXIV

A alma foi criada antes de ser inserida no corpo?

35. Vejamos se, talvez, possa ser verdade o que certamente me parece mais tolerável ao pensamento humano, ou seja, que Deus, entre aquelas primeiras obras que criou ao mesmo tempo, criou também a alma humana, que sopraria no devido tempo nos membros do corpo formado do limo. Deste corpo tinha criado causalmente, entre as coisas formadas ao mesmo tempo, a razão segundo a qual faria o

corpo humano quando deveria ser feito. Não entendemos retamente o que foi dito: à sua imagem, senão se referindo à alma, e nem o que foi dito: homem e mulher, a não ser com referência ao corpo. Acredite-se, portanto, se nenhuma autoridade das Escrituras ou uma razão de verdade o contradizem, que o homem foi feito de tal modo no sexto dia que a razão causal do corpo humano foi criada entre os elementos do mundo; mas a alma já seria criada quando foi criado o primeiro dia e, uma vez criada, permanecia oculta entre as obras de Deus, até que a inserisse no devido tempo no corpo formado do limo insuflando ou soprando.

CAPÍTULO XXV

A alma existia fora do corpo ou veio ao corpo por sua vontade?

36. A esta altura surge uma nova questão não desprezível. Se a alma já tinha sido feita e estava oculta, onde poderia estar melhor do que ali? Qual foi o motivo de a alma, vivendo na inocência, ser inserida na vida desta carne, na qual, pecando, ofenderia aquele que a criou, e a acompanhassem merecidamente as tribulações e os tormentos da condenação? Ou se há de dizer que se inclinou para administrar por vontade própria o corpo, em cuja vida corporal, porque podia viver justa ou iniquamente, teria o que escolher ou o prêmio pela justiça ou o suplício pela iniquidade, de modo que isso não contrarie a sentença apostólica que afirma que os não nascidos nada praticaram de bem ou de mal?¹⁸ Com efeito, esta inclinação da vontade para o corpo ainda não é uma ação de justiça ou de iniquidade, da qual se há de prestar contas no juízo de Deus, recebendo cada um de acordo com o que praticou pelo corpo, o bem ou o mal¹⁹. Portanto, por que já não se há de crer que a alma veio para o corpo por vontade de Deus, na qual, se quisesse proceder de acordo com seu preceito, receberia a recompensa da vida eterna e da companhia dos anjos; mas se o desprezasse, expiaria com castigos deveras justos de prolongados sofrimentos ou eternos? Ou isso mesmo, ter obedecido à vontade de Deus, já é uma boa ação, o que seria contrário ao Apóstolo ao dizer que os não nascidos nada fizeram de bem ou de mal?

CAPÍTULO XXVI

Se a alma se inseriu no corpo por sua vontade, não previu o futuro — O livre-arbítrio

37. Se assim é, confessaremos também que a alma não foi criada no princípio entre as espécies de coisas, de modo a ter conhecimento antecipado de suas futuras obras justas ou iníquas. Pois dificilmente se há de crer que ela pôde se inclinar por vontade própria para a vida do corpo, se soubesse de antemão que pecaria algum dia e, por isso, seria castigada justamente com o suplício eterno. O Criador é, certamente, louvado com razão em todas as obras que fez, todas muito boas. Com efeito, não deve ser louvado apenas em consideração dessas obras, das quais teve presciência; é louvado também merecidamente porque criou os animais, por meio dos quais favorece a natureza humana, mesmo aos próprios pecadores. É a natureza do homem que procede de Deus, não o pecado do homem, no qual ele se envolve usando mal do livre-arbítrio, do qual, no entanto, se não estivesse dotado, sobressairia menos na natureza das coisas. De fato, deve-se pensar no homem vivendo na justiça, mesmo não sabendo de antemão as coisas futuras, e aí se há de ver como a retidão da boa vontade não é obstáculo para viver retamente e agradar a Deus, porque, ignorando o futuro, ele vive da fé. Portanto, quem não quiser estar entre as criaturas desse modo, opõe-se à vontade de Deus. E quem não quer que ela expie as penas pelos pecados, é inimigo da justiça.

CAPÍTULO XXVII

38. Mas se a alma é feita para ser enviada ao corpo, pode-se perguntar se, ao não querer ser enviada, pode ser obrigada. Considera-se melhor que o queira por sua natureza, ou seja, ser criada na natureza em que queira, assim como nos é natural querer viver; mas viver mal não é próprio da natureza humana, mas fruto do desvio da vontade, o que por isso traz a consequência da pena.

39. A estas alturas já se pergunta em vão de que quase matéria a alma foi feita, se é possível entender-se que foi feita entre aquelas primeiras obras, quando foi feito o dia. Pois, assim como o que não existia foi feito, assim também a alma, entre aquelas obras. Porque, se existiu também uma matéria corporal ou espiritual, que haveria de receber uma forma, não foi, contudo, criada senão por Deus, do qual procedem todas as coisas; mas essa matéria precederia a formação da alma, não quanto ao tempo, mas quanto à origem, assim como a voz precede ao canto. O que se deve crer como mais conveniente, senão que a alma foi criada de uma matéria espiritual?

CAPÍTULO XXVIII

Dificuldades a respeito da alma de Adão

40. Se alguém não quiser admitir que a alma de Adão foi feita apenas quando foi insuflada ao corpo já formado, veja o que consegue responder quando se pergunta de onde foi criada. Com efeito, ou dirá que Deus criou ou cria do nada alguma coisa depois da conclusão de suas obras, e deve considerar como pode explicar que o homem foi feito no sexto dia à imagem de Deus (o que não pode ser entendido retamente senão segundo a alma), ou seja, em que natureza foi feita a razão causal dessa coisa que ainda não existia; dirá que foi feita não do nada, mas que a alma foi feita de algo já existente; e dará voltas ao pensamento investigando qual seria essa natureza corporal ou espiritual, conforme as questões que tratamos antes; e ficando ainda a preocupação de ainda investigar em qual substância das criaturas criadas nos seis dias primeiros, Deus criou a razão causal da alma, a qual ainda não fora feita, não do nada, mas de algo.

41. Se quiser evitar essa dificuldade, dizendo que o homem foi feito no sexto dia mesmo que seja do limo, e isso foi depois mencionado como uma recapitulação, veja o que diz sobre a mulher: *homem e mulher os criou e os abençoou*²⁰. Porque, se disser que a mulher foi criada da costela de Adão nesse dia, tenha em conta que a Escritura afirma no sexto dia a criação das aves que foram levadas à presença de Adão e, no entanto, a mesma Escritura insinua que no quarto dia foram criadas das águas toda espécie de voláteis; do mesmo modo, tenha em conta que no sexto dia foram criadas as árvores que foram plantadas no paraíso e, no entanto, a mesma Escritura atribui ao terceiro dia essa espécie de criação. Deve considerar também o que significam as palavras: *Fez crescer da terra toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer*²¹, como se aquelas que fizera crescer da terra no terceiro dia não fossem formosas de ver e boas de comer, e, não obstante, entre estas obras estavam aquelas que Deus fez todas muito boas. O que dizer também das palavras: *Deus modelou então da terra todas as feras do campo e todas as aves do céu*²², como se não fossem todas aquelas que foram produzidas anteriormente, ou, então que nenhuma foi produzida. Pois não foi dito: *Deus modelou então, da terra as demais feras do campo e as demais aves do céu*, como se a terra tivesse produzido menos no sexto dia, ou a água, no quinto; mas diz: *todas as feras e todas as aves*. Pense também em como Deus criou todas as coisas nos seis dias: no primeiro, o próprio dia; no segundo, o firmamento; no terceiro, a espécie do mar e da terra, e da terra a erva e as árvores; no quarto, os luzeiros e os astros; no quinto, os animais das águas; no sexto, os da terra; e depois se diz: “*Quando foi feito o dia, Deus fez a terras e o*

*céu e toda a verdura do campo*²³; pois, quando foi criado o dia, não criou senão o dia. Assim como também criou toda a verdura do campo, antes que existisse sobre a terra, e toda a erva, antes que nascesse²⁴. Quem não diria que foi feito, quando nasceu, e não antes de nascer, se não estivesse prescindindo das palavras da Escritura? Recorde também o que foi escrito: *Aquele que vive eternamente criou todas as coisas ao mesmo tempo*²⁵, e observe como se pode dizer que foram criadas ao mesmo tempo todas as coisas, cuja criação dista umas das outras por espaços temporais não somente de horas, mas também de dias. Cuide também de mostrar como podem ser verdadeiras ambas as coisas, que também podem ser contrárias, ou seja: que Deus descansou no sétimo dia de todas suas obras, o que é afirmado pelo Gênesis²⁶, e que ele trabalha sempre, conforme diz o Senhor²⁷. Olhe, além disso, as mesmas coisas que se afirmaram como concluídas, e se afirmaram como começadas.

42. Com todos os testemunhos da Escritura divina, que ninguém duvida serem verazes, a não ser o infiel ou o ímpio, fomos levados a essa opinião para podermos dizer que Deus criou primeiramente, desde o começo dos séculos, todas as coisas ao mesmo tempo, algumas, criando suas naturezas próprias, outras, criando de antemão suas causas. E dizer também que criou não somente as coisas presentes no momento da criação, também as futuras, e delas descansou no sétimo dia, para depois criar também as ordens dos tempos pela sua administração e governo; e que ele as concluía ao terminar todas as espécies e as começara em favor da propagação dos séculos, e assim descansou das concluídas para trabalhar até agora em favor das começadas. Se esta doutrina puder ser melhor compreendida, não somente não me oponho, mas também aplaudirei.

43. Contudo, agora, nada confirmo sobre a alma que Deus insuflou no homem em sua face, a não ser que de tal modo ela procede de Deus que não é substância de Deus, que é incorpórea, ou seja, não é corpo, mas espírito, não gerado da substância de Deus, nem procedente da substância de Deus, mas feita por Deus; não feita de tal modo que em sua natureza se convertesse em natureza de um corpo ou de alma irracional, e, por isso, foi criada do nada; e que é imortal de acordo com certo modo de vida, que de forma alguma pode perder; mas segundo certa mutabilidade, pela qual se pode tornar pior ou melhor, pode-se dizer também que é mortal; pois a verdadeira imortalidade somente a possui aquele do qual foi dito com propriedade: O único que possui a imortalidade²⁸. As demais afirmações que fiz neste Livro dissertando podem valer para o leitor conhecer como se pode investigar sem afirmar temerariamente o que a Escritura fala não claramente; ou, se esta maneira de investigar não lhe agrada, saiba como eu investiguei, para que, se me puder ensinar, não recuse fazê-lo; mas se não puder, procure comigo aquele de quem os dois possamos aprender.

¹ Gn 2,7.

² Gn 2,7.

³ Is 57,16.

⁴ Is 57,17.

⁵ Cf. Sl 49,13.

⁶ Sl 74,19.

⁷ Sl 49,13.21.

⁸ Sl 74,19.

⁹ Cf. Mt 7,15.

¹⁰ Gn 2,7.

¹¹ Gn 2,7.

[12](#) Gn 2,7.

[13](#) Cic. *Tus. Quaest. 11*.

[14](#) Gn 1,26.

[15](#) Gn 1,26.27.

[16](#) Cf. Sb 7,26.27.

[17](#) Sb 8,1.

[18](#) Cf. Rm 9,11.

[19](#) Cf. 2Cor 5,10.

[20](#) Gn 1,27.28.

[21](#) Gn 1,28.

[22](#) Gn 2,19.

[23](#) Gn 2,4-5.

[24](#) Cf. Gn 2,4-5.

[25](#) Eclo 18,1.

[26](#) Cf. Gn 2,2.

[27](#) Cf. Jo 5,17.

[28](#) 1Tm 6,16.

Sentido próprio e figurado do paraíso

1. Deus plantou um paraíso em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara¹. Não ignoro que muitos disseram muitas coisas sobre o paraíso; no entanto, três opiniões sobre este assunto são as mais aceitas. Uma, a daqueles que querem interpretar o paraíso apenas no sentido físico; uma outra, a daqueles que interpretam no sentido espiritual; a terceira, a daqueles que dão ao paraíso ambos os sentidos: umas vezes o sentido físico, outras vezes, o espiritual. Dizendo em poucas palavras, confesso que me agrada a terceira opinião. Assumi falar agora o que o Senhor se dignar conceder-me a respeito do paraíso de acordo com esta última opinião, de modo que o homem feito do limo, o qual é certamente um corpo humano, se considere situado no paraíso corporal. Assim como o próprio Adão, embora signifique alguma outra coisa conforme o que disse o Apóstolo², ou seja, ele é o símbolo do homem futuro. Considera-se, porém, um homem declarado em sua natureza própria, que viveu um certo número de anos e morreu, depois de haver propagado uma numerosa descendência, assim como morrem os demais seres humanos, embora não nascido de pais como os demais, mas feito da terra como convinha primeiramente. Assim também o paraíso, no qual Deus o pôs, não se há de entender senão como um certo lugar, ou seja, uma terra onde pudesse habitar um homem terreno.

2. De fato, a narrativa nestes livros não é do gênero de falar no sentido figurado, como é o Cântico dos Cânticos, mas de coisas acontecidas realmente, como nos livros dos Reis e outros também históricos. Porque nestes livros se dizem coisas referentes ao uso comum da vida humana, são tomadas sem dificuldade, melhor, imediatamente, no sentido literal para depois se retirar delas o que as mesmas coisas acontecidas também significam com relação às futuras. Mas aqueles, porque afirmam coisas não acontecidas aos que observam o curso costumeiro da natureza, admitem que as coisas narradas sejam interpretadas não no sentido próprio, mas no figurado. E, por isso, querem que a história comece daquele ponto, ou seja, da narrativa das coisas acontecidas no sentido próprio, a partir daquele momento em que, expulsos do paraíso, Adão e Eva se uniram pelo comércio carnal e geraram. Como se fosse normal para nós o fato de terem vivido tantos anos, ou que Enoc tenha sido arrebatado, ou que uma mulher idosa e estéril tenha dado à luz, e outros fatos semelhantes.

3. “Mas uma é”, dizem eles, “a narrativa de fatos maravilhosos, e outra, a da criação das coisas. No tocante à primeira, mostram que os próprios fatos insólitos para uns são naturais, para outros são miraculosos, os quais são denominados grandiosos. No referente à segunda, está insinuada a criação das naturezas. Responde-se a eles: mas estes últimos são também insólitos, visto serem os primeiros. Pois o que há tão sem precedente e sem paralelo na criação das coisas do mundo que o próprio mundo? Ou, por isso, não se há de crer que Deus não fez o mundo, porque já não faz mundos; ou não fez o sol, porque já não faz sóis? E isso é o que se devia responder aos preocupados não somente a respeito do paraíso, mas também do próprio homem. Mas, agora, como creem que o mundo foi criado, de modo que nenhum outro foi criado, por que não acreditam que o paraíso foi feito do mesmo modo que agora se veem que as florestas são formadas?

4. Falo àqueles que admitem a autoridades destas Escrituras. Alguns deles querem interpretar o paraíso não no sentido próprio, mas no figurado. Dos que são absolutamente contrários a estes livros, tratamos em outro lugar e de outra forma³; embora vamos também defender nesta nossa obra estas coisas, quanto pudermos, para que aqueles que, não guiados pela razão, recusam-se a acreditar nessas

verdades devido a seu espírito obstinado e obtuso, não encontrem razão alguma que os leve a dizer que são falsas. Mas com relação àqueles nossos que acreditam nestes livros, mas se recusam a aceitar a existência do paraíso no sentido literal, ou seja, um lugar ameno ao extremo, sombreado por árvores frutíferas, e também grande e fértil devido a um copioso manancial, ao verem que tão grandes bosques se formam por uma obra oculta de Deus sem qualquer trabalho dos homens, admiro-me do fato de acreditarem que o homem foi criado de um modo como nunca viram. Ou, se o homem deve ser interpretado em sentido figurado, quem gerou Caim, Abel e Set? Ou também estes existiram apenas como figuras, e não eram homens nascidos de homens? Portanto, observem bem aonde os leva esta presunção, e se empenhem conosco em aceitar como expressão de sentido literal todas as coisas que, conforme a narrativa, foram feitas no princípio. Quem depois não os ajudará a entender o que querem dizer estas coisas no sentido figurado, estas mesmas coisas referentes às naturezas e afetos espirituais, ou mesmo às coisas futuras? Certamente, se de forma alguma não se pudessem entender no seu aspecto corporal o que é relatado no aspecto corporal, que outra coisa ficaria senão que entendêssemos como afirmadas no sentido figurado antes que culpármos impiamente a sagrada Escritura? Além disso, se não somente não impede, mas também afirma com mais solidez a narrativa da palavra divina, quando entendidas literalmente estas coisas, não haverá ninguém, assim julgo eu, tão obstinado na sua infidelidade que, ao perceber que foram explicadas no sentido próprio de acordo com a regra de fé, preferiria permanecer na outra opinião, se por acaso lhe pareceram que podiam ser entendidas apenas no sentido figurado.

CAPÍTULO II

O porquê da explicação em sentido figurado ao escrever contra os maniqueus

5. Logo após minha conversão, escrevi também dois Livros contra os maniqueus, cujo erro consiste não em interpretar as Escrituras de modo diferente, mas em blasfemar ao não aceitá-las absolutamente e detestá-las. Tive a intenção de refutar seus delírios ou de estimular seu propósito no sentido de buscarem a fé cristã e evangélica nas Escrituras, às quais devotam ódio. E porque não me ocorria então de que modo se podia interpretar no sentido literal e, ainda mais, porque me parecia não poderem ser assim interpretadas, ou apenas podiam ou era difícil, para não retardar meu propósito, expliquei, quanto pude, breve e claramente, o que significava figurativamente o que não consegui descobrir no sentido próprio, evitando assim que, amedrontados pela muita leitura e pela obscuridade da controvérsia, não cuidassem de a ter em mãos. Lembro-me, contudo, de que queria muitíssimo, embora não me fosse possível, que se entendessem todas as coisas desde o princípio não no sentido figurado, mas no próprio; e não perdendo a esperança de que assim pudessem ser entendidas, fiz constar isso na primeira parte do segundo Livro: Certamente, todo aquele que quiser interpretar tudo o que foi dito no sentido literal, ou seja, não entender senão o que soa a letra, e conseguir evitar blasfêmias e explicar tudo o que foi dito de acordo com a fé católica, não somente não se há de impedir, mas deve ser considerado um bom entendedor e também digno de elogios. Mas se não obtivermos êxito em entender piedosa e dignamente o que foi escrito por Deus, a não ser que julgemos que o que foi escrito foi apresentado de forma enigmática, continuemos com a regra que estabelecemos, com a ajuda daquele que nos exorta a pedir, buscar e bater⁴. Desse modo, possamos explicar todas essas figuras das coisas que se relacionam com a história ou com a profecia, sem contrariarmos qualquer exposição melhor e mais cuidadosa que o Senhor se dignar revelar seja por meio de nós ou por meio de outros⁵. Então disse estas coisas. Mas agora, porque o Senhor quis que, observando-as e reconsiderando-as com mais diligência, julgasse, não em vão, quanto penso, que se

poderia mostrar mesmo por mim que estas coisas foram escritas no sentido próprio, não no sentido figurado, assim como as que podemos mostrar acima no sentido próprio, assim também, no que vem em seguida, investiguemos sobre o paraíso no mesmo sentido literal.

CAPÍTULO III

Os versículos 8 e 9, nos quais fala novamente da criação das árvores

6. Deus plantou um jardim em Éden (isto é, de delícias), no oriente, e aí colocou o homem que modelara⁶. Com efeito, assim está escrito, assim foi feito. Em seguida recapitula de modo que o mesmo que registrou brevemente, mostra como foi feito, ou seja, como Deus plantou o paraíso e ali estabeleceu o homem que modelara. Pois assim fala: Deus fez crescer da terra toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer⁷. Não disse: Deus fez crescer do solo outras árvores ou as demais árvores, mas: Fez crescer da terra toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer. Para então, a terra já produzira toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, ou seja, no terceiro dia; no sexto dia dissera: Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente: isso será vosso alimento⁸. Acaso lhes deu então uma coisa, e agora quis dar outra? Não penso assim; mas como a estas espécies pertencem essas árvores crescidas no paraíso, que a terra já produzira no terceiro dia, produziu-as ainda no seu tempo; ou seja, o fato, conforme está escrito, de a terra as produzir então, aconteceu então causalmente na terra, ou seja, que então ela recebera ocultamente o poder de produzir, e por este poder pode acontecer também que a terra agora as produza de modo visível e no tempo devido.

7. Portanto, as palavras de Deus não são proferidas com voz que soa ou voz temporal, mas do modo como está no seu Verbo o poder de criar. Ser transmitido aos homens o que Deus transmite sem sons temporais, não é possível, a não ser mediante sons temporais. Com efeito, haveria de acontecer que o homem já formado do limo e animado pelo sopro, e tudo o que dele existisse em termos de espécie humana, fizesse uso das ervas, para seu alimento, as quais nasceriam sobre a terra como consequência daquele poder de gerar que a terra já recebera. Criando na criatura as razões causais deste futuro, como se já existisse, falava pela interna e íntima Verdade, a qual nem os olhos viram, nem os ouvidos ouviram⁹, mas seu Espírito as revelou certamente ao escritor.

CAPÍTULO IV

A criação da árvore da vida como figura da sabedoria

8. É preciso examinar com mais diligência o que vem em seguida com toda clareza: E a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal¹⁰, a fim de que não se leve para o sentido alegórico, como se não tivessem existido estas árvores, mas signifiquem uma outra coisa com o nome de árvores. Com efeito, foi dito a respeito da sabedoria: É uma árvore da vida para os que a acolhem¹¹. Pois, existindo nos céus a Jerusalém eterna, foi fundada também na terra a cidade pela qual fosse significada a celeste; e Sara e Agar, embora signifiquem os dois Testamentos, contudo eram também duas mulheres¹²; e se Cristo nos irriga pela paixão da cruz com água espiritual, contudo era também pedra da qual, após ter sido ferido com uma vara¹³, manou para o povo sedento a água da qual se diria: E essa rocha era Cristo¹⁴. Todas estas coisas significaram coisas diferentes do que eram, mas elas existiram na realidade. E quando foram citadas pelo narrador, a linguagem não era a figurada, mas uma narrativa clara das coisas, nas quais se apoiava a linguagem figurada. Portanto, existia a árvore da vida, assim como Cristo é pedra; e Deus não quis que o homem vivesse no paraíso

sem os mistérios de coisas espirituais representadas por coisas corporais. O alimento de Adão estava nas demais árvores, mas na árvore da vida estava o mistério; significando o que, senão a sabedoria sobre a qual foi dito: É uma árvore da vida para os que a acolhem¹⁵, do mesmo modo como se diria de Cristo: “Pedra da qual mana água para os sedentos”? Com razão se dá o nome ao que precedeu para significá-lo. Ele é o cordeiro que se imola na páscoa; e, entretanto era uma figura não só em relação ao dizer, mas também em relação ao fazer. Nem aquele cordeiro não era cordeiro, certamente era cordeiro que se imolava e se comia¹⁶. Com este fato, porém, prefigura-se outro fato. Não é a mesma coisa que aquele vitelo gordo que foi morto para o banquete em honra do filho mais jovem que voltara¹⁷. Pois neste caso, há uma narrativa de figuras, não o significado figurado de coisas realizadas. Pois isto não foi o evangelista quem o narrou, mas o próprio Senhor; o evangelista, porém narrou o que o Senhor narrou; mas o que o evangelista narrou, também aconteceu, ou seja, que o Senhor falou tais palavras; mas a narrativa do Senhor foi uma parábola, da qual nunca se exige que os fatos, que são descritos com palavras, sejam interpretados literalmente. Cristo é a pedra ungida por Jacó¹⁸, e a pedra rejeitada pelos construtores que se tornou a pedra angular¹⁹; a pedra de Jacó foi real; esta, contudo, foi predita em figura. Quem escreveu o primeiro fato foi um escritor de coisas passadas; o segundo o escreveu um preanunciador de coisas futuras.

CAPÍTULO V

A árvore da vida foi também uma figura

9. Assim também a Sabedoria, que é o mesmo Cristo, é a árvore da vida que está no paraíso espiritual, aonde, ainda estando na cruz, enviou o ladrão²⁰. Foi criada como árvore da vida no paraíso corporal para simbolizar a cruz de Cristo, pois a Escritura, que narra os acontecimentos verificados em seus tempos, disse e narrou que o homem criado em seu corpo foi estabelecido no paraíso vivendo no corpo. Ou se alguém pensa que as almas, ao saírem do corpo, são encerradas em lugares corporais e visíveis, lá estão eles com sua opinião. Não faltarão os que de tal modo os apoiam que sustentam que aquele rico sedento estava num lugar corpóreo e não duvidam em afirmar que sua alma era absolutamente corpórea, tendo em conta a língua ardente e a gota de água que ele desejava do dedo de Lázaro²¹. Sobre tão importante questão não me deixo levar da temeridade e, por isso, não quero me contrapor a eles. Com efeito, é melhor duvidar do que é oculto que discutir sobre o incerto. Não duvido que deva entender que aquele rico estava no fogo do castigo, e aquele pobre, no alívio das alegrias. Mas como se devem interpretar as chamas do inferno, o seio de Abraão, a língua do rico, o dedo do pobre, a sede provocada pelos tormentos, a gota de refrigério, talvez cheguem a descobrir os que investigam com calma, mas nunca será descoberto pelos que lutam sempre desejosos de discussões. Assim, pois, é preciso certamente responder logo a esta profunda questão, que necessita de longos discursos, para evitar que ela nos detenha. Se as almas podem ficar encerradas em lugares corporais, mesmo despidas de seus corpos, então foi possível àquele ladrão ser introduzido no paraíso, onde estivera o primeiro homem. Para avançarmos na reflexão, se alguma necessidade o exigir, num lugar mais oportuno das Escrituras, poderemos expor o que julgamos ou investigamos sobre este assunto.

10. Agora, não duvido e não julgo que alguém duvide que a sabedoria não seja corpo, e, portanto, não seja uma árvore; mas que a sabedoria podia ser simbolizada no paraíso corporal pela árvore, ou seja, por uma criatura corpórea, como um sacramento, não julga que deva acreditar aquele que não percebe na Escritura tantos sacramentos corporais de realidades espirituais, ou afirma que o primeiro homem não viveu significando algum sacramento desta classe. Entretanto, o Apóstolo o diz ao afirmar sobre a

mulher que, conforme cremos, foi feita de uma costela: Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e se ligará a sua mulher, e serão dois em uma só carne²². É grande este sacramento em Cristo na Igreja²³. Mas é de se admirar e difícil de se tolerar que os homens queiram que o paraíso foi mencionado em sentido figurado, e não queiram aceitar que foi feito também em sentido figurado. Porque, se aceitam o referente a Agar e Sara e a Ismael e Isaac, como um fato real, e também como uma figura, não percebo por que não admitem também que a árvore da vida era uma árvore e, contudo, era figura da sabedoria.

11. Acrescento, além disso, que embora aquela árvore fornecesse alimento, ainda que corporal, com o qual o corpo do homem pudesse se fortalecer com saúde estável, não como se lhe desse um outro alimento, mas como um estímulo oculto de salubridade, sem dúvida, embora fosse um pão comum, tinha, no entanto, algo mais, pois com um só pãozinho Deus livrou aquele homem da necessidade provocada pelo fome durante quarenta dias²⁴. Ou talvez duvidaremos em acreditar que, pelo alimento de alguma árvore, por força de um significado mais sublime, Deus tenha dado ao homem o meio para seu corpo não se deteriorar por doença ou pela idade, ou não decaísse para a morte, e que ele tenha dado ao alimento humano uma condição tão admirável que a farinha e o óleo, ao diminuírem em recipientes frágeis, se refizessem e não chegassem a acabar?²⁵ É possível que exista alguém que goste de discussões, que diga que Deus deve ter feito tais milagres em nossas terras, mas não no paraíso, como se, ao criar o homem do pó ou a mulher de uma costela, não tivesse feito um milagre maior do que, aqui, ressuscitar mortos.

CAPÍTULO VI

A árvore do bem e do mal era uma árvore verdadeira e não era nociva — A obediência e a desobediência

12. Vejamos em seguida a respeito da árvore do conhecimento do bem e do mal. Não há dúvida de que esta árvore era visível e corporal, como as demais árvores. Que fosse uma árvore não se deve duvidar; mas por que recebeu este nome, é preciso investigar. A mim que reflito uma e outra vez sobre este assunto, não se pode expressar o quanto me agrada aquela opinião segundo a qual essa árvore não produzia alimento nocivo, nem que aquele que a criara boas todas as coisas²⁶ viesse a criar alguma coisa má no paraíso, mas que o mal para o homem foi a transgressão do preceito. Convinha, por outro lado, que o homem submetido ao Senhor recebesse uma proibição, para que a obediência, que devia merecer seu Senhor, fosse uma virtude. Posso dizer que a obediência representa a única virtude para toda criatura que age sob o poder de Deus; e que o primeiro e maior dos pecados do orgulho, cujo nome é desobediência, é querer usar de seu poder para sua ruína. Não haveria como o homem pudesse pensar no Senhor e reconhecê-lo, se não lhe fosse ordenado aquele preceito. Assim, essa árvore não é má, mas foi denominada árvore do conhecimento para discernir o bem e o mal, porque, se o homem dela comesse depois da proibição, nela aconteceria a futura transgressão do preceito, na qual o homem aprenderia pela experiência do castigo a diferença entre o bem da obediência e o mal da desobediência. Portanto, não foi denominada árvore no sentido figurado, mas deve ser considerada uma árvore verdadeira, à qual foi imposto não pelo fruto ou pela maçã que dela nasceria, mas pelo que se seguiria se fosse tocada contra o que fora proibido.

CAPÍTULO VII

Os rios citados são rios verdadeiros

13. Um rio saía de Éden para regar o jardim e delá se dividia formando quatro partes. O primeiro chama-se Fison; rodeia toda a terra de Hévila, onde há ouro; é puro o ouro dessa terra na qual se encontra o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon; rodeia toda a terra da Etiópia. O terceiro chama-se Tigre: corre para os assírios. O quarto rio é o Eufrates²⁷. Mas, sobre estes rios, por que me esforçarei por confirmar que são rios verdadeiros, que não foram denominados de um modo figurado rios que não existem, como se somente significassem os nomes de alguma coisa, se são conhecidíssimos nas regiões nas quais correm e famosos para quase todos os povos? Na verdade, a antiguidade mudou os nomes de dois, ou seja, Tibre é o nome do que era denominado Álbula; Geon é o mesmo que agora é chamado Nilo; mas denominava-se Fison o que agora é denominado Ganges; e os outros dois, Tigre e Eufrates, mantiveram seus nomes antigos. Por isso, como consta que existem, é preciso que sejamos levados a aceitar também as demais coisas criadas no princípio no sentido literal, a não pensar nelas como citadas em linguagem figurada, mas a pensá-las como coisas que existiam, conforme a narrativa, e também que são figuras de alguma coisa. Considerando que uma parábola pode tomar algo da realidade costumeira que também existe realmente, tal como o Senhor fala daquele que descia de Jerusalém e caiu nas mãos dos assaltantes²⁸, quem, pois, não percebe e não vê claramente que é uma parábola e que o modo de falar é totalmente figurado? As duas cidades ali mencionadas podem ser mostradas hoje e em seus lugares. Se alguma necessidade nos obrigasse a interpretar as demais coisas relatadas sobre o paraíso não no sentido próprio, mas no figurado, aceitaríamos desse modo o referente aos quatro rios. Mas agora, como razão alguma nos proíbe de interpretar no sentido próprio essas realidades, por que não somos simplesmente fiéis à autoridade da Escritura na narrativa dos fatos acontecidos, entendendo primeiramente as coisas como realmente acontecidas, para depois investigarmos que outras coisa significam?

14. Ou, porque se diz isso sobre estes rios, seremos motivados a dizer que há mananciais de rios, uns conhecidos, outros sem dúvida desconhecidos e, portanto, não se pode entender no sentido literal que se tenha dividido em quatro um só rio do paraíso? Pelo contrário, deve-se acreditar, porque permanece desconhecido para os homens a localização do paraíso, no qual se dividiam os quatro braços de rios, conforme atesta a Escritura que é extremamente fiel. Estes rios, cujos mananciais são afirmados como conhecidos, dirigiam-se em algum lugar para debaixo da terra e saíam para o ambiente exterior em outros lugares para banhar espaços de extensas regiões, onde se manifestam como conhecidos em suas fontes. Com efeito, quem ignora que isso costuma acontecer com alguns rios? Mas, isso se conhece lá onde não correm debaixo da terra em longo trajeto. Portanto, saía um rio de Éden, ou seja, do lugar de delícias e regava o paraíso, isto é, todas as árvores formosas e frutíferas que sombreavam toda a terra daquela região.

CAPÍTULO VIII

O trabalho do homem no paraíso

15. Deus tomou o homem que fizera e o pôs no paraíso para trabalhá-lo e guardá-lo. E o Senhor Deus deu ao homem este mandamento: “Comerás de todas as árvores que estão no paraíso. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres morrerás”²⁹. Como acima havia dito brevemente que Deus plantou o paraíso e nele colocou o homem que modelara³⁰, agora faz uma recapitulação para mostrar como fora criado o paraíso. Portanto, agora mencionou-o recapitulando, como nele Deus pôs o homem que criou. Vejamos o que quer dizer o que foi dito: Para trabalhá-lo e guardá-lo. Acaso, talvez, o Senhor quis que o primeiro homem se dedicasse à agricultura? Não é plausível que Deus o tenha condenado ao trabalho antes do pecado. Pensaríamos

assim com razão, se não víssemos o enorme prazer com que alguns se dedicam à agricultura a ponto de ser para eles um grande castigo serem afastados desta atividade. Portanto, o que a agricultura oferece em termos de prazer era muito mais naquela época quando nada acontecia de adverso na terra ou no céu. Com efeito, não havia o suplício do trabalho, mas o regozijo da vontade, visto que as coisas que Deus criara cresciam mais viçosa e prodigamente com a ajuda do trabalho humano. Por isso, seria mais louvado o próprio Criador que havia dado à alma no corpo animal a razão e a faculdade de trabalhar, quanto fosse suficiente para o ânimo que queria trabalhar, não quanto fosse obrigado pela necessidade do corpo.

16. Que maior e mais maravilhoso espetáculo é o fato de a razão humana poder de certo modo falar com a natureza das coisas mais intimamente, que quando, lançadas as sementes, plantadas as mudas, trasladados os arbustos, feitos os enxertos, é como que interrogada sobre o que pode, ou o que não pode, de onde pode ou de onde não pode a força da raiz e do germe, o que nela vale a potência interior e invisível das medidas, e o que vale o cuidado dado por fora; e nessa mesma consideração refletir que nem o que planta, nem o que rega é alguma coisa, mas Deus que dá o crescimento³¹. Pois o trabalho que vem de fora vem por meio daquele que Deus também criou e que governa e ordena de modo invisível?

CAPÍTULO IX

O sentido alegórico do trabalho agrícola

17. Deste ponto se levanta o olhar do pensamento para este mundo, como que para uma grande árvore de coisas; e nele se descobre uma dupla ação da providência, uma natural e outra voluntária. A natural verifica-se certamente na oculta administração de Deus, pela qual dá crescimento às árvores e às ervas; e a voluntária, por meio dos anjos e dos homens. De acordo com a primeira são ordenados no alto os corpos celestes e, embaixo, os corpos terrestres; brilham os luzeiros e os astros, sucedem-se os dias e as noites; a terra firme é banhada na sua extensão e ao redor pelas águas, o ar se difunde nas alturas, as árvores e os animais são concebidos e nascem, crescem, envelhecem e morrem; e tudo o mais que acontece nas coisas pelo movimento interior e natural. Mas de acordo com a segunda, manifestam-se, são ensinados e se aprendem outros sinais: os campos são cultivados, as sociedades são governadas, exercem-se as artes, realizam-se quaisquer outras coisas tanto na sociedade celeste, como nesta terrena e mortal, para favorecer os bons, mesmo por meio dos maus, sem que o saibam. E no próprio homem atua a mesma dupla ação da providência: primeiramente em favor do corpo natural, ou seja, pelo movimento pelo qual é criado, cresce e envelhece; e pela voluntária, olhando pelo bem do homem no tocante ao alimento, ao vestuário e à saúde. De modo semelhante com respeito à alma, pela ação natural, para que viva e para que sinta; e pela ação voluntária, para que entenda e seja entendida.

18. Assim como na árvore atua por fora o trabalho agrícola de modo a fazer progredir o que se realiza interiormente, assim também no homem quanto ao corpo, o que nele realiza a natureza interiormente, a medicina reforça exteriormente; e da mesma forma quanto à alma, para que a natureza se torne feliz interiormente, ministra-se o ensino exteriormente. O que representa para a árvore a negligência no cultivo, representa para o corpo o descuido na cura, para a alma, a indolência no aprender; e o que para a árvore representa a água inútil, representa para o corpo o alimento deteriorado, e para a alma, a persuasão da iniquidade. Deus, certamente, que está sobre todas as coisas, as quais ele criou todas e a todas governa, cria todas as naturezas como bom que ele é, e ordena todas as vontades, como justo que é. Portanto, o que nos afasta da verdade, se crermos que o homem foi posto no paraíso a fim de

exercer a atividade agrícola, não com um trabalho servil, mas com o prazer honesto da alma? O que há de mais inocente do que este trabalho para os que a ele se entregam, e, para os sábios, o que há mais favorável para pensamentos sublimes?

CAPÍTULO X

Significado das palavras: “Para o cultivar e o guardar”

19. Mas o que significa: Para guardar? Guardar o quê? Seria o paraíso? Contra quem? Certamente não se temia nenhum vizinho invasor, nenhum perturbador de limites, nenhum agressor. Portanto, como haveremos de entender que o paraíso corporal pudesse ser guardado materialmente por um homem? A Escritura não disse: “Para cultivar e guardar o paraíso; disse: Para cultivar e guardar, a não ser que reproduzamos do grego ao pé da letra, assim como está escrito: Deus tomou o homem que criou e o pôs no paraíso para trabalhá-lo e guardá-lo³². Mas se registrou que o homem cultivasse, pois assim o entendeu o que interpretou: para cultivar ou para trabalhar o paraíso, ou seja para que o homem cultivasse, isso apresenta ambiguidade; a locução parece pedir mais, que não se diga: “Para trabalhar o paraíso”, mas no paraíso.

20. A não ser que, talvez, foi dito assim: Para trabalhar o paraíso, como foi dito acima: E não havia homem para trabalhar a terra³³ (pois a locução “trabalhar a terra” é igual a “trabalhar o paraíso”). Expliquemos a sentença ambígua nos dois sentidos. Se não é preciso que entendamos: “guardar o paraíso”, mas “no paraíso”, o que havia para guardar no paraíso? (Pois o que significa “trabalhar no paraíso”, como se viu, já explicamos). Acaso para que trabalhasse o paraíso mediante a atividade agrícola, significa que o guardasse em si mesmo pela disciplina, ou seja, assim como a terra obedeceria a ele que a cultivava, também ele obedecesse a seu Senhor que dava um preceito, a fim de que, tendo recebido a ordem, produzisse o fruto da obediência, e não os espinhos da desobediência? Finalmente, porque se recusou a guardar em si mesmo a semelhança do paraíso cultivado por ele, recebeu como condenado o campo semelhante a si: Ele produzirá para ti, diz o texto, espinhos e cardos³⁴.

21. Se, pois, entendermos as palavras como: “Para trabalhar o paraíso e guardar o paraíso”, poderia certamente trabalhar o paraíso, como dissemos acima, pela agricultura; mas guardar, não contra os malvados ou inimigos, que não existiam, mas talvez contra os animais. Mas como? Ou, por quê? Acaso os animais já prejudicavam o homem, o que não aconteceria senão depois do pecado? Ele mesmo deu nomes a todos os animais, os quais foram levados à sua presença, como diz depois; ele também recebeu junto com os animais, no sexto dia, alimentos comuns pela lei da palavra de Deus. Ou, se havia motivo para temer os animais, de que modo um só homem poderia guardar o paraíso? Pois não era pequeno um lugar irrigado por um manancial tão grande? Ele tinha a obrigação de guardá-lo, se lhe fosse possível, protegê-lo com um muro tão alto e tão comprido que nele a serpente não pudesse penetrar. Seria de admirar, se antes de o proteger, pudesse retirar dele todas as serpentes.

22. Por que vamos deixar de entender o que está diante dos olhos? Com efeito, o homem foi posto no paraíso para trabalhar o mesmo paraíso, como acima foi falado, por uma atividade agrícola não trabalhosa, mas agradável, e que despertaria a atenção da mente do prudente para as coisas grandes e úteis; mas guardasse o paraíso para si mesmo para nada admitir que lhe merecesse ser dele expulso. Finalmente, recebeu um preceito para que houvesse um meio de guardar o paraíso para si, ou seja, para que, observando-o, não fosse dele expulso. Diz-se muito bem que não guardou uma coisa, aquele que de tal modo procedeu que veio a perdê-la, mesmo que a tenha salvado para outro que a encontrou

ou mereceu recebê-la.

23. Há nestas palavras um outro sentido, o qual, conforme penso, deve ser preferido: que Deus trabalhasse o próprio homem e o guardasse. Com efeito, assim como o homem trabalha a terra, não para fazer com que seja terra, mas para torná-la cultivada e frutífera, assim Deus trabalha muito mais o homem que ele criou, para que seja homem, para que seja justo, se o homem não se desviar dele pela soberba, isto é, apostatar de Deus, o que, conforme diz a Escritura, é o início da soberba: *O princípio da soberba é apostatar de Deus*³⁵. Porque Deus é um bem inmutável, mas o homem é uma realidade mutável segundo a alma e segundo o corpo. Se não permanecer voltado para o bem inmutável, que é Deus, não pode aperfeiçoar-se como bom e justo. E, por isso, o mesmo Deus, que cria o homem para ser homem, também trabalha o homem e o guarda para ser também bom e feliz. Por isso, com a mesma locução em que se diz que o homem trabalha a terra, a qual já é terra, para ser bela e fértil, com a mesma se diz que Deus trabalha o homem, que já é homem, para que seja piedoso e sábio, e o guarda, porque o homem, deleitando-se em si mesmo em seu próprio poder, mais do que no daquele que está sobre ele, e menosprezando seu domínio, não pode ter segurança.

CAPÍTULO XI

Razão do acréscimo da palavra “Senhor”

24. Julgo que não é sem sentido, mas nos adverte algo e muito importante, o fato de nunca ter-se registrado: Senhor Deus mas somente Deus, desde o princípio deste livro, a partir das palavras com as quais começa: No princípio, Deus fez o céu e a terra, até esta passagem. Agora, quando se chegou ao ponto em que diz que estabeleceu o homem no paraíso para que o trabalhasse e o guardasse por um preceito, assim falou a Escritura: O Senhor Deus tomou o homem que fizera e o pôs no paraíso para trabalhá-lo e guardá-lo³⁶. Não quis se expressar assim, senão quando chegou o momento de colocá-lo no paraíso para trabalhá-lo e guardá-lo, não porque Deus não fosse o Senhor das referidas criaturas, mas porque isso se escrevia não por causa dos anjos, nem por causa de outras criaturas, mas por causa do homem, para adverti-lo quanto lhe é conveniente ter a Deus como Senhor, ou seja, viver na obediência sob seu domínio, antes que abusar licenciosamente de seu poder. Assim, não diria como disse no tocante às demais criaturas: “E Deus tomou o homem que criou”, mas: O Senhor Deus tomou o homem, a quem fez e o pôs no paraíso para trabalhá-lo, para que fosse justo, e guardá-lo, para lhe dar segurança, certamente com seu domínio, que não lhe aproveita, mas sim a nós. Com efeito, ele não necessita de nossa servidão, mas nós necessitamos de seu domínio, para que ele nos trabalhe e guarde; e, por isso, somente ele é o verdadeiro Senhor, porque não o servimos para seu proveito, mas para o nosso. Pois, se ele necessitasse de nós, por este fato não seria verdadeiro Senhor, visto que seria aliviada por nós sua necessidade, sob a qual também ele serviria. Alguém disse com razão no salmo: Eu disse ao Senhor: És tu o meu Deus, porque não necessitas de meus bens³⁷. Não se deve entender o que dissemos, ou seja, que nós o servimos para nossa utilidade e salvação, como que se esperássemos algo dele que não seja ele mesmo. Ele é nossa suma utilidade e salvação. Pois amamo-lo gratuitamente conforme aquelas palavras: Quanto a mim, estar junto de Deus é o meu bem³⁸.

CAPÍTULO XII

Sem Deus, o homem não é capaz de praticar qualquer bem

25. Não é tal o homem que, uma vez criado, abandonando-o aquele que o fez, possa praticar algum bem, como se fosse por si mesmo. Toda sua boa ação deve consistir em se voltar para aquele por quem

foi criado, e se tornar sempre justo, piedoso, sábio e feliz. Voltar a se afastar dele é como ser curado e abandonar o médico do corpo; pois o médico do corpo foi um operário exterior ao corpo, servindo à natureza sob o poder de Deus que age no interior e que faz recuperar a saúde mediante aquela dupla ação da Providência, da qual falamos acima³⁹. Portanto, o homem não se deve converter para o Senhor de modo a se afastar dele depois de ter sido justificado, mas de tal modo que sempre esteja se justificando por ele. Com efeito, pelo fato de não se afastar dele, é justificado, iluminado e feito bem-aventurado pela sua presença, trabalhando e guardando Deus, enquanto domina o obediente e o que lhe está sujeito.

26. Como dizíamos antes, o homem trabalha a terra, para ela se tornar cultivada e fértil; mas, tendo trabalhado, afasta-se, deixando-a arada ou semeada ou irrigada ou se algo mais pode ser feito, permanecendo o trabalho que foi realizado quando o trabalhador se afastar. Deus não trabalha assim o homem justo, ou seja, justificando-o de modo que, se se afastar, permaneça o que fez no que se afasta; pelo contrário, assim como o ar não se tornou lícido estando presente a luz, mas se torna lícido porque, se se tivesse convertido de modo permanente, e não se convertesse apenas de passagem, permaneceria lícido mesmo ausentando-se a luz; assim o homem é iluminado por Deus que lhe está presente, mas se cobre de trevas, ausentando-se ele logo depois. O homem se afasta de Deus não por espaços locais, mas pela aversão da vontade.

27. Assim, aquele que é incommutavelmente bom trabalhe e guarde o homem bom. Devemos deixar-nos sempre fazer por ele e sempre progredir, aderindo a ele e permanecendo convertidos para ele, do qual se diz: *Quanto a mim, estar junto de Deus é meu bem*, e a quem se diz: *Por ti guardarei a minha fortaleza*⁴⁰. Pois somos obra sua, não somente para sermos homens, mas também para sermos bons. Por isso, também o Apóstolo, ao encarecer aos fiéis convertidos da impiedade a graça pela qual fomos salvos, diz: *Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus já antes tinha preparado para que nelas andássemos*⁴¹. E tendo dito em outra passagem: *Operai a vossa salvação com temor e tremor*, para que não pensassem atribuir a si mesmos, como se eles mesmos se tornassem justos e bons, acrescentou em seguida: *Pois é Deus que opera em vós*⁴². Portanto, o Senhor Deus tomou o homem que fizera e o pôs no paraíso para trabalhá-lo, ou seja, para trabalhar nele e o guardar.

CAPÍTULO XIII

A proibição de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal

28. O Senhor Deus deu a Adão este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do paraíso. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres morrerás.”⁴³ Se tivesse algum mal aquela árvore, da qual Deus proibiu ao homem comer, a natureza envenenada de seu mal pareceria conduzir à morte. Mas porque plantara no paraíso todas as árvores boas aquele que fez muitas coisas, todas boas⁴⁴, e não havia natureza alguma do mal, posto que em parte alguma existe qualquer natureza má (sobre isso, se Deus quiser, dissertarei com mais pormenores, quando começarmos a falar a esse respeito), foi proibido comer dessa árvore, que não era má, para que a própria observância do preceito fosse por si mesma um bem, e a transgressão, um mal.

29. Não se podia revelar melhor e com mais perfeição quanto mal representa somente a desobediência, quando por ela o homem se tornou réu da iniquidade, visto que tocou a árvore contra uma proibição de modo que, se não tivesse tocado, certamente não teria pecado. Com efeito, aquele que diz, por

exemplo: “Não toques esta planta, porque pode ser venenosa e pode levar à morte”, a consequência será certamente a morte do que fez pouco caso do preceito; mas se ninguém tivesse proibido e ele a tivesse tocado, sem dúvida teria morrido. Com efeito, seria contrária à saúde e à vida dele quer lhe fosse proibido ou não. Da mesma forma, quando alguém proíbe tocar uma coisa que certamente prejudicaria ao que toca e àquele que fez a proibição, como, por exemplo, se alguém põe a mão no dinheiro alheio, proibido por aquele a quem pertencia o dinheiro, a proibição implicaria pecado, porque poderia ser prejudicial ao que proíbe. Mas quando se toca em algo que não prejudicaria nem o que toca, se não lhe fosse proibido, nem a qualquer outro que tocasse em qualquer ocasião, por que seria proibido senão para mostrar que o bem da obediência é um bem em si mesmo, e o mal da desobediência é um mal em si mesmo?

30. Finalmente, o pecador não tem outro desejo senão não estar sob o domínio de Deus, ao cometer o pecado. Para não cometê-lo, bastaria unicamente atender à ordem daquele que manda. Se apenas atendesse a essa ordem, a que atenderia senão à vontade de Deus? Que outra coisa se deveria amar senão a vontade de Deus? Somente o Senhor vê a razão por que ordenou; ao servidor é necessário que faça o que ele mandou e, então, talvez verá, aquele que merecer, por que mandou. Contudo, para não nos determos mais em investigar a razão do preceito, saibamos que se o preceito é de utilidade para o homem, porque serve a Deus, Deus, ao ordenar, torna útil tudo o que quiser ordenar, e não se há de temer que ordene o que não pode ser útil.

CAPÍTULO XIV

A experiência do mal e o desprezo do preceito divino

31. É impossível que a vontade própria não caia sobre o homem como uma ruína e um peso imenso, se, por orgulho, antepõe-na à vontade do superior. Isso o experimentou o homem menosprezando o preceito de Deus e, com esta experiência, aprendeu a diferença entre o bem e o mal, ou seja, o bem da obediência e o mal da desobediência, ou seja, da soberba e da obstinação, da inominável imitação de Deus e da liberdade nociva. Por essa razão, isso pôde acontecer na árvore que, por isso, recebeu o nome de conhecimento do bem e do mal, como já foi dito acima⁴⁵. Com efeito, não perceberíamos o mal, senão experimentando-o, porque não existiria mal algum, se não o cometêssemos. Não existe natureza alguma que seja má, mas a ausência de bem recebe este nome. Deus é o bem inmutável, e o homem, pelo que diz respeito à sua natureza, em que Deus o criou, é certamente um bem, mas não inmutável como é Deus. Mas um bem mutável que, estando depois do bem inmutável, torna-se melhor ao aderir ao bem inmutável, amando-o e servindo-o com a vontade racional e própria. Por isso, a vontade é uma natureza que envolve um grande bem, porque o recebeu também para poder aderir à natureza do sumo bem. Se não quiser, priva-se de um bem, e isto lhe acarretará um mal, pelo qual recebe castigo pela justiça de Deus. O que é tão pecaminoso quanto o afastar-se do bem para ser bom? De forma alguma é possível que isso seja um bem; mas às vezes não se percebe o mal de ter perdido o bem superior, quando se tem o bem inferior que é objeto de amor. Mas é próprio da justiça divina que aquele que perdeu voluntariamente o que deveria amar, perca com dor o que amou, enquanto o Criador das naturezas deve ser louvado em todas as partes. Ainda é um bem doer-se do bem perdido, pois se não restasse bem algum na natureza, não haveria no castigo dor alguma pelo bem perdido.

32. Deve ser engrandecido sobre todos os homens aquele a quem lhe agrada o bem sem ter experimentado o mal, ou seja, de modo que, antes de sentir a perda do bem, prefira conservá-lo para não o perder. Mas isso, se não significasse um louvor singular, não se atribuiria àquele menino que,

tendo nascido do povo de Israel como Emanuel, Deus conosco⁴⁶, reconciliou-nos com Deus, tornou-se homem mediador entre os homens e Deus⁴⁷, o qual é o Verbo junto a Deus, carne junto a nós⁴⁸, Verbo feito carne entre Deus e nós. Sobre ele diz o profeta: *Antes que o menino conheça o bem e o mal, despreze o mal, e escolha o bem*⁴⁹. Como pode rejeitar ou escolher o que ignora, senão porque ambas as coisas são sabidas de um modo pelo conhecimento do bem, de outro, pela experiência do mal? Pelo conhecimento do bem, conhece-se o mal, embora não seja sentido. Conserva-se o bem para não sentir o mal pela perda do bem. Também pela experiência do mal se conhece o bem, porque sente o que perdeu algo que aquele mal procede do bem que perdeu. Portanto, antes que o menino o conhecesse pela experiência, desprezou o mal para escolher o bem, ou seja, não quis perder o que tinha para não sentir, perdendo, o que não devia perder. Exemplo singular de obediência! Pois não veio fazer sua vontade, mas a vontade daquele que o enviou⁵⁰; não como aquele que preferiu fazer sua vontade e não a daquele que o criou. Com razão, pois, pela desobediência de um só muitos se tornaram pecadores; assim, pela obediência de um só todos se tornaram justos⁵¹, *porque, assim como em Adão todos morrem, em Cristo todos receberão a vida*⁵².

CAPÍTULO XV

A árvore do reconhecimento do bem e do mal: razão do nome

33. Alguns lançam mão de todos os ardis, mas inutilmente, ao investigarem como aquela árvore pôde denominar-se árvore do conhecimento do bem e do mal, antes de o homem nela transgredir o preceito e poder conhecer por experiência própria a diferença entre o bem que perdeu e o mal que cometeu. Com efeito, a árvore recebeu este nome para que se evitasse, não a tocando conforme o preceito, o que sentiria, tocando-a contra a proibição. Pois não foi o fato de terem comido da árvore que motivou a criação dessa árvore do conhecimento do bem e do mal; mas, certamente, mesmo que tivessem sido obedientes, e nada terem tirado dela contra o preceito, denominar-se-ia do mesmo modo, porque lhes aconteceria o que fora ameaçado, se chegassem a tirar. Assim como se pode chamar árvore da saciedade a uma determinada árvore, porque os homens poderiam saciar-se de seus frutos; se ninguém tivesse se aproximado dela, esse nome seria inadequado? Quando se aproximassem e se saciassem, então perceberiam quão a propósito vinha esse nome àquela árvore.

CAPÍTULO XVI

Antes do pecado, o homem poderia entender o que era o mal

34. Dizem eles: “Como o homem poderia entender o que lhe era dito a respeito da árvore do conhecimento do bem e do mal, se ignorava totalmente o que era o mal?” Os que pensam assim têm pouco em conta que pelas características conhecidas se entendem muitas coisas desconhecidas, de tal modo que mesmo palavras que expressam realidades que não existem, quando são intercaladas num discurso, nenhum ouvinte fica no escuro. Com efeito, o que não é absolutamente, denomina-se “nihil” (nada), e ninguém que ouve ou fala latim fica sem entender o que significam estas duas sílabas. Como entende, a não ser quando o sentido percebe o que é, e pela sua privação conhece também o que não é? Assim também, quando se diz “vazio”, considerando o “cheio” de um corpo, entendemos o que significa “vazio” pela privação que é contrária a “cheio”; assim como julgamos pelo sentido da audição não somente o que diz respeito a vozes, mas também ao silêncio. Assim, pela vida que o homem possuía, poderia precaver-se do contrário, ou seja, da privação da vida que se denomina morte; o próprio motivo, pelo qual perderia o que amava, ou seja, qualquer ação sua que o levasse a perder a vida, com quaisquer sílabas com que se denominasse, tal como em latim se diz “peccatum” (pecado)

ou “malum” (mal), entenderia como sinal da morte, e isso discerneria com a mente. Pois, como nós podemos entender quando se diz “ressurreição”, pela qual nunca passamos? Não será porque sentimos o que seja viver, e à sua privação denominamos morte, e a volta ao que sentimos, denominamos ressurreição? E se em qualquer língua denomina-se a mesma coisa com outro nome, o sinal se insinua certamente à inteligência pela voz dos que falam, de modo que, soando o nome, pode reconhecer o que estaria pensando mesmo sem o sinal. Causa admiração o fato de a natureza, mesmo sem ter experiência, evitar a perda do que possui. Com efeito, quem ensinou aos animais evitar a morte, a não ser o sentido da vida? Quem ensinou à criança se agarrar a seu berço, se for ameaçada de ser jogada ao chão? Este modo de reagir começa depois de um certo tempo, mas antes de se ter experiência de algo semelhante.

35. Assim, pois, já era doce para os primeiros homens a vida que levavam, a qual, sem dúvida, evitavam perder; e podiam entender a Deus que isso mesmo insinuava de algum modo ou som. De outra maneira não se poderia persuadi-los ao pecado a não ser que fossem persuadidos primeiramente de que não morreriam, ou seja, o que possuíam e se alegravam de possuir não haveriam de perder. Disto há de se falar no lugar devido. Percebam, portanto, se ainda estão indecisos, como eles poderiam entender a Deus que falava e ameaçava com coisas que não tinham experimentado, e vejam como nós conhecemos sem qualquer sinal de dúvida os nomes de todas as coisas não experimentadas pelos nomes de coisas semelhantes, se são nomes de espécies. A não ser que, talvez, preocupe a alguém o modo como puderam falar ou entender o que falavam aqueles que não tinham aprendido, crescendo no meio dos que falavam ou com algum mestre; como se fosse difícil para Deus ensinar a falar àqueles que de tal modo criara que poderiam aprender dos homens, se houvesse de quem aprender.

CAPÍTULO XVII

O preceito foi dado aos dois, Adão e Eva?

36. Com razão se pergunta se o preceito foi dado somente ao homem, ou também à mulher. Mas, ainda não fora narrado como foi feita a mulher. Ou, talvez, já tinha sido feita, mas depois foi narrada sua criação recapitulando e dizendo como tinha acontecido o que se deu antes? Pois as palavras da Escritura têm o seguinte teor: O Senhor Deus deu a Adão este mandamento: não disse “deu-lhes”; em seguida prossegue: “Comerás de todas as árvores do paraíso; não disse; “Podeis comer”; A continuação acrescentou: Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comereis⁵³; mas agora fala aos dois em plural, e no plural está o final do preceito: No dia em que comerdes, morrereis⁵⁴. Ou sabendo que criaria a mulher, de tal modo deu o preceito tão ordenadamente que o preceito atingiria a mulher por meio do homem? Esta norma o Apóstolo observa na Igreja, dizendo: Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa⁵⁵.

CAPÍTULO XVIII

Como Deus falou ao homem

37. Pode-se perguntar também como Deus, ao dar o preceito, falou ao homem que criou, já certamente dotado de sentido e de razão, para que pudesse ouvir e entender o que falava? Pois não poderia de outra forma receber o preceito, o qual uma vez transgredido, lhe traria a condição de réu, se não o entendesse como um preceito dado. Portanto, como Deus falou? Talvez no interior, na mente de maneira intelectual, ou seja, para que entendesse como sábio a vontade e o preceito de Deus, sem quaisquer sons ou semelhanças corporais? Não julgo que Deus tenha falado assim ao primeiro homem.

Com efeito, a Escritura narra os fatos de tal modo que preferimos acreditar que Deus tenha falado ao homem no paraíso como depois falou aos patriarcas: como falou a Abraão, como a Moisés, ou seja, em alguma forma corporal. Daí o fato de terem ouvido a voz de Deus que passeava no paraíso ao cair da tarde, e se esconderam⁵⁶.

CAPÍTULO XIX

Compreensão das operações de Deus

38. Apresenta-se agora uma excepcional ocasião, que não se pode deixar de aproveitar, e que nos dá a oportunidade de considerar, na medida de nossa capacidade, quanto o Senhor se dignar ajudar-nos e conceder-nos, considerar, repito, a ação dupla da divina Providência, da qual falamos acima a respeito da agricultura, e a qual resumimos aproveitando a ocasião passageira, para que, a partir dali, o ânimo do leitor começasse a se acostumar a olhar atentamente para ela, o que ajuda muitíssimo a não pensar nenhuma indignidade acerca da substância divina. Assim, afirmamos que esta substância é o sumo, verdadeiro e único Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, ou seja, Deus e seu Verbo e o Espírito de ambos, a própria Trindade sem confusão e sem divisão de pessoas; Deus que é o único a ter a imortalidade e habita numa luz inacessível que homem algum viu, nem pode ver⁵⁷; nem é contido por espaço local, seja finito, seja infinito, nem se muda pela variação dos tempos, seja finita, seja infinita. Pois nada existe em sua substância, pela qual é Deus, que seja menos na parte que no todo, tal como é necessário existir numa substância que se move por lugares, sem que se mova o eixo, como acontece com a palma da mão e suas articulações. Em sua substância, repito, jamais existiu algo que não mais existe, ou haverá de existir algo que ainda não existe, como acontece com as naturezas que podem sofrer a mudança do tempo.

CAPÍTULO XX

A mutabilidade da criatura, a espiritual e a corporal, e a imutabilidade de Deus

39. Deus criou na eternidade inmutável todas as coisas ao mesmo tempo, a partir das quais transcorreriam os tempos, encher-se-iam os espaços e os séculos decorreriam pelos movimentos temporais e locais das coisas. Entre estas coisas, criou umas espirituais, outras, corporais, dando forma à matéria que nenhum outro e ninguém criou, mas ele absolutamente criou informe e com potência de ser formada, de tal modo que antecipou sua formação não no tempo, mas quanto à origem. E deu primazia à criatura espiritual com relação à corporal, porque a espiritual pode sofrer mudança somente quanto ao tempo, e a corporal, quanto ao tempo e ao lugar. Por exemplo, a alma se move quanto ao tempo, lembrando-se do que se esquecera, ou aprendendo o que ignorava, ou querendo o que não queria; e o corpo se move quanto ao tempo e ao lugar: ou da terra para o céu, ou do céu para a terra, ou do oriente para o ocidente, ou de qualquer outro modo semelhante. Mas tudo o que se move quanto ao lugar, não pode menos de se mover também quanto ao tempo; mas não tudo o que se move quanto ao tempo, necessariamente há de se mover também quanto ao lugar. Portanto, a substância, que se move somente quanto ao tempo, tem primazia com relação à que se move quanto ao tempo e ao lugar; conseqüentemente, com relação a esta tem primazia aquela que não se move nem quanto ao tempo nem quanto ao lugar. E por isso, assim como o espírito criado, móvel somente quanto ao tempo, move o corpo quanto ao tempo e ao lugar, assim o Espírito criador, imóvel quanto ao tempo e ao lugar, move o espírito criado quanto ao tempo; mas o espírito criado move a si mesmo quanto ao tempo e move o corpo quanto ao tempo e ao lugar; e o Espírito criador move a si mesmo sem o tempo e sem o lugar, move o espírito criado quanto ao tempo, mas não quanto ao lugar, e move o corpo

quanto ao tempo e ao lugar.

CAPÍTULO XXI

O movimento das crianças por meio de Deus e o movimento da alma

40. Qualquer um que se esforce por entender como Deus, verdadeiramente eterno e verdadeiramente imortal e incomutável, que não se move nem quanto ao tempo nem quanto ao lugar, como Deus, repito, move sua criatura quanto ao tempo e ao lugar, creio que não pode conseguir, se não entender primeiramente como a alma, ou seja, o espírito criado, que se move não quanto ao lugar, mas somente quanto ao tempo, move o corpo quanto ao tempo e ao lugar. Pois, se ainda não consegue entender o que acontece em si mesmo, quanto menos sobre o que lhe é superior?

41. A alma, influenciada pelo modo de agir dos sentidos corporais, julga que ela também se move com o corpo quanto ao lugar, quando o move quanto ao lugar. Se ela pudesse examinar com atenção como os membros do corpo estão dispostos de modo articulado como eixos, dos quais partem os começos dos movimentos, encontrará que as coisas que se movem nos espaços locais não se movem a não ser por meio daquelas que estão fixos no lugar. Com efeito, um só dedo não se move, se a mão não estiver fixa; quando o dedo se move a partir da articulação da mão com o cúbito, o que é movido move-se pela espaço local, permanecendo imóvel o eixo no qual se apoia o movimento. O mesmo acontece quando se move o cúbito pela sua articulação com o úmero, e o úmero, pela sua articulação com o ombro. Do mesmo modo, a articulação da planta do pé está no calcanhar, o qual, permanecendo imóvel, move-se a planta do pé; assim também, a articulação da perna está no joelho, e de todo o pé, na coxa; não há movimento de nenhum membro que a vontade movimenta senão pelo eixo de alguma articulação, e a este uma ordem da mesma vontade fixa, para que a partir dele que não se move possa agir aquele que se move. Finalmente, nem o pé se levanta ao andar, se algum membro fixo não suportar todo o corpo, até que o pé seja movido do lugar de onde é levado e se apóie no lugar para onde é levado, permanecendo imóvel a articulação de seu eixo.

42. Portanto, se no corpo a vontade não movimenta membro algum quanto ao lugar, a não ser pela articulação do membro que não se move, e como a parte do corpo que se move e a que, sendo fixa, faz com que se mova, têm suas quantidades corpóreas pelas quais ocupam os espaços de seus lugares, quanto mais a própria vontade da alma, à qual os membros estão a serviço, há de fixar o que quiser, para que nele se apóie o que há de se movimentar? Como a alma não é natureza corpórea, nem enche o corpo quanto ao espaço local, como acontece com a água em relação ao odre ou à esponja, mas está unida à vontade incorpórea por meios admiráveis, dando vida ao corpo, pela qual ela domina o corpo por uma determinação não corpórea, quanto mais, repito, o ato de sua vontade é movido não quanto ao lugar, para mover o corpo de um lugar para outro, quando move o todo por meio das partes, e não move outras partes quanto ao lugar a não ser por meio daquelas que ela fixa no lugar?

CAPÍTULO XXII

O movimento por Deus e pela alma

43. Se é difícil entender o que foi exposto, acredite-se em ambas as coisas: que a criatura espiritual, imóvel quanto ao lugar, move o corpo quanto ao lugar, e que Deus, imóvel quanto ao tempo, move a criatura espiritual quanto ao tempo. Se alguém não quiser acreditar nisso a respeito da alma, com certeza não somente acreditaria, mas também entenderia, se pudesse pensar na alma como sendo incorpórea, como de fato é. Pois não lhe ocorre facilmente que não se move quanto ao lugar o que não

se estende por espaços locais? Mas tudo o que se estende por espaços locais é corpo; e por isso, consequentemente, não se pense que a alma se move por espaços locais, se não é corpo; mas, como começara a dizer, se alguém não quiser acreditar nisto a respeito da alma, não se deve afligir em demasia. Mas se não acredita que a substância de Deus não se move nem quanto ao tempo nem quanto ao lugar, ainda não o considera perfeitamente inmutável.

CAPÍTULO XXIII

Deus, imóvel, move todas as coisas

44. Mas como a natureza da Trindade é absolutamente inmutável e, por isso, também eterna, a ponto de nada lhe ser coeterno, ela em si mesma e dentro de si mesma, sem tempo e lugar, move a criatura que lhe está submetida quanto ao tempo e ao lugar, criando as naturezas por sua bondade, ordenando as vontades pelo poder, de modo a não existir criatura alguma na natureza que dela não proceda. Quanto às vontades, nenhuma é boa que ela não governe, nenhuma é má, da qual não possa fazer bom uso. Porque não outorga a todas as criaturas o arbítrio da vontade, aquelas a quem outorgou, são mais poderosas e superiores. As naturezas, que não estão dotadas de vontade, necessariamente estão sujeitas às que estão, e isso por ordenação do Criador que nunca castiga a vontade má a ponto de ela perder a dignidade de sua natureza. Portanto, como todo corpo e toda alma irracional não estão dotados de arbítrio da vontade, estão submetidas àquelas naturezas que foram dotadas do arbítrio da vontade. Nem todas as coisas estão submetidas a todas, mas como o distribuiu a justiça do Criador. Portanto, a Providência de Deus, governando e administrando todas as criaturas, e também as naturezas e as vontades, as naturezas para que existam, as vontades para não serem infrutuosamente boas, nem más sem castigo, submeteu primeiramente a si todas as coisas. Em seguida submeteu a criatura corporal à espiritual, a irracional à racional, a terrestre à celeste, a feminina à masculina, a de menos valor à de mais valor, a mais necessitada à menos necessitada. Mas com respeito às vontades, submete as boas a si. As demais, aos que o servem, a fim de que a vontade má sofra o que a boa fizer por ordem de Deus ou por si mesma ou pela má, somente nas coisas que por natureza estão também sujeitas às vontades más, ou seja, nos corpos. Pois as vontades más têm em si mesmas o seu castigo interior, sua própria iniquidade.

CAPÍTULO XXIV

As criaturas sujeitas aos santos anjos

45. E por isso, toda natureza corpórea, toda vida irracional, toda vontade fraca ou depravada estão sujeitas aos sublimes anjos que gozam de Deus, submetidos a ele e o servem na bem-aventurança, para que eles façam das submetidas ou com as submetidas o que em todas exige a ordem da natureza, ordenando-o aquele a quem tudo está sujeito. Portanto, eles veem em Deus a verdade inmutável e, de acordo com ela, orientam suas vontades. Tornam-se assim sempre participantes de sua eternidade, de sua verdade, de sua vontade, sem os fatores tempo e lugar. E se movem, mesmo quanto ao tempo, por sua determinação, permanecendo ele imóvel quanto ao tempo. Nem por isso se esquivam ou deixam de contemplá-lo, mas o contemplam juntos sem tempo e sem lugar, e executam suas ordens nas coisas inferiores, movendo-se quanto ao tempo, o corpo, porém, quanto ao tempo e ao lugar, quanto seja conveniente à sua ação. E assim, Deus preside a toda criatura com uma dupla obra de sua providência: sobre as naturezas, para que sejam criadas, sobre as vontades, para nada fazerem sem sua ordem e permissão.

O governo de Deus sobre o universo e suas partes

46. A natureza do universo não é ajudada extrinsecamente e corporalmente. Pois não existe corpo algum fora dela; caso contrário, não seria universo. Mas intrinsecamente é ajudada, não corporalmente, pela ação de Deus, para que seja natureza, pois tudo é dele, por ele e para ele⁵⁸. As partes do mesmo universo são ajudadas intrinsecamente, mas não corporalmente, ou melhor, são ajudadas para se tornarem naturezas; e extrinsecamente, de modo corporal, para se tornarem melhores, por exemplo com os alimentos, a agricultura, a medicina, e com tudo o que se faz para seu acabamento, a fim de serem não somente íntegras e mais fecundas, mas também mais graciosas.

47. A natureza espiritual criada, se é perfeita e feliz, como a dos santos anjos, no tocante a si mesma, é ajudada apenas intrinsecamente de modo incorporeal para que exista e seja sábia. Pois Deus lhe fala no íntimo e de modo inefável, não mediante a escrita impressa por meio de caracteres corporais, nem mediante vozes que soam aos ouvidos corporais, nem por semelhanças de corpos, como as que se apresentam ao espírito mediante a imaginação, como acontece nos sonhos ou em qualquer arrebatamento do espírito, que em grego é denominado echstasis, o qual termo que já empregamos em latim (ecstasis). Também esta classe de visões, ainda que aconteçam mais interiormente do que aquelas que são transmitidas ao espírito pelos sentidos corporais, porque é algo semelhante a elas, quando acontecem não é possível constatar a diferença, ou apenas ou muito raramente é possível. Porque a visão do êxtase é mais exterior do que a contemplada pela mente racional e intelectual na verdade inmutável, com cuja luz julga todas essas coisas, julgo que deve ser incluída entre as coisas que acontecem extrinsecamente. Portanto, a criatura espiritual e intelectual, perfeita e bem-aventurada, como é a dos anjos, conforme eu disse, no tocante a si mesma para que exista e para que seja sabida e bem-aventurada, é ajudada apenas intrinsecamente pela eternidade, verdade, caridade do Criador. Mas se se disser que é ajudada extrinsecamente, talvez seja ajudada somente para se verem mutuamente e se alegrarem em Deus com sua companhia e para darem graças ao Criador e louvá-lo porque contemplam também a si mesmas em todas as criaturas. Mas, pelo que diz respeito à ação da criatura angélica, por meio da qual a Providência de Deus zela por todas as espécies de coisas, principalmente pela espécie humana, ela ajuda extrinsecamente tanto por meio do que parece ser semelhante ao corporal, como por meio dos próprios corpos que estão submetidos ao poder angélico.

CAPÍTULO XXVI

Deus, sempre o mesmo e imóvel, administra todas as coisas

48. Sendo isso assim, Deus, que tudo pode e tudo gere, sempre o mesmo pela eternidade, verdade e vontade inmutáveis, imóvel quanto ao tempo e ao espaço local, move quanto ao tempo a criatura espiritual, e move quanto ao tempo e ao lugar a criatura corporal. Com este movimento administra extrinsecamente as naturezas que constitui intrinsecamente e, pelas vontades submetidas a si, administra quanto ao tempo e ao lugar as naturezas que estão submetidas a si e às outras vontades, as quais move quanto ao tempo e ao lugar, naquele tempo e lugar cuja razão de ser no mesmo Deus é a vida sem o tempo e sem o espaço. Quando Deus realiza tais coisas, não devemos pensar que sua substância, pela qual é Deus, seja mutável quanto aos tempos e lugares ou móvel quanto aos tempos e lugares, mas devemos conhecê-la na obra da divina Providência; não na obra, pela qual cria as naturezas, mas naquela pela qual administra extrinsecamente as coisas criadas, intrinsecamente, uma vez que ele, por seu inmutável e excelente poder, é sem nenhum intervalo ou espaço de lugares,

interior a toda coisa, porque nele existem todas as coisas, e exterior a toda coisa, porque ele está sobre todas as coisas. Da mesma forma, sem intervalo de tempo ou de lugar, pela incomutável eternidade, é mais antigo que todas as coisas, porque ele existe antes de todas, e é mais novo que todas, porque ele é o mesmo depois de criar todas as coisas.

CAPÍTULO XXVII

Como Deus falou a Adão

49. Por isso, ao ouvirmos a Escritura dizer: O Senhor Deus deu a Adão este mandamento: “Comerás de todas as árvores do paraíso. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres morrerás⁵⁹”, se investigarmos o modo como Deus falou estas palavras, o modo, certamente, nós não o podemos compreender com propriedade, mas com toda certeza devemos ter por certo que Deus falava ou pela sua substância ou por meio de uma criatura a ele sujeita. Pela sua substância não falou a não ser para criar todas as naturezas, e não somente para criar as espirituais e intelectuais, mas também para iluminá-las, visto que já podiam compreender sua palavra, tal como está no seu Verbo, o qual estava no princípio junto de Deus e o Verbo era Deus, pelo qual foram feitas todas as coisas⁶⁰. Mas àqueles que não podem compreender quando Deus fala, ele fala por meio de uma criatura, ou somente espiritual, seja em sonhos, seja em êxtases na semelhança de coisas espirituais; ou também mediante a criatura corporal, quando alguma imagem aparece aos sentidos corporais ou vozes se fazem ouvir.

50. Portanto, se Adão era tal que pudesse entender aquela palavra de Deus, a qual faz chegar às inteligências angélicas mediante sua substância, não se há de duvidar que Deus movia sua mente no tempo com um movimento admirável e inefável, sem mover-se ele no tempo, e lhe imprimiria o útil e salutar preceito da verdade e mostraria de modo inefável pela mesma verdade o castigo que importaria ao transgressor, do mesmo modo como são ouvidos ou vistos todos os bons preceitos na Sabedoria incomutável, que entra também nas almas santas⁶¹ a partir de algum tempo, visto que nele não há movimento algum no tempo. Se Adão era de tal modo justo que lhe era necessária a autoridade de outra criatura mais santa e mais sábia, pela qual pudesse conhecer a vontade e o preceito de Deus, como para nós são necessários os profetas, e para estes, os anjos, por que duvidamos que Deus lhe tenha falado por meio de uma criatura semelhante com tais sinais de vozes, que ele pudesse entender? E o que está escrito depois, ou seja, que, após o pecado, ouviam a voz do Senhor Deus que passeava no paraíso⁶², aquele que conhece a fé católica, de forma alguma duvida que isso aconteceu não pela substância de Deus, mas por meio de uma criatura às suas ordens. Por isso, algumas vezes quis dissertar sobre este assunto mais longamente, porque alguns hereges pensam que a substância do Filho, sem ter assumido o corpo, é visível por si mesma e, por isso, antes de receber da Virgem seu corpo, opinam que o mesmo foi visto pelos patriarcas, como se estivesse dito apenas sobre o Pai: Que nenhum homem viu, nem pode ver⁶³. Deve-se rejeitar para longe das mentes católicas a impiedade que assegura que o Filho foi visto antes de receber a condição de servo⁶⁴ mesmo em sua substância. Dissertaremos sobre isso em outro lugar mais longamente, se for do agrado do Senhor. Agora, tendo chegado ao fim deste Livro, é preciso preparar o que vem em seguida, ou seja, como a mulher foi criada de uma costela de seu marido.

¹ Gn 2,8.

² Cf. Rm 5,14.

³ Cf. *Sobre o Gênesis contra os Maniqueus* (infra, p. 499ss.)

[4](#) Cf. Mt 7,7.

[5](#) *Sobre o Gênesis, contra os Maniqueus*, II,2, p. 546.

[6](#) Gn 2,8.

[7](#) Gn 2,9.

[8](#) Gn 1,29.

[9](#) Cf. 1Cor 2,9.

[10](#) Gn 2,9.

[11](#) Pr 3,18.

[12](#) Cf. Gl 4,24-26.

[13](#) Cf. Ex 17,6.

[14](#) 1Cor 10,4.

[15](#) Pr 3,18.

[16](#) Ex 12,3-11.

[17](#) Cf. Lc 15,23.

[18](#) Cf. Gn 28,18.

[19](#) Cf. Sl 118,22.

[20](#) Lc 23,43.

[21](#) Cf. Lc 16,24.

[22](#) Ef 5,31.

[23](#) Cf. Ef 5,32.

[24](#) Cf. 3Rs 17,16.

[25](#) 3Rs 17,16.

[26](#) Cf. Gn 1,31.

[27](#) Gn 2,10-14.

[28](#) Cf. Lc 10,30.

[29](#) Gn 2,15-17.

[30](#) Cf. Gn 2,8.

[31](#) Cf. 1Cor 3,7.

[32](#) Gn 2,15.

[33](#) Gn 2,5.

[34](#) Gn 3,18.

[35](#) Eclo 10,12.

[36](#) Gn 2,15.

[37](#) Sl 15,2.

[38](#) Sl 72,28.

[39](#) Cap. 9.

[40](#) Sl 58,10.

[41](#) Ef 2,8-10.

[42](#) Fl 2,12.13.

[43](#) Gn 2,16-17.

[44](#) Cf. Gn 1,12.31.

[45](#) Cap. 6.

[46](#) Cf. Mt 1,23.

[47](#) Cf. 1Tm 2,5.

[48](#) Cf. Jo 1,1.

[49](#) Is 7,16.

[50](#) Cf. Jo 6,38.

[51](#) Cf. Rm 5,19,

[52](#) Cf. 1Cor 15,22.

[53](#) Gn 2,15-17.

[54](#) Gn 2,17.

[55](#) 1Cor 14,35.

[56](#) Cf. Gn 3,8.

[57](#) Cf. 1Tm 6,16.

[58](#) Cf. Rm 11,36.

[59](#) Gn 2,16-17.

[60](#) Jo 1,1-3.

[61](#) Cf. Sb 7,27.

[62](#) Cf. Gn 3,8.

[63](#) 1Tm 6,16.

[64](#) Cf. 1Tm 6,16.

LIVRO IX

CAPÍTULO I

A razão das palavras: “O Senhor Deus modelou então da terra” etc. — O termo “terra”

1. O Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Façamos-lhe uma ajuda semelhante a ele”. Deus modelou então, da terra, todas as feras do campo e todas as aves do céu e as conduziu a Adão para ver como as chamaria. E todo nome que Adão impôs à alma viva, este é seu nome. O homem deu nome a todos os animais, às aves do céu e a todas as feras do campo, mas, para si, Adão não encontrou um auxiliar semelhante a ele. Então o Senhor Deus fez cair um torpor sobre Adão, e ele dormiu. Tomou uma de suas costelas e fez crescer carne em seu lugar. Depois, da costela que tirara do homem, Deus modelou uma mulher e a levou a Adão. Então Adão exclamou: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada ‘mulher’, porque foi tirada do homem! Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe, se unirá à sua mulher, e serão dois em uma só carne¹. Se em algo vai ajudar o leitor o que foi registrado e escrito nos Livros anteriores, não devemos deter-nos muito tempo no ponto em que se diz que modelou então, da terra, todas as feras do campo e todas as aves do céu. Já registramos nos Livros anteriores, quanto nos foi possível, por que foi dito então, ou seja, devido à primeira criação das criaturas concluída nos seis dias, na qual foram terminadas e começadas causalmente todas as coisas ao mesmo tempo, para que, depois, as causas fossem levadas a seus efeitos. E se alguém pensa que isso pode ser melhor explicado, somente aconselhamos que tenha em conta diligentemente o que tivemos em conta para termos essa opinião; e se puder apresentar sobre isso uma sentença mais provável, não somente não nos vamos opor-lhe, mas vamos nos congratular com ele.

2. Se alguém está preocupado por que a Escritura não disse: “ Deus modelou então, da terra, todos os animais do campos e das águas, todas as aves do céu”², como se ambas espécies fossem modeladas da terra: Deus modelou então, da terra, todas as feras do campo e todas as aves do céu, procure perceber que se pode entender de dois modos: ou que agora fez silêncio sobre de onde havia modelado as aves do céu, porque a omissão poderia dar a entender que Deus não modelara da terra a ambos, mas somente as feras do campo; e assim, perante o silêncio da Escritura, interpretemos de onde modelou as aves do céu, visto que sabíamos que foram formadas das águas na primeira criação das razões causais. Ou que a terra foi assim denominada em geral junto com as águas, como foi denominada no salmo, onde, terminados os louvores dos seres celestiais, a palavra passou a ser dirigida à terra, e foi dito: Louvai o Senhor na terra, monstros marinhos e abismos todos etc.³, e não se disse depois: “Louvai o Senhor nas águas.” Com efeito, nas águas estão todos os abismos, os quais, contudo, louvam o Senhor na terra; nas águas estão também os répteis e os voláteis alados, os quais, do mesmo modo, louvam a Deus na terra. Conforme esta denominação geral da terra, que abrange o mundo inteiro, entende-se, com base na verdade, que Deus, que fez o céu e a terra, criou da terra todas as coisas que foram criadas, seja da terra firme, seja das águas.

CAPÍTULO II

As palavras de Deus: “Não é bom” etc.

3. Vejamos agora como se há de interpretar o que Deus disse: Não é bom que o homem esteja só. Façamos-lhe uma ajuda semelhante a ele⁴. Se o disse com vozes e sílabas pronunciadas no tempo, ou se fez referência à razão que estava no Verbo de Deus desde o princípio, e assim tenha sido criada a

mulher. Esta razão, tinha-a então em conta a Escritura, quando dizia: Deus disse: “Faça-se”⁵ isto ou aquilo, quando no princípio foram criadas todas as coisas. Ou, talvez, Deus o disse na mente do próprio homem, tal como ele fala a alguns de seus servos nos seus próprios servos? Desse grupo de seus servos era aquele que disse no salmo: Ouvirei o que o Senhor Deus falará em mim⁶. Ou mediante um Anjo se fez a revelação de algum modo ao homem no mesmo homem nas semelhanças de vozes corporais, ainda que a Escritura tenha calado se foi em sonhos ou em êxtase, pois assim costuma acontecer. Ou de algum outro modo, como foi a revelação feita aos profetas, da qual é uma mostra o que está escrito: E disse-me o anjo que falava em mim⁷. Ou aquela voz que se produziu por meio de uma criatura corporal, como a voz que veio da nuvem: Este é o meu Filho⁸. Não podemos saber com certeza com qual destes modos aconteceu; contudo, tenhamos por certo que Deus o disse, e se o disse mediante uma voz corporal ou proferida no tempo com uma semelhança corporal, não o disse pela sua substância, mas por meio de alguma criatura sujeita às suas ordens, como falamos no Livro anterior⁹.

4. Deus foi visto depois por santos homens, algumas vezes com cabelos brancos como a lã, outras vezes, com a parte interior do corpo com o aspecto do bronze¹⁰, outras vezes, de um modo ou de outro. Contudo, para aqueles que creem ou entendem com mente esclarecida que a substância da Trindade é eterna e inmutável e não se move quanto ao tempo e ao lugar, e move quanto ao tempo e ao lugar as criaturas, é certíssimo, digo eu, que essas visões não apresentaram a Deus na substância que é sua essência, mas por meio de criaturas a ele sujeitas. Por meio de formas e vozes corporais mostrou e disse o que quis. Portanto, não perguntemos mais como disse, mas, antes, procuremos entender o que disse. A própria Verdade eterna, pela qual tudo foi criado, determina em si mesmo a ajuda que deveria ser feita para o homem, e nessa verdade ouve aquele que nela pode conhecer a razão do que foi criado.

CAPÍTULO III

A mulher foi criada para a geração

5. Se surgir a pergunta: para que foi conveniente que fosse feita esta ajuda, em nada mais se deve pensar senão para procriar filhos, assim como a terra é ajuda para a semente e a fim de que de ambos possam nascer os rebentos, pois isto fora dito na primeira criação das coisas: Homem e mulher ele os criou. Deus o abençoou e lhes disse: “Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a”¹¹. Esta razão da criação e da união do homem e da mulher e a bênção não foram suprimidos depois do pecado e do castigo. Com efeito, esta é a causa pela qual a terra está agora cheia de homens que a dominam.

6. Embora se fale que eles se uniram e geraram tão-só depois de expulsos do paraíso, não vejo razão que possa proibir a crença de que ainda no paraíso houvesse núpcias honrosas e leito conjugal sem mancha¹². Assim, com a ajuda de Deus, dispensada a eles que viviam com fidelidade e na justiça e o serviam com obediência, poderiam gerar filhos de seu sêmen sem qualquer ardor da sensualidade, sem os trabalhos e as dores do parto. Os filhos não sucederiam aos pais que falecessem, mas, os que tivessem gerado, permaneceriam em algum estado com respeito à forma e receberiam o vigor corporal, alimentando-se da árvore da vida que fora plantada no paraíso. Estes e os que eles tivessem gerado chegariam ao mesmo estado até que se perfizesse um número determinado, se todos tivessem vivido na justiça e na obediência; então aconteceria aquela transformação de modo que os corpos animais, transformados em outra qualidade sem passarem pela morte, seriam mudados para corpos espirituais, porque serviriam incondicionalmente ao espírito que os governaria, e viveriam somente pelo espírito vivificante sem qualquer ajuda de alimentos corporais. Isso poderia acontecer, se a

transgressão do preceito não lhes merecesse o castigo da morte.

7. Os que não acreditam que isso poderia acontecer, somente têm em conta o costume da natureza que segue o processo atual depois do pecado e do castigo do homem. Não nos devemos colocar entre aqueles que não creem senão no que estão acostumados a ver. De fato, há quem duvide que podia ser oferecido ao homem que vive obediente e piedoso o que dissemos, se ele não duvida que foi concedido às vestes dos israelitas uma certa propriedade de não deterioração, de modo que não se envelheceram durante quarenta anos¹³?

CAPÍTULO IV

Razão do não casamento de Adão e Eva no paraíso

8. Por que Adão e Eva não copularam, senão depois de que saíram do paraíso? Pode-se responder imediatamente: porque, logo após a criação da mulher, antes de se unirem maritalmente, aconteceu a transgressão, por cujo mérito, destinados à morte, sairiam inclusive do lugar de sua felicidade. A Escritura não registrou expressamente o tempo que transcorreu entre os dois fatos e o nascimento de Caim. Pode-se dizer também que Deus ainda não determinara que se unissem. Com efeito, por que, para assunto tão importante, não se haveria de esperar a autorização divina, quando não ourgia nenhuma concupiscência, como um estímulo de carne desobediente? Além disso, Deus não o ordenara porque dispunha todas as coisas de acordo com sua presciência, pela qual, sem dúvida, sabia de antemão a queda futura, a partir da qual então se propagaria o gênero humano mortal.

CAPÍTULO V

Razão da criação da mulher: a procriação da espécie

9. Se a mulher não foi criada para o homem como auxiliar para gerar filhos, para que, então, foi criada? Se foi para trabalharem juntos a terra, ainda não havia trabalho que justificasse a necessidade de uma auxiliar; e se houvesse, melhor o faria um auxiliar do sexo masculino. Isso se pode dizer também a respeito da necessidade de conforto, se por acaso o homem se entediava com a solidão. Com efeito, quanto mais apropriado é para a convivência e a conversação a existência de dois amigos do que a de um homem e de uma mulher? E se era necessário que um mandasse e o outro obedecesse para viverem juntos, para que vontades contrárias não viessem perturbar a paz dos co-habitantes, não faltaria a ordem a ser observada, tendo em vista que um seria criado em primeiro lugar e o outro, depois; principalmente, se o posterior fosse criado do primeiro, tal como Eva foi criada. Ou alguém dirá que Deus, que fez a mulher de uma costela do homem, não poderia fazer também um homem, se quisesse? Portanto, não descubro para que a mulher foi feita para o homem como auxiliar, se se prescinde do motivo de dar à luz.

CAPÍTULO VI

A sucessão dos filhos, se Adão não tivesse pecado

10. Se era necessário que os pais se retirassem desta vida, deixando o lugar para seus filhos, de modo que todo o gênero humano se completasse com um determinado número de pessoas, mediante partidas e sucessões, os homens também poderiam ser transladados daqui para melhor, depois de gerar filhos e cumprida a justiça dos deveres humanos, não pela morte, mas mediante alguma transformação ou mediante aquela maior transformação pela qual os homens se tornarão como os anjos nos céus, após terem recebido de volta seus corpos¹⁴. Ou se não fosse conveniente que acontecesse essa mudança, a

não ser para todos no fim do mundo, seria mediante alguma transformação inferior com relação àquela, a qual, contudo, apresentaria uma situação melhor do que a que tem este corpo, ou aqueles corpos que foram criados no princípio, ou seja, do homem, do limo da terra e da mulher, da carne do homem.

11. E não se há de julgar que Elias já está como estarão os santos, quando, terminado o dia, receberão igualmente um denário¹⁵, ou como estão os homens que ainda não emigraram desta vida, da qual ele migrou, não pela morte, mas por uma transladação¹⁶. Ele já tem certamente uma situação melhor da que podia ter nesta vida, embora ainda não tenha a que terá no fim depois de ter vivido retamente esta vida na justiça. Previram para nós coisas melhores, para que sem nós não se completasse o número dos perfeitos¹⁷. Ou, se alguém pensa que Elias não podia merecer isso, se tivesse contraído matrimônio e tivesse procriado filhos (pois acredita-se que os não tenha tido, porque a Escritura não o disse, embora nada diga também a respeito de seu celibato), o que responderá sobre Enoc, o qual, após ter gerado filhos, agradando a Deus, não morreu, mas foi transladado?¹⁸. Portanto, por que também Adão e Eva, se tivessem procriado filhos castamente, vivendo na justiça, não poderiam deixar sucessores, seus filhos, não pela morte, mas por uma transladação? Com efeito, se Enoc e Elias, mortos em Adão, levando na carne a descendência da morte, como uma dívida a pagarem, voltarão a este mundo, conforme se crê, e morrerão¹⁹, o que ficou adiado por muito tempo, e agora estão em uma outra vida, na qual não vão perecer nem por doença nem por velhice antes da ressurreição dos mortos, antes que o corpo animal se transforme em espiritual, com quanto mais justiça e com mais probabilidade se concederia àqueles primeiros homens, vivendo sem qualquer pecado próprio ou dos pais, que passassem para algum estado melhor após terem gerado filhos, do qual estado, acabado o mundo, se mudassem com toda a descendência para a forma angélica, não pela morte, mas pelo poder de Deus?

CAPÍTULO VII

A causa de a mulher dar à luz — Origem da virgindade e do casamento — O tríplice bem do matrimônio

12. Não percebo outra razão pela qual a mulher foi criada para ser auxiliar do homem, se se elimina a finalidade da procriação, e esta não vejo por que se há de eliminar. De onde procede para a fiel e piedosa virgindade o grande mérito e merecedor de grande honra junto de Deus, senão porque nestes tempos os que se abstêm do comércio carnal são supridos pela enorme abundância de pessoas de todos os povos que completam o número de santos, e porque o desejo de sentir o prazer sórdido não reclama o que a necessidade de uma prole suficiente não exige? Finalmente, a fraqueza dos dois sexos, com tendência à ruína da pureza, é amparada devidamente pela honestidade do casamento, a fim de que o que pode ser obrigação para os sãos, seja remédio para os fracos. Não é porque a incontínência seja um mal que o casamento pelo qual se unem os incontinentes não é bom. Pelo contrário, este é bom não por causa daquele mal culpável, mas aquele mal é venial por causa deste bem; pois o casamento pelo bem, que implica e pelo que é bom, nunca pode ser pecado. Os bens do casamento são três: a fidelidade, a prole, o sacramento. Pela fidelidade, cuida-se de não haver comércio carnal com outra ou com outro fora do vínculo conjugal; pela prole, para ser recebida com amor, nutrida com solicitude e educada religiosamente; e pelo sacramento, para que não se desfaça a união, e o repudiado ou a repudiada não se case com outro ou com outra nem mesmo tendo em vista uma prole. Esta é como que a regra do casamento, pela qual se orna a fecundidade da natureza, ou se corrige a deformidade da incontínência. Pelo fato de termos dissertado bastante no livro que há pouco editamos sobre “O bem

do Matrimônio”, onde mostramos a diferença entre a continência da viuvez e a excelência da virgindade de acordo com dignidade de seus graus, não vamos ocupar nossa pena por mais tempo.

CAPÍTULO VIII

A fuga dos vícios conduz aos vícios contrários

13. Agora perguntamos: para que espécie de ajuda a mulher foi criada para o homem, se no paraíso não lhes era lícito se unirem para gerar filhos? Os que assim pensam julgam ser pecado toda união carnal. Com efeito, é difícil que essas pessoas, quando evitam perversamente os pecados, não venham a cair rapidamente em seus contrários. Assim, o que aborrece a avareza se torna pródigo, ou o que tem horror à luxúria torna-se avarento, ou se torna inquieto aquele cuja indolência repreendes, ou se torna indolente aquele cuja inquietude censuras, como o que é repreendido pela sua audácia foge para a timidez, ou o que se esforça para não ser tímido torna-se temerário, como se lhe tivessem rompido as cadeias. Quando se medem os crimes não pela razão, mas pela própria opinião, assim também, quando não sabem o que se deve condenar por direito divino no tocante aos adultérios e fornicções, detestam a união conjugal dos corpos mesmo com a finalidade de procriar.

CAPÍTULO IX

A procriação foi independente da existência do pecado

14. Os que não concordam com o que falei antes, mas julgam que a fecundidade da carne foi outorgada por Deus devido à sucessão da mortalidade, eles não pensam que os primeiros homens não podiam ter união carnal a não ser para terem sucessores pela geração devido ao pecado pelo qual haveriam de morrer. Não têm em conta que, se puderam com razão providenciar sucessores porque haviam de morrer, com muito mais razão poderiam providenciar companheiros porque haviam de viver. Com efeito, tendo-se enchido a terra com a espécie humana, não se procuraria ter descendência a não ser a que sucederia aos falecidos; mas para que a terra se enchesse por meio de dois seres humanos, como poderiam eles cumprir o dever de cidadãos a não ser pela geração? Ou alguém é tão cego da mente que não observe de quanta beleza são para as terras o gênero humano, mesmo que nelas vivam poucos com retidão e honradez: e quanto vale a ordem para o Estado que coarcta os criminosos para estabelecer o vínculo de paz terrena? Com efeito, os homens não são tão depravados que seus semelhantes não os coloquem acima dos animais e das aves; no entanto, quem não se compraz em contemplar esta parte ínfima do mundo embelezada pelas espécies de todos eles conforme seus lugares? Mas quem é de tal modo insensato a ponto de pensar que a terra poderia ficar menos embelezada se estivesse cheia de justos que não haveriam de morrer?

15. Porque é incontável a cidade celestial dos anjos, por isso com razão não se casam, a não ser que morressem. Sabendo de antemão que esta multidão perfeita se associaria na ressurreição dos santos aos santos anjos, o Senhor disse: *Na ressurreição, nem eles se casarão nem elas se darão em casamento, porque não mais morrerão, mas serão todos como os anjos do céu*²⁰. Mas aqui, como a terra deveria se encher de seres humanos e era necessário que se enchesse a partir de um casal, para encarecer o vínculo da unidade, e devido à necessidade de um parentesco mais estreito, por que outra razão, de acordo com esta, buscou-se uma auxiliar do sexo feminino a não ser para que a natureza da mulher, como a fecundidade da terra, ajudasse a semear o gênero humano?

CAPÍTULO X

16. Ainda que se acredite como uma opinião mais honesta e provável que o corpo animal daqueles homens colocados no paraíso, ainda não condenados pela lei da morte, era de tal modo que não sentiam o apetite do prazer carnal, como agora o sentem estes corpos que vieram da linhagem da morte, nada neles aconteceu depois de terem comido da árvore proibida, visto que Deus dissera: não “se comeres, morrerás”, mas: “No dia em que dele comeres, morrerás”²¹. Neste dia lhes aconteceu o que levou o Apóstolo a gemer, dizendo: Eu me comprazo na lei de Deus segundo o homem interior, mas percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão e que me acorrenta à lei do pecado que existe em meus membros. Infeliz de mim! Quem me libertará deste corpo de morte? A graça de Deus, por Jesus Cristo nosso Senhor²². Com efeito, não lhe era suficiente, se dissesse: “Quem me libertará deste corpo mortal”, mas diz: deste corpo de morte. Também, assim como disse: “O corpo está morto pelo pecado”²³, nem aí não disse: “mortal”, mas morto embora certamente também mortal porque haveria de morrer. Assim, não se há de crer que aqueles corpos, embora animais, ainda não espirituais, estivessem mortos, ou seja, que necessariamente morreriam. Isso aconteceu no dia em que tocaram a árvore contra a proibição.

17. Diz-se que nossos corpos gozam de uma certa saúde, de acordo com sua constituição. Entretanto, se esta constituição for perturbada de tal modo por uma doença mortal que esteja consumindo suas entranhas, e ao examiná-la os médicos, afirmam estar iminente a morte, considerar-se-á este corpo como mortal, mas num sentido diferente do que quando estava são, embora um dia houvesse de morrer. Assim, aqueles homens, certamente dotados de corpos animais, mas que não haveriam de morrer se não tivessem pecado, haveriam de receber a forma angélica e a condição celeste, tão logo que transgrediram o preceito, foi concebida a morte em seus membros como que por alguma doença mortal, e a transgressão mudou aquela condição pela qual dominavam de tal forma o corpo que não diriam: *Percebo outra lei em meus membros, que peleja contra a lei da minha razão*²⁴, pois, ainda que o corpo não era espiritual, mas animal, contudo, ainda não era desta morte, da qual e com a qual nascemos; não direi nascemos, mas fomos concebidos. O que mais, senão que contraímos uma certa enfermidade pela qual necessariamente haveríamos de morrer? Com efeito, não é tão necessário que morra de hidropisia ou disenteria ou elefantíase aquele que contraiu uma dessas enfermidades, quanto aquele que passou a ser dotado deste corpo, no qual todos os homens são por natureza filhos da ira²⁵, visto que isso foi causado pelo castigo do pecado.

18. Sendo assim, por que não havemos de crer que aqueles homens, antes do pecado, puderam mandar sobre seus órgãos genitais para procriar filhos, como mandam sobre os demais membros que a alma move em qualquer ação sem qualquer incômodo, mas com um quase prurido de prazer? Se o Criador onipotente e digno de ser louvado de modo inefável, que é grande mesmo nas menores de suas obras, outorgou às abelhas que realizassem a geração de filhos, como fazem a substância da cera e o líquido do mel, por que há de parecer incrível que tenha dado aos primeiros homens tais corpos que, se não tivessem pecado e contraído logo alguma doença, da qual morressem, ordenariam aos órgãos pelos quais nasce o feto, do mesmo modo como ordenam aos pés para que andem, de modo que não se inseminasse com ardor e se desse à luz sem dor? Mas agora, transgredindo o preceito, mereceram suportar nos membros de morte concebida o movimento daquela lei que é contrária à lei do espírito. Este movimento o casamento regula, a continência reprime e refreia, de modo que, assim como do pecado se fez o castigo, do castigo se faça o merecimento.

19. Quem duvidar que a mulher foi criada para o homem e do homem, com o sexo, a forma e a diferença de órgãos, pela quais se conhecem as mulheres, aquela que deu à luz a Caim e a Abel e a todos seus irmãos, dos quais nasceriam todos os homens, entre os quais deu também à luz a Set, pelo qual se chegou a Abraão²⁶ e ao povo de Israel e a toda a sua descendência já conhecidíssima de todos os povos, e pelos filhos de Noé se chegou a todas as nações, quem duvidar, repito, obriga a que se duvide de tudo em que cremos e essa dúvida deve ser repelida para longe das mentes dos fiéis. Portanto, quando se pergunta para que ajuda o sexo feminino que foi criado para o homem, considerando todas as coisas com muita atenção, não me ocorre a não ser a finalidade da prole, para que se enchesse a terra mediante a descendência deles. Mas descendência procriada não com o mesmo processo com que agora os homens são procriados, visto que a lei contrária à lei do espírito está inserida nos membros, embora se possa superá-la mediante a virtude pela graça de Deus, pois se há de crer que isso não pôde acontecer senão no corpo desta morte, corpo que morreu devido ao pecado. E o que há mais justo do que este castigo pelo qual o corpo, ou seja, o servo da alma, não a serve conforme seu desejo, assim como ela recusou servir a seu Senhor? Que Deus crie a ambos os pais, ou o corpo do corpo, ou a alma da alma, ou crie de outro modo, não cria certamente para uma obra impossível nem digna de pequena recompensa, de modo que, quando a alma, submetida pela piedade a Deus, vencer esta lei do pecado que está nos membros do corpo desta morte, que o primeiro homem recebeu em castigo, receberá o prêmio celeste com a maior glória, mostrando quão grande é a recompensa da obediência, ela que conseguiu vencer pela virtude o castigo imposto à desobediência alheia.

CAPÍTULO XII

A imposição de nomes aos animais e sua figura

20. Porque, conforme penso, investigou-se suficientemente para que ajuda a mulher foi feita para o homem, vejamos agora por que aconteceu o fato de todos os animais e aves do céu serem levados a Adão para lhes dar nomes. Assim nasceria como que uma necessidade de criar-lhe a mulher, de uma de suas costelas, visto que entre os outros animais não foi encontrada uma auxiliar semelhante a ele. Parece-me que aconteceu devido a algum significado profético, no entanto, aconteceu, de modo que, confirmado o fato, fique livre a interpretação da figura. Com efeito, por que Adão impôs nomes às aves e aos animais terrestres, e não impôs aos peixes e aos outros nadadores? Consultando as línguas humanas, vemos que todos eles são denominados conforme os nomes que os homens lhes impuseram. Não somente os que estão nas águas e nas terras, mas também a própria terra e a água e o que se vê no céu e o que não se vê, mas se acredita que exista, são denominados com diversos nomes de acordo com a diversidade de línguas dos povos. Aprendemos que existiu no princípio uma só língua, antes que a soberba daquela torre erguida depois do dilúvio dividisse a sociedade humana em diversos sons de sinais²⁷. Qual fosse aquela língua, o que importa investigar? Com ela, certamente, Adão falava e, na tal língua, se ainda existe, há vozes articuladas, com as quais o primeiro homem deu nomes aos animais terrestres e às aves. Acaso é preciso crer de algum modo que na mesma língua foram dados nomes às espécies de peixes, não criados pelo homem, mas por Deus, os quais o homem depois aprenderia ensinando-lhe Deus? O que, se assim aconteceu, por que assim aconteceu, sem dúvida implicaria um significado místico. Mas, há de se crer que os nomes foram dados pouco a pouco, após serem conhecidas as espécies de peixes. Então, quando as feras, os animais e as aves foram levados ao homem para lhes dar nomes, estando eles reunidos e diferenciados por espécies, a eles poderia dar

nomes pouco a pouco, e muito mais depressa que aos peixes, se isso não tivesse sido feito. Qual foi a causa senão a razão de significar algo que tivesse valor para o preanúncio de coisas futuras? Parece que a ordem da narrativa favorece e muito esta opinião.

21. Por acaso Deus ignorava que não havia criado entre as naturezas dos animais algo que não pudesse ser semelhante ao homem para ser seu auxiliar? Ou era preciso que o próprio homem o soubesse e tivesse mais estima pela sua esposa, pelo fato de nada se ter encontrado semelhante a ela em toda a carne criada sob o céu e vivendo como ele deste ar? É de se admirar que não poderia sabê-lo, a não ser tendo sido levados a ele os animais e aves e por ele examinados. Se acreditava em Deus, poderia lhe dizer isso do mesmo modo como também lhe deu o preceito, como o interrogou e julgou depois do pecado. Mas se não acreditava em Deus, sem dúvida não poderia saber se aquele, no qual não acreditava, levou à sua presença todos os animais ou, talvez, escondeu em alguma parte da terra mais distante dele alguns que lhe eram semelhantes, e estes não lhe mostrara. Assim, não julgo que se há de duvidar que isso aconteceu em ordem a um significado profético, mas aconteceu de fato.

22. Nesta dissertação não assumimos o trabalho de investigar o sentido profético dos fatos, mas encarecer a fé nos fatos de acordo com a história, e, assim, o que pode parecer impossível aos frívolos e aos incrédulos, eu o demonstrarei dissertando que não é impossível nem contrário à autoridade da sagrada Escritura, de acordo com a minha possibilidade e conforme Deus ajudar. E o que aparece como possível e não apresenta qualquer espécie de discrepância, mas pode parecer a alguns supérfluo ou também imprudente, eu demonstrarei, dissertando, que não aconteceu pela ordem natural ou costumeira de fatos, para que, preferida pelos nossos corações a autoridade extremamente fiel das sagradas Escrituras, acredite-se num sentido místico, porque estultícia não pode ser, ainda que tenhamos apresentado em outra parte sua explicação ou investigação, ou a adiemos para uma outra ocasião.

CAPÍTULO XIII

Explicação alegórica da criação da mulher

23. O que quer dizer o fato de a mulher ser criada de uma costela do homem? Permita-nos que acreditemos que isso foi conveniente para encarecer a força daquela união. Por acaso a razão ou a necessidade exigia que assim se fizesse a um que dormia, de sorte que, sendo-lhe retirado um osso, seu lugar se completasse com carne? Por acaso não foi possível retirar uma carne para dela se formar a mulher de um modo mais de acordo com seu sexo inferior? Ou, depois de ter acrescentado tantas coisas, Deus não pôde elaborar uma costela para a mulher, e não pôde fazer carne ou músculo aquele que criou o homem do pó? Ou, se haveria de tirar uma costela, por que não repôs outra no lugar daquela? Por que, também, não foi dito: “Modelou ou fez”, como nas demais obras, mas foi dito: “O Senhor edificou em mulher a costela” não como um corpo humano, mas como se fosse uma casa?²⁸ Não se pode duvidar certamente que isso aconteceu e não pode deixar de ter um sentido: aconteceu para significar algo para utilidade do mundo futuro, anunciando-o Deus presciente, por sua misericórdia, nas suas obras desde os primórdios do gênero humano, a fim de ser revelado e escrito a seus servos, no tempo determinado, ou pela sucessão dos homens ou por seu Espírito ou por intermédio dos anjos, e dar testemunho das promessas de realidades futuras e serem identificadas. Isto aparecerá uma e outra vez na sequência.

CAPÍTULO XIV

O modo como os animais foram levados a Adão

24. De acordo com a tarefa que assumimos, vejamos como podem ser interpretadas, não como figuras de coisas futuras, mas de acordo com o significado não alegórico dos fatos, com o significado próprio, estas palavras: Deus modelou então, da terra, todas as feras do campo e todas as aves do céu²⁹. Sobre isso já dissertamos o que nos pareceu e quanto nos pareceu. E as conduziu a Adão para ver como ele as chamaria³⁰. Sobre como Deus as conduziu a Adão, deve ajudar na explicação o que falamos no Livro anterior sobre a ação dupla da divina Providência³¹. Com efeito, não se há de crer que aconteceu como aos caçadores e aos pescadores, os quais seguem a pista ou espreitam junto às redes todos os animais que apanham; ou se fez uma voz imperativa, que partia de uma nuvem, com palavras semelhantes às que as almas racionais costumam entender e obedecer ao serem ouvidas. Os animais não dispõem dessa faculdade de modo a poderem entender e obedecer; contudo, obedecem a Deus em sua espécie, não pelo arbítrio racional da vontade, mas como ele as move nos tempos oportunos, não se movendo ele quanto ao tempo, por meio do ministério dos anjos, os quais percebem na sua palavra o que deve ser feito em determinado tempo; e, movendo-se ele não quanto ao tempo, todas as coisas são movidas quanto ao tempo para cumprirem suas ordens naqueles seres que lhe estão sujeitos.

25. Toda alma viva, não somente a racional, como a dos homens, mas também a irracional, como a dos animais, das aves e dos peixes, move-se pela visão. Mas, a alma racional, pelo arbítrio da vontade, aceita ou não aceita o que vê. A irracional não tem este discernimento; de acordo com sua espécie e sua natureza é impelida uma vez tocada por alguma visão. Não está no poder de nenhuma alma o que lhe vem pela visão, tanto para os sentidos do corpo, como para seu interior, no espírito; por essas visões se move o apetite de qualquer ser animado. E assim, como estas visões são apresentadas do alto pela obediência dos anjos, a ordem de Deus chega não somente aos homens, não somente às aves e aos animais, mas também aos que se ocultam sob as águas, tal como aconteceu ao peixe que engoliu Jonas³²; não somente a estes maiores, mas também aos pequenos vermes; pois lemos que a um verme chegou a ordem divina para roer a raiz da mamoneira, sob cuja sombra o Profeta descansava³³. Com efeito, Deus de tal modo criou o homem que, mesmo levando a carne do pecado, concedeu-lhe o poder de capturar e amansar não somente os animais do campo e de carga, sujeitos a seu serviço, não somente as aves domésticas, mas também as que voam livremente, e também os animais ferozes, assim como impôs-lhes de modo admirável a força da razão, não do corpo, de modo que, usando com habilidade de seus apetites e dores, pouco a pouco dominando-os ou afagando-os ou pressionando-os ou deixando de lado à vontade, despoja-os de seus hábitos selvagens e os reveste como que de hábitos humanos. Quanto mais os anjos, os quais, contemplando a incomutável verdade divina, que eternamente veem, movendo-se quanto ao tempo e movendo os corpos quanto ao tempo e lugar, poderão, por ordem divina, com admirável agilidade, apresentar à alma viva visões pelas quais ela seja movida e assim mover o apetite da necessidade da carne, de modo a conduzi-la, sem que ela o saiba, aonde é preciso ir?

CAPÍTULO XV

A formação da mulher foi feita apenas por Deus

26. Vejamos agora a formação da mulher, formação que foi denominada também “edificação” no sentido místico. A natureza da mulher foi criada, embora o tenha sido da natureza do homem que já existia, não por algum movimento de naturezas já existentes. Os anjos não têm poder de criar uma natureza; apenas Deus, ou seja, a Trindade Pai e Filho e Espírito Santo, é o criador de qualquer natureza, seja grande ou pequena. A pergunta é em outro sentido, ou seja, como Adão adormeceu e lhe

foi tirada uma costela de sua estrutura corporal sem qualquer sensação de dor. Talvez se diga que isso pôde ser feito por meio dos anjos; mas dar forma ou edificar a costela, para se tornar mulher, não o pôde senão Deus, pelo qual toda natureza tem existência. Assim, eu não acreditaria que foi feito pelos anjos nem o complemento de carne no corpo do homem que ocupou o lugar da costela, assim como nem o próprio homem criado do pó da terra. Não porque seja ineficaz o trabalho dos anjos na criação de alguma coisa, mas não são criadores, pois não dizemos que os agricultores sejam criadores das lavouras e das árvores. Com efeito, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus que dá o crescimento³⁴. Relaciona-se também com esse crescimento no corpo humano o retirar-se um osso e seu lugar ser preenchido por carne, ou seja, com a obra de Deus, que substitui as naturezas para que existam, e que também criou os anjos.

27. A obra do agricultor consiste em levar a água para o regadio. Não é obra dele, porém, fazer correr a água pelos declives, mas daquele que tudo dispôs com medida, número e peso. É também trabalho do agricultor retirar da árvore o rebento e transferi-lo para a terra; mas não é obra dele que o rebento absorva a seiva e o germe brote, para fixar uma parte no solo, pelo qual firme a raiz e leve a outra para a atmosfera, pela qual alimenta o tronco, e se difunda para os ramos, mas daquele que dá o crescimento. O médico ministra alimento ao corpo enfermo e remédio ao corpo contundido; primeiramente, não de coisas que ele criou, mas que encontrou já criadas pela ação do Criador; depois, é possível preparar e servir o alimento e o remédio, fazer o emplasto e aplicá-lo; acaso pode criar forças ou carne com o material que aplicou? A natureza o realiza pelo movimento interior que nos é totalmente oculto. Mas, se Deus lhe retira essa ação interior, pela qual substitui e faz a natureza, perderá seu efeito, ficando como que destruída.

28. Por isso, como Deus administra toda criatura tanto nos movimentos naturais como nos voluntários com sua ação dupla, da qual falamos no Livro anterior³⁵, nenhum anjo pode criar uma criatura, nem ela a si mesma. Mas, a vontade angélica, submetida a Deus pela obediência, pode, em ação semelhante à do agricultor ou do médico, por ordem divina, fornecer como que a matéria para os movimentos naturais de coisas a ela submetidas, ou criar algo no tempo de acordo com as razões criadas causalmente nas primeiras obras dos seis dias. Quem ousará afirmar qual foi a cooperação que os anjos prestaram a Deus na formação da mulher? Com toda certeza diria que o complemento de carne no lugar da costela, o corpo e a alma da mulher e a conformação dos membros, todas as vísceras, todos os sentidos e tudo o mais que havia naquela criatura, fosse homem ou mulher, é totalmente obra de Deus, a qual Deus realizou não por meio dos anjos, mas por si mesmo, e não abandonou. De tal modo continua a trabalhar a natureza de quaisquer outras coisas que mesmo a dos próprios anjos não poderá subsistir, se ele não trabalhar.

CAPÍTULO XVI

A inteligência humana, na sua lentidão, não compreende as obras de Deus

29. Pela experiência que podemos ter da natureza das coisas de acordo com a capacidade humana, não sabemos como nasce a carne animada e sensitiva, a não ser que ela procede destes elementos como que materiais, ou seja, da água e da terra, ou das plantas ou dos frutos das árvores, ou também da carne dos animais, como as inumeráveis espécies de vermes ou de répteis, ou certamente da união carnal dos pais. Não sabemos de carne que tenha nascido da carne de qualquer ser animado, a qual lhe seria tão semelhante que somente se diferenciaria pelo sexo. Por isso, procuramos nas coisas realizadas desta criação a semelhança pela qual a mulher foi feita de uma costela do homem, e não pudemos encontrar. Procuramos, não por outra razão, senão porque sabemos como os homens agem

nesta terra, mas certamente não sabemos como os anjos cultivam este mundo. Com efeito, se, prescindindo do trabalho humano, a espécie das árvores seguisse os cursos da natureza, não saberíamos outra coisa senão que as árvores e as ervas nascem da terra e de suas sementes que caem na terra. Acaso saberíamos o que vale a enxertia, de modo que uma árvore nasça de outra espécie com raiz própria, possua frutos de outra e, estabelecendo a unidade, esses frutos sejam seus? Aprendemos isso pelo trabalho dos agricultores, não sendo eles de forma alguma os criadores, mas as naturezas; eles contribuem com sua função e seu serviço a Deus que cria o curso da natureza. De maneira alguma existiria alguma natureza pelo seu trabalho, se a razão íntima da natureza não tivesse isso na obra de Deus. Por que nos admirarmos de não entendermos que foi criado um ser humano do osso de um ser humano, se ignoramos como os anjos servem a Deus criador, nós que não poderíamos entender uma árvore feita do rebento de uma árvore enxertado no tronco da outra, se também não soubéssemos como os agricultores servem a Deus que cria estas realidades?

30. De forma alguma, no entanto, duvidamos que somente Deus é o criador dos homens e das árvores, e cremos com toda a fé que a mulher foi feita do homem, sem qualquer união carnal, mesmo que, talvez, a costela do homem fosse extraída por meio dos anjos na obra de Deus. Também cremos com toda a fé que o homem foi feito da mulher, sem o concurso da união carnal, quando o germe de Abraão foi colocado pelos anjos na mão de um mediador³⁶. Ambas as coisas são incríveis para os infiéis, mas para os fiéis, por que parece digno de fé, no sentido próprio, o que se fez de Cristo e somente se acredita, no sentido figurado, o que está escrito sobre Eva? Acaso foi possível que se fizesse de uma mulher um homem sem a união carnal, e não foi possível que do homem fosse feita a mulher? Ou o ventre virginal dispunha de recursos para se fazer o homem, mas a costela viril não dispunha deles para fazer a mulher, e, no entanto, no primeiro caso, o Senhor nasceu de uma serva e, no segundo caso, formar-se-ia de um servo uma serva? O Senhor podia também criar sua carne de uma costela ou de algum membro da Virgem; mas aquele que poderia mostrar no seu corpo que se fez novamente o que foi feito primeiramente, mostrou com mais vantagem no corpo da mãe que ele não pode envergonhar-se de nada que seja casto.

CAPÍTULO XVII

A formação da mulher e a razão causal da criação do homem, e a criação do homem no sexto dia

31. Se alguém perguntar como interpretar a criação causal, na qual Deus fez o primeiro homem à sua imagem e semelhança (pois nessa ocasião foi dito: Homem e mulher ele os criou³⁷), se aquela razão, que Deus criou e desenvolveu nas primeiras obras do mundo, ele a tinha consigo, de modo que segundo ela, era necessário que a mulher fosse feita de uma costela do homem, ou somente a tinha em si de modo que poderia ser feita, mas de tal modo que necessariamente seria feita. Dessa maneira não estava então criada, mas oculta em Deus. Se alguém me perguntar isso, direi o que me parece, que se deva afirmar sem leviandade, mas se eu disser, os que já estão imbuídos da fé cristã, considerando com prudência o assunto, julgarão que não se deve duvidar, mesmo que estejam tendo conhecimento disso pela primeira vez.

32. Este curso normalíssimo de toda a natureza tem algumas leis naturais próprias, segundo as quais o espírito de vida, que é uma criatura, tem algumas inclinações próprias de certo modo determinadas, as quais a vontade má não pode ultrapassar. E os elementos deste mundo corpóreo têm um poder definido e uma qualidade que determinam o que cada um deles pode ou não pode, o que se pode ou não se pode fazer de cada um. Tudo o que é gerado a partir destes primórdios das coisas, recebe, cada

um no seu tempo, o nascimento e o desenvolvimento, a finalidade e a cessação da existência de cada espécie. Eis a razão por que do grão de trigo não nasce a fava, ou das favas, o trigo, ou do animal, o homem, ou do homem, o animal. Mas, sobre este movimento e curso natural das coisas, o poder do Criador tem em si o poder de fazer de todas estas coisas outras distintas, uma vez que tem as suas razões seminais. Não, porém, o que nelas não colocou para que delas ou por ele se pudesse fazer. Ele não é onipotente por um poder temerário, mas pelo da sabedoria, e faz de cada coisa no seu devido tempo o que fez antes nela para que pudesse ser feita. Portanto, um é o modo das coisas pelo qual esta erva possa germinar, e aquela, de outro; uma idade é capaz de gerar, uma outra, não; o homem tem a capacidade de falar, o animal não a tem. As razões destes modos e de outros semelhantes estão não somente em Deus, mas foram por ele neles inseridas quando foram criados. Para que uma árvore arrancada da terra, seca, descascada, sem raiz, sem terra e sem água, floresça de repente e produza frutos³⁸, para que uma mulher estéril durante a idade adulta dê à luz na velhice³⁹, para que uma jumenta fale⁴⁰, e se alguma outra coisa semelhante existe, ele deu certamente às naturezas que criou a possibilidade disso acontecer (pois ele não faria delas o que ele prefixou que não se faria, porque não é mais poderoso que ele mesmo). Contudo, isso concedeu de um outro modo, e assim não o teriam pelo movimento natural, mas por aquele pelo qual essas coisas de tal modo foram criadas que suas naturezas se submetessem a uma vontade muito mais poderosa.

CAPÍTULO XVIII

A razão da formação da mulher preexistia como conveniente a um mistério

33. Deus mantém em si ocultas as causas de certas obras, as quais não inseriu nas coisas criadas, e as leva a efeito não com a obra da providência pela qual constitui as naturezas para que existam, mas por aquela pela qual as administra como quer, pois ele as criou como quis. Entre elas está também a graça pela qual se salvam os pecadores. No tocante à natureza depravada por sua iníqua vontade, esta não tem recursos por si mesma, mas pela graça de Deus, pela qual é ajudada e restaurada. E os homens não devem perder a esperança em razão daquela sentença, na qual está escrito: Os que ali entram não retornam⁴¹. Isso foi dito tendo em conta o peso de sua iniquidade, para que aquele que retorna, porque retorna, não atribua a si, como devido às obras, mas à graça de Deus, para que não se ensoberbeça⁴².

34. Por isso, o Apóstolo disse que o mistério desta graça está escondido, não no mundo, no qual estão escondidas as razões causais de todas as coisas que hão de nascer de modo natural, tal como Levi estivera escondido nos rins de Abraão quando foi submetido ao dízimo⁴³, mas em Deus que criou todas as coisas. Por isso, todas as coisas que foram feitas para simbolizar a graça, não o foram por seu movimento natural, mas de modo maravilhoso. Suas causas estavam também escondidas em Deus. Talvez um desses mistérios era o fato de a mulher ser feita da costela do homem, estando este dormindo, de tal modo que se tornou mais firme, fortalecida pelo osso do homem, e ele se tornou mais fraco por causa dela, porque no lugar da costela não foi reposta uma costela, mas carne. Isso não teve lugar na primeira criação das coisas, uma vez que foi dito no sexto dia: Homem e mulher ele os fez⁴⁴, de modo que assim fosse feita a mulher. Somente teve lugar para que assim se pudesse fazer e, para que não se fizesse algo pela vontade mutável contra as causas que ele estabeleceu por sua vontade. Mas, o que seria feito, de modo que não fosse totalmente outra coisa, estava escondido em Deus que criou todas as coisas.

35. Porque o Apóstolo disse que a multiforme sabedoria de Deus estava escondida para ser dada em conhecimento aos principados e às potestades nas regiões celestes, por meio da Igreja⁴⁵, acredita-se

com probabilidade que, assim como a descendência prometida a Abraão foi disposta por meio dos anjos nas mãos de um mediador⁴⁶, assim todas as coisas, que foram criadas de modo admirável fora do curso normal da natureza para dizer ou anunciar na natureza das coisas a vinda da mesma descendência, foram feitas pelo serviço dos anjos, de modo que em todas as partes não haja um criador e restaurador das criaturas, a não ser aquele único que dá o crescimento, seja quem for o que plante ou regue⁴⁷.

CAPÍTULO XIX

O torpor de Adão

36. E por isso, o torpor que Deus infundiu em Adão para que o sono o fizesse dormir, interpreta-se retamente que foi infundido para que sua mente, pelo torpor, se tornasse participante do coro angélico e, entrando no santuário de Deus, entendesse as últimas coisas da criação⁴⁸. No fim, despertando cheio de espírito profético, ao ser-lhe apresentada sua costela e ao ver sua mulher, desatou a falar o que o Apóstolo cita como grande sacramento: Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne! Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem! Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe se unirá à sua mulher, e eles serão dois em uma só carne⁴⁹.

A própria Escritura atesta que estas palavras foram proferidas pelo primeiro homem; contudo, o Senhor declarou que foram ditas por Deus, pois diz: Não leste que o que fez desde o princípio, os fez homem e mulher? e que disse: “Por isso o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne?”⁵⁰; assim foi dito para que por elas entendêssemos que, por causa do torpor que Deus fez Adão sentir antes, ele pôde proferi-las por inspiração divina como um profeta. Já me apraz pôr fim a este Livro, a fim de que, o que vem em seguida renove a atenção dos leitores com um novo começo.

¹ Gn 2,18-24.

² Gn 2,19.

³ Sl 148,7.

⁴ Gn 2,18.

⁵ Gn 1,3.

⁶ Sl 85,9.

⁷ Zc 2,3.

⁸ Lc 9,35.

⁹ Cap. 27.

¹⁰ Cf. Ap 1,14.15.

¹¹ Gn 1,27.28.

¹² Cf. Hb 13,4.

¹³ Dt 29,4.

¹⁴ Cf. Mt 22,30.

¹⁵ Cf. Mt 20,10.

¹⁶ Cf. 2Rs 2,11.

¹⁷ Cf. Hb 11,40.

¹⁸ Cf. Gn 5,24.

¹⁹ Ap 11,3-7.

[20](#) Mt 22,30.

[21](#) Gn 2,17.

[22](#) Rm 7,22-24.

[23](#) Rm 8,10.

[24](#) Cf. Rm 7,23.

[25](#) Cf. Ef 2,3.

[26](#) Gn 4,25.

[27](#) Cf. Gn 11,1-8.

[28](#) Gn 2,21.

[29](#) Gn 2,19.

[30](#) Gn 2,19.

[31](#) Cf. VIII 9,19-26.

[32](#) Cf. Jn 2,1.

[33](#) Cf. Jn 4,6.7.

[34](#) Cf. 1Cor 3,7.

[35](#) Cf. VIII 9,19-26.

[36](#) Cf. Gl 3,19.

[37](#) Gn 1,27.

[38](#) Cf. Nm 17,8.

[39](#) Cf. Gn 18,1 e 21,2.

[40](#) Cf. Nm 22,28.

[41](#) Pr 2,19.

[42](#) Cf. Ef 2,9.

[43](#) Cf. Hb 7,9.10.

[44](#) Gn 1,27.

[45](#) Cf. Ef 3,9-10.

[46](#) Cf. Ga 3,19.

[47](#) Cf. 1Cor 3,7.

[48](#) Cf. Sl 73,17.

[49](#) Gn 2,23-24.

[50](#) Mt 19,4.

Opinião de alguns: a alma da mulher foi criada da alma do homem

1. A ordem dos assuntos está a exigir que discorramos sobre o pecado do primeiro homem. Mas, como a Escritura apresentou a narrativa sobre como foi feita a carne da mulher, mas nada falou sobre a alma, provocou intensamente nossa atenção para investigarmos com mais diligência a esse respeito e ver como podem ou não podem ser refutados aqueles que acreditam que a alma da mulher procede da alma do homem, tal como a carne procede da carne, transmitindo-se de pais para filhos as sementes de ambas as coisas. Por esta opinião, são levados a dizer primeiramente que Deus criou uma só alma, insuflando no rosto do homem que ele modelara do pó, para que dela fossem criadas as demais almas dos homens, assim como da carne do primeiro homem também procede toda carne dos homens. Defendem-se dizendo que Adão foi criado em primeiro lugar, e em seguida, Eva, e foi dito claramente como lhe foi feito o corpo e também a alma, ou seja, o corpo, do pó da terra, e alma insuflada por Deus; e ao dizer que a mulher foi feita de uma costela do homem, não se diz que Deus a tenha animado também insuflando, como se o corpo e a alma tivessem procedido dele, que já tinha recebido a alma. Ou foi preciso que se fizesse silêncio, dizem eles, também da alma do homem, a fim de que, como pudéssemos, entendêssemos ou crêssemos com certeza que ela foi dada por Deus. Ou se, por isso, a Escritura não o calou, para que não pensássemos que também a alma foi feita de terra, tal como a carne do homem, e não deveu calar também sobre a alma da mulher, para evitar que se pensasse que lhe veio por derivação, se isso não é verdade. Por isso, dizem eles, a Escritura calou que Deus a insuflou em seu rosto porque é verdade que também a alma procedeu do homem.

2. Pode-se responder facilmente a esta hipótese. Com efeito, se pensam que a alma da mulher foi feita da alma do homem, porque não está escrito que Deus a tenha insuflado no rosto da mulher, por que acreditam que a mulher recebeu do homem a alma, se isso também não está escrito? Portanto, se Deus cria todas as almas dos homens que nascem, como criou a primeira, a Escritura fez silêncio sobre elas porque se poderia entender que o mencionado como feito em uma, se entendesse também e com razão com respeito às demais. Assim, se foi conveniente que fôssemos advertidos sobre algo neste assunto, com mais razão o seríamos se na mulher se fazia alguma outra coisa que não fora feita no homem, de modo que sua alma procedesse da carne já com alma, não como o corpo de seu marido que foi criado de um modo, e a alma, de outro. Pelo contrário, a Escritura deve ter calado sobre isso que se fazia de outro modo, para não pensarmos que foi feito do mesmo modo que aprendêramos a respeito do homem. Por isso, porque não disse que a alma da mulher foi feita da alma do homem, é mais conveniente acreditar-se que ela nos quis advertir que não pensássemos aqui nada diferente do que sabíamos sobre a alma do homem, ou seja, foi dada do mesmo modo à mulher, visto que seria principalmente uma ocasião deveras propícia para que, se então não se dissesse quando foi formada a mulher, certamente o diria depois, quando Adão afirma: *Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne*¹. Com quanto mais carinho e amor diria: “E alma de minha alma!”? Contudo, pelo que dissemos não se pode considerar resolvida tão importante questão, e assim consideramos uma das opiniões como clara e certa.

A investigação sobre a alma nos Livros anteriores

3. É preciso ver primeiramente se a sagrada Escritura deste livro, comentado desde o princípio, permite-nos ter dúvidas a partir deste momento. Talvez poderemos com razão investigar qual seja a opinião a escolher ou que atitude devemos adotar em assunto tão incerto. É certo que Deus fez o homem no sexto dia à sua imagem, quando foi dito: Homem e mulher ele os fez². Pela primeira sentença, na qual se faz menção da imagem de Deus, interpretamos a criação quanto à alma; na outra que mostrou a diferença de sexo, interpretemos a criação quanto ao corpo. E porque tantos e tão adequados testemunhos, que foram considerados e comentados, não nos permitiam concluir que no mesmo sexto dia o homem foi formado do limo e a mulher, de uma costela dele, mas que isso aconteceu depois das primeiras obras de Deus, nas quais criou todas as coisas ao mesmo tempo, perguntamos o que deveríamos crer sobre a alma do homem e, discutidos os pontos de vista de nossa dissertação, pareceu que se devia dizer como mais provável e mais tolerável que a alma do homem foi criada entre aquelas obras, mas a de seu corpo, no mundo corpóreo, somente como uma razão em semente. Assim não seríamos obrigados a nos pronunciar contra as palavras da Escritura dizendo que tudo foi feito no sexto dia, ou seja, o homem, do limo, e a mulher, de uma costela do homem, ou que o homem não foi de forma alguma feito naqueles primeiros seis dias, ou que foi feita somente a razão causal do corpo humano, mas não a razão da alma, visto que, quanto à alma, o homem foi criado à imagem de Deus. Ou ainda, embora não sendo contrários claramente às palavras da Escritura, diríamos, de modo violento e intolerável, que ou a razão da alma humana foi criada na criatura espiritual, que somente para isso foi criada, e a criatura, na qual se dizia que a alma foi criada, não estava mencionada entre as obras de Deus; ou que a razão da alma foi criada em alguma criatura que era mencionada entre aquelas obras, tal como acontece nos homens, que já existem, nos quais está oculta a razão dos filhos que serão gerados. Desse modo a consideraríamos ou como filha de anjos ou, o que é mais intolerável, filha de algum elemento corpóreo.

CAPÍTULO III

Os três modos de origem das almas

4. Por isso, afirma-se agora que a alma foi feita por Deus, não como a do homem, mas de modo semelhante à dele, porque Deus fez cada alma para cada um, e que a alma da mulher não foi feita entre aquelas primeiras obras de Deus. Ou, se a razão geral de todas as almas foi feita, como nos homens a razão de gerar, volta-se ao que é violento e intolerável que nos leva a dizer que as almas dos homens são filhas ou dos anjos ou, o que é sumamente indigno, do céu corpóreo ou de algum elemento inferior. Por isso, é preciso ver, embora esteja oculto o que é verdadeiro, o que se pode dizer pelo menos mais toleravelmente: ou do modo como eu disse, ou que entre as primeiras obras de Deus foi feita a única alma do primeiro homem, de cuja geração seriam feitas todas as almas dos homens; ou que novas almas são feitas sucessivamente, às quais nenhuma razão criada precedeu entre as primeiras obras de Deus nos seis dias. Das três alternativas, as duas primeiras não são incompatíveis com as primeiras criações, quando todas as coisas foram criadas ao mesmo tempo. Pois, ou a razão da alma tinha sido feita em alguma criatura, como numa mãe, de modo que todas as almas são geradas por ela, mas seriam criadas por Deus quando são transmitidas a cada um dos homens, tal como os corpos são transmitidos pelos pais; ou a razão da alma não é como a razão da prole no pai, mas a própria alma foi feita quando foi feito o dia, tal como o próprio dia, tal como o céu e a terra e os luzeiros do céu. De acordo com isso foi dito: Deus fez o homem à sua imagem³.

5. A terceira opinião não pode tão facilmente deixar de parecer que não se opõe à sentença pela qual se entende que o homem foi feito à imagem de Deus também no sexto dia e, depois do sétimo dia, foi

criado de modo visível. Se dissermos que novas almas são feitas, mas não elas mesmas, nem a razão delas como está a prole no pai, naquele sexto dia com as obras das quais, uma vez concluídas e começadas, Deus descansou no sétimo dia, se isso dissermos é preciso ter cuidado para não se considerar que a Escritura frisaria em vão que Deus em seis dias concluiu todas as suas obras que fez muito boas, se haveria de criar algumas naturezas, as quais, nem elas nem suas razões, ele as criou causalmente. A não ser que se entenda que ele tivesse em si a razão das almas a serem criadas para serem infundidas nos que nascem e que não as criou em alguma criatura. Porque a alma não é uma criatura de outra espécie, diferente daquela segundo a qual o homem foi feito no sexto dia à imagem de Deus, não se pode dizer retamente que Deus faz agora a alma que então não concluiu. Com efeito, já então fizera a alma que agora fez; e, portanto, não faz agora qualquer nova espécie de criatura que não fez então entre as obras concluídas. E esta sua ação não contraria aquelas razões causais das coisas futuras que inseriu no universo, pelo contrário, está de acordo com elas, pois convém que tais almas, quais agora faz e infunde, sejam infundidas nos corpos humanos, com os quais a partir daquelas primeiras obras, continua a propagação por uma ininterrupta sucessão.

6. Por isso, não mais temendo que pareça estarmos opinando contra as palavras deste livro que foram escritas sobre a primeira criação dos seis dias, vamos assumir com diligência o tratado desta questão, quanto Deus nos ajudar, para que, se não for possível encontrar uma resolução clara, da qual não se deva mais duvidar, encontremos alguma resolução tão certamente aceitável sobre este assunto que não seja um absurdo sustentá-la, até que brilhe algo que apresente certeza. E se não pudermos, por serem os documentos igualmente duvidosos em todas as partes, pelos menos não parecerá que nossa dúvida evitou o trabalho de investigar, mas a temeridade em afirmar. Assim, se alguém possui a certeza, digne-se ensinar-me; mas não se digne em duvidar comigo aquele que a autoridade da palavra divina e da razão esclarecida não o apoiarem na sua certeza, mas na sua presunção.

CAPÍTULO IV

O grau de certeza sobre a origem e a natureza da alma

7. Tenhamos por certo, primeiramente, que a natureza da alma não se transforma na natureza do corpo, de modo a se tornar corpo a que foi alma; nem na natureza da alma irracional, de modo que a que foi alma de animal se converta em alma de homem; nem na natureza de Deus, de modo a se tornar Deus a que foi alma. E, por sua vez, nem o corpo nem a alma irracional nem a substância, que é Deus, podem se transformar e se tornar alma humana. Também não menos se deve ter por certo que a alma não é senão uma criatura de Deus. Por isso, se Deus não fez a alma do homem nem do corpo, nem da alma irracional, nem de si mesmo, resta que a faça do nada ou de alguma criatura espiritual, mas racional. É violento querer demonstrar que faz algo do nada após concluídas as obras, nas quais criou todas as coisas ao mesmo tempo; e ignoro se é possível obterem-se argumentos convincentes para prová-lo. Nem se há de exigir de nós o que o homem não pode compreender, ou, se já pode, admiro-me de que possa convencer alguém, a não ser a um tal que, mesmo sem haver uma pessoa a ensinar-lhe, ele mesmo possa entender tal coisa. Portanto, a respeito desse assunto, é mais seguro não caminhar por conjecturas humanas, mas investigar os testemunhos divinos.

CAPÍTULO V

A alma não procede dos anjos nem da substância de Deus

8. Nenhuma doutrina dos livros canônicos da Escritura me apoia para poder dizer que Deus cria dos anjos as almas, como se fossem seus pais. Muito menos dos elementos corpóreos do mundo, a não ser

que alguém seja levado pelo testemunho do profeta Ezequiel, no qual, ao demonstrar a ressurreição dos mortos, após recuperarem seus corpos, o espírito é invocado dos quatro ventos do céu e, soprando sobre eles, dá-lhes vida para que se levantem. Assim está escrito: Então me disse o Senhor: “Profetiza ao espírito, profetiza, filho do homem e dize-lhe: ‘Assim diz o Senhor: Espírito, vem dos quatro ventos e sopra estes ossos para que vivam.’” Profetizei de acordo com o que o Senhor me ordenou, o espírito da vida penetrou-os e eles reviveram, firmando-se sobre seus pés como uma imensa multidão⁴. Parece-me que nesta passagem foi simbolizado profeticamente que os homens ressuscitarão, não somente daquele campo onde se demonstrava o fato, mas de todo o universo, e isso foi simbolizado pelo sopro procedente das quatro partes do mundo. Mas mesmo o sopro do corpo do Senhor não era substância do Espírito Santo, quando soprou e disse: Recebei o Espírito Santo⁵, mas foi insinuado, sem dúvida, que o Espírito Santo procede também dele, como o sopro que saiu de seu corpo. Mas como o mundo não está unido a Deus de modo a formar uma unidade de pessoa, como aquela carne, a de seu Verbo Filho Unigênito, não podemos dizer que a alma procede da substância de Deus do mesmo modo como foi efetuado dos quatro ventos aquele sopro procedente da natureza do mundo. Penso, contudo, que uma coisa é que o sopro existiu, outra, o que significou; isso se pode entender pelo exemplo do sopro procedente do corpo do Senhor. Mas tenha-se em conta que, naquela passagem, o profeta Ezequiel previu por uma revelação figurada, não a ressurreição da carne, como há de acontecer realmente, mas a inesperada restauração, pelo Espírito do Senhor que encheu o universo⁶, do povo desesperado.

CAPÍTULO VI

As duas opiniões sobre a origem da alma à luz das Escrituras

9. Vejamos qual das duas opiniões é apoiada por testemunhos divinos: se a que afirma que Deus fez uma única alma e a deu ao primeiro homem, e dela faria as demais, tal como de seu corpo procedem os demais corpos dos homens; ou aquela pela qual se diz que Deus faz para cada pessoa sua alma, tal como criou uma para Adão, mas dessa não criou as demais. Pois o que ele diz por Isaías: Todo sopro eu o fiz⁷, como ele se refere à alma, o que vem em seguida mostra sobejamente que pode ser aplicado às duas opiniões. Com efeito, não há dúvida de que ele faz todas as almas, ou da única alma do primeiro homem, ou de algum segredo seu.

10. E pelo que está escrito: *Ele forma o coração de cada um*⁸, se pelo termo “coração” quisermos entender “almas”, também não contraria qualquer das duas opiniões, sobre as quais mostramos nossas dúvidas. Pois, ou daquela única alma que insuflou no rosto do primeiro homem Deus modele certamente cada uma das almas, assim como também os corpos, ou modele ou infunda cada uma delas ou as modele nas pessoas nas quais infundiu, embora não pareça que isso foi dito, a não ser que pela graça nossas almas se renovem à imagem de Deus. Daí dizer o Apóstolo: *Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus: não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras*⁹. Com efeito, não é possível entender que nossos corpos foram criados ou modelados pela graça da fé, mas se entende no mesmo sentido em que foi dito no salmo: *Ó Deus, cria em mim um coração puro*¹⁰.

11. Por isso, eu penso que o dito: Que formou o espírito do homem dentro dele¹¹, esteja a dizer que uma coisa seja infundir a alma criada e outra, fazê-la no próprio homem, ou seja, restaurar e renovar. Mas se entendermos isso como referente não à graça, na qual nos renovamos, mas à natureza na qual nascemos, pode ser aduzido pelas duas opiniões, porque ou Deus da única alma do primeiro homem

modela no homem como que uma semente de alma que se propaga para dar vida ao corpo, ou ele modela da mesma forma, por meio dos sentidos mortais da carne, o espírito de vida, não pela propagação, mas infundindo-o no corpo de outro modo, para que o homem se torne uma alma viva.

CAPÍTULO VII

A qual das opiniões favorecem as palavras: “Coubera-me por sorte uma boa alma” etc.

12. As palavras do livro da Sabedoria, onde se diz: Coubera-me por sorte uma boa alma; ou antes, sendo bom, entrei num corpo sem mancha¹², exigem um exame mais cuidadoso. Parece-me que atestam mais em favor da opinião pela qual se crê que as almas não se propagam a partir da única, mas vêm do alto para os corpos. Contudo, o que significa: Coubera-me por sorte uma boa alma? Parece significar que naquela fonte de almas, se é que há alguma, umas são almas boas, outras, não boas, as quais saem por um certo sorteio para se saber que alma será atribuída a tal homem; ou Deus, na hora da concepção ou do nascimento, umas as faz boas, outras, não boas, das quais cada um recebe em sorte a que lhe couber. Admirar-me-ia se isso pudesse ajudar aqueles que acreditam que as almas feitas em algum lugar são enviadas por Deus a cada um dos corpos dos homens, e não pudessem ajudar aqueles que dizem que as almas são enviadas aos corpos considerando as obras que praticaram antes de receberem o corpo. Com que outro critério podem pensar que as almas venham para o corpo, sendo umas boas, outras, não boas? Não se pode dizer isso nem quanto à natureza, na qual são criadas por aquele que faz boas todas as naturezas. Mas, longe de contradizer o Apóstolo, que afirma que os ainda não nascidos nada fizeram de bom ou de mal; donde conclui, ao falar dos gêmeos ainda no ventre de Rebeca, que não depende das obras, mas do que chama: O maior servirá o menor¹³. Deixemos de lado, por enquanto, este testemunho do livro da Sabedoria, pois não devem ser menosprezados, estejam errados ou digam a verdade, os que pensam que aquilo foi afirmado, de modo especial e singularmente, da alma do mediador de Deus e dos homens, o homem Cristo Jesus. Se for necessário, consideraremos depois o sentido da sentença, de modo que, se for possível aplicá-la a Cristo, investigaremos como a devemos interpretar, evitando colocar-nos contra a fé apostólica, pensando que as almas têm alguns merecimentos por suas obras antes de começarem a viver nos corpos.

CAPÍTULO VIII

As duas opiniões não contradizem palavras do salmo

13. Vejamos, agora, em que sentido foi dito: Retiras o espírito deles e desfalecerão e se converterão em pó. Envias o teu espírito e serão criados, e renovarás a face da terra¹⁴. Estas palavras parecem soar a favor dos que julgam que as almas são criadas dos pais, como os corpos, se se entende que disse “o espírito deles” pelo fato de que os homens recebem dos pais a alma. Quando morrem, não lhe pode ser devolvida pelos pais para ressurgirem, visto que não procede dos pais novamente, como quando nasceram; mas Deus, que ressuscita os mortos, devolvê-los-á¹⁵. E por isso, disse “espírito deles”, quando morrem, e “espírito de Deus”, quando ressurgem. Isso podem entender de acordo com sua opinião aqueles que afirmam que as almas vêm não dos pais, mas que Deus as envia, pois o salmista disse “espírito deles” quando morrem, porque é enviada por ele e deles sai; mas “espírito de Deus”, quando ressurgem, porque é enviada por ele e é devolvida por ele. Portanto, este testemunho não contraria nenhuma das duas opiniões.

14. Mas eu penso que isso se deve entender melhor como referente à graça de Deus, pela qual a alma é

renovada interiormente. Com efeito, de certo modo é tirado o espírito próprio de todos os soberbos que vivem segundo o homem terreno e dos que presumem de sua vaidade, quando se despojam do homem velho e se enfraquecem para se aperfeiçoarem, tendo repellido a soberba, dizendo ao Senhor numa humilde confissão: *Lembra-te de que somos pó*¹⁶, a eles fora dito: *De que se orgulha quem é terra e cinza?*¹⁷. De fato, contemplando a justiça de Deus pelo olhar da fé de modo a não quererem estabelecer sua própria justiça¹⁸, menosprezam a si mesmos, conforme diz Jó¹⁹, e se aniquilam e se consideram terra e cinza; pois este é o significado de: *E se converterão em pó*²⁰. Recebido, porém, o Espírito de Deus, dizem: *Eu vivo, mas já não sou eu que vivo, pois é Cristo que vive em mim*²¹. Assim se renova a face da terra pela graça do Novo Testamento com a multidão dos santos.

CAPÍTULO IX

Palavras do Eclesiastes ficam entre as duas opiniões

15. O que está escrito no Eclesiastes: O pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu²² também não apoia uma opinião e não outra, mas fica entre ambas. Com efeito, se uns disserem que não se prova que a alma é dada não pelos pais, mas por Deus, porque tendo voltado o pó para sua terra, ou seja, a carne, que foi criada do pó, o espírito volta para Deus que o deu, os outros respondem: “De fato é assim, pois o espírito volta para Deus que o deu ao primeiro homem, quando o insuflou no seu rosto²³, voltando-se o pó, ou seja, o corpo humano, para a terra, da qual foi feito no princípio²⁴. Pois o espírito não voltaria para os pais, embora deles tivesse sido criado a partir daquele único espírito que foi dado ao primeiro homem; assim como nem a própria carne, depois da morte, volta para os pais, dos quais certamente consta que foi transmitida. Portanto, assim como a carne não volta para os pais, dos quais foi criada, mas para a terra de onde foi formada para o primeiro homem, assim também o espírito não volta para os homens, dos quais foi transferida, mas para Deus por quem foi dado à primeira carne.”

16. Este testemunho preveniu-nos claramente que Deus criou do nada a alma que deu ao primeiro homem, não de alguma criatura já criada, como da terra foi criado o corpo. E por isso, quando regressa, não tem aonde regressar, a não ser para o autor que a deu, não para a criatura, da qual foi feita, como acontece com o corpo que regressa à terra. Não existe esta criatura da qual seria feita, porque foi feita do nada; e por isso, a que regressa, regressa ao que a fez, pelo qual foi feita do nada. Mas nem todos regressam, porque há muitos dos quais se diz: Espírito que vaga e que não volta²⁵.

CAPÍTULO X

Dificuldade em resolver a origem da alma pela Escritura

17. É difícil certamente recolher todos os testemunhos da Escritura sobre este assunto. E se fosse possível não somente mencioná-los, mas explicá-los, seria necessário caminhar por uma longa exposição. Ignoro como se possa resolver esta questão pelos testemunhos da palavra divina, a não ser que apareça algo que se revista de tanta certeza, como evidente são os testemunhos que demonstram que Deus fez a alma ou que a deu ao primeiro homem. Com efeito, se estivesse escrito que Deus soprou também no rosto da mulher já formada e ela se tornasse uma alma viva, já contaríamos com muita luz, pela qual poderíamos acreditar que a alma é dada a cada carne formada do homem não pelos pais. Ainda ficaríamos na expectativa sobre o que se deve crer sobre a prole, uma vez que para nós o processo normal da geração do homem é proceder do homem. Mas a primeira mulher foi feita e, por isso, poder-se-ia dizer que, por este fato, a alma não lhe foi dada por Deus procedente de Adão,

porque não nasceu dele como se fosse prole. Mas se a Escritura mencionasse que ao primeiro homem nascido de Adão e Eva a alma não procedeu dos pais, mas foi dada do alto, já seria possível concluir que o mesmo acontece com respeito aos demais, mesmo sem o dizer a Escritura.

CAPÍTULO XI

Possibilidade de aplicar às duas opiniões palavras da Carta aos Romanos — O batismo das crianças

18. Examinemos, agora, se confirma apenas uma das opiniões, ou se é possível aplicá-lo às duas o que está escrito: Por um só homem o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte, e assim a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram²⁶. E um pouco depois: Por conseguinte, assim como pela falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça de um só, resultou para todos os homens a justificação que traz a vida. Assim como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim pela obediência de um só muitos foram constituídos justos²⁷. Com efeito, nestas palavras do Apóstolo aqueles que sustentam a propagação das almas entrincheiram-se para defender sua opinião, e dizem: “Se apenas quanto à carne, pode-se entender o pecado ou o pecador, não somos levados por estas palavras a crer que a alma procede dos pais; mas se pelo estímulo da carne somente peca a alma, como se há de entender o que está escrito: Em que todos pecaram, se também a alma não procede de Adão, tal como o corpo? Ou como pela desobediência de um só muitos se tornaram pecadores, se os pecadores estavam em Adão quanto à carne, e não estavam também quanto à alma?”

19. É preciso evitar que Deus pareça ser o autor do pecado, se dá a alma à carne, na qual necessariamente ela há de pecar, ou que possa existir uma alma, além da de Cristo, para quem não é necessária a graça cristã para libertar do pecado, porque não pecou em Adão, se foi dito que todos pecaram em Adão somente quanto à carne que dele foi criada, e não também quanto à alma. Esta afirmação é tão contrária à fé da Igreja que os pais correm com suas crianças para receberem a graça do santo batismo. Se nas crianças este vínculo do pecado se desata no que diz respeito à carne, e não também à alma, pergunta-se em que seriam prejudicadas se na sua idade saíssem do corpo sem o batismo. Com efeito, se por este sacramento favorece-se o corpo das crianças e não também a alma, também os mortos deveriam ser batizados. Como vemos que a Igreja observa esta prática em todo o universo, de modo que corre com os vivos e aos vivos socorre, e, quando morrem, nada se pode fazer que lhes aproveite, não vemos que outra coisa se possa entender, senão que cada criança procede tanto no corpo como na alma de Adão, e, por isso, é-lhes necessária a graça de Cristo. Pois, sua idade nada fez de bom ou mau em si mesma; conseqüentemente, nelas a alma é absolutamente inocente, se não procedem de Adão. Daí que será digno de admiração aquele que, defendendo esta opinião sobre a alma, puder demonstrar como é possível ir para a condenação a alma da criança que sair do corpo sem o batismo.

CAPÍTULO XII

A concupiscência carnal reside no corpo e na alma

20. Está escrito com toda verdade e veracidade: A carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne²⁸. Penso que toda pessoa douta ou indouta não duvida que a carne a nada pode aspirar sem a alma. E por isso, a causa da concupiscência carnal não reside apenas na alma, e muito menos apenas na carne. Tem origem nas duas; ou seja, na alma, porque sem ela não se sente prazer algum, e na carne, porque sem ela não se sente o prazer carnal. Visto que o Apóstolo fala da

carne que deseja contra o espírito, sem dúvida se trata do prazer carnal que o espírito recebe da carne e com a carne contra o deleite que só ele sente. Somente ele tem, se não me engano, o desejo não misturado com o prazer carnal ou com o desejo das coisas carnis, pelo qual suspira e desfalece pelos átrios do Senhor²⁹. Somente ele tem também aquilo do qual é dito: Aspiraste a sabedoria? Guarda os mandamentos e o Senhor dar-te-á em profusão³⁰. Com efeito, quando o espírito manda aos membros do corpo que sirvam a este desejo, que somente ele acende, por exemplo, quando se toma um livro, quando se escreve alguma coisa, lê-se, discute-se, ouve-se, quando, finalmente, parte-se o pão para o que tem fome e se praticam as demais obras de humanidade e misericórdia, então a carne presta obediência, não agita a concupiscência. Quando estes e semelhantes bons desejos, os quais somente a alma deseja, são contrariados por algo que deleita a alma quanto à carne, então se diz que a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne.

21. Quando o Apóstolo diz: A carne tem aspirações³¹, refere-se à carne no tocante ao que faz a alma segundo a carne, do mesmo modo que se diz: “O ouvido ouve, os olhos veem”. Pois, quem duvida que a alma ouve pelo ouvido e vê pelos olhos? Assim falamos também, quando dizemos: “Tua mão socorreu o homem”, quando com a mão estendida se dá alguma coisa pela qual se ajuda a alguém. Pois, se dos olhos da fé, dos quais é próprio crer o que não se vê pela carne, foi dito: E toda a carne verá a salvação de Deus³², certamente não se referia senão à alma, pela qual a carne vive. É preciso frisar isso para evitar que alguém queira entender: E toda a carne verá a salvação de Deus, como ver piedosamente a Cristo também mediante nossa carne, ou seja, ver a forma da qual se revestiu por nós; uma vez que isso não diz respeito à concupiscência da carne, mas à função da carne, a não ser que alguém queira assim entender o que foi dito: E toda carne verá a salvação de Deus. Muito adequadamente se diz que a carne aspira, quando a alma não somente dá vida animal à carne, senão que ela também aspira algo segundo a carne. E não está em seu poder não aspirar, enquanto o pecado estiver inserido nos membros, ou seja, um certo estímulo violento da carne no corpo desta morte, proveniente do castigo do pecado, de onde procedemos, conforme o qual todos são filhos da ira antes da graça³³. Os estabelecidos sob a graça lutam contra este pecado, não para que não exista este pecado, enquanto o corpo é mortal, e para que se possa dizer também morto por direito, mas para que não triunfe. Não triunfa quando não se obedece a seus desejos, ou seja, aos que aspiram segundo a carne contra o espírito. Por isso o Apóstolo não: “Não haja pecado no vosso corpo mortal” (ele sabia que lhe era inerente o prazer do pecado, que denomina pecado, ou seja, a natureza depravada devido à primeira transgressão), mas diz: Que o pecado não reine mais em vosso corpo mortal, de tal modo que obedeçais aos seus desejos; nem entregueis vossos membros, como armas da iniquidade, ao pecado³⁴.

CAPÍTULO XIII

A compreensão da sentença sobre a concupiscência da carne — Os pecados das crianças

22. De acordo com essa sentença, não afirmamos um absurdo ao dizer que a carne aspira sem a alma, nem concordamos com os maniqueus, os quais, como vissem que a carne não pode aspirar sem a alma, pensaram que uma outra alma de uma outra natureza contrária a Deus possuía carne, a qual aspira contra o espírito. Também não somos obrigados a dizer que a graça de Cristo não é necessária para algumas almas, porque nos dizem: “Que méritos teve a alma da criança para que lhe seja funesto sair do corpo sem receber o sacramento do batismo cristão, se não cometeu pecado pessoal nem recebeu a alma daquele primeiro que pecou em Adão?”

23. Não nos referimos aos meninos já um tanto crescidos, aos quais alguns não querem atribuir o

pecado pessoal, a não ser a partir dos quatorze anos quando entram na adolescência. Isso certamente admitiríamos, se não houvesse pecados a não ser os que são cometidos mediante os órgãos genitais. Mas, quem se atreve a afirmar que furtos, mentiras, juramentos falsos não são pecados? Somente aqueles que querem cometer tais pecados impunemente. E a idade pueril está cheia destes pecados, embora pareça que não devem ser castigados como nos maiores de idade, visto que se espera com os anos que a razão amadureça e possam entender melhor os preceitos salutareis e lhes obedecer de boa vontade. Mas agora não tratamos de menores, a cujo prazer carnal e pueril, ou do corpo ou da alma, se a verdade e a retidão se opõem, eles resistem com palavras e ações com as forças com que podem. Contra o que lutam, a não ser contra a mentira e a iniquidade, que parecerão favorecê-los, para conseguir aquilo que os atraem ou para evitar aquilo que os prejudica? Falamos das crianças, não porque nasçam muitas vezes de adultérios, pois os dons da natureza não devem ser inculcados pelos costumes depravados. Nesse caso não deveriam germinar os grãos, porque foram semeados pelas mãos de um ladrão. Se aos próprios pais não prejudica sua iniquidade, se se corrigem, convertendo-se para Deus, quanto menos aos filhos, se viverem uma vida reta?

CAPÍTULO XIV

Consideração do argumento traducionista baseado no reato e no batismo das crianças

Mas essa idade suscita aqui uma questão candente: sobre a alma daquele que não tem pecado cometido pelo arbítrio da vontade própria, pergunta-se: “Como pode ser justificado pela obediência de um só homem, se não é réu pela desobediência de apenas um outro?” Esta é a voz daqueles que defendem a criação das almas humanas como criadas dos homens pais, com a intervenção de Deus, como acontece com os corpos. Pois os pais não criam estas almas, mas as cria aquele que disse: *Antes de te formar no ventre materno, eu te conheci*³⁵.

24. Responde-se a eles que certamente Deus dá as almas novas, uma a uma, aos corpos dos homens, de modo que, na carne de pecado proveniente do pecado original, eles, vivendo retamente e subjugando as paixões carnis sob a graça de Deus, adquirem merecimentos pelos quais sejam transformados para melhor com o corpo no tempo da ressurreição, e vivam em Cristo com os anjos por toda a eternidade. Mas é preciso que as almas se unam de modo admirável aos membros terrenos e mortais, principalmente por terem sido formados da carne de pecado, para que possam primeiramente dar-lhes vida e, depois, governá-los com a chegada da idade, como se estivessem oprimidos pelo peso do esquecimento. Se a alma estivesse de certo modo em estado letárgico, atribuir-se-ia ao Criador, mas como a alma, recobrando-se do torpor deste esquecimento pode se converter para Deus e merecer sua misericórdia e verdade, primeiramente pela piedade da conversão, depois, pela perseverança na observância do preceito, o que lhe impede de emergir pouco a pouco do sono, do qual, despertando pouco a pouco para a luz da inteligência, por cuja causa a alma foi feita, e de escolher a vida boa por uma vontade boa? Isso certamente não poderia sem a ajuda da graça de Deus pelo Mediador. Se o homem negligenciar isso será Adão não somente quanto ao corpo, mas também quanto ao espírito; mas se se curar, será Adão apenas segundo a carne, e vivendo retamente segundo o espírito merecerá ser purificado da mancha do pecado que recebeu de Adão, réu de culpa, e receber pela transformação a ressurreição prometida aos santos.

25. Nessa idade, antes de poder viver segundo o espírito, a criança tem necessidade do sacramento do Mediador, de modo que, o que ainda não pode pela fé, faça-se pela fé daqueles que a amam. Com efeito, mesmo na idade infantil apaga-se a pena do pecado pelo seu sacramento. Se não for ajudado por ele, também não refreará a paixão carnal e subjugado por ela, não conseguirá o prêmio da vida

eterna, a não ser pelo dom do sacramento que intenta merecer. Portanto, é necessário que seja batizada a criança estando com vida, para que não prejudique sua alma à companhia da carne de pecado, a qual, tendo dela participado, faz com que a alma da criança não possa ter gosto por coisa alguma segundo o espírito. Esta mancha pesa também sobre a alma desprovida de corpo, a não ser que, estando no corpo, seja purificada pelo único sacrifício do verdadeiro sacerdote Mediador.

CAPÍTULO XV

Consideração mais profunda do mesmo argumento

26. Diz alguém: “O que acontecerá se os pais não cuidarem do batismo dos filhos ou por serem infiéis ou por negligência? A mesma pergunta se pode fazer a respeito dos filhos maiores. Com efeito, podem ou morrer de repente ou adoecer em suas casas, onde ninguém os possa favorecer para que sejam batizados. Mas eles, continua esse alguém, têm também pecados pessoais, dos quais necessitam a remissão, pecados que, se não forem perdoados, ninguém dirá com razão que serão castigados imerecidamente, visto que os cometeram voluntariamente em sua vida. Essa alma que contraiu um certo contágio da carne de pecado, de forma alguma pode ser culpada, nem de pecado algum, pois não foi criada daquela primeira alma pecadora, mas é assim por natureza e foi dada à carne por Deus; então, por que será afastada da vida eterna, se ninguém providencia o batismo para a criança? Ou, talvez, em nada a prejudica a falta do batismo? Que proveito tem aquele que se socorre com o batismo, se em nada prejudica àquele que não se socorre?”

27. Confesso que não ouvi nem li em parte alguma o que possam responder aqueles que, de acordo com as sagradas Escrituras, ou porque nelas encontram argumentos a seu favor ou porque não lhes são contrárias, pretendem afirmar que as almas novas são dadas aos corpos não transmitidas pelos pais. Mas, nem por isso se deve abandonar o assunto, se algo me ocorrer que pareça poder ajudá-los. Podem dizer ainda que Deus, presciente de como qualquer alma haveria de viver se vivesse no corpo por longo tempo, providenciaria a administração do banho salutar àquele do qual prevê que teria piedade quando chegasse aos anos capazes de fé, se não fosse conveniente, por alguma causa oculta, que lhe fosse antecipado por motivo de morte. Realmente é algo oculto e está muito longe da inteligência humana, e certamente da minha, a razão por que nasce uma criança e venha a morrer imediatamente ou logo depois. Isso está de tal modo oculto que não ajuda os defensores sobre cujas opiniões estamos agora discutindo. Pois, não estando de acordo com aquela opinião pela qual se pensa que as almas são deslocadas para os corpos de acordo com os merecimentos da vida passada, parecendo que mereceria sair do corpo mais depressa aquele que pecara menos, para não contradizermos o Apóstolo que afirma nada terem feito de bem ou de mal os ainda não nascidos³⁶, nem aqueles que afirmam a transmissão da alma podem mostrar em seu favor por que a morte de uns acontece mais cedo, e de outros é retardada, nem aqueles que defendem a doação de cada alma a cada um. Portanto, este motivo está oculto e nem favorece nem contraria a ambos igualmente, pelo que penso.

CAPÍTULO XVI

Sobre o mesmo argumento

28. Portanto, aqueles que se veem obrigados pela morte das crianças a explicar por que o sacramento do batismo é necessário para todos, cujas almas não proveem daquela por cuja desobediência muitos foram constituídos pecadores³⁷, ao responderem, dizem que todos são feitos pecadores segundo a carne, mas segundo a alma somente aqueles que viveram mal no tempo em que poderiam viver bem.

Mas todas as almas, isto é, também as das crianças, têm necessidade do sacramento do batismo, sem o qual não convém que emigrem desta vida mesmo na idade infantil, porque, pelo contágio de pecado provindo da carne de pecado, pela qual a alma é oprimida quando se insere nestes membros, e assim serão prejudicadas depois da morte, a não ser que, estando ainda na carne, sejam purificadas pelo sacramento do Mediador. Este socorro é providenciado por disposição divina para aquela alma que Deus sabe de antemão que, se vivesse aqui até os anos oportunos para a fé, viveria piedosamente, a qual alma, por algum motivo que ele conhece, quis que nascesse num corpo e logo a retirou desse corpo. Quando assim respondem, o que se pode dizer-lhes em contrário senão que ficamos incertos sobre a salvação daqueles que, tendo vivido bem esta vida, morreram na paz da Igreja, se alguém for julgado não somente quanto ao que cada um viveu, mas ainda quanto ao que viveria, se pudesse viver mais. Dessa forma, têm valor perante Deus os maus méritos, não somente dos delitos passados, mas também dos futuros, de cujo reato nem a morte liberta, se ela chegasse antes de terem sido cometidos; nem trouxe proveito para aquele que foi arrebatado para que a malícia não pervertesse o julgamento³⁸. Deus, presciente dessa futura malícia, por que não há de julgá-lo de acordo com a mesma malícia, se a alma da criança que vai morrer para que não a prejudicasse a imundície provinda do corpo de pecado, julgou que deveria ser socorrida pelo batismo, porque sabia de antemão que, se vivesse, haveria de viver piedosa e fielmente?

29. Ou se há de recusar o que foi encontrado, porque é meu? Aqueles que confirmam estar certos desta opinião, talvez aleguem outros testemunhos das Escrituras ou argumentos de razão, pelos quais eliminam esta ambiguidade ou mostram com certeza que não estão contra o que pensam as palavras do Apóstolo, pelas quais, encarecendo intensamente a graça pela qual somos salvos, diz: Assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida³⁹; e: Como pela desobediência de um só muitos se constituíram pecadores, assim pela obediência de um só muitos se constituíram justos⁴⁰, querendo que se entendam os muitos pecadores, sem exceção de alguns, mas todos, como diz a respeito de Adão: Porque todos pecaram⁴¹. De onde se conclui que não se pode separar as almas das crianças, e, por isso, foi dito todos; e porque podem ser socorridas pelo batismo, não têm essa fé sem razão aqueles que acreditam que as almas provêm de uma só procedência, a não ser que sejam refutados por algum argumento claro e convincente, que não se oponha às sagradas Escrituras, ou pela autoridade das mesmas Escrituras.

CAPÍTULO XVII

Um testemunho do livro da Sabedoria e as duas opiniões

30. Vejamos agora, quanto for necessário para esta obra que assumimos, o sentido do texto, cujo comentário adiamos um pouco antes. Está escrito no livro da Sabedoria: Eu era jovem de boas qualidades, coubera-me por sorte uma boa alma, ou antes, sendo bom, entrei num corpo sem mancha⁴². Parece que este testemunho favorece aqueles que dizem que as almas são criadas dos pais, mas vêm ou descem ao corpo, enviando-as Deus. Novamente se opõe à opinião deles o que diz: Coubera-me por sorte uma boa alma, visto que, sem qualquer dúvida, acreditam ou que as almas manam de uma fonte, como os riachos, ou que são criadas com igual natureza, e Deus as envia aos corpos, não porém, umas boas ou melhores, e outras, não boas ou menos boas. Pois, o que faz com que haja almas boas ou melhores, ou não boas ou menos boas, senão os hábitos de acordo com o livre-arbítrio da vontade, ou a diferença de tempera dos corpos, enquanto que umas mais, outras menos são oprimidas pelo peso do corpo, que corrompe e sobrecarrega a alma?⁴³ Mas não havia ação alguma de cada uma das criaturas, pela qual se discernissem seus hábitos antes de virem para os corpos; e não

podia dizer que sua alma era boa por lhe ter cabido em sorte um corpo menos pesado aquele que dizia: Coubera-me por sorte uma boa alma; ou antes, sendo bom, entrei num corpo sem mancha. Pois disse que chegou à bondade, pela qual era bom, porque lhe coube por sorte uma boa alma, para ser introduzida num corpo sem mancha. Portanto, já era bom em outro lugar antes de vir para o corpo, mas certamente não pela diferença de costumes, pois não havia mérito algum de vida vivida, não pela diferença do corpo, pois já era bom antes de vir para o corpo. De onde, então, veio-lhe essa bondade?

31. Para aqueles que afirmam que as almas são criadas por transmissão da alma daquela primeira prevaricadora, ainda que não pareça soar a favor deles o que foi dito: Entrei num corpo, contudo, há uma boa concordância com respeito às demais palavras, pois, após ter dito: Eu era um jovem de boas qualidades, em seguida acrescentava: Coubera-me por sorte uma boa alma, ou seja, pela índole paterna ou pela compleição corporal. Em seguida: Ou antes, sendo bom, entrei num corpo sem mancha, o que, se for interpretado como corpo materno, nem por isso o que foi dito: Entrei num corpo, faz oposição a esta opinião, se se entende que entrara no corpo materno sem mancha, vindo da alma e do corpo paternos, ou seja, formado do sangue menstrual. Dizem que isto pesa sobre a inteligência, acontecendo o mesmo com a contaminação adulterina. Assim também estas palavras deste livro são mais favoráveis aos que falam em transmissão das almas pelos pais, ou, se também os da outra opinião podem interpretá-las a seu favor, diremos que entre ambas se alternam.

CAPÍTULO XVIII

Possibilidade de aplicar à alma de Cristo as referidas palavras do livro da Sabedoria

32. Se quisermos entender tais palavras como referentes ao Senhor, quanto à criatura humana que foi assumida pelo Verbo, há certamente algumas palavras em alguns pormenores da leitura que não convêm a essa excelência. Principalmente, porque o mesmo que fala no mesmo livro confessa, um pouco antes dessas palavras das quais tratamos agora, que procedia da semente viril que no sangue se solidificou⁴⁴. Deste modo de nascer é, sem dúvida, isento o parto da Virgem, sobre a qual nenhum cristão duvida que concebeu a carne de Cristo, não do sêmen viril. Mas porque está nos Salmos, que dizem: Transpassaram as minhas mãos e os meus pés, contaram todos os meus ossos, me observaram e me olharam: dividiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha veste tiraram sorte⁴⁵, palavras que convêm propriamente e unicamente a ele; e no mesmo salmo também disse: Meu Deus, meu Deus, dirige teus olhos para mim e por que me abandonaste? As palavras dos meus delitos estão longe de me salvar⁴⁶, palavras que não lhe convêm, a não ser transfigurando em si mesmo o corpo de nossa humildade, porque somos membros de seu corpo; e porque no Evangelho está escrito: E Jesus crescia em idade e sabedoria, se também estas palavras que se leem no livro da Sabedoria e lembram esta sentença podem ser aplicadas ao mesmo Senhor, considerando a forma humilde de servo e a unidade do corpo da Igreja com sua cabeça, o que há mais inteligente que aquele menino de cuja sabedoria se admiravam os anciãos, tendo ele doze anos?⁴⁷ E que há melhor que aquela alma, a qual, embora sejam vitoriosos, não lutando, mas provando os que defendem a transmissão da alma, não será uma consequência acreditar-se que veio da geração do primeiro prevaricador? E assim se evitará que Cristo seja considerado pecador pela desobediência daquele homem, ele Cristo, por cuja obediência muitos se tornaram justos, libertados daquele reato? E o que há mais imaculado que o ventre da Virgem, cuja carne, embora tenha vindo da geração do pecado, não concebeu da geração do pecado, de modo que não gerou o corpo de Cristo no ventre de Maria esta lei que, estabelecida nos membros do corpo de morte, opõe-se à lei da razão? Os santos patriarcas, casados, reprimindo a lei da morte, impediram seu domínio, não a abrandaram na união carnal a não ser até onde lhes era lícito; aliás, não a abrandaram

somente até onde lhes era lícito. Portanto, o corpo de Cristo, embora tenha sido assumido do corpo de uma mulher que fora concebido da geração da carne de pecado, como ele não foi concebido em seu corpo, como ela o fora, sua carne não era carne de pecado, mas semelhança da carne de pecado. Não recebeu por isso o reato da morte que se manifesta no movimento não voluntário da carne, o qual se deve vencer com a vontade, embora o espírito tenha aspirações contra ela⁴⁸. Mas recebeu daí não o que era suficiente para o contágio da prevaricação, mas para pagar à morte indevida e para manifestar a promessa da ressurreição, para que das duas consequências, uma nos valesse para não ter medo, a outra, para alimentar a esperança.

33. Finalmente, se me interrogassem de onde Jesus Cristo recebeu a alma, preferiria ouvir os melhores e mais doutos sobre o assunto. No entanto, conforme minha opinião, responderia de boa vontade de onde Adão recebeu e a que Adão recebeu. Com efeito, se o pó retirado da terra, que o homem algum dia cultivaria, mereceu ser animado por Deus, quanto mais o corpo assumido da carne, na qual homem algum jamais trabalharia, recebeu em sorte uma alma boa, se naquela ocasião se erguia o que haveria de cair, e aqui descia o que haveria de se erguer? E, talvez, o jovem tenha dito: Coubera-me, por sorte, uma alma boa⁴⁹ (se é que é se deve entender de Cristo), porque costuma ser dado por Deus o que cabe em sorte; ou, e isso é preciso frisar bem, para que aquela alma não pensasse que foi conduzida a tão alto cume por causa de algumas obras precedentes, empregou-se o termo “sorte”, para que com ela o Verbo se fizesse carne e habitasse no meio de nós⁵⁰ a fim de eliminar qualquer indício de obras precedentes.

CAPÍTULO XIX

A alma de Cristo não esteve nos rins de Abraão

34. Na Carta aos Hebreus há uma passagem muito digna de uma consideração cuidadosa. Quando o autor, ao mostrar a diferença entre o sacerdócio de Cristo e o sacerdócio de Levi por meio de Melquisedec, em quem se prefigurava este futuro sacerdócio, afirma: Vede, pois, a qualidade deste homem, a quem Abraão, o patriarca, entregou o dízimo das primícias. E os que são descendentes de Levi, chamados ao sacerdócio, devem, segundo a Lei, receber o dízimo do povo, isto é, de seus irmãos, conquanto são descendentes de Abraão. Aquele, porém, embora não figure em suas genealogias, submeteu Abraão ao dízimo, e abençoou o portador das promessas! Ora, é fora de dúvida que o inferior é abençoado pelo superior. Além do mais, os que aqui recebem o dízimo são mortais, ao passo que ali se trata de alguém do qual se diz que possui a vida. E por assim dizer, na pessoa de Abraão submeteu ao dízimo até mesmo Levi, que recebe o dízimo. Pois ele ainda estava nos rins do seu antepassado⁵¹.

Se, apesar da distância do tempo, estas palavras servem para demonstrar quanto o sacerdócio de Cristo sobressai ao levítico, visto que Cristo sacerdote, foi prefigurado por aquele que submeteu Abraão ao dízimo, pelo qual também Levi foi submetido ao dízimo, sem dúvida, Cristo por ele não foi submetido ao dízimo. E se Levi pagou o dízimo, porque estava nos rins de Abraão, pelo mesmo fato Cristo não pagou o dízimo, porque não estava nos rins de Abraão. Mas se entendermos que Levi estava em Abraão não quanto à alma, mas apenas quanto ao corpo, também aí estava Cristo, porque também Cristo era da descendência de Abraão, e também ele certamente pagou o dízimo. Qual é, portanto, a grande diferença entre o sacerdócio de Cristo e o sacerdócio de Levi, se Levi foi submetido ao dízimo por Melquisedec, visto que estava nos rins de Abraão, onde Cristo também estava, e, por isso, seria igualmente submetido ao dízimo, se não é porque é preciso que entendamos que Cristo não esteve nos rins de Abraão, segundo um certo modo? Quem nega que ali esteve quanto à carne? Portanto, ali não

esteve quanto à alma. Com efeito, a alma de Cristo não procede da geração da prevaricação; caso contrário, também ele teria estado.

CAPÍTULO XX

Refutação do argumento anterior alegado pelos traducionistas

35. Aparecem aqui aqueles que defendem a transmissão das almas, e dizem que sua opinião fica comprovada se consta que Levi esteve, também quanto à alma, nos rins de Abraão no qual Melquisedec o submeteu ao dízimo, e assim Cristo seria excluído por ele desta obrigação do dízimo. Como Cristo não foi submetido ao dízimo e, contudo, esteve nos rins de Abraão quanto à carne, conclui-se que não estava ali quanto à alma e, portanto, é consequente que Levi esteve ali quanto à alma. Esta defesa não diz respeito a mim que ainda estou mais preparado para ouvir a discussão de ambos os grupos do que para ratificar a opinião de um deles. Entretanto, por este testemunho, eu quis excluir a alma de Cristo da origem por transmissão. Esses encontrarão aqueles que talvez lhes respondam em nome dos demais, e digam o que também a mim me preocupa não pouco: ainda que não haja alma alguma de homem nos rins de seu pai, contudo, Levi foi submetido ao dízimo porque estava nos rins de Abraão segundo a carne, e que ali esteve Cristo segundo a carne não submetido ao dízimo. De acordo com aquela razão seminal, Levi esteve nos rins de Abraão, por que razão viria ao seio materno pela união carnal, mas segundo esta razão a carne de Cristo ali não estava, ainda que, quanto à carne, ali estivesse a carne de Maria. Portanto, nem Levi nem Cristo estiveram nos rins de Abraão quanto à alma; mas quanto à carne, tanto Levi como Cristo; mas Levi, quanto à concupiscência carnal, mas Cristo, apenas quanto à substância corporal. Estando na semente tanto a compleição corporal visível como a razão invisível, ambos vieram de Abraão, ou também de Adão, até ao corpo de Maria, porque também ela foi concebida e nasceu desse modo. Cristo assumiu da carne de Maria a substância visível da carne; mas a razão de sua concepção não procedeu de sêmen viril, mas veio de modo muito diferente e do alto. Portanto, quanto ao que recebeu da mãe, também esteve nos rins de Abraão.

36. Portanto, Levi foi submetido ao dízimo em Abraão porque esteve em seus rins, embora apenas quanto ao corpo. Contudo, esteve em seus rins do mesmo modo que Abraão esteve nos rins de seu pai, ou seja, ele nasceu do pai Abraão, como Abraão nasceu de seu pai, ou seja, pela lei que em seus membros é contrária à lei do espírito e pela concupiscência invisível, ainda que os direitos castos e bons do casamento não a deixassem prevalecer, a não ser quanto por meio dela é preciso para providenciar a substituição do gênero humano. Mas não foi ali submetido ao dízimo Cristo, cuja carne não tomou dali o ardor da ferida, mas a matéria do remédio. Com efeito, como a sujeição ao dízimo dizia respeito à prefiguração do remédio, era submetido ao dízimo na carne de Abraão o que era curado, não o que servia para a cura. De fato, a mesma carne, não somente de Abraão, mas também do próprio primeiro homem terreno, possuía ao mesmo tempo a ferida da prevaricação e o remédio da ferida. A ferida, na lei dos membros contrária à lei da razão, que se transmite para toda a carne dela propagada pela razão seminal; e o remédio da ferida, naquilo que sem o concurso da concupiscência, no que era apenas matéria corporal, foi assumido da Virgem mediante uma razão divina de concepção e formação, a fim de que esta carne participasse da morte, mas não do pecado e fosse o modelo sem mentira da ressurreição. Assim como a alma de Cristo não é transmitida da alma daquela primeira prevaricadora, penso que estão de acordo com isso aqueles que defendem a transmissão das almas. Querem que a semente da alma se transmita pelo sêmen do pai pela união carnal. Deste processo de concepção Cristo está excluído. E se tivesse estado em Abraão quanto à alma, também ele seria

submetido ao dízimo, mas a Escritura atesta que não foi submetido ao dízimo e assim mostra a diferença entre o sacerdócio de Cristo e o sacerdócio de Levi.

CAPÍTULO XXI

Se Cristo estivesse em Adão quanto à alma seria submetido ao dízimo

37. Se, talvez, disserem: “Assim como Cristo pode estar em Adão quanto à carne e não submetido ao dízimo, por que não poderia estar quanto à alma sem estar submetido ao dízimo? Respondo-lhes: porque certamente a substância simples da alma não aumenta com o crescimento corporal, como não pensaram nem aqueles que a consideram um corpo, de cujo número fazem parte os que opinam que a alma é criada dos pais. Portanto, pode existir na semente do corpo uma força invisível que executa os números de modo incorporeal, que é preciso distinguir, não pelos olhos, mas pela mente, da corpulência que se percebe pela visão e pelo tato. E a própria quantidade do corpo humano, que certamente supera incomparavelmente a medida da semente, mostra sobejamente que se pode tomar algo daí que não possua aquela força seminal, mas somente a substância corporal que foi assumida e formada de modo divino para a carne de Cristo, mas sem comércio carnal. Quem se atreve afirmar a respeito da alma que ela possui as duas coisas, tanto a matéria visível da semente como a razão oculta da semente? Mas, para que se esforçar tanto com palavras sobre um assunto do qual, talvez, a ninguém se possa convencer, a não ser que tenha tanta e tão arguta inteligência que possa passar por cima do esforço do que fala e não seja preciso esperar que termine de falar? Visto isso, resumirei em poucas palavras: se também a respeito da alma pôde acontecer (o que, quando falávamos sobre a carne, talvez se tenha entendido), assim é também a respeito da alma de Cristo ou seja, que veio por transmissão de modo a não trazer consigo a mancha da prevaricação; mas se não pudesse proceder daí sem este reato, então não procederia daí. A respeito da vinda das demais almas, se vêm dos pais ou do alto, vençam os que puderem; eu ainda fico na dúvida entre as duas opiniões e me inclino umas vezes para uma, outras vezes para a outra, exceto, entretanto, que não acredito e confio que não acreditarei, com a ajuda de Deus à minha inteligência, em quem quer que seja que tagarele a respeito desse assunto e diga que a alma seja corpo ou alguma qualidade ou adaptação corporal, se assim se pode dizer, o que os gregos denominam *harmonian*.

CAPÍTULO XXII

Palavras de João favorecem as duas opiniões

38. Há um outro testemunho, não de pouca importância, que podem invocar em seu favor aqueles que creem que as almas vêm do alto, e consta de palavras proferidas pelo próprio Senhor: O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito⁵². Dizem eles: “O que há mais preciso que esta sentença, ou seja, que a alma não pode nascer da carne? Que outra coisa é a alma senão o espírito de vida, criado, sem dúvida, mas não criador?”. Contra eles, dizem os outros: “Que outra coisa pensamos nós que dizemos que a carne vem da carne, a alma, da alma? Pois o homem consta dos dois, dos quais dois percebemos que vem: a carne da carne, do homem que age, o espírito, do espírito do homem que deseja.” Além do mais, o Senhor, com essas palavras, não se referiu à geração carnal, mas à regeneração espiritual.

CAPÍTULO XXIII

Avaliação da preponderância de uma das opiniões — Costume da Igreja no batismo das crianças

39. Depois de haver tratado sobre as duas opiniões, quanto o tempo nos permitiu, declararia que de ambos os lados os pesos das razões e dos testemunhos são todos iguais ou quase iguais em valor; a não ser que se tenha em conta que a opinião dos que pensam que as almas são criadas dos pais prevaleceria no tocante ao batismo das crianças. Não me ocorre nada sobre o que possa responder-lhes. Se, talvez, Deus me conceder depois, se ele conceder aos estudiosos deste assunto a faculdade de escreverem a respeito, não me afligirei. Contudo, agora, não se há de deixar de lado o argumento relativo às crianças, de modo que declaro que deve ser destruído, se for contra a verdade. Com efeito, ou nada se há de investigar sobre este assunto, de modo que seja suficiente para nossa fé saber aonde chegaremos vivendo piedosamente, ainda que não saibamos de onde viemos, ou se não é petulância para a alma racional conhecer isso a respeito de si mesma, afaste-se a teimosia em continuar lutando, venham a diligência em buscar, a humildade em pedir, a perseverança em bater, de modo que sabe que isso nos convém aquele que, melhor do que nós, sabe certamente o que nos convém. Conceda-nos ele também isso, ele que dá coisas boas a seus filhos⁵³. Contudo, não deve ser objeto de desprezo o costume da mãe Igreja em batizar as crianças, e de forma alguma considerá-lo supérfluo, e não deveria ser considerado se não fosse uma tradição apostólica. Pois aquela pouca idade tem o grande peso do testemunho: ter sido a primeira a merecer derramar o sangue por Cristo.

CAPÍTULO XXIV

Precaução a ser tomada pelos defensores da transmissão das almas

40. Se esta opinião for defendida por alguns a ponto de acreditarem na transmissão das almas, advirto encarecidamente que examinem quanto puderem a si mesmos e reconheçam que seus corpos não são suas almas. Com efeito, nenhuma natureza, se for examinada com atenção, está mais perto de ser pensada de modo incorpóreo, como Deus que permanece inmutável sobre toda criatura, que a criada à sua imagem. E nada mais favorável, e talvez nada mais consequente, que acreditar que Deus é corpo, se a alma é corpo. Por isso, acostumados e influenciados pelos sentidos corporais, recusam-se a crer que a alma seja outra coisa senão um corpo, de modo que não sendo corpo, nada é. E por isso, tanto mais receiam acreditar que Deus não é corpo, quanto mais receiam crer que Deus nada é. São levados por fantasias ou visões de imagens cuja consideração trata dos corpos, de tal modo que, desaparecidas essas imagens, venham a temer que tudo há de perecer por sua inutilidade. Por isso, é preciso que de certo modo pintem tanto a justiça quanto a sabedoria em seus corações com formas e cores que não podem pensar como corpóreas; contudo, não dizem com que cor, com que tamanho, com que traços, ou com que formas as viram, quando são movidos pela justiça ou pela sabedoria para louvá-las ou agir segundo seus ditames. Já falamos muitas coisas em outros lugares sobre isso e, se Deus quiser, falaremos onde parecer que o assunto estiver a exigir. Agora, digo o que começáramos a dizer: se a respeito da transmissão das almas pelos pais alguns não duvidam que é assim, ou duvidam se é assim, não se atrevam a crer ou dizer que a alma é um corpo, principalmente pelo que eu disse, ou seja, para não julgarem que também Deus nada mais é que um corpo, embora sobremaneira excelente, ainda que de uma certa natureza própria que sobressai sobre as demais, mas não passa de um corpo.

CAPÍTULO XXXV

Erro de Tertuliano sobre a alma

41. Falemos, finalmente, de Tertuliano, o qual, porque acreditou que a alma seja um corpo, não por outra razão senão porque não conseguiu pensá-la como incorpórea, por isso teve receio de que fosse nada, se não fosse um corpo, e não conseguiu pensar outra coisa sobre Deus. Mas porque era de

inteligência penetrante, ao perceber a verdade, é vencido às vezes contra sua própria opinião. Que mais verdadeiro pôde dizer do que o que disse em certo lugar: É possível que tudo seja corporal?⁵⁴ Portanto, devia mudar a opinião, porque um pouco acima dissera que também Deus é corpo. Não julgo que tenha perdido o juízo a ponto de crer que a natureza de Deus é passível, a ponto de crer que Cristo era passível e mutável, não somente na carne, nem somente na carne e na alma, mas também no próprio Verbo pelo qual tudo foi feito. Isso deve ser rechaçado pelo coração cristão. Da mesma forma, como atribuisse à alma também uma cor aérea e brilhante, chegou aos sentidos com os quais se esforçou por estruturar a alma, membro a membro, como se fosse um corpo, e diz: Aqui haverá um homem interior, um outro exterior, sendo duplamente um, tendo também aquele seus olhos e seus ouvidos, com os quais o povo devia ouvir e ver o Senhor; tendo também os demais membros, dos quais se utiliza nos pensamentos e se exercita nos sonhos⁵⁵.

42. Eis com que ouvidos e com que olhos o povo devia ouvir e ver a Deus: como aqueles que a alma usa nos sonhos! Se alguém visse Tertuliano nos sonhos, nunca diria que foi visto por ele e que falasse com ele, o que, por sua vez, não vira. Finalmente, se alma vê a si mesma nos sonhos, estando os membros do seu corpo acomodados num lugar, ela vaga por várias imagens que vê. Quem a viu alguma vez nos sonhos da cor do ar e brilhante, a não ser que, talvez, tenha visto como vê as demais cores que vê também falsamente? Pode ver também isso; mas, quando despertar, deixa de acreditar nela como tal, caso contrário, quando se vir diferente, o que é mais frequente, ou estará mudada sua alma, ou então não viu a substância da alma, mas a imagem incorpórea do corpo que se forma de modo admirável tal como no pensamento. Com efeito, qual etíope não se vê quase sempre na cor preta nos sonhos, ou, se se vê com uma outra cor, não mais se admira se tiver lembrança de sua cor? Não sei se alguém se viu jamais com cor aérea e brilhante, se nunca tivesse lido ou ouvido a Tertuliano.

43. O que? A que os homens são levados com tais visões, querendo nos persuadir com as Escrituras que tal coisa é algo, não a alma, mas o próprio Deus como se mostrou em figura aos espíritos dos santos, e como se fala em sentido alegórico? Essas visões são semelhantes a estas palavras. E assim se equivocam, formando em sua mente simulacros de uma frívola opinião, não compreendendo que os santos julgaram a respeito destas suas visões como julgariam se estivessem lendo ou ouvindo tais palavras proferidas divinamente em figuras. Por exemplo, entenderam que as sete espigas e as sete vacas são sete anos⁵⁶; que a toalha sustentada pelas quatro pontas e o vaso cheio de animais de todas as espécies significa o universo com todos os povos pagãos⁵⁷, e assim entenderam as demais coisas e muito mais as que, em se tratando de realidades incorpóreas, são significadas por meio não de coisas corporais, mas de imagens.

CAPÍTULO XXXVI

Opinião de Tertuliano sobre o crescimento das almas

44. Tertuliano não quis defender que a alma cresce pela sua substância, tal como acontece com o corpo, apresentando o motivo de seu receio, ao dizer: Não se diga que também decresce pela sua substância, e também não se creia que venha a perecer⁵⁸. Mas, como a difunde pelo corpo localmente, não encontra saída para seu crescimento, e a quer equiparar à grandeza de um corpo que procede de uma pequena semente, e diz: Seu vigor, no qual estão inseridas suas qualidades peculiares, salva a medida de sua substância, que recebeu desde o princípio, desenvolvem-se pouco a pouco acompanhando o corpo. Talvez não o entenderíamos, a não ser que esclarecesse o que dizia, empregando a semelhança com o que vemos: Pensa em certa quantidade de ouro ou de prata, ainda

como uma massa bruta. Tem uma forma compacta, e no futuro será menor, contendo, no entanto, dentro de sua medida a totalidade do ouro ou da prata em sua natureza. Em seguida, quando a massa é transformada em lâmina, torna-se maior que no seu princípio pela dilatação de sua massa, e não por um acréscimo. Enquanto se estende, e não enquanto é aumentada, embora assim também aumente, enquanto é estendida. Pois, ainda que aumente na figura, não acontece o mesmo com a quantidade. Então se mostra o brilho do ouro ou da prata, o qual já existindo antes certamente na massa bruta, mas encoberto, no entanto não deixava de existir. E aparecem as formas de um e de outro dada a maleabilidade da matéria, com a qual a trabalha aquele que age, mas nada trazendo para sua medida a não ser a figura. Assim também devem ser considerados os crescimentos da alma, os quais não são substanciais, mas ocasionados⁵⁹.

45. Ao ler este discurso, quem acreditaria que ele pôde conseguir ser tão eloquente com tanta inteligência? Mas estas afirmações são terríveis, não são objeto de riso. Acaso seria levado a isso, se tivesse pensado sobre o que é e o que não é um corpo? Que absurdo maior pode haver que pensar que a massa de um metal possa crescer de um lado quando é golpeada sem diminuir do outro; ou aumentar no comprimento sem diminuir na espessura? Ou que algum corpo possa crescer em todos os sentidos sem se rarefazer? Como a alma, servindo-se daquela pequena porção de semente, poderá encher a grandeza do corpo que ela anima, se ela é também um corpo, cuja substância não pode crescer por nenhum acréscimo? Como, digo eu, poderá encher a carne, à qual ela dá a vida, se não for tanto mais rarefeita, quanto maior é o que ela animar? Ou seja, ele teve medo de que ela perecesse diminuindo, se crescesse, e não teve medo que ela perecesse, rarefazendo-se pelo crescimento. Mas, por que me deter mais quando o discurso encaminha para ser mais longo do que o exige a necessidade de terminar, e minha opinião já é bem conhecida, assim como o que tenho por certo ou o que ainda duvido e por que duvido? Portanto, concluo este Livro para vermos o que vem em seguida.

¹ Gn 2,23.

² Gn 1,27.

³ Gn 1,27.

⁴ Ez 37,9-10.

⁵ Jo 20,22.

⁶ Sb 1,7.

⁷ Is 57,16.

⁸ Sl 33,15.

⁹ Ef 2,8-10.

¹⁰ Sl 51,12.

¹¹ Zc 12,1.

¹² Sb 8,19-20.

¹³ Rm 9,10.

¹⁴ Sl 104,29.30 - trad. dir.

¹⁵ 2Mc 7,23.

¹⁶ Sl 103,14.

¹⁷ Eclo 10,9.

¹⁸ Cf. Rm 10,3.

¹⁹ Cf. Jó 30,19.

[20](#) Sl 102,14.

[21](#) Gl 2,20.

[22](#) Ecl 12,7.

[23](#) Cf. Gn 2,7.

[24](#) Cf. Gn 3,19.

[25](#) Sl 67,39.

[26](#) Rm 5,12.

[27](#) Rm 5,18.19.

[28](#) Gl 5,17.

[29](#) Cf. Sl 84,3.

[30](#) Eclo 1,33.

[31](#) Gal 5,17.

[32](#) Lc 3,6.

[33](#) Cf. Ef 2,3.

[34](#) Rm 6,12.13.

[35](#) Jr 1,5.

[36](#) Cf. Rm 9,11.

[37](#) Cf. Rm 5,19.

[38](#) Cf. Sb 4,11.

[39](#) 1Cor 15,22.

[40](#) Rm 5,19.

[41](#) Rm 5,12.

[42](#) Sb 8,19.20.

[43](#) Sb 9,15.

[44](#) Cf. Sb 7,2.

[45](#) Sl 22,18-19.

[46](#) Sl 22,2.

[47](#) Cf. Lc 2,42-52.

[48](#) Cf. Gl 5,17.

[49](#) Sb 8,19.

[50](#) Cf. Jo 1,14.

[51](#) Hb 7,4-10.

[52](#) Jo 3,6.

[53](#) Cf. Mt 7,7.11.

[54](#) Tertuliano, *De anima*, cap. 7.

[55](#) Tertuliano, *De anima*, cap. 9.

[56](#) Cf. Gn 41,26.

[57](#) Cf. At 10,11.

[58](#) Tertuliano, *De anima*, 37.

[59](#) Tertuliano, *De anima*, cap. 37.

Citação do Gênesis 2,25 a 3,1-24

1. Ora, os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam. A serpente era o mais prudente de todos os animais que existem sobre a terra que Deus tinha feito. Ela disse à mulher: “Então, porque Deus disse: ‘Vós não podeis comer de todas as árvores do paraíso?’ ” A mulher respondeu: “Nós podemos comer do fruto das árvores do paraíso. Mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus disse: ‘Dele não comereis, nele não tocareis, do contrário morrereis.’ A serpente disse à mulher: “Não, não morrereis! Pelo contrário, Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.” A mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista, e que essa árvore era desejável para adquirir conhecimento. Tomou-lhe do fruto e comeu. Deu-o também a seu marido, que com ela estava e ele comeu. Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram. Eles ouviram a voz de Deus que passeava no paraíso à tarde e o homem e sua mulher se esconderam da presença do Senhor Deus, entre as árvores do paraíso. O Senhor Deus chamou Adão; “Onde estás?”, disse ele. “Ouvi tua voz que passeava no paraíso”, respondeu o homem, “e tive medo porque estou nu, e me escondi.” Ele retomou: “E quem te fez saber que estavas nu, senão a árvore da qual somente te ordenei que não comerias? Comeste dela?” Adão respondeu: “A mulher que me deste em companhia me deu da árvore e eu comi!” O Senhor Deus disse à mulher: “Por que fizeste isso?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi”. Então o Senhor Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras que existem sobre a terra. Caminharás sobre teu peito e teu ventre e comerás terra todos os dias de tua vida. Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela. Ela te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.” À mulher ele disse: “Multiplicando, multiplicarei tuas tristezas e gemidos. Na tristeza darás à luz filhos e te converterás para o teu marido e ele te dominará.” A Adão ele disse: “Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te mandei que dela só não comerias, maldita é a terra em teus trabalhos! Na tristeza dela te nutrirás todos os dias de tua vida. Ela produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos. Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retournes à terra da qual foste tirado. Pois tu és terra e à terra tornarás.” O homem chamou sua mulher “Vida”, por ser a mãe de todos os viventes. O Senhor Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de peles, e os vestiu. Depois disse o Senhor Deus: “Eis que Adão se tornou um como nós, versado no bem e no mal. E agora para que não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre!”, o Senhor Deus o expulsou do paraíso de delícia para trabalhar a terra de onde fora tirado. Ele fez sair o homem e o pôs frente ao paraíso de delícia e ordenou aos querubins e à espada de fogo que guardassem o caminho da árvore da vida¹.

2. Antes de tratar de modo ordenado do texto tirado desta Escritura, julgo necessário advertir o que, conforme me lembro, já falei em outro lugar desta obra, ou seja, que pedimos que se defenda no sentido próprio o que narra como fato aquele que escreveu. Mas, se nas palavras de Deus ou de qualquer pessoa no desempenho da missão profética se diz algo que não pode ser interpretado literalmente, a não ser que se diga um absurdo, deve-se entender, sem dúvida, como dito em sentido figurado com algum significado. Entretanto, não é permitido duvidar das palavras, pois o exigem a fé do narrador e o compromisso do explicador².

3. Ora, os dois estavam nus³: é verdade que estavam completamente nus os corpos dos que moravam no paraíso. E não se envergonhavam⁴: por que se envergonharem, se não tinham percebido lei alguma em seus membros que fosse contrária à lei do espírito?⁵ Esta os seguiu pelo castigo do pecado depois da perpetração da culpa, ao se apropriarem do proibido pela desobediência e ao serem castigados com justiça pelo ato cometido. Antes que isso acontecesse, estavam nus, como foi dito, e não se perturbavam; não havia movimento algum no corpo do qual se devesse envergonhar. Nada consideravam necessário cobrir, porque nada sentiam que necessitasse de repressão. Já discutimos antes como se propagariam os filhos. Não se há de crer que do mesmo modo que se propagaram, depois de cometido o crime e imposto o castigo pré-anunciado. Ou seja, antes de morrerem, a morte concebida já agitaria o tumulto dos membros desobedientes no corpo dos homens desobedientes por uma justíssima reciprocidade. Adão e Eva ainda não sentiam tudo isso, pois estavam nus e não se envergonhavam.

CAPÍTULO II

A sabedoria da serpente

4. A serpente era o mais prudente de todos os animais que existiam sobre a terra, que o Senhor Deus tinha feito⁶. Pela tradução do termo, foi dito: o mais prudente, ou, como muitos manuscritos registram: o mais sábio, não no sentido próprio, ou seja, de perfeição, pelo qual se costuma entender a sabedoria de Deus ou dos anjos ou da alma racional, como se pudéssemos dizer que são sábias as abelhas e as formigas pelo trabalho que imita a sabedoria. Ainda que esta serpente possa ser denominada o mais sábio de todos os animais, não pela sua alma irracional, mas pelo seu espírito estranho, ou seja, diabólico. Com efeito, por mais que os anjos prevaricadores tenham sido rebaixados de seus assentos celestiais, pelo mérito de sua perversidade e também pela sua soberba, contudo são superiores a todos os animais pela eminência de sua razão. Portanto, por que se há de admirar se o diabo, enchendo a serpente de seu instinto e misturando-se a ela com seu espírito, do mesmo modo como costuma encher os adivinhos, tornara-a o mais sábio de todos os animais que vivem com alma viva e irracional? Pois, pelo abuso de palavras, denomina-se sabedoria o que diz respeito ao mal, assim como se denomina astúcia o que diz respeito ao bem; assim, na língua latina são denominados sábios com propriedade e pelo uso geral quando merecem louvor, mas por astutos se entendem os de mau caráter. Daí que alguns, de acordo com o que deparamos em muitos manuscritos, passando para a língua latina, não a palavra, mas antes, a sentença, preferiram denominar essa serpente o mais astuto de todos os animais a denominar sábio. Mas qual seja a exatidão na língua hebraica, se na sentença se pode entender e dizer sábios no tocante ao mal, não no uso abusivo, mas próprio, que o examinem os que conhecem perfeitamente a referida língua. Contudo, lemos claramente, em outro lugar das sagradas Escrituras, o emprego de “sábios” no tocante ao mal, não ao bem⁷; e o Senhor diz que são mais sábios os filhos deste século que os filhos da luz, quando se trata de providenciar para si a comodidade futura, não mediante o direito, mas mediante a astúcia⁸.

CAPÍTULO III

A tentação permitida somente à serpente

5. Não devemos opinar que o diabo escolheu por si mesmo a serpente, pela qual tentaria a mulher e a persuadiria ao pecado. Mas, como existia nele a ânsia de enganar por causa de sua vontade má e invejosa, pôde realizá-lo por meio desse animal, pelo qual lhe foi permitido poder. Pois, a vontade de

prejudicar pode ser má por índole, mas não há poder senão vindo de Deus⁹, e isso por uma oculta e sublime justiça, visto que em Deus não há iniquidade.

CAPÍTULO IV

A razão de ser permitida a tentação

6. Se alguém perguntar por que Deus permitiu que o homem fosse tentado, que ele previa que haveria de consentir na tentação, não sou capaz de penetrar na sublimidade de seu desígnio e confesso que isso está muito acima de minhas forças. Portanto, há uma causa talvez mais oculta que é reservada aos melhores e mais santos, antes pela obra da graça do que pelos méritos dos mesmos. Entretanto, quanto ele concede que eu conheça ou permite que eu diga, não me parece que o homem seria objeto de grande louvor, se pudesse viver bem, não havendo ninguém a persuadi-lo a viver mal, sobretudo quando por natureza podia e tinha em seu poder o querer não consentir ao sedutor, ajudando-o aquele que resiste aos soberbos e dá sua graça aos humildes¹⁰. Por que, sendo assim, não permitiria que fosse tentado aquele que ele sabia de antemão que haveria de consentir, se o faria voluntariamente por meio da culpa e seria ordenado pela justiça de Deus por meio do castigo, a fim de que também mostrasse, desse modo, à alma soberba, como ensinamento aos futuros santos, quão retamente Deus se utilizaria das vontades, mesmo das más, quando elas usassem mal das naturezas boas?

CAPÍTULO V

O homem foi vencido pelo tentador devido à soberba

7. Não se há de julgar que o tentador poderia fazer cair o homem, se na alma do homem não tivesse precedido a soberba que deveria reprimir, para que aprendesse pela humilhação do pecado quanto presumira de si mesmo sem fundamento. Com toda a verdade, pois, foi dito: Antes da queda se exalta o coração e antes da glória se humilha¹¹. E é, talvez, a voz deste homem no salmo: Eu disse em minha abundância: “Jamais serei abalado.” Depois, tendo já experimentado o mal que trazem consigo a presunção e a soberba do poder e o bem que encerra em si a ajuda da graça de Deus, diz: Senhor, por tua vontade preservaste a minha honra, mas escondeste tua face e eu fiquei perturbado¹². Tenha sido dito isso do primeiro homem ou tenha sido de um outro, contudo, ao que se exalta na alma e confia demasiadamente em seu poder próprio, era preciso que se demonstrasse pela experiência do castigo como a natureza criada não caminha bem se se afastar daquele que a criou. Daí se conclui também, e principalmente, que bem seja Deus, quando não é um bem para aquele que dele se afasta, pois também os que se deleitam com os prazeres mortíferos não podem ficar sem o medo das dores; e os que não percebem absolutamente o mal de seu afastamento devido à maior estupidez da soberba, aparecem mais infelizes que os outros que isso sabem discernir; de modo que, se não querem receber o remédio para evitar tais infortúnios, sirvam de estímulo para que possam ser evitados. Como diz o apóstolo Tiago: Cada um é tentado pela própria concupiscência, que o arrasta e seduz. Em seguida, concebendo a concupiscência, dá à luz o pecado, e o pecado, atingindo a maturidade, gera a morte¹³. Portanto, curado o tumor da soberba, ressurgue, se a vontade que falhou antes da experiência para permanecer com Deus, mostre-se disposta pelo menos depois da experiência a voltar para Deus.

CAPÍTULO VI

A razão pela qual Deus permitiu que o homem fosse tentado

8. Acerca do tentação do primeiro homem, alguns se preocupam perguntando por que Deus permitiu

que acontecesse, como se não vissem agora todo o gênero humano ser tentado sem cessar pelas insídias do diabo. Será porque na tentação se prova e se exercita a virtude e é um triunfo mais glorioso não consentir na tentação do que não poder ser tentado? Ou porque também aqueles que, tendo abandonado o Criador, igualam-se ao tentador e tentam sempre mais aqueles que permanecem na palavra de Deus e lhes oferecem o exemplo da precaução contra a concupiscência e lhes incutem um temor piedoso contra a soberba? Daí dizer o Apóstolo: Cuidando de ti mesmo, para que também não sejas tentado¹⁴. Com efeito, é admirável o quanto esta humildade, pela qual nos submetemos ao Criador, evitando que nos presumamos de nossas forças, como se não precisássemos de sua ajuda, quanto ela é encarecida pelo zelo divino em todas as divinas Escrituras! Portanto, como os justos progridem até por meio dos injustos e os piedosos, por meio dos ímpios, em vão se diz: “Deus não deveria criar aqueles que ele sabia na sua presciência que seriam maus.” Com efeito, por que não deveria criar aqueles que ele sabia de antemão que haveriam de ser úteis para os bons, e assim nasçam para serem úteis para os bons, para exercitarem e porem de sobreaviso as vontades boas, e eles sejam castigados com justiça devido à sua vontade perversa?

CAPÍTULO VII

Razão pela qual o homem não foi criado sem a possibilidade de pecar

9. Dizem eles: “Deus deveria criar um homem que não quisesse de forma alguma pecar.” Nós também concordamos que seria melhor uma natureza que não quisesse pecar. Mas, que eles concordem que não é má uma natureza que foi criada de tal modo que poderia não pecar, se quisesse, e que é justa a sentença pela qual foi punida aquela que pecou por sua vontade, não por necessidade. Assim como a reta razão ensina que é melhor uma natureza que de forma alguma se deleita com o ilícito, assim também a reta razão ensina que também é boa uma natureza que possui o poder de tal modo coibir o prazer ilícito, se houver, que não só se alegre com os demais atos lícitos e praticados como convém, mas também com a coibição do prazer depravado. Portanto, sendo boa esta natureza e aquela, melhor, por que Deus não criaria as duas? E; por isso, os que estavam inclinados a louvar a Deus por apenas aquela devem louvá-lo muito mais pelas duas. Aquela é própria dos santos anjos, e esta, dos santos homens. Mas aqueles que escolheram para si o caminho da iniquidade desfiguraram a natureza merecedora de louvor por sua vontade digna de culpa. Eles têm também seu papel a desempenhar entre as coisas criadas para a utilidade dos santos. Pois Deus não necessita nem sequer da justiça de qualquer homem reto, quanto menos da iniquidade do perverso?

CAPÍTULO VIII

Razão da criação dos previstos como maus

10. Quem há de dizer, mesmo depois de pensar um pouco: “É melhor que não tivesse criado aquele que ele previa poder se corrigir à vista do pecado de um outro, do que criar também aquele que sabia de antemão que deveria ser condenado por seu pecado?” É o mesmo que dizer: é melhor que não existisse aquele que seria coroado usando bem e por misericórdia do mal de outrem, do que existisse também o mau que fosse castigado justamente em virtude de seu merecimento. Com efeito, a reta razão demonstra que as duas coisas não são igualmente boas; mas uma é melhor e a outra, menos boa; os tardos de inteligência não entendem que, ao dizerem: “Ambos são iguais”, não estão dizendo outra coisa senão: “Existiria apenas um”. E assim, ao quererem igualar as classes de bons, diminuem seu número, e aumentando exageradamente uma classe, eliminam a outra. Quem teria coragem de os escutar, se dissessem: “Sendo mais excelente o sentido da visão que o da audição, deveríamos ter

quatro olhos e ficar sem a audição.” Do mesmo modo, se é mais excelente a criatura racional que se submete a Deus sem merecimento de qualquer castigo e sem qualquer sinal de soberba, do que uma outra que foi criada entre os homens de tal modo que não consegue reconhecer em si o dom de Deus a não ser diante do castigo do outro, de modo a não se ensoberbecer, mas a se encher de temor¹⁵, ou seja, a não confiar muito em si, mas a confiar em Deus, quem há de dizer com razão: “Tanto faz existir esta como aquela”, e não perceba que nada mais está dizendo, senão: “Que não exista esta, mas apenas aquela?” Se se diz isso ignorante e nesciamente, por que Deus não haveria de criar também aqueles que saberia de antemão que seriam maus, querendo assim mostrar sua ira e seu poder e, assim, tolerando com muita paciência os vasos de ira, prontos para a perdição, a fim de que fosse conhecida a riqueza de sua glória para com os vasos de misericórdia, preparados para a glória?¹⁶ Pois, assim o que se gloria, glorie-se tão-só no Senhor¹⁷, ao conhecer que não é seu, mas dele, não só sua existência, mas também a bondade recebida somente dele, do qual tem poder existir.

11. Muito fora de propósito se diz: “Não existiriam aqueles a quem Deus haveria de conceder o grande dom de sua misericórdia, se não pudessem existir de forma alguma, a não ser que existissem também aqueles nos quais pudesse mostrar a justiça do castigo.”

CAPÍTULO IX

A mesma dificuldade

Por que não deveriam existir ambos, se em ambos se manifestam a bondade e a equidade da justiça?

12. “Se Deus quisesse, mesmo estes seriam bons.” Mas, Deus preferiu que fossem o que quisessem ser; assim, os bons não deixariam de produzir frutos, e os maus não existiriam impunemente. E, por esse fato, seriam úteis uns para os outros. Mas, Deus sabia de antemão que a vontade deles seria má. Sabia com certeza, e porque sua presciência não pode se enganar, por isso a vontade má não procederia dele, mas deles. “Por que criou aqueles que ele sabia de antemão que seriam assim?” Porque, assim como previu que seriam maus, também previu o bem que faria das más obras deles. Pois, de tal modo os criou, que lhes deixou os meios para fazerem alguma coisa, que, por mais que envolvesse culpa, encontrariam digno de louvor o que Deus fez a respeito deles. Portanto, a vontade má procede deles; de Deus procedem a natureza boa e o castigo justo; para eles, o lugar devido, para os outros, a ajuda para o exercício no bem e o exemplo do temor.

CAPÍTULO X

Deus e a vontade dos maus

13. “Mas Deus poderia”, dizem eles, “converter a vontade dos maus para o bem, porque é onipotente.” Poderia, certamente. “Por que, então, não o fez?” Porque não quis. “Por que não quis, se depende dele?” Não devemos ter de nós um conceito mais elevado do que convém¹⁸. Penso que um pouco antes de mostrarmos suficientemente que não é um pequeno bem ser criatura racional, ainda que esta criatura evite o mal tendo em conta os maus, se Deus convertesse para o bem as vontades más de todos e não infligisse o castigo devido a nenhum pecado essa espécie de criatura boa viria a faltar. E assim, não existiria senão essa espécie que não progrediria ao faltar o estímulo do pecado ou do castigo dos maus. Desse modo, aumentando o número dos da espécie mais excelente, diminuiria o número das classe dos bons.

CAPÍTULO XI

Deus não necessita do castigo aos maus, mas com ele favorece os bons

14. “Portanto”, dizem eles, “há alguma coisa nas obras de Deus que necessita do bem de outra?” De tal modo se ensurdecaram e se cegaram, não sei por que tipo de disputa, a ponto de não ouvirem ou verem, ao lado de alguns castigados, quão numerosos são os que se corrigem? Com efeito, qual o pagão, qual o judeu, qual o herege que não comprova isso todos os dias em sua própria casa? Mas, quando se chega à discussão e à procura da verdade, esses homens não querem ter em conta os seus sentidos, pelos quais, por obra da divina Providência, vem-lhes o impulso para se imporem a disciplina, de modo que, se não se corrigem os que são castigados, os demais se enchem de temor perante o exemplo deles, e a justa ruína de uns aproveita para a salvação de outros. Acaso Deus é o autor dessa malícia ou maldade por parte deles, com cujo justo castigo favorece aqueles que determinou favorecer desse modo? Não, certamente; mas sabendo que seriam maus com seus vícios próprios, não deixou de criá-los, destinando-os à utilidade daqueles que criou na mesma espécie, os quais não poderiam progredir no bem, senão com o exemplo dos maus. Pois, se não existissem, para nada, certamente, seriam úteis. Acaso é um bem de pouca monta o fato de existirem aqueles que, sem dúvida, são úteis para os de sua espécie? Aquele que não quer que exista essa espécie nada mais faz senão querer não estar nela.

15. Grandes são as obras do Senhor, excelentes para suas vontades¹⁹. Prevê os que vão ser bons, e os cria; prevê os que vão ser maus, e os cria, entregando-se aos bons para dele gozarem, outorgando muitos de seus dons também aos maus. Perdoa-os na sua misericórdia: castigando com justiça e também com misericórdia e com justiça. Nada teme da malícia de quem quer que seja, nada necessita da justiça de quem quer que seja, em nada favorece a si mesmo com as obras dos bons, e favorece os bons mesmo com os castigos dos maus. Portanto, por que não permitiria que o homem fosse tentado com aquela tentação, para prová-lo, convencê-lo e castigá-lo, quando a concupiscência soberba do poder próprio daria à luz o que concebera e se confundiria com seu feto²⁰ e, por um castigo justo, afastaria do mal da soberba e da desobediência aqueles que haveriam de vir, para os quais era destinado o que foi escrito e anunciado?

CAPÍTULO XII

Razão da permissão à serpente para tentar

16. Se alguém perguntar: “Por que Deus permitiu ao diabo tentar a mulher de preferência por meio da serpente”, responderia que isso aconteceu para significar o seguinte: a quem a Escritura, de tão grande autoridade, não chama a atenção que, ao profetizar, o faz com tantos argumentos divinos, quantos deles o mundo está cheio já cumpridos? Não foi porque o diabo quis indicar algo para nossa instrução, mas como não poderia aproximar-se para tentar a não ser com permissão, acaso poderia se aproximar por um outro modo senão por aquele que lhe foi permitido? Tudo, portanto, que a serpente simbolizou, deve-se atribuir àquela Providência sob a qual o diabo tem certamente seu desejo de prejudicar; faculdade, no entanto, que lhe é dada tão somente para arruinar ou destruir os vasos de ira ou para humilhar ou provar os vasos de misericórdia. Com efeito, sabemos de onde procede a natureza da serpente, pois a terra, pela palavra de Deus, produziu todos os animais domésticos, as feras e as serpentes, e todas essas criaturas, tendo em si alma irracional viva, estão por uma lei da ordem divina²¹ sob o domínio de toda criatura racional das boas ou das más. Portanto, por que admirar-se se o diabo recebeu permissão de fazer algo, se o próprio Cristo permitiu que os demônios entrassem nos porcos?²²

Recusa dos maniqueus em colocar o diabo entre as criaturas de Deus

17. Costuma-se investigar sobre a natureza do diabo mais cuidadosamente do que alguns hereges, os quais, impedidos pelo obstáculo de sua má vontade, esforçam-se por excluir toda a natureza do diabo dentre as criaturas do supremo e verdadeiro Deus, e atribuir-lhe um outro princípio que é contrário a Deus. Com efeito, não conseguem entender que tudo o que existe é bom, enquanto é alguma substância, e que não pode existir a não ser do Deus verdadeiro, pelo qual existe todo o bem; mas que a vontade má se move contrariando a ordem, antepondo os bens inferiores aos superiores; e que isso fez com que o espírito racional da criatura, tendo-se deleitado em seu poder por causa de sua excelência, se entumecesse de soberba, pela qual cairia da bem-aventurança do paraíso espiritual e se consumiria pela inveja. Nele, porém, é bom o fato de estar vivo e estar dando vida ao corpo, seja aéreo, como o do diabo ou do espírito dos demônios, seja terreno, como a alma do homem, qualquer que ele seja, mesmo maligno e perverso. Assim, ao não aceitarem que alguma criatura, que Deus criou, venha a pecar pela vontade própria, dizem que a substância do próprio Deus se corrompe e se perverte pela vontade, primeiramente por necessidade e, depois, de modo irreconciliável. Já falamos muitas coisas em outras obras sobre o erro deles, erros próprios de loucos rematados.

CAPÍTULO XIV

O motivo da queda dos anjos foi a soberba e a inveja

18. É preciso investigar nesta obra o que se pode dizer sobre o diabo com base na sagrada Escritura. Primeiramente, se, tendo-se deleitado com seu poder, afastou-se desde o princípio do mundo daquela companhia e caridade, pela qual são bem-aventurados os anjos que gozam de Deus, ou se participaram durante algum tempo da santa sociedade dos anjos, sendo ele igualmente justo e igualmente bem-aventurado. Alguns dizem que caiu dos assentos celestiais porque teve inveja do homem criado à imagem de Deus. Mas, a inveja segue a soberba, não a precede. A inveja não é motivo para ensoberbecer, mas a soberba é motivo para invejar. Como a soberba é o amor à excelência própria e a inveja é o ódio à felicidade alheia, logo se manifesta de onde nasce a inveja. Com efeito, quando alguém ama sua excelência, ou inveja os que são iguais porque lhe são equiparados, ou os inferiores, para não lhe serem equiparados, ou os superiores, porque não conseguem igualá-los. Portanto, ensoberbecendo-se torna-se invejoso, mas invejando não se torna soberbo.

CAPÍTULO XV

As fontes dos males são a soberba e o amor próprio — Os dois amores — As duas cidades — Promessa de escrever “Cidade de Deus”

19. Com razão, a Escritura fixou a soberba como o início de todo pecado, ao dizer: A soberba é o início de todo pecado²³. Ajusta-se adequadamente a este testemunho o que o Apóstolo diz: A raiz de todos os males é a avareza²⁴, se entendermos avareza em geral, pela qual se apetece algo mais do que convém, em razão de sua excelência, e um certo amor do que lhe é próprio, ao qual a língua latina aplicou com sabedoria um termo, denominando-o “próprio” (*privatum*), o qual aparece mais no sentido de detrimento que de crescimento. Com efeito, toda privação implica diminuição. Daí que a soberba quer destacar-se, daí é empurrada para a angústia e a indigência, quando se volta do comum para o próprio pelo amor funesto de si mesmo. Mas é especial a avareza que é denominada mais comumente amor ao dinheiro. Por esse termo o Apóstolo, significando o gênero pela espécie, queria

que se entendesse a avareza em geral, ao dizer: A raiz de todos os males é a avareza. Com efeito, por esta avareza caiu o diabo, o qual certamente não amava o dinheiro, mas o seu poder. Portanto, o amor perverso de si mesmo priva da santa companhia o espírito inflado, e a miséria coarcta aquele que já deseja saciar-se mediante a iniquidade. Daí que, depois de ter dito em outra passagem: Os homens serão amantes de si mesmos, acrescentou em seguida: amantes do dinheiro²⁵, descendo da avareza geral, da qual a soberba é o princípio, para esta especial que é própria dos homens. Pois os homens não seriam mais excelentes quanto mais ricos. A caridade, contrária a esta enfermidade, não procura seu próprio interesse²⁶, ou seja, alegra-se pela excelência não a própria e, portanto, com razão, também não se incha de orgulho²⁷.

20. Estes dois amores, dos quais um é santo, o outro impuro, um social, o outro privado, um que olha para o bem da utilidade comum em ordem à companhia celestial, o outro, que submete o comum a seu poder por causa da dominação arrogante, um, sujeito a Deus, o outro, rival de Deus, um, tranquilo, o outro, turbulento, um, pacífico, o outro, rebelde, um que prefere a verdade às louvaminhas dos que erram, o outro, ávido de louvor de qualquer maneira, um amigável, o outro, invejoso, um que quer para o próximo o que quer para si, o outro, que quer submeter o próximo a si, um que governa o próximo para a utilidade do próximo, o outro, para a sua utilidade; estes amores existiram antes entre os anjos: um nos bons, o outro nos maus; e separam as duas cidades fundadas no gênero humano sob a admirável e inefável Providência de Deus que administra e ordena todas as coisas criadas, uma dos justos, a outra dos pecadores. Com a mescla das duas o mundo caminha até serem separadas no último juízo, uma, unida aos anjos bons, até conseguir a vida eterna com seu Rei; a outra, unida aos anjos maus, até ser mandada para o fogo eterno com seu rei. Se o Senhor quiser, dissertaremos, talvez, mais longamente em outra ocasião sobre estas duas cidades.

CAPÍTULO XVI

A queda do diabo

21. A Escritura não diz quando a soberba derrubou o diabo a ponto de perverter sua natureza boa por sua vontade depravada. Uma razão clara mostra que aconteceu antes que o homem fosse criado, e que, por essa razão, passou a invejar o homem. Está à vista de todos os que observam que a soberba não nasce da inveja, mas, sim, da soberba, nasce a inveja. Mas não sem razão se pode pensar que o diabo tenha caído pela soberba desde o início do tempo e que não tenha havido nenhum tempo antes em que tenha vivido como bem-aventurado com os santos anjos, mas que se apostatou do Criador desde o início da criação, de modo que o dito pelo Senhor: Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade²⁸, interpretemos ambas as coisas desde o princípio: não somente foi homicida, mas também não permaneceu na verdade. E foi homicida certamente desde aquele princípio a partir do qual pôde matar o homem, mas não pôde matar, antes que existisse aquele que seria matado. Portanto, o diabo foi homicida desde o princípio, porque ele matou o primeiro homem, antes do qual não existia homem algum. Mas não permaneceu na verdade desde o princípio de sua criação aquele que permaneceria, se quisesse permanecer.

CAPÍTULO XVII

A bem-aventurança do diabo antes do pecado

22. Como se pode crer que tenha levado uma vida bem-aventurada entre os anjos bem-aventurados aquele que não era presciente de seu futuro pecado e castigo, ou seja, da deserção e do fogo eterno? Se

não previu, pergunta-se com razão: por que não previu? Pois os santos anjos não estão na incerteza sobre sua vida e bem-aventurança eternas. Com efeito, como poderiam ser bem-aventurados, se vivem incertos sobre a mesma? Ou diremos que Deus quis revelar ao diabo, enquanto ainda era bom, o que faria ou o que sofreria, mas que o revelou aos demais que permaneceriam para sempre na sua verdade? Porque, se assim é, então o diabo não foi igual aos anjos na bem-aventurança, melhor, ele não foi completamente bem-aventurado, pois os completamente bem-aventurados estão certos de sua bem-aventurança, a ponto de medo algum os poder perturbar. Mas, qual foi a causa de se diferenciar dos outros a ponto de Deus não lhe revelar as coisas futuras que lhe diziam respeito? Acaso Deus foi castigador antes de ele ser pecador? De forma alguma; pois ele não castiga os inocentes. Ou, talvez, ele pertenceu a outra espécie de anjos, aos quais Deus não concedeu a presciência de seu futuro? Não percebo como possam ser bem-aventurados aqueles para os quais sua própria bem-aventurança é incerta. Com efeito, alguns foram de opinião que o diabo não possuiu a sublime natureza dos anjos, a qual é supraceleste, mas o colocaram na natureza daqueles que um dia foram criados de modo inferior no mundo e foram distribuídos de acordo com seus ofícios. Talvez algo ilícito pudesse deleitar esses tais; contudo, se não quisessem pecar, esse delito seria coibido pelo livre-arbítrio, assim como aconteceu ao homem, principalmente ao primeiro, que ainda não tinha o castigo do pecado em seus membros. Também esse delito é vencido pela piedade pelos santos varões submetidos a Deus por sua graça.

CAPÍTULO XVIII

A felicidade do homem antes do pecado

23. Esta questão sobre a vida feliz, ou seja, se se pode dizer que alguém a tenha, sendo incerto se há de permanecer consigo ou lhe possa acontecer um dia a infelicidade, é uma questão que se pode levantar sobre o primeiro homem. Com efeito, se ele previa seu futuro pecado e seu castigo, como podia ser feliz? Portanto, não era feliz no paraíso. Mas não era presciente de seu futuro pecado? Então, estava incerto por esta ignorância a respeito da felicidade; e como podia ser considerado feliz? Ou estava certo com uma falsa esperança, e não com conhecimento; por que não dizer que era insensato?

24. Podemos entender que o homem constituído agora no corpo animal, a quem, se vivesse na obediência, dar-se-ia a companhia dos anjos, assim como a mudança do corpo animal em espiritual, poderia ter uma vida feliz de certo modo, embora não fosse presciente de seu futuro pecado. Pois, não foram prescientes aqueles dos quais diz o Apóstolo: Vós, os espirituais, corrigi com espírito de mansidão, cuidando de ti mesmo, para que também tu não sejas tentado²⁹. Não dizemos um absurdo e uma maldade se já eram felizes pelo fato de serem espirituais, mas não no corpo, e sim pela justiça da fé, alegrando-se na esperança, perseverando na tribulação³⁰. Quanto mais, portanto, e de um modo mais amplo era feliz o homem no paraíso, embora incerto de sua futura queda, pois alegrava-se na esperança em vista do prêmio da futura transformação, de modo a não haver tribulação alguma contra a qual a paciência pudesse lutar para suportá-la? Pois, ainda que não estivesse certo, como um insensato, com uma frívola presunção do incerto, não era infiel na esperança, antes de alcançar aquela vida, na qual o futuro de sua vida eterna estaria totalmente seguro, poderia exultar, como está escrito, com temor³¹; e com esta exultação ser feliz no paraíso, muito mais que os santos nestas terras, de um modo inferior, mas feliz, comparado à vida eterna dos santos anjos celestiais.

CAPÍTULO XIX

O estado dos anjos

25. É uma presunção dificilmente tolerável afirmar a respeito de alguns anjos que eles possam ser felizes de algum modo, estando incertos de seu pecado e de sua condenação ou, certamente, de sua salvação eterna, aos quais não restasse a esperança de um dia estarem certos de alguma mudança para melhor. A não ser, talvez, que se diga que estes anjos foram criados para desempenhar ministérios no mundo sob as ordens de outros anjos mais sublimes e mais bem-aventurados, e, de acordo com as atividades a eles confiadas, recebam aquela vida bem-aventurada e mais sublime, da qual possam estar totalmente seguros; e alegrando-se pela esperança dessa vida, possa-se dizer não sem razão que já são bem-aventurados. Se o diabo fez parte desse número e caiu com os companheiros de iniquidade, esse fato é semelhante àquele em que os homens caem da justiça da fé, transgressores que são por uma soberba semelhante, seduzindo a si mesmos ou consentindo nas propostas desse tentador.

26. Consigam provar os que puderem a existência de duas espécies de anjos, uma de supracelestiais, entre os quais nunca esteve aquele que, tendo caído, tornou-se o diabo, a outra, dos mundanos, dos quais fez parte. Pelo que me diz respeito, confesso que não me ocorre nenhuma prova em que me apóie para afirmá-lo. Mas, constrangido por aquela questão, pela qual se pergunta se o diabo, antes de cair, sabia de antemão que iria cair, para não dizer que há ou um dia houve anjos inseguros acerca de sua bem-aventurança, afirmei que se poderia pensar não sem razão que o diabo caiu desde o princípio da criação, ou seja, desde o princípio do tempo ou de sua própria criação, e que nunca permaneceu na verdade³².

CAPÍTULO XX

Opinião de alguns: o diabo foi criado na maldade

27. Do que falamos antes, alguns deduzem que o diabo não resvalou para a malícia pelo livre-arbítrio de sua vontade, mas pensam que foi criado com malícia, embora o tenha sido pelo Senhor Deus, supremo e verdadeiro criador de todas as naturezas. E aduzem o testemunho do livro de Jó, pois ali está escrito, quando se falava do diabo: Este é o início das obras do Senhor, que fez para dele zombarem os anjos³³. Concorde com esta sentença o que está escrito no salmo: Este é o dragão, que formaste para zombarem dele³⁴. Os dois textos apresentam esta diferença: no último disse: que formaste, no primeiro, porém: Este é o início das obras do Senhor, como se o tivesse formado de tal modo no início para ser mau, para ser invejoso, para ser sedutor, para ser diabo no sentido absoluto, depravado não por sua vontade, mas criado com essas características.

CAPÍTULO XXI

Refutação da opinião anterior

28. Embora se empenhem em mostrar como essa opinião não se opõe ao que está escrito: Deus fez todas as coisas muito boas³⁵, não se deve afirmá-la nesciamente ou mesmo com ignorância, não somente na primeira criação, mas também agora diante de tantas vontades depravadas. Em resumo: todas as coisas que foram criadas, isto é, toda criatura é muito boa, não porque os bons sejam maus, mas porque não podem fazer por sua maldade com que a beleza e a ordem de toda a criação se envileça ou se perturbe em parte, sob o domínio, o poder e a sabedoria de Deus administrador, visto que as suas vontades individuais, mesmo más, determinam certos e convenientes limites de poderes e quantidade de méritos, para que toda a criação se distinga por sua beleza com esses seres ordenados adequada e justamente. Porque qualquer um sabe, e isso é verdadeiro e claro, que é contrário à própria justiça que, sem mérito precedente, Deus condene em alguém o que ele próprio criou. E como no

Evangelho consta uma incontestável e evidente condenação do diabo e de seus anjos, na qual o Senhor anunciou que dirá aos que estiverem à sua esquerda: Ide, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para seus anjos³⁶, de forma alguma se há de crer que devia ser castigada com a pena do fogo a natureza que Deus criou no diabo, mas sim, sua própria vontade depravada.

CAPÍTULO XXII

Refutação do fundamento da mesma opinião

29. No que foi dito: Este é o início das obras do Senhor, que fez para dele zombarem seus anjos³⁷, não foi indicada a natureza do diabo, mas ou um corpo aéreo, que se ajustou bem a tal vontade, ou a mesma ordenação, na qual o fez não querendo ser útil para os bons; ou porque, sabendo de antemão que seria mau por sua própria vontade, no entanto, criou-o, não deixando de mostrar sua bondade ao dar vida e substância à sua vontade futura mesmo danosa, e prevendo quanto bem poderia fazer dele por sua bondade e pelo seu poder. Mas foi dito: Início das obras do Senhor, que fez para dele zombarem seus anjos, não porque o criou em primeiro lugar ou o criou mau desde o início, mas porque, como sabia que se tornaria mau por própria vontade para prejudicar os bons, criou-o para isso, ou seja, para Deus favorecer os bons por meio do diabo. Com efeito, o sentido das palavras: Para dele zombarem seus anjos, é este: ele é zombado quando são úteis aos santos as tentações demoníacas, com as quais se empenha em corrompê-los, para que sua malícia, na qual ele mesmo quis estar, seja útil aos servos de Deus, mesmo sem ele querer; por isso, prevendo isto, criou-o. Por isso, ele é o princípio da zombaria, porque também os homens maus, vasos do mesmo diabo como corpo da cabeça, os quais, mesmo prevendo que seriam maus, Deus criou para utilidade dos santos, são igualmente vítimas de zombaria, quando, querendo prejudicá-los, oferecem aos santos, em vista do que são, a cautela, a humildade sob a dependência de Deus, a compreensão da graça, o exercício para tolerar os maus e uma prova para amar os inimigos. Mas ele é o início das obras porque é vítima de zombaria, porque precede os homens maus pela antiguidade do tempo e pela primazia na malícia. Deus faz com que seja zombado por meio dos santos anjos mediante aquela obra da providência pela qual administra as naturezas criadas, ou seja, sujeitando os anjos maus aos anjos bons para que a improbidade dos maus não tenha poder conforme pretendem, mas conforme o que lhes é permitido. Diga-se o mesmo não somente a respeito dos anjos maus, mas também dos homens, até que esta justiça, pela qual se vive da fé³⁸, a qual se exercita com a paciência no meio dos homens, converta-se em juízo, para que também eles possam julgar não somente as doze tribos de Israel, mas também os anjos.

CAPÍTULO XXIII

O sentido da afirmação do Senhor: “(O diabo) não permaneceu na verdade”

30. O fato de se pensar que o diabo nunca permaneceu na verdade³⁹, nunca viveu a vida bem-aventurada com os anjos, mas que caiu de seu estado desde o princípio, não se há de entender de modo que se pense que não se depravou por vontade própria, mas que já foi criado por Deus como mau. Caso contrário, não se diria que caiu desde o princípio, se foi criado já depravado. Deve-se pensar que, uma vez criado, imediatamente se desviou da luz da verdade, inflado de soberba e corrompido pelo deleite de seu poder. Razão pela qual não saboreou a doçura da vida bem-aventurada e angélica, da qual não se enfastiou certamente, mas a que abandonou ao não querer recebê-la, e a perdeu. Por conseguinte, não pôde ser presciente de sua queda, pois a sabedoria é fruto da piedade. Mas ele, tendo-se tornado imediatamente ímpio e consequentemente cego de inteligência, não caiu do que recebera, mas do que receberia, se tivesse querido submeter-se a Deus. Como, sem dúvida, não quis e caiu do que haveria de

receber, não conseguiu evadir-se do poder sob o qual estava. E aconteceu, pelo peso dos méritos, que nem pôde deleitar-se com a luz da justiça, nem se libertar da sentença de Deus.

CAPÍTULO XXIV

Significado do corpo místico do diabo

31. O que se diz pelo profeta Isaías contra o diabo: Como caiu do céu, Lúcifer, estrela d'alva? Como foi atirado à terra o que dominava todas as nações! E, no entanto, dizias no teu coração: “Hei de subir até o céu, acima das estrelas do céu colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da assembleia, nos confins do norte. Sentarei sobre um monte excelso, sobre os montes excelsos do norte, subirei sobre as nuvens e serei semelhante ao Altíssimo.” Agora, porém, descerás aos infernos⁴⁰ etc. São palavras ditas contra o diabo na figura do rei da Babilônia; muitas destas coisas convêm ao seu corpo que também reúne pessoas do gênero humano e, entre elas, principalmente aquelas que lhe aderem pela soberba, apostatando dos preceitos de Deus. Assim como o que era diabo foi denominado homem, como se lê no Evangelho: O homem inimigo é que fez isso⁴¹, da mesma forma o que era homem foi denominado diabo, como registra novamente o Evangelho: Não vos escolhi, eu, aos doze? No entanto, um de vós é um demônio⁴². E assim como o corpo de Cristo, que é a Igreja, é denominado Cristo, conforme o que está escrito: Vós sois a descendência de Abraão, depois de ter dito um pouco antes: Ora, as promessas foram asseguradas a Abraão e à sua descendência. Não diz: “e aos descendentes”, como se referisse a muitos, mas como a um só: “e à tua descendência”, que é Cristo⁴³; e novamente: Com efeito, o corpo é um só e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também Cristo⁴⁴. Do mesmo modo é também o corpo do diabo, do qual é a cabeça, ou seja, da multidão dos ímpios e, principalmente, daqueles que se afastam de Cristo ou da Igreja como se fosse do céu, é denominado diabo. A respeito desse corpo se dizem, em sentido figurado, muitas coisas que se adaptam não tanto à cabeça quanto ao corpo e aos seus membros. Assim, a estrela que nascia de manhã e caiu pode ser interpretada como a espécie dos apóstatas ou de Cristo ou da Igreja; essa espécie se converte em trevas depois de perder a luz que levava, assim como os que se convertem para Deus passam das trevas para a luz, ou seja, os que foram trevas tornam-se luz.

CAPÍTULO XXV

O corpo do diabo simbolizado em Ezequiel

32. Da mesma forma, as palavras do profeta Ezequiel interpretam-se como referentes ao diabo na figura do príncipe de Tiro: És o modelo da semelhança e a coroa da beleza. Estavas nas delícias do paraíso de Deus, ornado com todas as pedras preciosas etc.⁴⁵ Estas palavras interpretam-se como ditas, não tanto ao referido príncipe, espírito de maldade, quanto a seu corpo. A Igreja foi denominada paraíso, como se lê no Cântico dos Cânticos: És jardim fechado, fonte lacrada, poço de água viva, pomar com frutos preciosos⁴⁶. Dela caíram todos os hereges, com separação manifesta e corporal, ou oculta e espiritual, todos os que voltaram a seu vômito. Ainda que pareçam estar nela corporalmente, visto que, depois da remissão dos pecados, tinham andado um tempo no caminho da justiça, neles a vida posterior se tornou pior que a anterior. A eles não convinha conhecer o caminho da justiça, do qual antes conhecido, voltaram atrás desviando-se do santo mandamento que lhes foi confiado⁴⁷. O Senhor descreve essa péssima geração, quando diz que o espírito imundo sai do homem e volta com outros sete e vem morar na casa que encontra já arrumada, de modo que a condição final do homem

torna-se pior do que antes⁴⁸. Com efeito, a esta espécie de homens, que já se tornou corpo do diabo, podem ser aplicadas estas palavras: Desde o dia em que foste criado com o querubim, ou seja, com o trono de Deus que se interpreta “ciência multiplicada”, e te pôs no monte santo de Deus, ou seja, na Igreja. Daí o salmista dizer: E ouviu-me de seu monte santo⁴⁹. E movias-te por entre pedras de fogo, ou seja, com o espírito dos santos fervorosos, das pedras vivas; desde o dia em que foste criado, caminhaste sem vício em todos os teus caminhos até o dia em que se achou maldade em ti⁵⁰. Estas palavras podem ser melhor estudadas, a fim de que, talvez, possa-se mostrar não somente que se deve entendê-las desse modo, mas que não podem de modo algum entender-se de outro.

CAPÍTULO XXVI

Conclusão do assunto sobre a criação e a queda do diabo

33. Porque já se falou muito sobre este assunto e ele exige uma exposição que trate somente desta questão, por agora basta esse resumo: ou o diabo, por sua ímpia soberba, desde o início de sua criação, caiu de sua bem-aventurança, a qual haveria de receber, se quisesse; ou havia anjos de ministério inferior neste mundo, entre os quais o diabo vivera gozando de uma certa bem-aventurança não sabida de antemão por ele e de cuja companhia caiu como arcanjo com os anjos que lhe estavam submetidos. Se isso não se pode afirmar de modo algum, e admiro-me de que possa, se há de investigar se entre os anjos viveu o diabo algum tempo com os anjos igualmente bem-aventurado; ou por que todos os santos anjos ainda não tinham tido certa presciência de sua bem-aventurança eterna, mas a receberam depois da queda do diabo, ou por quais merecimentos o diabo com seus anjos foi separado dos demais anjos antes de seu pecado, de modo que ignoraria sua futura queda, enquanto que os outros estariam certos de sua permanência na bem-aventurança. Não duvidemos de forma alguma que os anjos pecadores foram desalojados para o cárcere das trevas aéreas nas proximidades das terras, de acordo com a fé apostólica, onde estão guardados à espera do juízo⁵¹; e que na suprema bem-aventurança dos santos anjos não é incerta a vida eterna, e que para nós não é incerta pela misericórdia e a graça e a fiel promessa de Deus, quando nos unirmos a eles depois da ressurreição e da transformação destes corpos. Com efeito, vivemos na esperança e nos recreamos com a graça da promessa. Mas, tudo o que ainda se pode dizer sobre o diabo: por que Deus o criou, sabendo o que haveria de ser e por que o Onipotente não transformou sua vontade para o bem, considerando o que dissertamos ao investigarmos pontos semelhantes sobre os homens maus, ou se entenda ou se creia. Ou, se é possível encontrar algo que seja melhor, que se encontre.

CAPÍTULO XXVII

A tentação do diabo por meio da serpente

34. Aquele, cujo poder está sobre todas as coisas, que criou por meio dos anjos, os quais zombam do diabo, cuja malevolência contribui para o bem da Igreja, não permitiu que a mulher fosse tentada senão pela serpente, e nem o homem, a não ser pela mulher. Mas, foi o diabo quem falou na serpente, valendo-se dela como órgão e movendo sua natureza do modo como ele pôde mover e ela ser movida para reproduzir os sons das palavras e os sinais corporais, mediante os quais a mulher pudesse entender a vontade do sedutor. Mas, na mulher, porque era criatura racional que dispunha de movimento para se expressar em palavras, ele não falou, mas falaram sua ação e sua persuasão, ainda que a ajudasse interiormente por uma inspiração oculta, o que efetuariam exteriormente por meio da serpente. Se agisse somente por uma inspiração oculta, como agiu em Judas para trair Cristo⁵², poderia atuar na alma induzida pelo amor soberbo de seu poder; mas, como já disse, o diabo tem a

vontade de tentar, mas não tem poder para fazer nem como fazer. Portanto, porque teve permissão, tentou, e tentou como lhe foi permitido. Mas não sabia a que espécie de pessoas aproveitaria o que fazia, e não queria esse proveito, por isso era objeto de zombaria por parte dos anjos.

CAPÍTULO XXVIII

A serpente não entendia suas próprias palavras

35. A serpente certamente não entendia os sons das palavras que dela saíam dirigidas à mulher. Com efeito, não se há de crer que sua alma se tivesse transformado em alma racional, pois nem os próprios homens, cuja natureza é racional, sabem o que estão falando quando o demônio fala por eles na possessão em que se exige um exorcista. Quanto menos a serpente entenderia os sons das palavras que por meio dela e daquele modo o diabo produzia, assim como não entenderia uma pessoa falando, se a ouvisse imune da possessão diabólica. Com efeito, o fato de se pensar que as serpentes ouvem ou entendem os encantadores, de modo a se precipitarem das cavernas pelos seus encantamentos, tenha-se em conta que também neste caso é atuação da força diabólica para dar-nos a conhecer a Providência que submete uma coisa a outra pela ordem natural e o que ele permite às vontades depravadas pelo seu sapientíssimo poder. Assim, é mais comum que as serpentes se movam por força dos encantamentos dos homens do que qualquer outra espécie de animais. Não é uma prova sem importância o fato de a natureza humana primitiva ter sido seduzida pela fala de uma serpente. Os demônios se alegram de que lhes é outorgado esse poder, ou seja, de mover as serpentes para os encantamentos dos homens e, assim, poderem enganar de qualquer maneira os que puderem. Isso lhes é permitido para despertar a memória do que foi feito pela primeira vez, o que indica que os demônios possuem uma certa familiaridade com essa espécie de animais. Na verdade, este primeiro fato foi permitido para que, por meio da natureza da serpente, ficasse significada toda semelhança da tentação diabólica ao gênero humano. Era conveniente que se registrassem esses fatos para sua instrução. Isso se manifestará quando a sentença divina for proferida contra a serpente.

CAPÍTULO XXIX

Razão da denominação “o mais sábio”, dada à serpente

36. Foi dito a respeito da serpente, conforme alguns manuscritos, que era “o mais prudente” ou seja, o mais astuto⁵³, devido à astúcia do diabo que nela e por ela cometia o dolo, assim como se diz “língua prudente ou astuta” aquela que o prudente ou o astuto movimenta para persuadir algo prudente e astutamente. Esta força ou virtude não é do membro corporal, que se denomina “língua”, mas certamente força ou virtude da mente que se utiliza da língua. E é também denominada “pena” mentirosa dos escritores. Ser mentiroso diz respeito apenas ao ser vivo e sensitivo; mas chamou-se “pena” mentirosa, porque por ela o mentiroso age mentirosamente. Da mesma forma, se esta serpente fosse denominada mentirosa, seria porque o diabo a usaria mentirosamente como de uma pena.

37. Considerei que devia encarecer isso para que ninguém, julgando que os animais privados de razão possuem inteligência humana ou que se mudam repentinamente em animal racional, seja induzido àquela opinião ridícula e nociva da transformação das almas dos seres humanos em animais ou de animais em seres humanos. Assim a serpente falou ao homem, tal como a burra, em que estava montado Balaão, falou ao homem⁵⁴, exceto que no primeiro caso foi uma obra diabólica e, no segundo, uma obra angélica. Alguns anjos bons e maus apresentam obras semelhantes, como aconteceu com Moisés e os magos do faraó⁵⁵. Mas nestas obras, os anjos bons são também mais

poderosos, e os anjos maus não têm poder de fazer nenhuma de tais obras, a não ser que Deus lhes permita por meio dos anjos bons, a fim de que a cada um seja retribuído conforme a disposição de seu coração ou segundo a graça de Deus, e ambos com justiça e bondade pelo abismo da riqueza e da sabedoria de Deus⁵⁶.

CAPÍTULO XXX

O diálogo da serpente com a mulher

38. A serpente disse à mulher: “Então, porque Deus disse: ‘Vós não podeis comer de todas as árvores do paraíso?’ ” A mulher respondeu à serpente: “Nós podemos comer do fruto das árvores do paraíso. Mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus disse: ‘Dele não comereis, nele não tocareis do contrário morrereis’.”⁵⁷ Primeiramente a serpente interrogou a mulher e a mulher respondeu à pergunta para que a prevaricação fosse inescusável e nem se pudesse dizer de forma alguma que a mulher esquecera do que Deus lhe ordenara. Ainda que o esquecimento de um preceito, principalmente de um preceito tão necessário, sempre envolveria a culpa máxima devido à negligência punível, contudo, a transgressão é mais evidente quando se guarda o preceito na memória. É como se estivesse desprezando a Deus presente e assistente. Por isso, foi necessário que no salmo, depois de se dizer: Guardam na memória os seus preceitos, se acrescentasse: para que sejam observados⁵⁸. Muitos guardam na memória os preceitos para os desprezarem por um pecado maior de prevaricação, porque então não há desculpa alguma para o esquecimento.

39. A serpente disse então à mulher: “Não, não morrereis! Mas Deus sabe que, no dia em que comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal.”⁵⁹ Como a mulher poderia acreditar nestas palavras, se foram proibidos por Deus de uma coisa boa e útil, a não ser que lhe estavam inerentes o amor do poder próprio e uma certa presunção sobre si mesma, a qual seria provada e humilhada mediante a tentação?

Finalmente, não satisfeita com as palavras da serpente, a mulher reparou atentamente na árvore e viu *que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista*⁶⁰ e não acreditando que poderia morrer por isso, pois penso que ela julgou que Deus houvesse dito em sentido figurado: *Se comerdes, morrereis*⁶¹, tomou-lhe o fruto e comeu, e deu-o a seu marido para que também ele comesse. Talvez lhe tenha apresentado com palavras persuasivas, o que a Escritura não dizendo deixou-o entender. Ou, talvez, já não era mais preciso persuadir o marido, visto que ele viu que ela não morreu por ter tomado aquele alimento?

CAPÍTULO XXXI

Depois da queda abriram-se os olhos dos dois

40. Portanto, comeram e abriram-se os olhos dos dois⁶². Para que, senão para se desejarem mutuamente, como pena do castigo concebida pela morte da carne, de modo que seu corpo já não era apenas animal, o qual podia ser mudado para um estado melhor e espiritual sem morte, se continuassem obedientes, mas já corpo de morte, no qual a lei nos membros seria contrária à lei do espírito?⁶³ Não foram criados com os olhos fechados e não vagueavam cegos e às apalpadelas no paraíso de delícias de modo a tocarem a árvore proibida mesmo sem quererem, e, apalpando, apanhassem os frutos proibidos sem o saberem. Como os animais e as árvores foram levadas a Adão para ver como os chamaria, se não enxergava? E como a mulher foi apresentada ao homem, depois que foi criada, de modo a falar a respeito dela a quem não enxergava, e dizer: Esta, sim, é osso de

meus ossos, carne de minha carne? etc.⁶⁴ Finalmente, como a mulher viu que a árvore era boa ao apetite e formosa à vista e desejável para adquirir discernimento, se seus olhos estavam fechados?

41. Não se há de entender tudo em sentido figurado por causa de uma palavra. Haja vista em que sentido a serpente disse: Vossos olhos se abrirão. Com efeito, o escritor do livro narrou que disse assim, mas deixou para o leitor examinar com que significado pronunciou a frase. Mas o que está escrito: Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus⁶⁵, está escrito conforme se costuma narrar o que aconteceu. Por isso não devemos considerar uma narrativa alegórica. Nem o evangelista, nas suas narrativas, inseria palavras de alguém em sentido alegórico, e narrava o que acontecera não como sendo ele o protagonista, quando falava a respeito daqueles dois, dos quais um era Cléofas, o qual, após o Senhor lhe ter partido o pão: Então seus olhos se abriram e o reconheceram, ou seja, aquele que não reconheceram no caminho⁶⁶, não porque caminhavam com os olhos fechados, mas porque não foram capazes de reconhecê-lo. Tanto na outra passagem como nesta, a narrativa não está em sentido alegórico, embora a Escritura tenha empregado uma figura para dizer que se abriram os olhos de quem antes já estavam abertos. Abertos, certamente, para compreender e entender o que antes não percebiam de forma alguma. Com efeito, quando a curiosidade atrevida os impele a transgredir o preceito, curiosidade ávida de experimentar o que estava oculto, o que aconteceria tocando o proibido e gozando em romper as cadeias da proibição, inspirada pelo desejo de uma liberdade nociva, julgando que não se seguiria a morte que temeram, é de crer que aquele fruto daquela árvore era da mesma espécie que os frutos não nocivos das outras árvores que já tinham experimentado. Por esta razão, acreditaram mais que Deus os perdoaria facilmente ao pecarem do que suportaram com paciência não saber o que seria aquele fruto, ou por que os tinha proibido de apanhá-lo daquela árvore. Logo que transgrediram o preceito, desnudados no interior após se apartarem da graça que tinham ofendido pelo orgulho e amor soberbo de seu próprio poder, dirigiram seus olhos para seus membros e os desejaram com um movimento que lhes era desconhecido. Portanto, para isso se abriram seus olhos: para o que antes não estavam abertos, embora os tivessem abertos para outros fins.

CAPÍTULO XXXII

A origem da mortalidade e da lascívia

42. Esta morte teve lugar no dia em que se fez o que Deus proibiu. Com efeito, perderam aquele estado admirável pelo qual não poderiam nem ser atacados pela doença, nem ser mudados pela idade, o que lhes era dado pela árvore da vida por uma força misteriosa. Assim, no corpo deles, que embora animal devia ser transformado depois para melhor, já estava significado pelo alimento da árvore da vida o que, mediante o mesmo alimento espiritual da sabedoria, do qual aquela árvore era um sinal, acontece nos anjos pela participação na eternidade para não se mudarem para pior. Tendo perdido esse estado, o corpo deles contraiu a propriedade doentia e mortífera que está inerente também à carne dos animais e, por isso, também o mesmo movimento pelo qual se efetua nos animais o apetite da concupiscência para que os que nascem sucedam aos que morrem. Já no próprio castigo, a alma racional, sinal de sua nobreza, envergonhou-se do instinto animalesco nos membros de seu corpo, e incutiu-lhe o pudor, não somente porque o percebia onde nunca percebera antes, mas também porque aquela sensação vergonhosa procedia da transgressão do preceito. Naquele momento percebeu de que graça estava vestido, quando em sua nudez não tinha essa sensação indecorosa. Ali se cumpriu o que está escrito: Senhor, em tua benevolência deste virtude à minha beleza; mas escondeste tua face e fiquei perturbado⁶⁷. Finalmente, em razão desta perturbação, recorreram às folhas de figueira, teceram

um cinto e, porque se despojaram do objeto de glória, teceram o objeto de vergonha. Ao empregar essas folhas, não julgo que tiveram uma intenção especial que mostrasse a conveniência de cobrir com elas os membros excitados pelo desejo, mas foram impelidos por um instinto oculto devido à perturbação, para que o significado de seu castigo agisse nos ignorantes, castigo este que, uma vez acontecido, convencesse o pecador e o que está escrito instruisse o leitor.

CAPÍTULO XXXIII

A voz de Deus que passeava no jardim

43. Eles ouviram a voz do Senhor Deus que passeava no paraíso à tarde⁶⁸. Naquela hora era conveniente visitar os que se afastaram da luz da verdade. Talvez Deus falasse com eles antes, no interior, mediante outros meios, ou com palavras inefáveis, tal como fala aos anjos iluminando suas mentes com a inmutável verdade. Aí se entende conhecer ao mesmo tempo as coisas que no decurso dos tempos não acontecem ao mesmo tempo. Talvez, digo eu, falasse com eles desse modo, embora não com tanta participação na sabedoria divina quanta podem receber os anjos, mas, de acordo com a medida humana, em proporção menor, mas com a mesma maneira de visitar e falar. Talvez, também, com aquele modo que acontece na criatura nos êxtases do espírito com imagens corporais, ou com os próprios sentidos do corpo mediante alguma figura apresentada para ver ou para ouvir, tal como Deus costuma ser visto em seus anjos ou falar por meio de nuvens. O fato de terem ouvido a voz de Deus que passeava no paraíso à tarde somente se pode considerar como feito de modo visível por meio de uma criatura e, assim, evita-se crer que a substância invisível e onipresente, que é própria do Pai e do Filho e do Espírito, tenha aparecido aos sentidos corporais deles com movimento local e temporal.

44. E Adão e a mulher se esconderam da face de Deus, entre as árvores do paraíso⁶⁹. Quando Deus afasta inteiramente sua face e o homem se perturba, não nos admiremos de que aconteçam estes gestos que são semelhantes aos da loucura, em razão do excessivo pudor e temor. Levados por aquele instinto oculto, fizeram, sem o saberem, aquelas coisas que significariam algo que um dia seriam conhecidos dos pósteros, por cuja causa elas foram escritas.

CAPÍTULO XXXIV

Adão é interrogado por Deus

45. O Senhor Deus chamou Adão: “Onde estás?”, disse ele⁷⁰. É a voz de quem recrimina, não de quem ignora. E isso, certamente, diz respeito a algum significado, porque, assim como o preceito foi dado ao homem, por cujo meio chegasse à mulher, assim o homem é o primeiro a ser interrogado. Com efeito, o preceito veio do Senhor por meio do homem até a mulher, mas o pecado procedeu do diabo por meio da mulher para chegar ao homem. Estes pormenores estão repletos de significados místicos, não se cumprindo naqueles que os realizaram, mas procederam da poderosíssima sabedoria de Deus que os realizou neles. Agora, não vamos manifestar o que significaram, mas relatamos os fatos.

46. “Ouvi tua voz no paraíso”, respondeu Adão; “tive medo porque estou nu, e me escondi.”⁷¹ É muito provável que Deus costumava aparecer aos primeiros homens na forma humana por meio de uma criatura apropriada a tal ação. Entretanto, nunca lhes permitiu prestar atenção à sua nudez, elevando sua atenção para as coisas do alto, a não ser quando, depois do pecado, sentiram o movimento vergonhoso nos membros pela lei penal dos membros. Portanto, de tal modo ficaram chocados como os homens costumam ficar chocados diante dos olhares dos homens; e este choque era castigo do pecado no sentido de querer Adão esconder àquele a quem nada se pode esconder. Por que admirar-se,

se querendo ser como deuses em sua soberba, dissiparam-se em seus pensamentos e seu coração insensato obscureceu-se? Consideraram-se sábios na prosperidade e, tendo Deus afastado sua face, tornaram-se tolos⁷². Pelo fato de se envergonharem um do outro, razão pela qual teceram para si túnicas, passaram a ter medo muito maior de serem vistos por aquele que, com um modo de ser familiar, achegava-se a eles para vê-los por meio de uma criatura visível, como que por meio de olhos humanos. Com efeito, se lhes aparecia como os homens falam entre si, e como apareceu a Abraão junto ao carvalho de Mambré⁷³, aquela quase amizade, que infundia confiança antes do pecado, pesava por causa do pudor depois do pecado, e não mais se atreviam a mostrar a tais olhos a nudez que também não agradava aos seus.

CAPÍTULO XXXV

As desculpas de Adão e de Eva

47. O Senhor, querendo já castigar os pecadores interrogados segundo os moldes da justiça com mais rigor do que com aquele castigo do qual já eram obrigados a se envergonharem, disse: E quem te fez saber que estavas nu senão a árvore da qual somente te ordenei que não comerias. Comeste dela?⁷⁴ A partir daí, concebida a morte, devido à sentença de Deus que assim ameaçava, fez com que percebessem seus membros com concupiscência, quando se disse que seus olhos se abriram, ao que veio em seguida o sentir vergonha. Adão respondeu: A mulher que me deste em companhia me deu da árvore, e eu comi!⁷⁵ Aí está a soberba! Acaso disse: Pequei? Ele manifesta a deformidade da confusão e não a humildade da confissão. Estas coisas foram escritas porque as interrogações foram feitas para isso, ou seja, para que fossem escritas com veracidade e utilidade; porque, se fossem escritas mentirosamente, não seriam para utilidade. Foram escritas para que percebamos que doença acomete hoje os homens ao se empenharem em atribuir somente ao Criador o mal que praticarem, enquanto que querem atribuir a si mesmos o bem que praticarem. A mulher, disse ele, que me deste em companhia, ou seja, que me deste para estar comigo, me deu da árvore, e eu comi; como se lhe fosse dada para isso e não, antes, para obedecer ao homem e ambos, a Deus.

48. O Senhor Deus disse à mulher: “Por que fizeste isso?” E a mulher respondeu: “A serpente me seduziu e eu comi!”⁷⁶ Nem a mulher confessa seu pecado, mas o atribui a outro; desiguais no sexo, iguais na soberba. Contudo, deles nasceu, mas não os imitou, e foi exercitado sem dúvida em muitos males, aquele que disse e dirá até o fim dos séculos: Eu disse: Deus, tem piedade de mim! Cura a minha alma, porque eu pequei contra ti⁷⁷. Quanto melhor se estes tivessem feito o mesmo! Mas o Senhor ainda não cortara a cabeça dos pecadores⁷⁸. Faltavam os trabalhos, as dores da morte e toda a tribulação do mundo, e a graça de Deus, com a qual no tempo oportuno socorreu os homens aos quais, angustiados, ensinou que não devem presumir-se de si mesmos. A serpente, disse ela, me seduziu e eu comi: como se a persuasão vinda de quem quer que seja deva ser anteposta ao preceito de Deus.

CAPÍTULO XXXVI

A maldição da serpente

49. Então o Senhor Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, és maldita entre todos os animais domésticos e todas as feras que existem sobre a terra. Caminharás sobre teu peito e teu ventre e comerás terra todos os dias de tua vida. Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre a tua li-nhagem e a dela. Ela te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.”⁷⁹ Toda esta sentença está em sentido figurado, e nenhuma outra coisa a fidelidade do escritor e a verdade da narrativa exigem senão que não

duvidemos que ela foi pronunciada. Pois o que está escrito: Então o Senhor Deus disse à serpente são as únicas palavras do escritor; estas exigem a interpretação no sentido próprio. Portanto, é verdade que isso foi dito à serpente. As demais palavras são de Deus e se deixam para a livre compreensão do leitor se devem ser aceitas em sentido próprio ou no figurado, como já antecipamos no começo deste Livro. Pelo fato de a serpente não ter sido interrogada sobre por que o fez, pode parecer que ela não o fez em sua natureza e por sua vontade. O diabo, que fora destinado ao fogo eterno pelo pecado de sua impiedade e soberba, serviu-se dela e agiu por meio dela e nela. Portanto, o que agora se diz à serpente e diz respeito certamente àquele que agiu por meio da serpente está sem dúvida em sentido figurado. Com efeito, nessas palavras está descrito o tentador, como ele seria para o gênero humano. Esta sentença foi proferida contra o diabo, como se ele fosse a serpente, porque o gênero humano começou então a propagar-se. Assim, como se não de entender essas palavras em sentido figurado, já dissertamos o quanto nos foi possível, nos dois livros publicados contra os maniqueus. Se pudermos discorrer em outro lugar com mais diligência e mais profundamente sobre este assunto, Deus nos assista para podermos fazê-lo⁸⁰. Agora, no entanto, nada nos obriga a desviar nossa atenção para algo diferente do que assumimos.

CAPÍTULO XXXVII

O castigo da mulher

50. À mulher ele disse: “Multiplicando, multiplicarei tuas tristezas e gemidos. Na tristeza darás à luz filhos e te converterás para o teu marido e ele te dominará.”⁸¹ Estas palavras de Deus à mulher entendem-se muito mais apropriadamente no sentido figurado e profético. Contudo, porque a mulher ainda não dera à luz e como as dores e os gemidos da parturiente não procedem senão do corpo de morte que ela concebeu pela transgressão do preceito nos membros então animais, os quais, se o homem não tivesse pecado, não veriam a morte, mas viveriam em outro estado mais feliz até que merecessem ser transformados para melhor depois de uma vida transcorrida na prática do bem, como já insinuamos em muitas passagens, este castigo deve ser interpretado também no sentido próprio. O que foi dito: E te converterás para o teu marido e ele te dominará, é preciso examinar como se pode entender no sentido próprio. É conveniente crer que a mulher, mesmo antes do pecado, não foi feita senão para que o homem a dominasse e ela se voltasse para ele servindo-o. Pode-se entender certamente esta servidão em sentido figurado, uma servidão mais no tocante à natureza do que ao amor, de modo que tal servidão pela qual os homens passaram a ser servos dos homens, tenha como origem o castigo do pecado. Pois diz o Apóstolo: Servi-vos mutuamente na caridade⁸², mas não dizia de forma alguma: “Dominai-vos uns aos outros”. Com efeito, os esposos podem servir-se mutuamente na caridade, mas o Apóstolo não permite que a mulher domine o homem⁸³. A sentença de Deus favoreceu antes o homem, e o marido mereceu o domínio sobre a mulher não pela natureza, mas pela culpa. Se não se observa essa diferença, mais se depravará a natureza e a culpa aumentará.

CAPÍTULO XXXVIII

O castigo do homem e o nome dado à mulher

51. Disse Deus ao marido da mulher: Porque escutaste a voz de tua mulher e comeste da árvore que eu te mandei que dela só não comerias, maldita é a terra em teus trabalhos. Na tristeza, dela te nutrirás todos os dias de tua vida. Ela produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás a erva dos campos. Com o suor de teu rosto, comerás teu pão até que retournes à terra, da qual foste tirado. Pois tu és terra e à terra tornarás”.⁸⁴ Quem desconhece que estes são os trabalhos do gênero humano? E não se deve

duvidar que não existiriam, se o homem mantivesse a felicidade que existia no paraíso; e, por isso, ninguém se aborreça em interpretar estas palavras, em primeiro lugar, no sentido próprio. É preciso, porém, aceitar e apoiar um significado profético que a intenção de Deus tem em vista principalmente aqui. Com efeito, não em vão, Adão, por um admirável instinto, deu à mulher o nome de Vida, acrescentando: Por ser mãe de todos os viventes. Estas palavras não se hão de entender como ditas pelo que escrevia ou afirmava, mas pelo próprio primeiro homem, que disse: Por ser a mãe de todos os viventes⁸⁵, como que aduzindo a razão do nome dado por ele, por tê-la denominado Vida.

CAPÍTULO XXXIX

As túnicas de pele — Censura à soberba

52. O Senhor Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu⁸⁶. Isso aconteceu com um significado, mas aconteceu. Como aquelas coisas que são ditas com uma significação, mas foram ditas. Com efeito, sempre afirmei, e não me enfado de dizer mais vezes, que do narrador dos fatos se há de exigir que narre como coisas acontecidas as que aconteceram, e como afirmadas as que foram afirmadas. Assim como, no tocante aos fatos, pergunta-se o que aconteceu e o que significa, assim também no tocante às palavras se pergunta o que foi dito e o que significa. Tenha sido dito no sentido próprio ou no figurado, narra-se o que foi dito; contudo, o fato de ter sido dito não se deve considerar como figurado.

53. Depois disse o Senhor Deus: “Eis que Adão se tornou um como nós, versado no bem e no mal⁸⁷. Por que disse isso, por qual meio, de que modo tenha sido dito, o que importa é que Deus disse e não se há de entender em outro sentido o que ele disse: Um como nós, senão se interpreta o número plural como referente à Trindade, tal como foi dito: “Façamos o homem”⁸⁸, e também como o Senhor afirmou de si mesmo e do Pai: A ele viremos e nele estabeleceremos morada⁸⁹. Qual tenha sido o resultado de ambicionarem o que a serpente sugeriu: Sereis como deuses⁹⁰, foi recordado ao soberbo, quando Deus disse: “Eis que Adão se tornou um como nós, versado no bem e no mal”. Estas palavras de Deus devem ser interpretadas não como um insulto a Adão, mas considerando-se os demais, para infundir-lhes o temor e não se ensoberbecerem. Tendo em vista esses outros, foi dito: “Eis que Adão se tornou um como nós, versado no bem e no mal”. Que outra coisa se há de entender senão que se propôs inculcar um exemplo de temor, visto que não aconteceu como ele quis que acontecesse, e nem conservou o estado em que fora feito?

CAPÍTULO XL

A expulsão do paraíso — A excomunhão

54. “A fim de que agora não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre!”, o Senhor Deus o expulsou do paraíso de delícia para trabalhar a terra de onde foi tirado⁹¹. As primeiras palavras são de Deus, mas o fato veio em seguida como consequência das palavras. Alijado da vida, não somente da que receberia com os anjos, se tivesse observado o preceito, mas também da que levava no paraíso num estado feliz do corpo, certamente teve que se separar da árvore da vida, seja porque por ela subsistiria nele aquele estado feliz do corpo, sendo algo visível com poder invisível, seja porque nela estaria também o sacramento visível da sabedoria invisível. Devia ser expulso dali certamente como já devendo morrer ou também como excomungado, assim como também neste paraíso, que é a Igreja, costuma-se afastar o homem dos sacramentos visíveis do altar pela disciplina eclesiástica.

55. Ele fez sair o homem e o colocou frente ao paraíso de delícia⁹². Isso aconteceu para significar algo, mas aconteceu para que o pecador na miséria morasse diante do paraíso, que simbolizava espiritualmente a vida feliz. E ordenou aos querubins e à espada de fogo que guardassem o caminho da árvore da vida⁹³. Deve-se crer que isso certamente aconteceu pelas potestades celestiais, no paraíso visível, e assim ficasse ali por meio do ministério angélico uma guarda de fogo. Contudo, não se há de duvidar que aconteceu em vão, porque representa algo referente ao paraíso espiritual.

CAPÍTULO XLI

Opiniões sobre o pecado do homem

56. Não ignoro que alguns foram de parecer que o desejo do conhecimento do bem e do mal perverteu os primeiros homens pela pressa, e que quiseram conhecer prematuramente o que lhes era reservado para mais adiante. E que o tentador agiu naquela ocasião a fim de que ofendessem a Deus pela antecipação em possuir o que ainda não lhes era conveniente, condenados e excluídos da utilidade deste conhecimento, o qual, de acordo com o que Deus queria, poderiam adquirir no seu devido tempo e dele gozarem com todo proveito. Esta opinião pode ter alguma probabilidade para a fé verdadeira e a verdade, se aquela árvore for considerada não em seu sentido próprio como árvore verdadeira e verdadeiros também seus frutos, mas no sentido figurado.

57. Também a alguns pareceu-lhes que os dois primeiros seres humanos anteciparam suas núpcias e se uniram carnalmente, antes que os unisse aquele que os criara. Esta união foi simbolizada pelo nome da árvore, razão pela qual lhes fora proibida, até que se unissem no tempo oportuno. Dizem isso como se fosse possível crer que foram feitos numa idade na qual seria preciso esperar a maturidade. Ou que aquela união não era então legítima, embora tivesse existido desde o princípio. Essa união, se não fosse possível, certamente nunca poderia acontecer, a não ser que a esposa fosse entregue pelo pai, se se esperasse a solenidade do noivado e a realização do banquete e o cálculo do dote, assim como o registro legal. Isso é ridículo e, além do mais, desvia-se do sentido próprio dos fatos dos quais assumimos a defesa e sobre os quais discorreremos na medida em que o Senhor nos concedeu.

CAPÍTULO XLII

Adão acreditou na serpente? Por que foi induzido ao pecado?

58. Há uma grande preocupação sobre esta questão: se Adão já era espiritual, embora só na mente e não no corpo, como poderia crer no que foi dito por meio da serpente, ou seja, que Deus proibira que comessem do fruto daquela árvore porque sabia que eles, se o fizessem, seriam como deuses, versados no bem e no mal, como se o Criador pudesse invejar este bem de sua criatura. É de se admirar que um homem, dotado de mente espiritual, pudesse acreditar nisso. Ou, porque não era possível que ele acreditasse, por isso lhe foi acrescentada a mulher, que tinha menos inteligência, talvez vivesse segundo os sentidos da carne, não segundo o espírito de sua mente; este é o motivo pelo qual o Apóstolo não lhe atribui a imagem de Deus. Pois, assim diz: Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus; mas a mulher, do homem⁹⁴. Não porque a mente da mulher não possa conter a imagem de Deus, visto que no tocante à graça não há homem nem mulher⁹⁵, mas porque, talvez, ela ainda não percebera o que acontece no conhecimento de Deus e, sob o governo e administração do marido, haveria de perceber pouco a pouco. Não em vão o Apóstolo diz: Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão⁹⁶, ou seja, para que, por meio dela, também o homem transgredisse.

Também a ele chama transgressor quando diz: De modo semelhante à transgressão de Adão que é figura daquele que devia vir⁹⁷. Entretanto, uma vez seduzido, nega. Com efeito, interrogado, não diz: A mulher que me deste em companhia seduziu-me e comi; mas diz: me deu da árvore, e eu comi. A mulher, porém, disse: A serpente me seduziu⁹⁸.

59. Acaso há de se crer que Salomão, um homem de tanta sabedoria, acreditou que o culto aos deuses era útil em algum sentido? Entretanto, não foi capaz de resistir ao amor das mulheres que o atraíam para esse mal, praticando o que sabia não dever praticar para não perder as suas mortíferas delícias, às quais se entregava e nelas se engolfava⁹⁹. Assim também Adão; depois que a mulher seduzida comeu da árvore proibida, e lhe deu para comerem juntos, não quis desagradar àquela que, conforme acreditava, podia entristecer-se sem sua consolação se afastasse dela seu afeto, e arruinar-se totalmente por aquela divergência. Não foi vencido certamente pela concupiscência da carne que ainda não sentia opor-se em seus membros pela lei contrária à lei da razão, mas por certa benevolência inspirada na amizade, pela qual acontece muitas vezes ofender-se a Deus, para que o homem não passe de amigo para inimigo. O fim justo da sentença divina indicava que não deveria fazê-lo.

60. Portanto, também ele foi enganado de um outro modo; mas julgo que não podia de forma alguma ser seduzido pelo engano da serpente pelo mesmo modo pelo qual a mulher foi seduzida. O Apóstolo denominou com propriedade sedução a isso pelo qual, o que era sugerido, sendo falso, considerou-se verdade, ou seja, que Deus proibiu tocar aquela árvore porque sabia que eles, se a tocassem, seriam como deuses, como se lhes invejasse a divindade aquele que os fizera seres humanos. Mas, se devido a algum orgulho da mente, que não podia ficar oculto a Deus, esquadrinhador do interior, algum desejo de experimentar solicitou o homem ao ver que a mulher não morreu depois de tomar aquele alimento, de acordo com o que falamos acima, não penso que ele, já dotado de mente espiritual, pôde acreditar que Deus os proibiu de comer do alimento daquela árvore levado pela inveja. Por que nos determos mais? Foram persuadidos àquele pecado da maneira como poderiam ser persuadidos, mas está escrito da maneira como por todos deveria ser lido, embora estas coisas por poucos sejam entendidas como deveriam ser.

¹ Gn 2,25–3,24.

² Cf. Livro VIII, 17.

³ Gn 2,25.

⁴ Gn 2,25.

⁵ Cf. Rm 7,23.

⁶ Gn 3,1.

⁷ Cf. Jr 4,22.

⁸ Cf. Lc 16,8.

⁹ Cf. Rm 13,1.

¹⁰ Cf. Tg 4,6.

¹¹ Pr 16,18.

¹² Sl 30,7-8.

¹³ Tg 1,14-15.

¹⁴ Gl 6,1.

¹⁵ Cf. Rm 11,20.

¹⁶ Cf. Rm 9,22-23.

[17](#) Cf. 2Cor 10,17.

[18](#) Cf. Rm 12,3.

[19](#) Sl 111,2.

[20](#) Cf. Tg 1,15.

[21](#) Cf. Gn 1,20-26.

[22](#) Cf. Mt 8,32.

[23](#) Eclo 10,15.

[24](#) 1Tm 6,10.

[25](#) 2Tm 3,2.

[26](#) 1Cor 13,5.

[27](#) Cf. 1Cor 13,4.

[28](#) Jo 8,44.

[29](#) Gl 6,1.

[30](#) Cf. Rm 12,12.

[31](#) Sl 2,11.

[32](#) Cf. Jo 8,44.

[33](#) Jó 14,14.

[34](#) Sl 104,26.

[35](#) Gn 1,31.

[36](#) Mt 25,41.

[37](#) Jó 40,19.

[38](#) Cf. Rm 1,17.

[39](#) Cf. Jo 8,44.

[40](#) Is 12,12-14.

[41](#) Mt 13,28.

[42](#) Jo 6,70.

[43](#) Gl 3,29.16.

[44](#) 1Cor 12,12.

[45](#) Ez 28,12-13.

[46](#) Cf. Ct 4,12-13.

[47](#) Pr 26,11; 2Pd 2,21.22.

[48](#) Cf. Mt 12,43-45.

[49](#) Sl 3,5.

[50](#) Ez 28,14-15.

[51](#) Cf. 2Pd 2,4.

[52](#) Cf. Jo 13,2.

[53](#) Gn 3,1.

[54](#) Cf. Nm 22,28.

[55](#) Cf. Ex 7,10.11.

[56](#) Cf. Rm 11,33.

[57](#) Gn 3,1-3.

[58](#) Sl 103,18.

[59](#) Gn 3,4-5.

[60](#) Gn 3,6.

[61](#) Gn 3,3.

[62](#) Gn 3,7.

[63](#) Cf. Rm 7,25.

[64](#) Gn 2,19.22-23.

[65](#) Gn 3,7.

[66](#) Lc 24,13-31.

[67](#) Sl 30,8.

[68](#) Gn 3,8.

[69](#) Gn 3,8.

[70](#) Gn 3,9.

[71](#) Gn 3,10.

[72](#) Cf. Rm 1,21-12.

[73](#) Cf. Gn 18,1.

[74](#) Gn 3,11.

[75](#) Gn 3,12.

[76](#) Gn 3,13.

[77](#) Sl 41,5.

[78](#) Cf. Sl 129,4.

[79](#) Gn 3,14-15.

[80](#) Cf. De Gen. C. Manich. 2,17,26–18,28.

[81](#) Gn 3,16.

[82](#) Gl 5,13.

[83](#) Cf. 1Tm 2,12.

[84](#) Gn 3,17-19

[85](#) Gn 3,20.

[86](#) Gn 3,21.

[87](#) Gn 3,22.

[88](#) Gn 1,26.

[89](#) Jo 14,23.

[90](#) Gn 3,24.

[91](#) Gn 3,22-23.

[92](#) Gn 3,24.

[93](#) Gn 3,24.

[94](#) 1Cor 11,7.

[95](#) Cf. Gl 3,27-28.

[96](#) 1Tm 2,13.14.

[97](#) Rm 5,14.

[98](#)Gn 3,12-13.

[99](#) Cf. 1Rs 11,4.

A passagem do Apóstolo sobre o paraíso

1. Tendo como ponto de partida o começo da sagrada Escritura, que se denomina Gênesis, até a passagem que narra a expulsão de Adão do paraíso, dissertamos e escrevemos em onze livros o que nos foi possível e como nos foi possível, afirmando e defendendo as causas certas, ou investigando e discutindo as incertas. Fizemo-lo não determinando o que deve sentir cada um a respeito dos assuntos obscuros, mas mostrando em que duvidávamos ao ensinar. Assim, afastamos o leitor da temeridade em afirmar, quando não fomos capazes de oferecer solidez a uma opinião. Este duodécimo Livro, já livre deste cuidado que nos prendia ao comentar os textos das sagradas Escrituras, tratará com mais liberdade e longamente sobre o paraíso, para que não se pense termos evitado tratar do que parece que o Apóstolo insinua sobre a situação do paraíso no terceiro céu, quando diz: Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu, se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! Eu sei que esse homem, se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe! foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir¹.

2. Sobre estas palavras, costuma-se perguntar primeiramente o que quer dizer “terceiro céu”. Depois, se com essa denominação ele quis que se entenda o paraíso, ou se, após ter sido arrebatado ao terceiro céu, foi arrebatado também ao paraíso, em qualquer parte em que se encontre. O ter sido arrebatado ao terceiro céu não é a mesma coisa que ter sido arrebatado ao paraíso, mas primeiramente foi arrebatado ao terceiro céu, e em seguida, ao paraíso. E isso é de tal maneira ambíguo que parece que não se pode resolver a não ser que alguém, não baseado nas referidas palavras do Apóstolo, mas, em outras passagens das Escrituras ou por um razão esclarecida, depare com alguma referência pela qual possa ensinar se o paraíso está, ou não, no terceiro céu, uma vez que não transparece com clareza o que é o terceiro céu: se há de se entender como existente nas coisas corporais ou, talvez, nas espirituais. Poder-se-ia dizer com verdade que um homem é arrebatado com o corpo somente para algum lugar; mas como de tal modo afirmou que disse não saber se no corpo ou fora do corpo, quem se atreve a dizer que sabe o que ele não sabe? Se o espírito não pode ser arrebatado a lugares corporais sem o corpo, e o corpo não o pode a lugares espirituais, sua própria dúvida como que obriga que se entenda (visto que ninguém duvida que ele escreveu estas coisas de si mesmo) que esse lugar, ao qual foi arrebatado, não se pode saber e discernir se era corporal ou espiritual.

O Apóstolo em êxtase não podia saber se foi arrebatado no corpo ou fora do corpo

3. Quando se apresentam imagens dos corpos ou em sonhos ou em êxtase, não se diferenciam em absoluto dos corpos, a não ser quando a pessoa, tendo recuperado os sentidos do corpo, reconhece que esteve naquelas imagens, as quais não percebia pelo sentido corporal. Com efeito, quem, ao despertar do sono, não percebe imediatamente que as imagens foram fruto da imaginação, ainda que, quando as estava vendo durante o sono, não conseguia discerni-las das realidades corporais percebidas pelos que estão acordados? Sei que me aconteceu, e por isso não duvido que pôde ou pode acontecer a outros que, vendo nos sonhos, percebia que me via nos sonhos e que aquelas imagens, que costumavam iludir nosso consentimento, não eram corpos verdadeiros, mas nos sonhos se apresentavam com toda certeza, que mesmo dormindo, tinha-as e sentia. Contudo, algumas vezes me enganava a esse respeito, porque a um meu amigo, que eu via de modo semelhante nos sonhos, esforçava-me por persuadi-lo

que não eram corpos os que víamos, mas imagens dos que sonham, e ele próprio aparecia-me entre essas imagens na mesma forma que elas. Dizia-lhe também não ser verdadeiro o que falávamos, mas que ele via outra coisa, estando dormindo, e não sabia se eu via estas coisas. Ao intentar persuadi-lo de que não era ele, eu era levado, por outro lado, a pensar que era. A ele certamente eu não falava, se de nenhum modo eu percebesse que era ele. Assim, ele não podia, embora totalmente desperta a alma do que está dormindo, senão ser levado pelas imagens dos corpos, como se os corpos existissem.

4. A respeito do êxtase tive oportunidade de ouvir a um que era do campo e que apenas podia expressar o que sentia. Ele sabia que estava desperto e que via algo com os olhos corporais. Reproduzirei suas próprias palavras na medida em que conseguir lembrá-las: “Minha alma, disse ele, via aquilo, não meus olhos.” No entanto, não sabia se era um corpo ou imagem de um corpo. Pois ele não era tal que pudesse discernir estas coisas, mas era tão simplesmente fiel que, ao ouvi-lo assim, parecia que eu tinha visto o que sua alma viu, de acordo com sua narrativa.

5. Por isso, se Paulo viu o paraíso tal como a toalha que descia do céu² apareceu a Pedro, como apareceu a João tudo o que ele viu conforme escreveu³, como a Ezequiel apareceu aquele campo com os ossos dos falecidos e a ressurreição dos mesmos⁴, como a Isaías apareceu Deus sentado e os serafins na sua presença e o altar de onde foi tirado o carvão aceso que purificou os lábios do profeta⁵, fica claro que a Paulo foi possível ignorar se viu o que viu, no corpo ou fora do corpo.

CAPÍTULO III

A certeza e a incerteza de Paulo na visão do terceiro céu

6. Se as coisas foram vistas sem seu corpo e elas não eram corpos, pode-se perguntar ainda se eram imagens de corpos ou uma substância que não apresenta semelhança alguma a um corpo, como Deus, como a própria mente ou a inteligência humana, como as virtudes: a prudência, a justiça, a castidade, a piedade e outras muitas, as quais enumeramos, discernimos, definimos, pela inteligência e o pensamento, não contemplando certamente seus traços ou cores ou como soam ou qual seu odor ou que gosto têm na boca ou que sensação transmitem nos que as tocam, de calor ou frio, de brandura ou dureza, de suavidade ou aspereza. Certamente as percebemos por meio de outra visão, outra luz, outra evidência das coisas e esta muito mais vantajosa e garantida que as demais.

7. Voltemos de novo às mesmas palavras do Apóstolo e investiguemo-las com mais cuidado, estabelecendo, sem dúvida, primeiramente que o Apóstolo tinha conhecimento sobre a natureza corpórea e incorpórea, um conhecimento muito maior e incomparavelmente melhor do que quanto nos possamos esforçar para conhecermos de alguma maneira. Portanto, se ele tinha esse conhecimento, não podia de forma alguma ver o espiritual por meio do corpo, o corporal fora do corpo; por que, então, também não determinou, pelas coisas que viu, como as pôde ver? Se estivesse certo de que eram espirituais, por que não estava certo, consequentemente, de que as viu fora do corpo? Mas se sabia que eram corporais, por que não sabia também que não as poderia ver a não ser no corpo? Portanto, de onde lhe vem a dúvida, se as viu no corpo ou fora do corpo, senão, talvez, por duvidar se eram corpos ou semelhanças de corpos? Por isso, vejamos primeiramente no contexto de suas palavras, o de que não se pode duvidar, e, se mesmo assim permanecerem razões para duvidar, talvez daquilo de que não se duvida aparecerá a razão por que se duvida de outras.

8. Diz ele: Conheço um homem em Cristo que, há quatorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu, se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe!⁶ Portanto, ele sabe que, há quatorze anos,

um homem em Cristo foi arrebatado ao terceiro céu. Disso não duvida em absoluto. Portanto, também nós não devemos duvidar; mas duvida se foi no corpo e ou fora do corpo. Se ele duvida, quem de nós se atreve ter certeza? Acaso, talvez, se poderá concluir que podemos duvidar se existiu o terceiro céu para onde ele disse ter sido arrebatado? Pois, se o terceiro céu lhe foi mostrado, fica demonstrada a existência do terceiro céu, mas se se deu uma imagem semelhante a realidades corporais, isso não seria o terceiro céu, mas uma revelação de tal modo ordenada que lhe parecesse subir ao primeiro céu, sobre o qual veria um outro, pelo qual, subindo novamente, veria o outro mais em cima, ao qual chegando, pudesse dizer que foi arrebatado ao terceiro céu. Mas, não duvidou e nem quis que duvidássemos que este último era o terceiro céu, pois, para isto, antepôs: Conheço, e daí procede que, o que o Apóstolo diz que sabia, somente não crê ser verdade aquele que não acredita no Apóstolo.

CAPÍTULO IV

O Apóstolo está incerto sobre como contemplou o terceiro céu

9. Ele conhece um homem que foi arrebatado ao terceiro céu. Por conseguinte, o lugar para onde foi arrebatado é de fato o terceiro céu, não um sinal corporal, como o que se mostrou a Moisés, pois este percebia que uma coisa era a substância de Deus, e outra, uma criatura visível, na qual Deus se apresentava com sentidos corporais humanos. Por isso chegou a dizer: Mostra-me a ti mesmo⁷. Nem foi uma imagem de coisa corporal, o que, João viu em espírito. À sua vista ele perguntava o que era e lhe respondiam ou É a Cidade, ou São as nações, ou uma outra coisa e, no entanto ele via uma besta ou uma mulher ou águas ou outra coisa semelhante. Mas, o Apóstolo diz: Sei que esse homem foi arrebatado ao terceiro céu⁸.

10. Porque, se quisesse denominar céu a uma imagem espiritual semelhante à corporal, tal era a imagem de seu corpo na qual subira arrebatado para lá; assim denominaria também seu corpo, embora fosse imagem de seu corpo, do mesmo modo que o céu, ainda que imagem do céu. E não cuidaria de discernir o que sabia e o que não sabia, ou seja, sabia que um homem fora arrebatado ao terceiro céu, e não sabia se no corpo ou fora do corpo, mas narraria simplesmente a visão, chamando as coisas que viu, com os nomes daquelas coisas das quais eram semelhantes. Nós também dizemos, ao contarmos nossos sonhos ou alguma revelação manifestada neles: “Vi um monte, vi um rio, vi três pessoas, e outras coisas semelhantes”, impondo a essas imagens os nomes com que são denominadas as coisas que a eles são semelhantes. Mas o Apóstolo diz: Sei isto, não sei aquilo.

11. Se ambas as coisas apareceram em imagem, ele conhece a ambas igualmente ou não conhece a ambas igualmente; mas se viu o próprio céu e por isso o conheceu, como o corpo dele pôde aparecer em imagem?

12. Se via o céu corpóreo, por que lhe estava oculto se via com os olhos corporais? Mas se não tinha certeza se via com os olhos corporais ou do espírito, e por isso foi dito: Se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei⁹, por que não lhe era incerto se via um céu corpóreo ou este se mostrava em imagem? Da mesma forma, se via uma substância incorpórea, não numa imagem de corpo, mas tal como se veem a justiça, a sabedoria, e outras coisas semelhantes, e isso era o céu, é claro que não podia ver tal coisa com os olhos deste corpo; e, por isso, sabia-se que viu tal coisa, não podia duvidar que não viu no corpo. Conheço, diz ele, um homem em Cristo que, há quatorze anos. Conheço: ninguém que acredita em mim tenha dúvida; mas se no corpo ou fora do do corpo, não sei; Deus o sabe!¹⁰

Esclarecimento sobre mesma dificuldade

13. O que sabes, o que distingues do que não sabes, para que não se enganem os que creem? Aquele homem foi arrebatado, diz ele, ao terceiro céu¹¹. Esse céu era corpo ou espírito; se era corpo, foi visto também pelos olhos corporais. Por que sabe que era céu, e não sabe se foi visto no corpo? Mas se era espírito, ou se apresentou na imagem de um corpo, e portanto tão incerto é que era corpo, quanto incerto é que foi visto no corpo; ou foi visto do mesmo modo como se vê pela mente a sabedoria, sem quaisquer imagens de corpos e, por isso, é certo que não podia ser visto por meio do corpo, então ou ambas as coisas são certas ou ambas são incertas. Como, pois, está certo de que viu e incerto a respeito do meio pelo qual viu? Está claro que não podia ver uma natureza incorpórea por meio do corpo. Mas os corpos que também podem ser vistos sem corpo, certamente não podem ser vistos assim por meio do corpo, mas de um modo muito diferente, se é que ele existe. Por isso, se viu o céu corpóreo com olhos não corpóreos, é de se admirar que esse modo de ver pudesse enganar o Apóstolo devido à semelhança com outros modos, ou levá-lo a duvidar, a ponto de dizer que não tinha certeza se o viu no corpo ou fora do corpo.

14. Portanto, como o Apóstolo não podia mentir e ele procedeu com tanto cuidado em discernir o que sabia e o que não sabia, resta talvez que entendamos, quando foi arrebatado ao terceiro céu, que ele ignorou se estava no corpo, como está a alma no corpo quando se diz que o corpo vive, estando desperto ou dormindo, ou em êxtase privado dos sentidos corporais. Ou, então, se saiu completamente do corpo, de modo que jazia morto o corpo, até que, efetuada aquela revelação, a alma voltasse para os membros mortos, e não que se despertasse, como se estivesse dormindo, ou que voltasse novamente aos sentidos, alienado pelo êxtase, mas que, estando morto totalmente, tornasse a viver. Por conseguinte, o que viu arrebatado ao terceiro céu, viu-o realmente, e não em imagem porque confirma que sabia. Mas, porque não tinha certeza se a alma, privada do corpo, deixou o corpo completamente morto, ou se a alma estava no corpo de um certo modo próprio do corpo vivo, sua mente, entretanto, foi arrebatada para ver ou ouvir as coisas inefáveis dessa visão, por isso, talvez, tenha dito: Se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe!

CAPÍTULO VI

As três classes de visões

15. O que se vê não em imagem, mas na realidade, e não se vê por meio do corpo, vê-se com uma visão que sobressai a todas as demais. Cuidarei de explicar, quando o Senhor me ajudar, as classes e as definições destas visões. Eis que, quando se lê neste único preceito: Amarás o teu próximo como a ti mesmo¹², encontram-se três classes de visões: uma, mediante os olhos, pelos quais se veem as letras; uma segunda, por meio do espírito do homem, pela qual se pensa no que é próximo e no que é ausente; a terceira, pelo olhar da mente, pela qual se contempla o próprio amor. Entre estas três classes, a primeira é conhecida de todos, visto que por ela se veem o céu e a terra e tudo o que neles está patente a nossos olhos. A segunda, pela qual são pensadas as coisas corporais ausentes, não é difícil de se declarar; pois, mesmo estando cercado de trevas, podemos pensar nos mesmos céu e terra e em tudo que neles podemos ver, mesmo que nada enxerguemos ali com os olhos do corpo, vemos, no entanto, com o espírito, imagens corporais, sejam verdadeiras, tal como as vemos com os próprios corpos e as retemos na memória, sejam fictícias, como o pensamento conseguir formá-las. Pois de um modo pensamos em Cartago, cidade que conhecemos, e de outro modo em Alexandria, que não conhecemos.

A terceira, pela qual se contempla o amor, compreende as realidades que não têm imagens semelhantes a elas, as quais não são o que são as realidades. Com efeito, o homem ou a árvore ou o sol e quaisquer outros corpos, tanto celestes como terrestres, estando presentes, nós os vemos em suas formas e, estando ausentes, são pensados com imagens impressas no espírito; e constituem duas classes de visões: uma, por meio dos sentidos do corpo, outra, pelo espírito, no qual se encontram essas imagens. Mas o amor, acaso se vê de um modo quando está presente em sua forma pela qual existe, e de outro modo, quando está ausente em alguma imagem semelhante a ele? Não, certamente; mas quanto pode ser visto pela mente, é visto mais por um, menos por outro, mas se se pensa em alguma imagem corporal, então ela não é vista.

CAPÍTULO VII

Classes de visões: corporal, espiritual, intelectual

16. Estas são as três classes de visões, das quais falamos alguma coisa nos Livros anteriores, conforme o assunto parecia exigir, mas não tínhamos mencionado o número delas. Agora, depois de declará-las em poucas palavras porque o exige a questão em foco, para dissertarmos um pouco mais longamente sobre elas, devemos assinalá-las com nomes determinados e convenientes, para não nos demorarmos em muitos circunlóquios. Denominemos corporal à primeira, porque se percebe pelo corpo e se apresenta aos sentidos do corpo. A segunda, espiritual, pois tudo o que não é corpo e, no entanto, é algo, diz-se com razão que é espiritual; não é certamente corpo, embora sejam semelhantes ao corpo a imagem do corpo ausente e o próprio olhar com que se contempla a imagem. A terceira denomina-se intelectual, porque procede da inteligência; é um grande absurdo, devido à novidade do termo, denominá-la mental, porque procede da mente.

17. Se eu for explicar sutilmente a razão destes vocábulos, o discurso será tanto mais extenso e como que confuso, e, no entanto, nenhuma necessidade, ou tanta necessidade, exige-o. Basta, portanto, saber que se diz algo corpóreo ou no sentido próprio, quando se trata de corpos, ou no figurado, tal como foi dito: Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade¹³. A divindade não é corpo, mas porque chama os sacramentos do Antigo Testamento sombras das coisa futuras, em comparação com as sombras, afirmou que a plenitude da divindade habita corporalmente em Cristo, porque nele se cumprem todas as coisas que foram figuradas naquelas sombras, e assim Cristo é como que o corpo dessas sombras¹⁴, ou seja, ele é a verdade daquelas figuras e significações. Portanto, assim como as figuras foram denominadas sombras não no sentido próprio, mas no figurado, assim também usou no sentido figurado o que afirmou, ou seja, que a plenitude da divindade habita corporalmente em Cristo.

18. O termo “espiritual” tem várias aplicações. Mesmo o corpo, que existirá na ressurreição dos mortos, o Apóstolo denomina espiritual, quando diz: Semeia-se o corpo animal, ressuscita o corpo espiritual¹⁵, porque são atribuídas ao espírito de modo admirável toda facilidade e incorrupção. E o corpo é vivificado apenas pelo espírito sem qualquer necessidade de alimentos corporais, não porque há de possuir uma substância própria incorpórea; pois também este corpo, que temos agora, não tem a substância da alma e, porque está unido a ela, foi denominado corpo animal. Da mesma forma, denomina-se espírito este ar ou seu sopro, ou seja, seu movimento, conforme foi dito: Raios e granizo, neve, bruma e vendavais¹⁶. Denomina-se também espírito à alma, seja do animal, seja do homem, como está escrito: Quem sabe se o espírito dos filhos do homem sobe para o alto e se o espírito do animal desce para baixo, para a terra?¹⁷. Denomina-se outrossim alma à mente racional, onde está como que um certo olho da alma, à qual dizem respeito a imagem e o conhecimento de Deus. Daí

dizer o Apóstolo: Renovai-vos no espírito da vossa mente, e revesti-vos do homem novo, criado segundo Deus¹⁸, depois de falar em outra passagem sobre o homem interior: Que se renova no conhecimento de Deus segundo a imagem de seu Criador¹⁹. Da mesma forma, depois de ter dito: Assim, pois, sou eu mesmo que pela razão sirvo à lei de Deus e pela carne à lei do pecado²⁰, mencionando em outra passagem a mesma sentença, diz: Pois a carne tem aspirações contrárias ao espírito e o espírito contrárias à carne, de sorte que não fazeis o que quereis²¹. A que denominou razão, denominou também espírito. Também Deus é denominado espírito, como diz o Senhor: Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade²².

CAPÍTULO VIII

Razão de se denominar “espíritual” à sagrada classe de visões

19. Em nenhuma dessas acepções do termo “espírito”, que mencionamos, usamos este termo pelo qual denominamos esta classe de visões, das quais agora tratamos. Vamos usá-lo no sentido que encontramos na Carta aos Coríntios, segundo a qual o espírito se diferencia da mente com uma evidência claríssima. Se oro com a língua, diz ela, o meu espírito ora, mas minha mente nenhum proveito colhe²³. Como nesta passagem o termo “língua” designa obscuros e místicos significados, dos quais, se se desviar a percepção da mente, ninguém aproveita, ouvindo o que não entende. Daí também dizer: Aquele que tem o dom das línguas, não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o ouve, pois o seu espírito fala coisas misteriosas²⁴; está indicando claramente que nesta passagem denomina “língua” aos significados que são como imagens e semelhanças das coisas, as quais necessitam do olhar da mente para serem entendidas. Mas quando não são entendidas, ele diz que estão no espírito; por isso, diz mais claramente: Se deres graças com o espírito, como poderá o ouvinte não iniciado dizer: “Amém” à tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes?²⁵ Portanto, porque também com a língua, ou seja, com o membro corporal que movimentamos na boca para falar, certamente se emitem os sinais das coisas, mas não apresentam as próprias coisas, por isso, na linguagem figurada denomina-se língua a qualquer menção de sinais antes de serem emitidos. Quando a inteligência acede, o que é próprio da mente, acontece a revelação ou o conhecimento ou a profecia ou o ensinamento. Por isso diz: Se eu for ter convosco, falando em línguas: como vos serei útil, se a minha palavra não vos levar nem revelação, nem ciência, nem profecia, nem ensinamento?²⁶, ou seja, com sinais; isto é, a inteligência deve aceder à mente para fazer o que faz não somente pelo espírito, mas também com a mente.

CAPÍTULO IX

A profecia diz respeito à mente

20. Portanto, àqueles a quem se mostraram os sinais por meio de algumas semelhanças das coisas espirituais, se não tivesse entrado em ação a função da mente para que fossem também entendidos, ainda não acontece a profecia; e era mais profeta aquele que interpretava do que aquele que tinha visto. O que mostra que a profecia diz respeito à mente mais do que a esse espírito, que de um modo próprio se denomina espírito, e é uma certa potência inferior à mente, na qual se representam as semelhanças das realidades corporais. Assim, José foi mais profeta porque entendeu o que significavam as sete espigas e as sete vacas do que Faraó que as viu em sonhos²⁷. O espírito do Faraó foi informado para ver; em José, a mente foi iluminada para entender. E, por isso, naquele estava a língua, neste, a profecia, porque naquele havia a imaginação das coisas, neste a interpretação das

imaginações. Portanto, é um profeta menor aquele que no espírito, por meio de imagens de coisas corporais, vê os sinais das coisas; e é mais profeta aquele que é dotado apenas para compreendê-las. Mas, o profeta maior é aquele que se distingue pelas duas faculdades, de modo que também veja em espírito as semelhanças que significam as coisas e as entenda com a vivacidade da mente, tal como a excelência de Daniel foi provada e experimentada, pois declarou ao rei os sonhos que o rei vira e interpretou o que significavam²⁸. Com efeito, as imagens corporais foram apresentadas a seu espírito e sua compreensão foi revelada à mente. Nesta distinção chama-se espírito o modo de acordo com o qual o Apóstolo diz: Orarei com o espírito, mas hei de orar também com a mente²⁹. Assim se formam no espírito os sinais das coisas e sua compreensão resplandece na mente. De acordo com essa distinção, repito, denominamos agora espiritual tal classe de visões, com a qual pensamos também as imagens dos corpos ausentes.

CAPÍTULO X

A classe de visão denominada intelectual

21. A classe de visão denominada intelectual é mais excelente e é própria da mente. Não me ocorre nada que possa ser dito sobre as muitas acepções do termo inteligência, do mesmo modo como descobrimos que o termo espírito pode apresentar várias acepções. Dizendo intelectual ou inteligível, estamos significando a mesma coisa. Ainda que alguns quisessem que haja alguma diferença, de modo que inteligível seja a própria coisa que pode ser percebida apenas pela inteligência, e intelectual seja a mente que entende. No entanto, é uma questão importante e difícil que haja alguma coisa que possa ser percebida apenas pela inteligência e também não se entenda. Não julgo que ninguém pense ou diga haver uma coisa que alguém perceba pela inteligência e também não possa ser percebida pela inteligência; pois não se vê a mente a não ser pela mente. Portanto, de acordo com aquela distinção é inteligível porque pode se ver e intelectual, porque se vê. Por isso, deixando de lado aquela difícil questão, se há algo que somente se entenda e não o entenda, denominamos agora intelectual e inteligível com o mesmo sentido.

CAPÍTULO XI

A visão corporal relaciona-se com a espiritual, e esta com a intelectual

22. As três classes de visões, corporal, espiritual e intelectual, devem ser consideradas uma a uma em separado, a fim de que a razão se eleve das coisas inferiores às superiores. Já apresentamos acima um exemplo pelo qual se podem ver as três classes numa única sentença. Pois, quando se lê: Amarás o teu próximo como a ti mesmo³⁰, corporalmente se veem letras, mas espiritualmente se pensa no próximo e intelectualmente se contempla o amor. Mas também as letras ausentes podem ser pensadas espiritualmente, e o próximo presente pode ser visto corporalmente; mas o amor não pode ser visto mediante sua substância pelos olhos do corpo, nem ser pensado pelo espírito mediante uma imagem semelhante ao corpo; mas pode ser conhecido e percebido somente pela mente, ou seja, pela inteligência. A visão corporal, sem dúvida, não se antepõe a nenhuma classe, mas o que é percebido por meio dela, é comunicado à visão espiritual como a seu superior. Com efeito, quando se vê algo pelos olhos, imediatamente se forma sua imagem no espírito. Se todavia o espírito é irracional, como o do animal, os olhos também comunicam. E se é racional, também é comunicado à inteligência, a qual preside também ao espírito, de modo que se o que os olhos perceberam e comunicaram ao espírito para formar a imagem é sinal de alguma coisa, ou se entende imediatamente o que significa, ou se procura saber, pois não pode ser entendida nem investigada a não ser pela atuação da mente.

23. O rei Baltazar viu os dedos de uma mão que escrevia na parede e imediatamente foi impressa em seu espírito, por meio do sentido do corpo, a imagem de uma realidade elaborada mediante o corpo, e, efetuada a visão e desaparecida, a imagem permaneceu no pensamento. Era vista no espírito e ainda não era compreendida, nem se tinha entendido então o sinal, quando estava sendo feito por meio do corpo e apareceu aos olhos corporais. Entretanto, já se percebia que era um sinal, percepção esta obtida pela atuação da mente. E porque se indagava o que significaria, a mente realizava certamente a mesma indagação. Não tendo sido descoberto o sentido do sinal, veio Daniel e interpretou-o para o rei perturbado, com espírito profético, com a mente iluminada³¹. Daniel foi profeta por meio desta classe de visão que é própria da mente, antes que o rei tivesse visto no corpo o sinal efetuado por meio do corpo, como vira também no espírito, pelo pensamento, a imagem do sinal desaparecido. O rei nada podia por sua inteligência, a não ser saber que era um sinal e investigar o que poderia significar.

24. Pedro viu em êxtase que uma toalha sustentada pelas quatro pontas descia do céu cheia de vários animais, quando também ouviu uma voz³²: Imola e come. Tendo recobrado os sentidos do corpo, quando refletia sobre a visão, o Espírito lhe comunicou a respeito dos homens que Cornélio enviara, dizendo: Aí estão homens que te procuram, levanta-te, pois, e desce, e vai ter com eles, porque fui eu que os envie³³. Tendo chegado à casa de Cornélio, o mesmo Espírito lhe indicou o que entendera na visão, quando ouvira: Não chames profano o que Deus declarou puro, e disse: A mim, porém, Deus acaba de mostrar que a nenhum homem se deve chamar profano ou impuro³⁴. Portanto, quando, fora de seus sentidos, via a toalha e ouvira as vozes: Imola e come, e: Não chames profano o que Deus declarou puro, ele as ouvia no espírito. Mas tendo recobrado os sentidos do corpo³⁵, via pelo pensamento o mesmo que, visto e ouvido, ele retinha na memória. Todas estas coisas não eram corporais, mas imagens de realidades corporais, tanto quando foram vistas primeiramente durante o êxtase, como quando, depois, foram recordadas e pensadas. Quando refletia e se perguntava para entender aqueles sinais, era a atuação da mente que se esforçava, mas faltava o resultado, até que foram anunciados os que tinham vindo da parte de Cornélio. A esta visão corporal, acrescenta-se outra quando o Espírito Santo lhe disse de novo no espírito: Vai ter com eles. No espírito mostrara o sinal e gravara as vozes, então a mente de Pedro, ajudada por Deus, entendeu de que tratavam aqueles sinais. Após a consideração cuidadosa destas e semelhantes coisas, aparece claramente que a visão corporal se refere à espiritual e a espiritual à intelectual.

CAPÍTULO XII

As visões corporal e a espiritual

25. Quando estamos despertos e nossa mente não está distante dos sentidos do corpo, então nos achamos na visão corporal, e dela distinguimos a visão espiritual. Por esta pensamos com a imaginação em corpos ausentes, recordando com o auxílio da memória ou formando de alguma maneira no pensamento do espírito, o que conhecemos, ou o que não conhecemos e no entanto existe, ou então imaginando, por capricho ou por vontade, o que nunca existiu em absoluto. Entre todas estas coisas discernimos de tal modo as coisas corporais que vemos e às quais, estando presentes, estão dirigidos os sentidos de nosso corpo, que não duvidamos que umas coisas são corpos, e outras são imagens dos corpos. Mas quando, em razão de uma demasiada intensidade do pensamento, ou de alguma potência doentia, como costuma acontecer com os que deliram devido à febre, ou da interferência de alguma paixão boa ou má, as imagens das coisas corporais são expressas no espírito, do mesmo modo como os corpos são apresentados aos sentidos do corpo, permanecendo, no entanto, a atenção dos sentidos do corpo, de tal modo se veem as imagens dos corpos que se formam no espírito,

como se veem os próprios corpos por meio do corpo. Desse modo se vê ao mesmo tempo tanto uma pessoa que está diante dos olhos, como se vê, pelo espírito como que pelos olhos, uma outra ausente. Com efeito, temos a experiência de ter tratado com pessoas nessas circunstâncias que falavam com os que estavam presentes e com outros que não estavam, como se estivessem. Mas voltando a si, alguns referem o que viram, outros não o conseguem. Assim, também, alguns se esquecem dos sonhos, outros se lembram. Mas, quando a atenção do espírito se aparta e é arrebatada dos sentidos corporais, costuma-se denominar êxtase de preferência. Nesse caso, quaisquer corpos que estejam presentes não são vistos mesmo estando abertos os olhos, e nem se ouve absolutamente qualquer voz; todo o olhar da mente está ou nas imagens do corpo mediante a visão espiritual, ou nas realidades incorpóreas desprovidas de qualquer imagem corporal, mediante a visão intelectual.

26. Mas quando a visão espiritual, estando o espírito totalmente distante dos sentidos do corpo, está ocupada com imagens de coisas corporais, seja nos sonhos, seja no êxtase, se o que se vê nada significa, é porque são imaginações da alma, tal como acontece com os despertos e sadios e não levados por qualquer alienação, os quais formam pelo pensamento imagens de muitos corpos que não estão presentes aos sentidos do corpo. A diferença está em que as distinguem dos corpos presentes e reais por uma atenção constante. Mas se têm algum significado, quer sejam apresentadas aos que estão dormindo, quer aos que estão despertos, como enxergam também com os olhos os corpos presentes e veem pelo espírito as imagens dos corpos ausentes como se estivessem ao alcance dos olhos, (o que se denomina êxtase), com o espírito totalmente alheio aos sentidos do corpo, esta classe de visão é maravilhosa. Mas, pela interferência de outro espírito pode acontecer que as coisas que conhece por meio de tais imagens, ele as mostre àquele com quem está misturado, se este as entende, ou para que outro que as entende as revele. Com efeito, se estas imagens se mostram e não podem certamente ser demonstradas pelo corpo, o que resta senão que sejam demonstradas pelo espírito?

CAPÍTULO XIII

A alma tem o poder divinatório?

27. Alguns são de opinião que a alma humana é dotada de uma potência natural divinatória. Se a tem, por que não a tem sempre quando quer? Acaso porque não é sempre ajudada para poder ter? Quando recebe ajuda, esta lhe vem de alguém ou do corpo? Se não é do corpo, resta que lhe venha do espírito. E como recebe ajuda? Talvez aconteça algo no corpo para que este relaxe e perca a sua atenção, e assim alcance o que a possibilite ver em si mesma as semelhanças que envolvem significados, as quais já estavam ali, mas não eram vistas, como acontece conosco, pois temos muitas coisas na memória, as quais nem sempre contemplamos? Ou essas semelhanças que se produzem na alma estão em algum espírito, no qual ela, saindo de si mesma e assomando-se, enxerga-as? Se já estavam nela como que em seu devido lugar, por que não as entende? Pois algumas vezes e mesmo muitas vezes não as entende. Ou, assim como seu espírito recebeu ajuda para poder vê-las em si mesmas, assim também a mente não pode entender o que está no espírito se não recebe ajuda? Ou, talvez, se as coisas corpóreas não forem removidas ou se os obstáculos não cederem um pouco para que a alma descubra o que deve ver, ela mesma deve assumir esta tarefa para vê-las apenas segundo o espírito, ou também para conhecê-las pela inteligência? Ou, às vezes, as vê em si mesma, outras vezes as vê pela interferência de outro espírito? Seja o que for, não convém fazer afirmações com temeridade. Contudo, não se deve duvidar que imagens corporais, que são vistas pelo espírito, não são sempre sinais de outras coisas, seja nos despertos, seja nos que estão dormindo, seja nos doentes. É de se admirar se às vezes é possível acontecer um êxtase em que semelhanças de coisas corporais não

signifiquem alguma coisa.

28. Não se há de admirar certamente se também os possessos dizem algumas vezes coisas verdadeiras, que não estão ao alcance dos sentidos dos presentes. Ignoro, na verdade, por que oculta mistura dos dois espíritos acontece que sejam um só, o espírito do paciente e do possessor. Quando um espírito bom assume o espírito humano nessas visões ou o arrebatá, de forma alguma se deve duvidar que essas imagens sejam sinais de outras coisas, e que é útil conhecê-las, pois são um dom de Deus. No entanto, é realmente difícil discernir quando o espírito maligno age com tranquilidade e sem qualquer agitação do corpo e, tendo-se apossado do espírito humano, diz o que pode. Quando diz coisas verdadeiras e prediz coisas úteis, transfigura-se, como está escrito: em Anjo de luz³⁶, a fim de que, quando nele se acreditar devido às manifestas boas obras, seduza para o que é seu. Não julgo que se possa discernir isso a não ser com aquele dom do qual diz o Apóstolo, ao falar dos diversos dons de Deus: A outro, o discernimento dos espíritos³⁷.

CAPÍTULO XIV

A visão intelectual não engana — Enganar-se nas outras nem sempre é prejudicial

Não é tão difícil reconhecer o demônio quando chega ou leva a algo que é contra os bons costumes ou contra a regra de fé. Nessas ocasiões ele é discernido por muitos. Por aquele dom, o espírito ainda que no princípio apareça como bom, logo depois se percebe que é mau.

29. Também mediante a visão corporal e as imagens das coisas corporais que se mostram ao espírito, tanto os bons se instruem, como os maus são enganados. Mas, a visão intelectual não se engana. Ou não a entende aquele que opina ser ela outra coisa do que é; ou, se a entende, logo perceberá que é verdadeira. Os olhos não têm o que fazer quando veem um corpo semelhante que não conseguem diferenciá-lo de outro; ou, o que fará a intenção da alma quando no espírito se fizer a semelhança do corpo, e ela não a possa discernir do corpo? Aplique-se a inteligência procurando o que elas significam ou o que ensinam em termos de utilidade. Se encontrar, chegará a seu fruto, e, se não encontrar, permaneça no seu juízo evitando que por alguma perniciosa temeridade deslize para um erro funesto.

30. O entendimento prudente, ajudado por Deus, julga o que e quantas são as coisas, entre as quais não é pernicioso para a alma pensar uma coisa por outra. Com efeito, não há perigo para os que julgam, mas antes um mal para si mesmo, se alguém é considerado bom para os bons e, no entanto, é um mau oculto, se não erra nas suas coisas próprias, ou seja, no mesmo bem pelo qual alguém é considerado bom. Também não prejudica em nada a todos os homens o fato de considerarem verdadeiros os corpos, cujas semelhanças veem nos sonhos, quando estão dormindo. Também em nada prejudicou a Pedro o que aconteceu por um milagre repentino que o levou a pensar que estava tendo uma visão, depois de ser libertado das cadeias e ser conduzido por um anjo³⁸. Também quando no êxtase respondeu: De modo algum, Senhor, porque jamais comi coisa profana e impura!³⁹, pensando que eram animais verdadeiros os que se mostravam na toalha. Quando, ao serem vistas, percebe-se que estas coisas são diferentes das que foram pensadas, não nos penitenciemos pelo fato de assim as termos visto, se não nos acusar uma incredulidade teimosa, uma opinião frívola ou sacrílega. Portanto, mesmo quando o demônio engana com visões corporais, em nada prejudica o fato de os olhos se iludirem, se não se erra na verdade da fé e na sanidade da inteligência, pela qual Deus ensina os que lhe são submissos. Ou, que a alma se iluda por meio de uma visão espiritual com imagens corporais, que leve a pensar que é corpo o que não é, em nada prejudica a alma se não consentir na perniciosa

CAPÍTULO XV

Os sonhos venéreos não são pecados

31. Do que foi falado, surge a questão sobre o consentimento dos que sonham, visto que julgam ter havido união carnal ou contra seu estado civil ou contra os costumes lícitos. Isso não acontece a não ser com a mulher que, mesmos despertos, ocupa nosso pensamento, sem o beneplácito do consentimento. Assim como somos obrigados a falar delas, assim também se apresentam e se reproduzem nos sonhos e, por isso, de modo natural a carne se agita por causa delas; e o que a carne acumula pela natureza, ejacula pelas vias genitais. Eu não poderia dizer isto certamente, se também não o pensasse. Portanto, se as imagens das coisas corporais, nas quais pensei por necessidade de dizer o que disse, se se apresentassem com tamanha intensidade nos sonhos, com quanta se apresentam os corpos aos despertos, aconteceria aquilo que o desperto não poderia fazer sem cometer pecado. Com efeito, quem é capaz de não pensar no que diz quando fala e diz algo sobre sua união carnal diante da necessidade de falar? Por isso, quando a imagem, que se reproduz no pensamento do que fala, for de tal modo representada na visão do que sonha, que não há diferença entre esta imagem e a união dos corpos, a carne se agita imediatamente e vem em seguida o que costuma vir depois desta agitação. Isso acontece tão sem pecado quanto sem pecador; ao despertar, fala-se a respeito. Entretanto, ao falar sobre isso, sem dúvida o pensou. A boa disposição da alma, purificada por um desejo mais nobre, elimina muitos apetites que não se relacionam com o movimento natural da carne. Os castos, estando despertos, coíbem e refreiam esses desejos, mas estando dormindo, não o podem, visto que não têm poder de afastar a apresentação da imagem corporal, não lhes sendo possível discerni-la do corpo. Portanto, em razão da boa disposição da alma, repito, mesmo nos sonhos se manifestam merecimentos de sua parte. Pois Salomão, mesmo dormindo, antepôs a sabedoria a todas as coisas e a implorou do Senhor, desprezando o restante. E assim, como testemunha a Escritura, isso agradou ao Senhor, e não retardou a boa recompensa devida ao bom desejo⁴⁰.

CAPÍTULO XVI

As imagens do corpóreo são formadas pelo espírito em si mesmo

32. Se assim é, o sentido do corpo relaciona-se com as visões corporais, e ele se distribui como que por cinco riachos, dotados de poder mesmo à distância. O que é mais sutil entre os corpos e, por isso, mais próximo da alma do que os demais, é a luz, que se difunde primeiramente somente por meio dos olhos e brilha nos raios dos olhos para ver as coisas visíveis. Em seguida, por uma certa associação primeiramente com o ar puro, em segundo lugar com o ar mais denso e nebuloso, em terceiro lugar com o vapor mais denso, em quarto lugar com a densidade da terra, constitui com o sentido da vista, no qual apenas a luz sobressai, os cinco sentidos, conforme me recordo ter dissertado no Livro quarto e também no Livro sétimo. Este céu visível aos olhos, onde brilham os luzeiros e os astros, é certamente mais excelente que todos os elementos corpóreos, assim como o sentido dos olhos sobressai no corpo. Mas, porque todo espírito é, sem dúvida, mais excelente que todo corpo, segue-se que a natureza espiritual é mais excelente que este céu corpóreo, não pela posição do lugar, mas pela dignidade da natureza, e também mais excelente que a natureza onde se formam as imagens das coisas corporais.

33. Aqui vem à tona algo admirável, ou seja, como o espírito é anterior ao corpo, e a imagem do corpo é posterior ao corpo, contudo, é mais excelente a imagem do corpo no espírito que o próprio corpo em

sua substância porque aquilo que é posterior no tempo se forma no que é antes pela natureza. Não se há de pensar que o corpo faz algo no espírito, como se o espírito se submetesse ao corpo que age pela condição de ser matéria. Com efeito, de todos os modos é mais excelente o que faz do que a matéria da qual se faz algo. De modo algum o corpo é mais excelente que o espírito, pelo contrário, o espírito é mais excelente que o corpo de modo eminente. Portanto, ainda que vejamos primeiro algum corpo que antes não víamos, e em seguida comece a imagem do mesmo a estar no nosso espírito, no qual podemos nos lembrar quando se ausentar, contudo, o corpo não produz a sua imagem no espírito, mas o próprio espírito a produz em si mesmo com rapidez admirável, a qual dista de modo inefável da lentidão do corpo. A imagem do corpo, logo que este for visto pelos olhos, forma-se no espírito de quem vê sem qualquer intervalo de tempo. Da mesma forma, com respeito à audição: se o espírito não formasse imediatamente em si mesmo a imagem da voz percebida pelos ouvidos, e a retivesse na memória, ignorar-se-ia se a segunda sílaba era a segunda sílaba, visto que a primeira já não existiria certamente, porque teria passado depois de ferir o ouvido. E assim todo modo de falar, toda suavidade no cantar, finalmente, todo movimento corporal disperso em nossos atos morreriam. E não conseguiríamos progresso algum, se o espírito não retivesse pela memória os movimentos passados do corpo, aos quais, no agir, ligasse os posteriores. Certamente não retém, a não ser pela imaginação, os movimentos produzidos em si mesmo. A imagem também de movimentos futuros antecipa o término de nossos atos. Com efeito, o que fazemos por meio do corpo, que não tenha sido antes objeto do espírito pelo pensamento? E que imagens de todas as coisas visíveis não foram vistas primeiramente em si mesmo e também de certo modo ordenadas?

CAPÍTULO XVII

Conhecimento das imagens impressas na alma por parte do demônio — Algumas visões admiráveis — Os delirantes

34. É difícil explicar e saber como as imagens espirituais das coisas corporais chegam ao conhecimento dos espíritos, mesmo dos imundos, ou que obstáculo sofre nossa alma por parte deste corpo terreno, para que não as possamos ver ao mesmo tempo em nosso espírito. Entretanto, por indícios bem fundamentados consta que os pensamentos dos homens são conhecidos dos demônios, os quais, no entanto, se pudessem perceber nos homens a forma interna das virtudes, não os tentariam, como aconteceu com Jó. Se o diabo pudesse perceber sua célebre e admirável paciência, sem dúvida não haveria de querer ser vencido pelotentado. Ademais, não se há de admirar que os demônios informem sobre fatos acontecidos em alguma parte bem distante, os quais, depois de alguns dias, confirmam-se que são verdadeiros. Com efeito, podem fazê-lo não somente pela agudeza em ver as coisas corporais, de modo incomparavelmente superior ao nosso, mas também pela admirável rapidez de seus corpos, certamente muito mais sutis.

35. Fomos informados a respeito de um possuído do espírito imundo que, estando em sua casa, costumava dizer quando um presbítero, que morava há doze milhas de distância, começava a sair para visitá-lo, e dizia onde se encontrava no trajeto e quando se aproximava e quando entrava na propriedade, na casa e no quarto, até chegar à sua presença. Embora aquele paciente não visse com os olhos tudo isso, via-o de algum modo para poder dizê-lo com tanta exatidão. Mas, ele estava com febre e dizia tudo como que delirando. E talvez estivesse de fato delirando e, por isso, consideravam-no um possesso. Não aceitava dos seus qualquer alimento, mas somente do presbítero. Resistia também aos seus com violência quanto podia, tranquilizava-se somente com a chegada do presbítero; era-lhe submisso e respondia-lhe com respeito. Não obstante, a alienação mental ou possessão não

cedeu às palavras do presbítero, mas somente quando se curou da febre, como os delirantes costumam ficar curados; e dali em diante não sofreu coisa semelhante.

36. Sabemos também que uma pessoa, sem dúvida delirante, predisse a morte futura de uma mulher; e não certamente por uma espécie de adivinhação, mas como um fato já passado que ela recordava. Após lhe terem falado sobre ela, disse: “Morreu; eu vi quando a levavam para sepultar no momento em que passaram por aqui com seu corpo.” E, no entanto, ela estava viva com saúde; mas após alguns dias faleceu de repente e foi levada para ser sepultada passando por aquele lugar que ele predissera.

37. Houve também entre nós um jovem que, no começo da puberdade, sofria dores atrozes nos órgãos genitais, e os médicos não conseguiam diagnosticar o que podia ser; mas perceberam que o órgão estava recolhido, de modo que, mesmo cortado o prepúcio, que pendia com exagerado comprimento, o órgão não aparecia, e depois apenas foi descoberto. Um líquido viscoso e acre, que exsudava, provocava um ardor na virilha e nos testículos. E padecia de uma dor aguda, mas não contínua; e quando lhe vinha a dor, chorava copiosamente agitando todos os membros, totalmente consciente, como costuma acontecer nos tormentos de dores corporais. Em seguida, no meio de gritos perdia os sentidos, lançava-se ao chão de olhos abertos, mas sem enxergar nenhum dos circunstantes, não se movendo por mais que o picassem. Depois de algum tempo, como que despertando já não sentia as dores e contava o que tinha visto. Depois de alguns dias voltava a sofrer as mesmas coisas. Em todas ou em quase todas essas visões, dizia ver duas pessoas; uma, de idade mais avançada, a outra, um jovem, os quais lhe diziam ou mostravam o que depois contava ter ouvido ou visto.

38. Certo dia, presenciou um coro de piedosos cantores que se alegravam no meio de uma luz maravilhosa e um outro de ímpios, no meio de trevas, que sofria diversos e atrozes castigos. As duas pessoas o conduziam e lhe explicavam tanto a razão da felicidade de uns, como da infelicidade dos outros. Ele teve as visões no domingo de Páscoa e, durante toda a quaresma, não havia sofrido dores, e, no entanto, antes as sofria a cada três dias. Na entrada da quaresma, vira as duas pessoas que lhe prometiam que não sentiria dor alguma durante quarenta dias; depois, as mesmas pessoas deram-lhe um conselho como que medicinal, no sentido de que lhe fosse cortado o prepúcio no seu comprimento; o que, uma vez efetuado, fez com que não sofresse dores durante muito tempo. Mas como começasse de novo a sofrer dores do mesmo modo e tivesse passado a ver coisas semelhantes, recebeu outro conselho das duas pessoas: que entrasse no mar até à altura da região pubiana e daí saísse depois de demorar algum tempo; e lhe prometeram que dali em diante não sofreria aquelas dores fortes, mas somente o incômodo daquele líquido viscoso. E assim aconteceu; nunca mais sofreu a perda dos sentidos e nem viu depois coisas semelhantes como as que vira quando ficava fora de si, no meio de dores e de gritos espantosos, e se calando de repente. Contudo, mais tarde, depois que os médicos o trataram e curaram, não perseverou no propósito de santidade.

CAPÍTULO XVIII

As causas das visões

39. Se alguém for capaz de investigar e compreender, sem alimentar dúvidas, as causas e as regras destas visões e adivinhações, gostaria mais de ouvi-lo do que ele esperar que eu disserte. No entanto, não deixarei de falar o que penso, de modo que nem os doutos riam-se de mim por estar mostrando certeza, nem os indoutos me aceitem como mestre. A uns e outros me apresentarei antes como quem discute e investiga do que como quem sabe. Eu comparo todas estas visões às visões dos que sonham. Pois, assim como, às vezes, são falsas, outras, verdadeiras, umas vezes agitadas, outras, tranquilas, e

as verdadeiras são, às vezes, totalmente semelhantes às coisas futuras, claramente afirmadas, outras vezes são preditas com significados obscuros e com palavras como que no sentido figurado; assim também todas as outras. Os homens gostam de pesquisar o fora do comum e indagar as causas do insólito e, no entanto, não se preocupam em conhecer as coisas do dia a dia, talvez de origem mais desconhecida. Com efeito, assim como acontece com as palavras, ou seja, com os sinais dos quais nos utilizamos para falar, que tendo ouvido uma palavra de pouco uso, perguntam primeiramente o que seja, isto é, o que significa, e tendo tomado conhecimento do significado, em seguida perguntam de onde deriva, sendo que de tantas outras de que nos utilizamos na conversação desconhecem sem inquietação a sua origem. Assim, quando algo insólito acontece nas coisas corporais ou espirituais, investigam com solicitude suas causas e sua razão, e solicitam dos entendidos que lhas expliquem.

40. Quando alguém me pergunta, por exemplo, o que significa a palavra “catus”, respondo-lhe: “prudente ou agudo”; mas não fica satisfeito, e continua perguntando de onde vem a palavra “catus”, e prossegue mencionando e perguntando de onde deriva “agudo”, o que antes também ignorava. Mas como é um termo muito usado, suportou com paciência sua ignorância, mas o que lhe soou como novo a seus ouvidos, julga que vale pouco conhecer o que possa significar, se não pergunta sobre sua origem. Por isso, se alguém me pergunta como as visões semelhantes a corpos aparecem no êxtase, o que acontece raramente à alma, por minha parte lhe pergunto como aparecem as visões aos que estão dormindo, visões que a alma percebe todos os dias, mas que ninguém se preocupa em investigá-las, ou se preocupa muito pouco. Como se fosse menos admirável a natureza destas visões porque acontecem todos os dias e, por isso, devem preocupar menos porque são próprias de todos; ou se por isso mesmo, procedendo bem os que não perguntam sobre aquelas visões, não procederiam mais corretamente se não se mostrassem curiosos sobre estas. Eu me admiro muito mais e fico muito mais estupefato ao perceber a rapidez e a facilidade com que a alma forma em si as imagens dos corpos que ela viu por meio dos olhos corporais do que as visões obtidas pelos que estão dormindo ou estão em êxtase. Qualquer que seja aquela natureza de visões, sem dúvida, não é corpo. A quem não basta conhecer isso, de onde se originam, perguntem a outros; confesso que ignoro.

CAPÍTULO XIX

A origem das visões

41. Pode-se precisar a origem das visões pela experiência dos fatos. A palidez, o rubor, o tremor dos corpos e mesmo a doença às vezes têm sua causa no corpo, outras vezes na alma. No corpo, certamente, quando um humor se derrama ou um alimento ou alguma outra coisa se introduzem no corpo, vindo de fora; na alma, porém, quando é agitada pelo medo, ou se enrubesce pelo pudor, ou se encoleriza, ou ama, ou se algo semelhante acontece. Não sem razão, se o que ela anima e governa, quando se agita mais fortemente, mais intensamente se irrita. Assim também acontece com a própria alma com respeito às visões, que não lhe são comunicadas por meio dos sentidos do corpo, mas por meio de uma substância incorpórea, e de tal modo acontece que não discerne se são corpos ou imagens de corpos. Isso acontece uma vez pelo corpo, outras vezes pelo espírito. Pelo corpo, seja devido a um fenômeno natural, como são as visões dos sonhadores, pois dormir é próprio do homem, ou ao mau estado da saúde, perturbados os sentidos. Por exemplo, os que deliram veem ao mesmo tempo os corpos e as visões semelhantes aos corpos como se estivessem diante dos olhos. Ou, tendo-os completamente fechados, como acontece muitas vezes aos vitimados por uma doença grave, ficam fora de si muito tempo, estando os corpos presentes, mas, depois, tendo voltado ao convívio com as pessoas, afirmaram que viram muitas coisas pelo espírito, quando são arrebatados para o êxtase,

estando o corpo totalmente são e íntegro, de tal modo que ou veem os corpos mediante os sentidos corporais, e no espírito veem imagens que não distinguem dos corpos; ou são privados dos sentidos da carne e, nada sentindo absolutamente por meio deles, habitam por essa visão espiritual entre imagens corporais. Quando um espírito mau arrebatado para esses fenômenos, faz demoníacos ou possessos ou falsos profetas; mas se o espírito é bom, os fiéis falam sobre mistérios, ou os faz profetas verdadeiros, infundindo-lhes a necessária compreensão; ou se o que mostra por meio deles, convém que seja revelado, torna-os videntes e anunciadores.

CAPÍTULO XX

As visões pelo corpo não são apresentadas no corpo

42. Quando a causa de existirem essas visões proceder do corpo, o corpo não as apresenta e não tem o poder de formar algo espiritual. Havendo interrupção ou perturbação ou mesmo interferência no caminho da atenção por parte do cérebro, que dirige o movimento da percepção, a alma, que não pode interromper esse movimento por sua atividade própria, porque não lhe é permitido fazê-lo mediante o corpo, ou não lhe é permitido perceber plenamente as coisas corporais, ou dirigir a força de sua atenção às coisas corporais, a alma, repito, produz pelo espírito semelhanças das coisas corporais, ou contempla as apresentadas anteriormente. Se ela produz essas semelhanças, são somente imaginações; mas se ela contempla as apresentadas antes, são visões. Finalmente, se os olhos estão com alguma doença ou estão extintos, pelo fato de não estar a causa na sede do cérebro, que dirige a atenção para perceber, não acontecem essas visões, visto que existe por parte do corpo um obstáculo que impede a visão de coisas corporais. Com efeito, os cegos enxergam mais dormindo que despertados. Estando dormindo, interrompe-se no cérebro a via da percepção, que conduz a atenção para os olhos e, por isso, estando a atenção voltada para outra coisa, enxerga as visões dos sonhos como se estivessem presentes as formas corporais, de tal modo que, dormindo, parece-lhes estarem despertados e pensam estar vendo não as imagens dos corpos, mas os próprios corpos. Quando os cegos estão despertados, a atenção da visão é conduzida por aquelas vias que, quando ela chegar ao lugar dos olhos, não é projetada para fora, mas permanece ali de modo que sintam que estão despertados, e que despertados se encontram em meio a trevas durante o dia, muito mais do que dormindo, seja durante o dia, seja durante a noite. Dentre os que não são cegos, muitos dormem com os olhos abertos, mas não veem por meio deles; mas nem por isso nada enxergam, já que pelo espírito enxergam as visões dos sonhos. Os que estão acordados com os olhos fechados, não enxergam as visões nem dos que estão dormindo, nem dos que estão despertados. Isso quer dizer apenas que a via da percepção, não estando interrompida ou perturbada ou sofrendo interferência, vem do cérebro para os olhos e conduz a atenção da alma até as janelas do corpo, embora fechadas, para que possam pensar imagens dos corpos, mas de forma alguma considerem como sendo corpos o que é percebido pelos olhos.

43. Somente nos interessa saber onde se encontra o impedimento para perceber as coisas corporais, visto que se encontra no corpo. Com efeito, se não se encontra a não ser nas entradas e como que janelas dos sentidos, tal como nos olhos, nos ouvidos e nos demais sentidos corporais, fica impedida apenas a percepção do corpóreo, e a atenção da alma não se desvia para uma outra coisa de tal modo que se considerem as imagens dos corpos como corpos. Mas, se a causa está no interior do cérebro, de onde partem as vias para perceber o que está fora, ficam interrompidos ou perturbados ou sofrem interferência os instrumentos da atenção, nos quais a alma se apoia para ver ou perceber o que está fora. Como não perde esse esforço, com tamanha vivacidade forma as coisas semelhantes, não conseguindo discernir dos corpos as imagens dos corpos, se se encontram nestes ou naqueles e quando

chega a saber, fica sabendo de um modo muito diferente do que quando está entretida em pensar, ou quando acontecem imagens dos corpos. Este modo somente o podem compreender os que o experimentaram de algum modo. Daí o fato de eu, dormindo, saber o que via nos sonhos; entretanto, não discernia do corpóreo as imagens das coisas corporais que via, como, quando estamos com os olhos fechados ou no escuro, costumamos discernir pensando nelas. Possui tanto poder a atenção da alma, quer alcance os sentidos embora fechados, quer se volte para outra coisa por algum motivo existente no cérebro, de onde parte a atenção para essas coisas, que, embora algumas vezes saiba que está vendo, não corpos, mas imagens de corpos, ou, sendo menos instruída, julgando que são corpos, percebe que os vê não pelo corpo, mas pelo espírito, nestes casos, a alma está longe do estado em que ela sente a presença de seu próprio corpo. Daí que também os cegos sabem que estão despertos, visto que por um conhecimento certo distinguem dos corpos as imagens dos corpos pensadas, as quais não podem ver.

CAPÍTULO XXI

As visões semelhantes às coisas corporais, em que a alma é arrebatada, não são de natureza diferente

44. Quando a alma é arrebatada por uma ação oculta espiritual para as visões semelhantes ao corpóreo, estando a pessoa com saúde normal e não tendo os sentidos desativados pelo sono, não é porque o modo seja diferente, que há uma natureza diferente de visões, visto que também naquelas causas que procedem do corpo há certamente uma diferença e, algumas vezes, até oposição. Com efeito, os que deliram, não adormecidos, têm na cabeça as vias de percepção perturbadas, de tal modo que veem as coisas tais quais as veem os que sonham. Estando dormindo, a atenção deles se desvia do sentido da vigília e se converte para o que há de ser visto. Portanto, como aquilo acontece não estão dormindo, e isto, estando dormindo, o que eles veem não são de outra natureza do que são as que procedem da natureza do espírito, do qual e no qual se formam as imagens dos corpos. Assim, embora seja diferente a causa da alienação da atenção, quando, estando normal o estado de saúde, a alma é arrebatada por uma certa força oculta espiritual, de modo que em vez de corpos veja no espírito as semelhanças apresentadas de coisas corporais, no entanto, é a mesma a natureza das visões. Pois, como a causa está no corpo, não se pode dizer que então a alma retira de si mesma as imagens dos corpos sem qualquer pressentimento de coisas futuras, tal como costuma retirá-las pensando; mas quando é arrebatada pelo espírito para as ver, demonstra-se que isso é obra divina; a Escritura o diz claramente: Derramarei o meu espírito sobre toda carne, e os jovens verão visões e os anciãos sonharão sonhos⁴¹, atribuindo ambas as coisas à ação divina; e o anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: “José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher”; e novamente: Levanta-te, toma o menino e a mãe e foge para o Egito⁴².

CAPÍTULO XXII

As visões por adivinhação ou por acaso

45. Não penso que o espírito do homem possa ser arrebatado por um espírito bom para contemplar essas visões, se elas não têm algum significado. Mas, como a causa está no corpo, para que o espírito humano seja dirigido para vê-las com mais clareza, não se há de crer que sempre signifiquem alguma coisa. Significam quando são inspiradas por um espírito que as apresenta, tanto para o que está dormindo, como para o que padece algo no corpo, de modo a ficar alienado dos sentidos da carne. Também aos que estão despertos e não sujeitos a alguma doença, nem agitados pelo delírio, sabemos que por um certo instinto oculto apresentaram-se pensamentos que, exteriorizando-se, revelaram-se

como adivinhações, não somente com efeito concreto, tal como aconteceu com o sumo sacerdote Caifás que profetizou, não tendo vontade de profetizar, mas também quando os que falam intentam dizer algo a modo de adivinhação.

46. Com efeito, alguns jovens, querendo enganar por brincadeira os peregrinos que viajavam por um certo lugar, fingiram ser astrólogos, sem terem qualquer conhecimento dos doze sinais do zodíaco. Os jovens, ao perceberem que seus hóspedes se admiravam do que eles diziam e que atestavam ser totalmente verdade, atreveram-se a ir mais longe. E um deles, comprovando o que dizia, causava admiração. Finalmente, alguém perguntou a um dos jovens sobre a saúde do filho, que desejava ver depois de muito tempo de ausência; e porque estivesse demorando muito, o pai estava preocupado de que lhe tivesse acontecido alguma coisa. E eles, sem cuidarem de que a verdade podia ser conhecida depois que partissem, preocupando-se, contudo, em deixar alegre o homem enquanto estivesse na sua presença, estando para partirem, responderam que o filho estava salvo e que já se aproximava, e que chegaria naquele mesmo dia em que estavam falando. Não temiam que, passado o dia, viria o dia seguinte em que os poderia censurar por lhes ter enganado. O que mais? Quando já se dispunham a ir embora, eis que o filho chegou de repente, estando eles ainda ali hospedados.

47. Em outra ocasião, um outro jovem dançava diante de um flautista, num lugar onde havia ídolos por ser uma festividade pagã. Não estava tomado por nenhum espírito, igualava-se aos possessos com sua imitação jocosa, estando os circunstantes e espectadores cientes da brincadeira. Havia o costume de que, depois de oferecidos os sacrifícios e terminadas as danças antes do banquete, se alguns adolescentes quisessem brincar daquela forma depois do banquete, ninguém os proibiria. O jovem, portanto, fazendo gracejos enquanto dançava, após conseguir que se fizesse silêncio, cercado de uma multidão que gargalhava, predisse que naquela noite em que se sacrificava, naquele bosque junto ao qual estava, um homem seria morto por um leão, e que a multidão afluiria para ver o cadáver do homem ao raiar do dia e abandonaria o lugar da festividade. E assim aconteceu, ainda que ficou bem claro para todos os que presenciavam os movimentos do jovem que ele falou por gracejo e brincadeira e não estando sua mente perturbada ou alucinada. E ele próprio tanto mais se admirava do que acontecera, quanto mais sabia da intenção com que proferira suas palavras.

48. É deveras difícil saber e, se já sabemos, mais difícil é ainda dissertar sobre este assunto e explicar como surgem no espírito do homem essas visões, ou seja, se são formadas primeiramente no espírito ou se são apresentadas já formadas em outro espírito e são vistas por uma certa união dos dois espíritos, de modo que os anjos revelem aos homens seus pensamentos e as imagens das coisas corporais. Esses conhecimentos de coisas futuras eles veem não com os olhos, porque não têm corpo, mas em seu espírito, com esta diferença: eles conhecem nossos pensamentos, mesmo que não queiramos, mas nós não podemos conhecer os deles a não ser que sejam revelados, pois, como penso, eles têm poder para ocultá-los por meio de recursos espirituais, do mesmo modo como nós, interpondo obstáculos, escondemos nossos corpos para não serem vistos pelos olhos dos outros. Ignora-se também o que acontece em nosso espírito, ou seja, às vezes se veem apenas imagens que significam e se ignora se significam algo, e outras vezes, percebe-se que significam algo mas não se conhece o que significam. Outras vezes, pelo contrário, a alma humana vê como uma apresentação mais clara, mediante o espírito e a mente, o que significam.

CAPÍTULO XXIII

Nossa natureza espiritual e as imagens do corpóreo

49. Por agora julgo necessário deixar bem claro ser certo que existe em nós uma natureza espiritual, na qual se formam as imagens das coisas corporais. Quando tocamos algum corpo pelo sentido do corpo, imediatamente se forma sua semelhança em nosso espírito e se guarda na memória. Quando pensamos em corpos ausentes já conhecidos, para deles se formar uma certa aparência espiritual, que já estavam no espírito e antes de neles pensarmos; seja quando vemos as imagens dos corpos que não conhecemos, mas não duvidamos que existam, não como eles são, mas como nos ocorre. Quando, por querer ou parecer, pensamos naquelas coisas que não existem ou não sabemos que existem, quando de qualquer parte que venham, sem que nós procuremos ou queiramos, apresentam-se no espírito imagens de realidades de forma variada. Quando, estando para fazer alguma coisa pelo corpo, preparamos as coisas de que vamos precisar naquela ação e antecipamos todas as coisas no pensamento. Quando no próprio ato de falar ou de fazer, previnem-se no espírito todos os movimentos corporais com suas imagens para que possam ser executados, pois não será pronunciada nenhuma sílaba, a mais breve possível, se não for prevista. Quando os que estão dormindo veem sonhos que nada ou alguma coisa significam. Quando, devido à saúde corporal e estando impedidas as vias de percepção, o espírito confunde de tal modo as imagens dos corpos com os corpos reais que não possam ou apenas possam ser discernidas, quer tenham algum significado ou surjam sem qualquer significado. Quando, agravando-se alguma enfermidade ou dor corporal, obstruídas internamente os caminhos da alma pelas quais a atenção se mostrava e se esforçava para sentir, mediante o corpo, as imagens das coisas corporais que se deixam ver ou se mostram mais perfeitamente no espírito do que no sono, tendo algum significado ou não tendo. Quando, não existindo motivo algum por parte do corpo, mas, tomando-a e arrebatando-a algum espírito, a alma é levada para ver nesta situação as imagens dos corpos, misturando com elas as visões corporais, visto que se utiliza ao mesmo tempo também dos sentidos do corpo. Quando, de tal modo, arrebatando-a o espírito, isola-se de todo sentido do corpo e se afasta para se prender apenas às imagens dos corpos por uma visão espiritual; neste estado ignoro se podem ser vistas algumas coisas sem que tenham algum significado.

CAPÍTULO XXIV

Graus de excelência entre as três classes de visões

50. Esta natureza espiritual, na qual se reproduzem não os corpos, mas as semelhanças dos corpos, apresenta visão de classe inferior à luz da mente e da inteligência, pela qual se discernem também estas visões inferiores e se veem as realidades que não são corpos, nem têm quaisquer formas semelhantes dos corpos, tal como a própria mente e toda boa disposição da alma, à qual são contrários os vícios que com razão são censurados e condenados nos homens. Com efeito, de que outro modo se compreende o entendimento, senão entendendo? Assim também a caridade, a alegria, a paz, a longanimidade, a benignidade, a fé, a mansidão, a continência e as demais virtudes semelhantes, mediante as quais se aproxima de Deus⁴³, e o mesmo Deus, do qual, pelo qual e no qual existem todas as coisas⁴⁴.

51. Ainda que certamente aconteçam visões na mesma alma, quer as que se percebem pelos sentidos, tais como este céu corpóreo, a terra e tudo o que neles possa ser conhecido, e da maneira como o podem; quer as visões que se veem semelhantes aos corpos, das quais já falamos muito; quer as que se compreendem pela mente, as quais não são corpos, mas semelhanças de corpo; todas têm certamente sua ordem e uma é mais excelente que a outra. A visão espiritual é mais excelente que a corporal e a intelectual mais excelente que a espiritual. A corporal não pode existir sem a espiritual, pois no mesmo instante em que um corpo é tocado pelo sentido corporal, acontece também no espírito algo

pelo qual não seja tal coisa, mas semelhante, porque, se não acontecesse, também não existiria aquele sentido pelo qual se percebe o que se encontra externamente. Com efeito, não é o corpo que sente, mas é a alma por meio do corpo, do qual se utiliza como de um mensageiro para formar em si mesma o que é comunicado do exterior. Assim, não pode dar-se a visão corporal, se ao mesmo tempo não se dá a espiritual; mas não se percebe a não ser quando o sentido é afastado do corpo, a fim de que, o que se via mediante o corpo, encontre-se no espírito. A visão espiritual, por sua vez, pode dar-se sem a corporal, quando surgem no espírito imagens de corpos ausentes e quando se imaginam muitas imagens de acordo com a vontade ou se apresentam independentemente da vontade. Mas a visão espiritual necessita da intelectual para se fazer julgamento, mas a intelectual não necessita da espiritual que é inferior e, por isso, a corporal está submissa à espiritual, e ambas à intelectual. Portanto, ao lermos: O homem espiritual julga tudo e por ninguém é julgado⁴⁵, devemos interpretar não segundo o espírito pelo qual a mente é conhecida, como se entende o que foi dito: Orarei com espírito, orarei também com a mente⁴⁶, mas devemos entender pelo que foi dito: Renovai-vos pelo espírito de vossa mente⁴⁷. Já ensinamos acima de outro modo, que se diz espírito a própria mente, segundo a qual o espiritual julga a tudo. Por isso, nem absurda nem inconvenientemente julgo que a visão espiritual ocupa uma posição intermediária entre a intelectual e a corporal. Com efeito, penso com razão que se diz meio o que realmente não é corpo, mas semelhante ao corpo, entre o que é verdadeiramente corpo e o que não é corpo nem semelhante ao corpo.

CAPÍTULO XXV

Apenas a visão intelectual não engana

52. Falhando a inteligência, a alma ilude-se com as imagens das coisas, não por defeito delas, mas de sua opinião, ao aceitar as que são semelhantes em lugar daquelas das quais são semelhanças. Portanto, engana-se na visão corporal, uma vez que julga acontecer nos corpos o que acontece nos sentidos dos corpos, do mesmo modo como parece aos navegantes que se move na terra o que está fixo, e aos que observam o céu, que estão fixos os astros que se movem, e afastados os raios dos olhos aparecem duas formas de lâmpadas, e na água, o caso do remo parecer estar quebrado, e muitas outras coisas semelhantes. Engana-se também, por exemplo, quando pensa que alguma coisa é o que não é, porque tem a mesma cor ou o mesmo som ou o mesmo cheiro ou o mesmo sabor, a mesma sensação quando se toca. Daí vem o pensar que seja um legume um medicamento pastoso cozido no caldeirão, e pensar que o ruído de um veículo que passa seja o de um trovão; e se não se examinar em nenhum dos outros sentidos, mas apenas no olfato, pode-se pensar que é limão uma erva denominada “apiária”; e um alimento temperado com um suco adocicado pode-se pensar que seja temperado com mel; e um anel desconhecido apalpado no escuro julga-se que seja de ouro e, no entanto, é de bronze ou de prata; ou quando a alma, perturbada por repentinas e imprevistas visões corporais, pensa que não vê a si mesma nos sonhos ou que está sendo levada por alguma visão espiritual desta natureza. Por isso, em todas as visões corporais apresente-se o testemunho dos outros sentidos e principalmente da mente e da razão, para que se encontre, quanto seja possível encontrar, o que é verdadeiro nesta classe de coisas. Mas, na visão espiritual ou nas imagens dos corpos, que se veem pelo espírito, a alma se engana quando, com respeito às coisas que vê, pensa que são corpos verdadeiros; ou o que se imaginou por uma suspeita e falsa conjectura, pensa que também estão nos corpos as coisas que conjectura como não vistas. Mas a alma não se engana nas visões intelectuais, pois ou as entende, e são verdade, ou se não é verdade, não as entende. Daí que uma coisa é errar no que ela vê, e outra errar porque não as vê.

CAPÍTULO XXVI

Duas classes de arrebatamento: pela visão espiritual e pela visão intelectual

53. Quando a alma é arrebatada para as visões em que se veem pelo espírito coisas semelhantes às corporais, de modo que abandona os sentidos, mais do que é costume nos sonhos, mas menos que na morte, isto já é fruto de uma admoestação e de ajuda divinas, para que saiba discernir pelo espírito, não os corpos, mas as imagens semelhantes aos corpos, do mesmo modo como os que dormem conhecem as realidades que veem nos sonhos antes de despertarem. Se neste arrebatamento se veem coisas futuras, de modo a serem conhecidas como futuras, cujas imagens se veem presentes, seja com a mente do homem auxiliada por Deus, seja por meio de alguém que, no meio das visões, explique-as, como era explicado a João no Apocalipse⁴⁸, trata-se de uma revelação extraordinária. Assim é, embora, talvez, ignore aquele a quem essas coisas são apresentadas, se saiu do corpo, ou ainda esteja no corpo; mas as vê pelo espírito alienado dos sentidos do corpo; com efeito, assim arrebatado pode ignorá-lo, se não lhe for revelado.

54. Além disso, se, assim como foi arrebatado dos sentidos do corpo para estar nestas imagens dos corpos, que são vistas pelo espírito, assim também é arrebatado das mesmas imagens para ser transportado para aquela região das realidades intelectuais ou inteligíveis, onde se percebe a verdade evidente sem qualquer imagem de corpo, mas não ofuscada pelas névoas de opiniões falsas. Ali as faculdades da alma não atuam nem se afadigam. Com efeito, nem a libido é refreada pelo trabalho da temperança, ou se suportam adversidades pela atividade da fortaleza, ou se castiga a iniquidade pela ação da justiça, ou se evitam os males pelo exercício da prudência. Ali, a única e total virtude da alma consiste em amar o que se vê, a suprema felicidade reside em possuir o que se ama. De fato, ali se bebe a vida feliz em sua fonte, de onde algo é aspergido para esta vida humana, para se viver com temperança, fortaleza, justiça e prudência em meio às seduções deste mundo. Em vista à consecução de tudo isso, quando haverá repouso e visão inefável da verdade, enfrentam-se as lutas para reprimir as paixões, suportam-se as adversidades, socorrem-se os indigentes, resiste-se aos sedutores. Ali se vê o esplendor do Senhor, não por uma visão envolvendo significados, ou corporal, como foi vista no monte Sinai⁴⁹, ou espiritual, como a que viu Isaías⁵⁰, ou João no Apocalipse⁵¹; mas pela visão, não mediante figuras, de acordo com a possibilidade da mente humana, segundo a graça de Deus que a assume para poder falar boca a boca aquele que Deus fez digno desse colóquio; não a boca do corpo, mas a da mente. Assim julgo que se deve entender o que foi escrito sobre Moisés⁵².

CAPÍTULO XXVII

A visão de Moisés

55. Conforme lemos no Êxodo, Moisés desejava ver a Deus, mas não como o vira no monte, nem como o via no tabernáculo, mas na substância pela qual é Deus, sem assumir qualquer criatura corporal, a qual se apresenta aos olhos da carne, nem em espírito com semelhanças figuradas de corpos, mas na sua essência, na medida em que a criatura racional e intelectual é capaz de compreendê-la, separada de todo sentido do corpo e de toda figura significativa de espírito. Assim está escrito: Agora, pois, se encontrei graça diante de ti, mostra-te a mim como és, para que eu te veja⁵³, visto que um pouco acima se lê que o Senhor falava com Moisés face a face, como alguém fala com seu amigo⁵⁴. Percebia o que via e desejava o que não via. Um pouco depois, dizendo-lhe Deus: Porque encontrei graça diante de mim, conheço-te mais que todos, respondeu-lhe: Mostra-me tua claridade⁵⁵. Então, recebeu do Senhor uma resposta em sentido figurado, sobre a qual seria longo dissertar, quando lhe disse: Não poderás ver a minha face e viver. Porque nenhum homem verá a

minha face e viverá⁵⁶. Em seguida acrescentou: Eis aqui um lugar perto de mim; põe-te sobre a rocha. Quando eu passar a minha glória, colocar-te-ei na fenda da rocha e cobrir-te-ei com a minha mão até que eu tenha passado. Depois tirei a mão e me verás pelas costas. Minha face, porém, não te aparecerá⁵⁷. A Escritura, na sequência, não narrou que isso tenha acontecido no sentido corporal e, por isso, ficou claro que foi dito em sentido figurado significando a Igreja. Com efeito, ela é o lugar perto do Senhor, porque a Igreja é seu templo e foi edificada sobre a pedra, e o restante que ali foi dito e todas as palavras concordam com nossa interpretação. Se Moisés não tivesse merecido ver a almejada e desejada claridade de Deus, Deus não diria a Aarão e a Maria, irmãos dele, conforme lemos no livro dos Números: Ouvi, pois, as minhas palavras: “Se há entre vós um profeta do Senhor, é em visão que me revelo a ele, é em sonho que lhe falo. Assim não há como o meu servo Moisés. Falo-lhe face a face, claramente e não em enigmas, e ele vê a claridade do Senhor⁵⁸. Também isso não se há de entender quanto à substância do corpo que se apresenta aos sentidos da carne; pois certamente falava a Moisés assim: face a face, frente a frente, quando Moisés lhe dizia: Mostra-me a ti mesmo⁵⁹. E agora também aos que censurava e a cujos merecimentos antepunha os merecimentos de Moisés falava desse modo por meio de uma criatura corporal mostrada aos sentidos da carne. Portanto, por aquele modo, na forma em que é Deus, fala de um modo o mais inefável, secreto e presente por meio de uma linguagem inefável, na qual ninguém que o veja viverá esta vida, pela qual se vive mortalmente nestes sentidos do corpo, a não ser que alguém de certo modo morra para esta vida, seja saindo completamente do corpo, seja de tal modo retirado e alienado dos sentidos carnis, que ignore com razão, como diz o Apóstolo, se está no corpo ou fora do corpo, visto que nesse caso é arrebatado e conduzido a esta visão.

CAPÍTULO XXVIII

O terceiro céu e o paraíso contemplados por São Paulo

56. Se o Apóstolo denominou terceiro céu à terceira classe de visões, que é superior não somente a toda visão corporal, pela qual se percebem os corpos mediante os sentidos do corpo, mas também a toda visão espiritual, pela qual se percebem pelo espírito, e não pela mente, as imagens dos corpos, neste céu se vê a claridade de Deus. Para se ver esta claridade purificam-se os corações, por isso foi dito: Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus⁶⁰. Ver-se-á a Deus não por meio de algum significado figurado, ou corporal ou espiritual, como que em espelho e de maneira confusa, mas face a face⁶¹, como o que foi dito de Moisés: boca a boca, ou seja, pela forma, pela qual Deus é tudo o que é, na medida em que é capaz de percebê-la a mente que não é o que Deus é, mas purificada de toda mancha terrena e alienada e arrebatada de todo corpo e de toda semelhança de corpo. Peregrinamos carregados com o peso mortal e corruptível do corpo, enquanto caminhamos pela fé, não pela visão⁶², enquanto vivemos aqui praticando a justiça. Por que não havemos de crer que a tão grande apóstolo, doutor das gentes, arrebatado a tal visão deveras grandiosa, Deus quis mostrar a vida na qual depois desta se há de viver por toda a eternidade? E por que não se há de denominar paraíso a este lugar, sem haver confusão com aquele em que Adão viveu corporalmente entre árvores frondosas e frutíferas? Pois a Igreja, que nos congrega em seu seio de caridade, foi denominada paraíso com frutos preciosos⁶³. Mas, isso foi dito em sentido figurado, como se naquele paraíso onde Adão esteve realmente estivesse simboli-zada a Igreja sob a forma de um paraíso futuro. Ainda que aos que observam diligentemente talvez possa ocorrer que naquele paraíso corporal foi também significada a vida dos santos, que agora servem na Igreja e aquela que haverá para sempre depois desta vida. Assim como Jerusalém, que se interpreta “visão de paz” e contudo se aplica a uma cidade terrena, simboliza

a Jerusalém celestial, nossa mãe eterna, para aqueles que foram salvos na esperança e para aqueles que a desejam esperando com paciência o que não veem, ao lado dos quais muitos são filhos da abandonada, mais do que daquela que tem marido⁶⁴; e para os próprios santos anjos que conhecem pela Igreja a multiforme sabedoria de Deus⁶⁵, com os quais se há de viver sem trabalhos e sem fim depois desta peregrinação.

CAPÍTULO XXIX

Haverá muitos céus, como há vários graus nas visões espiritual e intelectual?

57. Se entendermos o terceiro céu, ao qual o apóstolo foi arrebatado, de modo a crermos que haja também um quarto e outros céus acima, abaixo dos quais está o terceiro céu, pois alguns falam em sete, outros em oito, ainda outros em nove e até dez. E comprovam que neste que se denomina firmamento, há muitos, obedecendo a uma graduação, e, por isso, raciocinam ou pensam que são corpóreos. Essas razões ou opiniões exigiriam muito tempo para agora serem tratadas. Pode também acontecer que alguém sustente haver muitos graus diferentes nas visões espirituais e intelectuais, ou, se puder, demonstre estes graus diferentes de acordo com o progresso maior ou menor nas revelações manifestas. Seja o que for, sejam entendidas como quiserem, uns de um modo, outros, de outro modo, eu até agora não sou capaz de conhecer ou ensinar outras visões além das três classes, ou pelo corpo ou pelo espírito ou pela mente. Mas confesso que agora ignoro quantas e quais sejam as divisões de cada classe, de modo que em cada uma se coloque uma acima da outra gradativamente.

CAPÍTULO XXX

Na visão espiritual, umas visões são divinas e outras humanas

58. Assim como nesta luz corpórea está o céu, que vemos acima da terra, onde brilham os luzeiros e os astros que são corpos mais excelentes que os terrestres, assim na classe de visão espiritual, na qual se veem semelhanças de corpos com uma certa luz incorporal e própria, há algumas mais excelentes e, com razão, divinas, que os anjos apresentam com modos admiráveis. É difícil de se perceber e mais difícil de se explicar se eles apresentam suas visões mediante uma fácil e poderosa associação ou mescla, tornando-as também nossas, ou se conhecendo não sei de que modo as nossas visões as formam em nosso espírito. Há outras visões comuns e humanas, as quais procedem de nosso espírito de muitos modos, ou são sugeridas de certo modo pelo corpo ao espírito, se somos afligidos na carne ou no espírito. Com efeito, não somente as pessoas despertas se envolvem por meio de imagens dos corpos com suas preocupações, pensando, mas também as que estão dormindo muitas vezes sonham com o de que necessitam, pois administram também seus negócios levados pela ambição da alma, e se dormiram com fome ou com sede, preocupam-se por comidas e bebidas, desejando-as ardentemente. Penso que todas essas visões podem ser comparadas com as que se efetuam mediante manifestações angélicas, como se nesta natureza corporal se comparassem as coisas terrenas com as celestes.

CAPÍTULO XXXI

A visão intelectual e a luz que ilumina a alma para ver as realidades — A luz da alma é Deus

59. Na classe das visões intelectuais, há algumas que se veem na alma, como, por exemplo, as virtudes contrárias aos vícios, seja as que permanecerão, como a piedade, seja as úteis para esta vida e que depois não existirão, como a fé pela qual cremos o que ainda não vemos, e a esperança pela qual esperamos com paciência as coisas futuras, e a própria paciência pela qual suportamos todas as

adversidades, até chegarmos aonde queremos. Estas e outras virtudes semelhantes, que agora são muito necessárias para passar esta vida peregrina, não serão necessárias naquela vida, para cuja consecução são necessárias. Estas virtudes se veem intelectualmente, pois não são corpos ou não têm formas semelhantes aos corpos. Não obstante, uma coisa é o que se vê na alma, outra coisa é a luz que ilumina a alma para que possa contemplar em si ou em outro todas as coisas entendidas de acordo com a verdade; pois a luz é o próprio Deus, mas a inteligência é uma criatura, embora racional e intelectual criada à imagem divina, a qual, quando intenta contemplar essa luz, agita-se em sua fraqueza e se torna menos capaz. Daí o fato de que ela entende conforme pode. Portanto, quando é arrebatada e, alienada dos sentidos carnis, apresenta-se a essa visão mais claramente, não em espaços locais, mas de acordo com uma certa maneira sua, e assim vê sobre si mesma aquela luz, com cuja ajuda vê tudo o que entendendo vê em si mesma.

CAPÍTULO XXXII

Aonde é levada a alma após deixar o corpo

60. Se alguém perguntar para onde vai a alma quando sai do corpo, se levada a algum lugar corporal, ou a um lugar incorporeal semelhante ao corporal, ou a nenhum deles, mas àquele que é mais excelente que os corpos, assim como as imagens dos corpos, responderei imediatamente que a alma não é levada para lugares corporais a não ser com algum corpo, ou não é levada quanto ao lugar. Agora, se a alma tem algum corpo quando sair deste corpo, mostre-o quem puder, mas eu penso que não, pois julgo que ela é espiritual, não corporal. É levada a lugares espirituais de acordo com seus merecimentos, ou a lugares de castigos semelhantes a corpos, tais como foram mostrados muitas vezes àqueles que foram arrebatados dos sentidos do corpo e ficaram semelhantes a pessoas mortas, e viram os castigos do inferno, tendo em si mesmos certa semelhança com seu corpo, pelo qual puderam ser levados a esses lugares e comprovar tais coisas com as semelhanças dos sentidos. Não vejo por que a alma há de ter semelhança com seu corpo, se, ficando o corpo sem os sentidos, embora não completamente morto, ela vê tais coisas, de acordo com o que muitos contaram aos vivos após voltarem do arrebatamento; e não tenha essa semelhança com seu corpo. quando sair do corpo ocorrendo a morte completa. Portanto, ou é levada para esses lugares de castigo, ou para aqueles também semelhantes a lugares corporais, mas não de castigo, mas de repouso e de gozo.

61. Não se pode dizer em sã razão que aqueles castigos são falsos ou que são falsos aquele repouso e aquele gozo, pois estas coisas são falsas quando, por um erro de julgamento, tomam-se umas por outras. Com efeito, Pedro certamente se enganava não somente quando via aquela toalha e nela, imagens de corpos, mas pensava que fossem corpos⁶⁶, mas enganava-se também quando em outra ocasião, libertado das cadeias por um anjo, caminhava com seu corpo, apresentado na forma corporal, mas julgava estar diante de uma visão⁶⁷. Com efeito, havia na toalha formas espirituais semelhantes às corporais; e esta manifestação corporal de um libertado das cadeias era semelhante à espiritual devido ao milagre. Mas, a alma enganava-se em ambos os casos, mas apenas por considerar umas coisas por outras. Portanto, embora não sejam coisas corporais, mas semelhantes às corporais, pelas quais passam as almas despojadas de seus corpos, para o bem ou para o mal, como também elas aparecem a si mesmas semelhantes a seus corpos, no entanto, é verdadeira a alegria e verdadeiro o tormento feitos de substância espiritual. Também nos sonhos interessa muito se estamos alegres ou tristes. Daí que alguns, estando em meio a coisas que tinham desejado, lamentaram acordar; e, pelo contrário, os agitados e afligidos por terríveis temores e tormentos, depois de terem despertado, passaram a ter medo de dormir para que não se repetissem os mesmos males. E não se há de duvidar

que sejam marcantes as coisas ditas infernais e, por isso, causam uma sensação mais forte. Com efeito, também aqueles que foram arrebatados dos sentidos do corpo, menos certamente do que se morressem de verdade, no entanto, mais do que se estivessem dormindo, contaram que viram as coisas com mais realidade do que se houvessem contado o que viram em sonhos. Portanto, o inferno é uma substância, mas julgo que seja uma substância espiritual, não corporal.

CAPÍTULO XXXIII

O inferno — A alma é incorpórea — O seio de Abraão

62. Não merecem ser ouvidos os que afirmam que o inferno termina nesta vida e que não existe inferno depois da morte. Vejam eles como interpretam suas ficções poéticas. Nós não devemos nos desviar da autoridade das divinas Escrituras, às quais apenas devemos dar crédito. Além disso, podemos demonstrar que mesmo os sábios desse grupo não duvidaram absolutamente sobre a substância do inferno, que recebe as almas dos falecidos depois desta vida. Com razão se pergunta como se pode dizer que o inferno está debaixo da terra, se não é um lugar corporal, ou qual a razão de se denominar inferno, se não está debaixo da terra. Que a alma não é corpórea, atrevo-me a professar que não apenas penso, mas que tenho certeza. O que nega que tenha semelhança de corpo e membros totalmente corporais, pode negar que seja alma o que vê em sonhos andar ou sentar-se ou ser levado e trazido para aqui e para acolá mediante passos e voos, o que não acontece sem uma certa semelhança de corpo. Portanto, se a alma possui no inferno esta semelhança, não corporal, mas semelhante ao corpo, assim também parece-lhe estar em lugares não corporais, mas semelhantes aos corporais, seja no repouso como nos sofrimentos.

63. Confesso que ainda não consegui descobrir por que denominar inferno o lugar onde descansam as almas dos justos. Acredita-se com razão que a alma de Cristo veio a esses lugares, onde os pecadores são atormentados, para libertar dos tormentos aqueles que sua oculta justiça julgava que deviam ser libertados. Não percebo como se possa entender de outra maneira o que foi dito: A quem Deus ressuscitou dentre os mortos, livrando-os das dores do inferno, porque não podia ser retido por ele⁶⁸; a não ser que interpretemos que no inferno libertou dos sofrimentos a alguns com o poder pelo qual é Senhor, perante o qual se dobra todo joelho dos seres celestes, dos terrestres e dos que vivem sob a terra⁶⁹; pelo qual poder não pôde ser retido pelos sofrimentos dos quais libertou. Mas Abraão ou aquele pobre no seio do mesmo, ou seja, no lugar secreto do descanso, não sofriam tormentos, pois entre o descanso e tormento do inferno havia um grande abismo, conforme lemos. Não foi dito que estavam no inferno, pois: Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico, e foi sepultado. Como estivesse no inferno em meio a tormentos⁷⁰ etc. Vemos assim que não se fez menção do inferno ao falar do repouso do pobre, mas, sim, do suplício do rico.

64. Também o que Jacó disse a seus filhos: Levareis minha velhice com tristeza aos infernos⁷¹, parece indicar que temia mais ser perturbado por uma tão excessiva tristeza que não mereceria ir ao lugar dos bem-aventurados, mas ao inferno dos pecadores. Com efeito, não é pequeno mal a tristeza, visto que também o Apóstolo temeu com tamanha solicitude em favor de alguém, para que não fosse absorvido por uma tristeza excessiva⁷². Por isso, como disse, ainda não descobri, e ainda busco, nem me ocorre nada que mostre a Escritura canônica colocar o inferno em algum lugar, apresentando-o como um bem. Ignoro se alguém é capaz de ouvir que o seio de Abraão não se entende como um bem. Por isso, não vejo como podemos acreditar que aquele descanso seja o inferno.

CAPÍTULO XXXIV

65. Enquanto investigamos este assunto, se o descobrimos ou não, o certo é que a extensão deste Livro obriga-nos a chegar de uma vez a uma conclusão. Porque nos lançamos a esta dissertação falando a respeito do paraíso pelo que o Apóstolo diz, ou seja, que conhece um homem que foi arrebatado ao terceiro céu, mas não sabe se foi no corpo ou fora do corpo, e que foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem falar, não afirmamos com temeridade se o paraíso está no terceiro céu ou, também, se foi arrebatado ao terceiro céu e dali ao paraíso. Pois, se um bosque, no sentido próprio, designa no sentido figurado toda uma região espiritual, onde as almas são felizes, pode-se denominar paraíso não somente o terceiro céu, seja o que for, que sem dúvida é grande e excelente pela sua sublimidade, mas também a alegria no homem de boa consciência é também paraíso. Daí ser a Igreja denominada paraíso nos santos que vivem com sobriedade, com justiça e piedade⁷³, pois dispõe de graças e de castas delícias⁷⁴, visto que se gloria em meio às tribulações, alegrando-se muitíssimo de sua paciência, porque, de acordo com a quantidade de sofrimentos, as consolações de Deus deleitam a alma dos mesmos⁷⁵. Portanto, com quanto mais razão se pode denominar paraíso o seio de Abraão, depois desta vida, onde já não há tentação, onde se goza de tão grande descanso depois de todos os sofrimentos desta vida? E a luz ali não é própria e especial, mas, sem dúvida, é grande. Aquele rico, no meio dos tormentos e das trevas do inferno, de tal modo a via de longe que reconheceu ali aquele pobre desprezado, embora houvesse um grande abismo no meio.

66. Se as coisas são assim, é por isso que se diz ou se crê que o inferno está debaixo da terra, porque, por meio daquelas semelhanças de coisas corporais, convenientemente se mostra ao espírito, que, as almas dos falecidos são merecedoras do inferno, porque pecaram por amor à carne. Desse modo é lhes mostrado por aquelas semelhanças de coisas corporais o que se costuma fazer com a carne morta, ou seja, ser escondida debaixo da terra. Finalmente, são denominados em latim “infernus” (inferi) por estarem embaixo. Pois assim como, quanto ao corpo, se guardarem a ordem de acordo com seu peso, os mais pesados ficam embaixo, assim também, quanto ao espírito, todas as coisas mais tristes estão embaixo; por isso, também na língua grega a origem do termo, pelo qual se denomina o inferno, (Hades) é apresentada como significando algo que não oferece suavidade alguma. Nosso Senhor, morto por nós, não se dedignou visitar aquela parte para dali libertar aqueles que não pôde ignorar que deveriam ser libertados de acordo com sua divina e secreta justiça. Por isso, à alma daquele ladrão, ao qual disse: Hoje estarás comigo no paraíso⁷⁶, não lhe ofereceu certamente o inferno, mas, sim, ou aquele repouso no seio de Abraão, pois Cristo está presente em todas as partes, sendo ele a Sabedoria de Deus que atinge todas as partes por sua pureza⁷⁷; ou aquele paraíso, seja no terceiro céu, seja em qualquer parte onde estiver, para o qual o Apóstolo foi arrebatado para além do terceiro céu; se é que não se denomina com vários termos a mesma realidade, em que estão as almas dos bem-aventurados.

67. Portanto, interpretamos retamente por um nome comum o primeiro céu como todo este céu corporal com tudo o que está sobre as águas e a terra; o segundo, o que se vê pelo espírito na semelhança corporal, como aquele de onde baixou para Pedro em êxtase⁷⁸ aquela toalha cheia de animais; e o terceiro, o que se vê pela mente de tal modo retirada, distante e arrebatada dos sentidos da carne e purificada, que possa ver e ouvir de modo inefável na caridade do Espírito Santo o que existe neste céu e a própria substância de Deus e o Deus Verbo, pelo qual tudo foi feito⁷⁹. Não julgamos sem fundamento que o Apóstolo foi arrebatado a este céu⁸⁰ e ali esteja, talvez, o melhor dos paraísos e, se é lícito dizer, o paraíso dos paraísos. Pois, se a felicidade de uma alma boa reside nas coisas boas entre todas as criaturas, o que é mais excelente do que a felicidade que reside no Verbo de

A necessidade da ressurreição dos mortos para a perfeita felicidade das almas

68. Se a alguém preocupa a razão por que é necessário aos espíritos receberem seus corpos na ressurreição, se a suprema felicidade lhes pode ser oferecida mesmo sem os corpos, é uma questão difícil para se tratar dentro dos limites desta dissertação. No entanto, não se deve duvidar absolutamente que a mente do homem, arrebatada dos sentidos da carne e desnudada da mesma carne depois da morte e transcendidas também as semelhanças das coisas corporais, não pode ver a inmutável substância, como os santos anjos a veem, seja por um motivo mais oculto, seja porque lhe é inerente uma certa inclinação natural para governar seu corpo, a qual a retarda de certo modo em por toda a atenção naquele sumo céu, enquanto lhe falta o corpo, de cujo governo aquela inclinação possa descansar. Mas, se tal é o corpo que seu governo seja difícil e pesado, como é esta carne que se corrompe e sobrecarrega a alma⁸¹, procedendo da linhagem da transgressão, muito mais se aparta a mente da visão do supremo céu. Por isso, necessariamente teria que ser arrebatada dos sentidos da carne, para que lhe fosse mostrado como pode compreendê-lo. Por isso, quando receber este corpo, não mais animal, mas espiritual pela transformação futura, igual aos santos anjos, possuirá o estado perfeito de sua natureza: obediente e dominadora, vivificada e vivificante, com tão infável facilidade, que lhe há de ser glória o que foi uma carga pesada.

As três classes de visões nos bem-aventurados

69. Não há dúvida de que as três classes de visões existirão nos bem-aventurados, mas sem qualquer erro que os leve a considerar uma coisa pela outra, nem com respeito às visões corporais, nem às espirituais e muito menos às intelectuais. Uma vez presentes e visíveis, delas a alma gozará com muito mais evidência do que nos são presentes, agora, estas formas corporais, que nós atingimos pelos sentidos da carne. Muitos são de tal modo inclinados a essas formas que chegam a julgar que apenas elas existem e pensam que tudo o que não é corporal não existe de maneira alguma. Mas eles são de tal modo sábios nestas visões corporais que, ainda que as vejam muito mais presentes, estão mais certos daquelas outras que veem de qualquer modo pela inteligência sem formas ou semelhanças corporais, ainda que não possam contemplá-las com a mente, como as veem pelos sentidos do corpo. Os santos anjos que presidem essas realidades corporais para julgá-las e administrá-las não se inclinam a elas de modo familiar, como se estivessem mais presentes. Eles de tal modo discernem no espírito suas semelhanças significativas e as tratam com tão grande poder que as podem comunicar aos espíritos dos homens, revelando-as. De tal modo contemplam a inmutável substância de Deus, que pela visão e pelo amor a antepõem a todas as coisas, e de acordo com a mesma julgam a respeito de tudo e a ela se dirigem para agir e a partir dela encaminham tudo o que fazem. Finalmente, embora o Apóstolo tenha sido arrebatado dos sentidos da carne ao terceiro céu e ao paraíso, faltou-lhe certamente, para o pleno e perfeito conhecimento das coisas, que é inerente aos anjos, que ele não sabia se estava no corpo ou fora do corpo. Isso não faltará certamente aos bem-aventurados quando, recebidos os corpos na ressurreição dos mortos, este corpo corruptível revestir a incorruptibilidade e este mortal revestir a imortalidade⁸². Pois todas as coisas serão evidentes sem qualquer falsidade, sem qualquer ignorância, distribuídas em suas ordens, tanto as corporais, como as espirituais e as intelectuais, numa natureza íntegra e felicidade perfeita.

Opiniões sobre o terceiro céu

70. Sei que alguns daqueles que trataram antes de nós sobre as sagradas Escrituras de acordo com a fé católica merecem louvor, e que também dissertaram sobre o terceiro céu, baseados no que diz o Apóstolo. Queriam entender nesta passagem as diferenças que existem no homem corporal, espiritual e intelectual, e como o Apóstolo foi arrebatado para contemplar com clara evidência aquela espécie de coisas incorpóreas, as quais os homens espirituais amam nesta vida acima de todas as demais coisas e do qual desejam gozar. Já dissertei o suficiente nas primeiras partes deste Livro, mostrando por que preferiria denominar espiritual e intelectual o que eles denominam animal e espiritual, impondo outros nomes às mesmas coisas. Se dissertamos adequadamente sobre estas coisas conforme nossa capacidade, o leitor espiritual as aprovará, ou também, sendo espiritual, com a ajuda do Espírito Santo, tirará proveito desta leitura. Com este final, concluimos toda esta obra que se compõe de doze volumes.

[1](#) 2Cor 12,2-4.

[2](#) Cf. At 10,11.

[3](#) Cf. Ap 1,12 e ss.

[4](#) Cf. Ez 37,1-10.

[5](#) Cf. Is 6,1-7.

[6](#) 2Cor 12,2.

[7](#) Ex 33,13.

[8](#) Cf. Ap 13,1 e 17,15.18.

[9](#) 2Cor 12,2.

[10](#) 2Cor 12,2.

[11](#) 2Cor 12,2.

[12](#) Mt 22,39.

[13](#) Cl 2,9.

[14](#) Cf. Cl 2,17.

[15](#) 1Cor 15,44.

[16](#) Sl 148,8.

[17](#) Ecl 3,21.

[18](#) Ef 4,23.24.

[19](#) Cl 3,10.

[20](#) Rm 7,25.

[21](#) Gl 5,17.

[22](#) Jo 4,24.

[23](#) 1Cor 14,14.

[24](#) 1Cor 14,2.

[25](#) 1Cor 14,6.

[26](#) 1Cor 14,6.

[27](#) Cf. Gn 41,1-32.

[28](#) Cf. Dn 2,27-45 e 4,16-24.

[29](#) 1Cor 14,15.

[30](#) Mt 22,39.

[31](#) Cf. Dn 5,5-38.

[32](#) At 10,11-13.

[33](#) At 10,17-20.

[34](#) At 10,10-28.

[35](#) At 10,28.

[36](#) 2Cor 11,14.

[37](#) 1Cor 12,10.

[38](#) Cf. At 12,7-9.

[39](#) At 10,14.

[40](#) Cf. 1Rs 3,5.15.

[41](#) Jl 2,28.

[42](#) Mt 1,20 e 2,13.

[43](#) Cf. Gl 5,22.23.

[44](#) Cf. Rm 11,36.

[45](#) 1Cor 2,15.

[46](#) 1Cor 14,15.

[47](#) Ef 4,23.

[48](#) Cf. Ap 1,10ss.

[49](#) Cf. Ex 19,18.

[50](#) Cf. Is 6,1.

[51](#) Cf. Ap 1,10ss.

[52](#) Cf. Nm 12,8.

[53](#) Ex 33,13.

[54](#) Ex 11,17.

[55](#) Ex 33,12-13.

[56](#) Ex 33,20.

[57](#) Ex 33,21-23.

[58](#) Nm 12,6-8.

[59](#) Ex 13,18.

[60](#) Mt 5,8.

[61](#) Cf. 1Cor 13,12.

[62](#) Cf. 2Cor 5,6-7.

[63](#) Ct 4,13.

[64](#) Cf. Gl 4,26-27.

[65](#) Cf. Ef 3,10.

[66](#) Cf. At 10,11-12.

[67](#) Cf. At 12,7-9.

[68](#) At 2,24.

[69](#) Cf. Fl 2,10.

[70](#) Lc 16,22-26.

[71](#) Gn 44,29.

[72](#) Cf. 2Cor 2,7.

[73](#) Cf. Eclo 40,28.

[74](#) Cf. Ct 8,5.

[75](#) Cf. Sl 94,19.

[76](#) Lc 23,43.

[77](#) Cf. Sb 7,24.

[78](#) Cf. At 10,10-12.

[79](#) Jo 1,3.

[80](#) Cf. 2Cor 12,2-4.

[81](#) Cf. Sb 9,15.

[82](#) Cf. 1Cor 15,53.

SOBRE O GÊNESIS, CONTRA OS MANIQUEUS

LIVRO I

CAPÍTULO I

A defesa contra os maniqueus é feita em estilo popular

1. Se os maniqueus procuram a quem possam enganar, nós procuramos palavras com as quais possamos responder-lhes. Mas como eles correm atrás tanto de letrados como de iletrados, e, ao prometerem a verdade, empenham-se em desviá-los da verdade, a vaidade que os caracteriza deve ser convencida não com um discurso ilustrado e polido, mas com evidências. Com efeito, agradou-me a opinião de alguns cristãos que, sendo versados nas ciências liberais, perceberam, no entanto, ao lerem outros livros nossos que publicamos contra os maniqueus, que não podiam ser compreendidos pelos menos letrados ou, se podiam, era com muita dificuldade; e me advertiram com muita benevolência que não deixasse de lado o estilo popular, se tivesse em mente desenraizar do espírito também dos iletrados aqueles erros tão perniciosos. Pois mesmo os doutos entendem o estilo popular e simples, mas os indoutos não são capazes de compreender o escrito em estilo apurado.

2. Os maniqueus costumam criticar as Escrituras do Antigo Testamento, que não conhecem, e, com essa crítica, zombar de nossos irmãos débeis e infantis e enganá-los, não encontrando estes como lhes responder, pois não há Escritura alguma que não possa ser criticada facilmente por parte daqueles que não a compreendem. A Divina Providência permite a existência de muitos hereges em muitos erros, a fim de que, quando nos insultam e nos fazem perguntas sobre o que ignoramos, de tal modo venhamos a sacudir a preguiça que ansiemos por conhecer as divinas Escrituras. Por essa razão diz o Apóstolo: *É preciso que haja heresias entre vós, a fim de que se manifestem entre vós aqueles que são comprovados*¹. São comprovados perante Deus aqueles que podem ensinar retamente, mas não podem ser conhecidos pelos homens, a não ser quando ensinam; e somente querem ensinar aqueles que procuram ser ensinados. Muitos são indolentes em procurar a verdade, se não forem despertados do sono pelos incômodos e afrontas por parte dos hereges, e, assim, se envergonhem de sua incapacidade e percebam estar em perigo devido a essa mesma incapacidade. As pessoas que estão firmes na fé não se dobram perante os hereges, mas investigam com afinco o que lhes possam responder. E Deus não os abandona, e, assim, como pedintes, recebam, e como investigadores, encontrem, e lhes seja aberto ao baterem². Aqueles que se desesperam de poder encontrar na doutrina católica o que buscam são oprimidos pelos erros; mas se investigam com perseverança, cansados depois de muitos esforços, retornam sedentos e desfalecidos às fontes das quais se desviaram.

CAPÍTULO II

(Gn 1,1) — Defesa contra os opositores que perguntam: “O que fazia Deus antes da criação do mundo, e por que de repente lhe aprouve criar o mundo?”

3. Costumam os maniqueus criticar dessa maneira o primeiro livro do Antigo Testamento que tem o seguinte título, *Gênesis*: porque está escrito: *No princípio, Deus criou o céu e a terra*³, perguntam: “Em que princípio?” E dizem: “Se Deus fez o céu e a terra em algum princípio, o que fazia antes de criar o céu e a terra? E por que de repente lhe aprouve fazer o que nunca fizera antes nos tempos eternos?” Respondemos-lhes que Deus fez o céu e a terra no princípio, não no princípio do tempo, mas em Cristo, visto que era Verbo junto ao Pai, pelo qual e no qual tudo foi feito⁴. Com efeito, nosso

Senhor Jesus Cristo, ao lhe terem interrogado os judeus quem ele era, respondeu: *O princípio, eu que vos falo*⁵. Ainda que acreditemos que Deus fez o céu e a terra no princípio do tempo, devemos, por outro lado, entender que antes do princípio do tempo não havia tempo. Por isso não podemos dizer que havia algum tempo, quando Deus nada ainda havia feito. Pois como poderia existir o tempo que Deus não havia feito, sendo ele o criador de todos os tempos? E se o tempo começou a existir com o céu e a terra, não se pode encontrar algum tempo antes que Deus tivesse feito o céu e a terra. Mas, quando se diz: “Por que lhe aprouve de repente?”, assim se diz como se tivesse passado algum tempo no qual Deus nada fez. Com efeito, não podia transcorrer o tempo que Deus ainda não fizera, visto que não pode ser criador do tempo senão o que existe antes do tempo. Os próprios maniqueus certamente leem o apóstolo Paulo e o louvam e honram; mas, interpretando mal suas Cartas, enganam a muitos. Expliquem-nos, portanto, o que o Apóstolo quis dizer com as palavras: *Ao conhecimento da verdade segundo a piedade de Deus, na esperança da vida eterna prometida antes dos tempos eternos pelo Deus que não mente*⁶: antes dos tempos eternos, o que pode haver antes deles? Obriguem-nos a explicar isso para entenderem que não entendem, ao quererem criticar temerariamente o que deviam buscar com diligência.

4. Por que dizem: “Por que de repente aprouve a Deus criar o céu e a terra”, e não retiram o termo “de repente”, e dizem apenas: “Por que Deus criou o céu e a terra?” Não afirmamos que este mundo é coeterno com Deus, porque este mundo não tem a sua eternidade, a qual somente Deus possui. Pois o mundo foi feito por Deus e assim começaram os tempos juntamente com a criatura que Deus criou, e por isso se denominam tempos eternos. Contudo, os tempos não são eternos como Deus é eterno, porque Deus, que é o criador dos tempos, existe antes dos tempos. Do mesmo modo, todas as coisas que Deus criou são muito boas, mas não são tão boas quanto Deus é bom, porque ele as fez, porque foram feitas por ele. Não as gerou de si mesmo para serem o que ele é, mas as fez do nada, para não serem iguais nem sequer a ele pelo qual foram feitas, e nem a seu Filho, por meio do qual foram feitas. Isso está de acordo com a razão. Portanto, se eles disserem: “Por que aprouve a Deus criar o céu e a terra?”, deve-se responder-lhes que primeiramente aprendam o poder da vontade humana os que desejam conhecer a vontade de Deus. Se procuram conhecer a causa da vontade de Deus, a vontade de Deus é a causa de todas as coisas. Com efeito, se a vontade de Deus supõe uma causa, há de ser algo que anteceda à vontade de Deus; e isso não se deve pensar. Portanto, àquele que diz: “Por que Deus fez o céu e a terra?”, deve-se responder: porque quis. Pois a vontade de Deus é a causa do céu e da terra e, por isso, a vontade de Deus é maior que o céu e a terra. Aquele que diz: “Por que quis criar o céu e a terra?”, está à procura de algo maior que a vontade de Deus; entretanto, nada maior se pode encontrar que ela. Refreie a temeridade humana e não procure o que não existe a fim de que não encontre o que existe. E se alguém deseja conhecer a vontade de Deus, torne-se amigo de Deus; porque, se alguém quisesse conhecer a vontade do homem, do qual não é amigo, todos zombariam de seu descaramento e insensatez. Não obstante, ninguém se faz amigo de Deus a não ser pela pureza de seus costumes e por aquela finalidade do preceito, da qual diz o Apóstolo: A finalidade do preceito é a caridade, que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem hipocrisia⁷. Se isso eles possuíssem, não seriam hereges.

CAPÍTULO III

Defesa do versículo 2

5. O que está escrito em seguida no livro do Gênesis: *Ora, a terra estava vazia e vaga*⁸, é criticado pelos maniqueus, que dizem: “Como é que Deus fez o céu e a terra, se a terra já era vazia e vaga?”.

Desse modo, ao quererem criticar as Escrituras, em vez de procurar conhecê-las, não compreendem as coisas mais evidentes. O que se poderia dizer com maior clareza que o afirmado: *No princípio, Deus criou o céu e a terra: ora, a terra estava vazia e vaga?* Ou seja, no princípio, Deus criou o céu e a terra, mas a terra que Deus criou estava vazia e vaga, antes de Deus providenciar com variedade bem ordenada as formas de todas as coisas em seus lugares e fundamentos; ou seja, antes de dizer: *Faça-se a luz, e: Faça-se um firmamento, e: Que as águas se reúnam, e: E apareça a árida*⁹, e as demais coisas que estão expostas no mesmo livro e com tal ordem que as crianças podem perceber? Todas essas coisas encerram tão grandes mistérios que, aqueles que as aprenderem, hão de lamentar a pretensão de todos os hereges, porque são homens, ou deles hão de zombar, porque são soberbos.

6. Continua no mesmo livro: *As trevas cobriam o abismo*¹⁰. Ao criticar estas palavras, os maniqueus dizem: “Deus estava no meio das trevas antes de criar a luz?”. Na verdade são eles que estão no meio das trevas da ignorância e, por isso, não discernem a luz em que Deus estava antes de criar essa luz. Com efeito, eles não conhecem outra luz senão a que enxergam com os olhos corporais, e por isso a este sol, que nós enxergamos como enxergam não somente os animais de maior porte, mas também as moscas e os vermezinhas, eles de tal modo o veneram que chegam a dizer que é uma partícula daquela luz em que Deus habita. Devemos entender que há uma outra luz, na qual Deus habita, de onde procede aquela luz da qual se lê no Evangelho: *A luz verdadeira, que ilumina todo homem que vem a este mundo*¹¹. Ora, a luz deste sol não ilumina todo homem, mas o corpo e os olhos humanos. Com respeito a estes nos superam os olhos das águias, que, conforme dizem, enxergam este sol muito melhor que nós. Aquela luz não nutre somente os olhos das aves irracionais, mas também os corações puros daqueles que creem em Deus e se convertem do amor ao temporal e visível para o cumprimento de seus preceitos. Isso todos os homens o podem, se quiserem, porque aquela luz ilumina todo homem que vem a este mundo. Portanto, havia trevas sobre o abismo antes que fosse criada a luz. Sobre ela se fala, no mesmo lugar, na continuação.

CAPÍTULO IV

Defesa do versículo 3: as trevas nada são

7. *Deus disse: “Faça-se a luz”*¹². Onde não há luz, há trevas, não porque as trevas sejam algo, mas a ausência de luz se denomina trevas. Assim como o silêncio não é alguma coisa, mas quando não há som, diz-se que há silêncio. E a nudez não é algo, mas denomina-se nudez quando não há nenhum vestido no corpo. E a vacuidade não é algo, mas se diz que está vazio o lugar onde não há um corpo. Assim também, as trevas não são algo, mas se diz que há trevas onde não há luz. Nós dizemos isso porque eles costumam dizer: “Onde estavam as trevas sobre o abismo, antes que Deus criasse a luz? Quem as fez ou gerou? E se ninguém as fizera ou gerara, as trevas eram eternas?”. Como se as trevas fossem alguma coisa; mas, como ficou dito, a ausência de luz recebeu este nome. Porque eles, enganados por suas fábulas, acreditaram que são estirpe das trevas, nas quais julgam ter havido corpos e formas e almas, e assim consideram que as trevas são algo. E não entendem que não se percebem as trevas a não ser quando não enxergamos, assim como não se percebe o silêncio a não ser quando não estamos ouvindo. Contudo, assim como o silêncio nada é, assim também as trevas nada são. Assim como eles dizem ser o povo das trevas que lutou contra a luz de Deus, assim também um outro fantasista pode dizer de modo semelhante que o povo do silêncio lutou contra a voz de Deus. Mas não assumimos agora o trabalho de refutar e demonstrar essas fantasias. Agora nos determinamos a defender o que é criticado por eles no Antigo Testamento, na medida em que Deus se dignar dar-nos forças, e mostrar que, contra a verdade de Deus, de nada é capaz a cegueira dos homens.

Como se há de entender que o espírito de Deus pairava sobre as águas, conforme o versículo 2

8. O que está escrito: *E o Espírito de Deus pairava sobre as águas*¹³, os maniqueus de tal modo criticam que chegam a dizer: “Portanto, a água era a habitação do Espírito de Deus e a água encerrava o Espírito de Deus?” Empenham-se em corromper tudo com intenção perversa e se tornam cegos pela sua malícia. Pois quando dizemos: “O sol paira sobre a terra”, acaso queremos entender que o sol habita na terra e a terra encerra o sol? Contudo, o Espírito de Deus pairava sobre a água, não como o sol sobre a terra, mas de outro modo que poucos compreendem. Com efeito, aquele Espírito não pairava sobre a água por espaços locais, como o sol paira sobre a terra, mas pelo poder de sua invisível sublimidade. Digam-nos eles como a vontade do operário paira sobre o que vai construir, porque, se não compreendem estas coisas humanas e rotineiras, temam a Deus e investiguem com coração humilde o que não entendem, evitando que, ao quererem cercear a verdade com expressões sacrílegas, o machado atinja suas pernas. Não pode ser destruída a verdade que permanece imutável; e quaisquer dardos que contra ela forem arremessados são rechaçados e com força maior voltam contra aqueles que se atrevem a ferir o que deveriam crer, para assim merecerem compreender.

9. Em seguida querem saber e perguntam com insolência: “De onde procedia a água sobre a qual o Espírito de Deus pairava? Acaso está escrito acima que Deus tinha criado a água?”. Se investigassem com piedade, descobririam como se deve entendê-lo. Com efeito, a água não foi assim denominada nesta passagem de modo a concebê-la tal como agora a podemos ver e tocar. Neste sentido, nem a terra que foi denominada vazia e vaga era tal como agora pode ser vista e tocada. Mas do que foi dito: *No princípio, Deus criou o céu e a terra*¹⁴, nas palavras “céu e terra” está indicada toda a criatura que Deus fez e criou. Essas realidades foram denominadas com nomes de coisas visíveis devido à incapacidade dos pequenos, que são menos idôneos para compreender as invisíveis. Portanto, primeiramente a matéria foi criada confusa e informe, o que, segundo creio, os gregos denominam “caos”; e dela se fariam todas as coisas que são diferenciadas e formadas. Também em outra passagem lemos que foi dito em louvor a Deus: *Fizeste o mundo de matéria informe*¹⁵; o que alguns manuscritos registram: *de matéria invisível*.

CAPÍTULO VI

A matéria informe procede do nada, e dela foram criadas todas as coisas

10. Acredita-se com toda razão que Deus criou todas as coisas do nada, pois, embora todas as coisas dotadas de forma tenham sido feitas desta matéria, contudo, esta matéria foi feita do nada absoluto. Com efeito, não devemos pensar como eles, que não acreditam que Deus tenha podido fazer algo do nada, ao considerarem que os carpinteiros e quaisquer artífices não podem fazer alguma coisa se não dispõem de algo do qual produzir. Pois a madeira ajuda o carpinteiro, e a prata ajuda o argentário, e o ouro, o ourives, e a argila ajuda o oleiro, para poderem produzir suas obras. Se não receberem ajuda da matéria da qual possam produzir algo, nada são capazes de fazer, visto que não lhes é possível criar a matéria. O carpinteiro não faz a madeira, mas da madeira produz alguma coisa, e assim todos os demais artífices. O Deus todo-poderoso não recebeu ajuda de qualquer coisa que ele não fizera para fazer o que ele queria. Com efeito, se para aquelas coisas que queria fazer fosse ajudado por algo que ele não fizera, não seria onipotente. Pensar isso é sacrílego.

CAPÍTULO VII

A matéria informe teve várias designações

11. A matéria informe, que Deus criou do nada, foi denominada primeiramente “céu e terra”, e se disse: No princípio, Deus criou o céu e a terra¹⁶, não porque isso já existia, mas porque podia existir, pois o céu e a terra, conforme está escrito, foram criados depois. Assim como, observando a semente da árvore, dizemos que ali estão as raízes, o tronco, os ramos, os frutos e as folhas, não porque já existam, mas porque dela existirão, do mesmo modo foi dito: No princípio, Deus criou o céu e a terra, como que uma semente do céu e da terra, estando ainda indeterminada a matéria do céu e da terra. E porque com certeza daí existiriam o céu e a terra, já se denominou céu e terra a própria matéria. Também o Senhor emprega este mesmo modo de expressar, quando diz: Não mais vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu amo faz: mas eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer¹⁷: não porque já acontecera, mas com toda a certeza aconteceria. Pois diz-lhes um pouco depois: Tenho ainda muito a vos dizer, mas não podeis agora compreender¹⁸. Por que, então, dissera: Tudo o que ouvi do Pai eu vos dei a conhecer, senão porque sabia que assim faria no futuro? Assim também, pôde chamar de céu e terra à matéria de onde ainda não fizera o céu e a terra; contudo, não seriam criados de outra coisa. Encontram-se na divinas Escrituras inumeráveis expressões semelhantes, do mesmo modo como em nossa maneira de falar coloquial dizemos: “Considera-o já feito”, o que com toda a certeza esperamos que se fará.

12. A esta terra ainda informe quis denominá-la também “terra invisível e vaga”, porque, entre todos os elementos do mundo, a terra parece ser menos bela que os demais. Afirmou ser invisível devido à obscuridade, e vaga, por ser informe. A mesma matéria denominou também “água”, sobre a qual pairava o Espírito de Deus, assim como a vontade do artífice paira sobre as coisas a serem produzidas. Embora a inteligência de poucos seja capaz de compreender isso, ignoro se é possível ou se podem alguns poucos explicá-lo com palavras humanas. Mas, voltando ao assunto, não foi absurdo ter dito que essa matéria foi denominada “água”, porque tudo o que nasce na terra, sejam animais, sejam árvores ou plantas, ou outras coisas semelhantes, começa a se formar e se nutrir da umidade. Portanto, todos estes nomes, seja céu e terra, seja terra invisível e vaga e abismo tenebroso, seja água sobre a qual pairava o Espírito, são designações da matéria informe. Assim é designada com a finalidade de insinuar aos menos eruditos coisas desconhecidas com termos conhecidos e, assim, não com um único termo, mas com muitos, evitando que, se fosse um apenas, se pensasse que significava tão-só o que as pessoas costumavam entender por esse termo. Portanto, denominou-se céu e terra porque dela procederiam o céu e a terra. Denominou-se terra invisível e vaga e trevas sobre o abismo porque era informe e não se podia ver nem apalpar formosura alguma, mesmo que houvesse alguém que a quisesse contemplar e apalpar. Denominou-se água porque se apresentava fácil e maleável ao que atuava, para dela formar todas as coisas. Mas, com todos estes nomes existia a matéria invisível e informe, com a qual Deus criou o mundo.

CAPÍTULO VIII

Refutação da crítica dos maniqueus sobre o versículo 4

13. Deus disse: “Faça-se a luz” e fez-se a luz¹⁹. Os maniqueus não costumam criticar estas palavras, mas as que vêm em seguida: Deus viu que a luz era boa²⁰, pois dizem: “Portanto, Deus não conhecia a luz ou não a conhecia bem.” Infelizes, a quem desgosta que tenham agradado a Deus suas obras. Com efeito, podem ver um artista, por exemplo, um carpinteiro, que, embora seja quase nada comparado à sabedoria e poder de Deus, corta e lida com a madeira lixando, desbastando, aplainando ou torneando

ou polindo até obedecer totalmente às regras de sua arte, e se compraz com a sua obra. Acaso porque lhe agrada o que fez, por isso não conhecia o bem? Pelo contrário, conhecia-o no seu íntimo, onde a arte é mais bela que os objetos fabricados com a arte. O que o artista no seu íntimo contempla na arte, isso mesmo aprova exteriormente na obra, e esta é a perfeição que agrada a seu artista. Portanto, Deus viu que a luz era boa: estas palavras não mostram que resplandeceu para Deus um bem desconhecido, mas que lhe agradou a obra perfeita.

14. Se tivesse dito: “Deus admirou-se da luz que era boa”, como gritariam, quantas discussões provocariam! De fato, a admiração costuma ter origem perante coisas inesperadas e, no entanto, eles leem e louvam nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho que se admirou da fé dos que acreditaram²¹. Contudo, quem foi o autor daquela fé senão ele que dela se admirava? Se fosse outro o autor, por que se admiraria aquele que a conhecia de antemão? Se os maniqueus resolvem esta questão, percebam que também aquela podem resolver. Contudo, se não a resolvem, por que criticam estas que não querem que sejam de sua crença, se não conhecem aquelas que o são? Pois o que nosso Senhor admira, também nós devemos admirar, nós a quem é preciso que nos impressionemos desse modo. Pois todos esses sentimentos não são sinais de um espírito perturbado, mas de um mestre que ensina. São assim também as palavras do Antigo Testamento, as quais ensinam não um Deus fraco, mas manifestam nossa debilidade. Nada se pode falar de Deus dignamente. Contudo, para nós, para nos nutrirmos e compreendermos o que não se pode expressar com palavras humanas, está expresso de modo a podermos compreender.

CAPÍTULO IX

A segunda parte do mesmo versículo e a primeira do seguinte

15. E Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”²². Aqui não se afirmou: “Deus fez as trevas”, porque as trevas, como afirmei acima, são ausência de luz: contudo, fez-se a separação entre a luz e as trevas. Assim como nós, ao falar, produzimos a voz, mas fazemos silêncio ao não fazer ruído, pois a interrupção da voz é o silêncio, no entanto, em certo sentido, percebemos a diferença entre a voz e o silêncio, e àquela denominamos “voz”, e a este “silêncio”. Assim, do mesmo modo que com razão se diz “fazer silêncio”, assim com razão, em muitas passagens das divinas Escrituras, se diz que Deus fez as trevas, pois ou propicia ou retira a luz dos tempos e lugares que ele quer. Em que língua Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”? Seria na hebraica ou na grega ou na latina, ou em alguma outra? Sobre todas as coisas às quais deu suas normas pode-se investigar em que língua as deu. Em Deus o espírito é puro, sem o ruído e a diversidade de línguas. Mas chamou, foi dito, ou seja, fez chamar, pois de tal modo diferenciou e ordenou todas as coisas que também pudessem ser percebidas e receber nomes. Depois, no seu devido lugar, investigaremos se se deve interpretar assim a expressão: Deus chamou. Com efeito, quanto mais nos achegarmos às Escrituras e com elas nos familiarizarmos, tanto mais conhecimento adquiriremos de sua maneira de falar. Assim dizemos: “Aquele chefe de família construiu essa casa”, ou seja, fez construir; e se deparam com outras maneiras de falar semelhantes em todos os livros das divinas Escrituras.

CAPÍTULO X

A compreensão exata de como começou e passou o primeiro dia, de acordo com versículo 5

16. E fez-se uma tarde e uma manhã: primeiro dia²³. Os maniqueus criticam esta passagem ao pensarem que foi dito de tal forma como se o dia começasse pela tarde. Não compreendem a obra pela

qual foi feita a luz e houve a separação entre a luz e as trevas, e a luz foi chamada “dia”, e as trevas “noite”; portanto, não compreendem que toda esta operação diz respeito ao dia; mas depois desta operação fez-se tarde, como se houvesse terminado o dia. Porque a noite pertence a seu dia, não se diz que passou um dia, a não ser que, tendo passado também a noite, quando se fez a manhã; assim em diante, os demais dias se contam de uma manhã a outra. Agora, quando se fez manhã e passou um dia, começa a operação, a qual continua a partir da manhã, que já se fez, e, depois da mesma operação, faz-se tarde, em seguida manhã e passa outro dia; e assim por diante passam os demais dias.

CAPÍTULO XI

Divisão das águas para formar o firmamento: versículos 6-8

17. E disse Deus: “Faça-se um firmamento no meio das águas e se separe a água das águas”; e assim se fez. Deus fez o firmamento, e separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento, e Deus chamou ao firmamento “céu”. E Deus viu que era bom²⁴. Não me lembro se os maniqueus costumam criticar esta passagem. Contudo, pelo fato de as águas se dividirem para haver umas acima do firmamento, e outras, sob o firmamento, visto que antes falávamos daquela matéria como denominada pelo nome de “água”, julgo que, no firmamento do céu, a matéria corpórea das coisas visíveis se separou da matéria incorpórea das coisas invisíveis. Embora o céu seja um corpo lindíssimo, toda criatura invisível excede a beleza do céu. Por isso, talvez, denominaram-se águas invisíveis as que estão acima do céu, as quais poucos entendem que excedam o céu, não pelos lugares onde estão, mas pela dignidade de sua natureza. Contudo, sobre esses assuntos nada se pode afirmar temerariamente, pois são coisas obscuras e distantes de nossos sentidos humanos. Mas seja como for, antes de entendê-las, devemos crer. Fez-se uma tarde e uma manhã: segundo dia²⁵. E tudo isso que se repete deve-se entender e explicar como acima.

CAPÍTULO XII

A reunião das águas, de que falam os versículos 9 e 10, é a sua formação

18. Deus disse: “Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa e apareça a árida”, e assim se fez. Reuniu-se água que estava sob o céu num só conjunto e apareceu a árida. Deus chamou a árida “terra” e a massa das águas “mares”, e Deus viu que isso era bom²⁶. Os maniqueus dizem nesta passagem: “Se tudo estava cheio de águas, como as águas poderiam reunir-se numa só massa?” Já ficou dito acima que, pelo nome de águas, se designa aquela matéria sobre a qual pairava o Espírito de Deus e da qual Deus formaria todas as coisas. Mas ao dizer agora: Que as águas que estão sob o céu se reúnam numa só massa, tem este sentido: que aquela matéria corporal se forme para a espécie que têm essas águas visíveis. Pois a massa única é a própria formação dessas águas que vemos e apalpamos, porque toda forma deve-se enquadrar na regra da unidade. E o que se afirma: Apareça a árida, como se há de entender senão que aquela matéria receba a forma visível que agora possui esta terra que vemos e apalpamos? Portanto, o que acima era denominado terra invisível e vaga, denomina-se a indeterminação e a obscuridade da matéria; e o que se chamava água, sobre a qual pairava o Espírito de Deus, também designava a mesma matéria informe. Mas agora esta água e esta terra se formam daquela matéria que era designada pelos mesmos nomes, antes de receberem estas formas que agora podemos ver. Com razão se diz que na língua hebraica se denomina “mar” toda reunião de águas.

CAPÍTULO XIII

Refuta-se a afirmação sobre os versículos 11-13, ou seja, explica-se por que a terra produz plantas

19. Deus disse: “Germine a terra a erva de alimento contendo a semente segundo sua espécie e semelhança”. E assim se fez. A terra produziu a erva de alimento contendo a semente segundo sua espécie, árvores frutíferas que produzem fruto contendo a sua semente, segundo sua semelhança e segundo sua espécie sobre a terra. E Deus viu que era bom. Fez-se uma tarde e uma manhã: terceiro dia²⁷. Neste ponto costumam dizer: “Se Deus ordenou que da terra nascesse a erva de alimento e nascessem árvores frutíferas, quem criou tantas ervas espinhosas ou nocivas que não servem para alimento, e tantas árvores que não produzem fruto?” Deve-se responder-lhes que aos indignos não se revela mistério algum, nem se mostra em que figura de coisas futuras estas palavras foram proferidas. Com efeito, deve-se dizer-lhes que a terra foi amaldiçoada por causa do pecado e, assim, veio a produzir espinhos, não para sofrer as consequências do castigo, ela que não tem sentidos, mas para continuamente colocar diante dos olhos dos homens o crime do pecado humano, mediante o qual percebessem um dia que deveriam se afastar dos pecados e se voltar para os preceitos de Deus. As ervas nocivas foram criadas para castigo ou provação dos mortais, e isso tudo por causa do pecado, pois nos tornamos mortais depois do pecado. Por meio das árvores infrutíferas, porém, os homens são admoestados a entenderem a grande vergonha de permanecerem sem o fruto das boas obras no campo de Deus, ou seja, na Igreja. Além disso, tenham medo de que Deus os abandone, pois eles também, em seus campos, menosprezam as árvores infrutíferas e não lhes proporcionam qualquer trato. Portanto, antes do pecado do homem, não está escrito que a terra tivesse produzido senão ervas alimentícias e árvores frutíferas; mas depois do pecado, vemos que nascem da terra muitas ervas silvestres e infrutíferas; creio que assim acontece por aquela razão que aduzimos. Assim foi dito ao primeiro homem depois de ter pecado: Maldita é a terra para ti em todas as tuas obras. Comerás dela na tristeza e nos gemidos em todos os dias de tua vida. Ela produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás o alimento do teu campo. Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retournes à terra, pois dela foste tirado. Pois tu és terra e a ela tornarás²⁸.

CAPÍTULO XIV

Explicação dos versículos 14-19

20. Deus disse: “Façam-se luzeiros no firmamento do céu para iluminarem a terra e separarem o dia e a noite: que eles sirvam de sinais, de tempos, e de dias e anos e brilhem no firmamento do céu para iluminarem a terra”, e assim se fez. Deus fez dois luzeiros, o maior e o menor, o luzeiro maior para o início do dia e o luzeiro menor para o início da noite, e as estrelas. Deus os pôs no firmamento do céu para iluminarem a terra, para prenderem o dia e a noite, para separarem o dia e a noite, e Deus viu que era bom. Fez-se uma tarde e um manhã: quarto dia²⁹.

Diante destas palavras, os maniqueus perguntam primeiramente como no quarto dia foram criados os astros, ou seja, o sol, a lua e as estrelas. “Pois como puderam existir os três dias anteriores sem o sol, visto que agora percebemos que o dia decorre pelo nascimento e o ocaso do sol, e que para nós se faz noite pela ausência do sol, o qual volta da outra parte do mundo para o oriente?” Deve-se responder-lhes que foi possível acontecer que cada um dos três dias anteriores se computasse pela tanta demora do tempo, por quanta demora o sol tardaria em perfazer a volta desde o momento em que procede do oriente até voltar novamente ao oriente. Poderiam perceber este espaço e duração do tempo mesmo os homens que habitavam em cavernas, onde não podiam ver o sol nascente e o poente. E se percebe também que podia haver essa duração mesmo sem o sol, antes da criação do sol, e a própria duração do tempo computada em cada um daqueles três dias. Assim responderíamos se não

nos chamasse a atenção o que está afirmado no texto: *Fez-se uma tarde e uma manhã*. Percebemos que isso não poderia acontecer sem o curso solar. Por isso, só nos resta entender que, na duração do tempo, as diferentes obras foram assim denominadas: tarde, pelo término de uma obra criada, e manhã, pelo começo da obra futura. Ou seja, em atenção à semelhança das obras humanas, pois a maioria começa de manhã e cessa pela tarde. Com efeito, as divinas Escrituras soem acomodar às coisas divinas as palavras referentes às obras humanas.

21. Perguntam depois por que foi dito a respeito dos astros: Que eles sirvam de sinais, de tempos, e de dias e anos³⁰. “Acaso”, dizem eles, “aqueles três dias puderam existir sem o tempo ou não se relacionavam com os espaços de tempo?” Foi dito: De sinais e de tempos, com a finalidade de se diferenciarem os tempos mediante esses astros e serem percebidos pelos homens. Com efeito, se o tempo tem seu decurso e não se diferencia por alguma divisão, divisão esta que se observa pelo curso dos astros, o tempo pode correr e passar, mas não pode ser discernido pelos homens. Assim como as horas passam quando o dia está nublado e têm sua duração, mas não nos é possível diferenciá-las e percebê-las.

22. O que foi dito: Deus fez dois luzeiros, o maior e o menor; o luzeiro maior para o início do dia e o luzeiro menor para o início da noite³¹, assim foi afirmado como se dissesse: para presidir o dia e para presidir a noite. Pois, o sol não somente inicia o dia, mas também o percorre e o termina; mas, a lua nos aparece às vezes à meia noite ou no fim da noite; se, portanto, essas noites, em que assim acontece, não têm início pela aparição da lua, como se dá o começo da noite? Mas se por início entendes princípio e, por princípio, consideras primazia, fica claro que o sol tem a primazia durante o dia; e a lua a tem durante a noite, pois, embora os demais astros apareçam ao mesmo tempo, contudo, ela os sobrepuja pelo seu brilho e, por isso, é denominada com razão “a princesa entre os astros”.

23. Pelo fato de se ter dito: Para separarem o dia e a noite³², pode surgir neste ponto uma crítica e se diga: “Como se explica que Deus tenha dividido antes o dia e a noite, se isso fazem os astros no quarto dia?” Nestas palavras assim se afirmou: Para separarem a luz e as trevas, como se dissesse: “Assim dividam entre si o dia e a noite, de modo que se dê o dia ao sol, mas a noite se dê à lua e aos demais astros.” O dia e a noite já tinham sido separados entre si, mas não entre os astros, de modo a saberem os homens o número dos astros e quais apareceriam durante o dia e quais durante a noite.

CAPÍTULO XV

O ar nebuloso sob o nome de água (versículos 20ss.)

24. Deus disse: “Produzam as águas répteis de almas vivas e aves voem acima da terra, sob o firmamento do céu”, e assim se fez. Deus criou os grandes peixes do mar e toda alma dos animais e dos que rastejam e que as águas produziram, segundo a espécie de cada um, e as aves aladas segundo sua espécie, e Deus viu que isso era bom. Deus os abençoou e disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a água dos mares, e que as aves se multipliquem sobre a terra.” Fez-se uma tarde e uma manhã: quinto dia³³. Os maniqueus, perante estas palavras, costumam censurá-las, perguntando, ou melhor, reprovando, por que está escrito que os animais, não somente os que vivem nas águas, mas também os que voam nos ares e todos os alados nasceram das águas. Saibam todos os que se preocupam com essas afirmações que esse ser nebuloso úmido, no qual as aves voam, é considerado como águas por homens os mais doutos que investigam com esmero estes assuntos. Com efeito, o ar se avoluma e se torna denso com as exalações e os vapores do mar e da terra, e se alimenta da própria umidade para poder suportar o voo das aves. Por isso, nas noites serenas cai o orvalho, do qual, pela manhã, se

encontram as gotas sobre as plantas. A esse respeito, contam que o monte da Macedônia, denominado Olimpo, tem tamanha altura que não se sente o vento em seu cume e nem as nuvens se juntam, pois pela sua altura excede todo esse ar úmido no qual voam as aves, e chegam a dizer que ali as aves não conseguem voar. Esta informação procede daqueles que costumavam escalar o cume do referido monte, não sei por causa de que sacrifícios, e escrever no chão alguns sinais que no ano seguinte se encontravam intatos. Isso não seria possível se esse lugar estivesse exposto ao vento ou à chuva. Além disso, porque a rarefação do ar, que há ali, não lhes permite respirar, não podiam permanecer no lugar se não aplicavam às fossas nasais esponjas umedecidas, o que lhes proporcionava um ar mais denso e comum. Mostraram também que jamais viram qualquer ave naquele lugar. Assim, não sem razão, a fidelíssima Escritura menciona não somente os pássaros e os outros animais que estão nas águas, mas também as aves que nasceram das águas; pois são capazes de voar por esse ar os que surgem das águas do mar e da terra.

CAPÍTULO XVI

A criação de animais nocivos

25. Deus disse: “Que a terra produza alma viva segundo sua espécie: animais domésticos, répteis e feras segundo sua espécie” e assim se fez. Deus fez as feras segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie e todos os répteis do solo segundo sua espécie, e Deus viu que isso era bom³⁴. Os maniqueus costumam também levantar esta questão e chegam a dizer: “ Por que era preciso que Deus criasse tão numerosos animais, seja nas águas, seja na terra, que não são necessários aos homens? E muitos são nocivos e infundem medo.” Ao se expressarem assim, não percebem como todas as coisas são belas para seu Criador e Artífice, o qual se vale de todas coisas para o governo do universo que ele domina com sua lei suprema. Com efeito, se um imperito entrar na oficina de um artesão, vê ali muitos instrumentos, cuja finalidade ignora; e se for muito ignorante, considera-os supérfluos. Além disso, se cair na fornalha por distração ou se se ferir com alguma ferramenta afiada, visto que não a maneja adequadamente, julgará que ali estão muitas coisas perigosas e danosas. Mas, porque o artesão conhece o uso das mesmas, acha graça de sua ignorância e, não dando atenção às suas palavras absurdas, continua seu trabalho sem delonga. Os homens são tão insensatos que, não se atrevendo a criticar diante do artesão as ferramentas, cujo uso desconhecem, quando as veem, julgam-nas necessárias e fabricadas para usos determinados. No entanto, neste mundo que tem a Deus por criador e administrador, ousam censurar muitas coisas, cujas causas desconhecem, e com respeito às obras e instrumentos do Artífice todo-poderoso querem mostrar conhecimento sobre o que não conhecem.

26. Eu confesso que ignoro por que foram criados os ratos e as rãs ou as moscas ou os vermes, mas percebo que todas as coisas são belas no seu gênero, embora, devido a nossos pecados, muitas coisas nos pareçam adversas. Pois, não observo o corpo e os membros de qualquer animal nos quais não perceba medidas, números e ordem que não concorram para a unidade harmônica dos mesmos. Não entendo de onde procedem, mas entendo de onde procedem suas medidas, números e ordem que têm seu fundamento na própria sublimidade imutável e eterna de Deus. Com efeito, esses palradores e ignorantes não nos aborreceriam tanto, se elevassem a Deus criador seus louvores em todas as partes, ao observarem todas as formosuras, tanto as sublimes como as menos perceptíveis. E como nunca a razão se engana, como talvez se enganam os sentidos corporais, não o atribuiriam à imperfeição das coisas, mas à deficiência de nossa mortalidade. Na verdade, todos os animais ou nos são úteis ou perigosos ou supérfluos. Contra os que são úteis eles nada têm a dizer. A respeito dos perigosos, ou

somos castigados ou somos provados ou nos atemorizam, a fim de amarmos e desejarmos não esta vida sujeita a muitos perigos e trabalhos, mas uma outra melhor, na qual a segurança é total, e a procuremos adquirir para nós pelos merecimentos da piedade. Mas a respeito dos inúteis, quem somos nós para investigarmos? Se não te agradam porque não são úteis, agradem porque não são nocivos; pois, embora não sejam necessários à nossa casa, contudo, com eles se complementa a integridade deste universo que é muito maior que nossa casa. Deus a administra muito melhor que cada um de nós governa sua casa. Portanto, faze uso dos úteis, acautela-te dos perigosos, deixa de lado os supérfluos. Mas em todos, ao observares as medidas, os números e a ordem, busca o artífice. Não encontrarás outro a não ser a suprema medida, o supremo número e a suprema ordem, ou seja, Deus, do qual se disse com toda a verdade que dispôs tudo com medida, número e peso³⁵. Assim, talvez, obterás frutos mais abundantes ao louvar a Deus na pequenez da formiga, do que ao passar o rio no lombo de um grande animal de carga.

CAPÍTULO XVII

Explicação da criação do homem à imagem de Deus

27. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, e que ele domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”³⁶ etc., até a tarde e a manhã que perfazem o sexto dia³⁷. Os maniqueus costumam ventilar com loquacidade principalmente esta questão e injuriar-nos pelo fato de crermos que o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus. Pois observam a figura de nosso corpo e infelizmente perguntam se Deus tem nariz, dentes e barba e também os órgãos internos e o restante que em nós são necessários. É ridículo, dizem eles, e mesmo sinal de impiedade acreditar que existam tais coisas em Deus, e, por isso, negam que o homem tenha sido criado à imagem e semelhança de Deus. Respondemos-lhes que na verdade, nas Escrituras, mencionam-se muitas vezes esses membros quando se fala de Deus a ouvintes crianças. E isso não somente nos livros do Antigo Testamento, mas também nos do Novo. Mencionam-se também olhos de Deus e também ouvidos, lábios e pés, e se diz que o Filho está sentado à direita de Deus Pai. E o próprio Senhor diz: Não jureis em hipótese alguma; nem pelo céu, porque é o trono de Deus, nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés³⁸. E diz também que expulsava demônios pelo dedo de Deus³⁹. Mas todos os que compreendem as Escrituras segundo o espírito aprenderam a considerar por esses nomes, não membros corporais, mas poderes espirituais. Fala-se também em capacetes, escudo e espada⁴⁰, e outras muitas expressões. Portanto, deve-se dizer primeiramente a esses hereges que com tanto descaro insultam o Antigo Testamento a partir de tais palavras, que vejam que também são usadas no Novo; ou talvez não as vejam, porque se tornam cegos ao quererem discutir.

28. Saibam os maniqueus que na doutrina católica os fiéis espirituais não creem num Deus circunscrito pela forma humana e que se fala no homem criado à imagem de Deus segundo o homem interior, no tocante à razão e à inteligência; motivo pelo qual tem domínio sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais e feras, e sobre toda a terra e todos os répteis que rastejam sobre a terra. Com efeito, depois de ter dito: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, acrescentou logo a seguir: Que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu⁴¹ etc., para compreendermos que o homem foi criado à imagem de Deus não no tocante ao corpo, mas devido ao poder pelo qual sobrepuja a todos os animais. Todos os outros animais estão submetidos ao homem não devido ao corpo, mas à inteligência, a qual nós possuímos e eles não possuem. Também nosso corpo foi formado de tal modo que mostra sermos melhores que os animais e, por isso, semelhantes a Deus. Com efeito,

os corpos de todos os animais, seja dos que vivem nas águas, seja dos que vivem na terra, seja dos que vivem nos ares, são inclinados para a terra, e não são eretos como o corpo do homem. O que dá a entender que também nossa alma deve estar levantada para as coisas superiores, ou seja, para as coisas eternas espirituais. Assim, mas sem deixar de lado o testemunho da forma ereta do corpo, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus.

CAPÍTULO XVIII

O domínio do homem sobre os animais

29. Às vezes costumam também dizer: “Como é possível que o homem tenha recebido poder sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais e feras, se vemos que os homens são mortos por feras e somos prejudicados por muitas aves do céu, as quais desejamos evitar ou apanhar, e muitas vezes não conseguimos? Em que sentido recebemos poder sobre eles?” A esse respeito o primeiro a dizer-lhes é que estão muito equivocados os que têm em conta o homem depois do pecado, quando foi condenado à mortalidade desta vida e perdeu a perfeição com que foi feito à imagem de Deus. Se se considera sua condenação apenas com respeito ao domínio sobre tão numerosos animais, embora por sua debilidade pode ser morto por grande parte dos animais, no entanto, não pode ser domado por nenhum, enquanto que ele pode domar tão numerosos e quase todos. Portanto, se esta condenação se considera apenas com respeito ao domínio sobre os animais, o que se há de pensar do reino que lhe é prometido pela palavra divina, uma vez que se renove e se liberte?

CAPÍTULO XIX

Sentido espiritual do versículo 28

30. A respeito do que está escrito: Homem e mulher os criou. Deus os abençoou e lhes disse: “Crescei e multiplicai-vos e gerai, enchei a terra”⁴², pode-se perguntar com toda razão como se há de considerar a união do homem e da mulher antes do pecado, e se esta bênção pela qual disse: Crescei e multiplicai-vos e gerai, enchei a terra, deve ser entendida no sentido carnal ou no espiritual. É-nos lícito entendê-la também no sentido espiritual e somos levados a crer que se transformou em fecundidade carnal depois do pecado. Pois, no princípio era casta a união do homem e da mulher; por parte do homem, para governar, por parte da mulher, para obedecer; e era espiritual a concepção das alegrias inteligíveis e imortais, ao encher a terra, ou seja, dando vida ao corpo e dominando-o; ou seja, de tal modo sujeitando-o que não podia sofrer da parte dele qualquer adversidade, qualquer incômodo. Assim se deve crer porque, antes do pecado, não havia filhos deste mundo. Pois os filhos deste mundo geram e são gerados, conforme diz o Senhor, ao mostrar que a geração carnal é digna de desprezo ao ser comparada à vida futura que nos é prometida⁴³.

CAPÍTULO XX

O domínio sobre os animais poder ter sentido alegórico

31. E o que lhes disse: Que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra⁴⁴, omitindo a inteligência, pela qual é claro que o homem domina pela razão todos os animais, pode-se entender também no sentido espiritual, ou seja, que todos os afetos e movimentos da alma, os quais possuímos semelhantes a esses animais, os tivéssemos sob nosso controle e os dominássemos pela temperança e pela disciplina. Com efeito, quando não se governam esses movimentos, eles irrompem e se encaminham para hábitos

deveras abomináveis, e nos arrebatam por meio de variados e perniciosos prazeres e nos assemelham a todo o gênero de animais. Mas quando são governados e submetidos, amansam-se totalmente e vivem em harmonia conosco. Pois os movimentos da alma não nos são alheios. Pelo conhecimento, alimentam-se conosco de ótimos princípios e costumes e da vida eterna, como que de ervas portadoras de semente e de árvores frutíferas e de plantas verdejantes. E esta é a vida feliz e tranquila do homem, ou seja, quando todos os movimentos concordem com a razão e a verdade, e são chamados gozos e amores santos, castos e bons. Mas se não estão em harmonia com ela, enquanto se procede com negligência, dividem e desordenam a alma e fazem a vida deveras infeliz, e se denominam perturbações, lascívia e concupiscências perversas, sobre as quais temos o preceito de as crucificarmos em nós com o maior empenho possível, até que a morte seja absorvida pela vitória⁴⁵. Pois diz o Apóstolo: Pois os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e seus desejos⁴⁶. A esse respeito, deve-se advertir que estas expressões não devem ser entendidas no sentido carnal, pois as ervas verdes e as árvores frutíferas, no Gênesis, são dadas em alimento a todo o gênero de animais e a todas as aves e a todos os répteis. No entanto, vemos que os leões, os gaviões, os abutres e as águias não se alimentam senão de carne e com a matança de outros animais. Creio que isso se pode dizer também de alguns répteis que existem nos lugares arenosos e desertos, onde não nasce a erva.

CAPÍTULO XXI

Explicação das palavras: “Muito bom”

32. Não devemos deixar passar o que foi dito: Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom⁴⁷. Ao tratar de cada uma das obras, dizia somente: Deus viu que era bom; mas ao falar sobre todas, foi pouco dizer bom, se não se tivesse acrescentado muito. Com efeito, se cada uma das obras de Deus, ao serem consideradas por pessoas sensatas, depara-se que estão dotadas de medidas, números e ordem, e formadas cada uma em seu gênero; quanto mais todas ao mesmo tempo, ou seja sua universalidade que se forma pela reunião de cada uma em particular? Toda a beleza, que consta de partes é muito mais digna de louvor no todo do que na parte, assim como acontece no corpo humano, quando louvamos apenas os olhos, ou apenas o nariz, ou apenas as faces ou só a cabeça, ou então só as mãos ou só os pés etc; se são belos, louvamos apenas cada um; quanto mais todo o corpo, ao qual todos os membros, que são belos como unidade, proporcionam sua beleza. Assim acontece que uma mão bonita, que por si mesma é admirada no corpo, se se separa do corpo, perde sua graça e os demais membros sem ela tornam-se feios. São tamanhos a força e o poder da integridade e da unidade que, mesmo que sejam muitas as coisas, causam prazer quando se juntam e contribuem para formar um todo. Mas, a universalidade é um nome derivado de unidade. Se os maniqueus o tivessem em conta, louvariam a Deus, autor e criador da universalidade. E o que lhes desagradea em uma parte devido à condição de nossa mortalidade, o integrariam à beleza do universo e veriam como Deus fez todas as coisas não somente boas, mas também muito boas. Também, se numa palavra erudita e elegante considerarmos cada uma das sílabas e mesmo cada uma das letras, as quais, após terem soado, logo passam, não encontraremos nelas o que nos possa causar prazer ou que mereça elogios. Com efeito, toda aquela palavra é bonita, não devido a cada uma das sílabas ou letras, mas a todas.

CAPÍTULO XXII

Interpretação alegórica do descanso do sétimo dia

33. Já podemos comentar a passagem da qual os maniqueus costumam zombar com maior descaro que

imperícia, ou seja, o estar escrito que Deus, após ter feito o céu e a terra e tudo o mais, descansou no sétimo dia de todas as suas obras, e abençoou o sétimo dia e o santificou porque descansou de suas obras⁴⁸. Eles dizem: “Que necessidade havia de Deus descansar? Estava, talvez, cansado e sem forças devido às obras dos seis dias?” E acrescentam também o testemunho do Senhor, onde diz: Meu Pai trabalha sempre⁴⁹; e com isso enganam a muitos despreparados, os quais se esforçam por convencer de que o Novo Testamento contraria o Antigo Testamento. Assim como aqueles a quem o Senhor diz: Meu Pai trabalha sempre, davam um sentido carnal ao descanso de Deus e, observando o sábado segundo a carne, não percebiam o que figurava o significado desse dia, assim também os maniqueus, embora por razões diferentes, também não entendem o sacramento do sábado. E aqueles, observando-o segundo a carne, e estes, execrando-o segundo a carne, não conhecem o sábado. Por isso, são convidados a passarem para o lado de Cristo para deixarem cair o véu, como diz o Apóstolo⁵⁰. Pois o véu cairá quando, retirada a cobertura da semelhança da alegoria, a verdade se manifeste para que possam enxergar.

34. Primeiramente é preciso perceber e aprender a regra desse modo de falar em muitas passagens das divinas Escrituras. Com efeito, o que significa o fato de se dizer que Deus descansou de todas as suas obras, as quais as fez muito boas, senão o nosso descanso de todas as nossas obras, o qual ele nos dará, se também nós praticarmos boas obras? De acordo com o mesmo modo de expressar, diz também o Apóstolo: Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o Espírito Santo intercede por nós com gemidos inefáveis⁵¹. Pois o Espírito Santo não geme, como se fosse um necessitado ou sofresse angústias, ele que intercede pelos santos junto a Deus; mas, ele nos excita a orar quando gememos, e o que nós fazemos por sua moção, se diz que ele o faz. Também está dito: É o Senhor vosso Deus que vos tenta, para saber se de fato amais o Senhor vosso Deus⁵². Com efeito, permite que sejamos tentados, não para que saiba aquele a quem nada se oculta, mas para nos fazer saber quanto progredimos no seu amor. De acordo com o mesmo modo de falar, diz também nosso Senhor que ignorava o dia e a hora do fim do mundo⁵³. De fato, o que pode haver que ele ignore? Mas, porque esse pormenor devia ficar oculto para os discípulos, ele afirma que ignorava, pois ocultando-o, fazia com que ignorassem o dia e a hora do fim do mundo. E de acordo com estas expressões figuradas, afirmou que somente o Pai sabia o dia e a hora, porque fez que o conhecesse o próprio Filho. De acordo com este sentido figurado, resolvem-se sem qualquer dificuldade muitas questões das divinas Escrituras para aqueles que já conhecem o sentido alegórico. Estas figuras aparecem também muito em nosso modo de falar, ao dizermos “um dia alegre”, porque nos torna alegres; e “um frio indolente”, porque nos incita à preguiça⁵⁴; e “uma fossa cega”, porque não a vemos; e “uma linguagem polida”, porque se usam palavras eruditas: finalmente, dizemos também “um tempo sereno”, porque estamos livres de todas as adversidades. Também se disse que Deus descansou de todas as suas obras, as quais fez muito boas, porque nele descansaremos de todas as nossas obras, se fizermos boas obras. Também nossas boas obras devem ser atribuídas àquele que chama, que ordena, que mostra o caminho da verdade, que convida para que também queiramos, e proporciona forças para cumprirmos o que ele ordena.

CAPÍTULO XXIII

Os sete dias e as sete idades do mundo

35. Primeira Idade — Julgo que se deve refletir com cuidado sobre a razão pela qual esse descanso se atribui ao sétimo. Vejo em todo o texto das divinas Escrituras que as seis idades, que devem ser dedicadas ao trabalho, foram marcadas por seus limites, para se chegar ao descanso na sétima idade.

Vejo também que as mesmas seis idades apresentam semelhança a esses seis dias, nos quais foram criadas as coisas que a Escritura afirma terem sido criadas por Deus. Os primórdios do gênero humano, nos quais se passou a gozar dessa luz, podem ser muito bem comparados ao primeiro dia em que Deus fez a luz. Esta idade pode ser considerada como a infância do mesmo mundo, o qual devemos imaginar como um ser humano pelas proporções de sua grandeza. Com efeito, todo homem, primeiramente, ao nascer e sair para a luz, vive a infância, a primeira idade. Esta idade do mundo estende-se de Adão até Noé em dez gerações. Como que na tarde desta idade acontece o dilúvio, pois também nossa infância como que se destrói pelo dilúvio do esquecimento.

36. Segunda Idade — Começa de manhã nos tempos de Noé a segunda idade, que é como a puerícia, e esta idade se estende até Abraão em outras dez gerações. E pode muito bem ser comparada ao segundo dia em que foi criado o firmamento entre água e água. De fato, também na arca, Noé com os seus era um firmamento entre as águas inferiores, nas quais flutuava, e as superiores, das quais recebia a chuva. Esta idade não é destruída pelo dilúvio, porque também nossa puerícia não é varrida pelo esquecimento. Pois lembramo-nos de que fomos meninos, mas não recordamos de que fomos crianças. A tarde desta idade é a confusão de línguas naqueles que erguiam a torre, e se faz manhã desde Abraão. Mas, nem esta segunda idade gerou o povo de Deus, pois também a puerícia não é apta para a geração.

37. Terceira Idade — Faz-se manhã desde Abraão, e vem depois a idade semelhante à adolescência. E se compara adequadamente ao terceiro dia, em que a terra foi separada das águas. Com efeito, por todos os povos, cujo erro instável e agitado pelas vãs doutrinas dos ídolos, como que por todos os ventos, esta idade é significada com propriedade pelo nome “mar”. Assim, desta vaidade dos povos e das ondas deste mundo foi separado o povo de Deus por meio de Abraão, como foi separada a terra quando apareceu seca, ou seja, sedenta da chuva celeste dos mandamentos divinos. Este povo, adorando a um só Deus, como uma terra irrigada, para que pudesse produzir bons frutos, recebeu as sagradas Escrituras e as Profecias. Com efeito, esta idade já pôde gerar o povo para Deus, porque a terceira idade, ou seja, a adolescência, é apta para gerar filhos. Por isso foi dito a Abraão: Pois te constituo pai de uma multidão de nações, te aumentarei muitíssimo e te porei como chefe de muitas nações e reis, e reis sairão de ti. Estabelecerei uma aliança entre mim e ti, e tua descendência depois de ti, de geração em geração, uma aliança perpétua, para ser o teu Deus e o de tua descendência depois de ti. A ti, e à tua descendência depois de ti, darei a terra em que habitas, toda a terra de Canaã, em posse perpétua, e serei o vosso Deus⁵⁵. Esta idade abrange desde Abraão até Davi em quatorze gerações. A tarde desta idade está nos pecados do povo, com os quais violaram os divinos mandamentos, e se alonga até à malícia do péssimo rei Saul.

38. Quarta Idade — Em seguida, o reino de Davi dá início à manhã. Esta idade se assemelha à juventude. E, de fato, entre todas as idades a primazia é da juventude e ela é o firmamento de todas as idades. Por isso fica bem compará-la ao quarto dia no qual foram criados os astros no firmamento do céu. Pois, o que com mais evidência significa o esplendor do reino que a excelência do sol? E o brilho da lua mostra o povo que obedece ao reino, como que a sinagoga, e as estrelas são seus príncipes; e todas as coisas estão radicadas na estabilidade do reino, como que num firmamento. A tarde desta idade está nos pecados dos reis, aos quais aquele povo mereceu tornar-se sujeito e servir-lhes.

39. Quinta Idade — A transmigração para a Babilônia representa a manhã, quando o povo foi estabelecido num cativeiro benigno, num ócio passageiro. E esta idade prolonga-se até à chegada de nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, a quinta idade, isto é, o declínio da juventude para a velhice. Ainda

não é velhice, mas também não é juventude. É a idade do adulto à qual os gregos dão o nome presbyten. Pois o velho, entre eles, não é chamado presbytes, mas geron. De fato, esta idade, no povo dos judeus, ficou encurvada e quebrantada com relação à robustez do reino, assim como o homem torna-se adulto deixando de ser jovem. E com razão é comparada àquele quinto dia em que nas águas foram criados os animais e as aves do céu, depois que os judeus passaram a viver entre os pagãos, como num mar, e a ter, como as aves, uma morada instável. Mas, havia ali certamente grandes cetáceos, ou seja, aqueles grandes homens que conseguiram mais dominar as ondas do mar que estar sujeitos àquele cativo. Não se contaminaram com o culto aos deuses por temor nenhum. Observe-se além disso que Deus abençoou aqueles animais, dizendo: Crescei e multiplicai-vos, enchei a água dos mares, e as aves do céu se multipliquem sobre a terra⁵⁶, porque o povo dos judeus, desde que se dispersou entre os povos, multiplicou-se muito. A tarde deste dia, ou seja, desta idade, é a multiplicação dos pecados no povo judeu, pois de tal forma ficaram cegos que chegaram ao ponto de não reconhecer o Senhor Jesus Cristo.

40. Sexta Idade — A manhã começa pela pregação do Evangelho por nosso Senhor Jesus Cristo e encerra o quinto dia; começa o sexto, no qual aparece a velhice do homem velho. Nesta idade o reino carnal ficou arrasado com total violência, quando até o templo foi destruído e cessaram os sacrifícios. Agora aquele povo, pelo que diz respeito às forças de seu reino, leva uma vida agonizante. Contudo, nesta idade, na velhice do homem velho, nasceu o homem novo, o qual já vive segundo o espírito. Pois no sexto dia foi dito: Produza a terra a alma viva⁵⁷; mas no quinto dia foi dito: Produzam as águas, não a alma viva, mas répteis de almas vivas⁵⁸, porque os corpos são rastejantes, e aquele povo servia à lei mediante a circuncisão corporal e os sacrifícios, como que no mar dos pagãos. Diz que esta alma tem vida, pela qual já começam a desejar a vida eterna. Portanto, as serpentes e os animais que a terra produz significam os pagãos que vão crer firmemente no Evangelho. A eles se refere o que estava naquele vaso mostrado a Pedro, conforme os Atos dos Apóstolos: Imola e come⁵⁹. E como ele dissesse serem impuros, foi-lhe respondido: Não chames impuro o que Deus declarou puro⁶⁰. Então foi criado o homem à imagem e semelhança de Deus, assim como, nesta sexta idade, nasce na carne nosso Senhor, ao qual se referia o profeta: É homem, e quem o reconheceria?⁶¹ Assim como naquele dia foram criados o homem e a mulher, assim também nesta idade o foram Cristo e a Igreja. E o homem é posto naquele dia à frente dos animais, das serpentes e das aves do céu, assim como nesta idade Cristo governa as almas que lhe obedecem e que vieram para sua Igreja, parte dos pagãos e parte do povo dos judeus, para que por ele os homens fossem domados e amansados, seja os que estão entregues à concupiscência carnal, como os animais, ou obscurecidos por preocupações tenebrosas, como os répteis, ou transportados pelos ares, como as aves. E assim como naquele dia os homens e os animais, que com ele estão, alimentam-se de ervas portadoras de sementes, de árvores frutíferas e de ervas verdejantes, assim nesta idade todo homem bom é ministro de Cristo, e o imita como lhe é possível, nutre-se espiritualmente com o mesmo povo dos alimentos das sagradas Escrituras e da lei divina, parte para alcançar a fecundidade dos raciocínios e das palavras, como que de ervas portadoras de sementes; parte para utilidade dos costumes na convivência humana, como que de árvores frutíferas; parte para robustecer a fé, a esperança e a caridade em ordem à vida eterna, como que de ervas verdejantes, ou seja, vicejantes, às quais nenhum calor das tribulações pode fazer perder o verdor. O homem espiritual de tal modo se nutre desses alimentos que consegue entender muitas verdades; mas o carnal, ou seja, o pequenino em Cristo, como que um animal de Deus, alimenta-se deles para conseguir entender o que ainda não pode entender. Entretanto, todos dispõem dos mesmos alimentos.

41. Sétima Idade — A tarde desta idade, a qual oxalá não nos alcance, se é que já não começou, é

aquela da qual diz o Senhor: Julgas que quando o Filho do Homem vier, encontrará fé sobre a terra?⁶². Depois dessa tarde far-se-á manhã, quando o próprio Senhor virá na claridade. Então descansarão com Cristo de todas as suas obras aqueles dos quais ele disse: Sede perfeitos como o vosso Pai que está nos céus⁶³, pois estes praticam obras verdadeiramente boas. Com efeito, depois dessa obras podem esperar o descanso no sétimo dia, que não tem tarde. De forma alguma se pode descrever com palavras como Deus fez e estabeleceu o céu e a terra e toda criatura que criou. Esta exposição pela ordem dos dias retrata de tal forma a história das coisas criadas que ela tem em conta sobretudo a predição das coisas futuras.

CAPÍTULO XXIV

As idades do mundo apresentam desigualdade

42. Se parecer estranho a alguém que nas idades do mundo fizemos constar que as duas primeiras idades se desenvolvem em dez gerações, enquanto que cada uma das três seguintes se desenvolvem em quatorze gerações, e a sexta em nenhuma⁶⁴, é fácil perceber que, mesmo em cada homem, as duas primeiras idades estão apegadas aos sentidos corporais. Estes sentidos do corpo são cinco: a vista, a audição, o olfato, o paladar e o tato. Este número cinco encontra-se duplicado, pois é duplo o sexo humano, ou seja, o masculino e o feminino, do qual procedem essas gerações. Portanto, como disse, o duplo de cinco perfaz dez. Mas da adolescência em diante, quando a razão já começa a prevalecer no homem, aos cinco sentidos achegam-se o conhecimento e a razão, com os quais o homem governa e administra a vida e, assim, começa a existir o número sete. Este, também duplicado devido aos dois sexos, destaca-se e aparece nas quatorze gerações, as quais aparecem nas três idades seguintes, como se fosse a do adolescente, a do jovem e a do adulto. Mas a idade da velhice, como em nós, não é limitada por nenhum número determinado de anos, mas, após as cinco idades, todo o tempo que alguém viver, atribui-se à velhice. Assim também, nesta idade do mundo, a sexta, não aparecem as gerações, para que assim também esteja oculto o último dia, o qual o Senhor revelou que, para utilidade dos homens, convinha permanecer oculto⁶⁵.

CAPÍTULO XXV

Alegoria mais sublime dos sete dias

43. Cada um de nós tem nas boas obras e na vida justa como que esses seis dias diferentes, depois dos quais deve esperar o descanso. No primeiro dia tem a luz da fé, quando primeiramente acredita nas coisas visíveis; pois devido a esta fé o Senhor se dignou aparecer de modo visível. No segundo dia, tem o fundamento da doutrina, pela qual discerne entre o carnal e o espiritual, assim como aconteceu entre as águas inferiores e as superiores. No terceiro dia, no qual dirige sua mente para produzir os frutos das boas obras, afasta-se do pecado e das ondas das tentações carnavais, assim como a terra seca se separa das agitações do mar, para assim poder dizer: Pela razão sirvo à lei de Deus e pela carne à lei do pecado⁶⁶. No quarto dia em que, já naquele firmamento da disciplina, o homem, lidando com conhecimentos espirituais e os discernindo, percebe o que seja a verdade imutável que refulge em sua alma como um sol; percebe como a alma se torna participante da mesma verdade e comunica ao corpo a ordem e a beleza, como a lua que ilumina a noite; percebe como todas as estrelas, ou seja, as inteligências espirituais, cintilam e resplandecem nas trevas desta vida, como se fosse a noite. Fortificado pelo conhecimento destas coisas, no quinto dia, começa a agir nas agitações do mundo deveras turbulento, como que nas águas do mar, em favor da sociedade fraterna; e pelas ações corporais, que dizem respeito ao mesmo mar, ou seja, a esta vida, começa a produzir os répteis de

almas vivas, ou seja, as obras que aproveitam às almas vivas; e também grandes cetáceos, ou seja, ações deveras poderosas, com as quais se arrebatam e se rebaixam as ondas do mundo; e aves do céu, ou seja, as vozes dos que anunciam coisas espirituais. Mas, no sexto dia, que o homem produza da terra a alma viva, isto é, que da própria estabilidade de sua mente na qual produz frutos espirituais, ou seja, bons pensamentos, governe todos os movimentos de sua alma; que haja nele uma alma viva, isto é, que sirva à razão e à justiça, não à irreflexão e ao pecado. Assim se faça também o homem à imagem e semelhança de Deus, homem e mulher, ou seja, inteligência e ação, com cuja união encham a terra de frutos espirituais, ou seja, submeta a si a carne e as demais coisas que foram ditas acima sobre a perfeição do homem. Mas nestes dias, a tarde consiste na perfeição de cada uma das obras, e a manhã, no começo das seguintes. Depois das obras muito boas destes seis dias, o homem pode esperar o descanso eterno e entender o que significa: Deus ...no sétimo dia descansou de todas as suas obras^{[67](#)}, pois ele mesmo produz em nós estas boas obras, ele que ordena que as façamos. E com razão se diz que Deus descansa, pois ele nos outorgará o descanso depois de todas estas obras. Com efeito, assim como se diz com razão que um pai de família edifica uma casa, mesmo que ele não execute esta obra com seu trabalho, mas com o daqueles que o servem, assim se diz também com razão que descansa de suas obras, quando, após o término da construção, permite àqueles a quem ordenava que descansem e gozem de um sossego agradável.

^{[1](#)} 1Cor 11,9.

^{[2](#)} Cf. Mt 7,7.

^{[3](#)} Gn 1,1.

^{[4](#)} Cf. Jo 1,1.3.

^{[5](#)} Jo 8,25.

^{[6](#)} Tt 1,1-2.

^{[7](#)} 1Tm 1,5.

^{[8](#)} Gn 1,2.

^{[9](#)} Gn 1,3.6.9.

^{[10](#)} Gn 1,2.

^{[11](#)} Jo 1,9.

^{[12](#)} Gn 1,3.

^{[13](#)} Gn 1,2.

^{[14](#)} Gn 1,1.

^{[15](#)} Sb 11,18.

^{[16](#)} Gn 1,1.

^{[17](#)} Jo 15,15.

^{[18](#)} Jo 16,12.

^{[19](#)} Gn 1,3.

^{[20](#)} Gn 1,4.

^{[21](#)} Cf. Mt 8,10.

^{[22](#)} Gn 1,4-5.

^{[23](#)} Gn 1,5.

^{[24](#)} Gn 1,6.

^{[25](#)} Gn 1,8.

[26](#) Gn 1,9-10.

[27](#) Gn 1,11-13.

[28](#) Gn 3,17-19.

[29](#) Gn 1,14-19.

[30](#) Gn 1,14.

[31](#) Gn 1,16.

[32](#) Gn 1,18.

[33](#) Gn 1,20-23.

[34](#) Gn 1,24-25.

[35](#) Cf. Sb 11,21.

[36](#) Gn 1,26.

[37](#) Cf. Gn 1,27-30.

[38](#) Mt 5,34-35.

[39](#) Cf. Lc 11,20.

[40](#) Cf. Ef 6,16-17.

[41](#) Gn 1,26.

[42](#) Gn 1,27-28.

[43](#) Cf. Lc 20,34-36.

[44](#) Gn 1,28.

[45](#) Cf. 1Cor 15,54.

[46](#) Gl 5,24.

[47](#) 1,31.

[48](#) Cf. Gn 2,3.

[49](#) Jo 5,17.

[50](#) Cf. 2Cor 3,16.

[51](#) Rm 8,26.

[52](#) Dt 13,4.

[53](#) Cf. Mt 24,36.

[54](#) Cf. Tibullo, Eleg. 1,2,28.

[55](#) Gn 17,5-8.

[56](#) Gn 1,22.

[57](#) Gn 1,24.

[58](#) Gn 1,20.

[59](#) At 10,13.

[60](#) At 10,13-15.

[61](#) Hb 2,6.

[62](#) Lc 18,8.

[63](#) Mt 5,48.

[64](#) Mt 1,1.

[65](#) Cf. Mt 24,36.

[66](#) Rm 7,25.

[67](#) Gn 2,2.

LIVRO II

CAPÍTULO I

Transcrição do segundo e do terceiro capítulos do Gênesis

1. Depois da menção e da exposição dos sete dias, a Escritura interpôs o que denominou “Livro da criação do céu e da terra” como uma conclusão de tudo o que foi dito antes, embora seja uma pequena parte do Livro. Mereceu receber essa denominação porque nestes sete dias apresenta uma rápida visão do mundo, do princípio ao fim. Em seguida, narra com mais amplitude o que diz respeito ao homem. Toda esta narrativa não está escrita no sentido literal, mas no figurado, a fim de exercitar as mentes que procuram a verdade, desviando-as das preocupações carnavais para assuntos espirituais. Eis o seu conteúdo:

Este é o livro da criação do céu e da terra quando foi feito o dia no qual Deus fez o céu e a terra e todo o verde do campo, antes de existir sobre a terra e todo alimento do campo antes de germinar. Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e não havia homem para trabalhá-la. Uma fonte subia sobre a terra e irrigava toda a superfície da terra. Então Deus modelou o homem do limo da terra e insuflou em seu rosto o sopro da vida e o homem foi feito alma viva. Deus plantou, então, o paraíso em Éden no oriente e aí pôs o homem que modelara. Deus produziu ainda da terra toda árvore formosa para se ver e boa para se comer. E plantou a árvore da vida no meio do paraíso e a árvore da ciência do bem e do mal. Um rio saía de Éden e irrigava o paraíso, e de lá se dividia em quatro partes. O nome do primeiro é Fison, este é o que percorre toda a terra de Hévila, onde existe ouro e o ouro daquela terra é ótimo, ali existe diamante e pedra de ônix. O segundo rio se chama Geon e este percorre toda a terra da Etiópia. O terceiro rio é o Tigre, este é o que caminha na direção dos Assírios. E o quarto rio se chama Eufrates. E o Senhor Deus tomou o homem que fizera e o pôs no paraíso para aí trabalhar e guardá-lo. E o Senhor Deus deu um mandamento a Adão, dizendo: “Comerás de toda árvore que está no paraíso, mas da árvore da ciência do bem e do mal não comerás e no dia em que comeres dela morrerás”. E o Senhor Deus disse: “Não é bom que o homem esteja só. Façamos uma auxiliar para ele semelhante a ele”. E todas as coisas que Deus modelara de toda espécie de animais e de toda espécie de feras do campo e de toda espécie de aves que voam sob o céu, levou-as até Adão para que visse como as chamaria e o que Adão chamou a todas, alma viva, este é o seu nome. Depois dessas coisas Adão impôs nomes a todos os animais e a todas as aves do céu e a todas as feras do campo e de acordo com o que Adão os chamou, este é o nome que têm até hoje. E Adão ainda não tinha uma auxiliar semelhante a si. E Deus infundiu um torpor em Adão e ele dormiu. Deus tomou, então, uma de suas costelas e encheu o lugar dela de carne e formou a costela que tomou de Adão numa mulher. E a levou até Adão para que visse como a chamaria. E Adão disse: “Isto é agora osso de meu osso e carne de minha carne, ela se chamará mulher porque foi tirada de seu homem e ela será para mim uma auxiliar. Por isso, o homem deixará o pai e a mãe e se unirá à sua esposa, e serão dois em uma só carne”. Estavam os dois nus, Adão e a sua mulher e não se envergonhavam.

2. A serpente era o mais sábio de todos os animais que existiam sobre a terra, feitos pelo Senhor Deus. E a serpente disse à mulher: “Por que disse Deus que não comais de toda árvore que está no paraíso?” E a mulher respondeu à serpente: “Comemos de toda árvore que existe no paraíso, mas do fruto da árvore que está no meio do paraíso, Deus disse que não comamos nem tampouco a toquemos, para não morrermos”. A serpente disse à mulher: “Não morrereis! Deus sabia que no dia em que comeres dela, os vossos olhos se abrirão e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal”. E a mulher viu que a

árvore era boa para comer e boa aos olhos para ver e conhecer. E tomou o fruto daquela árvore e comeu e deu a seu homem. Adão recebeu e comeu. E os seus olhos se abriram e então conheceram que estavam nus e tomaram folhas de figueira e fizeram cintos para si. E como ouvissem a voz do Senhor que passeava no paraíso à tarde, Adão e sua mulher esconderam-se da presença do Senhor naquela árvore que estava no meio do paraíso. E o Senhor Deus chamou Adão e lhe disse: “Adão, onde estás?” E ele disse: “Ouvi, Senhor, a tua voz no paraíso e tive medo porque estou nu”. E o Senhor Deus disse: “Quem te fez saber que estavas nu, senão porque comeste daquela árvore da qual te disse que somente dela não comerias? E Adão disse: “A mulher que me deste, me deu para comer e comi”. E Deus disse à mulher: “Por que fizeste isso?” Disse a mulher: “A serpente me seduziu e eu comi.” E o Senhor Deus disse à serpente: “Porque fizeste isso, maldita serás por todos os animais e por toda espécie de feras. Rastejarás com teu peito e ventre e comerás terra em todos os dias de tua vida. Porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua descendência e a dela. Ela vigiará a tua cabeça e tu o calcanhar dela.” E disse à mulher: “Multiplicando, multiplicarei as tuas dores e os teus gemidos. Darás à luz os teus filhos entre dores e voltarás para o teu homem e ele te dominará.” Então, Deus disse a Adão: “Porque ouviste a voz de tua mulher e comeste da árvore da qual te mandei que somente dela não comerias, a terra será maldita para ti em todas as tuas obras, comerás dela todos os dias de tua vida na tristeza e em gemidos. Ela produzirá para ti espinhos e cardos e comerás o alimento do teu campo. Com o suor de teu rosto comerás o teu pão até que retornes à terra da qual foste tirado, porque és terra e à terra irás.” Então, Adão impôs à sua esposa o nome: Vida, porque ela é a mãe de todos os viventes. O Senhor Deus fez, então, túnicas de pele para Adão e sua mulher e os vestiu. E disse: “Eis Adão, que se tornou como um de nós pela ciência do discernimento do bem e do mal. E para que Adão não estendesse a mão para a árvore da vida e tomando dela comesse e vivesse para sempre, o Senhor o expulsou do paraíso de suavidade para que trabalhasse a terra da qual fora tirado. E posto fora do paraíso, foi morar em frente ao paraíso de delícias. E Deus colocou um querubim e a espada de fogo que se movia para guardar o caminho da árvore da vida.

CAPÍTULO II

Impossibilidade de uma interpretação literal do Gênesis em todos os seus capítulos

3. Se os maniqueus preferissem examinar os segredos das palavras, não as censurando e difamando, mas as pesquisando e respeitando, sem dúvida não seriam maniqueus, mas, ao pedirem, lhes seria dado, ao buscarem, encontrariam, e ao baterem, ser-lhes-ia aberto¹. Aqueles que buscam com piedosa diligência encontram mais questões contidas nestas palavras que esses infelizes e ímpios. Mas, é diferente, porque aqueles buscam para encontrar, e estes em nada se esforçam senão para não encontrar o que buscam. Todas essas palavras devem ser examinadas primeiramente segundo a história, em seguida, segundo a profecia. Segundo a história, os fatos são narrados, segundo a profecia preanuncia-se o futuro. Certamente, todo aquele que quiser interpretar tudo o que foi dito no sentido literal, ou seja, não entender senão o que soa a letra, e conseguir evitar blasfêmias e explicar tudo o que foi dito de acordo com a fé católica, não somente não se há de impedir, mas deve ser considerado um bom entendedor e também digno de muitos elogios. Mas se não obtivermos êxito em entender piedosa e dignamente o que foi escrito por Deus, a não ser que julguemos que o que está escrito foi proposto de forma figurada e enigmática, tendo a nosso favor a autoridade dos apóstolos pelos quais são resolvidos tantos enigmas dos livros do Antigo Testamento, continuemos com a regra que estabelecemos, com a ajuda daquele que nos exorta a pedir, buscar e bater. E assim, possamos explicar todas essas figuras das coisas que se relacionam com a história ou com a profecia, sem contrariarmos

qualquer exposição melhor e mais cuidadosa que o Senhor se dignar revelar por meio de nós ou por meio de outros.

CAPÍTULO III

O significado das palavras “erva dos campos”

4. Fez-se o dia, portanto, no qual Deus fez o céu e a terra, e todo o verde do campo, antes de existir sobre a terra e todo o alimento do campo². Acima, se enumeram sete dias; agora se fala de um só dia, no qual Deus fez o céu e a terra, todo o verde do campo e todo alimento do campo, e pelo termo “dia” entende-se que estava significado todo o tempo. Pois, Deus criou simultaneamente todo o tempo com todas as criaturas temporais, e essas criaturas visíveis são designadas pelos nomes “céu e terra”. Deve levar-nos a investigar por que, depois de chamar o “dia”, que foi criado, céu e a terra, acrescentou também o verde do campo e todo o alimento? Isso nos deve motivar a investigar, pois, quando se disse: No princípio Deus fez o céu e a terra, não se disse que fez todo o verde do campo e o alimento. Lê-se claramente que no terceiro dia foram feitos todo o verde e alimento do campo. Portanto, o que foi dito: No princípio, Deus fez o céu e a terra, não pertence a nenhum dos dias dentre os sete. Com efeito, ao dizer: No princípio, Deus fez o céu e a terra, ou ainda denominava pelo nomes “céu e terra” a matéria da qual foram feitas todas as coisas, pelos nomes “céu e terra”; e depois, em particular e pela ordem dos dias, conforme era conveniente por causa da profecia, da qual fizemos menção no primeiro Livro³, expôs a execução das obras de Deus. O que significa: o verde e o alimento do campo que agora acrescentou depois de mencionar o céu e a terra, e ter-se calado sobre as demais coisas tão numerosas que existem no céu e na terra ou mesmo no mar, senão porque pelo verde do campo quer significar a criatura invisível, como é a alma? Com efeito, nas Escrituras é costume denominar-se o campo como o mundo no sentido figurado. De fato, também o próprio Senhor disse: O campo é o mundo⁴, ao explicar a parábola em que o joio se mistura com a boa semente. Portanto, nas palavras: “o verde do campo” está significada a criatura espiritual invisível devido ao vigor da vida, e pelo termo “o alimento” damos a mesma interpretação pela relação que tem com a vida.

5. O que acrescenta em seguida: *Antes de existir sobre a terra*, entende-se antes que a alma pecasse. Pois contaminada pelos prazeres terrenos, retamente se diz dela que nasceu sobre a terra ou existe sobre a terra. Por isso acrescentou: *Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra*

CAPÍTULO IV

O que significa: “Não tinha feito chover sobre a terra”

Porque, agora, Deus cria o verde do campo, fazendo chover sobre a terra, ou seja, faz as almas reverdecem pela sua palavra. Irriga-as por meio das nuvens, ou seja, das Escrituras dos profetas e dos apóstolos. Com razão são denominadas nuvens, pois, acrescentando-se a obscuridade das alegorias, como que encoberta por um nevoeiro espesso, essas palavras, que soam e passam ferindo os ares, tornam-se como que nuvens e, ao serem espremidas, quando sobre elas se discorre, são como que uma chuva de verdade a cair sobre os bons entendedores. Isso não existia antes de a alma pecar, ou seja, antes que o verde do campo existisse sobre a terra. *Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para trabalhá-la*⁵. Com efeito, para que o homem trabalhe, é necessária a chuva das nuvens, sobre as quais já falamos. Depois do pecado, o homem começa a trabalhar a terra e são-lhe necessárias essas nuvens. Antes do pecado, porém, tendo Deus criado o verde do campo e o alimento, cujos nomes significam a criatura invisível, conforme dissemos, ele a irrigava com uma

fonte interior, falando a sua inteligência, de modo que não pronunciando palavras exteriormente, como se fosse uma chuva procedente das referidas nuvens, se saciava com sua fonte, ou seja, com a verdade que emanava de seu íntimo.

CAPÍTULO V

Alegoria da fonte que irrigava a terra — O que é a soberba

6. Diz a Escritura: *Uma fonte subia da terra e irrigava toda a superfície da terra*⁶, ou seja, da terra sobre a qual se diz: *Tu és minha esperança, minha parte na terra dos vivos*⁷. Quando a alma era irrigada por esta fonte, ainda não lançara para fora as coisas íntimas mediante a soberba. Pois, *o princípio da soberba é afastar-se do Senhor*⁸. E porque, inchando-se exteriormente pela soberba, passa a não ser irrigada pela fonte interior, é denunciada pelas palavras proféticas que dizem: *De que se orgulha quem é terra e cinza, uma vez que na sua vida lançou para fora as suas coisas íntimas?*⁹. O que é a soberba senão querer parecer o que não é, ao abandonar o recôndito da consciência? Por isso, trabalhando na terra, recebe das nuvens a chuva necessária, ou seja, a doutrina das palavras humanas para deste modo poder reverdecer daquela secura e novamente se tornar o verde do campo. Oxalá receba com alegria das mesmas nuvens a chuva da verdade! Pois, devido a essa chuva, nosso Senhor, tendo-se dignado assumir o templo nublado de nossa carne, derramou a abundantíssima chuva do santo Evangelho, prometendo também que, se alguém beber de sua água, tornar-se-á nele uma fonte interior, de modo a não buscar a chuva no exterior. Pois ele diz: *Tornar-se-á nele uma fonte de água jorrando para a vida eterna*¹⁰. Esta fonte, assim penso, jorrava da terra antes do pecado e regava toda a superfície da terra, porque era interior e não necessitava da ajuda das nuvens: *Porque Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para trabalhá-la*¹¹. E ao dizer: *Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra*, acrescentou a causa porque ainda não tinha feito chover: *Porque não havia homem para trabalhá-la*. O homem começou a trabalhar a terra quando, depois do pecado, foi despojado da vida feliz, da qual gozava no paraíso. Com efeito, assim está escrito: *E o Senhor o expulsou do paraíso de suavidade para trabalhar a terra da qual fora tirado*¹², palavras estas que investigaremos oportunamente¹³. Agora o recordei para entendermos que ao homem, que trabalha a terra, ou seja, estabelecido na aridez do pecado, é necessária a doutrina divina mediante palavras humanas, como chuva que vem das nuvens. No entanto, essa ciência será destruída. Pois agora vemos em espelho, como que buscando o alimento nas nuvens; mas então veremos face a face¹⁴ quando toda nossa terra for irrigada pela fonte interior de água viva. Com efeito, se quisermos interpretar como uma fonte de água visível, sobre a qual foi dito: *Uma fonte subia da terra e irrigava toda a superfície da terra*¹⁵, não é provável que, havendo em toda a terra tão numerosas fontes perenes, seja dos ribeiros, seja dos rios, apenas teria secado aquela fonte que irrigava toda a superfície da terra.

CAPÍTULO VI

Os termos designativos das coisas invisíveis

7. Nestas poucas palavras a Escritura nos insinua o conjunto das criaturas antes do pecado da alma. Pois, com os termos “céu e terra” foi indicada toda criatura visível; e com o termo “dia”, todo o tempo; e com os vocábulos “verde” e “alimento”, a criatura invisível; e mediante os termos “fonte que subia e irrigava toda a superfície da terra”, a inundação da verdade que saciava a alma antes do pecado. Mas esse dia, que dissemos significar todo o tempo, insinua-nos que não somente a criatura visível, mas também a invisível, podem perceber o tempo. Podemos percebê-lo a respeito da alma, a

qual nos convence que pode sofrer mudança pelo tempo considerando a grande variedade de seus sentimentos, e pela própria queda que a infelicitou, e pela reparação que a devolveu à felicidade. E por isso não foi dito somente: *Quando se fez o dia no qual Deus fez o céu e a terra*¹⁶, pois por estes nomes se declara a criatura visível, mas acrescentou-se também: *o verde e o alimento do campo*¹⁷, para assim entendermos que não somente a criatura visível, mas também a invisível, pertencem ao tempo devido à sua mutabilidade. Só Deus, que existe antes dos tempos, é imutável.

CAPÍTULO VII

O mistério do limo

8. Depois da insinuação do conjunto das criaturas, tanto da visível, quanto da invisível, e depois do benefício geral da fonte divina para com a criatura invisível, vejamos o que se declara de modo especial sobre o homem, o que, sobretudo, nos diz respeito. Em primeiro lugar, pelo fato de Deus ter feito o homem do limo da terra¹⁸, costuma-se questionar que limo era esse, ou que matéria se indicou pelo nome “limo”. Aqueles inimigos dos Livros antigos, considerando tudo segundo a carne e, por isso, sempre cometendo erros, têm o costume de criticar com mordacidade o fato de Deus ter feito o homem do limo. Pois dizem: “Por que Deus fez o homem do limo? Faltava-lhe talvez uma matéria mais nobre e celeste da qual pudesse fazer o homem e por isso o formou frágil e mortal criando-o da impureza terrena?” Em primeiro lugar, não entendem os muitos significados que se encontram nas Escrituras referentes à terra ou à água, pois limo é a mistura de água com terra. Com efeito, dizemos que, depois do pecado, o corpo humano passou a se corromper, débil e sujeito à morte. Eles não se horrorizam a respeito de nosso corpo a não ser pela sua mortalidade, que merecemos pela condenação. Mas por que, mesmo que tenha feito o homem do limo desta terra, é admirável ou difícil para Deus fazer um corpo que não estivesse sujeito à corrupção, se o homem, observando o preceito de Deus, não tivesse querido pecar? Se dizemos que a beleza do céu ele a fez do nada ou de uma matéria informe, pois cremos no artífice todo-poderoso, por que admirar-se se o corpo, que foi feito de um limo qualquer, podia ser criado pelo artífice todo-poderoso de tal modo que o homem não fosse atormentado por qualquer moléstia, por qualquer necessidade, antes do pecado, e não fosse destruído por corrupção alguma?

9. Por conseguinte, investiga-se inutilmente sobre de que Deus fez o corpo humano, se agora o assunto é sua formação. Sei que alguns dos nossos entendem desse modo e dizem que após as palavras: *Deus modelou o homem do limo da terra*¹⁹, não se acrescentou: “À imagem e semelhança de Deus”, porque aquelas palavras se referem à criação do corpo. Mas indicava o homem interior quando se disse: *Deus criou o homem à imagem e semelhança de Deus*²⁰. Embora entendamos que, mediante essas palavras, o homem foi feito dotado de corpo e alma, de modo que se interprete isso como o começo de alguma obra nova, e não como uma retomada mais cuidadosa do que acima foi insinuado em poucas palavras, embora entendamos por essas palavras, repito, que o homem foi feito com corpo e alma, não é absurdo que tenha recebido o nome de limo devido à sua composição. Pois, assim como a água se une, se aglutina e se junta à terra, quando dela se faz o limo pela mistura de ambos, assim a alma, comunicando a vida à matéria do corpo, conforma-se numa unidade harmônica e não permite que se corrompa e se destrua.

CAPÍTULO VIII

O que significa insuflação da alma — O significado do espírito do homem nas Escrituras

10. Foi escrito: Insuflou nele um espírito de vida e o homem se tornou uma alma viva²¹, se o homem era ainda apenas corpo, por esta passagem devemos entender que a alma se uniu ao corpo, ou, porque já tinha sido criada, mas estava como que na boca de Deus, isto é, em sua verdade e sabedoria, de onde não se retirou como que saída de um lugar, quando foi insuflada, pois Deus não está contido em um lugar, mas está presente em todas as partes. Ou a alma foi criada quando Deus insuflou o espírito de vida naquela figura de barro, de tal modo que a insuflação signifique a própria ação de Deus, pela qual criou a alma no homem pelo Espírito de seu poder. Mas se aquele homem que foi criado já era corpo e alma, o sentido foi acrescentado à alma por esse sopro no momento em que o homem se tornou uma alma viva; não porque o sopro se converteu em alma viva, mas porque o sopro agiu nela para se tornar viva. Contudo, ainda não devemos entender que o criado para ser alma viva já fosse homem espiritual; era ainda animal. Com efeito, tornou-se espiritual quando no paraíso, ou seja, estabelecido na vida bem-aventurada, recebeu também o preceito para ser perfeito, e assim se tornasse pela palavra de Deus. Desse modo, permaneceu em estado animal. E por isso nos comportamos primeiramente na condição de homem animal todos nós que nascemos dele depois do pecado, até que alcancemos o Adão espiritual, ou seja, nosso Senhor Jesus Cristo, o qual não cometeu pecado²²; e por ele refeitos e vivificados, sejamos devolvidos ao paraíso, onde aquele ladrão mereceu estar com ele naquele dia em que terminou sua vida²³. Pois assim diz o Apóstolo: Não que antes fosse espiritual, mas animal, como está escrito: O primeiro Adão foi feito alma viva; o último Adão, espírito que dá a vida²⁴.

11. Portanto, assim devemos interpretar esta passagem, de modo que, não porque foi dito: *Insuflou nele o espírito de vida e o homem se tornou uma alma viva*²⁵, havemos de pensar que aquela como que parte da natureza de Deus se transformou em alma do homem e sejamos obrigados a dizer que a natureza de Deus é mutável, como erram principalmente os maniqueus, que são oprimidos pela verdade. Como a soberba é a mãe de todos os hereges, atreveram-se a dizer que a alma é natureza de Deus. E daí nós os apertamos, aos dizer-lhes: “Portanto, a natureza de Deus comete erros e é infeliz, e se corrompe pela nódoa dos vícios e peca; ou também, como vós dizeis, se contamina com a impureza da natureza contrária”, e as demais coisas que não se podem acreditar sobre a natureza de Deus. Com efeito, que a alma não é uma parcela de Deus ou da natureza de Deus, está escrito de modo claro em outra passagem, quando diz o profeta: *Ele forma o espírito de todos e faz todas as coisas*²⁶. E em outra passagem: *Que formou no homem o espírito do homem*²⁷. Portanto, estes testemunhos atestam claramente que o espírito do homem foi criado. O espírito do homem é denominado nas Escrituras “potência da alma racional”, pelo qual se diferencia dos animais e sobre eles domina pela lei da natureza. Sobre isso fala o Apóstolo: *Ninguém conhece o que é do homem senão o espírito do homem que nele está*²⁸. Se por acaso não se provasse mediante estes testemunhos que a alma foi criada, não faltariam aqueles que haviam de dizer que o espírito do homem não foi criado e o considerariam natureza de Deus e que se transformou em parcela de Deus quando se deu a insuflação de Deus. Isso a sã doutrina também rejeita, porque mesmo o espírito do homem, quando, às vezes, comete erros ou age com sabedoria, clama que ele é mutável, o que de forma alguma é lícito pensar sobre a natureza de Deus. Não pode haver maior indício de soberba que dizer que a alma humana é o que Deus é, se ainda geme sob o tão grande peso dos vícios e misérias.

CAPÍTULO IX

O significado alegórico do paraíso

12. Vejamos agora aquela bem-aventurança do homem significada pelo nome do paraíso. Porque o

homem costuma ter nos jardins um descanso delicioso e porque neles nasce para nossos sentidos corporais a luz procedente da parte oriental que se levanta até o céu, este corpo celeste superior ao nosso corpo e mais excelente, por isso com estas palavras também se insinuam, em figura, as delícias espirituais que a vida feliz traz consigo e o paraíso que se localiza no oriente. Procuremos entender que nossos deleites são simbolizados por toda árvore bonita ao olhar da inteligência e boa para servir de alimento que não se corrompe, do qual se nutrem as almas bem-aventuradas, pois também o Senhor diz: Trabalhai pelo alimento que não se corrompe²⁹, como é todo pensamento, que é alimento da alma. No oriente, isto é, em Éden, estabeleceu a luz da sabedoria, ou seja, em delícias imortais e inteligíveis. Diz-se que o termo Éden significa delícias ou prazer ou iguarias, na tradução do hebraico para o vernáculo. Mas, o termo foi registrado sem interpretação para que pareça significar um lugar determinado e faça com que a expressão seja mais figurativa. Entendemos toda a árvore produzida na terra como aquele deleite espiritual, ou seja, que está acima da terra e não se envolve nem se oprime com os embaraços dos prazeres terrenos. Mas, a árvore da vida plantada no meio do paraíso significa aquela sabedoria pela qual é preciso que a alma compreenda que está estabelecida no centro das coisas, pois, embora tenha subordinada a si toda a natureza corpórea, no entanto, compreenda que tem sobre si a natureza de Deus, e não se desvie para a direita, atribuindo a si o que não é, nem para a esquerda, menosprezando por negligência o que é. Esta é a árvore da vida plantada no meio do paraíso. Pela árvore da ciência do bem e do mal é também significada a alma como ponto central e sua perfeita integridade; pois, essa árvore foi também plantada no meio do paraíso. E por isso se denomina árvore do discernimento do bem e do mal porque, se a alma, que deve dirigir-se para o que é primordial, ou seja, para Deus e esquecer o que é inferior³⁰, isto é, os prazeres corporais, se voltar, para si mesma abandonando a Deus, e quiser gozar de seu poder prescindindo de Deus, a alma, repito, incha-se pela soberba, o que é início de todo pecado. E quando a este pecado vem em seguida o castigo, aprende pela experiência a diferença entre o bem que abandonou e o mal em que caiu. É isso para ela o resultado de ter provado do fruto da árvore do bem e do mal. Pois recebeu a ordem de comer de toda árvore que está no paraíso, mas de não comer da árvore na qual reside o conhecimento do bem e do mal, ou seja, não se entregar ao gozo a ponto de violar e corromper a integridade perfeita de sua natureza, ao comer da árvore.

CAPÍTULO X

O que designam os quatro rios

13. O rio que procedia de Éden, isto é, das delícias, prazeres ou manjares, rio este insinuado pelo profeta nos salmos, ao dizer: Tu os embriagas com um rio de delícias³¹: isso é Éden, que no vernáculo se denomina delícia. Ele se divide em quatro partes e significa as quatro virtudes: prudência, fortaleza, temperança, justiça. Dizem que o Fison é o Ganges e o Geon é o Nilo, o que se pode depreender da profecia de Jeremias. Agora eles são denominados com outros nomes. Assim, agora se denomina Tibre o que antes se denominava Álbula; mas, o Tigre e o Eufrates conservam até agora os mesmos nomes. Nesses nomes, como disse, estão simbolizadas as virtudes espirituais, o que também os nomes significavam se se consideram as línguas hebraica e a síria. Assim como Jerusalém, embora seja um lugar visível e terreno, significa cidade da paz; e Sião, embora seja um monte na terra, significa contemplação. E este nome, nas alegorias das Escrituras, passa a ter muitas vezes o significado de coisas espirituais inteligíveis. Aquele que descia de Jerusalém para Jericó, conforme diz o Senhor, ferido no caminho, foi deixado maltratado e semivivo pelos ladrões³², obriga que se entendam em sentido espiritual esses lugares da terra, embora se encontrem neste mundo de acordo com a história.

14. A prudência, que significa a contemplação da verdade, é inexplicável por palavras humanas, porque é inefável. Se quiseses falar sobre ela, abortas em vez de dá-la à luz, porque também lá o Apóstolo ouviu palavras inefáveis que não é lícito ao homem repetir³³, a prudência, repito, rodeia a terra que encerra ouro, diamantes e pedras ônix, ou seja, a doutrina que ensina a viver. Esta brilha como o ouro mais puro, depurada de todas as impurezas terrenas; e encerra também a verdade que não é vencida por qualquer falsidade, assim como o brilho do diamante não é vencido pela noite; e também a vida eterna que é simbolizada pelo verde da pedra ônix devido ao vigor que jamais perde. Mas aquele rio que cerca a Etiópia, terra sobremaneira quente e ardente, significa a fortaleza ágil e diligente pelo calor da ação. O terceiro, no entanto, o Tigre, corre para os assírios e significa a temperança, que resiste à concupiscência, deveras oposta aos conselhos da prudência. Por isso, nas Escrituras, o termo “assírios” é empregado em lugar de “adversários”. Sobre o quarto rio, não disse para onde corre e que terra percorre, porque a justiça diz respeito a todas as partes da alma, visto ser a própria ordem e a equidade da alma, pela qual as três virtudes: a primeira, a prudência, a segunda, a fortaleza, e a terceira, a temperança, se unem em perfeita harmonia. A justiça consiste em toda essa união e ordem.

CAPÍTULO XI

O trabalho do homem no paraíso — A mulher, auxiliar do homem

15. Pelo fato de o homem ser posto no paraíso para trabalhá-lo e guardá-lo, tenha-se em conta que esse trabalho é mais honroso que cansativo. Uma coisa é o trabalho no paraíso, e outra, o trabalho na terra, ao qual foi condenado depois do pecado. Mas, tendo sido acrescentado: para guardá-la, ficou indicada a característica desse trabalho. Com efeito, na tranquilidade da vida feliz, quando não existe a morte, todo trabalho consiste em guardar o que se possui. Recebe também o preceito, sobre o qual falamos acima³⁴. Este preceito permite que se deduza que não se refere a um dia determinado, pois assim diz: No dia em que comeres, morrerás³⁵. E começa a exposição de como foi feita a mulher, e diz que foi feita como auxiliar do homem, de tal modo que da união espiritual nascesse uma prole espiritual, ou seja, boas obras de louvor a Deus; pois, quando aquele governa, esta obedece; aquele é dirigido pela sabedoria, esta pelo homem, Cristo é a cabeça do homem, e o homem é a cabeça da mulher³⁶. Por isso diz: Não é bom que o homem esteja só³⁷. Com efeito, faltava algo para ser feito, para que não apenas a alma dominasse o corpo, pois o corpo tem o papel de servir, mas também a razão viril submetesse a si sua parte animal e mediante a auxiliar dominasse o corpo. Para isso mostrar, foi feita a mulher, que pela ordem devida está submetida ao homem, a fim de que o que se mostra com evidência em dois seres humanos, ou seja, no homem e na mulher, também se possa considerar num só homem. Assim, a mente interior, como razão superior, mantenha sujeito o apetite da alma, por meio da qual agimos com os membros do corpo, e imponha por uma lei justa o modo de agir à sua auxiliar, assim como o homem deve governar a mulher e não lhe permitir que domine sobre o homem. Onde isso acontece, a casa se perverte e se torna infeliz.

16. Portanto, primeiramente Deus mostrou ao homem quanto ele é melhor que os animais domésticos, e todos os animais irracionais, e isso é o que significa o que foi dito, ou seja, que todos os animais foram levados à sua presença para que ele visse como os haveria de chamar e lhes impusesse nomes. Nesse fato transparece que o homem pela sua razão é melhor que os animais, porque diferenciá-los e separá-los por nomes somente o pode a razão, que tem o poder de julgar sobre esse assunto. Este raciocínio é fácil, pois o homem compreende logo que é melhor que os animais. É difícil o raciocínio pelo qual deve compreender que nele uma coisa é a razão que governa, e outra, o animal que é

CAPÍTULO XII

O significado do sono de Adão e sua união com Eva

Porque o homem percebe estas coisas por um conhecimento mais íntimo, creio que a mesma visão interna é significada pelo termo “sono” que Deus infundiu em Adão, quando lhe foi criada a mulher. Para ver isso, não há necessidade destes olhos corporais, mas quanto mais um se afasta das coisas visíveis para as interiores da inteligência (isto é como que dormir), tanto melhor e mais claramente o percebe. Pois este conhecimento, pelo qual se compreende que uma coisa é o que se governa pela razão, e outra o que obedece à razão, este conhecimento, repito, é como a criação da mulher realizada de uma costela do homem, para significar a união. Depois, para que cada um domine retamente esta sua parte e se torne como que conjugal em si mesmo a fim de que a carne não tenha desejos contra o espírito, mas se submeta ao espírito, ou seja, a concupiscência carnal não contrarie a razão, mas, antes, deixe de ser carnal pela obediência, é necessária a sabedoria perfeita. A contemplação desta sabedoria, porque é interior e secreta e privada de todos os sentidos do corpo, pode ser entendida com propriedade pelo termo “sono”. Assim, pois, com toda razão o homem é a cabeça da mulher, enquanto que a cabeça do homem é Cristo, que é a Sabedoria de Deus³⁸.

17. Encheu com carne o lugar da costela. Isto tem sentido, ou seja, insinua com o termo “carne” o afeto do amor, pelo qual cada um ama sua alma; e não é insensível a ponto de desprezá-la, pois cada um ama a quem preside. A carne não foi mencionada nesta passagem para significar a concupiscência carnal, mas, antes, no mesmo sentido usado pelo profeta, o qual afirma que o coração de pedra será retirado do povo, para lhe ser dado em coração de carne³⁹. No mesmo sentido diz também o Apóstolo: Não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações⁴⁰. De fato, um é o modo próprio de expressar, e outro o figurado, como é este que agora estamos empregando. Por isso, embora tenha sido criada primeiramente pelo Senhor Deus uma mulher visível, do corpo do homem conforme a história, não aconteceu assim sem outro motivo senão para declarar alguma coisa oculta. Com efeito, acaso veio a faltar o limo com o qual formasse a mulher, ou se Deus quisesse, não poderia retirar sem dor uma costela do homem acordado? Portanto, se estas coisas foram ditas no sentido figurado, ou se foram feitas também figurativamente, não se disse ou se fez em vão desse modo. São claramente mistérios e sacramentos a serem interpretados e entendidos de acordo com a fé autêntica, sejam eles explicados desse modo conforme permite nossa limitação, seja de algum outro modo melhor.

CAPÍTULO XIII

O matrimônio espiritual no homem

18. Chamou o homem sua mulher, como um superior a um inferior, e lhe disse: Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne, Osso de meus ossos, devido talvez à fortaleza; e carne de minha carne⁴¹, devido à temperança. Estas duas virtudes, conforme se ensina, dizem respeito à parte inferior da alma, que a prudência carnal governa. E o que foi dito: Ela será chamada mulher, porque foi tirada do homem⁴², fala da origem do nome, mas não se encontra seu significado no vernáculo. Dizem que na língua hebraica soa como se tivesse dito: “Esta chamar-se-á “virago”, porque foi tirada de seu varão. Com efeito, virago ou virgem tem alguma semelhança com o termo “varão”, mas “mulher” não tem. Mas isso, conforme eu disse, o faz a diversidade de línguas.

19. O que foi acrescentado: O homem deixará o pai e a mãe, e se unirá à sua mulher, e eles serão dois

em uma só carne⁴³, não percebo como se possa referir à história, a não ser porque isso acontece muitas vezes no gênero humano. Mas é toda uma profecia, da qual se lembra o Apóstolo, ao dizer: Por isso deixará o homem o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois em uma só carne. É grande este mistério: refiro-me a Cristo e à Igreja⁴⁴. Se os maniqueus, que enganam a muitos servindo-se das Cartas Apostólicas, lessem estas palavras, não como cegos, entenderiam como se devem interpretar as Escrituras do Antigo Testamento, e não ousariam criticar com palavras tão sacrílegas o que ignoram. O fato de estarem nus Adão e sua mulher, e não se envergonharem, significa a simplicidade e a castidade da alma. Pois também o Apóstolo diz assim: Eu vos desposi a um só homem, apresentando-vos a Cristo, como virgem pura. Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam, desviando-se da simplicidade e castidade devida a Cristo⁴⁵.

CAPÍTULO XIV

A serpente representa o diabo; Eva simboliza o feto

20. A serpente significa o diabo, o qual certamente não era ingênuo. Pois, pelo fato de se chamar o mais sábio de todos os animais, insinua sua astúcia. Não foi dito que havia uma serpente no paraíso, mas que existia a serpente entre os animais que Deus criou. Com efeito, o paraíso simboliza a vida feliz, como eu disse acima⁴⁶, na qual não existia a serpente, pois já era o diabo, e despencara de sua bem-aventurança, porque não perseverou na verdade. Não deve causar admiração o ter podido falar com a mulher, estando ela no paraíso e a serpente não. Porque ou ela não estava no paraíso, considerando-o como um lugar, mas, antes, como o gozo da felicidade; ou seria talvez, o lugar, que se denomina paraíso, no qual Adão e sua mulher habitavam corporalmente, e então devemos entender a aproximação do diabo em figura corporal? Não, certamente, mas devemos entender espiritualmente, como diz o Apóstolo: Conforme o Príncipe do poder do ar, o espírito que agora opera nos filhos da incredulidade⁴⁷. Acaso lhes aparece de modo visível, ou, como que em lugares corporais, se aproxima daqueles nos quais age? Não, certamente, mas de modo admirável lhes sugere por meio de pensamentos tudo o que pode. Resistem a estas sugestões aqueles que dizem com sinceridade o que também o Apóstolo diz: Não ignoramos as suas astúcias⁴⁸. Com efeito, como se aproximou de Judas, quando o persuadiu a entregar o Senhor? Acaso deixou-se ver em algum lugar ou por estes olhos? Não foi assim, mas, como foi dito, entrou em seu coração⁴⁹. O homem pode repeli-lo, se guardar o paraíso. Pois, Deus pôs o homem no paraíso para trabalhá-lo e guardá-lo, e neste sentido se diz da Igreja nos Cânticos dos Cânticos: Jardim fechado, fonte lacrada⁵⁰, na qual certamente não é admitido o que persuade a maldade. Engana por meio da mulher, pois também nossa razão não pode ser levada ao consentimento no pecado, a não ser quando o prazer for levado à parte da alma que deve obedecer à razão, como ao homem que governa.

21. Mesmo agora, em cada um de nós, quando alguém resvala para o pecado, não acontece coisa diferente, ou seja, naquela ocasião houve a ação de três: da serpente, da mulher e do varão. Primeiramente acontece a sugestão ou por meio do pensamento, ou pelos sentidos corporais, ou vendo ou tocando ou ouvindo ou saboreando ou percebendo odores. Apresentada a sugestão, se nosso desejo não se mover para o pecado, a astúcia da serpente é rechaçada, mas se se mover, assim como aconteceu à mulher, já teve lugar a persuasão. Às vezes a razão refreia e reprime virilmente até mesmo o desejo despertado. Quando assim acontece, não se resvalará para o pecado, mas somos coroados devido a tão grande luta. Mas, se a razão consentir, e decide pôr em prática o que a concupiscência sugeriu, o homem é expulso, como que do paraíso, de toda vida feliz. Pois já se imputa

o pecado, mesmo que não passe para a prática da ação, porque a consciência se tornou ré pelo consentimento.

CAPÍTULO XV

Como acontece a tentação

22. Vamos examinar cuidadosamente como a serpente persuadiu ao pecado, pois isso tem muito que ver com a nossa salvação. Com efeito, tudo isso foi escrito para que nos acautelemos. Como, depois de serem interrogados, a mulher tivesse respondido que assim lhes fora ordenado, disse a serpente: Não morrereis! Pois Deus sabia que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal⁵¹. Vemos por estas palavras que o pecado lhes foi persuadido por meio da soberba; pois está manifesto no que ela disse: Sereis como deuses. Pelo que foi dito: Pois Deus sabia que no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, o que se deve entender por estas palavras senão que lhes foi persuadido a não quererem estar sob o domínio de Deus e a ficarem antes sem o Senhor, sob seu próprio poder, de modo a não observarem sua lei? E que invejosos de si mesmos porque não eram senhores de si, não necessitavam daquela luz interior, e se valeriam de sua própria providência, como de seus olhos, para discernirem o bem e o mal, o que Deus lhes tinha proibido? Portanto, foram persuadidos a amarem em demasia seu próprio poder e a quererem ser iguais a Deus, usando mal, ou seja, contra a lei de Deus, daquela situação intermediária pela qual estavam sujeitos a Deus e lhe tinham submetidos seus corpos. E assim perderiam o que tinham recebido ao quererem usurpar o que não tinham recebido. Com efeito, a natureza do homem não recebeu a possibilidade de ser feliz por seu próprio poder sem o governo de Deus, pois somente Deus pode ser feliz por seu próprio poder, sem que haja alguém que o governe.

23. E continua a Escritura: A mulher viu que a árvore era boa para comer e boa para a vista e o conhecimento⁵². Como era possível que visse, se os olhos estavam fechados? Isso foi dito para que entendêssemos que os olhos ficaram abertos depois que comeram daquele fruto, com os quais passaram a perceber que estavam nus, e se envergonharam de si mesmos, ou seja, estavam abertos os olhos da astúcia aos quais desagrada a inocência. Com efeito, quando alguém se desvia daquela luz da verdade, íntima e deveras secreta, nada há de que se queira agradar a soberba, senão dos fingimentos fraudulentos. Daí nasce também a hipocrisia pela qual parecem a si mesmos muito cordatos aqueles que conseguiram enganar e fraudar a quem bem quiseram. A mulher deu o fruto a seu marido, e comeram e se abriram seus olhos, dos quais já se falou. E então perceberam que estavam nus, mas com olhos maldosos, com os quais lhes parecia deverem envergonhar-se daquela inocência, significada pelo termo nudez. Assim, como já não eram inocentes, entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram, como que cobrindo as partes vergonhosas, ou seja, escondendo sua inocência, da qual se envergonhava a astuta soberba. As folhas de figueira significam um certo prurido, se é que fica bem dizê-lo a respeito de coisas incorpóreas, do qual a alma padece de muitos modos pelo desejo e prazer de mentir. Daí também o costume de se denominar, em vernáculo, “mentirosos” os que gostam de gracejar. Mas nos jogos burlescos o fingimento é, certamente, o elemento dominante.

CAPÍTULO XVI

Significado das palavras: “Adão e Eva se esconderam” — O passeio e as perguntas de Deus

24. Quando Deus passeava no paraíso à tarde⁵³, isto é, quando vinha até eles para julgá-los, ouviram sua voz e se esconderam de sua presença. Ainda antes do castigo, passeavam no paraíso, isto é, como

se os preocupasse a presença de Deus, não mais estando firmes no seu preceito, e justamente à tarde, quando o sol já se ia ocultando, ou seja, quando era-lhes retirada a luz interior da verdade. Quem se esconde do olhar de Deus senão aquele que, tendo-o abandonado, passa a amar o que lhe é próprio? Já se encontravam, pois, cobertos com as vestes da mentira, e o que profere mentiras, fala do que lhe é próprio⁵⁴. Por isso está escrito que se escondem junto à árvore que estava no meio do paraíso, ou seja, junto a si mesmos que foram estabelecidos no meio das criaturas, abaixo de Deus e acima das coisas corporais. Portanto, esconderam-se junto a si mesmos para serem perturbados por seus erros infelizes, depois de abandonarem a luz da verdade, pois isso eles não eram. Com efeito, a alma humana pode ser participante da verdade, mas a própria verdade é Deus que é imutável acima dela. Mas quem se apartou dessa verdade e se voltou para si mesmo e se alegra, não por ter a Deus como orientador e iluminador, mas se alegra de seus movimentos livres, torna-se tenebroso devido à mentira. Pois o que profere mentiras, fala do que lhe é próprio, e desse modo se perturba e põe de manifesto a sentença do profeta que disse: Minha alma perturbou-se em mim⁵⁵. Assim, Adão é interrogado, não como se Deus ignorasse onde estava, mas obrigando-o a confessar seu pecado. Também o Senhor Jesus Cristo não ignorava muitas coisas sobre as quais interrogava. Adão respondeu, depois de ouvir a voz de Deus, que se escondera por estar nu, como se o nu pudesse desagradar a Deus, ou seja, como ele o criara. Isso é próprio do erro, ou seja, pensar que o que desagrada a alguém, isso desagrada a Deus. Mas é preciso perceber o sentido elevado do que Deus disse: E quem te fez saber que estavas nu, a não ser porque comeste daquela árvore da qual te disse que somente dela não comerias e entretanto comeste⁵⁶? Com efeito, estava nu devido ao fingimento, mas estava vestido com a luz divina. Por isso, apartando-se de Deus e voltando-se para si mesmo, e este é o significado de ter comido daquela árvore, percebeu sua nudez e desagradou a si mesmo porque não tinha nada que lhe fosse próprio.

CAPÍTULO XVII

Rejeição da culpa e castigo da serpente

25. Em seguida, consoante o costume da soberba, não se acusa de ter consentido na insinuação da mulher, mas passa a sua culpa para a mulher. E assim, com sutileza, com a astúcia que o infeliz imaginara, quis imputar ao próprio Deus o fato de ter pecado. Com efeito, não disse: “A mulher deu-mo”, mas acrescentou, dizendo: A mulher que me deste⁵⁷. Nada há mais comum aos que pecam do que querer atribuir a Deus os pecados de que são acusados. Isso nasce daquela veia da soberba, pois, logo que o homem peca, ao querer ser igual a Deus, ou seja, ficar livre de seu domínio do mesmo modo que Deus é livre de todo domínio, pois é o Senhor de todos, e não conseguindo ser igual a ele em majestade, já caído e jazendo em seu pecado, esforça-se para torná-lo igual a si ou, antes, quer mostrar que Deus pecou e que ele é inocente. E a mulher, ao ser interrogada, passa a culpa para a serpente, como se ele recebera a esposa para obedecer a ela e não para torná-la obediente a si; ou se ela não pudera guardar o preceito de Deus antes que acolher palavras da serpente.

26. A serpente não é interrogada, mas recebeu imediatamente o castigo, pois não pode confessar o pecado e nem pode apresentar desculpas. Não se trata da condenação do diabo que é reservada para o último juízo, sobre a qual fala o Senhor, ao dizer: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos⁵⁸, e sim daquele castigo do qual nos devemos precaver. O castigo que lhe é imposto é manter sob seu poder aqueles que menosprezam os preceitos de Deus. Isso se explica pelas palavras com que é proferida a sentença contra ele. Por isso, é um castigo maior porque se alegra com este tão infeliz poder, ele que, antes de cair, costumava alegrar-se com a verdade eterna, na qual não permaneceu. Por isso, até mesmo os animais lhe são antepostos, não em poder,

mas na conservação da natureza, porque os animais não perderam nenhuma bem-aventurança celeste, que nunca possuíram, mas passam a vida conservando a mesma natureza que receberam. Portanto, disse Deus à serpente: Rastejarás sobre teu peito e teu ventre⁵⁹, o que certamente se observa na serpente. Esta expressão é uma figura que se aplica a este nosso inimigo invisível a partir desse animal visível. Assim, o termo “peito” é figura da soberba, pois nele reside o arrebatamento da alma e o termo “ventre” significa o desejo carnal, pois nesta parte do corpo se faz sentir mais a indolência. E como com estas partes o demônio se arrasta para junto dos que quer enganar, por isso foi dito: Caminharás sobre teu peito e teu ventre.

CAPÍTULO XVIII

Inimizade entre a serpente e Eva

27. Disse Deus: E comerás terra todos os dias de tua vida⁶⁰, ou seja, todos os dias em que exerceres esse poder antes do último castigo do juízo, pois parece ser esta a vida que lhe dá alegria e glória. Portanto, comerás terra pode ter duas interpretações: ou pertencerão a ti os que enganares com desejos terrenos, isto é, os pecadores, que são significados pelo termo “terra”, ou é figura de uma terceira espécie de tentação, ou seja, a curiosidade. Pois aquele que se alimenta de terra penetra no profundo e no tenebroso, mas temporal e terreno.

28. Não se estabelece hostilidade entre o diabo e o homem, mas entre ele e a mulher. Acaso porque não engana e tenta os homens? É claro que os engana. Ou, talvez, porque não enganou a Adão, mas a sua mulher? Acaso não é por isso inimigo daquele a quem chegou o engano por meio da mulher e, principalmente, porque se fala de um tempo futuro: Porei inimizade entre ti e a mulher?⁶¹ Se entendermos que depois não enganou a Adão, também não enganou a Eva depois. Por que, então, assim se expressa senão para se mostrar claramente que não podemos ser tentados pelo diabo a não ser por aquela parte animal sobre a qual já falamos muitas coisas e que apresenta num só homem a imagem ou modelo da mulher? O fato de estabelecer hostilidade entre a descendência do diabo e a descendência da mulher significa a sugestão para o mal na descendência do diabo, mas pela descendência da mulher significa o fruto da boa obra, pelo qual resiste à sugestão para o mal. E por isso, o diabo vigia o calcanhar da mulher para dela se apoderar quando ela resvalar para o prazer ilícito; e ela vigia a cabeça do diabo para o repelir no mesmo instante da persuasão maligna.

CAPÍTULO XIX

Os castigos infligidos à mulher

29. A respeito do castigo imposto à mulher não há controvérsia alguma, pois se sabe que é vítima de múltiplas dores e gemidos no meio das calamidades da vida. E o fato de dar à luz no meio de dores, embora se cumpra na mulher visível, a consideração deve-se voltar para aquela mais oculta. Também entre os animais as fêmeas parem filhotes com dor, e esta dor é neles antes uma condição de sua mortalidade que castigo de pecado. Portanto, pode acontecer que nas mulheres seja esta a condição dos corpos mortais. Mas, este é o grande sofrimento que proveio daquela imortalidade para a atual mortalidade dos corpos. Entretanto, é grande o mistério desta sentença, porque não existe nenhuma abstinência de desejo carnal que não acarrete dor no seu início, até que o costume se dirija para algo melhor. Isso, quando acontece, é como se nascesse um filho, ou seja, o afeto foi preparado para a boa obra mediante o bom costume. Para nascer este costume, foi preciso que lutasse com dor contra o mau costume. Isso também foi dito depois de falar do parto: Teu desejo te impelirá para o teu marido e ele

te dominará⁶², acaso muitas ou quase todas as mulheres não dão à luz estando ausentes os maridos e, depois do parto, não se voltam para eles? As mulheres soberbas e que dominam seus maridos, acaso depois do parto ficam isentas deste vício de tal modo que seus maridos as dominem? Ao contrário, acreditam que lhes foi acrescentada uma dignidade pelo fato de se tornarem mães e muitas vezes se mostram mais soberbas. Depois de ter dito: Na dor darás à luz filhos, o que quer dizer o que foi acrescentado: Te converterás para o teu marido e ele te dominará?, se não é porque aquela parte da alma, que é dominada pelos gozos carnis, quando quer vencer um mau hábito, ao encontrar dificuldades e dores, gera um bom hábito e então com mais cuidado e diligência obedece à razão como a seu marido? E assim dá à luz um bom hábito. E instruída desse modo pelas próprias dores, se volta novamente para a razão e com prazer serve ao que manda, para não cair novamente em algum pernicioso hábito? Estas coisas, que parecem maldições, são preceitos, se deixamos de ler as coisas espirituais segundo a carne, pois a lei é espiritual⁶³.

CAPÍTULO XX

O castigo infligido ao varão

30. O que dizer da sentença proferida contra o homem? Acaso, talvez aos ricos, aos quais chega facilmente o alimento e que não trabalham a terra, acaso se há de pensar que se eximiram desde castigo, que assim é descrito: Maldita será a terra para ti em todos os teus trabalhos! Na tristeza e nos gemidos dela comerás todos os dias de tua vida. Ela produzirá para ti espinhos e cardos, e comerás o alimento de teu campo. Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retournes à terra da qual foste tirado. Pois, tu és terra e à terra irás⁶⁴? É evidente, sem dúvida, que ninguém se livra desta sentença. Pois pelo fato de todos nascerem nesta vida, todos sentem dificuldade em encontrar a verdade por causa do corpo corruptível, conforme diz Salomão: Um corpo corruptível pesa sobre a alma e esta habitação terrena oprime a mente pensativa⁶⁵. São as mesmas as dificuldades e tristezas que o homem sofre, provenientes da terra; e os espinhos e os cardos são as punções dos assuntos complicados ou preocupações sobre o aprovisionamento desta vida. Muita vezes, se não os extirpamos e lançamos para fora do campo de Deus, sufocam a palavra, para que não frutifique, conforme diz o Senhor no Evangelho⁶⁶. E porque na necessidade somos admoestados a respeito da mesma verdade por meio destes olhos e destes ouvidos, e é difícil resistir às ilusões que entram para dentro da alma mediante estes sentidos, embora por meio deles entre também o aviso da verdade, nesta perplexidade, que rosto não há de suar para comer seu pão? É isso que havemos de sofrer todos os dias de nossa vida, isto é, desta vida que haverá de passar. E isso foi dito àquele que cultivar seu campo, porque padece tudo isso até retornar à terra da qual foi tirado, ou seja, até terminar esta vida. Pois aquele que cultivar esse campo interior e conseguir seu pão, embora com trabalho, pode sofrer este trabalho até o fim desta vida. Depois desta vida não é preciso que sofra. Mas aquele que talvez não cultivar o campo e permitir que os espinhos o sufoquem, tem nesta vida a maldição de sua terra em todos os seus trabalhos, e terá depois desta vida o fogo da purificação ou o castigo eterno. Desse modo, escapa dessa sentença, mas é preciso proceder de modo a suportá-las apenas nesta vida.

CAPÍTULO XXI

O nome “Vida” imposto por Adão à sua mulher — O significado das túnicas de peles

31. Quem não há de estranhar que, depois do pecado e da sentença do juízo de Deus, Adão dê à sua mulher o nome “Vida”, por ser a mãe de todos os viventes, e após ter merecido a morte e ser destinada a dar à luz filhos mortais, senão porque a Escritura considera que, quando der à luz os filhos no meio

de dores, então, acontecerá a volta para seu marido e ele a dominará? Sobre esses filhos já se falou acima. Portanto, ela é a vida e a mãe de todos os vivos. Com efeito, uma vida em pecados a Escritura costuma denominar morte, como o Apóstolo afirma que está morta a viúva que vive no meio de prazeres⁶⁷; e lemos que pelo termo “morto” se designa o próprio pecado: O que se purifica por um morto e de novo o toca, que proveito tira de sua ablução? Assim é quem jejua por seus pecados, depois vai e comete-os de novo⁶⁸. Em lugar de pecado afirmou “morto”, mas pôs abstinência e jejum do pecado como “ablução”, ou seja, a purificação por um morto; mas voltar ao pecado é como tocar novamente o morto. Por que não se há de denominar “vida” a nossa parte não animal que deve obedecer à razão, como a mulher ao homem, quando pela mesma razão conceber da palavra da vida a prole do viver retamente; e quando pelo parto da abstinência, embora com dores e gemidos, resistindo ao mau hábito, der à luz o bom hábito para praticar o bem, por que não denominá-la mãe dos viventes, ou seja, das boas ações, às quais são contrários os pecados, os quais, conforme ensinamos, podem ser denominados “mortos”?

32. Essa morte, que todos nós, os nascidos de Adão, passamos a dever à natureza, com a qual Deus ameaçou ao dar o preceito de não comer do fruto daquela árvore, essa morte está figurada nas túnicas feitas de peles. Eles fizeram para si túnicas com folhas de figueira, e Deus lhes fez túnicas de peles, ou seja, eles apeteram o prazer de mentir repudiando a beleza da verdade, e Deus transformou seus corpos nesta mortalidade da carne, onde se ocultam os corações mentirosos. Com efeito, não se há de crer que naqueles corpos celestes possam estar ocultos os pensamentos, assim como estão ocultos nestes corpos mortais. Mas como alguns movimentos da alma se manifestam no rosto, principalmente nos olhos, assim também não creio que absolutamente todos os movimentos da alma se ocultem na agudeza e simplicidade dos corpos celestes. Assim, merecerão aquela morada e a transformação para a forma angélica que mesmo nesta vida, embora tenham o poder de ocultar mentiras sob túnicas de peles, contudo as odeiam e delas se precavem pelo ardentíssimo amor à verdade, e somente escondem, sem mentir em nada, aquilo que aqueles que ouvem não podem tolerar. Virá o tempo em que nada se ocultará, pois nada há de encoberto que não venha a ser descoberto⁶⁹. Adão e Eva permaneceram no paraíso, ainda que sentenciados pela condenação de Deus, até que chegaram às túnicas feitas de peles, ou seja, à mortalidade desta vida. Com que melhor indício se pode significar a morte, que experimentamos no corpo, do que pelas peles que se costuma retirar dos animais mortos? Portanto, quando apetece ao homem ser Deus, contra o preceito e não por uma imitação legítima, mas por soberba ilícita, é rebaixado até a mortalidade dos animais. Por isso, a lei divina se mofa dele pela boca de Deus; por esta mofa somos advertidos a nos precaver o máximo que pudermos contra a soberba.

CAPÍTULO XXII

Alegoria sobre a expulsão de Adão

33. Eis que Adão se tornou como um de nós pela ciência do discernimento do bem e do mal⁷⁰. Esta expressão ambígua é uma figura, pois, ser como um de nós pode ter duas interpretações: ou ser como um de nós se interpreta: se tornou como o próprio Deus, o que seria uma injúria. Assim, quando se diz: “um dos senadores”, o sentido é: “um verdadeiro senador”. Ou, certamente, porque também seria Deus, ainda que por favor de seu Criador, não por natureza, se tivesse querido permanecer sob o poder divino. Então foi dito: um ex-nós, assim como se diz dos ex-cônsules, ou ex-procônsules, referindo-se àqueles que já não o são. Mas, por que se tornou um “ex-nós”? Pela ciência do discernimento do bem e do mal, para que, ao perceber o mal, aprendesse por experiência o que Deus conhece por sua sabedoria, e aprendesse que seu castigo era inevitável porque ele não quis tolerar sendo feliz e

voluntariamente o domínio de Deus.

34. E para que Adão não estendesse a mão para a árvore da vida e vivesse para sempre, Deus o expulsou do paraíso⁷¹. Está dito com propriedade: expulsou e não “excluiu”, para que, devido ao peso de seu pecado, se visse obrigado a buscar um lugar que lhe fosse adequado. Disso é também vítima muitas vezes o homem mau quando passa a viver entre os bons, se não quiser mudar-se para melhor. É expulso do grupo dos bons pelo peso de seus maus hábitos, e os bons não o excluem com resistência por parte dele, mas o afastam porque ele deseja. Mas, o que foi dito: Que agora ele não estenda a mão e colha também da árvore da vida, é também uma expressão ambígua. Com efeito, falamos assim quando dizemos: “De tal modo te advirto que não faças novamente o que fizeste”, querendo certamente que ele não o faça; ou então assim: “De tal modo te advirto pensando que talvez já sejas bom”, querendo que o seja; isto é: “Eu te chamo a atenção, não perdendo a esperança de que venhas a ser bom”. Assim fala o Apóstolo quando diz: Na expectativa de que Deus lhes dará não só a conversão para o conhecimento da verdade⁷². Portanto, pode-se ver a causa pela qual o homem foi lançado para os trabalhos desta vida, ou seja, para que às vezes estenda a mão para a árvore da vida e viva para sempre. O estender a mão significa a cruz pela qual se recupera a vida eterna. Ainda que interpretemos daquele modo: “Para que não estenda a mão e viva para sempre”, não é um castigo injusto ter sido fechada a entrada para a sabedoria depois do pecado, até que pela misericórdia de Deus reviva no tempo determinado aquele que morreu, e seja encontrado o que estava perdido. Portanto, foi expulso do paraíso das delícias para trabalhar a terra da qual foi tirado, ou seja, para trabalhar neste corpo e nele colocar, se puder, o merecimento de ter voltado. E morou em frente ao paraíso na infelicidade, que é, sem dúvida, contrária à vida feliz. Julgo que a vida feliz está significada no termo “paraíso”.

CAPÍTULO XXIII

O significado do querubim e da espada de fogo

35. E colocou diante do jardim de Éden um querubim e a espada de fogo que se movia (expressão que se pode dizer num só termo: “versátil”), para guardar o caminho da árvore da vida⁷³. Como querem os tradutores das palavras hebraicas das Escrituras, “querubim” significa no vernáculo “plenitude da ciência”. E “espada de fogo versátil” significa as penas temporais, pois os tempos se movem pela versatilidade. E denomina-se “de fogo” porque queima, como toda tribulação. Mas uma coisa é queimar-se para ser destruído, e outra é queimar-se para ser purificado. Também o Apóstolo diz: Quem cai, sem que eu também me abraze?⁷⁴. Este afeto mais o purificava, porque provinha da caridade. E as tribulações que os justos padecem dizem respeito à espada fulgurante: Pois o ouro e a prata se provam no fogo, e os eleitos, no cadinho da humilhação⁷⁵. E novamente: O forno põe à prova as vasilhas de barro, e a prova da tribulação, os homens justos⁷⁶. Porque o Senhor corrige a quem ama, e castiga todo filho que acolhe⁷⁷; conforme diz o Apóstolo: Sabendo que a tribulação produz a paciência, a paciência, a prova⁷⁸. De acordo com o que lemos e ouvimos, devemos crer que a plenitude da ciência e a espada fulgurante guardam a árvore da vida.

36. O sofrimento das incomodidades deve ser suportado nesta vida por quase todos os que se dirigem à árvore da vida. A plenitude da ciência, porém, chega para muito poucos, de tal modo que quase nenhum dos que chegam à árvore da vida, o faz pela plenitude da ciência, embora todos sintam os sofrimentos das incomodidades, ou seja, a chama da espada de fogo versátil. Se prestarmos atenção ao que diz o Apóstolo: A caridade é a plenitude da Lei⁷⁹, e se percebermos que a mesma caridade está contida no duplo preceito: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o

entendimento, e: Amarás o teu próximo como a ti mesmo: destes dois depende toda a Lei e os Profetas⁸⁰, entenderemos, sem dúvida, que se pode chegar à árvore da vida não somente pela espada de fogo versátil, ou seja, pelos sofrimentos das moléstias, mas também pela plenitude da ciência, ou seja, pela caridade, pois diz ele: Se não tivesse caridade, eu nada seria⁸¹.

CAPÍTULO XXIV

Adão é figura de Cristo e Eva, da Igreja

37. Prometi nesta dissertação apresentar uma reflexão sobre os fatos, que considero terminada, e em seguida, uma reflexão sobre o sentido profético, o que resta explicar, embora brevemente. Esta reflexão não nos prenderá muito tempo, uma vez que foi apresentado um ponto de partida muito claro, por onde se possa encaminhar o restante. Diz o Apóstolo que é um grande mistério o que foi dito: Por isso deixará o homem o seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e serão os dois uma só carne; o que ele mesmo interpreta, dizendo: Refiro-me a Cristo e à Igreja⁸². Portanto, o que pela história se cumpriu em Adão, pela profecia significa Cristo que deixou o Pai, quando disse: Saí do Pai e vim ao mundo⁸³. Não o disse pelo lugar, pois Deus não é contido em um lugar, nem pela expulsão devido a pecados, como os apóstatas abandonam a Deus; mas apareceu entre os homens na forma de homem, quando o Verbo se fez carne e habitou entre nós⁸⁴. Este fato não significa mudança na natureza de Deus, mas que assumiu a natureza da pessoa inferior, isto é, da humana. É a propósito também o que está escrito: Esvaziou-se a si mesmo⁸⁵, pois não apareceu entre os homens na mesma dignidade em que está junto ao Pai, favorecendo a fraqueza daqueles que ainda não tinham o coração puro para ver o Verbo no princípio junto a Deus⁸⁶. O que significa o que dissemos: “Deixou o Pai”, senão deixou de aparecer aos homens tal como é junto ao Pai? Deixou também a mãe, ou seja, a observância antiga e carnal da sinagoga, a qual era sua mãe pela descendência de Davi segundo a carne, e se ligou à sua esposa, isto é, à Igreja, para serem dois numa só carne. Por isso, diz o Apóstolo que ele é a cabeça da Igreja e que a Igreja é seu corpo⁸⁷. E ele também dormiu pelo sono da paixão para que lhe fosse formada a Igreja; essa dormição ele a canta pelo profeta que diz: Eu dormi e sonhei. Acordei e o Senhor me acolheu⁸⁸. Portanto, foi-lhe formada a esposa, a Igreja, de seu costado, ou seja, da fé da Paixão e do batismo. Pois, de seu costado perfurado pela lança manaram sangue e água⁸⁹. Nascido conforme eu disse acima, da estirpe de Davi segundo a carne, como diz o Apóstolo⁹⁰, ou seja, como que do limo da terra, não havendo homem algum para trabalhar a terra, pois homem algum operou na Virgem, da qual nasceu Cristo. Entretanto, uma fonte subia da terra e irrigava toda a superfície do solo⁹¹. “Superfície do solo”, ou seja, a dignidade da terra, representa a mãe do Senhor, a Virgem Maria, a qual foi irrigada pelo Espírito Santo, que no Evangelho é denominado pelos termos fonte e água⁹², a fim de que se formasse aquele homem que foi estabelecido no paraíso para trabalhá-lo e guardá-lo, ou seja, na vontade do Pai para cumpri-la e observá-la.

CAPÍTULO XXV

A serpente significa, principalmente, os hereges e os maniqueus

38. O mandato que Cristo recebeu nós recebemos nele, visto que cada cristão, com toda propriedade, incorpora Cristo no dizer do próprio Senhor: Cada vez que o fizestes a um desses meus mais pequeninos, a mim o fizestes⁹³. E oxalá gozássemos, como está mandado, de todas as árvores do paraíso, que significa delícias espirituais; o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, continência, como diz o Apóstolo⁹⁴; e não tocássemos a

árvore da ciência do bem e do mal plantada no meio do paraíso, ou seja, não nos ensoberbecêssemos por causa de nossa natureza, a qual, como já dissemos, é intermediária, para não experimentarmos, enganados, o que diferencia a simples fé católica e os embustes dos hereges! Assim chegaríamos ao discernimento do bem e do mal. É preciso, diz o Apóstolo, que haja até mesmo hereges entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados⁹⁵. Por isso, considerando o sentido profético, a serpente significa o veneno dos hereges e, principalmente, desses maniqueus e dos que se mostram contrários ao Antigo Testamento. Considero que nada há mais preanunciado de modo tão claro que esses, naquela serpente, ou melhor, que ela se deve evitar na pessoa deles. Com efeito, ninguém promete a ciência do bem e do mal com mais loquacidade e jactância do que eles e presumem que demonstrarão esse discernimento no próprio homem, como estava na árvore que foi plantada no meio do paraíso. E o que foi dito: Sereis como deuses⁹⁶, que outros o dizem com mais insistência que eles, os quais, pela sua soberba vaidade e se empenhando em persuadir a mesma soberba, afirmam que a alma é por sua natureza o mesmo que Deus? E a quem compete mais a abertura dos olhos carnis que a esses que, tendo rejeitado a luz interior da ciência, obrigam a adorar a este sol que se refere aos olhos do corpo? Sem dúvida, todos os hereges geralmente enganam com a promessa da ciência e criticam os que a encontraram apenas pela fé. E porque persuadem coisas totalmente carnis, intentam levá-los à abertura dos olhos carnis, de modo que fiquem cegos os olhos interiores.

CAPÍTULO XXVI

A serpente simboliza a heresia maniqueia

Desagradam-lhes até mesmo seus corpos, não devido à mortalidade, consequência do castigo que merecemos ao pecar, mas chegam a dizer que Deus não é o criador dos corpos, como se lhes desagradasse essa nudez aos olhos carnis abertos.

39. Nada mais fortemente os marca e aponta que o dito pela serpente: Não morrereis! Pois Deus sabia que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão⁹⁷. Eles acreditam que aquela serpente era Cristo e que é Deus não sei de que povo das trevas, conforme afirmam, e inventam que Deus deu aquele preceito, como se tivesse ciúme da ciência do bem e do mal nos homens. Desta opinião julgo que são também não sei que filhos da serpente (ofitas) que, conforme se conta, cultuam a serpente em lugar de cultuar a Cristo, sem ter em conta o que diz o Apóstolo: Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam⁹⁸. Creio que esses tais estão prefigurados nesta profecia. Mas, nossa concupiscência é seduzida pelas palavras desta serpente carnal, e por meio dela Adão é levado ao engano, não Cristo, mas o cristão. Este, se quisesse observar o preceito de Deus e vivesse com perseverança pela fé, até se tornar idôneo para entender a verdade, ou seja, se trabalhasse no paraíso e guardasse o que recebeu, não chegaria àquela deformidade, de tal modo que, desagradando-lhe a carne, como que sua nudez, acolheria, antes, as vestes carnis das mentiras, como se fossem folhas de figueira, com as quais faria para si uma túnica. Pois eles o fazem quando mentem a respeito de Cristo e pregam que Cristo proferiu mentiras; e se escondem da face de Deus, voltados para suas mentiras, desviados da Verdade, como diz o Apóstolo: Afastarão os seus ouvidos da verdade, e os converterão para as fábulas⁹⁹.

40. E aquela serpente, ou seja, o erro dos hereges, que ataca a Igreja, contra o qual o Apóstolo brada, ao dizer: Receio, porém, que, como a serpente seduziu Eva por sua astúcia, vossos pensamentos se corrompam¹⁰⁰, esse erro, repito, rasteja sobre o peito e o ventre, e come terra. Com efeito, não engana

a não ser ou os soberbos, que ouvem de bom grado que tudo o que praticam pela lascívia, não são eles que praticam, mas o povo das trevas; ou os curiosos que apreciam as coisas terrenas e investigam as coisas espirituais com olhos terrenos. Haverá inimizades entre este erro e a mulher, entre sua descendência e a descendência da mulher, se esta der à luz filhos, embora no meio de dores, e se voltar para seu marido, para que ele (Cristo) a domine. Então se poderá conhecer que uma parte em nós não é da natureza de Deus criador, e a outra parte, da natureza do povo das trevas, como eles afirmam; mas, antes, que vem de Deus tanto o que no homem lhe dá o poder de governar, como no inferior que deve ser governado, como diz o Apóstolo: Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus: mas a mulher, do homem. E o homem não foi criado para a mulher, mas a mulher para o homem. Sendo assim, a mulher deve trazer sobre a cabeça o sinal de sua dependência, por causa dos anjos. Por conseguinte, nem a mulher sem o homem, nem o homem sem a mulher, diante do Senhor. Pois, se a mulher foi tirada do homem, o homem nasce da mulher, e tudo vem de Deus¹⁰¹.

CAPÍTULO XXVII

Alegoria da queda e do castigo de Adão

41. Que Adão trabalhe no seu campo e, pelo fato de a terra lhe produzir espinhos e cardos, saiba que isso lhe acontece não devido à sua natureza, mas ao castigo; e não o atribua a não sei que povo das trevas, mas ao juízo divino; pois a norma da justiça é dar a cada um o seu. Ele dê à mulher o alimento celeste que recebeu de sua cabeça que é Cristo; não receba dela o alimento proibido, ou seja, o engano dos hereges com grande promessa de ciência e mesmo de resolução dos mistérios, com o que o erro se torna mais velado para favorecer o engano. Pois, a ambição soberba e curiosa dos hereges clama no livro dos Provérbios na imagem de uma mulher, e diz: Os ingênuos venham para cá; e exorta aos sem juízo, dizendo: O pão oculto é mais saboroso, a água roubada é mais doce¹⁰². No entanto, quando alguém acreditar nela, precedendo o prazer de mentir, o que o leva a acreditar que Cristo mentiu, é necessário que receba também a túnica de peles por um juízo divino. No termo “túnica de peles”, parece-me que na profecia significa não a mortalidade do corpo, que está simbolizada na história, sobre a qual já se tratou, mas significa os fantasmas formados pelos sentidos carnis, os quais fantasmas alcançam e cobrem, por lei divina, aquele que mente segundo a carne; por isso é expulso do paraíso, ou seja, da fé e da verdade católica, para morar em frente ao paraíso, ou seja, para contradizer a mesma fé. Esse tal, se um dia se voltar para Deus por meio da espada de fogo, ou seja, das tribulações temporais, reconhecendo e chorando seus pecados, e não mais imputando a culpa à natureza exterior a ele, que não existe, mas acusando a si mesmo em ordem a merecer o perdão e amando a Deus, que é imutável, de todo coração, de toda alma e de todo entendimento sobre todas as coisas mediante a plenitude da ciência, que é a caridade, e amando o próximo como a si mesmo, ele chegará à árvore da vida e viverá para sempre.

CAPÍTULO XXVIII

Refutação sucinta de cada uma das críticas dos maniqueus

42. O que tem eles a criticar nos livros do Antigo Testamento? Perguntem segundo seu costume e respondamos como Deus se dignar conceder-nos.
“Por que Deus fez o homem”, perguntam eles, “sabendo que ele iria pecar?” Porque do pecador poderia fazer muitas coisas boas, dirigindo-o de acordo com as normas de sua justiça, e porque a Deus em nada prejudicava o pecado do homem. Se não pecasse, não haveria a morte; e se pecou, outros mortais se corrigiriam por causa de seu pecado. Nada melhor para desviar os homens do pecado que o

pensamento da morte iminente.

“Deveria criá-lo sem a possibilidade de pecar?” Assim foi criado, ou seja, se não tivesse querido, não teria pecado.

“Não deveria permitir, dizem eles, que o diabo se aproximasse da mulher.” Pelo contrário, ela não deveria permitir que o diabo se aproximasse dela. Foi criada de tal modo que, se não quisesse, não permitiria.

“Não deveria ser criada”, dizem eles. É o mesmo que dizer que não se deveria fazer um bem, pois ela é certamente um bem e tão grande bem que o Apóstolo chegou a dizer que ela é a glória do homem. Além disso, tudo procede de Deus.

Perguntam novamente: “Quem criou o diabo?” Ele mesmo se criou, pois não foi feito diabo por natureza, mas pelo pecado.

“Mas”, dizem eles, “Deus não deveria criá-lo, se sabia que haveria de pecar.” Pelo contrário, por que não o criaria, se corrige a muitos pela sua justiça e providência, servindo-se do diabo? Por acaso não ouvistes o Apóstolo que diz: *Os quais entreguei a Satanás, a fim de que aprendam a não mais blasfemar*¹⁰³, e diz de si mesmo: *Para eu não me encher de soberba, foi-me dado um agulhão na carne — um anjo de Satanás para me bater*¹⁰⁴?

“Portanto”, dizem eles, “o diabo é bom porque é útil?” Pelo contrário, é mau enquanto é diabo, mas é bom e onipotente o Deus que faz muitas coisas boas e justas, servindo-se da maldade do diabo. Com efeito, não se imputa ao diabo, senão sua vontade, pela qual procura fazer o mal; e à divina Providência, o bem que faz por meio dele.

CAPÍTULO XXIX

Oposição dos dogmas da Igreja aos erros dos maniqueus

43. Finalmente, tendo em conta que nossa questão com os maniqueus é sobre religião, e é uma questão religiosa o que se deve pensar piedosamente sobre Deus, porque não podem negar que o gênero humano está mergulhado na miséria dos pecados, eles dizem que a natureza de Deus se encontra na miséria. Nós negamos e dizemos que se encontra na miséria a natureza que Deus criou do nada e que ela chegou a esse ponto, não obrigada, mas pela própria vontade de pecar.

Eles dizem que a natureza de Deus é obrigada pelo próprio Deus a fazer penitência de seus pecados. Nós negamos e dizemos que a natureza que Deus criou do nada, depois de ter pecado, é obrigada à prática da penitência pelos pecados.

Eles dizem que a natureza de Deus recebeu do próprio Deus o perdão. Nós negamos e dizemos que a natureza, que Deus criou do nada, se se converter de seus pecados para seu Deus, receberá o perdão dos pecados.

Eles dizem que a natureza de Deus é necessariamente mutável. Nós negamos e dizemos que a natureza que Deus criou do nada sofreu mudança por sua própria vontade.

Eles dizem que os pecados alheios prejudicam a natureza de Deus. Nós negamos e dizemos que os pecados não prejudicam nenhuma natureza a não ser a deles; e acrescentamos que em Deus há tanta bondade, tanta justiça, tanta incorrupção, que nem peca nem ele prejudica a alguém que não queira pecar, nem a ele alguém que queira pecar.

Eles dizem que existe a natureza do mal, à qual Deus foi obrigado a entregar parte de sua natureza para ser atormentada. Nós dizemos que mal nenhum é natural, mas que todas as naturezas são boas, e que Deus é a natureza mais excelente e que as demais são natureza por ele; e que todas são boas enquanto são, porque Deus fez todas as coisas muito boas, mas ordenadas em graus que as

diferenciam, de modo que uma coisa seja melhor que uma outra. E assim se completa com toda a espécie de bens este universo que, com alguns bens perfeitos, outros imperfeitos, é todo ele perfeito, e Deus, seu criador e administrador, não cessa de governá-lo com normas de justiça; ele que faz boas todas as coisas por sua vontade de nenhum mal padece necessariamente. Sua vontade, excede todas as coisas e de forma alguma sente algo contra sua vontade.

Portanto, dizendo eles umas coisas e nós, outras, cada um escolha o que deva seguir. O que disse de boa fé diante de Deus, eu o expus como me parecia sem qualquer pretensão de disputa, sem qualquer dúvida acerca da verdade e sem qualquer prevenção contra uma exposição mais cuidadosa.

[1](#) Cf. Mt 7,7.

[2](#) Gn 2,5.

[3](#) Cf. Livro I,23-42.

[4](#) Mt 13,38.

[5](#) Gn 2,5.

[6](#) Gn 2,6.

[7](#) Sl 141,6.

[8](#) Eclo 10,12.

[9](#) Eclo 10,9.

[10](#) Jo 4,14.

[11](#) Gn 2,5.

[12](#) Gn 3,23.

[13](#) Cf. Cap. 22.

[14](#) Cf. 1Cor 13,8-12.

[15](#) Gn 2,6.

[16](#) Gn 2,4.

[17](#) Gn 2,5.

[18](#) Cf. Gn 2,7.

[19](#) Gn 2,7.

[20](#) Gn 1,27.

[21](#) Gn 2,7.

[22](#) Cf. 1Pd 2,22.

[23](#) Cf. Lc 23,43.

[24](#) 1Cor 15,44-46.

[25](#) Gn 2,7.

[26](#) Sl 33,15.

[27](#) Zc 12,1.

[28](#) 1Co 2,11.

[29](#) Jo 6,27.

[30](#) Cf. Fl 3,13.

[31](#) Sl 36,9.

[32](#) Cf. Lc 10,30.

[33](#) Cf. 2Cor 12,4.

[34](#) Cf. Cap. 9.

[35](#) Gn 3,4.

[36](#) 1Cor 11,3.

[37](#) Gn 2,18.

[38](#) Cf. 1Cor 1,24.

[39](#) Cf. Ez 11,19.

[40](#) 2Cor 3,3.

[41](#) Gn 2,23.

[42](#) Gn 2,22.

[43](#) Ef 5,31.

[44](#) Ef 5,31.32.

[45](#) 2Cor 11,2.3.

[46](#) Cf. cap. 9.

[47](#) Ef 2,2.

[48](#) 2Cor 2,11.

[49](#) Cf. Lc 22,3.

[50](#) Ct 4,12

[51](#) Gn 3,4-5.

[52](#) Gn 3,6.

[53](#) Cf. Gn 3,8.

[54](#) Cf. Jo 8,44.

[55](#) Sl 42,7.

[56](#) Gn 3,11.

[57](#) Gn 3,12.

[58](#) Mt 25,42.

[59](#) Gn 3,14.

[60](#) Gn 3,15.

[61](#) Gn 3,15.

[62](#) Gn 3,16.

[63](#) Cf. Rm 7,14.

[64](#) Gn 3,17-19.

[65](#) Sb 9,15.

[66](#) Cf. Mc 4,18.19.

[67](#) Cf. 1Tm 5,6.

[68](#) Eclo 34,30.31.

[69](#) Mt 10,26.

[70](#) Gn 3,22.

[71](#) Gn 3,23.

[72](#) 2Tm 2,25.

[73](#) Gn 3,24.

[74](#) 2Cor 11,29.

[75](#) Eclo 2,5.

[76](#) Eclo 27,5.

[77](#) Hb 12,6.

[78](#) Rm 5,3.4.

[79](#) Rm 13,10.

[80](#) Mt 22,37-40.

[81](#) 1Cor 13,2.

[82](#) Ef 5,31.32.

[83](#) Jo 16,28.

[84](#) Cf. Jo 1,14.

[85](#) Fl 2,7.

[86](#) Cf. Jo 1,1.

[87](#) Cf. Cl 1,18.

[88](#) Sl 3,6.

[89](#) Cf. Jo 19,34.

[90](#) Rm 1,3.

[91](#) Gn 2,6.

[92](#) Cf. Jo 7,39.

[93](#) Mt 25,40.

[94](#) Gl 5,22.23.

[95](#) 1Cor 11,19.

[96](#) Gn 3,5.

[97](#) Gn 3,4-5.

[98](#) 2Cor 11,3.

[99](#) 2Tm 4,4.

[100](#) 2Co 11,3.

[101](#) 1Co 11,7-12.

[102](#) Pr 9,16.17.

[103](#) 1Tm 1,20.

[104](#) 2Cor 12,7.

COMENTÁRIO LITERAL AO GÊNESIS, INACABADO

CAPÍTULO I

A fé católica

1. Os aspectos obscuros das coisas naturais, que consideramos terem sido criadas por Deus, artífice todo-poderoso, devem ser tratados não por meio de afirmações, mas de investigações. Principalmente com respeito aos livros que nos são recomendados pela autoridade divina. Afirmar temerariamente uma opinião insegura e duvidosa sobre esses livros dificilmente evita o pecado de sacrilégio. Entretanto, a dúvida no investigar não deve exceder os limites da fé católica. E porque muitos hereges têm o hábito de acomodar a explicação das divinas Escrituras à sua opinião contrária à doutrina católica, é necessário explicar sucintamente a fé católica antes de entrar no assunto deste Livro.

2. A fé católica é esta: que Deus Pai todo-poderoso criou e ordenou todas as criaturas por meio de seu Filho Unigênito, ou seja, sua Sabedoria e Poder, consubstancial e coeterno com ele, na unidade do Espírito Santo, também consubstancial e coeterno com ele. A doutrina católica ordena crer que esta Trindade é um só Deus e que ela fez e criou tudo o que existe, enquanto existe, de tal modo que toda criatura, seja intelectual ou corporal, ou, o que se pode dizer brevemente de acordo com as palavras das divinas Escrituras, visível ou invisível, foi criada não da natureza de Deus, mas do nada por Deus; e que nela nada existe que pertença à Trindade, exceto que a Trindade a criou e ela foi criada. Por isso não é lícito dizer ou crer que o conjunto das criaturas seja consubstancial e coeterno com Deus.

3. Eis porque são boas todas as coisas que Deus fez. Mas, as coisas más não são naturais, e tudo o que se denomina mal é pecado ou castigo do pecado. O pecado não é senão o consentimento vicioso da vontade livre ao nos inclinarmos àquelas coisas que a justiça proíbe, e das quais o homem é livre de se abster; ou seja, o mal não está nessas coisas, mas no seu uso não legítimo. O uso das coisas é legítimo, contanto que a alma permaneça na lei de Deus e esteja sujeita ao Deus único com um amor perfeito, e se sirva das demais coisas, que lhe estão sujeitas, sem cupidez e sem luxúria, ou seja, de acordo com o preceito de Deus. Desse modo a alma administrará as coisas sem dificuldade e sem fadiga e com a maior facilidade e felicidade. E o castigo do pecado consiste em a alma ser atormentada pelas criaturas que não a servem, se ela não serve a Deus; pois a criatura obedecia-lhe quando ela obedecia a Deus. Assim sendo, o fogo não é um mal porque é criatura de Deus, mas queima nossa fraqueza devido ao mérito do pecado. Denominam-se pecados naturais os que forçosamente cometemos antes que nos chegue a misericórdia de Deus, depois de termos caído nessa vida no pecado pelo livre-arbítrio.

4. Que o homem se renova pelo Senhor Jesus Cristo, visto que a própria Sabedoria de Deus, inefável e imutável, se dignou assumir plena e totalmente o homem, nascer da Virgem Maria por obra do Espírito Santo, ser crucificado, sepultado, ressurgir e subir ao céu, o que já aconteceu; e vir no fim do mundo para julgar os vivos e os mortos. E que creiamos na ressurreição dos mortos na carne, o que se anuncia como coisa futura, e que o Espírito Santo foi dado aos que nele creem, que ele instituiu a mãe Igreja, que se denomina católica, e por isso é universalmente perfeita, não comete erros e se difundiu por todo o universo; que os primeiros pecados são perdoados aos que se arrependem, e que há a promessa de uma vida eterna e do reino de Deus.

CAPÍTULO II

Os modos de expor a lei

5. De acordo com essa fé, vamos considerar neste Livro o que se pode investigar e discutir.

*No princípio, Deus fez o céu e a terra*¹. São quatro os modos que alguns tratadistas ensinam como devem ser explicados os assuntos referentes à Lei. Os termos que usam podem ser enunciados em grego, mas também ser traduzidos e explicados no vernáculo, isto é, de acordo com a história, a alegoria, a analogia e a etiologia. É história quando se narram fatos acontecidos, sejam divinos, sejam humanos. Alegoria, quando se interpretam as palavras no sentido figurado. Analogia, quando se demonstra a concordância entre o Antigo e o Novo Testamento. Etiologia, quando se apresentam as causas dos ditos e dos fatos.

CAPÍTULO III

No princípio, Deus fez o céu e a terra

6. Sobre o que está escrito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*, pode-se investigar se o texto deve ser entendido de acordo com a história, ou se significa também algo no sentido figurado e como se harmoniza com o Evangelho, e por qual motivo este livro começou assim. No sentido histórico, pode-se perguntar o que quer dizer: *No princípio*, ou seja, se no princípio do tempo ou no princípio, isto é, na Sabedoria de Deus, pois o próprio Filho de Deus se denominou princípio, quando lhe perguntaram: *Quem és tu?*, e ele respondeu: *O princípio, eu que vos falo*². Com efeito, há um Princípio sem princípio e há um Princípio com outro Princípio. Princípio sem princípio é somente o Pai e, por isso, cremos que todas as coisas procederam de um único princípio; mas o Filho é Princípio, procedendo do Pai. A primeira criatura intelectual pode também ser denominada princípio para as coisas das quais é cabeça e que foram criadas por Deus. E como com propriedade se denomina princípio a cabeça, o Apóstolo, numa graduação, não diz que a mulher seja cabeça de alguém. Também se denomina o homem cabeça da mulher e Cristo cabeça do homem e Deus, cabeça de Cristo³. Assim a criatura se une ao Criador.

7. Acaso foi dito: *No princípio*, porque foi o primeiro a ser feito? Ou, falando das criaturas, não puderam ser feitos o céu e a terra em primeiro lugar, se os anjos e todas as potestades intelectuais foram feitas antes? Com efeito, é preciso crer que os anjos são criaturas de Deus e que foram feitos por ele. O Profeta mencionou também os anjos no salmo 148, ao dizer: *Ele mandou e foram feitos, ele mandou e foram criados*⁴. Se os anjos foram criados em primeiro lugar, pode-se perguntar se foram criados no tempo ou antes de qualquer tempo ou no princípio do tempo. Se no tempo, então existia o tempo antes de os anjos serem criados; e como também o tempo é uma criatura, surge a necessidade de admitirmos a existência de algo antes da criação dos anjos. Se dissermos que foram criados no princípio do tempo, como nesse caso o tempo começaria com eles deve-se dizer que é falso o que alguns afirmam, ou seja, que o tempo começou com o céu e a terra.

8. Se os anjos foram criados antes que o tempo, pode-se perguntar por que foi dito depois: *Deus disse: “Que se façam luzeiros no firmamento do céu para que iluminem a terra e para separar o dia e a noite; que eles sejam sinais para os tempos, para os dias e os anos*⁵”. Pode-se ver neste texto que os tempos começaram depois que o céu e os luzeiros do céu começaram a se movimentar em seus determinados percursos. Se isso é certo, como puderam existir dias antes de existir o tempo, se o tempo começou com o percurso dos luzeiros, os quais foram criados no quarto dia, conforme está escrito? Ou essa distribuição dos dias foi ordenada de acordo com o costume da fragilidade humana, obedecendo à maneira de narrar e insinuar com simplicidade aos humildes as coisas sublimes, pela qual o discurso do narrador não pode conter senão algumas palavras, ou seja, as primeiras, as do meio

e as últimas? Ou foi dito que existissem luzeiros nesses tempos, que os homens medem pelos intervalos de demora no movimento do corpo? Pois estes tempos não existiriam, se não houvesse qualquer movimento dos corpos, mas antes são bem reconhecidos pelos homens. Se admitimos essa interpretação, é preciso perguntar se, sem o movimento dos corpos, é possível existir o tempo pelo movimento da criatura incorpórea, como é a alma ou a mente, pois ela, sem dúvida, se move em pensamentos e, com o movimento, tem um antes e um depois, o que não se pode conceber sem que haja um intervalo de tempo. Se o admitimos, pode-se aceitar que o tempo existiu mesmo antes do céu e da terra, caso os anjos tenham sido criados antes do céu e da terra. Com efeito, já existiam criaturas que constituem o tempo com movimentos incorpóreos, e com razão se entende que por elas o tempo já existia, como acontece com a alma que está habituada aos movimentos corporais por meio dos sentidos corporais. Talvez não os houvesse nas criaturas superiores e mais sublimes. Mas, seja como for (pois é algo muito secreto e impenetrável às conjeturas humanas), com toda certeza se deve aceitar pela fé, embora esteja acima da capacidade de nosso pensamento, que toda criatura tem um princípio e que o tempo é criatura e, por isso, teve um princípio e não é coeterno com Deus.

9. Pode-se considerar o céu e a terra como que representando o conjunto das criaturas, de tal modo que este firmamento visível etéreo e a criatura invisível das potestades sublimes foram denominados céu e terra, toda a parte inferior do mundo com os animais que a habitam. Ou toda criatura sublime e invisível foi denominada céu, e tudo o que é visível foi denominado terra, de modo que as palavras: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*⁶, podem significar o conjunto das criaturas? Talvez, não sem razão, todo visível é denominado terra em comparação com a criatura invisível, e esta, pelo nome céu. Pois a alma, que é invisível, quando se entumece pelo amor às coisas visíveis e se engrandece por tê-las conseguido, foi denominada terra, conforme está escrito: *De que se orgulha a terra e cinza?*⁷.

10. Pode-se perguntar se porventura se denominaram pelos termos “céu e terra” todas as coisas que foram diferenciadas e formadas, ou se deu os nomes de céu e terra àquela matéria informe de todas as coisas que se transformou nestas naturezas belas e formadas, ordenando-o Deus de modo inefável. Embora leiamos escrito assim: *Fizeste o mundo de matéria informe*⁸, essa matéria, de qualquer modo que exista, não podemos dizer que não foi criada por Deus, uma vez que confessamos e cremos que todas as coisas procedem dele, de modo a se chamar mundo à diversidade e à disposição de cada uma das coisas formadas e diferenciadas. A própria matéria foi denominada “céu e terra”, como que sendo a semente do céu e da terra; céu e terra misturados e confusos, aptos para receberem do artífice divino as formas devidas. Até agora indagamos sobre o que está escrito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*, pois não foi conveniente afirmar nada sobre isso temerariamente.

CAPÍTULO IV

A terra estava vazia e vaga

11. *Ora, a terra estava vazia e vaga, e as trevas cobriam o abismo, e o espírito de Deus pairava sobre as águas*⁹. Os hereges, que se opõem ao Antigo Testamento, costumam levantar críticas a esta passagem, ao dizerem: “Como é possível que Deus tenha feito o céu e a terra no princípio, se a terra já existia?”, não compreendendo que isso foi acrescentado para explicar qual fosse a terra da qual já se tinha dito: *Deus fez o céu e a terra*. Portanto, assim se deve entender: no princípio, Deus fez o céu e a terra; mas esta terra, que Deus fez, era invisível e vaga até ser por ele diferenciada e formada do caos e tivesse uma certa ordem. Ou se há de entender melhor dizendo que nesta ação é mencionada de novo aquela matéria das coisas que antes foi denominada pelos nomes de “céu e terra”, de modo que este

seja o sentido: no princípio, Deus fez o céu e a terra, mas o que foi chamado “céu e terra” era uma terra invisível e vaga e as trevas cobriam o abismo, ou seja, o que foi denominado “céu e terra” era uma matéria informe, da qual, após serem organizados os elementos e terem recebido as formas, seria fabricado o mundo, que consta de duas partes principais, ou seja, do céu e da terra? Desse modo esta informidade da matéria logrou ser compreendida por inteligências rudes ao se dizer terra invisível e vaga ou desordenada ou não preparada, e que as trevas cobriam o abismo, ou seja, a imensa profundidade, que talvez foi mencionada de novo porque não pode ser compreendida por inteligência alguma devido à sua informidade.

12. *E as trevas cobriam o abismo*¹⁰. Acaso havia um abismo embaixo e trevas em cima, como se fossem lugares diferentes? Ou porque ainda se fala em informidade da matéria, que no grego se denomina *chaos*, por isso foi dito: *As trevas cobriam o abismo*, porque não havia luz, a qual, se existisse, sem dúvida estaria em cima, visto ser mais eminente, e iluminaria as coisas que estavam debaixo dela? Na verdade, quem investiga com cuidado o que sejam as trevas, nada mais depara senão com a ausência de luz. Assim, foi dito: *As trevas cobriam o abismo*, como se se tivesse dito: “Não havia luz sobre o abismo.” Por conseguinte, esta matéria que pela ação de Deus, uma vez ordenada, foi diferenciada em formas de coisas, chama-se terra invisível e vaga e profundidade desprovida de luz; acima ela foi denominada pelos nomes “céu e terra”, como uma semente, como já dissemos, do céu e da terra. Se bem que, não dizendo céu e terra, quis primeiramente manifestar a universalidade, para depois, insinuada a matéria, explicar as outras partes do mundo.

13. *E o espírito de Deus pairava sobre as águas*¹¹. Em parte alguma havia dito que Deus criara a água. No entanto, de forma alguma devemos crer que Deus não fez a água e que ela já existia antes de ele criar alguma coisa. Com efeito, ele é aquele de quem diz o Apóstolo: *Porque tudo é dele, por ele e para ele*¹². Portanto, Deus também fez a água e crer o contrário é um erro. Por que não foi dito que Deus fez a água? Acaso porque quis que se chamasse água a mesma matéria que denominara pelos nomes de céu ou de terra, ou de terra invisível e vaga e de abismo? Por que não a denominara água, se pôde denominar-se terra, quando ainda não havia água diferenciada e formada, nem havia terra, nem qualquer outra coisa? Talvez foi chamada primeiramente céu e terra, depois terra vaga e abismo sem luz, e finalmente água com toda propriedade, de tal modo que primeiramente se denominasse pelos nomes de céu e terra a matéria de toda a criação, por ter sido criada do nada; em segundo lugar, para insinuar a informidade nos nomes de terra vaga e abismo, porque a terra é o mais informe de todos os elementos e menos brilhante que os demais; em terceiro lugar, para significar pelo nome “água” a matéria sujeita à ação do artífice, pois a água é mais versátil que a terra e, assim, devido à facilidade de ser trabalhada e de se transformar nas mãos do artífice, se chamou com mais propriedade água do que terra.

14. O ar tem certamente mais mobilidade que a água, mas considera-se e se pensa, com fundamento, que o éter tem mais mobilidade que o ar. Mas, com menos propriedade se daria à matéria o nome de ar ou de éter. Admite-se que estes elementos têm um poder ativo, enquanto que a terra e a água, um poder passivo. Se isso é desconhecido, penso certamente e sem dúvida que o vento movimenta a água e algumas coisas terrenas, mas o vento é o ar em movimento e é como que inconstante. Portanto, se é evidente que o ar movimenta a água, se é por algo misterioso que ele é movido, quem há que duvide que a matéria foi com mais razão denominada pelo nome de água, porque é movida, que pelo nome de ar que move? Ser movido é ser passivo, mover é ser ativo. A isso se acrescenta o fato de que as coisas que a terra produz são irrigadas pela água para que possam nascer e crescer, a ponto de parecer que a água se transforma nas coisas que nascem. Por isso, chamar-se-ia a matéria com mais propriedade

pelo nome “água” que pelo termo “ar”, no qual somente se observa a mobilidade, porque se sujeita ao trabalho do artífice, devido à sua mobilidade e poder de se transformar nos corpos que nascem. Entretanto faltariam outras propriedades com as quais ficaria melhor significada a matéria. Assim, o sentido completo é este: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*¹³, ou seja, a matéria que poderia receber a forma do céu e da terra; *esta matéria era invisível e vaga*¹⁴, ou seja, informe e uma profundidade carente de luz; ela, no entanto, pelo fato de se sujeitar ao artífice que move e age, pelo fato de se acomodar ao que opera, chamou-se também água.

15. Nesta significação da matéria, insinua-se em primeiro lugar seu fim, ou seja, a razão pela qual foi criada; em segundo lugar, a informidade; em terceiro, a servidão e a sujeição ao artífice. Assim, em primeiro lugar, céu e terra, pelo fato de nos indicarem que a matéria foi feita; em segundo lugar, terra invisível e vaga e trevas sobre o abismo, ou seja, a informidade sem luz, pela qual foi chamada também terra invisível; em terceiro lugar, água sujeita ao espírito para receber o aspecto e as formas. Por isso o Espírito de Deus pairava sobre as águas, para entendermos que era o Espírito quem operava, e que a água era o elemento com que operava, ou seja, a matéria trabalhável. Ao dizermos que estas três coisas: matéria do mundo, matéria informe, matéria trabalhável são nomes de uma mesma coisa, ficou bem acrescentar “céu e terra” ao primeiro nome; ao segundo, obscuridade, confusão, profundidade, trevas; ao terceiro, a facilidade em se adaptar, sobre a qual pairava o Espírito do artífice para operar.

16. *E o espírito de Deus pairava sobre as águas*¹⁵. Não pairava à maneira do óleo que paira sobre a água ou da água sobre a terra, ou seja, como se o contivesse. Mas, se exemplos de coisas visíveis podem ser aproveitados para o caso, diríamos que pairava como certa luz do sol ou da lua, que ilumina a terra, paira sobre os corpos; pois não são contidos por eles, mas como são contidos pelo céu, paira sobre eles. Também devemos ter cuidado para não pensar que o Espírito de Deus pairava sobre a matéria ocupando lugares. Pairava como uma potência ativa e operativa, para que fosse feito e fabricado aquilo sobre o que pairava, ou seja, do mesmo modo como a vontade do artífice paira sobre a madeira ou sobre qualquer coisa a fim de nela trabalhar; ou também sobre os próprios membros de seu corpo que ele movimenta para fazer algum trabalho. E essa semelhança, embora seja mais excelente que qualquer corpo, é pouco expressiva e quase nada diz para entender a grandeza do Espírito de Deus, a quem a matéria do mundo está sujeita para nela operar. Mas não encontramos uma comparação mais clara e mais aproximada sobre o assunto, do qual estamos falando, com respeito às coisas que de algum modo podem ser compreendidas pelos homens. Por isso, nesta investigação é importante estar bem atento àquele preceito: *Os que bendizeis a Deus, exaltai-o o quanto puderdes, pois ele está ainda mais alto*¹⁶. Isso foi escrito para se entender que, nesta passagem, o Espírito de Deus é o Espírito Santo, a quem veneramos na inefável e imutável Trindade.

17. Pode-se entender também de outro modo, ou seja, interpretar como Espírito de Deus a criatura vital na qual está contido e se move este mundo visível e todos os seres corpóreos. A ele Deus concedeu uma força a seu dispor para operar nas coisas que são produzidas. Este Espírito, sendo melhor que todo corpo etéreo, pois toda criatura invisível tem primazia sobre toda criatura visível, é denominado com propriedade espírito de Deus. Pois o que não é de Deus entre as coisas que criou, se foi dito a respeito da própria terra: *Do Senhor é a terra e o que nela existe*¹⁷, e o que foi escrito a respeito de todo o conjunto: *Senhor, porque tuas são todas as coisas, amas as almas*¹⁸? Portanto, pode-se interpretar esse espírito nesse sentido, se consideramos como referente apenas à criatura visível o que foi dito: *No princípio, Deus fez o céu e a terra*¹⁹. Assim, o espírito invisível pairava

sobre a matéria das coisas visíveis no princípio de sua criação. Contudo, ele era também uma criatura, ou seja, não era Deus, mas natureza feita e formada por Deus. Se se pensa que a matéria do conjunto das criaturas, ou seja, da intelectual, da animal e da corporal, foram enunciadas pelo termo “água”, de forma alguma se pode interpretar, nesta passagem, como Espírito de Deus senão aquele imutável e santo, o qual pairava sobre a matéria de todas coisas que Deus fez e aperfeiçoou.

18. Pode surgir uma terceira opinião sobre este espírito: considerar pelo termo “espírito” o elemento ar, ficando assim insinuados os quatro elementos dos quais se compõe este mundo visível; ou seja, céu, terra, água e ar; não porque estavam diferenciados e ordenados, mas porque naquela confusão da matéria, embora informe, estavam determinados a nascerem dela. Essa confusão informe foi mencionada com os nomes “trevas e abismo”. Qualquer que seja a opinião verdadeira, é preciso crer que Deus é o autor e criador de todas as coisas que foram feitas, as que se veem e as que não se veem, não pelos vícios que são contra a natureza, mas pelo que diz respeito às naturezas em si; e que não há criatura alguma que não tenha recebido dele o começo e a perfeição de seu gênero e de sua substância.

CAPÍTULO V

Faça-se a luz

19. *Deus disse: “Faça-se a luz” e fez-se a luz*²⁰. Devemos compreender que Deus disse: *Faça-se a luz*, não com voz emitida pelos pulmões, nem pela língua e os dentes. Estes são pensamentos dos carnis; e compreender segundo a carne é morte²¹. Mas, disse-o de modo inefável: *Faça-se a luz*. Pode-se perguntar, porém, se o que foi dito, foi dito ao Filho Unigênito ou o que foi dito é o Filho Unigênito, o qual é denominado Palavra de Deus pronunciada, pelo qual foram feitas todas as coisas²²; contanto que se exclua a impiedade de crermos que o Verbo de Deus, Filho Unigênito, é como uma voz emitida, como acontece conosco. O Verbo de Deus, pelo qual foram feitas todas as coisas, não começou, nem deixará de existir; mas nascido sem começo é coeterno com o Pai. Por isso, se o que foi dito: “Faça-se a luz”, não só começou como também cessou de ser dito, é preferível afirmar que a palavra foi dita pelo Filho, a dizer que é o próprio Filho. No entanto, também isso foi dito de modo inefável e não se insinue na alma alguma imagem carnal que perturbe o pensamento piedoso espiritual. Com efeito, é uma opinião temerária e perigosa entender no sentido próprio, que algo comece ou cesse na natureza de Deus. Permite-se, contudo, com toda condescendência essa opinião aos carnis e às crianças, não, porém, para continuarem a entender assim, mas para progredirem a partir daí. Tudo o que se diz de Deus em termos de começar e cessar, não se refere de forma alguma à sua natureza, mas à sua criatura que lhe está sujeita de modo admirável.

20. *Deus disse: “Faça-se a luz”*. Trata-se, por acaso, da luz que se mostra a estes olhos, ou de uma luz que não é dado ao nossos olhos verem por meio deste corpo? E se é oculta, seria corpórea, estendendo-se por espaços locais talvez até as partes mais altas do mundo, ou incorpórea, como a da alma, à qual se atribui o exame do que evitar e apetecer pelos sentidos do corpo, da qual não carecem até mesmo as almas dos brutos, ou aquela superior que aparece ao raciocinar, da qual tem início tudo o que foi criado. Qualquer que seja a luz significada, devemos concordar que foi feita e criada; não aquela pela qual resplandece a Sabedoria de Deus, que não foi criada, mas nasceu. E não se pense que Deus esteve sem luz antes de criar esta da qual agora se trata. Porque a respeito dela, como bem o declaram as próprias palavras, manda que seja feita: *E disse: “Faça-se a luz”, e fez-se a luz*. Uma é a luz procedente de Deus, e outra, a luz que Deus fez; a luz procedente de Deus é a Sabedoria de Deus; mas a luz criada é qualquer outra mutável, seja corpórea ou incorpórea.

21. Costuma causar estranheza como pôde existir a luz corpórea antes de existirem o céu e os luzeiros do céu, os quais aparecem depois da luz. É difícil ou absolutamente impossível ao homem compreender se existe alguma luz fora do céu, que se diversifique e se difunda por espaços locais e cubra o mundo inteiro. Aqui é lícito considerar a luz também como incorpórea, se dizemos que este Livro não disserta apenas sobre a criatura visível, mas sobre todas as criaturas; por que demorarmos nesta controvérsia? Talvez, o que investigam os homens sobre quando foram criados os anjos, o tenham significado por esta luz, de um modo muito breve, mas com muita conveniência e propriedade.

22. *E Deus viu que a luz era boa*²³. Deve-se entender esta sentença como significando, não a alegria de um bem insólito, mas a aprovação da obra feita. Pois, o que se pode dizer de Deus mais adequadamente, na medida em que os homens podem dizer, do que, quando assim está escrito: “Disse”, “Foi feito”, “Agradou”, se entenda sua ordem? Nas palavras “foi feito”, entenda-se seu poder: na “agradou”, sua benignidade. Como estas coisas inefáveis deviam ser ditas aos homens por meio do homem, deviam ser comunicadas de modo a servir de proveito para todos.

23. *E Deus separou a luz e as trevas*²⁴. Por estas palavras é lícito entender-se com quanta facilidade foram feitas estas coisas no trabalho divino. Com efeito, não há ninguém que pense que a luz foi feita de tal modo que estivesse junto com as trevas e, por isso, necessitaria de separação. Deve-se pensar, no entanto, que, ao ser feita a luz, aconteceu também a separação entre ela e as trevas. Que comunhão pode haver entre a luz e as trevas?²⁵ Portanto, Deus separou a luz e as trevas porque fez a luz, cuja ausência se chama trevas. Mas há diferença entre a luz e as trevas, como entre a roupa e a nudez ou entre o cheio e o vazio, e assim por diante.

24. Já ficou dito acima de quantos modos se pode entender a luz e que as privações contrárias a ela podem denominar-se trevas. Pois uma é a luz que se vê com os olhos corporais, sendo ela corpórea, como a do sol, a da lua, a das estrelas, e como outras, se existirem, às quais são contrárias as trevas quando algum lugar fica privado de luz. Outra luz é a vida que sente e pode discernir o que é levado ao juízo da alma por meio do corpo, ou seja, o branco e o preto, o som melodioso e o rouco, o bem cheiroso e o mal cheiroso, o doce e o amargo, o quente e o frio e outras sensações semelhantes. Uma é, ainda, a luz percebida pelos olhos, outra, aquela que nos leva a percebermos por meio dos olhos. Pois aquela está no corpo, mas esta reside na alma, embora perceba por meio do corpo o que percebe. A esta são contrárias as trevas, certa insensibilidade, ou melhor dizendo, a falta de capacidade sensitiva, ou seja, não sentir, embora se possa inferir o que poderia sentir, se existisse na alma essa luz pela qual possa sentir. Nem isso acontece quando faltam os sentidos do corpo, como acontece com os cegos ou surdos, pois em suas almas existe essa luz de que estamos falando, mas lhes faltam os instrumentos do corpo. Nem quando, no silêncio, não se ouve a voz, essa luz está na alma e existem os instrumentos do corpo, mas nada se infere do que se sente. Portanto, aquele que não sente por esse motivo não carece dessa luz; mas quando tal potência não está na alma, não se pode chamar alma, mas somente vida, tal como se mostra na videira e na árvore e em qualquer outra espécie de planta, a não ser que se possa de algum modo ser convencido de que elas a têm, como alguns hereges erroneamente julgam que elas não somente sentem pelo corpo, ou seja, que enxergam, escutam e distinguem o calor e o fogo, mas também que entendem e conhecem nossos pensamentos. Mas este é um outro assunto. Portanto, a insensibilidade são as trevas desta luz, pela qual, quando a vida não possui a capacidade de sentir, não se percebe o que sente. Assim, concede que se chame luz convenientemente aquele que concede que se chama luz com propriedade aquela pela qual qualquer coisa se manifesta. Quando dizemos ser evidente que isso é melodioso, que é doce, que é frio, e assim das demais coisas que atingimos pelos

sentidos, esta luz, pela qual se manifestam essas sensações, está certamente no interior da alma, embora se infira por meio do corpo o que assim se sente. A terceira espécie de luz, pela qual raciocinamos, pode ser percebida nas criaturas. As trevas, que lhe são contrárias, são a falta da razão, como são as almas dos animais.

25. O ensinamento que se deve perceber nessa sentença é que foi feita por Deus, primeiramente na natureza das coisas, tanto a luz etérea como a sensorial, da qual os brutos participam, como a racional, da qual os anjos e os homens são dotados. Pelo fato de Deus ter separado a luz e as trevas, ao criar a luz, deve-se entender que uma coisa é a luz, e outra, a privação da luz que Deus ordenou nas trevas que são contrárias à luz. Não foi dito que Deus fez as trevas. Deus fez as formas, não as privações que dizem respeito ao nada. De onde se conclui que tudo foi feito pelo artífice Deus. Contudo, entendemos que as trevas foram por ele ordenadas, quando se diz: *E Deus separou a luz e as trevas*²⁶, e, assim, se impede de pensar que as privações não tivessem sua ordem, sendo Deus o regente e administrador de todas as coisas. Por exemplo, no canto: interpõem-se alguns e adequados intervalos de silêncio, embora sejam privações de vozes. Entretanto, são bem ordenados por aqueles que sabem cantar, e conferem suavidade a todo canto. Também as sombras que fazem ressaltar as partes mais importantes nas pinturas; agradam, não pela beleza, mas pela ordem. Deus não é também o autor de nossos vícios, mas é quem os ordena, quando coloca os pecadores no seu lugar e os leva a sofrer o que merecem. Vem a propósito o fato de as ovelhas serem colocadas à direita e os cabritos à esquerda²⁷. Portanto, algumas coisas Deus faz e as ordena, outras, porém, somente as ordena. Faz os justos e os ordena, mas os pecadores, enquanto pecadores, não os faz, mas somente os ordena. Coloca aqueles à direita e estes, à esquerda, e mandando-os ir para o fogo eterno tem em conta a ordem de seus méritos. Assim, ele faz e ordena as formas e as naturezas, mas as privações das formas e as deficiências das naturezas não os faz, apenas as ordena. Por conseguinte, Deus disse: “Faça-se a luz” e fez-se a luz²⁸. Não disse: Haja trevas e houve trevas. Fez uma delas, a outra não a fez, mas ordenou as duas ao separar a luz e as trevas. Desse modo, fazendo-as, cada um das coisas é bela, e ordenando-as, todas são belas.

CAPÍTULO VI

Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”

26. *Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”*²⁹. Como luz e dia são nomes da mesma realidade, e noite e trevas, de outra, foi conveniente que ambos fossem chamados com os dois nomes para que a coisa à qual se impôs o nome pudesse ser chamada por um dos nomes, pois não podia significar coisa diferente. E assim foi dito: *Deus chamou à luz “dia”*, para que se pudesse dizer indiferentemente o contrário, ou seja, Deus chamou ao dia “luz” e chamou à noite “trevas”. O que responderemos a quem nos fizer esta pergunta: “o nome “dia” foi dado à luz: ou o nome “luz” foi dado ao dia? Pois os dois são nomes, na medida em que são pronunciados com sons articulados para dar significado às coisas. Da mesma forma, pode-se perguntar a respeito dos outros nomes: às trevas foi assinalado o nome “noite”; acaso a noite foi designada com o nome “trevas”? “ Assim é; como narra a Escritura, está claro que à luz se deu o nome “dia”, e o nome “noite” foi imposto às trevas. Pois, pelo fato de dizer: “Deus fez a luz e separou a luz e as trevas”, não se tratava de dar nomes; depois, foram usados os termos “dia e noite”; e como “luz e trevas” são sem dúvida termos que significam alguma coisa, assim também “dia e noite”. Portanto, assim se deve entender, porque uma coisa que recebeu um nome não pode ser enunciada de outro modo, a não ser com algum nome. Ou se deve entender que a denominação já manifesta a separação? Pois nem toda luz é dia ou todas as trevas são noite; mas luz e trevas, ordenadas e diferenciadas entre si por certos intervalos, são denominadas “dia e noite”. Com

efeito, todo termo serve para diferenciar as coisas. Por isso, um termo que especifica uma coisa recebeu o nome de “designativo”. Designar significa mostrar a diferença e ajudar a discernir com termos adequados. O ter separado a luz das trevas, ou seja, ter chamado “dia” à luz, talvez seja o mesmo que ter ordenado o que estava denominando. Ou estes termos querem significar para nós qual realidade denominou “luz”, e quais denominou “trevas”, como se dissesse: “Deus fez a luz e separou a luz das trevas”; dizendo eu que luz é dia, e trevas são noite, para não entenderes que não se trata de outra luz que não seja o dia, e de outras trevas que não sejam noite? Pois, se toda luz se pode interpretar como dia, e todas as trevas poderiam ser consideradas como noite, talvez não fosse preciso dizer: *E Deus chamou à luz “dia”, e às trevas “noite”*.

27. Pode-se perguntar também a que dia e a que noite se refere. Se vamos interpretar como dia aquele ao qual dá começo o nascer do sol e o ocaso o encerra, e como noite, a que se estende do ocaso do sol ao seu nascer, não percebo como poderiam existir antes de serem criados os luzeiros do céu. Acaso podiam ser denominados com esses termos os espaços das horas e dos tempos mesmo sem a diferença de brilho e de sombra? E de que modo na luz racional ou sensorial, se estas estão aí significadas, está compreendida esta alternância, que foi significada pelos nomes de dia e de noite? Acaso estas coisas foram insinuadas, não de acordo com o que acontece, mas de acordo com o que pode acontecer, pois é possível que aconteça um erro à razão e algum deslize ao sentido?

CAPÍTULO VII

O primeiro dia

28. *Fez-se uma tarde e uma manhã: o primeiro dia*³⁰. Atualmente não se denomina “dia” no mesmo sentido em que se disse: *E Deus chamou à luz “dia”*, mas no sentido em que agora dizemos, por exemplo, que o mês tem trinta dias, visto que neste termo incluímos também as noites. Acima se falou em dia para separá-lo da noite. Como ficou insinuado que aquela obra foi feita durante a luz do dia, consequentemente se diz que houve uma tarde e uma manhã, completando um dia, ou seja, de modo a ser um dia o período do dia começado até o dia terminado, isto é, de uma manhã a outra manhã, às quais, como disse, denominamos dia, acrescentando-se as noites. Mas como se fez tarde e como se fez manhã? Fez Deus a luz depois de tanto espaço de tempo, quanto se prolonga um dia de luz, ou seja, não contando a noite? E onde fica o que está escrito: *O poder está ao teu alcance quando queres*³¹, se para Deus é preciso a extensão do tempo para algo executar? Ou, todas as coisas se acham acabadas em Deus, como estão na arte e na razão, não na extensão do tempo, mas no poder pelo qual executa de modo estável mesmo aquelas coisas que percebemos que não permanecerão, mas passarão? Não é de se crer que assim como aconteceu na nossa conversação, na qual umas palavras passam e outras as sucedem, assim também acontecerá na própria arte, cuja ação constante torna engenhoso o discurso. Portanto, ainda que Deus, que faz uso do poder quando quer, crie sem a extensão do tempo, as naturezas temporais, porém, exercitam seus movimentos de acordo com o tempo. Talvez assim foi dito: *Fez-se uma tarde e uma manhã: o primeiro dia*, no sentido de ser previsto pela razão como se deve ou se pode fazer, mas não como se faz em espaços de tempo. Na mesma razão, aquele que disse: *O que vive eternamente criou todas as coisas ao mesmo tempo*, contemplou a obra no Espírito Santo³². Assim, de uma maneira muito adequada se ordenou naquele livro a narrativa das coisas feitas por Deus em intervalos de tempo, para que a disposição que não podia ser vista com uma contemplação permanente pelos espíritos menos preparados, assim exposta ordenadamente, pudesse ser vista por estes olhos.

O firmamento no meio das águas

29. *Deus disse: “Faça-se o firmamento no meio das águas e que ele separe a água das águas; e assim se fez. Deus fez o firmamento, e separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento”*³³. Acaso essas águas, que estão acima do firmamento, são estas águas visíveis sob o firmamento? Ou porque parece significar aquela água sobre a qual pairava o Espírito, e nós interpretamos como sendo a própria matéria do mundo, há de se crer que, nesta passagem, esta foi separada com a interposição do firmamento, de modo que a inferior seja a matéria corporal e a superior, a animal? Este é o firmamento que depois denomina céu. Mas, entre os corpos não há nenhum melhor que o corpo celeste. Pois há corpos celestes e corpos terrestres e, sem dúvida, os celestes são melhores; e tudo o que sobrepuja sua natureza, não sei como se possa denominar corpo. Talvez seja uma potência, sujeita à razão, pela qual Deus e a verdade são conhecidos. Esta natureza, que pode ser formada pela virtude e pela prudência, por cujo vigor sua variação é coibida e reprimida e, por isso, aparece como material, com razão foi denominada por Deus “água”, sobrepujando o âmbito do céu corpóreo, não pela grandeza, mas por ser de natureza incorpórea. E porque denominou o firmamento “céu”, não sem razão se entende que tudo o que existe abaixo do céu etéreo, no qual estão tranquilas e formadas todas as coisas, é mais mutável e desagregável. Considerando esta espécie formada de matéria corporal, pela qual o firmamento foi assim denominado ao receber a espécie e a especificação, houve os que acreditassem que estas águas visíveis e frias envolviam toda a superfície do céu. E se empenham em apresentar provas da demora de uma das sete estrelas errantes, que é superior às demais e é denominada pelos gregos *phainon*. Ela perfaz sua órbita em trinta anos e é lenta porque é mais próxima das águas frias que estão acima do céu. Não sei como podem defender esta opinião aqueles que pesquisaram sobre estas coisas com tamanha sutileza. Nada disso se pode afirmar com temeridade, mas tudo deve ser tratado cautelosamente e sem exageros.

30. *Deus disse: “Faça-se o firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas”, e assim se fez*³⁴. Após ter dito: *E assim se fez*, que necessidade havia de acrescentar: *Deus fez o firmamento, e separou as águas que estão sob o firmamento das águas que estão acima do firmamento?*³⁵ Com efeito, depois de ter dito: “Faça-se a luz” e fez-se a luz, não acrescentou de novo: “E Deus fez a luz”; mas neste trecho, depois de ter dito: *Disse Deus: “Faça-se” e assim se fez*³⁶, acrescentou: *Deus fez*. Acaso se deduz daí que não convém que se considere aquela luz como corporal, para não parecer que Deus, Deus quero dizer Trindade, a fez por intermédio de alguma criatura? Mas, este firmamento do céu, porque é corpóreo, acredita-se que recebeu a beleza e a forma mediante uma criatura incorpórea, para que ficasse antes impressa racionalmente pela Verdade na criatura incorpórea o que se imprimia corporalmente, para se tornar firmamento do céu. Por isso se escreveu: *Deus disse: “Faça-se” e assim se fez*. Talvez o firmamento tenha sido feito primeiro na própria criatura racional, e dela se imprimiria a forma ao corpo.

CAPÍTULO IX

As águas que estavam abaixo e acima e o céu

Ao ter acrescentado: *Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam sob o firmamento das águas que estavam acima do firmamento*, queria significar a cooperação naquela matéria para ser feito o corpo do céu? Ou, talvez, para variar e o texto do discurso não cansar, não se registrou antes o que registrou depois, e não convinha determinar com exatidão todas as coisas? Escolha cada um o que

convém; somente não se afirme nada temerariamente e não se dê por conhecido o que é desconhecido, e se lembre de que o homem pode investigar nas coisas divinas o quanto lhe é permitido investigar.

31. E Deus chamou o firmamento “céu”³⁷. O que se falou acima sobre a imposição de nomes, pode-se também levar em conta aqui; pois nem todo firmamento é céu. E Deus viu que isso era bom³⁸. E o que foi falado acima a esse respeito, eu diria de novo, se não percebesse que a ordem não é a mesma. Com efeito, foi dito: Deus viu que a luz era boa, e logo em seguida se acrescentou: Deus separou a luz e as trevas. Deus chamou à luz “dia” e às trevas “noite”. Aqui, após ter narrado o fato, que se dizia terminado, e após ter chamado o firmamento “céu”, então se diz: Deus viu que isso era bom. Se modificou o modo de falar para não causar aborrecimento, somos obrigados a entender o que foi dito: E Deus fez todas as coisas ao mesmo tempo³⁹. Por que anteriormente viu que era bom e depois lhe deu o nome, mas aqui primeiramente lhe deu nome e depois viu que era bom? Porque essa diferença significa que não há intervalos de demora na ação de Deus, embora haja nas próprias obras. De acordo com o intervalo de demora, faz-se uma coisa antes e outra depois. Sem esses intervalos não é possível a narrativa dos fatos, embora Deus possa realizar as obras sem eles. Fez-se uma tarde e uma manhã: segundo dia⁴⁰. Já se tratou deste assunto, e julgo que valem para esta sentença os mesmos argumentos.

CAPÍTULO X

Reúnam-se as águas e apareça a árida

32. Deus disse: “Reúnam-se as águas que estão sob o céu numa só massa e apareça a árida”, e assim se fez⁴¹. Por este texto pode-se acreditar que a água acima referida, conforme pensamos, é a própria matéria do mundo. Com efeito, se todo o universo estava coberto pela água, de onde e para onde pôde reunir-se? Se denominara uma confusão material com o nome “água”, deve-se considerar essa reunião como a formação, de modo a ser a espécie de água que agora vemos que existe. E as palavras: Apareça a árida que foram escritas pode-se tomar pela formação da terra, e assim a terra tivesse a forma que observamos. Era denominada invisível e vaga por lhe faltar ainda a forma da matéria. Portanto, Deus disse: Reúnam-se as águas que estão sob o céu, ou seja, a matéria corporal se reduza a uma forma para se tornar a água que vemos. Numa só massa: a potência da forma se manifesta pelo nome da unidade. Pois formar é reunir algo em um, o “uno” é por excelência o princípio de toda forma. E apareça a árida, ou seja, receba a forma visível e separada da confusão. E a água, se reúne para aparecer a árida, ou seja, impede-se que o mar flua para que se manifeste o que estava oculto. E assim se fez: também isso foi feito, talvez, antes nas razões da natureza intelectual, para que o dito depois: E a água se reuniu numa só massa e apareceu a árida, não pareça ter sido acrescentado sem necessidade, pois já havia dito: E assim se fez: mas, para entendermos que depois da ação racional e incorpórea veio em seguida a ação corporal.

33. Deus chamou a árida “terra” e a massa das águas “mares”⁴². O que se refere aos termos ainda nos favorece, pois nem toda água é mar, nem tudo o que é árido é terra. Portanto, o que era água e o que era árido foi diferenciado pelos mesmos termos. Sem dizer um absurdo, pode-se perceber que a imposição de nomes por parte de Deus representou a separação e a formação. E Deus viu que era bom. Aqui se observa a mesma ordem; por isso, pode-se aplicar a estas palavras o que já se falou.

CAPÍTULO XI

A erva e as árvores do terceiro dia

34. Deus disse: Germine a terra a erva de alimento que dê semente segundo sua espécie e semelhança,

e árvores frutíferas que produzam frutos, contendo sementes segundo sua semelhança⁴³. Depois que a terra e o mar foram feitos, denominados e aprovados, o que, como dissemos muitas vezes, se deve entender sem intervalos de demora, evitando que se suponha qualquer demora no inefável poder de Deus criador, acrescentou-se, não imediatamente, como nos dois dias anteriores: Fez-se uma tarde e uma manhã: terceiro dia. E se juntou outra obra: Que germine a terra a erva de alimento que dê semente segundo sua espécie e semelhança e árvores frutíferas que produzam frutos, contendo sementes segundo sua semelhança. Isso não foi afirmado sobre a luz, o firmamento, as águas e a árida, porque a luz não tem descendência de sucessão, nem o céu nasce de outro céu, nem a terra ou o mar geram outros mares e outras terras que os sucedam. Portanto, aqui onde a semelhança dos que nascem conserva a semelhança dos que morrem devia-se dizer: Que deem sementes segundo sua espécie e semelhança, contendo sementes segundo sua semelhança.

35. Mas todas essas coisas estão de tal modo sobre a terra que se inserem pela raiz à própria terra, e se juntam a ela e novamente dela se separam de algum modo. Por isso, julgo que a narrativa seguiu o mesmo curso da natureza, pois foram feitos no mesmo dia em que surgiu a terra. Entretanto, Deus disse de novo que a terra germinasse, e de novo foi dito: E assim se fez; em seguida, de acordo com a regra anterior, depois de ter dito: E assim se fez, acrescenta-se a execução: A terra produziu a erva de alimento que dá semente segundo sua espécie, e árvores frutíferas que produzem frutos contendo sementes segundo sua semelhança. E diz novamente: Deus viu que era bom. Assim, num só dia se juntam essas coisas e se distinguem uma das outras pelas repetidas palavras de Deus. Isso, conforme penso, não aconteceu a respeito da terra e do mar, porque as naturezas daquelas coisas deviam ser mais diferenciadas, pois, como nascem e morrem, propagam-se pela sucessão da semente. Uma vez que a terra e o mar puderam ser criados ao mesmo tempo, não somente na razão da criatura espiritual, na qual tudo foi feito simultaneamente, mas também na própria ação corporal, as árvores e quaisquer plantas não poderiam nascer, se não as precedesse a terra na qual pudessem germinar. Acaso, por isso, a ordem de Deus devia ser repetida para que as coisas criadas mostrassem intervalos de tempo, não, porém, para serem criadas em outro dia, uma vez que as plantas são fixadas à terra e se propagam por meio das raízes? Pode-se perguntar por que Deus não impôs nomes a essas coisas: deviam ser omitidos, porque o grande número delas não permitia? Esta questão será melhor examinada depois, quando consideraremos outras obras às quais Deus não deu nomes, assim como deu à luz, ao céu, à terra e ao mar. E fez-se uma tarde e uma manhã: terceiro dia⁴⁴.

CAPÍTULO XII

Os luzeiros do quarto dia

36. Deus disse: “Façam-se luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra e separar o dia e a noite; que eles sirvam de sinais, e de tempos, de dias e de anos; e resplandeçam no firmamento do céu para iluminar a terra”⁴⁵. No quarto dia foram criados os luzeiros, sobre os quais está escrito: Que eles sirvam ... para os dias: o que querem dizer os três dias anteriores sem luzeiros? Ou, por que servirão de sinais para os dias, se mesmo sem eles os dias puderam existir? Acaso porque a prolongação do tempo e o intervalo da demora podem ser percebidos com mais clareza pelo movimento desses luzeiros? Acaso esta enumeração de dias e de noites se presta para a separação entre a natureza que não foi criada e as que foram criadas, de modo que se denominasse manhã, devido à forma das que foram criadas, mas tarde, devido à falta dessa forma? Pois, pelo que diz respeito àquele pelo qual foram feitas, são belas e formosas; mas pelo que diz respeito a elas, podem ter defeitos, já que foram feitas do nada. O fato de não se aniquilarem, não o devem à sua matéria, que procede do nada, mas

àquele que é o supremo e as cria em sua espécie e em sua ordem.

37. Deus disse: “Façam-se luzeiros no firmamento do céu para que iluminem”⁴⁶. Fala-se somente das estrelas fixas, ou também dos astros errantes? São mencionados dois luzeiros, o maior e o menor, entre os astros errantes. Como, pois, foram criados todos os astros no firmamento, se cada um dos errantes tem suas próprias órbitas ou círculos? Porque lemos nas Escrituras que há muitos céus e um céu, como, nesta passagem, ao se chamar o firmamento “céu”, deve-se entender como céu todo esse conjunto etéreo que contém todos os astros, sob o qual se agita esse ar turbulento e tempestuoso? Para iluminar a terra e separar o dia e a noite⁴⁷. Deus não havia separado a luz e as trevas e chamara à luz “dia” e às trevas “noite”? Pelo que foi dito, parece que ele separou o dia e noite, então o que quer dizer agora o que afirma sobre os luzeiros: Para separar o dia e a noite? Essa separação acontece agora por meio dos luzeiros, para que os homens dela tenham conhecimento apenas com os olhos carnis, que se usam para a contemplação dessas coisas, de tal modo que Deus a fez antes que se movessem os astros, e não pudesse ser vista senão por uns poucos dotados de espírito sadio e de razão serena? Separou Deus um outro dia e uma outra noite, ou seja, a forma que imprimia àquela informidade, e a informidade que ainda ficava por formar? São outros este dia e esta noite, cuja sucessão se percebe no movimento do céu, o que não acontece senão pelo nascimento e ocaso do sol?

CAPÍTULO XIII

Sinais, tempos, dias e anos

38. Que eles sejam em sinais e em tempos, e em dias e em anos⁴⁸. O que falou em sinais, parece-me que tornou claro o que afirmou: e em tempos, e assim não entendamos “sinais” num sentido, e “tempos” em outro. Pois estes tempos, a que agora se refere, os quais se distinguem por intervalos, significam que sobre eles permanece a eternidade imutável, de modo que o tempo apareça como sinal, ou seja, como vestígio da eternidade. Da mesma forma, ao acrescentar: e em dias e em anos, mostra os tempos a que se referia, de modo que os dias se manifestam pela volta das estrelas fixas, e os anos se completam após o sol ter percorrido o círculo próprio dos astros, pois os anos são menos evidentes, se os contamos quando cada um dos astros errantes percorre o mesmo círculo em suas órbitas. Não disse: “E em meses”, talvez porque o mês é o ano da lua, assim como doze anos lunares perfazem o ano da estrela que os gregos denominam phaethonta, e trinta anos solares perfazem o ano da estrela, à qual dão o nome de phainon. E assim, talvez, se completa o “ano magno”, do qual muitos falaram muitas coisas, quando todos os astros voltarão ao mesmo lugar. Acaso falou em sinais pelos quais se mostra o caminho certo para a navegação, e em tempos, para marcar os tempos da primavera, do verão, do outono e do inverno, porque variam de acordo com a rotação dos astros e mantêm sua vez e ordem, mas e em dias e anos deve ser entendido como já foi explicado?

39. E resplandeçam no firmamento do céu para iluminar a terra⁴⁹. Antes foi dito: Façam-se luzeiros no firmamento do céu para iluminar a terra: por que julgamos que houve repetição? Como foi dito sobre as plantas, ou seja, para que deem sementes e contenham nelas sementes segundo sua espécie e semelhança? Mas, aqui foi dito ao contrário sobre os luzeiros. Façam-se e sejam, isto é, sejam feitos e não gerem, mas que sejam eles mesmos. E assim se fez. Observa-se aqui aquela mesma ordem.

40. Deus fez os dois luzeiros maiores: o luzeiro maior para o início do dia e o luzeiro menor para o início da noite, e as estrelas⁵⁰. A razão pela qual diz início do dia e início da noite logo aparecerá. Mas, porque acrescentou: E as estrelas, fica-se na dúvida se elas pertencem ao início da noite ou não. Alguns querem que aqui esteja indicado que a lua cheia foi feita por primeiro, porque a lua cheia surge

no início da noite, ou seja, logo depois do ocaso do sol. Mas é um absurdo contarmos o começo da numeração, não pela primeira lua, mas pela décima sexta ou décima quinta. E não seja um argumento dizer que deveria ser perfeito o luzeiro que foi feito. Pois a lua é perfeita todos os dias, mas as pessoas não percebem que está cheia, a não ser quando ela estiver oposta ao sol pelo lado contrário. Estando a pessoa junto ao sol, como a lua está debaixo dele, parece ficar sem luz; mas nesse momento ela é também clara, pois está iluminada pelo outro lado, e não pode ser vista pelos que estão debaixo, ou seja, pelo que habitam a terra. Isso pode ser demonstrado, não com poucas palavras, mas com engenhosos discursos e com ajuda de certos desenhos visíveis.

41. Deus os colocou no firmamento do céu para iluminar a terra⁵¹. Como é que disse antes: Façam-se no firmamento, e como é que agora diz: Deus fez os luzeiros e os colocou no firmamento, como se estivessem fora dele e depois foram colocados, tendo dito que foram feitos ali? Com isso está significando uma vez para sempre que Deus não fez como os homens costumam fazer, mas que se narrou de acordo com a capacidade dos homens? Ou seja, entre os homens uma coisa é “fez”, e outra, “colocou”; mas em Deus ambas as coisas são simultâneas, pois coloca fazendo e colocando faz.

42. Para presidirem o dia e a noite, para separarem o dia e a noite⁵². Fora dito antes: início do dia e início da noite; isso se explica agora, dizendo: Para presidirem o dia e a noite. Portanto, devemos interpretar esse início como “presidência”, pois no dia nada há mais excelente que o sol entre as coisas que se veem, e na noite, nada mais excelente que a lua e as estrelas. Por isso, não nos inquiete mais aquela ambiguidade e acreditemos que as estrelas foram colocadas de tal modo que pertençam ao início da noite, ou seja, à presidência da mesma. E viu Deus que era bom. Observa-se a mesma ordem de antes. Lembremo-nos também de que a estas coisas Deus não deu nomes, embora pudesse ter dito: “E Deus chamou ao luzeiros “estrelas”, porque nem todo luzeiro é estrela.

43. E fez-se uma tarde e uma manhã: quarto dia⁵³. Se tens em conta estes dias que se diferenciam pelo nascimento e o ocaso do sol, este não é o quarto dia, mas talvez o primeiro dia, porque consideramos que o sol nasceu no tempo em que foi criado, e se pôs, quando foram feitos os demais astros. Mas, quem entende que o sol também está em outra parte, quando para nós é noite, e que a noite está em outra parte, quando o sol está conosco, indagará melhor sobre a enumeração deste dias.

CAPÍTULO XIV

Répteis e aves

44. Deus disse: “Saíam das águas répteis de almas vivas e aves que voem sobre a terra, sob o firmamento do céu,” e assim se fez⁵⁴. Os animais que nadam são denominados répteis, pois não andam com os pés. Há outros na terra que rastejam debaixo da água? Existem alados nas águas, assim como os peixes, que têm escamas, ou outros que não as têm, mas são dotados de penas? Pode-se duvidar de que estes se possam mencionar entre as aves. Por que atribui as aves às águas e não ao ar é uma pequena questão. Pois, neste ponto não podemos considerar somente estas aves, às quais são familiares as águas, como são os mergulhões e os patos e outros semelhantes. Com efeito, se tivesse falado somente destes, não se teria omitido de falar de outras aves em outra passagem, entre as quais algumas são tão refratárias à água que nem sequer a bebem. A não ser que, talvez, denominou água a este ar contíguo à terra. De fato este ar se manifesta úmido devido ao orvalho mesmo nas noites mais serenas. Também se converte em nuvens. Mas as nuvens são água, o que percebem todos os que querem andar nos montes entre nevoeiros ou também nos campos no meio da névoa. Diz-se que as aves certamente voam nesse ar. Mas não o podem naquele mais alto e puro que é denominado ar com

mais propriedade, visto que não suporta seu peso pelo fato de ser tão rarefeito. Mas no primeiro citado, conforme dizem, as nuvens não se condensam e dele não se desencadeiam tempestades. Com efeito, onde não existe vento, como no cume do monte Olimpo, que é mais alto que esse ar úmido, as letras que se costumam escrever no solo, depois de um ano são encontradas íntegras e perfeitas por aqueles que escalam habitualmente o referido monte.

45. Por isso, com razão se pode julgar que nas divinas Escrituras se denomina firmamento do céu o que vai até estes espaços, de modo que se acredita pertencer ao firmamento esse ar deveras sereno e puro. Sob este nome de firmamento podem estar significadas essa serenidade e grande parte das coisas. Por essa razão penso que isso está dito em muitos salmos: E tua verdade até as nuvens⁵⁵. Nada há mais sereno e firme que a verdade. As nuvens se condensam sob essa região de ar o mais puro. Embora se interprete isso como uma figura, escreveu-se sobre essas coisas que têm certa semelhança com elas, de tal modo que a criatura corpórea mais estável e pura, que existe desde a sumidade do céu até as nuvens, ou seja, até o ar tenebroso, tempestuoso e úmido, parece encerrar em si, com razão, a figura da verdade. Portanto, as aves que voam sobre a terra sob o firmamento do céu foram adequadamente atribuídas às águas, pois, não sem razão, esse ar se denomina “água”. Isso também dá a entender por que a respeito do ar nada foi dito, ou seja, como e quando foi feito. Porque este ar mais baixo está implicado no termo “águas”, e o ar de cima, no termo “firmamento”. Desse modo não se omitiu nenhum elemento.

46. Talvez alguém diga: “Se pelo fato de se ter dito: Reúna-se a água⁵⁶, interpretamos que a água foi feita daquela matéria informe, e que esta reunião Deus denominou “mar”, como podemos entender que este ar foi feito ali, e não se chama mar, embora se possa denominar “água”? Por isso, parece-me que no fato de dizer: Apareça a árida, ficou insinuado não somente a forma da terra, mas também a forma deste ar mais denso. Com efeito, por meio dele se ilumina a terra para que nos seja visível. Portanto, numa única palavra pela qual foi dito: Apareça, ficam declaradas todas as obras sem as quais não era possível que aparecesse a terra, ou seja, sua forma, a liberação da água e a superposição do ar, por cujo meio a luz lhe chega da parte superior do mundo. Ou, antes, no que está escrito: Reúna-se a água, inculca-se a forma deste ar, porque quando este ar se condensa, parece formar esta água. Assim, talvez, para que se formasse o mar, denominou reunião de águas a esta condensação, de modo que aquilo que, não reunido, ou seja, não condensado, sobrepõe-se à terra, seja água, a qual pode sustentar as aves voadoras, convindo-lhe ambos os nomes, de modo a poder chamar-se tanto água sutil e ar mais denso. Mas, quando se pergunta por que foi feito assim, não está dito. Talvez seja verdade o que alguns afirmam que pelas evaporações do mar e da terra, essas brisas se tornam mais densas que aquele ar superior e líquido, de modo a serem adequadas para suportar os voos das aves, e que são de tal modo mais delicadas que estas águas com que nos lavamos o corpo, que, comparadas com estas, apresentam a sensação de secas e aéreas? E porque sobre o mar e a terra já se falou, por que era preciso falar sobre suas evaporações, ou seja, das águas onde voam as aves, se entendeste que aquele ar puríssimo e sereníssimo se atribui ao firmamento?

47. Também não se falou como foram criadas as fontes e os rios. Os que investigam meticulosamente sobre esses assuntos e sobre eles dissertam dizem que com o movimento do ar levanta-se do mar de um modo invisível um vapor de água doce, ou seja, com estas evaporações que não nos é possível perceber, formam-se as nuvens. Assim, umedecida a terra pelas chuvas, a água se infiltra para as cavernas escondidas, e depois transpirando tanta água quanto tem reunida, a deixa passar por diversos condutos brotando em fontes pequenas ou grandes, aptas para formar rios. Apresentam como provas o fato de a evaporação das águas marinhas fervidas, recolhida mediante uma serpentina, apresentar aos

que a provam um líquido doce. E a quase todos é manifesto que fontes pequenas sentem a falta de chuvas. Atesta-o também a história divina, falando de Elias que pedia chuva em tempo de seca. Estando em oração, ordenou a seu criado que dirigisse a vista para o mar e ao ver que do mar se levantava uma nuvenzinha, anunciou ao rei preocupado que a chuva se aproximava; e com ela se molhou ao sair dali logo depois. E Davi diz: Senhor, que chamas as águas do mar e as despeja sobre a face da terra⁵⁷. Portanto, mencionado o mar, falaria sem necessidade de outras águas, seja dessas que trazem o orvalho, as quais, pela sua sutileza, oferecem a brisa às aves, seja das fontes e dos rios, se também as primeiras se formam pelas evaporações e as segundas emanam por meio das chuvas, que vão e vêm, e que a terra absorve.

48. Produzam as águas répteis de almas vivas⁵⁸. Por que acrescentou: vivas? Podem existir almas sem serem vivas? Quis declarar que é mais ostensiva a vida possuída pelos animais sensitivos, pois as plantas dela estão privadas? E que as aves voem sobre a terra, sob o firmamento do céu⁵⁹. Se as aves não voam naquele ar puríssimo, onde não se formam nuvens, é sinal que ele é próprio daquele firmamento, pois foi dito que as aves voam sobre a terra sob o firmamento do céu. E assim se fez. Observa-se aquela mesma ordem. E por isso se acrescenta a mesma coisa que nas demais obras, exceto na criação da luz que foi feita em primeiro lugar.

49. Deus fez os grandes peixes e toda alma dos animais que rastejam, que as águas produziram, segundo sua espécie, e todas as aves aladas segundo sua espécie⁶⁰. Lembremo-nos bem que diz: segundo sua espécie, falando das criaturas que se renovam pela propagação seminal, pois isso já foi afirmado a respeito das ervas e das árvores. E todas as aves aladas. Por que acrescentou: aladas? Pode existir uma ave desprovida de asas? E se pode, porventura Deus criou esta espécie, embora não se encontre onde foi criada? Pode alguma coisa voar sem asas? Com efeito, os morcegos, os gafanhotos e as moscas, e se existe mais algum animal desta classe, pelo fato de serem desprovidos de plumas, não o estão de asas. Mas aladas foi acrescentado, para não entendermos somente as aves, visto que os peixes são alados e voam sobre a terra debaixo das águas; por isso diz aves em geral. E Deus viu que isso era bom⁶¹. Isso se deve entender como foi explicado nas demais passagens.

50. Deus os abençoou e lhes disse: “Crescei e multiplicai-vos, enchei a água dos mares, e que as aves se multipliquem sobre a terra.”⁶² Deus quis que a bênção tivesse valor para a fecundidade que se manifesta na sucessão da prole, a fim de que, com esta bênção, porque foram criados fracos e mortais, conservem sua espécie pelo nascimento de outros. Se as plantas, pelo nascimento de outros, conservam a semelhança dos que morrem, por que não as abençoou? Talvez porque são desprovidas de sentido que é próximo da razão? Não é sem motivo o fato de Deus empregar a segunda pessoa aoabençoa-los, ou seja, para compelir estes animais à geração, como se estivessem entendendo quando lhes dizia: “Crescei e multiplicai-vos, enchei as águas dos mares”; contudo, não continua empregando a mesma pessoa até o fim da bênção; pois continua: E que as aves se multipliquem sobre a terra. Não disse: “Multiplicai-vos sobre a terra.” Talvez esteja significando desse modo que o sentido dos animais não é tão próximo da razão a ponto de poderem entender o que está significando, assim como o entendem os que podem fazer uso da razão.

51. E assim se fez⁶³. Neste ponto, qualquer um menos preparado deve ficar bem atento para entender que dias são mencionados. Pois Deus concedeu aos animais certos períodos de gestação, observando-se uma admirável constância dentro de uma determinada ordem, para que em certo número de dias, de acordo com sua espécie, levem no útero o que foi concebido e incubam os ovos que puseram. Essa lei da natureza é preservada pela sabedoria de Deus que abarca com firmeza de um extremo a outro e

dispõe tudo com suavidade⁶⁴. Diante disso, pergunta-se: Como lhes foi possível num só dia conceberem, engravidarem, incubarem e alimentarem os gerados, e encherem as águas, e se multiplicarem sobre a terra? Com efeito, assim se acrescenta: E assim se fez, antes de chegar a tarde. Sem dúvida, quando se diz: Fez-se uma tarde, certamente se refere à matéria informe, mas quando se diz: Fez-se uma manhã, refere-se à forma que foi impressa à matéria pela mesma ação, pois de manhã, depois da ação, termina o dia anterior. Entretanto, Deus não disse: “Faça-se uma tarde ou faça-se uma manhã,” visto que esta é uma recapitulação muito sucinta das coisas feitas, depois de significar a matéria e a forma mediante as palavras tarde e manhã, as quais, conforme fora dito, Deus havia feito. No entanto, quando consideramos o imperfeito, ou seja, quando passamos da forma para a matéria e para o nada, e percebemos que ele foi insinuado pelo termo “noite”, não se diria que ele foi feito, mas foi ordenado por Deus, como diz acima: Deus separou a luz e as trevas. Desse modo, a matéria informe foi indicada pelo termo “tarde”, e ela, embora tenha sido feita do nada, no entanto existe e é capaz de receber formas e beleza. Pode-se interpretar também pelo termo “noite” o nada absoluto, que Deus não fez e do qual se dignou fazer tudo o que faz por sua bondade inefável, já que é onipotente aquele que mesmo do nada fez todas as coisas.

52. Fez-se uma tarde e uma manhã: quinto dia⁶⁵. Neste ponto, depois de dizer: E assim se fez, não acrescentou, como costuma, a realização da obra, como se fossem feitas de novo, pois já o havia dito acima. Nem por aquela bênção, que diz respeito à geração de prole, é criada alguma nova natureza, mas ordenava-se o que tinha sido feito sucessivamente. Por isso, também não foi dito: “E Deus viu que era bom”, visto que lhe agradara a própria coisa, que deveria apenas perpetuar-se nos filhos. Desse modo, não houve aqui qualquer repetição, a não ser o que disse: E assim se fez, e logo em seguida foi acrescentado o referente à tarde e à manhã, as quais, uma vez mencionadas, foi dito que significavam as obras anteriores da matéria informe e da forma que lhe é imposta. Minha explicação é esta, ainda que possa ocorrer algo melhor aos investigadores.

53. Deus disse: “Produza a terra a alma viva segundo sua espécie: quadrúpedes, serpentes e feras da terra segundo sua espécie e animais domésticos segundo sua espécie”, e assim se fez⁶⁶. Tendo dito alma, porque se acrescentou viva e o que quer dizer a costumeira conclusão: segundo sua espécie, tudo isso deve ser considerado e interpretado de acordo com o que se falou acima. Mas, como no vernáculo, pelo termo “quadrúpedes” se quer indicar todo animal irracional, aqui é preciso separar as espécies de tal modo que interpretemos como quadrúpedes todos os animais de carga, e como serpentes todos os répteis, e como feras, todos os quadrúpedes selvagens; mas como animais domésticos, todos os quadrúpedes que não prestam ajudam no trabalho, mas proporcionam algum proveito aos que deles cuidam.

CAPÍTULO XV

As feras, os animais domésticos, as serpentes e o homem

54. Deus fez as feras da terra segundo sua espécie, os animais domésticos segundo sua espécie, e todas as serpentes segundo sua espécie⁶⁷. Esta repetição: Deus fez, quando já havia dito: E assim se fez, deve-se entender de acordo com a regra anterior. Aqui, pelo termo “animais domésticos”, creio que foram indicados os quadrúpedes que vivem sob os cuidados dos homens. E Deus viu que era bom⁶⁸.

55. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.”⁶⁹ Deve-se observar aqui uma certa união e separação entre os viventes. Pois, diz que o homem foi feito no mesmo dia em que o foram os animais. Com efeito, todos os viventes são em conjunto animais terrenos; contudo, pela

excelência da razão, segundo a qual o homem é feito à imagem e semelhança de Deus, fala-se dele em separado, depois que, como de costume, concluiu a respeito dos demais viventes terrenos, dizendo: Deus viu que era bom⁷⁰.

56. É preciso observar também que nas demais obras Deus não disse: Façamos, como se desse modo o Espírito Santo quisesse insinuar o valor da natureza humana. Mas, a quem foi dito agora: Façamos, senão a quem se dizia nas demais obras Faça-se? Pois tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito⁷¹. Por que pensamos ter sido dito de modo diferente a Faça-se, senão porque ele o fazia por ordem do Pai, e diz agora: Façamos, significando que ambos faziam juntos? Todas as coisas que o Pai faz, as faz pelo Filho; por acaso agora foi dito: Façamos, para que o homem, por cuja causa se fez a própria Escritura, visse desse modo em si mesmo que as coisas que o Filho faz pela palavra do Pai, também o Pai as faz; e o que se dizia nas demais obras: Façam-se e se fez, fica aqui explicado, ou seja, que não houve palavras e execução, cada uma em separado, mas ambas juntas, visto que aqui se diz: Façamos?

57. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança.”⁷² Toda imagem é semelhante àquele de quem é imagem. No entanto, nem tudo o que é semelhante a alguma coisa é imagem dela, como acontece no espelho e na pintura, pois são imagens e, também são semelhantes; contudo, se um não nasceu do outro, não se pode dizer que um seja imagem do outro. Será imagem, somente quando algo se reproduz do outro. Por isso, por que, depois de ter dito: à imagem, acrescentou e semelhança, como se a imagem possa ser dessemelhante? Bastaria dizer: à imagem. Acaso uma coisa é semelhante, e outra, semelhança, assim como uma coisa é casta, outra, castidade, uma coisa é forte, outra, fortaleza, de tal modo que, assim como tudo o que é forte, é forte pela fortaleza, e tudo o que é casto, é casto pela castidade, assim também tudo o que é semelhante é semelhante pela semelhança? Não se diz com toda propriedade que nossa imagem é nossa semelhança, mas se diz com propriedade que é semelhante a nós. Assim como onde há castidade, por ela é casto tudo o que é casto. Ali onde há semelhança, por ela é semelhante tudo o que é semelhante. Mas, a castidade é casta sem a participação de outra coisa, mas pela participação nela é que é casto tudo o que é casto. A mesma coisa acontece em Deus, no qual se encontra aquela sabedoria que é sábia não por participação em outra sabedoria, mas pela participação nela é que é sábia a alma que é sabia. Por isso, a Semelhança de Deus, pela qual foram feitas todas as coisas, denomina-se com propriedade Semelhança, visto não ser semelhante por participação em alguma semelhança. Ela é a primeira semelhança, em cuja participação são semelhantes todas as coisas que Deus fez por meio dela.

58. A explicação talvez seja o fato de ter acrescentado e semelhança, depois de ter dito à imagem. Assim se mostraria que aquela que foi dita imagem não é de tal modo semelhante a Deus, como se participasse de alguma outra semelhança, mas que ela mesma é a semelhança, da qual participariam todas as coisas que são semelhantes. Assim é também a castidade, por cuja participação são castas as almas; é também a sabedoria, por cuja participação são sábias as almas; e também a beleza, por cuja participação são belas todas as coisas belas. Se dissesse apenas semelhança, não indicaria que de fato foi gerada por ele; mas se dissesse somente imagem, diria que na verdade foi gerada por ele, mas não mostraria que é tão semelhante que não era apenas semelhante, mas era a própria Semelhança. Assim como nada é mais casto que a própria castidade, e nada mais sábio que a própria sabedoria, e nada mais belo que a própria beleza, nada se pode dizer, pensar ou existir mais semelhante que a própria semelhança. O que nos leva a entender que sua semelhança é de tal modo semelhante ao Pai que realiza sua natureza em toda a plenitude e do modo mais perfeito.

59. É lícito examinar, ainda que exceda de muito os pensamentos humanos, o quanto a semelhança de

Deus tenha poder para imprimir a forma às coisas, se considerarmos que toda natureza, seja a que se percebe pelos que sentem, seja pelos que raciocinam, mantém entre si o selo da unidade no tocante às partes semelhantes. Com efeito, pela participação na sabedoria de Deus, as almas racionais são denominadas sábias, e esta denominação não se estende mais além, pois de nenhum animal e muito menos das árvores ou do fogo ou do ar ou da água ou da terra, podemos dizer que são sábios, embora todas estas coisas na medida em que são, existam pela sabedoria de Deus. Dizemos, porém, que tanto as pedras como os animais e os homens e os anjos são semelhantes entre si. Com efeito, em cada uma das coisas, o fato de terem suas partes semelhantes entre si, faz com que a terra seja terra, e a água seja semelhante em qualquer parte às demais partes, pois de outro modo não poderia ser água; e que a menor parcela do ar, se não fosse semelhante ao restante, de forma alguma poderia ser ar; e que uma partícula de fogo ou de luz, pelo fato de não ser dessemelhante às demais partes, faz com que seja o que é. Com respeito a cada uma das pedras ou árvores ou do corpo de qualquer vivo, pode-se entender e discernir que não somente não existiriam com outras coisas de sua espécie, nem em si mesmas consideradas individualmente, se não tivessem partes semelhantes entre si. E um corpo é tanto mais belo quanto mais constar de suas partes semelhantes. Finalmente, não somente a amizade das almas é motivada por costumes semelhantes de umas com outras, mas também em cada alma ações e virtudes semelhantes, sem as quais não pode haver estabilidade, são sinal de uma vida feliz. Não podemos dizer que todas essas coisas semelhantes sejam a própria semelhança. Por isso, se o universo se compõe de coisas semelhantes entre si, de modo que cada uma seja o que é e todas constituam a universalidade, que Deus criou e governa, certamente por sua semelhança supereminente, imutável e inmutável elas foram feitas tais, que são belas pelas partes semelhantes entre si. Mas, nem tudo foi feito à mesma semelhança, mas somente a substância racional, porque todas as coisas foram feitas por ela, mas à sua semelhança somente a alma.

60. Assim, a substância racional tanto foi feita pela semelhança como à semelhança, sem haver a interposição de qualquer natureza. Com efeito, a mente humana a nada se une a não ser à própria Verdade, que é semelhança e imagem do Pai e se denomina sabedoria; mas, isso a mente humana não percebe, se não for pura e feliz em extremo. Portanto, é segundo o que o homem tem de mais interior e principal, a saber, segundo a mente, que retamente se entende o Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Pois o homem total deve ser avaliado pelo que ele tem como principal, o que o diferencia dos animais. As demais coisas, que nele existem, embora sejam belas em seu gênero, são, no entanto, comuns com os animais e, por isso, merecedoras de pouca estima no homem. A não ser, talvez, que pelo fato de a figura do corpo ser ereta para contemplar o céu, possa levar a crer que também o corpo foi criado à semelhança de Deus, pois, assim como a semelhança não está em oposição ao Pai, assim também o corpo humano não está em oposição ao céu, como o estão os corpos dos outros animais, que se dobram inclinados para o ventre. Isso não se deve interpretar no sentido estrito, visto que nosso corpo difere imensamente do céu; mas naquela semelhança, que é o Filho, não pode haver nada dessemelhante àquele a quem é semelhante. Com efeito, todas as coisas que são semelhantes são também dessemelhantes entre si em alguma parte. A própria semelhança não é dessemelhante em nenhum sentido. No entanto, o Pai é Pai, o Filho não é senão o Filho, mas quando se diz semelhança do Pai, embora mostre que não existe qualquer dessemelhança, entre os dois, o Pai não está só, se tem uma semelhança.

61. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. É suficiente o que foi dito acima. De acordo com isso, essas palavras da Escritura nas quais lemos que Deus disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, explicam que se pode entender como semelhança de Deus, segundo a

qual foi feito o homem, o próprio Verbo de Deus, ou seja, o Filho Unigênito, não, porém, que o homem seja a mesma imagem e semelhança igual ao Pai. O homem é certamente imagem de Deus, como mostra o Apóstolo de modo muito claro, ao dizer: Quanto ao homem, não deve cobrir a cabeça, porque é imagem e a glória de Deus⁷³. Mas esta imagem feita à imagem de Deus não é igual e coeterna com aquele de quem é imagem, e nem seria, ainda que jamais houvesse pecado. O sentido que devemos dar a estas palavras divinas é aquele pelo qual entendemos que: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança não foi dito no singular, mas no plural; pois o homem não foi criado à imagem somente do Pai ou somente do Filho ou somente do Espírito Santo, mas da Trindade. Esta Trindade é de tal modo Trindade que é um só Deus; é de tal modo Deus que é Trindade. Pois, ao falar, não disse ao Filho: “Façamos o homem à tua imagem, ou à minha imagem”; mas o disse em plural: à nossa imagem e semelhança. Quem se atreveria a excluir o Espírito Santo desta pluralidade? A respeito desta pluralidade, como não são três deuses, mas um único Deus, deve-se ter em conta que a Escritura introduziu depois o singular, e disse: Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, para não se interpretar como sendo Deus Pai o que criou à imagem de Deus, ou seja, de seu Filho. De outro modo, como pode ser verdade o que foi dito: À nossa imagem, se o homem fosse feito à imagem apenas do Filho? E por ser verdade o que Deus disse: À nossa imagem, por isso foi dito: Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, como se dissesse: à sua imagem, que é a própria Trindade.

62. Alguns são de opinião que não se repetiu “semelhança”, nem foi dito: “E Deus fez o homem à imagem e semelhança de Deus,” porque naquele momento foi feito somente à imagem; e a semelhança ficou reser-vada para o homem na ressurreição dos mortos, como se fosse possível haver uma imagem, na qual não houvesse semelhança. Pois, se não é absolutamente semelhante, sem dúvida não é também imagem. Não obstante, para não parecer que estejamos apoiados apenas pela razão, podemos aduzir a autoridade do apóstolo Tiago que, ao falar da língua do homem, diz: Com ela bendizemos a Deus, e com ela maldizemos os homens feitos à semelhança de Deus⁷⁴.

¹ Gn 1,1.

² Jo 8,25.

³ Cf. 1Cor 11,3.

⁴ Sl 148,5.

⁵ Gn 1,14.

⁶ Gn 1,1.

⁷ Eclo 10,9.

⁸ Sb 11,18.

⁹ Gn 1,1.

¹⁰ Gn 1,2.

¹¹ Gn 1,2.

¹² Rm 11,36.

¹³ Gn 1,1.

¹⁴ Gn 1,2.

¹⁵ Gn 1,2.

¹⁶ Eclo 43,30.

¹⁷ Sl 24,1.

[18](#) Sl 11,27.

[19](#) Gn 1,1.

[20](#) Gn 1,3.

[21](#) Cf. Rm 8,6.

[22](#) Cf. Jo 1,1-3.

[23](#) Gn 1,4.

[24](#) Gn 1,4.

[25](#) Cf. 2Cor 6,14.

[26](#) Gn 1,4.

[27](#) Cf. Mt 25,33.

[28](#) Gn 1,4.

[29](#) Gn 1,5.

[30](#) Gn 1,5.

[31](#) Sb 12,18.

[32](#) Eclo 18,1.

[33](#) Gn 1,6-7.

[34](#) Gn 1,6.

[35](#) Gn 1,7.

[36](#) Gn 1,3.

[37](#) Gn 1,8.

[38](#) Gn 1,8.

[39](#) Eclo 18,1.

[40](#) Gn 1,8.

[41](#) Gn 1,9.

[42](#) Gn 1,10.

[43](#) Gn 1,11.

[44](#) Gn 1,13.

[45](#) Gn 1,14-15.

[46](#) Gn 1,14.

[47](#) Gn 1,14.

[48](#) Gn 1,14.

[49](#) Gn 1,15.

[50](#) Gn 1,16.

[51](#) Gn 1,17.

[52](#) Gn 1,18.

[53](#) Gn 1,19.

[54](#) Gn 1,20.

[55](#) Sl 35,6; 56,11.

[56](#) Gn 1,9.

[57](#) Am 5,8; 9,6.

[58](#) Gn 1,20.

[59](#) Gn 1,20.

[60](#) Gn 1,21.

[61](#) Gn 1,21.

[62](#) Gn 1,22.

[63](#) Gn 1,23.

[64](#) Sb 8,1.

[65](#) Gn 1,23.

[66](#) Gn 1,24.

[67](#) Gn 1,25.

[68](#) Gn 1,25.

[69](#) Gn 1,26.

[70](#) Gn 1,25.

[71](#) Jo 1,3.

[72](#) Gn 1,26.

[73](#) 1Cor 11,7.

[74](#) Tg 3,9.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial

Claudio Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital

Erivaldo Dantas

Títulos originais

De Genesi ad Litteram; De Genesi contra Manichaeos;

De Genesi ad Litteram Imperfectus

Introdução

Maria Paula Rodrigues

Tradução

Frei Agostinho Belmonte, OAR

Revisão técnica e preparação

J. Figueiredo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

Comentário ao Gênesis / Santo Agostinho;

[tradução Agostinho Belmonte]. — São Paulo :

Paulus, 2005. — (Coleção Patrística; 21)

eISBN 9788534938952

1. Bíblia. A.T. Gênesis - Comentários 2. Bíblia. A.T. Gênesis -

Comentários 2. Bíblia. A.T. Gênesis - Crítica e interpretação

I. Título. II. Série.

05-5267

CDD-222.1107

Índices para catálogo sistemático:

1. Gênesis : Comentários 222.1107

© PAULUS – 2014

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066

www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938952